

AUTORA #1 BEST-SELLER  
COM MAIS DE 7 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS

Lesley  
Pearse

Entre o  
Amor  
e a Paixão

Uma mulher dividida entre o compromisso  
do casamento e o calor de um  
relacionamento passado



# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# *Sumário*

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Agradecimientos](#)

[Sobre Lesley.](#)

[Sobre Entre o Amor e a Paixão](#)

[Notas](#)

Lesley  
Pearse

*Entre o Amor  
e a Paixão*

*Tradução  
Robson Falchetti Peixoto*



Copyright © 2012 Lesley Pearse  
Copyright © 2013 Editora Novo Conceito  
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital – 2013

Edição: Edgar Costa Silva  
Produção Editorial: Tamires Cianci, Lívia Fernandes  
Preparação: Camila Fernandes  
Revisão de Texto: Aline Salles, Patricia Zagni  
Diagramação: Crayon Editorial  
Diagramação ePub: Lucas Borges

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pearse, Lesley

Entre o amor e a paixão / Lesley Pearse ; tradução Robson Falchetti Peixoto. -- 1. ed. --  
Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2013.

Título original: The promise.

ISBN 978-85-8163-247-6

1. Ficção inglesa I. Título.

13-02951 | CDD-823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura inglesa 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 – Parque Industrial Lagoinha  
14095-260 – Ribeirão Preto – SP  
[www.editoranovoconceito.com.br](http://www.editoranovoconceito.com.br)

Se você baixou esse livro de outro site que não for o Exilado [livrosdoexilado.org], saiba que essas pessoas de quem baixou apenas copiam material de lá além de enganar seus visitantes pedindo doações para fazer/postar seus "ebooks".

O site do Exilado [livrosdoexilado.org] é um dos poucos sites em língua portuguesa que se preocupa em disponibilizar material de qualidade, fazer material próprio (criando ebooks) e apoiar autores iniciantes.

Cobre os donos do site e das comunidades que participa – o motivo dessa(s) pessoa(s) receberem dinheiro - se apenas “colam” o material do meu site. Lute para que esses sites façam seu próprio material e apoiem os autores iniciantes – enfim faça algo realmente produtivo.

**APOIE QUEM REALMENTE FAZ ALGO E NÃO QUEM APENAS QUER LEVAR VANTAGEM FINGINDO SER ALGO QUE NÃO É ! (POSERBOOK)**

A Maureen com amor,  
Porque você vale muito.

# Capítulo 1

JULHO DE 1914

**Protegendo-se da chuva** forte sob a arcada de uma porta, ele olhou para a pequena chapelaria de janelas salientes do outro lado da rua.

Só o nome “Belle”, escrito sobre a janela em fonte itálica e dourada, bastou para fazer seu coração acelerar um pouco mais. Ele conseguiu ver a silhueta de duas senhoras lá dentro, e a maneira como se moviam sugeria que estavam empolgadas com os belos chapéus expostos na loja. Ele alcançara o objetivo, que era descobrir se Belle tinha realizado seu sonho, mas, agora que estava ali, tão próximo dela, ele queria muito mais.

Uma matrona rechonchuda e de faces rosadas juntou-se a ele sob a arcada da porta, buscando abrigo da chuva. Ela lutava com um guarda-chuva que abria às avessas.

— Se não parar logo de chover, vamos todos comprar pés de pato! — comentou ela em tom jovial, enquanto tentava arrumar o guarda-chuva. — Não sei o que deu em mim para sair com esse tempo.

— Eu estava pensando na mesma coisa — respondeu ele, tomando-lhe o guarda-chuva para endireitar os arames. — Aqui está — acrescentou, devolvendo-o. — Mas acho que ele vai virar de novo na próxima rajada de vento.

Ela olhou curiosa para ele.

— Você é francês, não? Mas fala inglês muito bem.

Ele sorriu. Gostava do modo como as inglesas da idade dela não se furtavam a fazer perguntas absolutamente estranhas. As francesas eram muito mais reticentes.

— Sim, sou francês, mas aprendi inglês quando morei aqui por uns anos.

— Está de volta a passeio? — perguntou ela.

— Sim, visitando velhos amigos — respondeu ele, parcialmente verdadeiro. — Disseram-me que Blackheath era um lugar muito bonito, mas não escolhi um bom dia para a visita.

Ela riu e concordou que ninguém quereria andar na charneca<sup>[1]</sup> com aquela chuva.

— Você deve ser do sul da França — disse ela, escrutinando-lhe o rosto bronzeado. — Meu irmão passou as férias em Nice e voltou pardo como uma *conker*.<sup>[2]</sup>

Ele não fazia ideia do que era uma *conker*, mas estava contente por ela parecer disposta a conversar, na esperança de que pudesse dizer a ele algo sobre Belle.

— Moro próximo a Marselha. E aquela loja ali do outro lado me faz lembrar as chapelarias francesas — comentou ele, apontando para a loja.

Ela relanceou o estabelecimento e sorriu.

— Bom, dizem que ela aprendeu o ofício em Paris, e todas as senhoras da vila amam os chapéus dela — disse com calor genuíno na voz. — Hoje eu teria dado uma passadinha lá se o tempo não estivesse tão ruim. Ela sempre arruma tempo para todo mundo. É uma jovem encantadora.

— Então o negócio dela é bom?

— Sim, sem dúvida. Ouvi dizer que vêm senhoras de todo lugar para comprar dela. Mas agora tenho que ir para casa ou o jantar não sai hoje.

— Foi um prazer falar com a senhora — disse ele, ajudando-a a erguer novamente o guarda-chuva.

— Você devia ir lá e comprar um chapéu para sua esposa — sugeriu a mulher enquanto começava a se afastar. — Não vai encontrar loja melhor, nem mesmo lá para cima, na Rua Regent.

Depois que a mulher se foi, ele continuou olhando para a loja do outro lado da rua, esperando por um vislumbre de Belle. Não tinha esposa a quem comprar um chapéu bonito, nem mesmo precisava de desculpa para entrar na loja de uma velha amiga. Mas seria sábio revolver o passado?

Ele virou-se para olhar para o próprio reflexo na janela da loja a seu lado. Velhos amigos lá na França diziam que ele tinha mudado nos dois anos desde que vira Belle pela última vez, mas ele mesmo não conseguia ver diferença nenhuma. Continuava em forma, esbelto: o trabalho duro em sua pequena fazenda conservava-o assim, e seus ombros estavam ainda mais largos e musculosos. Mas talvez os amigos se referissem à sua antiga cicatriz, que lhe havia desbotado da face, e ao contentamento que lhe atenuara as feições angulosas, fazendo-o parecer menos perigoso.

Dez anos antes, quando tinha 20 e poucos anos, quando precisara ser capaz de inspirar medo às pessoas, orgulhara-se de ouvir que seus olhos azuis eram gélidos e que havia ameaça até mesmo em sua voz. No entanto, embora soubesse que ainda era capaz de ser violento quando necessário, ele se afastara daquele mundo.

Se o elogio que aquela mulher mais velha fez a Belle fosse representativo de como toda a gente dessa distinta vila se sentia em relação a ela, não era possível que as partes mais escandalosas do passado da moça a tivessem seguido até aqui. Isso era bom. Ele, mais do que ninguém, sabia como em geral era difícil esquecer os erros do passado, os descaminhos e os episódios vergonhosos.

Agora, uma vez cumprida sua missão, ele sabia que o mais sábio seria voltar à estação e pegar um trem para Londres.

O tilintar de um sino de porta alertou-o de que alguém estava saindo da loja de Belle. Eram as duas senhoras, que ele supôs serem mãe e

filha, pois uma parecia ter uns 40 e a outra, cerca de 18. A mais jovem apressava-se na direção de um carro que as aguardava, levando nas mãos duas caixas de chapéu listradas de rosa e preto, enquanto a mulher mais velha olhava para trás, como a se despedir de alguém na loja. De repente, então, ele pôde ver Belle à entrada, tão esguia e graciosa quanto se lembrava dela, usando um vestido verde-claro de gola alta e muito recatado, com os cabelos escuros e brilhantes presos no alto da cabeça, com apenas uns cachos escapando ao redor do rosto.

De súbito, ele não quis ser sábio; precisava falar com ela. Os rumores de guerra iniciados havia um ou dois anos haviam se tornado cada vez mais intensos no ano anterior e, desde o assassinato do arquiduque Franz Ferdinand da Áustria, lá pelos fins de junho, a guerra agora era inevitável. Sem dúvida, a Alemanha invadiria a França e, como ele teria que lutar por seu país, podia não mais viver para ver Belle novamente.

Assim que as mulheres partiram de carro, Belle fechou a porta da loja. Incapaz de resistir ao impulso, agora que ela estava sozinha, ele atravessou a rua em disparada, na chuva, pausando apenas por um ou dois segundos para observá-la através do vidro da porta. Ela estava de costas para ele enquanto ajustava alguns chapéus em pequenos cabideiros. Havia uma fileira de botõezinhos de pérola nas costas do vestido, e ele sentiu uma pontada de ciúmes por saber que nunca seria capaz de desabotoá-los para ela. Ela curvou-se para a frente a fim de apanhar do chão uma caixa de chapéu, e ele vislumbrou panturrilhas bem torneadas sobre belas botinhas de cano curto, rendadas. Vira-a nua quando a resgatara em Paris, e na época nada sentira por ela além de preocupação, embora agora a simples visão de uns poucos centímetros de perna lhe fosse provocante.

Ela virou-se quando o sino da porta tilintou e, ao vê-lo ali, as mãos dela passaram imediatamente à boca e os olhos se arregalaram, chocados e surpresos.

— Etienne Carrera! — exclamou ela. — Que diabos faz aqui?

Sua voz, o azul profundo de seus olhos e mesmo o modo como ela disse o nome dele fizeram-no sentir-se fraco de saudade.

— Que lisonja que ainda se lembre de mim — respondeu ele, retirando o chapéu com um gesto vistoso. — E você está ainda mais encantadora. O sucesso e a vida conjugal caíram bem em você.

Ele aproximou-se mais uns passos, com a intenção de beijar-lhe a face, mas ela corou e se afastou, aparentemente nervosa.

— Como sabia que eu estava casada e aqui em Blackheath? — perguntou.

— Passei no Ram's Head, em Seven Dials. O proprietário me disse que você tinha se casado com Jimmy e se mudado para Blackheath. Eu não podia deixar a Inglaterra sem vê-la, então peguei o trem até aqui na esperança de encontrar você.

— Depois de tudo que fez por mim, deveria ter escrito para você quando me casei — disse ela, mostrando-se ansiosa e perturbada por aquela súbita aparição. — Mas... — ela hesitou.

— Compreendo — continuou ele com leveza. — Velhos amigos que passaram por tanta coisa juntos não precisam se explicar. Eu sempre soube, pela forma como Jimmy nunca desistiu de tentar encontrá-la depois do seu sequestro, que ele devia amá-la profundamente. Então, fico realmente feliz que as coisas tenham dado certo para vocês dois. Ouvi dizer que ele e o tio têm um bar aqui.

Belle assentiu com a cabeça.

— É o Railway, basta descer a colina. Estou certa de que você se lembra quando lhe falei de Mog, a governanta de minha mãe. Pois bem, ela se casou com Garth, tio de Jimmy, faz dois anos em setembro, e Jimmy e eu nos casamos logo depois.

— E você tem sua chapelaria, finalmente! — Etienne olhou admirado para a decoração em creme e rosa-claro. — É encantadora, tão feminina e elegante quanto você. Uma mulher lá

na rua me disse que não há melhores chapéus que os seus, nem mesmo na Rua Regent.

Ela então sorriu e pareceu relaxar um pouco.

— Por que não tira essa capa de chuva molhada e eu faço um chá para nós dois? — Ela entrou em uma salinha no fundo da loja e, de lá, perguntou: — Ainda está em sua fazenda?

Etienne pendurou o casaco em um gancho junto à porta e, passando as mãos pelos cabelos loiros e úmidos, assentou-os para trás.

— Estou, de fato, mas também faço algumas traduções, por isso vim à Inglaterra reunir-me com uma empresa para a qual trabalhei no passado — respondeu ele.

— Então sua vida agora é mais do que galinhas e limoeiros? — disse ela, já de volta à loja. — Por favor, diga-me que você *continua* honesto e direito?

Etienne colocou a mão no coração.

— Juro a você que sou um pilar da sociedade educada — disse ele, com a voz grave, mas os olhos azuis brilhando. — Não tenho mais escoltado garotas para a América nem salvado nenhuma delas das garras de loucos.

Ele nunca se perdoara por não ter oposto resistência quando os bandidos para quem trabalhava naqueles tempos o forçaram, por meio de chantagem, a entregar Belle a um bordel em Nova Orleans. Ele devia ter se redimido, pelo menos em parte, ao resgatá-la em Paris dois anos mais tarde, mas, a seus próprios olhos, isso não apagava o passado.

— Realmente não creio que você possa jamais ser um pilar da sociedade — comentou Belle com uma risadinha.

— Dúvida de minha palavra? — perguntou ele, fingindo ressentimento. — Que vergonha, Belle, ter tão pouca fé! Alguma vez já menti para você?

— Você me disse uma vez que me mataria se eu tentasse escapar — retrucou ela. — E depois admitiu que isso não era verdade.

— Aí está o problema com as mulheres. — Sorriu ele. — Sempre se lembram das coisinhas sem importância. — Ele estendeu a mão e tocou em um chapéu rosa com plumas em um cabideiro, maravilhado com o fato de a determinação e o talento de Belle terem alcançado êxito. — Agora é sua vez de dizer a verdade. Seu casamento é tudo o que esperava?

— E muito mais — respondeu ela, um pouco depressa demais. — Estamos muito felizes. Jimmy é simplesmente o melhor dos maridos.

— Então, estou feliz por você — disse ele, fazendo uma leve mesura.

Belle riu novamente.

— E você? Há uma mulher em sua vida? — perguntou ela.

— Ninguém especial o suficiente para me fazer sossegar — respondeu ele.

Ela arqueou as sobrancelhas, interrogativa. Ele sorriu.

— Não me olhe assim. Nem todo mundo quer casamento e estabilidade. Especialmente agora, com a guerra se aproximando.

— Certamente há de ser evitada, não? — perguntou ela em tom esperançoso.

— Não, Belle. Não há chance disso. É apenas uma questão de semanas.

— É só disso que os homens falam atualmente — suspirou ela. — Fico tão cansada. Mas ouça, por que você não me acompanha até em casa e conhece Jimmy, Garth e Mog? Eles vão ficar tão animados por conhecê-lo depois de todo esse tempo!

— Não acho que seria apropriado — respondeu Etienne.

Belle franziu os lábios.

— Ora, por que não? Você salvou minha vida em Paris, e eles vão ficar muito intrigados e decepcionados por você ter passado aqui e não ter ido lá os conhecer.

Pensativo, ele olhou para ela por um momento.

— Quando se mudou para cá, você também deixou o passado para trás.

Belle abriu a boca para protestar, mas fechou-a em seguida, percebendo que ele tinha toda razão. Desde o dia em que se casara com Jimmy, ela fechara a sete chaves a porta que dava para seus tempos na América e em Paris. Etienne podia até tê-la aberto novamente ao vir a seu encontro, e ela estava feliz que ele o tivesse feito, mas Jimmy poderia não ver dessa forma.

— E Noah? — perguntou ela. — Você vai vê-lo? Vocês se tornaram tão amigos quando estavam à minha procura, e tenho certeza de que você se lembra de Lisette, que cuidou de mim no convento antes de você me levar para a América. Noah se apaixonou por ela e os dois estão casados agora, com um bebê a caminho. Eles têm uma casa adorável no Bosque de St. John.

— Tenho mantido contato com Noah — disse Etienne. — Talvez não como deveria; por outro lado, ele é jornalista, e escrever é bem mais fácil para ele do que para mim. Mas agora ele é um colunista tão renomado que já posso até ler seu trabalho na França. A verdade é que vou almoçar com ele amanhã, perto de seu escritório. Vamos ser sempre amigos, mas não vou passar na casa dele. Nós dois achamos que Lisette não precisa que a façam lembrar o passado, especialmente agora, com um bebê chegando.

Belle esboçou um sorriso triste, compreendendo exatamente o que ele queria dizer. Lisette também fora forçada a prostituir-se quando garota, razão pela qual fora tão amável com Belle.

— A respeitabilidade tem um preço alto. Gosto muito de Noah e Lisette, mas, embora mantenhamos contato e visitemos de vez em quando uma à outra, sempre tomamos o cuidado de evitar falar

sobre como e por que nos conhecemos. Sei que é a coisa certa a fazer, agora que Lisette e eu estamos casadas, mas isso nos impede de sermos amigas realmente íntimas.

— O passado afeta seu relacionamento com Jimmy? — perguntou Etienne, com o olhar penetrante, desafiando-a a mentir para ele.

— Às vezes — admitiu ela. — É como ter no dedo uma farpa que, embora não dê para tirar, você não consegue deixar de cutucar.

Etienne fez que sim com a cabeça. Achou a descrição muito apropriada.

— Comigo também é assim. Mas, com o tempo, a farpa sai e o buraco que ela deixou se preenche com novas recordações.

Belle riu subitamente.

— Por que estamos sendo tão obscuros? Para todos nós, você, eu, Jimmy, Mog e Lisette também, apesar de todos os problemas que tivemos, coisas boas vieram também. Então, por que os seres humanos são tão irracionais a ponto de, por livre escolha, insistirem em pensar nos maus tempos?

— É nos maus tempos que insistimos em pensar ou nos bons momentos que nos alegraram durante os maus tempos? — perguntou ele inquisitivo, erguendo uma sobrancelha.

Belle corou, e ele soube que ela se lembrava muito bem dos momentos que haviam compartilhado.

Apesar de ter sido levada para a América contra a vontade, Belle tomara conta dele quando, na viagem, ele ficara mareado pelo balanço do navio. Muito antes de chegarem a Nova Orleans, haviam se tornado muito próximos e, na noite em que Belle completara 16 anos, ela se oferecera para ele. Ele não sabia como tinha se contido naquela noite. Ele a desejava, apesar da esposa e dos dois filhos em casa. A recordação daquele corpo jovem e firme em seus braços e a doçura de seus beijos tinham-no inflamado tantas vezes ao longo dos anos. No entanto, estava muito satisfeito por não ter sucumbido

aos encantos dela naquela noite: sem isso, já carregava culpa o bastante em relação a ela.

— Sempre que leio algo sobre Nova York, penso em você mostrando-me todos os pontos turísticos — comentou ela. — Preciso tomar cuidado para nunca mencionar que já estive lá, ou teria que explicar quando e com quem estive. Nunca lhe perguntei se você também se divertiu naqueles dois dias. Você se divertiu?

— Foi a maior diversão que eu tive em muito tempo — admitiu. — Você estava tão impressionada, tão ansiosa para ver tudo. Eu me senti tão mal quando tivemos que continuar a viagem para Nova Orleans, sabendo que precisaria deixar você lá.

— Não foi tão ruim na casa de Martha — disse ela, colocando-lhe uma mão no braço, como a tranquilizá-lo. — Nunca culpei você. Sempre entendi que precisava fazer aquilo. E, de qualquer forma, dois anos depois, em Paris, quando irrompeu por aquela porta para me salvar de Pascal, você mais que compensou as coisas.

Ela estremeceu involuntariamente, como sempre fazia ao recordar o horror que Pascal a fizera passar. Aquele louco a aprisionara no topo da casa dele e, se Etienne não tivesse conseguido encontrá-la, ela não tinha dúvidas de que Pascal a teria matado.

E Etienne não a tinha apenas resgatado, ele a havia curado, sentando-se ao lado de sua cama no hospital, deixando-a chorar, falando com ela e dando-lhe esperança para o futuro. Ela também se lembrava do dia em que Noah lhe contara que a esposa de Etienne e os dois filhos haviam morrido em um incêndio em casa. Para sua vergonha, a primeira reação que ela tivera fora pensar que Etienne agora estava livre, em vez de se horrorizar que os entes queridos dele tivessem morrido de um modo tão trágico.

Etienne reparou no arrepio que ela sentiu e, consciente de que sua inesperada visita e o passado em comum a estavam inquietando, sentiu que devia trazer os dois de volta ao presente.

— Vou me alistar no exército quando voltar para a França — comentou.

— Ah, não, nem pensar — replicou ela ofegante.

Etienne riu.

— Essa é sempre a reação feminina, mas é meu dever, Belle. E mais uma vez o passado ajustará as contas comigo por eu ter escapado do serviço militar obrigatório, quando era mais jovem, ao vir para a Inglaterra.

— Vão puni-lo por isso? — perguntou ela.

Ele sorriu.

— Espero que se contentem apenas em botar uma arma em minhas mãos — respondeu. — Não vou acolher com prazer todo o treino militar e as ordens que vou ter que receber, e não sou ingênuo a ponto de pensar que esse é o caminho para a glória, mas amo a França e raios me partam se eu ficar à margem e deixá-la cair nas mãos dos alemães.

Ela olhou curiosa para ele.

— Você é esperto e corajoso, Etienne, vai ser um bom soldado. Mas preferia muito mais que estivesse seguro em sua fazenda, cultivando limões e dando de comer às galinhas.

Ele deu de ombros.

— Nesta vida, nem sempre é possível escolher a estrada mais segura e agradável. Tenho um passado marcado pela violência, conheço as piores coisas que um homem é capaz de fazer a outro. Pensei que nunca mais precisaria colocar isso em prática novamente, mas parece que, por ora, é exatamente o que meu país precisa que eu faça.

— Você é um homem bom e honrado — suspirou ela. — Por favor, fique a salvo. Mas, se tem certeza de que realmente não quer vir comigo e conhecer Jimmy, é melhor eu fechar a loja e ir para casa. Sempre gostamos de jantar juntos antes de ele abrir o bar.

— Sim, claro, não devo atrasá-la — disse ele, mas sem mover-se para apanhar o chapéu e o casaco.

Ele queria dizer que sempre a amara, queria tomá-la em seus braços e beijá-la, mas sabia que era tarde demais. Tivera sua chance em Paris e não a aproveitara. Agora, ela pertencia a outro homem.

— É melhor você sair primeiro. Não quero que fiquem murmurando que fui vista descendo a rua com um estranho — ela disse sem meias palavras.

Nisso, Etienne colocou o casaco.

— Descobri o que estava querendo saber — disse ele calmamente. — Que você está feliz e protegida. Seja feliz, ame Jimmy com todo o coração e, um dia, ainda espero ouvir de Noah que você tem uma ninhada inteira de filhos.

Ele tomou-lhe a mão e beijou-a; depois, virou-se ligeiro e saiu.

— *Au revoir* — murmurou Belle enquanto a porta se fechava atrás dele. Lágrimas formigavam em seus olhos, pois havia muito mais que ela teria gostado de dizer a ele. Tantas coisas mais que queria saber sobre a vida dele.

Aos 16, ela pensara que o amava. Ainda a fazia corar lembrar-se de como ela se despira das roupas, entrara no beliche dele e o convidara a dividir a cama com ela. Ele fora tão cavalheiro; abraçara-a e beijara-a, mas não fora além disso.

Agora adulta, olhando para os horrores que vivera antes de conhecer Etienne, sendo apanhada na rua perto de sua casa, depois levada para Paris para ser vendida a um bordel e violada por cinco homens, ela imaginava que, depois de tal suplício, teria amado qualquer um que fosse gentil com ela.

Não podia, porém, ter sido apenas porque Etienne fora gentil com ela, ou porque ele era forte, sensível e afetuoso, pois essas fantasias pueris sobre ele haviam-na acompanhado ao longo de todo

o tempo em que permanecera em Nova Orleans e ainda durante a viagem de volta para a França.

Quando ele reaparecera para salvar sua vida, sua inocência havia muito se fora e ela sabia mais sobre os homens do que qualquer mulher deveria. Mas ele também devia ter sentido algo por ela. Por que mais teria ido correndo a Paris dois anos depois, ao saber do desaparecimento dela?

Durante toda a convalescença após o resgate, ela tivera esperanças de uma confissão de amor. Sentira que ele a amava pela maneira como olhava para ela e pela ternura que demonstrava. No entanto, ele não a tomara nos braços nem admitira que a queria, nem mesmo quando se separaram na estação de Gare du Nord e ela, aos prantos, deixara bem claros os próprios sentimentos.

Ela dera o melhor de si para apagar aquela despedida de sua mente e as saudades que sentira dele durante tanto tempo depois, mesmo quando já estava a salvo em casa, com Mog, e Jimmy falava de casamento. Então, por que ele tinha que aparecer aqui, hoje, e reintroduzir essa farpa tão específica em seu coração?

Ela tinha-lhe dito a verdade. Ela e Jimmy eram muito felizes. Ele era seu melhor amigo, amante, irmão e marido, todos em um só. Tinham os mesmos objetivos, riam das mesmas coisas e ele era tudo o que qualquer garota poderia querer ou precisar. Ele remediara os horrores do passado; em seus braços, ela encontrara ternura intensa e, também, profunda satisfação, pois ele era um amante atencioso e sensível.

Jimmy era seu mundo; ela amava a vida que tinha com ele. Mesmo assim, porém, desejava que pudesse ter dito a Etienne quão maravilhoso fora vê-lo novamente; que ele estivera tantas vezes em seus pensamentos nos últimos dois anos e que ela lhe devia muito.

Mas uma mulher casada não podia dizer tais coisas nem o encorajar a permanecer em sua loja por mais tempo. Blackheath era uma vila, as pessoas eram mesquinhas e intrometidas e um punhado

delas ficaria feliz em focar sobre o homem bonito que viram conversando com ela na loja.

Ela começou a arrumar tudo, tirar o pó do balcão e apanhar do chão um pouco de papel de seda que se desgarrara.

Todavia, não conseguia deixar de perguntar a si mesma por que, se estava tudo assim tão bom, ela sentia que algo ainda faltava em sua vida. Por que, quando lia sobre as sufragistas no jornal, sentia inveja por elas terem tido a coragem de lutar pelos direitos das mulheres em face da hostilidade? Por que se sentia um tanto sufocada pela respeitabilidade? Mas, acima de tudo, por que a voz de Etienne, seus olhares e o toque de seus lábios na mão dela ainda tinham o poder de fazê-la estremecer?

Ela se sacudiu para fugir de tais ideias, abriu a gaveta onde mantinha os lucros do dia e depositou-os num saco de pano, que empurrou para dentro de sua bolsa de mão. Prendeu o chapéu de palha ao cabelo com um longo alfinete, atirou o manto sobre os ombros e pegou o guarda-chuva do cabideiro junto à porta.

Fez uma pausa antes de apagar as luzes e recordou-se do dia em que abrira a loja. Tinha sido um frio dia de novembro, apenas dois meses depois do casamento de Mog e Garth, e ela e Jimmy deveriam casar pouco antes do Natal. Tudo fora novo e reluzente aquele dia. Jimmy cedera ao desejo dela ao comprar os pequenos, mas caros, candelabros franceses e o balcão com tampo de vidro. Mog encontrara as duas cadeiras de encosto com botões, do período regencial, e mandara estofá-las novamente com veludo rosa, enquanto o presente de Garth para ela fora pagar os dois decoradores que tinham feito um excelente trabalho ao transformar a lojinha sombria em um paraíso feminino cor-de-rosa e creme.

Ela vendera 22 chapéus naquele primeiro dia, e dezenas de outras mulheres que entraram para olhar voltaram posteriormente para comprar. Nos 18 meses desde então, houvera, no total, menos de sete dias em que ela não vendera nem um chapéu, e em todos fizera mau tempo. As vendas médias por semana eram de 15

chapéus e, apesar de isso significar que ela precisava trabalhar muito duro para acompanhar a demanda e que era necessário contratar alguém para ajudá-la, estava obtendo um lucro muito bom. Durante o verão, ela adquirira um estoque de chapéus de palha simples e enfeitara-os por conta própria, e isso se revelara muito lucrativo. Sua loja era um sucesso retumbante.

“Como tudo em sua vida”, lembrou a si mesma ao apagar as luzes.

Etienne seguiu direto para a estação, mas, por achar que acabara de perder um trem e que teria 25 minutos de espera pelo seguinte, postou-se perto do vidro junto ao guichê e olhou para o pub Railway do outro lado da rua.

Ele nunca entendera bem os bares ingleses, as horas rígidas para abrir e os homens de pé bebendo quantidades enormes de cerveja até o bar fechar, depois cambaleando para casa como se só pudessem encarar esposas e filhos quando bêbados. Os bares franceses eram muito mais civilizados. Nunca foram vistos como uma espécie de templo da embriaguez, pois ficavam abertos durante todo o dia e um homem não era considerado esquisito se tomasse café ou um refrigerante enquanto lia o jornal.

O Railway, ao menos, parecia convidativo, com sua tinta fresca e janelas reluzentes. Dava para imaginar que, em uma noite fria de inverno, ele era um refúgio acolhedor para os homens se reunirem.

Enquanto olhava para o bar, um homem grande com cabelo ruivo e barba saiu pela porta da frente. Usava um avental de couro sobre as roupas, e Etienne supôs que se tratasse de Garth Franklin, tio de Jimmy. Parando para erguer o olhar para a água que jorrava de uma calha quebrada e escorria pela fachada do edifício, ele chamou alguém lá de dentro.

Um homem mais jovem se juntou a ele, e Etienne soube imediatamente que se tratava de Jimmy. Ele era maior do que Etienne havia imaginado, tão alto quanto o tio e com os mesmos ombros largos, mas tinha o rosto barbeado e o cabelo ruivo bem

cuidado e um pouco mais escuro que o de Garth, talvez por estar untado com óleo. A dupla, que se assemelhava a pai e filho, ficou ali olhando para cima, discutindo sobre a calha quebrada, aparentemente alheia à chuva.

Jimmy virou-se de repente, com o rosto desmanchando-se em um sorriso alegre, e Etienne viu que era porque ele tinha visto Belle vindo ao encontro deles.

Ela se esforçava para manter o guarda-chuva sobre si e segurar o manto ao redor dos ombros, mas correu os últimos poucos metros na direção dos homens. Ao alcançá-los, o guarda-chuva estava vergado para trás, e Etienne notou que o sorriso dela era tão luminoso quanto o do marido.

Jimmy tomou-lhe o guarda-chuva com uma mão, enquanto com a outra lhe acariciava o rosto molhado, e beijou-lhe a testa. Tão somente aqueles pequenos gestos cheios de ternura expressavam a Etienne quanto aquele homem a amava.

Teve que dar as costas à cena. Sabia que devia sentir-se em paz com a certeza de que Belle era amada e protegida de verdade; em vez disso, porém, sentiu apenas as pontadas amargas do ciúme.

## Capítulo 2

**Franzindo o cenho,** Belle ergueu o olhar do croqui, irritada com o barulho que vinha do bar lá embaixo. Ela já esperava essa barulheira nas noites de sábado, especialmente próximo do horário de fechamento, mas não às 20 horas de uma terça-feira.

As habilidades domésticas de Mog tinham mostrado a que vieram desde que eles todos se mudaram para Blackheath. A sala de estar era espaçosa, com duas janelas de guilhotina dando para a rua. Durante a tarde e o começo da noite, a luz do sol banhava o ambiente, e a decoração escolhida por Mog, com papel de parede verde-claro com motivos de folhas pequenas, cortinas de veludo verde-musgo e um suntuoso tapete turco que ela comprara em um leilão, era muito atraente, ainda que informal.

Os antigos proprietários do pub tinham deixado para trás o enorme sofá, provavelmente porque já não estava nas melhores condições, mas Belle e Mog lhe fizeram uma capa de chita, folgada, e outras combinando para as duas poltronas que haviam trazido de Seven Dials. Garth sempre caçoava de Mog por causa de sua aspiração à "aristocracia" e dizia que, em breve, ela estaria insistindo em arranjar uma empregada. Mas ele e Belle sabiam que ela nunca confiaria a limpeza de sua casa a outra pessoa; ela a amava demais para permitir que um intruso qualquer se metesse lá dentro a bisbilhotar.

Normalmente, a sala de estar era um refúgio sereno contra o alvoroço de um pub movimentado. Belle adorava as noites sentada à mesa junto à janela, trabalhando em seus modelos de chapéus; entretanto, percebendo que com todo o barulho daquela noite ela não conseguiria se concentrar, e vencida pela curiosidade, decidiu que iria lá embaixo para ver o que estava acontecendo.

Como Garth não aprovava a presença de mulheres atrás do balcão durante a noite, ela poderia apenas espiar à porta. No

entanto, mesmo com visão limitada, pôde ver que o bar estava lotado de jovens, todos clamando para serem servidos. O mais surpreendente, porém, era que eles tinham as mais variadas profissões. Alguns eram tipos da cidade, cavalheiros com chapéu-coco, terno escuro e camisa branca engomada, outros eram operários de boina e macacão encardido; entretanto, quase todas as outras ocupações e estilos de traje entre esses dois extremos eram visíveis ali também. Jimmy e Garth se esforçavam para dar conta do fornecimento de cerveja.

— Que diabos está havendo? — ela perguntou a Mog, que lavava copos na cozinha. — Deve haver pelo menos 80 homens lá. O que fez com que viessem em peso esta noite?

— Foram todos se alistar no exército — respondeu Mog, balançando a cabeça como se perplexa com tal loucura.

Em 4 de agosto, duas semanas antes, a Alemanha invadira a Bélgica e, por consequência, a Inglaterra declarara guerra à Alemanha. Desde então, ninguém mais falava de outra coisa. Os jornais só traziam esse assunto, homens se postavam nas esquinas discutindo o provável resultado da guerra e até as mulheres que entravam na loja de Belle conversavam sobre isso, algumas com medo de que seus maridos ou noivos se alistassem, outras alegando que era dever de todos os homens fisicamente aptos partir e lutar por seu país.

Belle sabia, como todo mundo, que o exército britânico era pequeno, mas muitas vezes também fora dito que seus soldados eram mais bem treinados do que os de qualquer outro exército europeu. Ela não esperara que homens comuns como aqueles comessem a clamar pelo alistamento.

— Como é que é? Todos eles? — exclamou Belle enquanto espiava novamente o bar. — Nem homens são ainda, são, na maioria, garotos!

Agora que sabia o que provocara toda aquela excitação, as faces coradas e os olhos brilhantes dos rapazes fizeram-na gelar.

Reconhecera alguns como filhos, irmãos ou maridos de mulheres que ela conhecia e indagou-se que reação elas teriam ante o alistamento de seus homens.

— Parece que havia um soldado tocando corneta do lado de fora do salão paroquial — comentou Mog, como se esse fosse o pretexto para eles serem tão impulsivos. — Garth passou por lá esta tarde e os viu lotando o salão para se inscreverem. Ele voltou com uma luz parecida nos olhos, mas felizmente estão recusando qualquer um com mais de 40 anos.

Belle sentiu uma pontada de medo percorrendo-lhe o corpo.

— Jimmy não pensaria em se alistar também, pensaria?

— Não se ele tiver algum juízo — comentou Mog, fazendo uma careta como se a ideia a apavorasse. — Mas homens são criaturas engraçadas: quem sabe o que se passa dentro da cabeça deles? A maioria só quer um pouco de aventura, então esperemos que seja verdade que tudo estará acabado já no Natal.

Garth abriu a porta do bar e gritou a Mog que corresse com os copos. Pediu-lhe também que fosse lá e servisse os fregueses. Enquanto subia novamente as escadas, Belle pensou que Garth devia estar mesmo sob muita pressão para perder o preconceito contra mulheres atrás do balcão. Mal retornou à sala de estar, porém, deu consigo mesma preocupada com Jimmy.

Até hoje, a visão dele fora de que a vida militar era para profissionais, não para um bando de amadores de cabeça quente. Todavia, o que quer que ele dissesse, Belle suspeitava que a pressão de outros homens e uma onda de patriotismo podiam muito bem fazê-lo mudar de ideia. Era provável que Mog estivesse certa ao dizer que a maioria dos recrutas só queria uma aventura, mas alguns seriam mortos ou feridos, e Jimmy poderia muito bem estar entre eles.

Só a possibilidade de perder Jimmy fez com que seus olhos se enchessem de lágrimas. Ela não conseguia, e não queria, pensar em uma vida sem ele. Enxugou uma lágrima que escapou, sem

entender por que se tornara tão emotiva em relação a tudo nas últimas semanas. No dia anterior mesmo, ela desatara a chorar ao abrir uma caixa de enfeites de seu fornecedor e constatar que ele enviara quatro rolos de fita vermelha, em vez de um vermelho, um rosa, um azul e um amarelo.

Mas desde o dia em que Etienne aparecera na loja, em junho, ela já não era a mesma. O tempo ficara muito quente logo após sua visita, levando a uma súbita procura por chapéus de palha. Ela tinha alguns para venda, já enfeitados, então não havia real necessidade para pânico, mas ela entrou em pânico, correndo a seu fornecedor em Lewisham e comprando quase todo o estoque dele. No entanto, em vez de arregaçar as mangas e adornar os chapéus que comprara, deu consigo mesma olhando preguiçosamente pela janela da loja. Ela cochilara várias vezes durante o dia, então, à noite, não conseguira dormir. Podia estar faminta o dia todo, mas, quando Mog servia o jantar à noite, não raro perdia o apetite. Sua capacidade de concentração parecia tê-la deixado também; ela parecia não conseguir dedicar-se a nada por mais de meia hora.

A princípio, pensou que fosse só porque Etienne despertara recordações antigas; ela seguramente era culpada pelos frequentes devaneios. Mas agora se perguntava se era apenas a guerra, já que era difícil olhar adiante quando não se podia prever o que o futuro reservava. No entanto, a guerra iminente e a incerteza realmente seriam responsáveis por deixá-la excessivamente emotiva, confusa e fatigada? Ela não confiara sua angústia a Mog nem Jimmy, pois não havia nada tangível para descrever; ademais, temia contar qualquer coisa a um dos dois e deixar escapar algo sobre a visita de Etienne.

Sentia-se mal por isso. O que poderia ser mais natural do que compartilhar o prazer de rever um velho amigo? Mas, evidentemente, a verdade era que ela estava com medo de dizer algo que fizesse Jimmy perceber que os sentimentos dela por Etienne haviam sido mais do que simples amizade.

Era claro como a água que ela não poderia ter um marido melhor do que Jimmy. Tinha para si que, uma vez prostituta, era quase impossível que não lhe jogassem o passado na cara em um momento de raiva ou ciúme.

Mas Jimmy nunca fizera isso. Ele era bondoso, constante, sensível às suas necessidades, e faria absolutamente tudo por ela. Todavia, algo ainda mais raro, que ela sinceramente valorizava, era que tinha no casamento um tipo de liberdade quase sem precedente. Ele nunca interferia nos assuntos de sua loja e estava orgulhoso por ela estar se saindo tão bem; caso falisse, ela sabia que poderia contar com seu apoio. E ele a venerava.

O bom senso dizia a ela que, ainda que Etienne lhe tivesse dito que a amava quando estavam em Paris e ela o tivesse desposado em vez de Jimmy, nunca teria sido o tipo de relacionamento tranquilo que ela tinha agora. Noah estivera certo ao frisar, durante a viagem de volta para a Inglaterra, que Etienne era perigoso. Ele não pretendia dizer que Etienne pudesse algum dia machucá-la fisicamente, e sim que ele era um homem profundo e complicado, com um passado complexo e obscuro.

Mas agora ele tinha ido embora para sempre. A essa altura, podia até mesmo estar lutando contra os alemães. Ela só esperava que ele se mantivesse a salvo.

— Um centavo por seus pensamentos!

Belle girou na cadeira ao ouvir a exclamação de Mog. Estivera tão entranhada em suas ideias de culpa que não a ouvira entrar no quarto.

O casamento fizera maravilhas por Mog. Durante toda a infância de Belle em Seven Dials, ela fora um amiga compreensiva e amorosa. Afundara-se no trabalho, cozinhando, limpando e remendando, sempre de roupas escuras e disformes, com o cabelo escovado com força para trás do rosto. Parecia muito mais velha que Annie, a verdadeira mãe de Belle, ainda que fossem da mesma idade.

Agora, porém, andava com roupas da moda que lhe caíam bem e exibiam seu corpo pequeno, mas de belas formas. Atualmente ela até podia ter algumas mechas grisalhas entre o castanho dos cabelos, mas usava-os em coque, com alguns cachos soltos à volta de um rosto que brilhava de frescor e felicidade. Podia ter lá seus 38 anos, mas hoje, em um vestido com listras rosa e pretas com plissados no espartilho, ela parecia 10 anos mais jovem.

A própria Mog fizera o vestido, mas era uma costureira tão habilidosa que o traje poderia muito bem ter vindo da caríssima loja de vestidos mais ao norte, em Tranquil Vale. A todos que perguntassem, ela dizia que fora governanta antes de se casar com Garth, e, pelas maneiras dela, presumiam que havia trabalhado para a aristocracia.

Ninguém nunca imaginaria que ela passara toda a vida adulta como empregada de um bordel e que trazia na cabeça mais conhecimento sobre essa profissão do que a população feminina de Blackheath inteirinha.

— Você estava com a mente muito longe daqui — disse ela a Belle, sorrindo afetuosamente. — Quer falar sobre isso?

Mog fora como uma mãe para Belle durante toda a sua vida e era a única a que Belle podia, em geral, confiar qualquer coisa. Mas não podia falar sobre Etienne, pois Mog ficaria horrorizada sabendo que qualquer outro homem que não Jimmy já lhe atravessara a mente.

— Meus pensamentos não valem nada — suspirou Belle. — É apenas a guerra, a loucura toda lá no bar. É perturbador.

Mog baixou o olhar para o chapéu que Belle desenhava, franzindo o cenho ao ver que ele era quase fúnebre, sem a leveza do estilo habitual de Belle. — Você tem andado um pouquinho pálida há algumas semanas — comentou ela. — Não poderia ter pegado barriga, poderia?

Em choque, Belle ficou boquiaberta, parcialmente por Mog usar o tipo de gíria que ela usara lá em Seven Dials, mas ainda mais porque nunca lhe ocorrera considerar que ela poderia estar grávida.

— Não, claro que não — respondeu. — Bom, acho que não. Não posso estar! Posso?

Mog riu.

— Bom, se não a conhecesse tão bem, pensaria que você não sabe como são feitos os bebês — brincou ela.

Belle ruborizou e sorriu nervosamente. Desde que Mog se casara com Garth, ela nunca mencionara nada sobre o tempo de Belle como prostituta, e, mesmo quando falava sobre a época em que fora empregada e ama-seca de Belle no bordel de sua mãe, ela de alguma forma evitava qualquer referência ao que se passava nos outros cantos da casa. Portanto, a referência indireta a isso agora era surpreendente.

— Eu não tinha considerado essa possibilidade — respondeu Belle.

— Bom, então considere agora — Mog disse com sarcasmo. — Reparei que, na noite passada, você ficou enjoada enquanto eu preparava aquela língua de boi. Saiu correndo da cozinha!

— Foi só porque tinha um cheiro estranho.

— Talvez sim, mas isso nunca a incomodou antes. Quando foi sua última menstruação?

Belle tentou pensar. Conseguiu lembrar-se de uma lá pelos idos de maio, quando sentira uma breve onda de calor, mas era tudo. Contou isso a Mog.

— Não quer dizer que não tenha havido outra, só não consigo me lembrar — acrescentou ela.

— Se essa foi a última, passaram-se três meses desde então — disse Mog, olhando Belle de maneira especulativa. — Teve qualquer outro sintoma?

— Bom, me senti um pouco esquisita — admitiu Belle. — Mas não enjoada nem nada assim.

— Não fique tão preocupada — disse Mog com leveza. — Se estiver esperando um bebê, é um presente do céu, algo com que se alegrar. Continuo com esperanças de que eu ainda possa ter essa sorte, mas talvez esteja velha demais.

Subitamente, Belle compreendeu tudo. Nunca lhe ocorrera que Mog pudesse querer um bebê. No entanto, pelo olhar melancólico nos olhos dela, era exatamente o que esperara ao se casar com Garth.

— Você não está velha demais — disse Belle prontamente. — As mulheres engravidam até os 40 e poucos anos. Mas não estou certa de que este seja o momento certo para qualquer uma de nós, não com a guerra logo aí.

— Bom, sei que não estou esperando um — suspirou Mog. — Mas talvez você esteja e, havendo guerra ou não, todos vamos amar mais um na família. Pense só como Jimmy vai ficar animado!

— Não diga nada — advertiu-a Belle. — Não acredito que eu esteja grávida.

Mog apenas olhou para Belle com a mesma expressão convencida que ela sempre fazia quando achava ter razão.

— Nem em sonho eu contaria a Jimmy qualquer coisa que tenhamos discutido em particular, mas agora é melhor eu voltar lá para baixo e lavar mais alguns copos.

Depois que Mog saiu, Belle colocou a mão no ventre. Estava tão plano como sempre fora, mas foi bastante agradável imaginar que poderia haver um bebezinho crescendo dentro de si. Lá em Nova Orleans, e em Paris também, fora algo a temer, e ela fizera uso de todas as medidas preventivas que conhecia para garantir que isso nunca acontecesse.

Também estava familiarizada com a maioria dos primeiros sintomas de gravidez, visto que as outras meninas em Nova Orleans falavam sempre sobre eles. Aversões repentinas a certos cheiros

eram comuns, assim como seios sensíveis e enjoos matutinos. Mas seus seios não estavam sensíveis, nem ela havia sentido enjoo.

Ter um bebê, uma vez casada e feliz, era a ordem natural das coisas. Mas por alguma razão Belle não esperava que isso acontecesse com ela.

Apanhou o lápis e retornou ao desenho, mas seu coração já não estava de fato ali e, quando ela ouviu Garth tocar o sino do bar para as saideiras, ficou feliz por a noite estar quase no fim.

Demorou muito tempo para Garth e Jimmy conduzirem todos para fora do bar. Belle olhou pela janela da sala e observou homens em grupos de dois e três atravessarem a estrada cambaleando, com pernas bambas e braços em volta dos ombros dos amigos. Ela viu um deles cair de cara no chão. Não fazia ideia se eles partiriam no dia seguinte para o campo de instrução militar na França ou se isso levaria mais tempo para ser arranjado, mas era assustador pensar que, dentro de poucas semanas, eles poderiam ter armas nas mãos. Eram assistentes de loja, balconistas, pedreiros e jardineiros; o mais próximo que tinham chegado de uma arma fora na linha de tiro de uma feira. Seu estômago contraiu-se de medo por eles, e ela teve uma premonição de que alguns não fariam outro aniversário.

Livrou-se desses pensamentos piegas e desceu para ajudar, já que haveria muito o que limpar depois de uma noite tão movimentada.

Meia hora depois, o balcão e as mesas estavam limpos, com bancos e cadeiras empilhados sobre eles, e a maioria dos copos estava lavada e seca. Mog parecia exausta. Lá fora, Garth lavava o pátio com uma mangueira, resmungando para si mesmo sobre as poças de vômito e a imundície do banheiro.

— Esta noite tivemos lucros maiores que os de uma semana inteira — comentou Jimmy enquanto pegava uma bandeja de copos limpos e recolocava-os nas prateleiras sob o balcão. — Mas espero com todas as forças que não tenhamos outra noite como esta.

— Você não vai se alistar também, vai? — perguntou Belle com ansiedade.

Ele riu, parando o que estava fazendo para tocar a bochecha dela.

— O quê? E deixar você, a mais bela dama de Londres? É claro que não vou, a não ser que tornem isso obrigatório. E é improvável, porque quem faria tudo funcionar na Inglaterra se todos os homens com menos de 40 anos fossem enviados para a França?

— Coroas como eu — gritou Garth lá do pátio. — E, se eu tiver que limpar uma sujeira como esta novamente, vou mentir minha idade e me oferecer como voluntário!

Jimmy adormeceu aquela noite assim que se deitou na cama, mas como sempre ele mantinha um braço em torno de Belle, enroscado nas costas dela. Ela ficou na escuridão ouvindo a respiração suave do marido e desceu a mão dele até sua barriga. Já se recuperara do choque causado pela sugestão de Mog, e ali, ajeitada tão confortavelmente na cama, a ideia de ela e Jimmy terem um bebê era boa. Dava para imaginar Mog e Garth arrulhando para ele ou ela, sempre dispostos a dar uma mão, tão amorosos quanto avós. Jimmy daria um pai excelente também; ele era amoroso e paciente e tinha um grande coração.

Mas ela daria uma boa mãe? Sem irmãos ou irmãs mais jovens, e tendo sido criada como fora, não sabia nada sobre bebês e nunca sequer tinha segurado um nos braços. O mais próximo que já chegara de um bebê fora vendo mulheres em Seven Dials com os seus nos braços, aconchegados em xale. Ali em Blackheath, muitas das mães tinham babás que levavam seus fardos em carrinhos de bebê para um passeio na charneca.

Seria capaz de manter sua loja? Embora não gostasse da ideia de renunciar a ela, não faria o que sua própria mãe fizera, entregando o bebê para Mog.

Pensando em Annie, Belle se perguntou como ela reagiria ao fato de tornar-se avó. Ficaria indiferente? Ou enxergaria isso como uma

oportunidade para endireitar as coisas?

Quando Annie a ajudara a conseguir a loja, Belle tivera esperanças de que pudessem ficar mais próximas, mas isso não acontecera. Se Belle não fosse vê-la uma vez por mês, não haveria contato algum.

Annie ainda administrava a pensão em King's Cross que ela havia adquirido quando a antiga em Jake's Court fora destruída pelo fogo, e estava se saindo muito bem. Ninguém jamais adivinharia, por suas roupas elegantes e maneiras refinadas, que, no passado, ela fora dona de um bordel. Belle suspeitava também que ela continuasse a fazer segredo do fato de ter uma filha, por isso era improvável que ficasse entusiasmada com um neto.

Belle passou a mão sobre o ventre e, em silêncio, prometeu que daria a seu filho todo o amor e carinho que ela nunca recebera de sua mãe.

## Capítulo 3

**Belle abanava-se com um jornal.** Estava tão quente na loja que ela sentiu que poderia simplesmente derreter. Não pela primeira vez naqueles últimos dias de calor sufocante, ela se perguntou quem havia decidido que mulheres precisavam usar tantas roupas.

Ela usava uma camisola, um chemise, ceroulas e meias, e sobre eles uma anágua com metros de tecido, e então um vestido justo de mangas longas e gola alta. Estavam todos úmidos de suor e seus pés doíam pelo inchaço provocado pelo calor, mas ela supunha ter mais sorte que a maioria das mulheres, que se sentiam obrigadas a suportar também um espartilho de ossos de baleia.

Eram 16 horas e ela não recebera uma única cliente desde as 10 daquela manhã. Mais cedo houvera muitas pessoas passando pela loja, rumo à charneca acima. A maioria das senhoras carregava guarda-sóis e, se ao menos ela tivesse pensado em estocar alguns, poderia ter feito algumas vendas hoje.

Mas agora estava bastante tranquilo para uma sexta-feira, calma talvez decorrente da abertura da feira logo mais à noite, na charneca. No ano passado, ela realmente ficara animada com isso; Jimmy a levava lá no sábado à noite e haviam passado momentos maravilhosos nos *swingboats*, no carrossel e no *helter-skelter*, voltando para casa com um coco e um peixinho dourado que ele ganhara. Mas ela não tinha entusiasmo nenhum este ano. Podia ser o último fim de semana de agosto e, para todo mundo, talvez o final do verão, mas a grama na charneca estava castanha e árida por falta de chuva. A feira estaria ainda mais lotada este ano porque todos saíam para se divertir enquanto podiam, distraindo suas mentes da guerra.

Desde aquela noite movimentada no bar, quando tantos jovens haviam se alistado, falara-se menos sobre o assunto, com exceção de muitas queixas sobre os ricos estarem estocando gêneros

alimentícios. Em alguns casos, haviam esvaziado lojas, e o discurso era que isso só podia fazer com que os preços dos alimentos subissem. Mas Belle vendera mais chapéus, visto que muitos namorados se apressavam para casar.

Desejava que ela e Jimmy pudessem ir ao litoral no dia seguinte; seria o paraíso sentir a brisa do mar e escapar ao fedor dos escoadouros, o qual sempre a fazia sentir-se enjoada. Todavia, com a feira acontecendo, sabia que ele não poderia deixar Garth e Mog tocarem o pub sozinhos.

Foi até a porta aberta de sua loja, desesperada por um pouco de ar mais fresco, e ficou recostada no umbral, perguntando-se ociosamente se deveria contar a Jimmy sobre o bebê aquela noite. Havia apenas dois dias, ela finalmente fora ver o dr. Towle em Lee Park, e ele confirmara que ela estava grávida de mais ou menos três meses e meio. Quase que imediatamente depois que Mog sugerira a possibilidade, os sintomas chegaram. Primeiro, ela fora ficando cada vez mais sensível a cheiros e deixara de gostar de chá. Mas agora os seios estavam sensíveis e mais cheios, e a cinta de sua anágua, mais apertada.

Até agora, somente Mog sabia, e ela parecia achar que ainda não era muito apropriado contar a Jimmy e Garth. Belle achava isso a coisa mais ridícula que já ouvira, pois o que poderia ser mais natural que informar o marido de que ele teria um filho ou filha? Mas ela notara que as mulheres por ali não falavam de gravidez e, por temer uma gafe social, mantinha o segredo para si mesma, pelo menos por enquanto.

Um jovem casal vinha subindo a rua. A garota, provavelmente mais jovem que Belle, era pequena e esguia, usando um vestido rosa-claro com babados e um chapéu de palha. Ela segurava o braço de um homem poucos anos mais velho que ela; ele tinha o aspecto de um bancário, com seu terno formal escuro e colarinho engomado. A garota fitava-o enquanto ele falava, escutando atentamente cada palavra. Como parecia jovem demais para estar casada, era incomum que não houvesse ninguém mais ali com eles para atuar

como dama de companhia. Intimamente, Belle achava um absurdo que um jovem casal não pudesse dar um passeio a sós sem que outros fizessem mexericos, mas assim eram as coisas por ali.

Quando ela e Mog foram morar em Blackheath, tiveram que se curvar a todas essas sutilezas peculiares e restritivas, apenas para se ajustar à comunidade e não atrair fofocas. Belle fingia concordar com isso, mas interiormente se sentia um pouco superior porque sabia muito mais sobre homens e sobre a vida em geral do que qualquer uma das mulheres de sorriso afetado para quem ela fazia chapéus.

Entretanto, agora que seria mãe, sentia-se um pouco entristecida e preocupada com sua experiência de vida. Como ela seria capaz de criar uma filha para ser casta, ensiná-la que deveria obedecer ao marido e a todas as muitas regras de etiqueta para que se adequasse à sociedade, quando ela própria mostrava desprezo por todas elas?

Ela observou o jovem casal até virarem a esquina junto à charneca e, em seguida, olhou para a esquerda, brincando com a ideia de fechar a loja, já que a rua agora estava deserta. Havia uma névoa de calor na estrada mais abaixo, que parecia uma piscina de água. Ela se perguntou se aquilo era uma miragem, pois tinha ouvido falar que pessoas em desertos muitas vezes viam água adiante, quando na verdade não havia nada.

De repente, um grito estridente e o som de rodas de carruagem estrondeantes arrancaram Belle de seu devaneio.

Voltando a olhar para a direita, ela viu uma pequena carruagem puxada por dois cavalos marrons sendo freada pelo cocheiro, e às patas dos cavalos havia uma mulher caída no chão. O condutor devia estar indo a muita velocidade, e ela parecia ter entrado bem no caminho dele.

Enquanto Belle se lançou para ajudar, o cocheiro desceu da carruagem.

— Ela saiu sem olhar. Eu poderia ter passado em cima dela — arfou ele, com o rosto pálido de susto.

— Fez bem em parar — disse Belle enquanto se ajoelhava junto à mulher.

O chapéu dela caíra, e seu cabelo loiro escondia-lhe o rosto. Com cuidado, Belle alisou-lhe o cabelo para trás, meio que esperando que ela tivesse uma grave lesão, caso um dos cascos dos cavalos a houvesse acertado de raspão. Mas não havia sangue, apenas um esfolado na testa que parecia ser da pancada no chão. Se ela tinha tropeçado e depois ficado inconsciente com a queda, ou se tinha desmaiado, Belle não sabia, pois não vira tudo acontecer. A mulher era jovem, talvez com 20 e poucos anos, e muito bem trajada em um vestido azul-claro.

— Consegue me ouvir? — perguntou Belle, passando os olhos pelo corpo da mulher, à procura de qualquer coisa que pudesse sugerir novas lesões.

As pálpebras da mulher vibraram e, em seguida, se abriram.

— O que aconteceu? — perguntou ela, com a voz fraca e indistinta.

— Acho que você deve ter desmaiado, mas teve sorte de não ter sido esmagada pela carruagem — disse Belle. — Consegue mexer os braços e as pernas?

A mulher olhava sem expressão para Belle, claramente em estado de choque. Belle virou a cabeça para olhar para o cocheiro, um homenzinho gorducho vestindo farda verde. Ele torcia as mãos e parecia igualmente chocado.

— Você chegou a atingi-la? — perguntou ela.

— Eu não sei — respondeu ele. — Ela simplesmente saiu da calçada e, quando eu gritei, caiu feito pedra. Puxei as rédeas com tanta força que foi milagre os cavalos não terem empinado. Ela pode ter sido atingida por um casco, mas eu estava tão perto dela que não pude ver além dos cavalos. Mas não foi culpa minha.

— Não, claro que não — sentenciou Belle, puxando o vestido da mulher para baixo, de modo a cobrir-lhe as pernas. — Não há nada de sangue, e ela parece atordoada, não ferida. Acho que desmaiou.

Algumas pessoas haviam se aglomerado agora e, embora Belle soubesse que não deveria mover uma pessoa lesionada, não podia deixar a mulher ali na estrada. Ela viu um homem grande de cabelo escuro entre os espectadores e acenou para ele.

— Poderia me ajudar a levá-la até minha chapelaria? — perguntou ela. — Posso chamar um médico de lá.

— Eu estou bem — disse a mulher com uma voz trêmula. — Só me ajudem a levantar.

O homem grande avançou, inclinou-se e ergueu a mulher como se esta nada pesasse. Belle apanhou o chapéu azul que jazia na estrada e indicou onde era sua loja.

— Você também parece abalado — disse ela para o cocheiro. — Gostaria de entrar também e tomar uma xícara de chá?

— É muito amável da sua parte, senhorita — respondeu ele. — Mas tenho que pegar a patroa.

Belle aprendera em seu tempo em Blackheath que criados geralmente tinham muito medo de desagradar a seus patrões.

— Bom, se você tem certeza de que está bem — disse ela. — Penso que a moça vai ficar bem. Vou cuidar dela.

Mal Belle chegou à loja, o homenzarrão já havia colocado a mulher numa cadeira. Ela agradeceu-lhe antes de ele se retirar e então se virou para a mulher ferida.

— Sou Belle Reilly — disse. — Pode me dizer seu nome?

— Miranda Forbes-Alton — respondeu ela, recostando-se na cadeira. Estava muito pálida e havia um monte de grãos no esfolado de sua testa.

Por alguma razão, o nome Forbes-Alton soou-lhe familiar, mas Belle não conseguia imaginar por quê.

— Pois bem, Srta. Forbes-Alton — disse ela com firmeza. — Vou trancar a porta da loja e lavar sua testa.

O instinto dizia-lhe que, uma vez que a mulher estava extremamente abalada, poderia passar mal, e ela não queria uma plateia vendo isso. Assim, ao trancar a porta, ela desceu a veneziana.

Primeiro, pegou um copo de água para a mulher e esperou um instante para verificar se ela não passaria mal, antes de buscar uma bacia de água e um pano limpo para banhar sua testa.

— Eu estava sentindo um calor insuportável ao subir a ladeira — disse a Srta. Forbes-Alton quando Belle começou a limpar delicadamente seu ferimento. — Precisava arranjar um pouco d'água, pensava eu, mas não me lembro de nada depois disso. Por que eu estava na estrada?

— Acho que você desmaiou — disse Belle. — Já lhe aconteceu isso antes?

— Não desde a época de escola — respondeu ela, estremeando quando Belle retirou um pedaço de brita. — Desmaiei várias vezes quando tínhamos que ir à comunhão antes de termos tomado café da manhã. Aquela carruagem me atingiu?

— Acho que não — respondeu Belle. — Seus braços e pernas doem?

A Srta. Forbes-Alton desceu uma mão pelas pernas, por cima do vestido. — Não, só a cabeça.

— Você teve sorte de o cocheiro ter conseguido parar a tempo. Ele disse que você saiu da calçada e caiu bem na frente dele. Se aqueles cavalos a tivessem atingido, poderia ter sido muito grave.

Assim que limpou a ferida, Belle foi até a sala no fundo da loja e colocou a chaleira no fogo para fazer chá. Enquanto esperava a água ferver, olhava pela abertura da porta e estudava a mulher um pouco mais atentamente. Embora estivesse atordoada e trêmula, era óbvio por sua voz, comportamento e roupas que ela vinha das

classes altas. Seus elegantes sapatos cor de creme teriam custado, sozinhos, mais do que o chapéu mais caro da loja de Belle, e seu vestido azul era de seda natural.

— Sempre admirei sua loja — gritou a Srta. Forbes-Alton, surpreendendo Belle com uma voz que se tornara muito mais vigorosa. Ela tinha aquele modo de falar abrupto e distinto que muitos de sua classe usavam. — Alguém disse à minha mãe que você era francesa, mas você não é, é?

— Não, em Paris só aprendi a trabalhar com chapéus — Belle gritou de volta. — Você mora nas proximidades?

— Sim, em Paragon — respondeu ela. — Mamãe comprou um chapéu seu quando inaugurou a loja. É o favorito dela, veludo púrpura com raminhos de violetas em torno da aba.

De súbito, Belle soube por que Forbes-Alton soava familiar. Era o nome de uma mulher muito arrogante que exigira que o chapéu que ela havia comprado fosse enviado para sua casa. Fora só porque era o primeiro dia de Belle que ela concordara com isso e, quando fora até lá ao final do dia, o mordomo tomara dela o chapéu sem ao menos uma palavra de agradecimento pelo transtorno que ela tivera.

A casa era bem grande; por outro lado, todo o Paragon, uma fileira de casas georgianas de três andares unidas por colunatas, era grandioso. Era, provavelmente, o melhor endereço de Blackheath.

— Lembro-me de sua mãe — comentou Belle. — Entreguei o chapéu em sua casa no Paragon. Ela ficará preocupada com a senhorita. Devo telefonar para que alguém possa vir e levá-la para casa?

Belle colocara o telefone na loja havia poucas semanas. O dono da loja de vestidos algumas portas abaixo dissera-lhe que ela deveria realmente ter um, pois as mulheres ricas gostavam de agendar uma hora para vir comprar vestidos e chapéus quando pudessem ser as únicas clientes. Até então, Belle achara o telefone um modismo que nunca se tornaria popular entre pessoas comuns. No entanto, estava ansiosa por atrair clientes mais abastados, por

isso decidira experimentá-lo. Desde sua instalação, ela havia recebido vários pedidos de informação, e era bom poder encomendar materiais para seus chapéus sem ter que fazer a viagem até os armazéns. Agora, estava inclinada a pensar que, em poucos anos, todas as empresas e muitas casas particulares teriam um.

— Por favor, me chame de Miranda. E não, não quero que telefone para ninguém. Vou ficar bem em um minuto ou dois.

Belle fez o chá, colocando açúcar extra no de Miranda, e insistiu para que ela comesse alguns biscoitos também. Seu rosto ainda estava muito branco, mas ela já notara que a maioria das mulheres de sua classe parecia descorada.

— Não vou deixar você ir para casa sozinha — continuou ela enquanto dava o chá a Miranda. — Vou com você e aconselhar sua mãe a chamar o médico. Sei que está muito quente hoje, mas isso não deveria fazê-la desmaiar.

Horrorizada, Miranda arregalou os olhos.

— Não! Não preciso de escolta nem de médico — disse ela, com a voz subindo na agitação.

Belle desconfiou no mesmo instante. A maioria das pessoas ficaria grata pela ajuda e apoio se tivesse tido algum tipo de crise que pudesse ter resultado em lesões graves ou morte. E, se a mãe de Miranda não podia sequer levar uma caixa de chapéu para casa consigo, era pouco provável que tivesse criado uma filha independente.

— Será que você estava tramando algo que não quer que sua família saiba? — perguntou ela ligeiramente.

— Você é direta ao ponto da grosseria — retrucou Miranda, empinando o nariz fino e aristocrático. — Agradeço sua ajuda, mas não acho que isso lhe dê o direito de me interrogar.

Belle deu de ombros. Pelo visto, Miranda era tão petulante quanto a mãe. Belle imaginou que ela fora criada na crença de que

pessoas do “comércio” deveriam prostrar-se diante das classes altas.

— Creio que qualquer mulher deva oferecer a mão para outra em gesto de amizade, se sentir que ela tem um problema. Suponho, por seu pavio curto, que você saiba exatamente por que desmaiou e esteja com medo de que, se eu levá-la para casa, sua mãe vá insistir para que você veja um médico.

Belle estava simplesmente dando golpes no escuro, mas, quando viu o semblante alarmado de Miranda, soube que havia tocado um nervo.

Talvez fosse apenas porque ela se sentira zozna tantas vezes nos últimos tempos. Houvera mesmo alguns momentos em que ela havia pensado que ia desmaiar. E Miranda não tinha nenhum anel de casamento no dedo, nem mesmo um anel de noivado. Estaria passando pelo mesmo tipo de problema?

Belle estava totalmente ciente de que poderia muito bem ofender Miranda e de que isso poderia causar um grande problema para ela. Todavia, não era de sua natureza fazer vistas grossas, não quando seu instinto lhe dizia que alguém precisava de ajuda. Por isso, foi até ela e ajoelhou-se junto à cadeira.

— Está esperando um bebê? — perguntou calmamente. — Você pode me dizer para cuidar de minha própria vida, mas, se estiver grávida, você precisa confiar em alguém. Pode confiar em mim, não vou contar a ninguém.

Miranda não precisou responder. Lágrimas brotaram-lhe dos olhos e ela cobriu o rosto com as mãos, com toda a arrogância dissipada.

Belle sentiu uma enorme onda de compaixão. Estava bastante familiarizada com as classes altas para saber que um bebê nascido fora do casamento criaria um escândalo terrível.

— Não pode se casar depressa? — perguntou ela, envolvendo Miranda nos braços para confortá-la.

— Ele já é casado — respondeu Miranda aos prantos. — Eu não sabia disso, não quando aconteceu. Mas isso não importa agora, pois fui ver uma mulher hoje e ela cuidou disso.

O estômago de Belle se revirou. Uma das garotas na casa de Martha, em Nova Orleans, fora a uma mulher que havia “cuidado” de sua gravidez indesejada. Ela sabia o que isso implicava.

— Você foi ver alguém hoje? Ela fez o serviço com água ensaboada e ducha?

Miranda assentiu com a cabeça.

— Achei que acabaria enquanto eu estivesse com ela, mas ela disse para eu ir para casa e que o que eu esperava aconteceria em poucas horas. Enquanto subia a ladeira desde a estação, me senti zozona. Depois, só me lembro de que você estava lá.

Belle sentiu que Miranda era ingênua o bastante para imaginar que abortar uma gravidez inicial fosse rápido e indolor. Era claro que a mulher que fizera o aborto não a havia esclarecido, por medo de perder o pagamento.

— Como se sente agora? — perguntou ela, colocando a mão no ventre de Miranda. Ela era muito magra, mas contida por um espartilho firme.

— Estou com uma dor maçante — respondeu Miranda.

Belle respirou fundo para se estabilizar.

Sabia que a atitude sensata era deixar Miranda ir para casa assim como ela havia planejado; afinal, a garota não era nada para ela. Mas duvidava que Miranda fizesse alguma ideia de quão brutais seriam as dores, ou que ela tendia a perder muito sangue. Escondida no quarto, era improvável que ela conseguisse passar por isso sem gritar. E, com uma casa cheia de criados e uma mãe dominadora, seu segredo logo vazaria e ela estaria arruinada.

Belle não podia suportar a ideia de qualquer mulher ter que enfrentar tal suplício sozinha.

— Não tem uma amiga com quem possa ficar esta noite? — perguntou ela.

Miranda parecia confusa.

— Por que eu quereria fazer isso?

Belle soltou um suspiro, perguntando-se como uma pessoa podia ser tão estúpida.

— Porque você pode precisar de ajuda. É um negócio desagradável — explicou ela.

Os olhos azul-claros de Miranda arregalaram-se de horror.

— Então não posso ir a ninguém que eu conheça! Ficariam todos ultrajados. O que vou fazer? Você está me assustando.

Belle segurou a mão de Miranda e olhou firme para ela. Não era exatamente bonita; seu nariz era pontudo demais, seus lábios, muito finos, mas havia algo muito atraente nela, mesmo com os olhos avermelhados. Belle puxou da memória todas as enrascadas em que ela mesma tinha estado. Saíra da maioria delas sem a ajuda de ninguém e tornara-se mais forte pela experiência. Mas não podia consentir em deixar aquela garota perder tudo a mandando para casa. Sentia que a mãe dela era o tipo que a renegaria caso a considerasse motivo de vergonha.

— Você pode ficar aqui — disse ela impulsivamente.

— Aqui? — Miranda olhou ao redor da loja como se perplexa com a sugestão.

— Não disse aqui, na loja — Belle apressou-se a explicar. — Eu me referi à sala dos fundos. Posso deixá-la confortável lá. Há água e um banheiro logo ali atrás. Vou ficar aqui e cuidar de você também. Mas você tem que telefonar para casa e dar uma desculpa.

— Você faria isso por mim? — Os olhos de Miranda arregalaram-se novamente. — Mas você não me conhece! Além do mais, você é casada, seu marido não vai esperá-la em casa?

Belle sabia que Jimmy ficaria horrorizado por ela se envolver, mas ela não tinha intenção de contar-lhe nada, pelo menos não até que aquilo tivesse acabado. Falaria com Mog e conseguiria a ajuda dela.

— Vou ser sincera. Eu não quero isso — disse Belle simplesmente. — Mas não poderia ficar com esse peso na consciência caso a mandasse para casa e não houvesse ninguém para cuidar de você. Sua reputação estaria arruinada se isso vazasse. Eu conheci sua mãe, lembra? Não consigo imaginá-la sendo muito amável com você.

— Por que você se importa?

— Digamos apenas que é porque passei por uns momentos difíceis no passado. Agora, quem poderia dizer à sua mãe com quem você está?

— Bom, eu disse a ela hoje de manhã que ia ver uma amiga que mora em Belgravia. Às vezes, passo a noite lá.

— O telefone está ali. — Belle apontou para ele. — Ligue.

Belle entrou na sala dos fundos enquanto Miranda solicitava ao telefonista que completasse a ligação. Ela só esperava que não fosse possível à Sra. Forbes-Alton descobrir que a chamada viera de Blackheath, não de Belgravia.

A sala dos fundos tinha a mesma largura da loja, mas não era tão comprida, e uma porta na extremidade se abria para o pequeno pátio cercado de muros, onde ficava o banheiro. À esquerda da sala havia prateleiras até o teto, repletas de caixas de enfeites, lonas e rolos de feltro. Mais abaixo, viam-se a bancada com seus blocos e o vapor para moldar chapéus. À direita, atrás da porta no interior da sala, estavam a pia, o anel de gás e um fogãozinho que ela acendia em tempo frio. Se ela deslocasse a mesinha para junto da bancada, poderia fazer uma espécie de cama no chão.

Felizmente, ela tinha algumas almofadas velhas, que trouxera de Seven Dials com a intenção de fazer novas capas. Havia também um

lençol velho, mas limpo, abandonado depois que a loja fora decorada.

Ela podia ouvir Miranda falando ao telefone. Parecia que a mãe não estava em casa e ela deixou uma mensagem com um dos criados. Fazia um calor insuportável, então Belle abriu a porta dos fundos e puxou a cortina de contas de lado a lado para impedir que as moscas entrassem. Em seguida, depositou as almofadas no chão e cobriu-as com o lençol.

— Mamãe e papai saíram e não vão voltar para casa até tarde da noite — disse Miranda atrás dela. Quando Belle se virou, viu-a de pé à soleira da porta, olhando de modo inquieto para a cama improvisada. — E ainda bem, já que mamãe provavelmente teria me enchido de perguntas.

— Isso é bom. Mas vou ter que a deixar por um tempinho e correr para casa — disse Belle. Ela pôde ver Miranda ficando assustada agora que sabia que não ia ser do jeito que ela esperava. Mas Belle não tinha escolha a não ser deixá-la sozinha. Tinha que ir para casa e dar uma desculpa para ficar fora de casa esta noite, e também precisava arranjar alguns lençóis limpos, toalhas e outros itens essenciais.

— Não tenha medo, não vou me demorar. Por que não tira o vestido e o espartilho? Vai ficar muito mais confortável, e vou trazer na volta uma camisola minha para você vestir.

Belle saiu pela porta dos fundos e adentrou o beco estreito, dizendo a Miranda que voltaria pelo mesmo caminho. Enquanto ia para casa, fazia mentalmente uma lista de coisas de que precisaria e do que diria a Jimmy.

A sorte estava com ela. Mog estava sozinha na cozinha, fazendo um bolo, e disse que Jimmy e Garth haviam ido a Lewisham juntos para encomendar algumas cadeiras novas para o bar.

Belle sabia que era impossível contar mentiras a Mog, então soltou de vez a verdade sobre Miranda.

— Eu sei o que você vai dizer — disse ela ao terminar. — Deveria tê-la mandado para casa e não ter me envolvido, mas não consigo, Mog.

Mog parecia chocada e não disse nada por um instante. Belle quase podia ver as emoções conflitantes que a percorriam.

Finalmente, ela fez um gesto com as mãos, uma aceitação de que Belle não tinha escolha real senão ajudar a garota.

— Acho que teria feito exatamente o mesmo. Mas, Belle, essas coisas podem acabar mal. Já ouvi falar de mulheres que morreram disso. Você me promete que, se alguma coisa der errado, se ela ficar febril, você vai telefonar para o médico?

— É claro — respondeu Belle. Ela já havia inventado uma historinha para acobertar a verdade em caso de emergência: que o raspão que ela levara da carruagem no início do dia fizera Miranda iniciar um aborto, e ela a deixara ficar na loja em vez de tentar chegar em casa.

Aquela aceitação era tão típica de Mog que ela não perdeu mais tempo com sermão, mas subiu voando as escadas e encontrou lençóis, um par de toalhas, um cobertor e alguns panos limpos para o fluxo de sangue. Em um piscar de olhos, ela já estava novamente ali embaixo, mesmo antes de Belle ter acabado de comer um sanduíche feito às pressas.

Mog trazia também um medicamento num frasco marrom.

— Dê a ela duas colheres de chá deste remédio a cada três ou quatro horas; ele vai aliviar a dor e manter a temperatura baixa — explicou ela. — Agora, vou dizer a Jimmy que você foi passar a noite com Lisette, já que Noah está fora e ela está solitária. Ele vai concordar com isso, já que ela está esperando um bebê e tudo. Mas você vai ter que combinar tudo isso com Lisette depois, para que ela não dê com a língua nos dentes.

Belle subiu correndo as escadas para pegar algumas coisas e, ao voltar, encontrou Mog arrumando uma bolsa de viagem e outra

menor com um pote de sopa para aquecê-la, um pouco de torta de maçã e uma garrafinha de conhaque.

— Apenas algumas porçõeszinhas caso vocês tenham fome — disse ela, tirando as coisas dos braços de Belle e colocando-as na bolsa. — E conhaque com leite quente pode ajudar a relaxá-la depois.

Belle envolveu Mog nos braços e abraçou-a com força.

— Você é uma pessoa tão boa — falou ela. — Obrigada por não estar com raiva de mim.

Mog se afastou, mas segurou os braços de Belle e olhou direto para ela.

— Como poderia estar com raiva por você ter um grande coração? — disse ela. — Vou dar uma passada lá amanhã de manhã, antes de os homens acordarem. Só para ver como ela está. Mantenha a garota limpa, ferva um pouco de água para lavá-la lá embaixo. Ela pode sentir náuseas quando finalmente acontecer, então não fique muito alarmada com isso. Mas, se ela perder a consciência ou houver um fluxo rápido de sangue, chame o médico imediatamente, não importa o que ela diga.

Belle percebeu então que Mog devia ter ajudado garotas a passar por isso antes — apenas mais uma parte de seu passado que ela nunca revelara.

— Vou fazer isso — disse ela, subitamente assustada com o que tinha se disposto a fazer.

Mog abraçou-a novamente.

— Vou estar lá com vocês em espírito, se não em carne. Agora vá, antes que Jimmy volte.

Miranda estava sentada em um banco junto à porta aberta dos fundos quando Belle passou com muito esforço pelo portão do pátio segurando as duas bolsas grandes. Ela ainda estava vestida e seu rosto estava pálido de ansiedade.

— Está tão quente — choramingou ela. — E meu estômago dói.

— É um bom sinal — disse Belle ligeiramente. — Significa que está começando a acontecer. Por que você não tirou o vestido?

— Não consegui desfazer os botões — respondeu ela. — Temos uma criada em casa, ela sempre faz isso.

— Bom, não há nenhuma criada aqui — disse Belle, e, depositando as bolsas no chão, girou Miranda e desabotoou-lhe o vestido. O espartilho por debaixo da anágua fora apertado com tanta força que era um milagre que ela conseguisse respirar. Belle rapidamente o desatou para ela. — Tire tudo o mais — disse ela, e remexeu na bolsa de viagem em busca da camisola que ela trouxera para a garota.

Miranda virou-se enquanto despia o chemise e a veste de baixo, e Belle estremeceu ao ver as fortes marcas vermelhas que o espartilho lhe deixara nas costas e na cintura desnudas. Ela deslizou a camisola limpa pela cabeça de Miranda, depois indicou que ela deveria tirar as ceroulas e as meias também.

— Vou esquentar um pouco de água para você se lavar devidamente lá embaixo — disse Belle. — Mas sente-se por ora, enquanto preparo a cama para você.

Lá pelas 21 horas, estava escuro e muito mais frio. Miranda estava deitada na cama, agora com lençóis limpos, e Belle havia trazido uma das cadeiras da loja para sentar-se. Miranda comera um pouco de sopa e pão e parecia mais relaxada, e, só com a luz que Belle usava sobre a bancada, a sala de trabalho parecia aconchegante.

— Conte-me sobre o homem — disse Belle. Ela podia ver que Miranda tinha dores regulares, mas até o momento ela dizia que não eram piores do que suas cólicas menstruais. — É alguém que sua família conheça?

Miranda já havia dito que ela era uma de quatro filhos: dois irmãos mais velhos, ambos já casados e com os próprios lares, e

uma irmã mais nova chamada Amy, que tinha 20 anos e era noiva de um advogado. Miranda tinha 23 anos.

Mais cedo, quando Belle lhe perguntara o que o pai fazia para ganhar a vida, Miranda mostrara-se surpresa.

— Ganhar a vida? — repetira ela. — Ele administra a propriedade em Sussex, é claro. Foi isso que você perguntou?

Com isso, Belle presumira que o Sr. Forbes-Alton havia herdado a riqueza e tudo o que ele tinha a fazer era ficar de olho naqueles que trabalhavam em sua propriedade rural e faziam dinheiro para manter uma grande casa londrina. Miranda disse que a família voltara só recentemente após um mês em Sussex. Ela disse que entrara em pânico por sua mãe querer ficar mais tempo, uma vez que sabia que precisava fazer depressa o aborto.

— Não, minha família não o conhece — respondeu ela. — Eu o conheci em Greenwich Park, na primavera. Eu tinha saído para um passeio sozinha e tropecei na lama. Ele me ajudou a levantar e, como tinha machucado o tornozelo, ele se ofereceu para me levar para casa. Ele era tão charmoso, engraçado, interessante e amável. Meus pais têm tentado me casar nesses últimos anos, mas os cavalheiros que eles achavam apropriados eram sempre tediosos e sérios demais.

— E imagino que também não tinha permissão para sair andando sozinha — sugeriu Belle.

Miranda esboçou um meio sorriso.

— Não, mamãe teria ficado furiosa se soubesse. Também não poderia pedir para Frank me fazer a corte, pois não havíamos sido apresentados por amigos ou familiares. Assim, desde o início, tivemos que nos encontrar em segredo.

Belle adivinhou que Frank fosse um canalha completo. Ele se aproveitara de Miranda sabendo muito bem que, uma vez que ela não poderia convidá-lo a conhecer seus pais, ele poderia inventar

qualquer história da carochinha sobre si mesmo sem medo de ser exposto.

— E o que ele contou sobre si mesmo? — perguntou ela.

— Não muita coisa. O que havia para dizer? Um cavalheiro com renda privada. — Ela deu de ombros. — Vestia-se bem e disse que morava em Westminster.

— Para onde você ia com ele? — perguntou Belle.

— Saíamos para dar passeios na maioria das vezes, normalmente descendo até Greenwich, porque não arriscaria deixar que ninguém em Blackheath me visse com ele. Às vezes, pegávamos um barco rio acima e almoçávamos fora. Eu só podia vê-lo mais ou menos uma vez por semana, ou teriam percebido minha ausência.

— Eu me referia ao lugar para onde ele a levou para seduzi-la — disse Belle.

Miranda ruborizou-se.

— Para um quarto em Greenwich.

Belle balançou a cabeça.

— Não lhe pareceu estranho, já que ele disse que morava em Westminster?

— Ele dizia que os criados podiam comentar — disse ela. — A essa hora, estava tão apaixonada que teria ido para qualquer lugar com ele.

— E quando ele lhe contou que era casado?

— Quando eu lhe disse que talvez estivesse esperando um bebê. — Os olhos delas encheram-se novamente de lágrimas. — Eu realmente acreditava que ele me diria para não me preocupar e que casaríamos imediatamente. Mas ele nem sequer olhou para mim. Estávamos numa casa de chá e ele simplesmente olhou pela janela e disse: “Então você tem um problema”, não usou nem mesmo “nós”. Comecei a chorar e pude ver que isso o irritou. Saímos da casa de

chá e então ele disse que eu sabia desde o princípio que ele era casado.

— Quanta esperteza fingir que a culpa era sua! — exclamou Belle. — Que cafajeste!

Miranda soltou um suspiro e contorceu o rosto ao sentir outra dor mais forte.

— Sempre fazíamos planos para nossos próximos encontros. Quando ele disse que me encontraria à hora habitual no jardim de rosas de Greenwich Park na semana seguinte, tive esperanças de que isso lhe desse tempo para pensar e que ele encontrasse uma solução. Ele se despediu de mim com um beijo perto do Colégio Naval de Greenwich com a mesma ternura de sempre. Mas essa foi a última vez que o vi.

— E suponho que você não tivesse como entrar em contato com ele.

Miranda balançou a cabeça.

— Eu não tinha o endereço, nada a não ser historinhas sobre pessoas que suspeito, agora, que nem fossem verdadeiras. Fui à casa de chá que tantas vezes frequentamos em Greenwich e perguntei à garota do balcão se ela o tinha visto, mas ela disse: "Ele só veio aqui com você". O que mais havia a fazer? Já tinha visitado a casa para onde ele me levava algumas vezes, a qual ele havia dito que era de um amigo. Mas, quando falei com uma pessoa de lá, para mim ficou claro que se tratava de um local onde se alugavam quartos por hora.

Belle tomou a mão de Miranda e apertou-a. Ela podia imaginar que o fato de descobrir que fora usada como prostituta, sem nem mesmo ter sido paga, era para ela a pior humilhação.

— Quando esta noite acabar, você tem que deixar tudo isso para trás — disse ela gentilmente. — A maioria de nós tem alguma coisa no passado da qual se envergonhar. Mas você só é culpada de ser

um pouco ingênua. Ele é que é uma pessoa ruim por fingir que amava você.

— Essa é a parte que mais dói — disse Miranda. — Eu realmente o amava, arrisquei tudo para estar com ele. Por que alguém faria isso com outra pessoa?

— Acho que algumas pessoas nascem corrompidas — sentenciou Belle. — Eu diria que ele é um mulherengo inveterado, mas ao menos não tentou tirar dinheiro de você.

Miranda pareceu envergonhada.

— Dei 50 libras a ele — admitiu. — Foi só umas semanas antes de eu contar que achava estar grávida dele. Ele vinha me dizendo havia algum tempo que sabia de uma terra logo à saída de Londres que estava pronta para construir. Até me mostrou alguns esboços de casinhas simplesmente perfeitas para jovens casais que quisessem uma casa barata no campo, de onde podiam viajar até a cidade para trabalhar.

Belle já podia ver o que vinha depois.

— Suponho que ele tenha dito a você que os fundos dele estavam retidos e que precisava de dinheiro para garantir a terra.

— Como sabe disso? — perguntou Miranda, surpresa.

— Instinto — respondeu Belle. — E você ofereceu suas economias?

— Ele queria 100 libras, mas não tinha tudo isso — disse ela. — Ele prometeu que devolveria essa quantia tão logo tivesse vendido alguns lotes.

Belle sentiu o estômago revirar-se de fúria por alguém ser tão baixo.

— Detesto dizer isso a você, Miranda, mas acho que precisa encarar o fato de que tirar dinheiro de você era a intenção desse homem desde o momento em que ele descobriu onde você morava — comentou ela. — Suas boas roupas, suas maneiras e até onde

— Você o conheceu indicam que ele estava determinado a encontrar alguém para enganar. Está claro que ele é um homem que vive de expedientes desse tipo.

— Então, você acha que ele nem era casado?

Era tal a esperança que ela tinha nos olhos quando fez essa pergunta que Belle quase riu de sua estupidez. A perda de seu dinheiro, o fato de ele não comparecer ao encontro quando disse que o faria, nada constituía provas de um patife para ela; ainda escolhia acreditar que ele a desapontara porque era casado.

— É possível que seja, para uma pessoa tão ingênua como você — replicou Belle. — Mas o mais provável é que ele tenha uma fila inteira de mulheres pelos arredores de Londres, todas doidinhas por ele, sustentando-o e acreditando que elas são o verdadeiro amor dele.

Belle ouvira muitas vezes Jimmy e Garth falarem sobre esses homens que haviam conhecido em Seven Dials, os quais ganhavam a vida ludibriando mulheres. Mog sempre dizia que, até que as mulheres acordassem, conquistassem o direito ao voto e insistissem numa sociedade que não fosse comandada apenas por homens e para homens, sempre haveria um esconderijo para cafajestes e inescrupulosos.

— Como descobriu a mulher que “ajudou” você? — perguntou Belle. Ela não podia imaginar como qualquer mulher com uma base familiar como a de Miranda tivesse feito contato com uma pessoa daquele tipo.

— Por uma mulher na casa em Greenwich — respondeu Miranda. — Comecei a chorar quando o homem que administrava aquele lugar foi ríspido comigo e disse que não conhecia Frank. Ela aproximou-se de mim e perguntou se podia ajudar. Eu estava tão transtornada, e ela foi tão gentil, que contei a ela sobre o bebê e ela me deu o endereço em Bermondsey.

Belle assentiu com a cabeça. Supôs que a mulher em questão fosse uma prostituta e que esta tinha também um coração. Às vezes,

achava que as únicas mulheres de grande coração fossem as mulheres desgraçadas.

— O lugar para onde ela me mandou era terrível — confidenciou Miranda. — Nunca vi nada parecido. Havia crianças imundas e esfarrapadas por toda parte, portas e janelas quebradas, tudo tão sujo e malcheiroso que quis dar as costas e fugir. Mas não podia, tinha que ir até o fim.

Belle podia imaginar o aspecto do lugar, um cortiço insalubre e superlotado como os das cercanias de Seven Dials.

— Você foi muito corajosa. Mas, se conseguiu passar por isso, consegue passar por qualquer coisa. Como está se sentindo agora?

— Acho que estou perdendo um pouco de sangue. — Ela ficou vermelha por ter que revelar algo tão pessoal.

— Deite-se e deixe-me olhar — disse Belle. — Não fique constrangida. Você não tem nada que eu não tenha, é só pensar em mim como uma enfermeira.

Miranda estava sangrando um pouco, mas era sobretudo a água com sabão que a mulher usara que escorria dela. Uma das garotas em Nova Orleans que passara por isso dissera a Belle que a prática consistia em abrir a extremidade selada do colo do útero, depois bombear água com sabão para dentro dele, o que causaria irritação e levaria ao aborto. Não queria nem pensar no que usavam para fazer a abertura no colo do útero.

Belle limpou Miranda e ajeitou um pedaço de pano limpo debaixo dela. Sentiu que não levaria muito mais tempo e deu-lhe uma dose do medicamento que Mog fornecera.

Era quase 1 hora da manhã quando as dores de Miranda realmente se agravaram. Belle podia sentir a intensidade delas pelo suor em sua testa e pela forma como ela arqueava as costas e contorcia o rosto. Mas ela não gritava, apenas segurava com força a mão de Belle.

Por volta das 2h30, Belle também estava exausta, perguntando-se quanto tempo mais uma pessoa poderia sofrer de uma dor tão terrível.

— Está sendo muito corajosa — disse ela enquanto mais uma vez limpava o rosto de Miranda com água gelada. Ela agora se contorcia de dor, mordendo o lábio inferior para não gritar.

Quando começou a demonstrar náuseas, Belle rapidamente pegou uma tigela e segurou-a para ela, mas com a mão livre afastou o lençol para olhar. Havia uma quantidade enorme de sangue fresco e, visto que Miranda mais uma vez tentou vomitar, viu-se um fluxo do que pareciam ser pedaços de fígado. Saber o que aquilo significava fez Belle querer vomitar também.

— É isso? — perguntou Miranda, arquejante.

Belle juntou os trapos ensanguentados, colocando panos limpos debaixo de Miranda. Ela não queria olhar de perto, mas sentiu que devia fazê-lo antes de colocá-los no cesto. Mas havia algo pálido e no formato de um girino, e, sabendo que aquilo deveria ser o bebê, ela não conseguiu segurar o choro. Era ainda mais angustiante pensar que ela tinha um bebê no próprio ventre, que seria querido e amado enquanto aquele pobrezinho tinha que ser destruído.

— Sim, é isso — conseguiu dizer em meio às lágrimas. — A dor se foi agora?

— Sim, estou só dolorida — sussurrou Miranda com a voz rouca. — O que teria feito sem você?

Belle esperava que, se vivesse até os 100 anos, nunca mais tivesse que voltar a ver algo tão horrível como aquilo. Em silêncio, amaldiçoou Frank, desejou que ele pudesse ver o que sua ganância e maldade haviam feito aquela noite e que ele sofresse por causa disso.

Ela lavou Miranda toda e cobriu-a com o lençol.

— Da próxima vez que conhecer um rapaz, traga-o até mim para eu sondá-lo — sussurrou ela, beijando-lhe a testa. — Agora, vou lhe

fazer um leite quente com um pouco de conhaque. Daí você pode ir dormir.

## Capítulo 4

**Pouco depois das 6 da manhã**, Mog, ao passar de mansinho pelo portão dos fundos, adentrou o pátio da loja. Era uma linda manhã, com a promessa de mais um dia de calor pela frente. Pássaros cantavam e, fosse qualquer outro momento, ela teria sido lembrada de quão afortunada era por ter se afastado de Seven Dials e ser esposa de um marido amoroso e trabalhador.

Mas ela mal dormira de ansiedade por Belle. Ainda que nos tempos em que trabalhara como criada no bordel de Annie tivesse cuidado de seis ou sete garotas exatamente na mesma situação de Miranda, aquilo nunca tinha sido fácil para ela. Era um negócio sujo e vergonhoso, e ainda pior para Belle testemunhar isso quando ela mesma estava grávida.

Mog desejava de todo o coração que houvesse uma alternativa para mulheres solteiras que se encontravam nessa posição. Mas, se estas não concordassem com o aborto, sem o apoio de suas famílias ou do pai da criança, provavelmente acabariam enxotadas para as ruas, sendo o reformatório o único lugar que as aceitaria. Se os bebês não morressem por falta de cuidados durante o parto, era provável que fossem colocados em orfanatos ou entregues a alguém que visse a criação de filhos como um negócio rentável e não demonstrasse carinho algum.

Mas o principal medo de Mog era de que, se qualquer coisa tivesse dado errado na noite passada, Belle estivesse em sérios apuros. A lei podia fazer vista grossa para quem ajudasse uma prostituta a passar por tal suplício, mas não uma dama da alta sociedade.

Mulheres morriam em decorrência desses abortos brutais, se não enquanto estava acontecendo, então mais tarde, quando as infecções se instalavam. Belle podia não ser culpada por ser cúmplice e encorajar Miranda a fazer o que fizera, mas, se a garota

morresse, a família dela precisaria culpar alguém, e Belle seria seu bode expiatório.

Tudo estava silencioso e a porta dos fundos se encontrava entreaberta para deixar o ar entrar. Mog abriu-a um pouco mais para olhar lá dentro. Belle dormia profundamente no chão, vestindo apenas seu chemise, com os cabelos despenteados e um braço esguio dobrado ao redor da cabeça. A garota loira sobre a cama improvisada transmitia a mesma paz. Ela vestia uma camisola de algodão velha enfeitada de rendas que Mog fizera para Belle. Sua cor parecia boa, nem pálida demais, nem corada e febril.

Mog foi tomada de alívio. Não havia sangue, sujeira ou qualquer coisa para sugerir que algo fora do comum ocorrera na sala. Ela pôde ver um cesto coberto fora no pátio e imaginou que alguma evidência estivesse nele.

Apesar do alívio ao ver que tudo estava bem, havia algo na garota loira que fez Mog olhar novamente pela porta e, para seu sobressalto, reconhecê-la como a filha da Sra. Forbes-Alton. Até poucos dias atrás, tudo o que sabia dessa mulher eram fofocas: que ela era exagerada e gostava de meter o bedelho em tudo na vila. Mog finalmente a conhecera em uma reunião à qual fora chamada para dar início a um grupo de tricô que confeccionasse artigos úteis para os soldados no front. A Sra. Forbes-Alton estivera lá com as duas filhas, e Mog lembrava-se delas claramente, pois pareceram muito desconfortáveis quando a mãe começou a se expressar acaloradamente, como se fosse dona do espetáculo.

A Sra. Fitzpatrick, esposa de um famoso pianista que tinha sangue azul correndo pelas veias, fizera uma sugestão hesitante de que talvez a Sra. Jenkins, que dirigia o comércio de artigos masculinos na vila, pudesse aconselhar as mulheres sobre o que tricotar e dar instruções às novatas, uma vez que ela era uma espécie de entendida no assunto. A Sra. Jenkins respondera que ficaria feliz em fazer isso e ofereceria um desconto na compra de qualquer lã de tricô de sua loja.

— Ah, não — a Sra. Forbes-Alton retumbara com a voz afetada.  
— Não podemos ter ninguém lucrando com nossa iniciativa.  
Devemos comprar no atacado de lã.

Mog se agitara, assim como muitas das mulheres ali presentes, pois a Sra. Jenkins havia perdido o marido na guerra na África do Sul e, apenas poucas semanas antes, vira os dois filhos se alistarem. Ela tinha um grande coração, tricotando generosamente roupas para cada bebê recém-nascido da vila, e ajudara inúmeras jovens a fazerem seus vestidos de noiva. Todo mundo sabia que ela estaria se desdobrando para dar conta das despesas agora que os filhos haviam ido para a guerra. Todavia, como uma mulher salientou, ela provavelmente tricotaria mais artigos do que qualquer outra na vila.

Naquela tarde, na reunião, ambas as garotas Forbes-Alton haviam estado impecavelmente vestidas, parecendo a própria imagem da docilidade retraída. Isso tornava ainda mais difícil para Mog imaginar que a mais velha e sem graça das duas vinha tendo um caso de amor secreto.

Após a reunião, os sentimentos ficaram bastante aflorados em relação à Sra. Forbes-Alton, e dizia-se que era assim que ela sempre se comportava, depreciando os esforços alheios, mas fazendo muito pouco ela mesma. Diziam que era arrogante e mesquinha e tratava os criados de maneira pavorosa. Assim, era um tanto irônico que Belle tivesse socorrido Miranda e poupado aquele monstro de mulher de um pouco de vergonha e humilhação bastante merecidas.

Agora que Mog conhecia o temperamento da mãe de Miranda, sentia-se ainda mais solidária com a filha. Ela provavelmente fora criada pelos empregados, com pouco interesse e carinho por parte da mãe. Não era de admirar que caísse nos braços do primeiro homem que dissesse amá-la. Mas ela pagara um preço muito alto por uma felicidade pequena e efêmera.

Com sorte, ela se recuperaria fisicamente em poucos dias, com repouso e boa higiene, mas Mog sabia que a cicatriz psicológica de

perder um bebê, fosse por acidente ou decisão, era algo que levaria muito mais tempo para curar.

Belle mexeu-se e abriu os olhos quando a porta dos fundos rangeu. Viu Mog e sorriu, colocando um dedo sobre os lábios e acenando com a cabeça na direção de Miranda. Depois, levantou-se e saiu para o pátio.

Ela fechou a porta atrás de si e, tomando o braço de Mog, conduziu-a até umas caixas de madeira, onde se sentaram ao sol.

— Acho que ela vai ficar bem — disse Belle em voz baixa. — Ela foi muito corajosa, não gritou nem nada, e adormeceu logo depois que acabou. Mas eu não conseguiria passar por isso novamente.

Mog passou o braço em volta dela e abraçou-a. Ela odiava que sua Belle tivesse sido obrigada a ver algo tão angustiante.

— Não suporto pensar em como teria sido para Miranda se ela tivesse ido para casa — comentou ela, meditativa. — Conheci a mãe dela, que é uma bruta. — Contou a Belle o que sabia sobre a Sra. Forbes-Alton. — Mas o que você vai fazer com Miranda agora?

— Deixá-la dormir o máximo de tempo possível — respondeu Belle, olhando para a porta. — É evidente que não vou abrir a loja, não quando supostamente devo estar na casa de Lisette. Vou levá-la para casa mais tarde. Felizmente, a amiga com quem ela supostamente deveria ter ficado não tem telefone em casa, por isso a mãe dela não vai descobrir que ela não esteve lá. Miranda pode fazer de conta que está tendo apenas uma menstruação muito intensa e voltar para a cama.

— Vai precisar se livrar daquilo. — Mog apontou para o cesto.

— Vou derramar um pouco de terebintina sobre tudo e atear fogo mais tarde — disse Belle. — Não posso fazer isso agora; causaria suspeita se alguém visse fumaça a esta hora da manhã.

— Tenho que tirar o chapéu para você. Já pensou em tudo — disse Mog com admiração.

Nunca deixava de surpreendê-la como, depois de todas as humilhações e terrores pelos quais Belle passara, ela ainda mantinha a humanidade, dignidade, carinho e senso de humor. Ela amara Belle como se fosse sua desde o momento em que a segurara nos braços quando recém-nascida, e teria continuado a amá-la mesmo se ela tivesse perdido o juízo e a beleza. No entanto, vê-la voltar para a Inglaterra e, pela própria força de vontade, abrir a chapelaria com que sempre sonhara e fazer dela um enorme sucesso, isso deixava Mog imensamente orgulhosa.

Belle esboçou um meio sorriso.

— Não é a primeira vez que tenho que tramar algo, mas não sei se consigo contar a Jimmy. Como ele estava ontem à noite?

— Ele estava bem; mas ele sempre leva tudo numa boa mesmo. Não é como alguns homens que perdem a cabeça quando a patroa sai. Você tem um excelente homem em casa.

— Eu sei — disse Belle, chateada. — É por isso que vou me sentir péssima mentindo sobre ir ver Lisette.

— Então não diga muita coisa, simplesmente comece contando sobre seu bebê. Ele vai ficar tão empolgado que não vai nem pensar em perguntar sobre Lisette.

Belle parecia pensativa.

— Eu me pergunto se Miranda vai manter contato comigo depois disso.

— Quer que ela mantenha contato? — perguntou Mog.

— Sim — assentiu Belle. — No início, pensei que ela era muito arrogante, mas assim que essa impressão se foi eu descobri que temos muito em comum e me senti muito ligada a ela. Fico pensando que foi só pela graça de Deus que nunca estive na posição dela. Mas não disse a ela que estou esperando um bebê. Não pareceu apropriado.

Mog soltou um suspiro.

— Não, mas não fique pensando nisso. Você estava lá quando ela mais precisava de alguém. Agora, se não precisa de mim para nada, é melhor eu ir para casa. Tem alguma coisa que você quer que eu leve para lavar? Não quero que Jimmy a veja com algo suspeito.

— Há um lençol e uma toalha — respondeu Belle, que se levantou para pegá-los. — Estarei em casa por volta das 13 horas.

Alguns minutos depois, quando Mog abriu o portão dos fundos com a roupa suja em uma bolsa, ela se virou para Belle.

— Estou tão orgulhosa de você — disse ela. — Talvez, aos olhos da lei, você tenha errado ao se envolver, mas, para mim, você foi corajosa e humana. Espero que Miranda perceba que Deus devia estar sorrindo para ela quando a enviou para você.

Logo depois das 13 horas, Belle fechou a loja e, tomando o braço de Miranda, saíram a pé para Paragon. Via-se um grande número de pessoas afluindo para a feira, crianças correndo de um lado para outro, animadas com a música e o barulho que vinham de lá. Miranda parecia exaurida e pálida, mas estava de muito bom humor, sem dor nenhuma. Mais cedo, Belle saíra discretamente da loja e comprara-lhe uns absorventes Hartmann's, [\[3\]](#) e fora um alívio para as duas que ela não estivesse mais perdendo muito sangue.

— Feiras parecem uma diversão e tanto — comentou Miranda, olhando para a feira do outro lado da charneca. — Mas mamãe não as aprova. Amy e eu nunca tivemos permissão de ir. Uma vez, poucos anos atrás, planejamos sair escondidas depois do jantar para ir lá, mas ela nos pegou bem na hora em que abríamos a porta da frente. Pagamos bem caro; ela nos fez ficar no quarto por uma semana e disse que só operárias e prostitutas iam a feiras.

— Isso não é verdade — disse Belle, indignada. — Meu marido me levou ano passado e vimos muita gente da aristocracia por lá. É só uma diversão inocente para todo mundo.

— Mamãe tem opiniões muito rígidas — suspirou Miranda. — Para dizer a verdade, eu me casaria com qualquer um para ficar

longe dela.

— Você não tem que se casar com qualquer um para sair de casa — exclamou Belle, horrorizada. — Você poderia facilmente arranjar emprego em um escritório, depois achar um quarto para alugar. Sei que garotas da sua origem não costumam trabalhar, mas, agora que estamos em guerra, haverá muito mais oportunidades para as mulheres. E pode apostar que, em vez de mulheres comuns, escolherão mulheres bem-educadas como você.

Miranda apertou-lhe o braço.

— Você é tão inspiradora — disse ela. — Assim que isso tiver acabado, vou começar a procurar um emprego. Tudo o que mamãe pode fazer é me deserdar, e, pela maneira como me sinto agora, isso seria o céu.

Belle pensou que Miranda não ficaria assim tão feliz quando descobrisse as longas horas que a maioria das mulheres trabalhava e quão baixos eram seus salários. Mas ficou satisfeita por ter lhe dado algo em que pensar.

— Antes de se deixar levar pela ideia de liberdade, você deve contar direitinho a história para sua mãe — disse ela com ar de astúcia. — Pode usar esse esfolado na testa como desculpa para seu estado agitado, dizer que caiu esta manhã em Belgravia e que teve uma menstruação muito intensa. Só no caso de alguém nos ter visto juntas, pode ser uma boa ideia dizer que me viu no trem e, por você ter se sentido zonha ou algo do tipo, eu a acompanhei até em casa.

Miranda fez que sim com a cabeça.

— Fico surpresa com como você pensa em tudo. Mas e se alguém viu o acidente ontem?

Belle já tinha levado isso em consideração.

— Bom, não reconheci nenhuma das pessoas que estavam ao redor e estou certa de que, se alguém a tivesse reconhecido, teria se feito presente. Mas, se isso chegar até sua mãe, simplesmente

negue que era você. Se ela vier até mim, vou sustentar sua versão e direi que era uma estranha.

— Nunca vou poder lhe agradecer o suficiente — comentou Miranda docemente. Ela se mostrara muito constrangida quando acordara naquela manhã; ninguém nunca fora tão gentil com ela antes. — Posso manter contato com você?

— Ficaria chateada se não mantivesse — disse Belle. — Espero que nos tornemos boas amigas. — Daí, de repente, ela lembrou-se de que a Sra. Forbes-Alton nunca aceitaria que sua filha fosse amiga de uma lojista, especialmente porque o marido de Belle era um taberneiro. Também era provável que, dentro de alguns dias, Miranda tivesse medo de que Belle a delatasse. — Claro, não sou da sua classe social — comentou ligeiramente. — Mas você sempre pode aparecer na loja para uma conversa. E nem por um instante imagine que poderia traí-la falando sobre isso. Prometo a você que nunca vou dizer uma palavra a mais ninguém. Mog, minha tia, sabe, mas nós duas somos idênticas, leais, e nossa boca é um túmulo.

— Eu sei disso — disse Miranda. — Senti assim que você me ofereceu ajuda. Entendo agora por que as amigas de minha mãe falam sobre você. Apesar de ser tão jovem, você é uma mulher profunda e fascinante.

Belle riu.

— Mas o que dizem sobre mim?

— Bom, sua beleza tem sido muitas vezes destacada, além de seus chapéus maravilhosos e elegantes. É evidente que isso circula, assim como o que eu disse ontem, que você era francesa; e para a maioria, isso quer dizer que você é um pouco atrevida.

Belle divertia-se com isso.

— Você acha que sou?

Miranda olhou com desconfiança para Belle e corou.

— Bom, há alguma coisa em você... Você é experiente e forte e compreende as pessoas. Espero que um dia me conte tudo sobre você. Como foi parar em Paris, onde conheceu seu marido e se você já amou um homem antes dele.

— Estou certa de que vou contar — disse Belle, embora suspeitasse que, se fosse contar a Miranda toda a sua história, ela teria um acesso de depressão. — Talvez esta guerra também vá nos ajudar a quebrar barreiras sociais. É provável que isso aconteça se mulheres de todas as classes tiverem que trabalhar em conjunto para ajudar no esforço de guerra. Espero que sim; não tenho muito tempo para todas as restrições que as mulheres sofrem atualmente.

— É tão bom ouvi-la dizer isso. Mamãe está sempre dizendo “vista as luvas”, “você tem que usar chapéu”, “endireite os ombros”, “uma dama não faz isso ou aquilo”. Essa era uma das coisas que eu tanto amava por estar com Frank, ainda que ele fosse um cafajeste. Sentia-me livre porque ele desprezava todas as regras.

— Bom, algumas dessas regras foram feitas para nos proteger — Belle recordou-a. — Mas um homem não tem que ser um cafajeste ou um canalha para ser estimulante e apaixonado. E, agora que você conhece o pior dos homens, pode procurar o melhor no futuro.

Belle disse adeus a Miranda junto à porta, depois seguiu para casa. Embora estivesse preocupada com a recuperação de Miranda e esperasse que a mãe dela não suspeitasse de nada, estava mais apreensiva pela expectativa de encontrar Jimmy em casa.

Ela nunca mentira para ele antes. Era culpada de nem sempre lhe contar as coisas; por outro lado, ele talvez fizesse isso também. Mas ela não poderia contar o que fizera noite passada. Ele ficaria horrorizado.

Jimmy estava atrás do balcão com Garth quando ela entrou pela porta lateral. Por causa da feira, o bar estava apinhado de gente e muito barulhento. Belle entrou na cozinha e encontrou Mog fazendo sanduíches.

— Correu tudo bem? — perguntou Mog em voz baixa, ainda que a porta para o bar estivesse fechada.

— Ela está ótima — Belle tranquilizou-a. — Sem febre nem dor, e pela manhã ela sentiu fome e estava bastante alegre no caminho para casa. Estou tão aliviada de que nada tenha dado errado.

— Minhas preces foram atendidas — Mog revirou os olhos para o céu. — Mas agora vamos a coisas mais terrenas. Vou levar estes sanduíches para o bar dentro de um minuto e dizer a Jimmy que você voltou. Por que você não sobe de fininho e troca de roupa?

Belle tomara banho e estava só vestindo um chemise limpo quando Jimmy entrou no quarto. Ele se recostou ao batente, observando-a com um sorriso insolente no rosto.

— Eis aí uma vista belíssima: minha linda esposa quase sem roupa. Pena que o bar esteja tão movimentado hoje, ou eu a jogaria na cama e faria a festa com você.

Belle riu e foi abraçá-lo. Ele estava bonito em uma camisa branca e um colete verde-esmeralda que realçava seus olhos castanho-amarelados.

— Senti sua falta ontem à noite — disse ela. — Queria muito lhe contar uma coisa.

— Espero que não tenha pensado em sair correndo com outro homem, mas depois mudado de ideia — brincou ele, roçando o nariz no dela.

— Não, mesmo porque não vou poder correr por muito mais tempo — disse ela, tomando-lhe o rosto nas duas mãos e beijando-o.

Foi Jimmy quem primeiro se afastou.

— Por quê? — perguntou ele, parecendo intrigado. Depois, seus olhos desceram até o ventre de Belle e ele colocou uma mão ali. — Você está?

— Sim. — Ela riu. — Sim, estou esperando um bebê!

Por um breve instante, ele olhou para ela como se estupefato, e então o maior dos sorrisos se estendeu quase de orelha a orelha.

— Um bebê? Tem certeza? Quando?

— Bom, o médico não conseguiu ser preciso, mas acho que estou com cerca de três meses e meio, então vai ser lá pelos fins de fevereiro.

Jimmy abraçou-a com força.

— Essa é a notícia mais maravilhosa que já tive na vida... quero dizer, exceto, talvez, quando você disse pela primeira vez que me amava — disse ele baixinho por entre o cabelo dela. — Ah, Belle, será que alguém no mundo poderia ser mais feliz do que eu?

Belle afastou-se para olhar para ele e viu lágrimas escorrendo-lhe das faces.

— Eu. Eu sou a pessoa mais feliz, pois tenho você e também o bebê.

— Devemos contar a Mog e Garth — disse ele, com os olhos úmidos reluzindo de prazer. — Sei que Mog vai ficar entusiasmada, mas já não sei quanto a Garth; ele vai precisar de um tempo para se acostumar com a ideia.

— Vamos contar a eles quando você fechar o bar — disse Belle. Ela confiava que Mog nunca deixaria escapar que já sabia.

— E agora tenho que voltar para aquele bar e agir como se nada de importante tivesse acontecido? — perguntou Jimmy. — Queria poder entrar lá e anunciar para todo mundo, mas não é mesmo de bom-tom fazer isso, né?

— Não — respondeu Belle, sorrindo ante o entusiasmo pueril do marido. Gravidez era algo a que os homens não faziam menção nem comentavam fora do próprio círculo familiar, nem mesmo quando era mais que evidente. O máximo que diriam era: "Ela está esperando", e só quando houvesse uma razão muito boa para falar abertamente. Apesar de tudo isso, Belle notara que até o mais bruto dos homens

era mais cortês e amável com mulheres grávidas. — Se fizer isso, só vai constrangê-los.

— Mas nunca se importam de encher a cara para celebrar o nascimento. — Jimmy soltou um riso abafado. — E todos dão tapinhas nas costas do novo pai como se ele tivesse feito a coisa mais inteligente do mundo. Ele vai se gabar do novo filho, depois prontamente o ignorar até que ele esteja velho o suficiente para ser útil.

— Sei que você não vai ser esse tipo de pai. — Belle deu-lhe um tapinha nas faces de forma carinhosa. — Estou confiando que você colabore comigo em tudo, até na troca de fraldas. Portanto, desça até o bar outra vez e sorria, mas não diga nada.

— Eu a amo, Sra. Reilly — disse ele enquanto se virava para voltar ao bar.

— E eu o amo também, Sr. Reilly — gritou ela de longe.

Enquanto se vestia, Belle pensava no último comentário de Jimmy, sobre homens se gabarem do novo filho e depois o ignorar até que estivesse velho o suficiente para ser útil. Ele muitas vezes falara, em tom de desaprovação, de homens que iam todas as noites ao bar sem fazer o menor caso de suas esposas e filhos em casa.

Os dois já haviam visto mulheres em uma noite de sexta-feira esperando do lado de fora do pub com bebês nos braços, aqui e em Seven Dials, tentando surpreender os maridos e pegar o salário deles antes que o gastassem todo. Muitos não viam nada de errado em bater nas esposas e tratá-las como simples bens móveis.

O pai de Jimmy abandonara sua mãe quando ele ainda era um bebê, e ele sabia como era difícil para uma mulher criar um filho sozinha. Talvez por isso ele fosse tão sensível às necessidades das mulheres. Sempre fora muito protetor, compreensivo, quando Belle estava cansada, disposto a fazer qualquer coisa para ajudá-la. Agora que esperava uma criança dele, ela sabia que poderia contar com sua força para mantê-la protegida e com seu senso de humor para levantar seu ânimo, e, com ele a seu lado, ela não ficaria com medo

do parto. Além disso, talvez ele mesmo a ajudasse a livrar-se das recordações do suplício de Miranda. Mas, acima de tudo, ela sabia que ao bebê nunca faltariam amor e carinho. Seriam uma família feliz. Jimmy jogaria críquete e brincaria de barquinhos à vela na lagoa com a criança, contaria a ele ou ela histórias de ninar, beijaria joelinhos machucados para fazer sarar e aplacaria pesadelos; na verdade, ele seria o tipo de pai que tanto ela quanto Jimmy desejavam ter tido. Quanta sorte ela tinha!

Depois que o bar foi fechado no período da tarde, Jimmy e Garth se uniram a Mog e Belle na cozinha para uma xícara de chá e um pedaço de bolo. Mal tinham se sentado à mesa quando Jimmy soltou, num impulso:

— Vamos ter um bebê — disse, sem preparar terreno. — Belle me contou só faz umas horas.

A reação de Garth à notícia não foi como os dois esperavam. Ele levantou-se da mesa e deu pulinhos pela cozinha, gritando de alegria. Para um homenzarrão, ele até que tinha leveza, mas ainda assim parecia um pouco ridículo.

— Essa é a melhor notícia que poderiam dar! — disse ele, dando no ombro de Jimmy um tapa que teria derrubado um homem menor. — Não que eu tenha tido muito contato com bebês. Costumava segurar você às vezes, claro, mas isso foi há muito tempo. Espero que seja menina! Não sei se queremos na família mais um homem com cabelo cor de cenoura.

Mog saiu-se bem ao mostrar-se tão surpresa quanto Garth; ela se levantou e abraçou Belle e Jimmy e disse que era a melhor notícia que ela já tivera. Depois, enquanto servia chá a todos, falou com entusiasmo notável sobre fazer um enxoval para o bebê e providenciar um berço.

— Quando você vai largar a loja? — perguntou Garth a Belle. — Não deve ficar de pé o dia todo.

— Eu realmente não tinha pensado tão além — respondeu ela.

Garth cruzou os braços e pareceu enérgico.

— Bom, acho que você deve fechá-la já nas próximas semanas — asseverou ele, olhando para Jimmy em busca de respaldo. — Não concorda, filho?

Jimmy sorriu para Belle e tomou-lhe a mão.

— Estou certo de que Belle vai fazer tudo o que for melhor para nosso bebê.

Para qualquer outra pessoa, isso teria soado como se ela tivesse livre escolha, mas Belle sentiu que o que ele quisera dizer é que ela deveria ficar em casa às voltas com tricôs e costuras até que o bebê chegasse. Era claro que alguns dos valores de seu tio haviam sido transmitidos para Jimmy.

Garth não concordava com a emancipação feminina. Mog adorava desafiá-lo em seus pontos de vista, quer sobre as mulheres reivindicando o voto, entrando no bar ou fazendo um trabalho tradicionalmente masculino. Todavia, por mais que o provocasse, ela era, na verdade, sua mulher ideal, pois lavava, cozinhava e limpava admiravelmente, além de deixar para ele todas as decisões.

Até o momento, ter um bebê fora apenas um devaneio cor-de-rosa. Belle imaginara a vida seguindo do jeito que tinha sido, mas com um bebê rechonchudo que todos adorariam arrulhando em um berço. De fato, ela não havia considerado que isso também significava o fim da liberdade para fazer o que quisesse.

— Você parece bem cansada, Belle — disse Mog, talvez sentindo o que ela estava pensando. — Por que não vai descansar um pouco?

— Sim, acho que vou — respondeu Belle. — Mas você tem que descansar também. Aposto que está de pé desde manhãzinha.

Belle ainda estava acordada quando Jimmy entrou no quarto, mas manteve os olhos fechados e fingiu estar dormindo. Imaginou que ele quisesse falar sobre o bebê, mas ela não queria isso, não agora. Ele tirou os sapatos e deitou-se ao lado dela e, em

pouquíssimo tempo, a respiração profunda do marido avisou-lhe que ele tinha adormecido.

Estava muito quente, e Belle, deitada de costas, observava partículas de poeira flutuando em feixes de luz solar que penetravam através das cortinas de renda branca. Ela escolhera sozinha tudo no quarto, desde o papel de parede juncado de rosas até a cama de bronze com sua colcha branca e grossa e a penteadeira de jacarandá com gavetinhas que guardavam todas as suas joias. Garth uma vez perguntara a Jimmy, em tom de provocação, como ele conseguia suportar viver num quarto tão feminino, com todas aquelas franjas e babados, no que Jimmy respondera que ele amava aquele quarto porque este era amado por Belle.

Essa resposta resumia como Jimmy era. Nem sempre ele era tão suave assim; podia ser duro com clientes que se comportavam mal e tinha pouco tempo para corpo mole e para aqueles que se queixavam constantemente de sua sorte na vida. Mas era um homem descomplicado, sem tempo ruim, e não se importava com a opinião que as outras pessoas tinham dele. Na verdade, Belle não conhecia ninguém que não gostasse dele, pois era amável, generoso e interessado nas outras pessoas e tinha um grande senso de humor. Mas, acima de tudo, ele era honesto. Se lhe pediam sua opinião, ele a dava; se ele promettesse algo, mantinha a palavra.

Ao lado da cama, em moldura de prata, havia uma fotografia deles no dia do casamento. Mog fizera o vestido de noiva de Belle em belo cetim cor de marfim, com gola alta e mangas compridas com um corpete com pregas decorativas e uma pequena cauda de um lado só para causar grande efeito ao exibi-la. Jimmy nunca lhe parecera mais bonito que naquele dia, vestido com um fraque risca de giz cinza-claro. Em todas as outras fotografias, eles pareciam muito duros e sérios. Mas esta fora tirada quando eles estavam olhando um para o outro e rindo, e portanto refletia a verdadeira personalidade dos dois. Ele era um lembrete constante para Belle de quão sortuda ela era por ter uma pessoa que a amava incondicionalmente, apesar de seu passado.

Aqui, nesse lindo quarto, nada importava senão o prazer que encontravam ao fazer amor. Jimmy podia ter sido virgem na noite de núpcias, mas, nos braços dele, ela encontrara um êxtase ainda maior do que experimentara com Serge em Nova Orleans. Serge fora pago para ensinar a ela as delícias do ato sexual, e ele fora um mestre, mas Jimmy lhe ensinara que o verdadeiro amor e a paixão real e sincera constituíam uma força maior.

“É hora de provar a ele que você pode ser uma esposa de verdade. Criar e vender chapéus não é tão importante quanto isso”, pensou ela.

Virando-se para Jimmy, passou o braço ao redor dele e segurou-o com força. Com um bebê a caminho, seria mais um recomeço, só que desta vez ela teria que se lembrar de levar em consideração os sentimentos e as ideias de Jimmy.

## Capítulo 5

**O tilintar do sino da porta** fez Belle pousar o véu de rede que ela estava prendendo a um chapéu, sair da sala dos fundos e apressar-se para a loja.

— Jimmy! — exclamou ela, surpresa em vê-lo. Ele só vinha à loja para acompanhá-la até em casa quando o tempo estava ruim. Mas eram só 15 horas de um belo dia de outubro. — O que o traz aqui?

— Saí para comprar um pouco de tinta para os caixilhos das janelas — respondeu ele.

Belle franziu a testa. A loja de materiais de construção não era para aquele lado e, além disso, Jimmy parecia um pouco agitado.

— Algo errado? — perguntou ela.

— Tem que haver algo errado para eu visitar minha esposa? — retrucou ele com bastante aspereza.

Belle foi até ele.

— Tem que haver algo errado para você falar desse jeito comigo — disse em tom de censura.

— Sinto muito — falou ele. — Mas uma mulher veio até mim e me deu isto. — Ele enfiou a mão no bolso e retirou uma pena branca.

Belle arfou. Ela lera no jornal havia apenas um ou dois dias que havia mulheres por aí entregando penas brancas para os homens. Era uma sugestão de que eram covardes por não terem se alistado. Mas ela imaginara que fossem casos isolados, umas poucas mulheres tolas sem nada melhor para fazer com seu tempo do que atazanar homens trabalhadores.

— Desconsidere, deve ser só uma fanática — comentou ela.

— Não, havia um grupo de umas dez delas — disse Jimmy, aparentemente muito perturbado. — Estavam parando todos os

homens. Vi Willie, o limpador de janelas, receber uma, e também o homem que vende jornais junto à estação, e outro homem que apenas passeava com a esposa. Fiquei tão chocado que nem me detive lá para ver quem mais receberia uma pena e vim direto para cá.

— Não significa nada — assegurou-lhe Belle. — Ninguém tem que se alistar se não quiser. — No entanto, ainda que ela dissesse isso, senti um calafrio descer pela espinha, pois, apenas umas semanas antes, ela vira afixado na estação um cartaz enorme que exibia Lorde Kitchener fardado e apontando o dedo. Lia-se no cartaz: “Seu país precisa de você”. Naquela ocasião, ela achara uma mensagem poderosa.

— Pode não ser obrigatório, mas talvez seja moralmente correto eu fazer minha parte — refletiu Jimmy.

Belle ficou assustada. Ela sabia que, quando Jimmy usava palavras como “moralmente correto”, ele estava convencido do que deveria fazer.

— Você não pode, não com o bebê chegando! — exclamou ela. Jimmy foi abraçá-la.

— Eu não gostaria que nosso filho ou filha pensasse que fui um covarde — disse ele baixinho, com os lábios contra os cabelos de Belle. — E não é como se eu a estivesse deixando sozinha para se virar. Você vai ter o tio Garth e Mog para cuidar de você.

Belle recuou dele com raiva.

— Mas você pode ser morto! Nosso bebê não vai querer um herói morto como pai.

— Isso não vai acontecer — disse ele, fazendo um gesto de súplica com as mãos.

— Apenas saia. — Belle apontou para a porta. — E, quando eu chegar em casa, espero que você tenha mudado de ideia.

Ele saiu sem dizer mais nada e Belle voltou para sua bancada. Ela estava tão furiosa que rasgou acidentalmente o véu em que estava trabalhando. Então, pegou o chapéu e jogou-o no chão.

O sino da loja tilintou novamente e, pensando que era Jimmy que voltava para se desculpar, ela o ignorou.

— Belle! — chamou uma hesitante voz feminina. — Você está aí?

Era Miranda. Belle lutou para se recompor e voltou à loja. Miranda estava muito elegante em um traje lilás-claro e um chapéu no mesmo tom, enfeitado de violetas artificiais; suas faces estavam rosadas e ela parecia brilhar.

— Que surpresa adorável — Belle disse, agradecida por Miranda ter distraído sua raiva. — Tenho pensado muito em você.

Miranda havia lhe escrito uma carta havia algumas semanas, enquanto estava na propriedade rural da família em Sussex. Na carta, ela agradecia Belle por sua bondade e dizia que se recuperara totalmente sem que ninguém suspeitasse de nada.

— É bom estar de volta a Londres — comentou Miranda. — Queria tanto falar com você enquanto estive fora. Mamãe estava insuportável, mais do que geralmente é. Tão desesperada por me ver casada que ficava convidando para jantar pessoas com filhos qualificados. Ela não poderia ter deixado mais claras suas intenções nem se realmente tivesse colocado nos convites que o jantar pretendia encontrar um marido para mim.

Belle sorriu.

— E alguém atraente apareceu?

Miranda revirou os olhos.

— Terríveis, todos eles. E, além disso, tudo sobre o que falavam era a guerra e sobre entrar para um regimento. Fiquei entediadíssima. Mas como tem passado?

— Passava bem até poucos minutos atrás, quando Jimmy apareceu aqui. Ele acha que deve se alistar, mas não posso suportar

a ideia de vê-lo partir.

— Ah, querida! Estou certa de que não pode. Mas você me disse antes que ele não tinha intenção de se alistar até que fosse obrigatório.

— Isso era o que ele dizia. Mas hoje uma mulher lhe entregou uma pena branca e agora ele se sente culpado e teme que as pessoas pensem que ele é covarde.

— Mamãe se uniu a um grupo que distribui penas brancas — disse Miranda, enrugando o nariz de desgosto. — Na minha opinião, já é ruim o bastante para os homens ter colegas que os pressionam a se alistar, mas agora, com as mulheres humilhando-os, os pobres coitados vão se sentir na obrigação de ir. Mulheres como minha mãe não pensam em como as esposas e os filhos dos soldados vão se arranjar. Pelo que entendo, o que o exército paga é uma ninharia.

A solidariedade de Miranda para com esposas e filhos parecia criar a oportunidade ideal para Belle contar-lhe que esperava um bebê.

— Não estou tão preocupada com o pagamento do exército, mas, veja você, estou esperando um filho.

— É uma notícia maravilhosa! — disse Miranda, e o calor de seu sorriso revelou que ela foi sincera. — Para quando é?

— Fim de fevereiro.

Miranda pareceu chocada.

— Sim, eu sabia já naquela época — disse Belle. — Mas não tive coragem de lhe contar aquela noite. Bom, você sabe, não parecia certo.

— Foi duplamente horrível de minha parte impor meus problemas a você numa hora assim — disse Miranda, aproximando-se para abraçar Belle. — Mas estou muito feliz por você e, por favor, nada de achar que não pode mencionar isso com medo de me entristecer. Posso compreender também por que você não gostaria que seu

marido se alistasse num momento como este. Mas estou certa de que, assim que ele tiver considerado todos os fatos, vai decidir pelo contrário.

— Bom, muitos outros homens com várias crianças partiram — suspirou Belle. — Ouvimos ontem mesmo que um homem de Lee Green com cinco filhos se alistou. Garth disse que os homens no bar faziam piadas sobre isso e que ele se alistaria para ficar longe deles.

Falaram por mais alguns minutos sobre a guerra em geral, e Miranda disse que andara pensando bastante em conseguir um emprego e, finalmente, sair de casa.

— Tenho me candidatado a diversas vagas nos últimos dias — comentou. — Não vou enganar a mim mesma, sei que não tenho experiência. A única coisa que consigo fazer que seja de alguma forma notável é dirigir um automóvel.

— Céus! — Belle estava impressionada; ela não conhecia pessoalmente nenhum homem que pudesse fazer isso, quanto mais uma mulher. Quando eles se mudaram para Blackheath, os automóveis ainda eram uma visão bastante rara, mas, de dois anos para cá, vinham se tornando cada vez mais comuns. No entanto, eram ainda de posse exclusiva dos ricos, e ela não conseguia imaginar que isso viesse a mudar por um bom tempo.

— Consegui que o chofer de papai me ensinasse enquanto eu estava em Sussex — disse Miranda com ar gracioso. — Pensei que, com tantos homens indo embora para a guerra, poderiam abrir oportunidade para uma mulher. Apesar de os automóveis serem muito difíceis de fazer arrancar, pois precisa-se de força bruta para girar aquela manivela. Andei lendo sobre como eles funcionam também. Não quero parecer tonta se ele quebrar.

— Estou tão satisfeita por você parecer tão disposta e otimista — disse Belle.

— Bom, você sabe a quem devo agradecer por isso — replicou Miranda, arqueando as sobrancelhas. — Agora que você me contou suas novidades, talvez haja um modo de eu recompensá-la por tudo

que fez por mim. Eu poderia cuidar da loja se você quisesse tirar um descanso ou ir para algum lugar.

Belle ficou comovida.

— É muito gentil de sua parte — disse ela. — Mas acho que vou desistir da loja bem antes de o bebê chegar.

— Ah, não! — exclamou Miranda. — Você não pode, é tão talentosa e todo mundo ama tanto seus chapéus. Não pode arrumar uma babá?

— Eu nunca faria isso — respondeu Belle, horrorizada.

Miranda riu.

— Não, não suponho que faria. Mas me saí muito melhor com uma babá do que teria me saído com minha mãe.

— Há uma coisa que eu gostaria de perguntar — disse Belle. — Você está bem de verdade? Não me refiro a uma doença ou coisa do tipo, mas você superou aquilo?

O rosto de Miranda nublou-se.

— Houve dias em que me senti chorosa e com pena de mim mesma — admitiu ela. — Mas melhorei quando desci para Sussex. Fiz caminhadas, ocupei-me aprendendo a dirigir e visitei alguns dos inquilinos de papai. Nunca tinha feito isso antes; acho que o que aconteceu comigo abriu-me os olhos para o mundo real. Provavelmente ficaram atônitos por eu mostrar interesse em seus jardins, em suas crianças e em saber se havia ou não goteiras no teto. Algumas daquelas pessoas são desesperadamente pobres, e isso me fez perceber que meu poço não era tão fundo.

Elas conversaram até chegar a hora de Belle fechar a loja. Enquanto esta trancava a porta atrás delas, Miranda colocou a mão no braço de Belle e apertou-o.

— Espero que Jimmy não se aliste, mas, se ele o fizer, lembre-se de que você tem uma amiga.

Belle soube naquela noite, quando ela e Jimmy foram para cama, que ele tomara uma decisão. O bar estivera tranquilo e ele ficara subindo e descendo as escadas, sentando por alguns minutos com ela, sem nada a dizer, depois voltando para baixo. Ela adivinhara, por sua expressão tensa, que ele queria falar, mas tinha medo de que isso virasse uma reprimenda. Belle estava louca para que tudo fosse trazido à baila, mas ela conhecia Jimmy bem o suficiente para saber que ele gostava de tempo para ponderar por si mesmo as situações e, se ela o pressionasse demais agora, poderia se arrepender depois.

Mas agora, enquanto ele enroscava seu corpo no dela da mesma forma que sempre fazia, ela quase pôde ouvir o cérebro dele girando num turbilhão de emoções conflitantes.

Sabia que ele não estava com medo por si mesmo, apenas de deixá-la. Ela também sabia que, se chorasse e suplicasse, ele poderia ser persuadido a desistir da ideia. Mas era certo fazer isso quando ele sentia que era seu dever partir?

Belle supunha que ele estivesse bastante ciente de que o Railway não precisava realmente dele e de Garth juntos para operá-lo, especialmente agora que muitos de seus clientes antes regulares haviam partido para a França. Era provável que ele se sentisse culpado toda vez que escutasse que mais alguém havia se alistado, enquanto ele mesmo, jovem e saudável, não tinha nenhuma boa justificativa para ficar em casa. Um bebê a caminho certamente não seria considerado uma justificativa válida para não se alistar, uma vez que a maioria dos homens se distanciava da coisa toda e deixava que as mães e irmãs das esposas oferecessem suporte.

Belle também sabia que Jimmy daria um bom soldado; ele era corajoso, forte e inteligente. Os outros homens gostavam dele, e ela não tinha dúvidas de que ele logo seria promovido, pois tinha as qualidades necessárias para a liderança.

Por mais apavorada que estivesse com a possibilidade de ele ser ferido ou mesmo morto, uma das coisas que ela mais amava nele

era sua natureza honrada. Ela não gostava de vê-lo em conflito, tentando equilibrar o que ele percebia como seu dever com a reação dela. Belle não tinha dúvidas de que ele temia que ela pensasse que ele a estava abandonando e que isso aniquilasse o relacionamento dos dois.

Ela o amava demais para prolongar a confusão na qual ele estava. Sabia que precisava ser tão corajosa quanto ele era e deixá-lo fazer o que ele considerava correto.

Tomando-lhe a mão que descansava em seu quadril, ela apertou-a.

— Não quero que vá — disse ela baixinho, na escuridão. — Não sou como você, não me importo com o rei e o país, sou egoísta o suficiente para querer que tudo permaneça da mesma forma acolhedora que é agora. Mas sei que você tem princípios, e, se você sente que deve ir e lutar, então vou apoiá-lo em sua decisão.

— Sério? — ele sussurrou de volta. — Olhe, ainda que eu não queira me separar de você, quando seu país está em guerra, essa não é uma justificativa válida para se esquivar sorrateiramente da luta. Quase todos os homens que já partiram deveriam ter namoradas ou esposas que eles não queriam ter deixado, mas encontraram coragem para isso. Se eu ficar, aquela pena branca que recebi hoje vai ser apenas a primeira de muitas. Algumas pessoas vão dizer que não sou apenas covarde, mas que estou lucrando com a guerra. Não poderia viver com isso.

Belle agarrou-se a ele, mordendo o lábio para não deixar escapar que ela não se importava se ele fosse chamado de covarde, desde que o tivesse em casa consigo.

— Eu sei, também não poderia suportar isso — mentiu ela.

— Gostaria de acreditar que vai estar tudo acabado lá pelo Natal — disse ele, puxando-a em seus braços. — Gostaria também de poder lhe prometer que vou voltar para casa são e salvo. Mas acredito que, assim como Deus a manteve a salvo e a trouxe de volta para mim depois de tudo por que você passou quando foi

sequestrada, então Ele não vai ser tão cruel em permitir que eu seja morto na França quando estamos esperando nosso primeiro bebê.

Belle não estava tão certa de que Deus trabalhava dessa forma. Achava que era mais provável que Ele colocasse algumas pessoas nessa terra para serem testadas vezes sem conta. Ela e Jimmy tiveram dois anos de sublime felicidade, e talvez isso fosse tudo que poderiam esperar.

Ele desceu a mão direita até o ventre de Belle, acariciando a pequena curva como se silenciosamente tentasse dizer à criança que ele a amava e pretendia ser o melhor dos pais.

— Então, quando você vai ao posto de recrutamento? — sussurrou ela, tocada pela sensibilidade do marido.

— Amanhã — respondeu ele. — Não há razão para prolongar a agonia.

O tempo tornou-se subitamente outonal no dia em que Jimmy foi ao serviço de recrutamento. A temperatura caiu, o tempo ficou chuvoso e ventou muito, derramando cascatas de folhas douradas e castanho-avermelhadas que até então haviam sido belas. Para Belle, era um presságio de que toda a felicidade que eles haviam dividido estava terminando, mas ela segurou as lágrimas e colocou em uma mala meias grossas e quentes, roupas de baixo, sabonete e pequenos itens de conforto, esforçando-se para não pensar se os preciosos dois dias que ainda teriam juntos seriam os últimos.

Na manhã em que Jimmy havia de pegar o trem para a Ponte de Londres para se juntar aos outros homens do Regimento Real de Sussex, o céu estava tão acinzentado como o coração de Belle e um vento frio silvava sob a porta dos fundos. Garth fez comentários joviais durante o café da manhã sobre quão boa fora a despedida no bar na noite anterior, mas era claro que ele também temia o momento em que seu sobrinho partisse. O rosto de Mog estava amortalhado em tristeza enquanto embalava sanduíches e bolo para Jimmy levar consigo, e Belle não podia confiar em si mesma para falar.

Às 8 horas, os quatro estavam na estação de Blackheath, e Belle agarrou-se a Jimmy enquanto Mog e Garth observavam. Quando os primeiros de seus clientes haviam se alistado, ambos ficaram do lado de fora do pub encorajando-os em sua marcha, mas desde então haviam visto listas de baixas e a realidade da guerra havia começado. Agora, a ansiedade estava entalhada no rosto de todos.

— Você vai estar em meu coração a cada minuto de todos os dias e noites — sussurrou Belle.

Na Ponte de Londres, Jimmy embarcaria em um trem de tropas para Dover e depois viajaria de navio para a França, onde faria seu treinamento básico em Etaples. A plataforma estava apinhada de grupos de amigos e parentes que vieram para dizer adeus a seus homens. Alguns eram simples garotos, sendo mimados por mães e irmãs chorosas. Havia alguns homens já de uniforme, talvez retornando de licença, um punhado de oficiais elegantemente trajados, mas muito mais homens da idade de Jimmy. Belle supunha que, tais como Jimmy, eles acharam que a pressa inicial para se alistar fora imprudente, mas agora, sob a vigília das penas brancas e cartazes de Kitchener, sentiam que tinham de ir.

Ela reparou que uma das esposas estava grávida de muitos meses, e seu rosto estava manchado, como se ela tivesse chorado durante toda a noite.

— E você vai estar em meu coração a cada segundo — sussurrou Jimmy no ouvido de Belle. — Não se acostume a ocupar a cama toda. É provável que eu me mostre um atirador tão ruim que eles me devolvam direto para você.

Belle forçou um sorriso. Jimmy vinha fazendo piadas sobre sua partida desde que se inscrevera. Mas suas bravatas não a enganavam; ela sabia que ele estava assustado.

Ela pôde ouvir o trem se aproximando, e saber que isso significava que ela tinha apenas mais cerca de um minuto com ele trouxe-lhe aos olhos lágrimas contra as quais ela vinha lutando desde o momento em que acordara, algumas horas antes, com

Jimmy fazendo amor com ela. Cada carícia havia sido tão delicada, cada beijo, tão doce, que parecia impossível que a morte fosse algum dia separá-los. Mas agora, à medida que o trem se aproximava com seu estampido, isso não parecia tão certo.

— Deixe-me ir até a Ponte de Londres com você — implorou ela.

— Não, minha querida — disse ele, envolvendo-a nos braços e segurando-a bem apertado. — Já é ruim o bastante dizer adeus aqui. Seria ainda pior lá, e você teria que voltar sozinha.

— Você vai escrever, não vai? — perguntou ela.

— É claro que vou, todos os dias que eu puder, mas o correio provavelmente vai ser lento, então não fique chateada se houver atraso.

O trem agora chegava à estação, com a fumaça envolvendo-os enquanto a locomotiva passava. Jimmy beijou-a novamente e, em seguida, virou-se para abraçar Mog e Garth.

— Fique a salvo por nós — disse Mog com voz trêmula.

— Mantenha-se discreto, filho — aconselhou Garth rispidamente.  
— Não banque o herói, deixe isso para outra pessoa.

De repente, as portas dos trens foram abertas todas de uma vez e o guarda-cancela soprou seu apito para dizer a todos que entrassem. Belle agarrou Jimmy e abraçou-o firme.

— Eu amo você — sussurrou enquanto ficava na ponta dos pés para beijá-lo. — Fique a salvo por mim.

Ele teve que se desligar dela e embarcar no trem, mas, depois de fechadas as portas, ele se inclinou para fora da janela aberta, soprando beijos para ela. Deu-se o apito final, o trem começou a se mover e Belle caminhava a seu lado, andando cada vez mais rápido com ele até que começasse a correr, com lágrimas escorrendo-lhe pelas faces.

Ela viu Jimmy limpar os olhos e pronunciar as palavras “Eu amo você”; então, de repente, ela ultrapassara a plataforma e teve que

parar. Só então percebeu que não estava sozinha; pelo menos 20 outras mulheres tinham feito o mesmo que ela. E todas ficaram chorando ao final da plataforma até que o trem saiu do raio de visão.

Pareceu-lhe então que esta fora a primeira vez em que vira tamanha exposição pública de emoção, e ela virou-se para uma garota ainda mais jovem, que chorava histericamente, e envolveu-a com os braços.

— Tenho certeza de que eles vão ficar bem — murmurou ela, oferecendo conforto.

— Por que ele teve que ir? — perguntou a menina aos soluços. — Implorei a ele que não fosse.

— Porque eles acreditam que é a coisa certa a fazer, e devemos ser fortes e admirar a convicção e coragem deles — respondeu Belle.

Conforme ela e as outras mulheres voltavam ao longo da plataforma, muitas estendiam a mão para tocar no ombro ou no braço das outras, apenas um pequeno gesto de tristeza e compreensão compartilhadas. Isso fez Belle recordar a maneira como tinha sido com as outras garotas na casa de prostituição de Martha, em Nova Orleans: uma irmandade silenciosa, mas profundamente sentida, o que, a seu modo, era mais reconfortante do que meras palavras vazias.

Duas semanas depois que Jimmy partiu para a França, Belle estava sentada em uma cadeira da loja no fim da tarde, lendo mais uma vez a primeira carta decente que recebera dele. Estava chovendo forte e escurecendo a cada minuto, mais um lembrete indesejável de que o inverno não estava longe, e ela levantou-se para acender as luzes.

Ela recebera um cartão-postal uma semana antes. Era uma foto um tanto embaçada do porto de Boulogne, que ela supôs que ele comprara ao sair do barco, pois Jimmy escrevera no cartão em seu primeiro dia em Etaples. Eram apenas poucas linhas, só para dizer que tinha chegado e estava dividindo uma choupana com outros

nove homens. Ele avisara que conseguiria muito tempo para escrever uma vez que os dias seriam longos com prática de tiro, treino miliar e treinamento físico, com sobe e desce pelas dunas nas praias.

Aquela primeira semana sem ele tinha se arrastado para passar; ela sentia falta do calor de seu corpo quente na cama, ao lado dela, sua mão no ventre dela, o qual parecia ter ficado subitamente maior desde que ele partira. Sentia falta de jantar com ele à noite, de suas piadas sobre os clientes no bar, fragmentos de fofocas da vila. Garth e Mog tentaram compensar isso; Mog entrava furtivamente no quarto à noite para beijá-la e aconchegá-la na cama, Garth levava seus sapatos para limpar e perguntava sobre seu dia na loja. Mas, por mais amáveis e queridos que fossem, eles não poderiam preencher o buraco que Jimmy havia deixado.

Todos sentiam isso, a ausência do assobio dele vindo da adega lá embaixo, o passo leve nas escadas, o riso e o charme contagiantes. Mog ficara aos prantos uma tarde em que havia tirado alguns pãozinhos do forno e os colocados em uma bandeja para esfriar e ele não estivera lá para apanhar um na maior cara de pau enquanto ela estava de costas. Garth tornara-se tão acostumado com Jimmy fazendo a maior parte do trabalho pesado, deslocando barris e transportando caixas de cerveja para dentro, que, agora que precisava fazer tudo isso sozinho, suas costas doíam e ele lutava para dar conta do serviço antes de abrir o bar.

Finalmente receber uma carta de verdade fora um alívio para todos os três. Era bom ter um vislumbre do que demandava seu treinamento, ouvir sobre os amigos que ele fizera e saber que ele estava segurando as pontas.

Jimmy começara a carta em sua segunda noite no campo de instrução militar, contando a Belle sobre os homens com quem dividia a choupana, sobre o treinamento e até sobre a comida. Ele fizera amizade com um homem chamado John Dixon, de Woolwich. Descreveu-o como chamativo, engraçado e um pouco velhaco, e disse que ele o lembrava alguns homens em Seven Dials.

Daí ele deveria ter tido de parar de escrever e retomado a carta na noite seguinte, após um longo dia de exercício de tiro com fuzil. “Fui um inútil”, escreveu ele. “Tivemos que atirar várias e várias vezes no alvo e depois ir até ele para ver onde tínhamos acertado. Eu não tinha chegado nem perto do alvo, nem sequer uma vez. O sargento me chamou de cabeça de cenoura imprestável, entre mais alguns insultos que não vou repetir.”

O dia seguinte fora de treinamento físico. Jimmy tinha conseguido fazer 30 flexões antes de falhar, mas a maioria dos outros não tinha passado de 10. “Sempre suspeitei que levantar barris devia ser bom para alguma coisa”, acrescentou ele. Nesse ponto, ainda que não chegasse a dizer de fato, ele soou como se estivesse achando tudo muito difícil e assustador. Disse que alguns dos homens cambaleavam de exaustão depois de uma longa corrida pelas dunas.

Só o fato de que ele não escrevia mais do que poucas linhas seguidas era uma evidência de que eles eram mantidos ocupados desde o amanhecer até tarde da noite, mas um par de dias depois ele escreveu com algum orgulho que marcara 70 acertos em 100 no tiro ao alvo e conseguira fazer 50 flexões.

Conforme Belle prosseguia na leitura, pensava que aquilo parecia o pior dos pesadelos: inspeções de equipamento, correr a passo acelerado por milhas com uma mochila cheia nas costas, rastejar de barriga sobre dunas de areia molhada, exercício com a baioneta e carregamento rápido de fuzil. Ele também disse que continuava chovendo e fazia frio.

Mencionou algo chamado Bull Ring, onde faziam treinamento em quartel, e disse que a vila de Etaples era um lugar esquecido, em ruínas, que nem sequer tinha uma loja decente. As imagens que criava para ela eram todas tão sombrias; no entanto, ele soava surpreendentemente alegre, mesmo quando descreveu usar as botas que lhe haviam fornecido como ter um pedaço de chumbo em cada pé.

Mas a melhor coisa na carta dele foram seus pensamentos sobre ela. "Imagino você escovando os cabelos à penteadeira, o modo como caem sobre seus ombros, cabelos tão brilhantes como alcatrão. Ou vendo você quando sai para a loja às manhãs, toda formal e abotoada até o pescoço. Penso na maneira como você come maçãs, o reflexo dos dentinhos brancos e sua língua toda rosa e pontuda quando você lambe os lábios."

Ela supunha que ele viesse pensando em muito mais coisas pessoais sobre ela, mas não poderia arriscar-se a escrevê-las, pois sabia que as cartas poderiam ser lidas por um censor e que ela leria algumas delas para Garth e Mog. Mas ele terminara dizendo: "Você está em minha mente o tempo todo. Fico me perguntando o que você está fazendo, se está se sentindo sozinha sem mim. Penso em nosso bebê crescendo dentro de você e rezo para estar de volta antes que ele ou ela tenha nascido. Espero que você não esteja com raiva de mim por ter partido bem quando você mais precisa de mim".

Belle escrevera-lhe uma carta todos os dias desde que ele partira, postando-as ao voltar para casa no início da noite. Mas achava difícil pensar em coisas diferentes para dizer a ele, visto que cada dia para ela era igual ao anterior. Tentar tornar suas cartas divertidas era ainda mais difícil. A maioria de seus clientes eram pessoas bem comuns, e era raro que alguém dissesse alguma coisa que ele viesse a achar remotamente engraçada. Às vezes, quando ela repassava o que Mog lhes fizera para o chá da noite anterior, ou transmitia uma mensagem que chegara através de Garth para ele de um dos clientes, sentia que a carta mal era digna de ser lida. Mas ela sempre tentava encontrar alguma velha memória em comum para fazê-lo sorrir, dizia-lhe quanto sentia sua falta e o que ele significava para ela. Então, ao pé de cada carta, ela desenhava algo, um coelho, um gato ou algum outro animal bonito e pequeno, e acrescentava um chapéu.

Ela apanhou a carta que escrevera para ele mais cedo, na qual lhe contava sobre uma aranha enorme vista em sua bancada de

trabalho naquela manhã. Quase morrera de susto, colocara um copo sobre ela e depois correra para a loja ao lado para pedir ao Sr. Stokes, o sapateiro, que fosse até lá para removê-la.

Assim, ao pé da página, ela começou a desenhar uma aranha cômica e gorda usando cartola, e riu de si mesma enquanto a desenhava, lembrando como Jimmy achava engraçado que ela tivesse tanto medo de aranhas.

O sino da porta tilintou e ela levantou-se num pulo, colocando sobre o balcão seu caderno de anotações.

Era um homem grande, vestido com um casaco impermeável, comprido e bastante molhado, e o primeiro pensamento dela foi se perguntar se poderia pedir a ele que tirasse o casaco e o deixasse junto à porta, porque ela não o queria pingando por todo o assoalho.

— Boa tarde, senhor — disse ela educadamente. — Posso ajudá-lo?

— Quero um chapéu — respondeu ele muito bruscamente.

— Não vendo chapéus de cavalheiros, senhor — replicou ela, presumindo que era o que ele queria, uma vez que não usava um e sua cabeça quase calva cintilava de chuva. — Mas a poucas lojas daqui, descendo a rua, há um ateliê de roupas para cavalheiros que vende.

— Eu disse que queria um chapéu masculino? — devolveu ele, irritado.

De repente, Belle ficou assustada. Embora parecesse e soasse respeitável o suficiente a distância, havia um cheiro bolorento vindo dele que a fez lembrar-se de Sly, um dos homens que a haviam raptado quando ela tinha 15 anos. Ele tinha um bigode, mas não estava aparado, e exibia uma barba rala no queixo. Ao olhar mais atentamente, ela viu que o colarinho da camisa estava muito sujo.

— Então, talvez o senhor queira comprar um chapéu para sua esposa? — perguntou ela.

Ela nunca antes se sentira amedrontada na loja. Mas agora, quando viu quão escuro estava lá fora, na rua, e deserto também, por causa da chuva, percebeu que poderia parecer um alvo fácil para um ladrão que olhasse através da janela da loja e visse que ela estava sozinha.

— Quero dinheiro — rosnou ele, e, enfiando a mão no bolso, sacou um cassetete de madeira, curto e robusto.

Atônita e aterrorizada, Belle ficou olhando para ele. Ele a havia deixado nervosa, mas por isso ela não esperara.

— Quase não recebi dinheiro hoje — disse ela arquejante. Era verdade; ela vendera apenas um chapéu, e este era de feltro barato e custava dois xelins. Com o troco excendente que mantinha na gaveta do balcão, talvez houvesse sete ou oito xelins ao todo.

Ele franziu o lábio em resposta.

— Não minta para mim, eu sei que seu negócio vai bem.

— Não hoje. Não parou de chover e está frio — disse ela.

Ele avançou em movimento brusco, brandindo o cassetete, e Belle encolheu-se de medo, cobrindo a cabeça com as mãos.

— Não me bata, vou lhe dar o que tenho! — gritou ela.

Quando o golpe esperado não veio, ela espiou por entre os dedos. Ele já estava junto à gaveta do balcão, tirando todo o troco que havia ali e colocando-o no bolso. Isso provou que ele já a estivera observando em outra ocasião, uma vez que a gaveta era minúscula e não imediatamente óbvia.

— Certo, cadê o resto? — perguntou ele, indo novamente em direção a ela. — Se você não me der, vou destruir a loja e depois você!

O coração de Belle acelerou de medo. O desespero estava estampado por todo o rosto do homem, e ela sentiu que ele realmente faria o que dizia.

— Não há mais dinheiro — insistiu ela. — Só vendi um chapéu barato, não guardo nenhum outro dinheiro aqui.

— Não minta para mim! — gritou ele. — Vá pegar o dinheiro agora.

Houvesse qualquer outro dinheiro em algum lugar, Belle teria corrido para buscá-lo. Ela tivera discussões suficientes com homens desesperados antes para saber que o apaziguamento era imprescindível.

— Juro que não tem mais — disse ela de modo frenético. — Se tivesse, daria para você.

Com isso, ele balançou o cassetete na direção de seu espelho de cavalete e quebrou o vidro. Estilhaços caíram tilintando no chão.

— Vá pegá-lo ou você vai ser a próxima! — gritou para ela.

Belle não sabia o que fazer. A porta dos fundos estava trancada a ferrolho e, ainda que ela tentasse alcançá-la, ele a pegaria antes que ela tivesse uma chance de abri-la e escapar.

— Não posso pegar algo que não está aqui! — gritou ela. — Você já está com tudo o que tinha.

Ele deu uma espécie de rosnado furioso e avançou num salto, descendo com força o cassetete no ombro dela. Belle gritou de dor e cambaleou para trás, agarrando o ombro.

— Está lá dentro, não está? — Ele apontou o cassetete para a sala de trabalho ao fundo.

Belle estava com as costas na parede junto à porta do fundo da loja.

— Se conseguir achar algum dinheiro lá dentro, pode pegar — disse ela aos soluços.

Quando ele se moveu como para entrar na sala dos fundos, ela viu sua chance e lançou-se em direção à porta da frente. No entanto, quando segurou na maçaneta para abrir a porta, ele estava ali atrás dela e agarrou-a pelo ombro, arrastando-a de volta.

— Você não vai a lugar algum, sua vadia! — gritou para ela, erguendo novamente o cassetete e descendo-o com tanta força em suas costelas que ela se dobrou e caiu no chão. Mas ele não estava satisfeito com isso e, levando a perna para trás, deu um chute nela.

Na fração de segundo enquanto a perna dele se movia, ela tentou proteger a barriga com os braços, mas já era tarde demais. A bota foi com tudo em seu abdômen, fazendo-a escorregar pelo chão até bater contra o balcão.

A dor foi tão violenta que ela nem tentou ficar de pé. Em vez disso, encolheu-se, mal sendo capaz de enxergar. Ela o ouviu trancar a porta da frente e baixar a veneziana; e, certa que ele agora a mataria, seu único pensamento foi: o que seria de Jimmy?

Mas ele simplesmente passou por cima dela e entrou na sala de trabalho. Ela o ouviu fazendo muito barulho por toda a sala, derrubando as caixas de enfeites das prateleiras como alguém possuído. Ela tinha quase certeza de que ele colocara no bolso a chave da porta. Tentar alcançar o telefone não era uma opção, pois ele a deteria no momento em que a escutasse. Ela não podia lutar com ele, nem mesmo se atrevia a gritar de dor por medo de que isso o enfurecesse ainda mais. Assim, permanecer imóvel e aparentemente inconsciente no chão parecia a única coisa a fazer, pois, assim que ele tivesse se convencido de que não havia mais dinheiro em lugar nenhum, ele iria embora.

Era tão difícil simplesmente ficar ali deitada quando o que ela queria era gritar por causa da imensa dor que sentia. De algum modo, porém, conseguiu fazê-lo. Abriu os olhos uma vez ao ouvir uma lata sendo aberta e o viu enchendo os bolsos do casaco com os biscoitos que havia dentro.

A dor era tão ruim que a sala começou a girar, e a última coisa em que ela se lembraria de ter pensado era que ia vomitar.

— Sra. Reilly! Sra. Reilly!

Ela ouviu a voz de um homem como se vinda de muito longe dali e abriu os olhos com esforço.

— Ah, graças a Deus! — exclamou ele. — Por um minuto eu pensei... — Ele se interrompeu. — Agora, não se mexa, tem vidro quebrado por toda parte. Vou chamar ajuda.

Belle estava consciente o bastante para saber que se tratava do Sr. Stokes, o sapateiro da loja ao lado, mas ela não sabia por que estava com tanta dor ou por que jazia no chão coberto de vidro. Tudo só voltou a ela quando ouviu várias outras vozes masculinas e reconheceu uma como sendo do Dr. Towle.

Achara o Dr. Towle um tanto pomposo quando ela lhe perguntara sobre sua gravidez. Era alto e muito bonito, com grossos cabelos negros e olhos de um azul intenso, e sentira que talvez sua postura fosse tal porque muitas pacientes o idolatravam. Mas agora, conforme tomava ciência do modo afável e gentil com que ele a examinava ali, deitada no chão da loja, e de sua indignação genuína por ela ter sido agredida de tal maneira, ela percebeu que ele não era apenas um bonitão engomado, mas um homem compassivo.

Ela conseguiu contar a um policial que também estava ali sobre o ladrão que a agredira. Depois, Garth apareceu e, com a ajuda de outro homem, colocaram-na em uma maca e levaram-na para casa.

— Você foi exposta a uma agressão horrível — comentou o Dr. Towle com ar condoído, quando ela já estava de volta ao lar, em sua própria cama. — Mas preferi que fosse trazida para cá em vez de colocá-la no hospital, pois creio que vá se recuperar mais depressa com os cuidados da Sra. Franklin.

Belle não era capaz sequer de acenar com a cabeça para mostrar seu apreço por estar novamente com Mog e Garth.

— Está tudo bem com o bebê? — ela conseguiu perguntar enquanto ele usava um pequeno instrumento prateado semelhante a uma trombeta para escutar seu ventre.

— O coração dele ainda está batendo — respondeu o Dr. Towle, dando um tapinha na mão dela em sinal de simpatia por sua ansiedade. — Mas é essencial que fique na cama, pois suspeito que esteja com duas costelas quebradas. Eu as enfaixei para possibilitar que se reconstituam. Mas há pouco que eu possa fazer em relação ao ombro. Ele não está quebrado; a dor que você sente é a contusão severa decorrente de um golpe violento. Você vai ficar dolorida por alguns dias, e é relativamente comum, após um trauma do tipo, sentir-se deprimida por um tempo. Mas tudo isso vai passar, e eu vou ligar todos os dias para ver como está.

Depois de dar a Mog mais algumas instruções e certo remédio para aliviar a dor de Belle, o médico se retirou.

— Pobrezinha — disse Mog, curvando o corpo sobre a cama e colocando o cabelo de Belle para trás do rosto. — Só espero que capturem o demônio que fez isso com você. Garth disse que um dos policiais contou que houve um ataque semelhante contra um lojista em Lewisham, na semana passada. Acham que foi executado pelo mesmo homem.

— Pensei que ele fosse me matar — disse Belle com fraqueza. — Ele quebrou a loja inteira?

— Garth disse que estava uma bagunça, mas homens sempre exageram quando estão com raiva. Vou até lá de manhã para ver por mim mesma e colocar tudo em ordem. Mas você não vai voltar à loja, minha menina!

— O Sr. Stokes me encontrou — comentou Belle. — Ele viu o ladrão?

— Só um homem fugindo na direção da charneca — respondeu Mog. — Aparentemente, ele estava fechando a loja quando o homem saiu correndo da sua, e no mesmo instante um policial vinha subindo a rua. Mas o Sr. Stokes disse a Garth que no início achou que você estivesse morta.

— Não vamos contar a Jimmy sobre isso em nossas cartas — implorou Belle. — Não quero que se preocupe comigo.

— Preciso falar com Garth sobre isso — disse Mog. — Ele está tão furioso que quer pôr a raiva para fora. Mas penso que esteja certa, contar a Jimmy não serviria para nada.

Belle começou a chorar e Mog sentou-se na cama. Ela não podia abraçar Belle por medo de machucá-la mais, então apenas enxugou suas lágrimas.

— Calma, meu bem. Garth e eu estamos aqui para cuidar de você — disse ela em tom confortador.

— Sinto como se os maus tempos estivessem de volta — revelou Belle aos soluços. — Primeiro o alistamento de Jimmy, e agora isto! Eu deveria saber que a felicidade não poderia durar.

## Capítulo 6

**Belle foi acordada** por uma pontada forte. Não havia nada de incomum nisso; nos últimos dois dias desde a agressão, ela se habituara a ser acordada pela dor. Mas esta era diferente: não vinha das costelas nem do ombro, era na barriga e na região lombar.

Ainda estava escuro e ela podia ver o brilho tênue nos contornos das cortinas, proveniente da luz a gás lá da rua. Mas o remédio que Mog lhe dera a tinha deixado muito grogue e, quando a dor diminuiu, ela adormeceu novamente.

Foi acordada novamente por mais uma pontada. Não sabia quanto tempo se passara desde a anterior, talvez uma hora, talvez minutos, mas desta vez era ainda mais forte, o suficiente para fazê-la gritar. Pareceu chegar a um pico de dor, depois diminuiu lentamente e, ao desaparecer por completo, ela sabia do que se tratava.

O bebê estava chegando.

Deitada ali de costas, ela colocou as mãos sobre a barriga, sentindo a curva que esta fazia, e chorou, sabendo que um bebê não conseguiria sobreviver se nascesse com pouco menos de seis meses.

Puxando pela memória, ela pôde ver Miranda deitada na cama de almofadas na sala dos fundos da loja, parecendo sentir exatamente o que ela sentia agora. Seria esse o juízo divino por ela ter ajudado Miranda? Se sim, aquele era um Deus cruel, pois tudo o que ela fizera fora agir como enfermeira; ela não provocara o aborto, nem mesmo tomara parte na decisão de Miranda de fazê-lo. Tanto Jimmy quanto ela queriam esse bebê. Ele teria sido amado e educado, pois os dois queriam lhe dar tudo o que eles mesmos não tiveram quando crianças.

Ou seria essa a punição por sua vida anterior como prostituta?

Outra pontada veio e ela se agarrou colchão enquanto a dor a consumia. Por mais que quisesse ficar em silêncio, não conseguia evitar os gritos, pois nunca experimentara dor tão violenta quanto essa antes.

A porta do quarto abriu-se e Mog entrou, carregando uma vela.

— O que é, meu bem? — perguntou ela.

— É o bebê — respondeu Belle arfante. — Me ajude!

— Ah, meu santo Cristo — exclamou Mog, indo até a cama e pousando a vela. — Há quanto tempo vem sentindo dores?

A dor diminuiu o bastante para Belle contar a ela. Enquanto a mulher mais velha ouvia, acendeu a luz a gás na parede, apanhou um lençol limpo de uma arca, dobrou-o e enfiou-o por debaixo de Belle.

— Só vou acordar Garth e mandá-lo chamar o médico — disse ela, como sempre calma, mesmo em uma crise. — Vou me vestir e já volto. Agente firme, não vou demorar.

Belle percebeu vagamente Garth falando alto com Mog no patamar. Ela ouviu seus passos pesados nas escadas, e a porta lá de baixo se fechou atrás dele com uma batida. Mog voltou logo depois com um jarro de água quente e algumas toalhas.

— Eu queria enforcar aquele desgraçado que fez isso com você — asseverou ela enquanto lavava as mãos e o rosto de Belle com uma flanela. — Mas, por ora, só temos que passar por isso juntas.

As dores iam e vinham, cada uma ainda mais forte que a outra e com menos intervalo entre elas. Mog segurou a mão de Belle, banhou-lhe o rosto com água fria e falou em tom confortador, dizendo a ela que o médico logo estaria ali.

Belle não podia responder, pois, mesmo entre uma dor e outra, ela se preparava para a seguinte, e quando esta vinha, era de ver estrelas, uma agonia horrível que ela pensou que pudesse matá-la.

O Dr. Towle chegou no exato instante em que o bebê começava a sair. Mog cobriu o rosto de Belle com as mãos quando ele afastou a roupa de cama e, embora Belle não pudesse ver o que eles podiam, dava para sentir a massa quente e escorregadia entre as pernas e a sensação de líquido fluindo dela.

Daí em diante, tudo se tornou borrado e desconexo. Recobrada a consciência, viu que o médico já lhe ouvia o coração por meio do estetoscópio.

— Lamento muito, Sra. Reilly — disse ele. — Tinha muita esperança de que as lesões que a senhora recebeu não fossem resultar nisso, mas essas coisas estão fora de nosso controle.

Ela não teve que perguntar se o bebê estava morto. Sabia que não tinha chance alguma.

— Era menino ou menina? — ela conseguiu perguntar.

— Uma menina, mas pequenininha demais para respirar — respondeu ele com a voz rouca de emoção.

Jimmy queria uma menina e desejava chamá-la de Florence. Incontidas, lágrimas escorreram pelo rosto de Belle; ela sentiu que tudo fora tirado dela.

— A Sra. Franklin e eu vamos limpá-la agora e dar-lhe algo que a ajude a dormir — falou o médico enquanto lhe tomava o pulso. — Queria que estivesse em meu poder acabar com seu sofrimento também, mas receio que só o tempo fará isso.

Belle sentiu outra torrente de sangue fluir de seu corpo e fechou os olhos, não querendo ver o pânico no rosto querido de Mog.

Eram 10 horas da manhã quando Mog desceu as escadas com o Dr. Towle para acompanhá-lo até a porta. Os dois cambaleavam de exaustão. O avental branco de Mog jazia ensanguentado e o médico não ostentava a habitual imagem imaculada, pois tinha barba por fazer e os olhos injetados de sangue.

O céu estava cinza-escuro e fazia muito frio. Dava para escutar Garth movendo barris lá embaixo na adega, pois ele deixara a porta aberta.

— Ela vai se recuperar? — perguntou Mog, trêmula. Belle perdera uma quantidade enorme de sangue, e a certa altura fora como se não houvesse nenhuma possibilidade de salvá-la. Mas o médico fizera-lhe uma compressa de gaze e agora a situação estava nas mãos de Deus.

— Ela é jovem e forte — disse o Dr. Towle com um suspiro profundo, como se tentasse procurar pontos positivos. — Se ela passar as próximas 24 horas sem mais uma hemorragia e nenhuma infecção se manifestar, então acho que vai se recuperar totalmente. Vou providenciar uma enfermeira para ficar com ela. A senhora é admirável, Sra. Franklin, mas agora está esgotada e Belle vai precisar de cuidados especializados.

— Tudo o que for melhor para ela. — Mog assentiu com a cabeça. — Não suportaria perdê-la.

— A senhora é tia dela? — perguntou ele, olhando-a com ar curioso. Ele sabia que o Sr. Franklin era tio de Jimmy Reilly, mas sentira o profundo amor que essa pequena mulher tinha para com sua paciente, e isso parecia muito mais forte do que se as duas fossem aparentadas apenas pelo casamento.

— Eu era governanta da mãe dela — respondeu Mog. — Mas criei Belle desde bebê.

— Compreendo — ele anuiu com a cabeça. — Bem, a senhora fez um bom trabalho, ela é uma jovem encantadora, e minha esposa diz que ela é uma modista muito talentosa. É uma pena que o marido dela tenha recentemente partido para a França. Estou certo de que a presença dele aqui e agora faria muito bem para ela.

— Devemos tentar trazê-lo de volta para casa, então? — perguntou Mog. — Belle não queria que ele soubesse sobre a agressão por medo de preocupá-lo, e suponho que ela diria a mesma coisa em relação ao que aconteceu hoje.

— Sim, mas pelo que ouvi sobre Jimmy diria que ele é o tipo que gostaria de estar aqui para consolar a esposa. É óbvio que vai levar tempo para que ele seja contatado e para que regresse, mas acho que isso deve ser feito.

— Mas como, doutor? — perguntou Mog, torcendo o avental nas mãos em sinal de agitação. — Não sei a quem recorrer para esse tipo de assunto.

— Apenas me informe o regimento dele e outros detalhes e deixe isso comigo. Tenho um pouco de influência da qual posso me valer para trazê-lo de volta.

Depois de dar a Mog instruções sobre os cuidados de Belle até a chegada da enfermeira e anotar as informações sobre Jimmy, o Dr. Towle se retirou, dizendo que voltaria à noite.

Garth entrou na cozinha enquanto Mog colocava a roupa suja na tina para deixá-la de molho. Ele olhou, por cima do ombro dela, para a água fria sendo tingida de vermelho e empalideceu.

— Ela vai se recuperar? — perguntou.

— Eu não sei. — Mog virou-se para o marido e irrompeu em lágrimas.

Ela o ouvira subir e descer o patamar da escada durante a noite, e isso a ajudara a saber que ele estava com tanto medo quanto ela. Garth colocou os braços ao redor de Mog e segurou-a com firmeza.

— O destino não poderia ser tão cruel a ponto de levá-la agora, desse jeito, não depois de tudo que ela passou e de tudo que ela significa para Jimmy e para nós — sentenciou ele, com a voz trêmula de emoção.

— Tenho que voltar para ela — disse Mog, endireitando-se e enxugando os olhos na manga. — Você leva um pouco de carvão lá em cima para eu poder acender o fogo no quarto? Está esfriando muito, e quando a enfermeira chegar, não queremos que ela encontre um quarto frio.

— Você nunca pensa em si mesma? — perguntou ele em tom delicado, tocando-lhe a face carinhosamente. — Você só tinha dormido umas duas horas antes de isso acontecer. Parece exausta.

— Vou ficar bem assim que souber que ela está se curando — disse Mog.

Ele abraçou-a novamente e acariciou-lhe os cabelos.

— Suba até lá então e eu vou levar um pouco de chá e fazer o fogo para você.

Às 20 horas, Mog estava sentada na poltrona do quarto de Belle, observando as chamas bruxuleantes do fogo.

O Dr. Towle aparecera uma hora antes para refazer a compressa de gaze em Belle e sentira-se encorajado por não mais haver perda intensa de sangue e pelo pulso mais forte dela. Por isso, ele mandou a enfermeira Smethwick para casa, pedindo-lhe para voltar na parte da manhã para auxiliar Mog. Ele também disse que conseguira passar uma mensagem ao escritório de comando em Etaples e achava provável que Jimmy estivesse no próximo navio de volta para Dover.

Mog podia ouvir as carroças, carruagens e o estranho automóvel passarem na rua. Ela ouviu alguém com protetores de aço nas botas passar andando, mas o bar estava muito mais silencioso do que o habitual. Pensou que Garth tivesse dito aos clientes para controlar o barulho por causa de Belle. Havia sido um dia muito longo e doloroso.

Smethwick, embora fosse uma enfermeira muito boa, era uma das mulheres mais mandonas que Mog já tivera a infelicidade de conhecer. A primeira coisa que ela exigira fora que Mog removesse tudo o que ela chamara de “inutilidades” do quarto, o que incluía as elegantes almofadas, as toalhas rendadas de mesa de cabeceira, o cabideiro de chapéu em que havia cerca de seis lindos chapéus e inúmeros lenços e a colcha franjada. Mog salientara que Belle ficaria chocada ao encontrar-se em um quarto despojado de todas as

coisas que ela amava, mas a enfermeira insistira que estas abrigavam germes. E assim fora durante todo o dia, com Mog recebendo ordens aqui e ali para atender aos mandos da mulher. Nem uma vez sequer sugerira a Mog que tirasse um descanso, ainda que ela mal estivesse se aguentando de pé de tanto cansaço.

Ela ainda insistira que Mog saísse para comprar um pouco de fígado, que deveria ser cozido ligeiramente no leite, e alimentasse Belle quando esta se sentisse capaz de comer, para enriquecer o sangue dela. Mog salientou que Belle detestava fígado e pensou que um copo de Guinness<sup>[4]</sup> cumpriria a mesma função, só que de uma forma mais palatável.

— Dar bebida alcoólica a uma enferma? — retrucara a enfermeira Smethwick. — Só faltava essa!

Mog evitou qualquer outro confronto com ela, mas planejou dar a Belle um pouco de Guinness no dia seguinte se ela continuasse na mesma, uma vez que era uma de suas bebidas preferidas.

Ela tinha a intenção de tirar um cochilo junto ao fogo, mas, agora que podia descansar, parecia não conseguir manter os olhos fechados. Levantando-se da cadeira, foi dar uma olhada em Belle. Apenas à luz do fogo e com uma vela ao lado da cama, não pôde dizer se a cor estava voltando ao rosto dela, mas ela parecia tranquila. Seu cabelo escuro estava sem vida e emaranhado e seus lábios pareciam rachados, mas para Mog ela ainda estava bela. Recordou-se de como cuidara dela quando contraíra sarampo aos 5 anos. Mog não arredara pé do lado dela no quarto escurecido durante duas semanas, esfregando-a com uma esponja para baixar a febre, apavorada que ela viesse a perder a visão assim como tantas crianças com a doença. Annie só chegava até a porta para ver como ela estava. Alegava que era porque não queria correr o risco de propagar a doença, mas Annie sempre tinha uma desculpa para sua falta de instintos maternos.

“Eu deveria enviar um telegrama para ela”, pensou Mog, sentindo-se culpada por não a ter pensado nisso depois da agressão

que Belle sofrera e, portanto, não a ter preparado para o que acontecera hoje.

A relação de Mog com Annie estremecera quando o bordel fora incendiado após o sequestro de Belle. Dois anos mais tarde, quando Belle voltara da França, elas reataram a amizade por causa dela e Mog convidara Annie para seu casamento. Ela viera também ao casamento de Belle e ajudara com os preparativos, mas a realidade é que tudo o que tinham era um passado em comum. Não raro, Mog se perguntava se poderia afirmar que elas foram alguma vez amigas de verdade. Olhando para trás, parecia muito mais uma relação de patroa e empregada.

Todavia, ainda que Annie fosse dura como pedra e não demonstrasse seus sentimentos, Mog sabia que ela amava a filha. Belle dissera que, da última vez que ela a visitara e contara-lhe que estava esperando um filho, Annie confessara a esperança de sair-se melhor como avó.

Uma lágrima escorreu pela face de Mog. Quando Belle engravidara, ela ficara tão animada e emocionada que se esquecera completamente de esperar seu próprio bebê. Ela já tricotara dois casaquinhos e fizera várias camisolinhas e estava prestes a começar uma manta.

As roupas não importavam; poderia dá-las a outra jovem mãe. O que realmente doía era que todos aqueles pequenos devaneios encantadores que ela tivera foram estilhaçados. Não poderia levar o bebê num passeio de carrinho charneca acima. Não haveria férias de família à beira-mar, nem ela encheria uma meia com presentes no Natal nem levaria uma garotinha ou garotinho a pé até a escola. O Dr. Towle dissera-lhe essa noite que ele consideraria imprudência Belle tentar outro bebê, pois havia uma chance de ela ter sofrido danos internos, e o aborto poderia se repetir.

Jimmy ficaria devastado. Certa vez, ele dissera a Mog que esperava que eles tivessem pelo menos quatro filhos. Ele não amaria Belle menos, é claro, mas ela sabia que ele quereria descarregar sua

fúria sobre o homem que tinha roubado e espancado a esposa. Ele nunca se importaria com o dinheiro roubado ou os danos causados à loja, mas aquele ímpio roubara Belle e Jimmy da coisa mais preciosa na vida.

Belle mexeu-se e abriu os olhos.

— Por que está de pé aí? — perguntou ela, com a voz em um simples sussurro.

— Olhando para você, meu bem — respondeu Mog, sentando-se na beirada da cama. — Como está se sentindo?

— Eu não sei — respondeu ela. — Faz muito tempo que estou aqui?

— Um bom tempinho — disse Mog. — São quase 22 horas. Mais de 24 horas desde que começou.

— Tenho estado dormindo desde que aconteceu?

Mog percebeu então que, uma vez que Belle passara a maior parte do dia perdendo e recobrando a consciência, ela não tinha noção de quão perigosamente perto estivera da morte.

— Sim, na maior parte do tempo — respondeu ela. — E você pode voltar a dormir novamente, mas primeiro me deixe buscar uma bebida para você. O médico disse que você deve beber um pouco de leite quente com uma gota de conhaque. Vou buscá-lo agora.

Mog voltou com o leite, não apenas com a adição de conhaque, mas também do remédio que o médico deixara para ajudar Belle a dormir. Ela colocou um braço por trás dela e ergueu-a cuidadosamente, de forma a não abalar seu ombro lesionado, e segurou o copo contra seus lábios.

— Beba tudinho — disse ela, do mesmo jeito que fizera quando Belle era garotinha. — Vai sentir-se melhor.

Era agradável vê-la beber tudo, pois não tomara nada senão goles de água durante todo o dia. Ao terminar, Mog deu uma sacudida nos travesseiros para desamassá-los e deitou-a novamente.

— Como vou contar a Jimmy? — perguntou Belle, com os olhos enchendo-se de lágrimas.

— Vamos pensar nisso pela manhã — respondeu Mog. — Vou passar esta noite aqui com você, só para o caso de querer alguma coisa.

— Deite-se na cama comigo. — Belle pegou na mão de Mog. — Por favor. Não quero você sentada em uma poltrona durante toda a noite, pois deve estar muito cansada.

Passou pela cabeça de Mog que a enfermeira Smethwick não aprovaria isso. Mas ela e Belle muitas vezes dividiram uma cama no passado, tendo sido um conforto nos maus tempos. Ademais, que importava o que Smethwick pensasse? Os desejos de Belle é que eram importantes.

— Se quer assim, eu me deito — disse Mog. — Só vou lá embaixo dizer boa-noite a Garth e colocar minha camisola. Volte a dormir agora.

Ela curvou-se e beijou a testa de Belle. Sentia-a quente, mas não febril. Teriam suas preces sido atendidas?

Durante todo o dia seguinte Mog ficou tensa. Belle parecia estável e tinha mesmo tomado umas colheradas da sopa, mas isso não significava que ela estivesse fora de perigo. Mog sabia que uma infecção poderia se manifestar a qualquer momento, e era isso que matava mulheres nessa situação.

A enfermeira Smethwick estava lhe dando nos nervos com seu jeito autoritário e superior. Ela deixara claro que não queria Mog entrando no quarto da enferma nem saindo dele, restando a ela apenas os afazeres domésticos e a preocupação.

Mog enviara um telegrama a Annie, que poderia aparecer a qualquer momento. Isso traria à casa ainda mais tensão. Garth não gostava muito dela e, se Annie mostrasse a personalidade difícil que lhe era usual, provavelmente o aborreceria. Tudo o que Mog realmente queria era que Jimmy aparecesse. Isso confortaria Belle e

daria a Garth um aliado masculino, e a força tranquila de Jimmy manteria as emoções dela sob controle.

Então, chegou o menino do telégrafo, trazendo uma resposta de Annie. "Peça desculpas a Belle. Impossível ir agora. Em breve. Annie."

— O que poderia ser mais urgente do que ver a filha doente? — perguntou Garth, franzindo o lábio do jeito que sempre fazia quando estava contendo os reais sentimentos.

Como sempre, Mog sentiu-se compelida a jogar panos quentes.

— Talvez ela esteja doente. Pode estar com um hóspede difícil. Qualquer coisa.

— O mais provável é que ela não veja a perda de um bebê como um problema, mas uma *boa* coisa — comentou Garth em tom grosseiro.

— Não diga isso — retrucou Mog. — Belle disse que ela ficou muito feliz com a possibilidade de ser avó.

— A única coisa que a faz feliz é fazer dinheiro — disse Garth e se retirou.

Assim que a enfermeira Smethwick foi embora à noite, Mog subiu para ver Belle. Ela estava acordada e parecia ter chorado.

— O que houve, meu bem? — perguntou Mog, sentando-se ao lado dela na cama.

— Queria que Jimmy estivesse aqui — disse ela com ar saudoso. — E estava me perguntando sobre como dar a notícia a ele.

— Bom, pode parar de se preocupar com isso. O médico passou uma mensagem para ele e pediu que fosse mandado para casa. Não lhe contei antes porque esperava que ele simplesmente passasse por aquela porta e você tivesse uma bela surpresa.

— Outra pessoa teve que contar a ele? — Belle pareceu horrorizada. — E por que deixariam que ele voltasse para casa por

isso? A menos que achassem que eu estava morrendo!

Mog engoliu em seco. Deveria saber que Belle só pensaria nos sentimentos de Jimmy, não nas próprias necessidades.

— O Dr. Towle disse que tinha alguma influência. Ele achou que você precisava de Jimmy aqui.

— E ele achou que seria uma gentileza deixá-lo fazer todo o trajeto de volta para casa pensando no pior?

— Tenho certeza de que o Dr. Towle deve ter contado ao comandante da guarda que você estava se recuperando, meu bem. Também conheço Jimmy bem o suficiente para saber que ele teria ficado furioso conosco se não tivéssemos ao menos tentado lhe mandar uma mensagem. Seria muito mais cruel contar-lhe a notícia em uma carta e deixá-lo imaginar todo tipo de coisa.

Belle cobriu os olhos com a mão e chorou incontrolavelmente.

— Nunca mais vai ser a mesma coisa. Todos os nossos planos deram errado. Jimmy está no exército e agora perdi o bebê. Não resta mais nada.

— Isso é bobagem — disse Mog em tom indignado. — Você e Jimmy ainda têm um ao outro, a guerra não vai durar para sempre. E também há a loja, assim que você se restabelecer.

Belle tirou a mão dos olhos.

— Sabe perfeitamente que nem Garth nem Jimmy vão permitir que eu volte lá. Vou ter que ser como todas as outras esposas na Inglaterra, enfiada em casa. Sem chance de ser eu mesma, apenas assistindo aos anos passarem sem nada por que esperar, nada a realizar.

Mog protestou porque achou que devia. Ela insistiu que Belle estava exagerando por ter perdido o bebê e estava vendo as coisas de maneira distorcida. Ela, porém, sabia que Belle estava certa. Garth e Jimmy não queriam que ela voltasse para a loja, ficariam com medo por ela depois do que tinha acontecido.

Se Belle tivesse sido como qualquer outra jovem comum e bem-criada, não estaria querendo nada mais do que apenas ser uma mulher muito bem-amada. Mas Belle não era comum. Ela não tivera uma infância normal, com uma mãe que cuidava dos afazeres domésticos enquanto o pai saía para trabalhar. Em sua idade mais impressionável, ela tinha sido arrancada de casa à força e aprendido coisas dos dois lados do oceano Atlântico que dizimaram sua inocência e ensinaram-na a viver de expedientes.

Mog sabia que Belle odiava distinção de classe, mas, desde o primeiro dia que abriu a loja, ela fora compelida a ser conivente com os "grã-finos", pois não conseguiria sobreviver sem essa clientela. Em casa, ela ficava sempre imitando as senhoras que entravam na loja, pavoneando-se por toda parte com o nariz empinado e queixando-se de quão exaustas estavam depois de uma prova de vestido, um almoço com as amigas ou mesmo um jogo de *bridge*.

Mog, Jimmy e Garth sempre acharam suas pequenas imitações muito cômicas, visto que ela retratava com vivacidade a estupidez vazia da vida daquelas mulheres. Elas faziam pouco por si mesmas, e seu único objetivo parecia ser que suas filhas se casassem bem e vivessem exatamente do modo como elas viviam.

Todavia, uma vez que Belle era uma modista tão talentosa, ela alcançara um status especial entre essas mulheres e acostumara-se a ser admirada por elas. Podia não gostar muito do que representavam, mas Belle tinha orgulho de conseguir ter um pé no mundo delas. Se desistisse da loja, seria vista imediatamente apenas como a esposa de um taberneiro, e aquelas mulheres que uma vez a trataram como amiga a abandonariam.

Belle precisava de pessoas quase tanto quanto de criatividade. Se ela tivesse tido o bebê, teria sido uma mãe boa e amorosa, mas ela possuía fogo, imaginação e inteligência demais para acomodar-se na vida de afazeres domésticos.

— Vai levar algum tempo até você voltar ao eixos — disse Mog com cautela, pois não queria colocar-se contra qualquer coisa que Garth ou Jimmy pudessem dizer. — Apenas descanse, melhore e fale com Jimmy quando ele chegar em casa. Ele é muito compreensivo, você sabe disso. Ele pode não querer que continue com a loja, mas não acho que por um instante ele se opusesse à ideia de você fazer algum trabalho voluntário de guerra.

— Distribuindo penas brancas como a mãe de Miranda? — disse Belle com certa amargura. — Ou você talvez preferisse que eu me juntasse a seu círculo de tricô? Consegue mesmo me ver fazendo esse tipo de coisa?

— Sabe o que penso daquelas mulheres estúpidas que distribuem penas brancas — retrucou Mog. — Há outros papéis a desempenhar, papéis úteis. Portanto, enquanto está deitada aqui, em vez de sentir pena de si mesma, por que não pensa sobre o que gostaria de fazer?

## Capítulo 7

— **Está bem, está bem,** estou indo — resmungou Garth enquanto subia os degraus da adega para atender à porta. Ele sabia que Mog estava com Belle, já que a enfermeira Smethwick ainda não tinha chegado, então, presumiu que fosse o Dr. Towle aparecendo mais cedo que de costume, pois eram apenas 7h30 da manhã.

Ele tirou os ferrolhos da porta lateral e girou a chave na fechadura para dar com Jimmy fardado do outro lado.

— Jimmy, meu rapaz! — exclamou, surpreso e encantado. — É um colírio para os olhos! Entre.

Jimmy tirou o quepe antes de entrar e então parou no corredor, erguendo o olhar para as escadas.

— Como ela está? O comando só me disse que ela havia perdido o bebê, mas sei que há mais coisa.

Garth nunca achara fácil falar de assuntos de mulheres e hesitou.

— Ela não está morta, está? — perguntou Jimmy, com os olhos arregalados de preocupação.

— Não, não! — Garth deu-lhe um tapinha no ombro. — Claro que não! Ela estava muito doente, mas achamos que está se recuperando agora. Ela vai ficar melhor ainda ao vê-lo.

Jimmy subiu correndo dois degraus por vez. Mog acabara de tirar a bandeja do café da manhã de Belle quando ele irrompeu no quarto.

— Jimmy! — exclamaram as duas mulheres.

Mog disse como era bom vê-lo e Belle irrompeu em lágrimas. Ela estava escorada em travesseiros, mas à luz do dia seu rosto era como pergaminho amarelado. Mog escovara os cabelos para ela, mas ainda pareciam opacos e sem vida.

Jimmy correu para abraçá-la, mas Mog o deteve.

— Tome cuidado com os ombros e as costelas, ainda estão doendo.

— Por quê? — perguntou ele, intrigado.

— Vamos explicar isso mais tarde — respondeu Mog.

Jimmy lançou-lhe um olhar desconcertado, mas sentou-se na beirada da cama e acariciou a face de Belle.

— Não chore, querida — disse ele. — Estou aqui agora, e você pode me contar tudo quando estiver pronta.

Mog pôde ouvir a enfermeira Smethwick subindo pesadamente as escadas.

— Essa é a enfermeira, e ela precisa dar banho em Belle no leito, entre outras coisas. Venha até a cozinha enquanto ela faz isso e eu lhe sirvo o café da manhã. Deve estar cansado e faminto, se viajou toda a noite.

— Não vou ser arrastado para longe da minha esposa por causa de uma enfermeira — declarou Jimmy, indignado.

Mog olhou para trás e viu a enfermeira Smethwick à soleira da porta. Era uma mulher simples e rechonchuda, com um rosto que lembrava um pedaço de massa folhada acinzentada, e ela ouvira claramente o comentário de Jimmy.

— Sua esposa, Sr. Reilly, precisa de uma enfermeira neste momento — sentenciou ela de maneira mordaz. — E não se sente na cama. Só Deus sabe que germes traz esse uniforme.

Jimmy ficou boquiaberto, mas Belle levantou-se com esforço dos travesseiros.

— Não ouse falar com meu marido desse jeito — exclamou ela. — Ele partiu da França e viajou a noite toda para chegar aqui. Pagamos a senhora por seus serviços de enfermagem, não para intimidar meu marido ou minha tia. Por favor, lembre-se disso se quiser trabalhar aqui.

Mog deu um sorrisinho satisfeito. Ela tinha certeza de que Belle devia estar melhorando, se podia enfrentar um dragão como Smethwick.

— Deixe-os por dez minutos, enfermeira — sugeriu Mog. — Desça até a cozinha e tome uma xícara de chá comigo enquanto faço o café da manhã de Jimmy.

Jimmy sorriu para Belle quando Mog e a enfermeira se retiraram.

— Onde encontrou aquela ogra? — perguntou ele.

Belle desabou sobre as almofadas.

— Mog disse que o médico a mandou, mas acho que ela simplesmente se materializa. Um castigo pelos pecados do passado.

— Agora, diga-me o que aconteceu — pediu Jimmy. — O que Mog quis dizer sobre seu ombro e suas costelas? Você esteve em um acidente?

Belle vinha tentando pensar em alguma forma de atenuar o acontecido na loja para que Jimmy a deixasse voltar para lá, mas, ao ver a profunda preocupação em seus olhos, e sabendo quão apreensivo ele devia ter ficado enquanto viajava para casa, ela percebeu que precisava contar toda a verdade.

Ela o via cerrando e descerrando os punhos enquanto lhe contava como tudo acontecera. Homens como ele e Garth não eram do tipo que apenas se sentava e esperava a polícia e os tribunais fazerem justiça. Ela estava bastante certa de que Garth já tinha oferecido uma recompensa a quem lhe dissesse o nome do agressor.

— Sinto muito, Belle — disse Jimmy, colocando-lhe uma mão no rosto, com os olhos cheios de lágrimas. — Eu não consigo suportar a ideia de alguém machucando você. Estou tão triste por nosso bebê também. Não consigo encontrar as palavras certas para consolá-la.

— Você já faz isso só por estar aqui — disse ela, tomando-lhe a mão e beijando-a. Ela pôde ver feridas e bolhas na mão dele, o que serviu de lembrete de que não havia sido fácil para ele também. —

Vá tomar seu café da manhã agora, e depois tome um banho e durma. Deixe a ogra vir cuidar de mim. E tente convencer Mog a descansar hoje, tenho certeza de que você pode imaginar como ela tem estado.

Ele sorriu com tristeza.

— O tempo todo, na França, só imaginava vocês todos falando e rindo na cozinha, tudo exatamente do mesmo jeito como sempre foi. Pensava que, se algo desse errado, seria comigo, nunca com você.

— Estou me recuperando agora — disse ela. — Vá, não se preocupe. Conversamos mais tarde.

Assim que Jimmy havia tomado o café da manhã e bebido três muito bem-vindas xícaras de chá, ele foi ter com Garth. Ele estava polindo os copos no bar e olhou ao redor com ansiedade quando Jimmy entrou e fechou a porta da casa atrás de si.

— Como foi o treinamento? — perguntou Garth. — O corte de cabelo é um pouco severo.

Jimmy sorriu melancólico e passou a mão pelos pouco mais de 2 cm de cabelo que haviam sido deixados pelo barbeiro do exército.

— Com sorte, não vou precisar de outro corte até o Natal — comentou ele. — Belle me contou sobre a agressão. Tem alguma informação sobre o sujeito que fez isso?

— Só que houve muitas agressões semelhantes nos últimos meses, em Lewisham, Catford e Greenwich — respondeu Garth. — A polícia acha que é o mesmo homem. Ele sempre ataca pessoas sozinhas nas lojas, geralmente no fim do dia. Acham que ele é de Deptford, mas você sabe como são as coisas lá.

Jimmy sabia: cortiços sombrios e superlotados, barracos parecidos com formigueiros e pessoas que não delatariam um dos seus.

— Se acham que é de Deptford, eles têm um nome?

— Se têm, não vão dizer. É difícil localizar alguém sem uma descrição completa. Acha que Belle poderia fazer o retrato dele? Isso pode ajudar.

Jimmy pensou nisso por um momento. Belle era muito boa em retratos rápidos de pessoas, mas ele não tinha certeza se esboçar um homem que ela preferiria esquecer seria bom para ela. Disse isso a Garth.

Garth soltou um suspiro.

— Eu sei, não disse nada por causa disso. Um homem que espanca uma mulher indefesa precisa de uma boa sova. A mim, faria um bem danado ser a pessoa a fazer isso.

— A mim também — acrescentou Jimmy. — Mas só tenho licença de uns dias e quero gastar todo esse tempo com Belle.

— E como é por lá?

— Sinto dores em músculos que nem sabia que eu tinha — disse ele em tom irônico. — Mas estou fisicamente melhor que a maioria dos outros. Ficando craque no tiro também; o sargento parou de gritar comigo e outro dia ainda disse que eu estava me saindo bem. Só espero conseguir controlar os nervos quando estiver na frente de batalha. Os mais jovens, na maioria, não veem a hora de estar lá, mas voltei em um navio com os que se machucaram e vi ferimentos tão sérios que senti náuseas.

Jimmy não quis contar a Garth que ele se esforçara imensamente para ajudar as enfermeiras. Não podia fazer muito, apenas oferecer água ou segurar um cigarro nos lábios de um soldado. Alguns pediam que ele escrevesse uma carta para os entes queridos deles em casa. Esses homens eram todos soldados regulares, homens valentes e destemidos, alguns dos quais haviam lutado na guerra da África do Sul, uma estirpe muito diferente dos voluntários com que Jimmy estava treinando. Se eles, com todo o seu conhecimento de combate, podiam ser feridos ou mortos, o que aconteceria com os novatos que ainda pensavam que a guerra era uma aventura?

Dois dos homens para os quais Jimmy escrevera cartas morreram antes de chegar a Dover, mas mesmo assim ele sairia e postaria as cartas deles mais tarde. Poderia ser um pequeno conforto para os parentes saber que tinham sido lembrados até o fim.

Garth deu-lhe um de seus tapinhas pesados no ombro. Jimmy sabia que esse era o jeito do tio de dizer que estava orgulhoso dele e compreendia seus medos.

Após um banho e um sono de umas horas no sofá, e vestido mais uma vez com roupas civis, Jimmy ouviu o médico deixar o quarto de Belle e pegou-o quando ia descendo as escadas.

— Como ela está, doutor? — perguntou ele depois de se apresentar.

— Muito mais alegre agora que você está em casa — o médico respondeu, sorridente. — Penso que ela esteja fora de perigo, mas vai demorar um pouco para restabelecer sua força. Ela perdeu muito sangue.

Jimmy assentiu com a cabeça.

— A Sra. Franklin vai assegurar que ela receba a alimentação adequada e descanse muito. Obrigado por tudo o que tem feito por ela. E por garantir que eu obtivesse a licença. Agradeço muitíssimo por isso.

— Não foi nada. — O médico colocou a mão no ombro de Jimmy e olhou com preocupação para ele. — Mas receio que haja algo mais que deva lhe contar. Não seria aconselhável para sua esposa arriscar-se a ter outro bebê.

Jimmy empalideceu.

— Nunca mais?

— Não posso afirmar com certeza absoluta que as lesões sofridas vão impedir para sempre que ela leve uma nova gestação até o fim, mas seria arriscado — explicou o médico com cuidado. — Sei que isso é um golpe para os dois. Sinto muito.

— Já contou a Belle? — perguntou Jimmy, com a voz tremendo de emoção.

— Não, não contei, e por ora acho que seria aconselhável manter isso apenas entre mim, você e a Sra. Franklin.

Jimmy engoliu em seco e assentiu com a cabeça. Ele não confiava em si mesmo para falar.

Dois dias depois, enquanto Belle tirava um cochilo, Jimmy foi até sua loja.

Essa manhã, haviam chegado diversas cartas amáveis de clientes dela que tinham ouvido o que acontecera e queriam oferecer sua solidariedade. Belle perguntara-lhes como ela deveria responder-lhes e se havia de contar-lhes que ela fecharia a loja.

Jimmy não soubera como responder. Garth exprimira os sentimentos dele sobre o assunto de modo bastante franco. Ele sentia que lá não era mais seguro para ela e que seu lugar era em casa. Jimmy concordara com Garth, mas ele também sabia o que a loja significava para Belle, por isso, relutara em dizer algo naquele momento.

Ele achou que, se simplesmente fosse dar uma olhada em tudo, talvez fosse capaz de arejar as ideias e chegar a uma decisão firme. Ele fechou a porta atrás de si e, por um momento, ficou ali olhando ao redor. Um dia após a agressão, Mog colocara tudo em ordem, mas o espelho de cavalete que jazia sem vidro e a cadeira quebrada no estoque eram suficientes para Jimmy imaginar a gravidade do ocorrido. Ademais, havia ainda uma mancha de sangue na parede e a visão disso fez com que suas entranhas se contraíssem de raiva.

No entanto, à medida que andava pela loja, tocando os belos chapéus que Belle fazia tão bem, ele soube que não poderia insistir que ela desistisse inteiramente disso. Sem essa atividade e com ele na França, ela sentiria que nada lhe havia restado.

O som de batida na porta da loja interrompeu-o. Mog havia colocado um aviso nela dizendo FECHADA ATÉ NOVA ORDEM, mas, apesar

disso, ele pôde ver uma jovem do lado de fora que lhe fazia gestos para abrir.

Um tanto irritado, Jimmy abriu a porta. A jovem estava elegantemente vestida, usando um chapéu verde com uma pena. Ele teve certeza de que era um dos chapéus de Belle.

— Lamento, mas a loja está fechada — disse ele, apontando para o aviso.

— Eu vi, sei ler — respondeu a jovem em tom de sarcasmo. — Mas estive ausente por um tempo. Passei para ver Belle, somos amigas, sabe. Meu nome é Miranda Forbes-Alton. Aconteceu algo com Belle? E quem é o senhor?

Jimmy lembrou-se da menção a alguém chamada Miranda. Mog dissera que ela tinha uma mãe arrogante e, a julgar pela maneira insolente da filha, era farinha do mesmo saco.

— Sou o marido dela — respondeu ele. — Ela foi agredida e roubada e, como consequência, perdeu o bebê que estava esperando.

Para consternação dele, os olhos da mulher encheram-se de lágrimas.

— Ah, santo Deus, não — disse ela, enxugando os olhos com um lenço de renda. — Pobre, pobre Belle, que coisa terrível de acontecer! Ela estava tão feliz por ter um bebê. Se ao menos eu tivesse sabido mais cedo! Há alguma coisa que eu possa fazer agora? Eu poderia cuidar da loja, se isso ajudasse.

Jimmy não havia gostado da maneira lacônica com que ela perguntara quem ele era. No entanto, sua evidente agonia diante da agressão sofrida por Belle fez com que simpatizasse com ela.

— É gentil da sua parte — disse ele. — Mas decidimos mantê-la fechada por um tempo. Como pode imaginar, ela ainda está muito fraca e triste.

— É claro que deve estar. Lamento muito por ter falado de maneira tão áspera com o senhor, Sr. Reilly. Não esperava que fosse o senhor, uma vez que sabia que estava na França. Conte-me sobre a agressão. Que hora do dia era?

Jimmy explicou com mais detalhes o ocorrido, incluindo quão perto Belle estivera de morrer em decorrência da perda de sangue e como o médico mexera os pauzinhos para trazê-lo para casa. Miranda estremeceu e pareceu horrorizada.

— Mas o senhor vai ter de voltar para o exército, não vai? — perguntou ela. — Existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudar, então? Eu gosto muito de Belle e sei que ela vai ficar ainda mais triste assim que o senhor partir.

Jimmy podia ver que essa mulher falava a sério, e ele tinha certeza de que se sentiria mais confortável em relação a seu retorno para a França se soubesse que Belle tinha uma boa amiga com quem conversar.

— Tenho que voltar amanhã — disse ele. — Estou certo de que Belle ficaria feliz com uma visita à tarde, talvez a senhorita pudesse animá-la.

— Com certeza vou tentar — declarou ela. — E, por favor, diga-lhe que estou pensando nela e explique que eu não sabia sobre a agressão até falar com o senhor.

— É claro, Srta. Forbes-Alton. Ela vai apreciar sua preocupação, como eu. Temos uma porta lateral no Railway; não precisa passar pelo bar.

— Vou estar lá por volta das 14 horas — avisou ela. — E o senhor fique a salvo lá na França. Belle precisa do senhor inteirinho.

Então Jimmy sorriu para ela. Ele entendia agora por que Belle gostava de Miranda; ela até podia ter sido um pouco insolente a princípio, mas subira em seu conceito.

Às 18 horas, Jimmy tentava persuadir Belle a comer um pouco mais.

— Vamos lá, só mais uma — disse ele, estendendo-lhe uma garfada de torta de peixe.

Ela suspirou, abriu obedientemente a boca e deixou-o alimentá-la. Mog fazia a melhor torta de peixe do mundo e, sob circunstâncias normais, ela a teria comido com entusiasmo, mas não estava com fome e tinha dado apenas umas garfadas antes de desistir. Mas, como Jimmy voltaria para a França pela manhã, ela sabia que ele ficaria menos ansioso se pensasse que tinha conseguido fazê-la comer novamente.

Tê-lo em casa com ela fizera-a se sentir melhor. Para grande irritação da enfermeira Smethwick, ele passara a maior parte dos dois dias anteriores ao lado da esposa na cama, conversando e lendo o jornal para ela. Ela sentiria tanta falta dele quando tivesse que voltar.

Na noite anterior, o Dr. Towle dissera a Smethwick que ela não era mais necessária. Tanto Belle quanto Mog ficaram felizes de vê-la pelas costas, visto que ela tinha sido uma tirana.

— Viu, você só estava sendo preguiçosa — comentou Jimmy com ar triunfante enquanto lhe enfiava mais uma garfada na boca. — Agora, se não se alimentar, vou dizer para Mog trazer Smethers de volta.

— Já comi o bastante agora. — Belle empurrou o prato de volta para ele. — Não estou gastando energia suficiente para sentir fome. Ela vai voltar assim que eu puder levantar desta cama todos os dias.

— Isso não vai acontecer por pelo menos mais uma semana — sentenciou Jimmy com firmeza, colocando o prato do jantar de volta na bandeja. — E mesmo por uma ou duas horas para começar.

— Você não vai saber — provocou ela.

— Aposto que vou. Eu me sinto ligado a você mesmo quando estamos separados. No dia em que o homem a agrediu, tive uma estranha sensação de mau agouro. Mas simplesmente não achei que pudesse ter algo a ver com você.

— Então é melhor eu ser bem cuidadosa com o que apronto — disse ela com ar travesso. — Agora, me passe meu bloco de notas que vou tentar fazer o retrato daquele homem.

Jimmy deitou-se sobre os travesseiros enquanto Belle esboçava. Nunca deixava de lhe surpreender que alguém pudesse capturar a imagem do que quer que fosse usando apenas um lápis. Ele só conseguia desenhar igual a uma criança — cães que pareciam salsichas no palito e flores que acabavam sendo todas margaridas.

Afligia-o ver Belle tão pálida e fraca. Os cabelos dela precisavam de banho, nunca os vira tão opacos e sem vida, mas não poderiam ser lavados até que lhe cessasse a dor no ombro. Ele sabia que ela se esforçava para convencê-lo de que realmente estava se recuperando, e fisicamente estava; no entanto, por mais que ela tentasse rir e provocá-lo, ele podia sentir a profunda desolação dela pela perda do bebê. Ele desejava apenas que houvesse algo que pudesse fazer ou dizer para a dor desaparecer.

Quando, mais cedo, ele chegara em casa e dissera a ela que Miranda viria no dia seguinte, Belle parecera muito satisfeita.

— Estou tão feliz que você a tenha encontrado — comentou ela. — Ela dá a impressão de ser arrogante a princípio, mas é apenas o modo como foi criada. Uma vez que você começa a conhecê-la, ela não é diferente de nós.

Agora, enquanto observava Belle esboçar e pensava nela começando uma amizade com alguém tão improvável como Miranda, ele se perguntava se o pai de Belle fora um cavalheiro. Mesmo aos 15 anos, havia nela aquela aparência polida e refinada predominante nas classes altas. Em parte, talvez, porque gozavam de melhor nutrição desde a infância, mas só era preciso olhar para os cavalos puros-sangues para saber que as linhagens tinham seu peso. Mog podia tê-la criado e lhe ensinado boas maneiras, mas os cabelos negros e encaracolados de Belle e seus belos olhos azuis deveriam ter sido herdados do pai. Ele achava que seu charme e elegância provavelmente teriam vindo dele também.

Se Annie soubesse quem ele era, e em seu ramo de trabalho era quase certo que não sabia, era provável que nunca contasse a Belle. Mog não sabia; ela dissera que prestara pouca atenção em Annie até ela estar nos últimos estágios da gravidez e, quando uma vez lhe perguntara sobre isso, ouvira que cuidasse da própria vida.

Jimmy soubera por meio de Mog que Annie havia crescido em uma aldeia e que seu pai era carpinteiro. Ela até podia dar-se ares de grande importância, vestir-se bem e ter adquirido um verniz de sofisticação, mas nunca poderia levar ninguém a pensar que ela fosse da aristocracia.

— Bom, é o melhor que posso fazer — asseverou Belle, sacudindo o bloco de notas e arrancando Jimmy de suas reflexões com um sobressalto.

Jimmy pegou o bloco dela e examinou-o, mas, em vez do tipo de vilão desprezível que ele imaginara, ela havia desenhado um rosto muito comum que podia facilmente pertencer a um funcionário de banco ou porteiro de estação.

— Não é o que esperava? — perguntou Belle. — Lamento por não conseguir dar a ele uma cicatriz desprezível ou uma venda sobre um olho, mas ele era bem comum. Era atarracado, quase completamente calvo, com cerca de 1,80 m. Tinha um tipo de voz áspera, e foi só quando ele chegou mais perto de mim que reparei no colarinho sujo e na barba desleixada, e dava para sentir um cheiro úmido e bolorento vindo dele. Foi aí que fiquei assustada.

— Eu já deveria saber, pelos anos em Seven Dials, que pessoas más não vêm com isso escrito na testa — comentou ele, pensativo. — Você é uma ótima desenhista, Belle. Talvez devesse se dedicar a isso; digo, levar a sério.

— Em vez da loja? — perguntou ela, e ele viu em seus olhos aquele olhar teimoso que conhecia tão bem.

— Não necessariamente — respondeu ele com cuidado. — Olhe, concordo com o tio Garth que não é mais seguro para você trabalhar lá sozinha. É muito perto da charneca, fácil demais para qualquer

bandido à procura de presas fáceis assaltá-la e fugir sem ser visto. Mas, se você contratasse uma assistente, ficaria muito mais segura.

— Pagar uma pessoa reduziria os lucros — retrucou ela.

— A princípio, sim. Mas, se escolhesse a pessoa certa, digamos sua amiga Miranda, você estaria livre para fazer chapéus o tempo todo. Poderia manter seus *designs* especiais apenas para sua loja e talvez vender os mais comuns para outras, digamos em Lewisham ou Greenwich.

— Então, está dizendo que me deixaria manter a loja?

Jimmy sorriu ao ver os olhos dela iluminando-se de repente.

— Sou seu marido, não seu carcereiro — disse ele. — Sei que a maioria dos homens pensa que os dois andam juntos, mas, por outro lado, cresci com minha mãe dirigindo um negócio de confecções e nenhum homem bancando o chefe. Ela sempre dizia que as mulheres é que eram de fato o sexo mais forte. Só preciso olhar para você e Mog para ver que isso é verdade.

Belle tomou-lhe a mão, ergueu-a até a boca e beijou-a.

— Mas você não vai voltar até o Dr. Towle e dizer que já tem condições — avisou ele. — E até que você tenha uma assistente.

Belle olhou para ele por um instante ou dois sem dizer nada. Uma lágrima escorreu-lhe pela face.

— Por que está chorando? — perguntou ele.

— É pelo que você faz por mim — disse ela. — Porque você é sempre tão compreensivo e atencioso. Tenho tanta sorte de tê-lo.

Jimmy inclinou-se e beijou-a.

— Bom, só vamos esperar que o tio Garth não esteja determinado a bancar a autoridade, pois acho que é hora de eu contar nossos planos para ele. Vou descer com o retrato também e pedir que ele o leve amanhã para a polícia.

Na manhã seguinte, ainda estava escuro quando o despertador disparou. Jimmy parou-o e moveu-se para levantar.

— Um último abraço — disse Belle, sonolenta.

Ele voltou-se para ela e envolveu-a cuidadosamente com os braços, evitando o ombro lesionado e as costelas. O corpo quente dela parecia fundir-se ao seu, e ele inalou seu cheiro de lavanda e desejou de todo o coração que não tivesse que pegar aquele trem. Os cabelos dela contra sua face eram sedosos, o corpo por baixo da camisola branca de algodão era tão macio, e ele não fazia ideia de quanto tempo passaria antes que pudesse retê-la nos braços assim novamente.

— Tenho que ir agora — sussurrou ele. — Você fique aqui e volte a dormir. Não quero vê-la tentando descer as escadas; é melhor dizermos adeus aqui.

Ele beijou-a com delicadeza, depois se desvencilhou e saiu da cama, acendendo uma vela para que pudesse encontrar as roupas.

Ele sentiu que ela o observava enquanto ele lavava o rosto e escovava os dentes no lavatório.

— Vista aquele colete novo que Mog tricotou para você, pois vai estar frio no navio — disse ela enquanto ele vestia correndo as calças.

Mog havia limpado com esponja e passado seu uniforme, e Garth havia engraxado as botas para ele. Esse era o jeitinho que os dois tinham de mostrar quanto se importavam com ele. Nesse exato instante, ele desejou que houvesse menos evidências de que o amavam, que Mog não estivesse a postos lá embaixo com uma caneca de chá, um pacote de sanduíches para ele levar consigo, meias quentes extras e um novo cachecol enfiados em sua mochila. Tamanho carinho e dedicação tornavam a despedida muito mais difícil.

Finalmente, ele amarrou as botas e voltou para beijar Belle pela última vez. Ele quis lhe dizer que, se porventura não voltasse, ela

não devia esquecer nunca que a ter para amar fizera dele o homem mais feliz do mundo. Mas não dava para colocar na cabeça dela a ideia de que ele poderia ser morto. Nem ele também devia colocar essa ideia na própria cabeça; ele devia somente pensar no futuro que dividiriam quando a guerra acabasse.

— Eu amo você — disse ele simplesmente, e puxou as cobertas sobre ela, aconchegando-a na cama.

Ele permitiu-se um último olhar demorado, uma imagem que pudesse reter na mente por mais que as coisas piorassem na França: a tempestade negra de cachos sobre o travesseiro, os olhos azuis enchendo-se de lágrimas e a boca macia e carnuda entregando-se ao tremor.

— Cuide-se muito e escreva todos os dias para mim — disse ele baixinho antes de apagar a vela com um sopro, e então se virou para sair do quarto.

Ele teve que parar no topo das escadas para se recompor. Nessa casa, ele podia ser apenas um marido, mas, uma vez que saísse pela porta, deveria ser um soldado e pôr o medo e os sentimentos de lado.

Um pouco mais tarde, o som das botas pesadas de Jimmy na rua fez Belle chorar. Ela ouviu o trem chegando à estação logo depois e então o estampido quando partiu, levando-o para longe dela.

Em seguida, Mog subiu as escadas e, como esperado, abriu a porta do quarto para olhar dentro, mas Belle fingiu estar dormindo, sabendo que solidariedade apenas a faria sentir-se pior. Ela se viu num choro intermitente durante toda a manhã; agora que perdera o bebê e Jimmy partira, e sabendo que havia a possibilidade de ele nunca mais voltar para casa, ela se sentia completamente desolada.

Não ajudava que Mog fosse áspera com ela por não tomar o café da manhã ou almoçar.

— Entendo perfeitamente que você se sinta deprimida porque Jimmy teve que voltar — disse ela rispidamente. — Mas deixar de

comer não vai trazê-lo de volta. Só vai servir para impedi-la de se fortalecer. Tenho coisas melhores a fazer do que subir aqui com bandejas de comida que você nem sequer tenta comer.

Quando Belle ouviu passos no patamar da escada por volta das 14 horas, pensou que Mog estivesse voltando para dar-lhe mais um sermão, então, enterrou o rosto no travesseiro para novamente fazer de conta que dormia. Mas, quando a porta abriu, foi a voz de Miranda que ela escutou.

— Ah, minha pobre Belle — exclamou ela.

Belle arrastou-se até uma posição sentada. Tinha esquecido que Miranda vinha. Tivesse lembrado, poderia ter pedido a Mog para adiar a visita. Mas, agora que ela estava aqui, com um grande buquê de flores de estufa nos braços, Belle não poderia ser grosseira.

— Que gentil de sua parte me visitar — disse ela de modo fraco, bem ciente de que Mog estava logo atrás de Miranda, preparada para dizer algo se Belle não demonstrasse um apreço genuíno.

— Fiquei absolutamente horrorizada quando o Sr. Reilly me contou sobre a agressão, e sinto muito por sua perda — disse Miranda. — Eu estava em Sussex, por isso não soube. Gostaria que houvesse algo que pudesse fazer ou dizer para fazer você se sentir melhor.

— Já me sinto melhor só de vê-la — comentou Belle. — Entre e sente-se. Essas lindas flores são para mim?

Mog sorriu, claramente aliviada ao ver que Belle não se mostraria deselegante.

— As duas gostariam de um chá? — sugeriu ela. — E levo as flores, se você quiser, para colocá-las na água.

Miranda disse que adoraria um pouco de chá e puxou uma cadeira para se sentar ao lado da cama. Mog retirou-se do quarto, levando as flores consigo.

— Você andou chorando — disse Miranda quando a porta fechou. — Mas isso é de se esperar, especialmente agora que Jimmy voltou para a França. Aposto que você sente que tudo foi arrancado de você, não é?

— Sim, isso resume a situação — suspirou Belle. — Não sei o que faria se perdesse Jimmy também. Ele vai ser enviado para a frente de batalha muito em breve e, embora possa ter aprendido a atirar em linha reta, duvido que exista uma maneira de ensinar homens a se esquivar das balas inimigas.

— Ele me pareceu muito equilibrado e inteligente — comentou Miranda. — Ele também tem muita razão para voltar. Tenho um tio que é tenente-brigadeiro; uma vez ele me disse que os soldados que não têm nada a perder podem ser um perigo. São em geral muito corajosos, mas também imprudentes. Aqueles com tudo a perder, como seu Jimmy, não assumem riscos que ameaçariam a vida deles ou dos companheiros, e no final das contas são os melhores para comandar.

— Isso é reconfortante. — Belle sorriu fracamente. — Mas me ajude a sair deste poço de autopiedade. Diga-me o que anda fazendo.

Miranda jogou para trás o elegante lenço de seda no pescoço com um gesto que dizia que ela tinha muito a contar.

— Bom, pode parecer estranho, mas estive ajudando um pequeno hospital lá em Sussex — disse ela. — A maioria dos pacientes era de oficiais feridos e, já que eu sabia dirigir, me encarregava de levá-los para clínicas de convalescência ou para suas famílias, quando estavam bem o suficiente para viajar. Mas terminou porque alguém fez o maior alarde sobre uma mulher estar fazendo trabalho de homens.

— Que ridículo! — exclamou Belle. — Com certeza a maioria dos homens que sabem dirigir se alistou, não?

— Parece que não é bem assim — respondeu Miranda com tristeza. — Claro que eu era só uma voluntária e, sendo bem

honestamente, senti que foi grosseiro da parte deles recusar minha ajuda. Se eu quisesse algo para fazer, sugeriram que me tornasse uma enfermeira do VAD<sup>[5]</sup> e ajudasse a cuidar dos doentes e feridos. Mas odeio essa noção de que mulheres só são boas para banhar pessoas e enrolar bandagens. Como pode imaginar, minha querida mãe acha que uma moça bem-criada não deveria mesmo estar fazendo isso.

Miranda começou a contar a Belle sobre uma dificuldade em que se envolvera enquanto dirigia. No escuro, ela tomara o caminho errado na bifurcação de uma estradinha no campo e acabara ficando atolada na lama em uma floresta, com um paciente que não podia andar.

— Foi assustador — disse ela. — Tive que o deixar no carro e seguir a pé até encontrar a fazenda mais próxima para conseguir ajuda. Estava caindo uma chuva torrencial e meus sapatos e casaco ficaram ensopados. Quando finalmente encontrei um fazendeiro que me levasse com seu trator até o carro, para desatolá-lo, o miserável do paciente me repreendeu por não ter verificado, antes de sair a caminho, se ele tinha alguns fósforos para acender seus cigarros. Veja se pode! Lá estava ele, sentadinho no quente e seco, reclamando que não tinha sido capaz de fumar, quando eu havia andado cerca de oito quilômetros e parecia um rato afogado!

Belle quase explodiu de tanto rir. Miranda realmente dava a impressão de ser um pouco insensível. O paciente provavelmente achou que ela tinha se mandado para o hotel mais próximo para passar a noite em uma cama e esquecido onde o deixara.

— E o que vem depois? — perguntou ela. — Distribuir xícaras de chá para os soldados enquanto esperam os trens de tropas?

— Pediram-me para administrar uma barraca de chá — disse Miranda. — Mas vai ser um inferno. Todo santo dia vou ficar grudada a um bando de mulheres como minha mãe. Não acho que conseguiria aguentar isso por muito tempo.

— Você poderia vir me ajudar na loja quando eu estiver melhor — disse Belle impulsivamente. — Jimmy disse que eu poderia voltar desde que houvesse mais uma pessoa lá. Ele até sugeriu você. Trabalho remunerado, claro, e você seria ideal. Olhe para você, sempre na última moda!

Miranda vestia um traje cinza-prateado com uma saia longa e esguia; ao redor da gola do casaco ajustado ela drapeara um lenço de seda franjado em tons de azul e prata com apenas um toque de rosa. Seu chapéu liso de abas cinzentas tinha uma faixa do mesmo material do lenço.

— Você não está falando sério, está? — disse ela, aparentemente muito surpresa.

— Claro que estou — insistiu Belle. — Tenho que contratar uma assistente, mas faz muito mais sentido ter alguém com um pouco de estilo e presença do que alguma vendedora lerdinha que só cortou queijo a vida inteira.

Miranda riu.

— Ah, Belle, eu estaria fazendo o que gosto, pois adoro chapéus! Mas só Deus sabe o que mamãe vai dizer.

— Talvez você pudesse dizer a ela que está apenas me dando uma mão. Faça parecer mais com uma missão da misericórdia do que um emprego.

Ao dizer isso, as duas estouraram em risos. No caso de Belle, era porque ela podia imaginar a formidável Sra. Forbes-Alton toda inflada de indignação, ventilando suas opiniões sobre vendedoras comuns como se estas fossem uma espécie de roedor.

— Ela vai dizer: “Você não pode estar falando sério, Miranda! As pessoas vão suspeitar que você seja uma sufragista” — disse Miranda, imitando a voz da mãe. — Ela acha que qualquer coisa ligeiramente subversiva é uma indicação de sufrágio.

— Mog tem grande simpatia para com o sufrágio — comentou Belle. — E eu também. Por que as mulheres não deveriam votar?

— Para falar a verdade, eu concordo — confidenciou Miranda. — Se as mulheres estivessem no comando, não haveria guerras. Temos coisas melhores para fazer com nosso tempo do que cavar trincheiras e atirar em pessoas.

— Então, o que você faria com seu tempo se pudesse fazer qualquer coisa que quisesse? — perguntou Belle.

— Não me importaria de passar uma tarde com um amante maravilhoso — disse Miranda.

Sua resposta inesperada e atrevida conduziu Belle de volta para os dias de vida libertina na casa de prostituição de Martha, em Nova Orleans. As meninas lá sempre foram calorosas e francas, e ela sentiu saudade daquele tipo de gracejo feminino. Miranda não tinha sido tão explícita como as meninas de lá teriam sido, mas o fato de que ela se sentia segura o suficiente para falar abertamente mostrou que ela via Belle como sua amiga.

Miranda colocou a mão sobre a boca.

— Ah, isso foi tão indelicado de minha parte, depois de tudo por que você vem passando — disse ela, corando energicamente.

— De modo algum. — Belle riu. — Você me animou mais do que pode imaginar.

— De verdade?

— Sim, de verdade. É adorável que você não tenha achado que precisasse ficar cheia de dedos comigo.

Ainda riam quando Mog entrou trazendo uma bandeja com as flores em um vaso e chá e bolo para as duas.

— Ouvi vocês rindo lá de baixo — disse ela. — Posso saber a piada?

— Foi apenas algo bobo sobre um dos clientes de Belle — disfarçou Miranda. — Não nos aguentamos.

— Bom, foi bom de ouvir — disse Mog. Ela pousou a bandeja sobre a penteadeira e colocou as flores sobre a cômoda. — Vou

deixar que sirva o chá, Srta. Forbes-Alton — disse ela enquanto se virava para se retirar.

Belle quase explodiu de tanto rir.

— Miranda, você é tão boa em mentir como eu — disse ela.

— Algo que aprendi para manter minha querida mamãe um doce de pessoa — respondeu ela. — Ela azedaria no mesmo instante se me ouvisse desejando uma tarde com um amante.

De repente, Belle entendeu por que Miranda tinha sido tão imprudente com Frank. Ela podia ter sido um tanto ingênua quando o conheceu, mas não era a florzinha delicada que Belle pensara que ela fosse. Tinha um coração aventureiro, e fora só sua falta de experiência com homens viris que fizera com que se deixasse enganar por um sedutor mais experimentado. Pelo visto, elas tinham ainda mais em comum do que ela inicialmente pensara.

Miranda ficou com ela até quase 17 horas, e o tempo passou num piscar de olhos enquanto falavam sobre tudo e qualquer coisa. Foi só quando Miranda percebeu a hora e disse que precisava ir para casa que ela ficou séria.

— Sei que não lhe perguntei como se sente sobre a perda do bebê — disse ela, e inclinou-se para a frente e acariciou a face de Belle, com os olhos azul-claros cheios de compaixão. — Por favor, não pense que é porque não me importo, pois me importo profundamente. Mas, depois do que passamos juntas, não achei que tivesse o direito de perguntar algo assim, já que você provavelmente imagina que nunca senti a perda de meu bebê.

Sua sinceridade comoveu Belle.

— Sei exatamente o que você quer dizer, Miranda. Foi pelo mesmo motivo que, naquela noite, eu não lhe disse que esperava um bebê. Quer intencional ou acidentalmente, as duas perdemos nossos bebês, e a tristeza dentro de nós é a mesma. Acho que você foi muito corajosa em vir me ver; você deve ter ficado receosa de que eu pudesse ter me voltado contra você. Mas você me fez sentir

melhor, me deu esperança de que vou superar isso no devido tempo. Isso é muito mais valioso do que meras palavras de compaixão.

Miranda enxugou apressadamente uma lágrima do olho.

— Posso vir vê-la novamente? Entendo que precise de descanso para recuperar as forças, mas que tal depois de amanhã?

— Seria adorável — disse Belle. — E falei sério sobre você trabalhar na loja, então é melhor pensar em um jeito de preparar sua mãe para a bomba.

Isso fez as duas rirem novamente, e Belle ainda sorria enquanto Miranda deixava o quarto e descia as escadas.

## Capítulo 8

**Logo que entrou** em uma sala de interrogatório na delegacia de Deptford, o policial Broadhead tirou de uma pasta o retrato que a Sra. Reilly fizera de seu agressor e mostrou-o para o sargento Wootton.

Garth Franklin levava o retrato até a delegacia de Blackheath uns dias antes e Broadhead não perdera tempo para montar em sua bicicleta e pedalar até cada uma das outras vítimas de crimes semelhantes na área, de modo a mostrar o desenho para elas. Todas, com exceção de uma, confirmaram que era o mesmo homem que as assaltara.

Pela primeira vez desde que James Broadhead fora rejeitado pelo comitê de recrutamento para o exército, ele realmente sentiu que talvez pudesse fazer mais por seu país ao permanecer na força policial.

Aos 35 anos, solteiro e forte como um cavalo, ele sentira o dever de se alistar. Mas fora rejeitado porque dois dedos lhe faltavam na mão direita. Perdera-os 11 anos atrás, quando sua mão ficara presa sob uma viga de metal enquanto tentava libertar um garotinho que brincava em um edifício abandonado quando este desabara.

O comitê não acreditara que ele poderia disparar um fuzil. Ele teria gostado de receber uma chance para provar que estavam errados — afinal de contas, a perda dos dedos não havia afetado seu trabalho na polícia. A rejeição tinha-o amargurado por um tempo e feito com que se sentisse menos homem, mas a animação que ele sentia agora, com provas de que o agressor da Sra. Reilly era responsável também por outros crimes, havia mandado aquele sentimento para longe.

— O que ele fez? — perguntou Wootton, aproximando o retrato da luz e dando uma olhada nele. Ele tinha lá seus 50 anos, com

papadas acentuadas e um bigode espesso com pontas recurvadas ao estilo militar.

Broadhead fez-lhe um resumo dos crimes do homem e disse-lhe que outras vítimas de crime semelhante haviam confirmado que esse era o rosto do homem que as assaltara.

— Quem desenhou o retrato? Ele está na força?

— Foi esboçado pela Sra. Reilly, a chapeleira de Blackheath. Ela também perdeu a criança que carregava e chegou perto de morrer por causa disso.

Wootton franziu o cenho.

— Então, é melhor apanharmos o sujeito antes que machuque mais alguém. O rosto é familiar, mas não consigo lhe dar um nome. Mas alguém aqui vai saber se já o prendemos no passado.

Broadhead arreganhou um sorriso de alegria, já que essa investigação se tornara pessoal para ele. Ele fora o primeiro oficial na cena do crime e ficara horrorizado que uma mulher que ele admirara de longe por tanto tempo pudesse ter sido tratada com tal violência. O Railway era o pub que ele frequentava e, como tinha um grande respeito por Jimmy Reilly também, queria muito levar à justiça o agressor da esposa dele.

— Pode descobrir agora? — perguntou a Wootton. — Quanto mais cedo tivermos esse cretino atrás das grades, melhor.

Wootton retirou-se para consultar outros oficiais e ficou ausente por uns 20 minutos. Enquanto Broadhead esperava sozinho na sala de interrogatório, viu-se assustado com o barulho e tumulto no prédio. Exceto nas noites de sábado, quando bêbados briguentos eram detidos, a delegacia de Blackheath tendia a ser um local bastante tranquilo. Mas era o começo da tarde de um dia de semana, e uma mulher gritava a plenos pulmões, outra pessoa tamborilava na porta da cela, portas batiam incessantemente e a cada dois minutos havia uma eclosão de gritos e palavrões. A certa altura, houve uma briga

logo à saída da porta da sala de interrogatório, um homem protestava em voz alta que não era ele.

Wootton voltou à sala com um ar um tanto presunçoso.

— Sim, ele está aqui no nosso pedaço. Chama-se Archie Newbold, mas sem nenhum domicílio fixo. Dizem que uns anos atrás ele foi dispensado do exército por invalidez, e nós o tivemos aqui várias vezes por brigas, embriaguez e desordem.

Broadhead assentiu com a cabeça.

— Então, quando nós podemos ir atrás dele?

— Não há nenhum “nós” — disse o veterano em tom áspero. — Ele está no nosso pedaço, nós é que vamos prendê-lo. Você retorne para a agradável Blackheath; vamos entrar em contato com a prisão de lá quando o tivermos pego.

Broadhead sentiu como se tivesse levado um tabefe.

— Mas, senhor, eu fiz todo o trabalho árduo nesse caso. Eu queria prendê-lo.

Wootton olhou ríspidamente para ele por um momento antes de responder.

— Para capturar bandidos aqui, você precisa conhecer a área. Existem dezenas de becos escuros e estreitos, armazéns antigos, antros de ópio, prostíbulos e cortiços com até dez pessoas por quarto, buracos imundos onde as mulheres são tão más quanto os homens e as crianças seguem o exemplo. Você representaria um risco para nós. Você parece durão, mas isso não é o suficiente aqui. Precisa ser tão astuto quanto eles.

Broadhead ressentiu-se da inferência de que seu trabalho na polícia consistia em encontrar cães perdidos e ajudar velhinhas a atravessar a rua, mas sabia que não deveria discutir com um oficial sênior, e parecia que Wootton poderia ser carne de pescoço quando contrariado.

— Bom, o senhor sabe onde me encontrar se quiser alguma ajuda extra — disse ele. — Vou levar o retrato de volta comigo, já que ele vai ser necessário como prova.

Wootton olhou novamente para o retrato.

— É uma ótima representação. Gostaria de saber se ela conseguiria desenhar alguém que fosse descrito para ela. Isso nos ajudaria a localizar bandidos muito mais facilmente.

— Vou transmitir o elogio, mas não dá para imaginá-la querendo gastar o tempo dela com isso, não depois do que passou — replicou Broadhead. — Vou embora agora; desejo sorte ao senhor na captura de Newbold.

Na última semana de novembro, Belle foi olhar sua loja pela primeira vez desde que fora agredida. Tinha Mog em sua companhia, e Miranda deveria encontrá-las a qualquer minuto.

— Está com um pouco de cheiro de mofo — comentou Mog quando abriu a porta e acendeu as luzes. — Mas vai sair logo, assim que pusermos o fogão para funcionar.

Belle entrou com hesitação e sentiu-se um pouco surpresa por tudo estar exatamente do mesmo jeito que estivera antes da agressão. Ela sabia que Mog e Garth haviam substituído o vidro do espelho de cavalete e retirado tudo o que estava quebrado, mas esperara que ainda houvesse alguma evidência dos acontecimentos daquela última tarde em que estivera ali.

Ela sabia que deveria sentir-se aliviada por não haver recordações e mesmo animada por ver o lugar que antes ela tanto amara. Mas a verdade era que não queria estar ali de modo algum. Nem agora, nem no futuro.

Não que estivesse com medo. Apenas sentiu que, o que quer que a tivesse feito querer tanto uma loja de chapéus e trabalhar tão duro para torná-la um sucesso havia desaparecido. Ela não sentira ainda que gostaria de passar horas desenhando um chapéu e depois planejar como o fazer. Nem queria permanecer nessa loja, dia após

dia, observando mulheres provarem chapéus e ouvindo suas histórias sobre para que ocasião os queriam.

A ironia dessa mudança de sentimentos não estava além de sua compreensão. Ela conversara com Mog, Jimmy e Garth para convencê-los de que precisava da loja e, agora que estavam convencidos, ela não a queria mais. Mas não via como escapar dessa situação, sobretudo porque oferecera impulsivamente um emprego a Miranda.

— Você vai precisar fazer um novo estoque e mudar a vitrine para que as pessoas possam ver que você está feliz por estar de volta — disse Mog.

Belle abriu a boca para dizer que nunca ficaria feliz por estar de volta, mas voltou a fechá-la, sabendo que, se dissesse a Mog como estava se sentindo, ela ficaria preocupada.

— Não posso fazer isso antes do Natal — Belle conseguiu dizer.  
— Vou esperar até o Ano-Novo.

Seu corpo podia ter se curado, mas era como se a centelha vital que antes tivera dentro de si tivesse ido embora. Muitas vezes, sentia-se tão deprimida e melancólica que se retirava para o quarto, mentindo a Mog que queria ler. Mas não tentava nem abrir um livro, apenas se deitava na cama, olhando para o teto, sentindo-se sem esperanças e desesperadamente triste.

— Acho que é sensato — disse Mog sem sequer olhar para Belle. Ela endireitava um chapéu vermelho de veludo em um cabideiro como se isso fosse tudo o que importava. — Você não vai ter tempo suficiente para fazer mais que uns poucos novos chapéus, e realmente deve atrair muita atenção para a reabertura. Além disso, Miranda ainda está ajudando na barraca de chá.

Como se tivessem combinado, Miranda chegou naquele exato instante, acenando para elas através da janela. Feliz em poder desviar a atenção, Belle abriu a porta e abraçou a amiga.

Belle sentia que, não fossem as visitas regulares de Miranda, poderia ter desmoronado nas últimas semanas. Miranda nunca ficava sondando; se Belle estava com um humor sombrio, ela simplesmente o aceitava. Se estava chorosa, ela dava-lhe um abraço e oferecia-se para arrumar seu cabelo ou sugeria que dessem um passeio. Muitas vezes, contava-lhe suas histórias sobre as senhoras com quem trabalhava na barraca de chá na estação de Charing Cross, as quais eram muito engraçadas. Era sua capacidade de fazer Belle rir que a fizera conseguir superar tantos dias ruins.

— Estou tão feliz por voltar aqui — disse Miranda, ofegante. Depois, localizando um chapéu azul-noite em um cabideiro, lançou-se sobre ele. — Ah, que encanto de chapéu! — arfou ela, jogando de lado o chapéu de feltro marrom que usava e substituindo-o pelo azul. Então, fazendo uma pose na frente do espelho, ela chupou as bochechas e fez um beicinho. — Como deixei passar este chapéu antes? É simplesmente a minha cara.

Como sempre, ela fez Belle rir. O chapéu azul era realmente um pouco de absurdo, todo com flores de tule e veludo, um chapéu para o chá da tarde em um hotelzinho, e perfeito contra os cabelos loiros de Miranda.

— Acho que sua mãe diria que ele provavelmente não dá conta de manter sua cabeça aquecida — disse ela.

— Quem se importaria com isso quando algo é tão bonito e divertido? — replicou Miranda. — Você é tão engenhosa, Belle. Espero que possa aprender a fazer algo que se assemelhe a um chapéu enquanto estiver aqui.

Uma pontada de culpa percorreu Belle quando ela percebeu que Miranda levava muito a sério a oferta de emprego. Sem dúvida, ela superaria a decepção se Belle explicasse como se sentia, mas, naquele momento, com sua amiga mostrando-se tão bela de chapéu, as faces resplandecendo de emoção ante um novo começo, Belle não poderia enfiar um alfinete no balão dela.

Depois que Mog saiu para fazer compras, deixando Belle e Miranda retornarem ao pub quando tivessem terminado de olhar em volta, Miranda perambulou pela loja provando chapéus, e com cada um ela fingia ser uma pessoa diferente, falando sobre em que ocasião poderia usá-lo. Colocando um chapéu de feltro azul-marinho bastante simples, tornou-se uma menina do campo em entrevista para uma vaga de babá.

— Sei tudo sobre as *criança* — disse ela, com um forte sotaque rural. — Sabe, *sô* a mais *veia* de *deiz*, e minha mãe gosta duma bebida, 'tão sobra *pra* mim *cuidá* delas tudo. *Num credito* em *dá* cintada nas *criança*, nem mes' quando 'tão sendo um pouco das *encapetada*. Uma boa duma palmada costuma *fazê* o serviço, *dipois* é só *trancá* elas no depósito de carvão.

Belle desatou a rir, pois a maneira como Miranda contorcia o rosto para dizer suas falas a fez lembrar muito um professor odioso que ela tivera na escola e que regularmente batia com vara em seus alunos.

Uma batida na porta da loja sobressaltou as duas. Miranda largou rapidamente o chapéu, com um ar de culpa.

— É um policial — disse ela.

Belle levantou-se.

— É o policial Broadhead, aquele sobre o qual já lhe falei.

Ela abriu a porta da loja e convidou-o a entrar. Embora realmente não se lembrasse do papel dele no dia da agressão, desde então ele viera várias vezes vê-la em casa, e ela passara a gostar dele.

— O que o traz aqui hoje? — perguntou ela.

— Encontraram e prenderam seu agressor — disse ele radiante. — Foi nas primeiras horas da manhã, em Deptford. Ele vai comparecer amanhã ao tribunal, mas vai ficar em custódia até o julgamento. Se isso vai ser ou não antes do Natal, dependerá muito de como está o movimento nos tribunais no momento.

Belle sentiu uma onda de alívio.

— Que boa notícia — disse ela. — Saber que ele está fora de circulação vai fazer com que eu e os demais lojistas nos sintamos muito mais seguros.

O policial concordou com a cabeça.

— Vi a Sra. Franklin descendo a rua e ela disse que você estava aqui. Fico feliz por vê-la bem e ativa novamente. Você passou tempos difíceis, especialmente com o marido ausente.

Belle apresentou-lhe Miranda e explicou que ela seria sua assistente na loja.

— Jimmy está em uma marcha para a Frente Ocidental — acrescentou ela. — Pelo menos, estava desde a última vez que tive notícias dele. Só Deus sabe quando ele vai voltar para casa.

— E disseram que tudo estaria acabado até o Natal! — comentou Broadhead. Ele parecia um pouco estranho, como se tivesse alguma coisa para dizer, mas não conseguisse colocar para fora.

— Sou esperada amanhã no tribunal? — perguntou Belle, na expectativa de que isso o dispusesse a falar.

— Ah, não, é só uma audiência preliminar. Um advogado relata ao juiz do que se trata o caso.

— Então, o senhor vai me avisar quando eu for necessária? — perguntou ela.

— Sim, claro — ele disse e sorriu. — Melhor eu ir embora, mas queria lhe dizer que, sem o retrato que fez daquele homem, nunca o teríamos apanhado. Você tem um talento raro. E seus chapéus são muito bonitos.

— Bom, obrigada, policial — disse ela. — E estou muito feliz que tenha pegado esse homem.

Depois que ele saiu, Miranda recostou-se na parede, sorrindo afetadamente para Belle.

— Para que essa cara? — perguntou Belle.

— Ele tem uma quedinha por você — disse Miranda.

— Não seja ridícula — retrucou Belle.

— Ele não conseguia tirar os olhos de você! Aposto que ele ouviu que você já morou em Paris e está na esperança de ter um pouco de *uh là là* na vida dele.

Belle sacudiu um dedo para Miranda como uma professora.

— Você, Miranda, tem uma mente suja e uma imaginação excessivamente fértil.

Miranda fora de fato muito perspicaz, porque, enquanto James Broadhead voltava a pé para a delegacia, a cabeça dele estava em Belle. Desde o primeiro dia em que abrira a loja em Tranquil Vale, ela tinha causado ao redor da vila uma onda de animação que chegara até a delegacia. Sua beleza era suficiente para torná-la notável, mas havia algo em sua loja, elegante e exclusivamente feminina, que intrigava todo mundo, homem ou mulher. Toda vez que James, em sua ronda, passava pela loja, nunca conseguia resistir a olhar para a vitrine. Ele ouvira o boato de que ela era francesa, e havia nisso uma insinuação de ser “desinibida”. No entanto, esse boato fora desmantelado quando souberam que ela apenas se capacitara na França para ser modista e que ia casar-se com Jimmy Franklin, coproprietário do Railway com o tio dele.

Mas James nunca tinha falado com Belle antes do dia em que ela fora agredida. Tudo o que tivera foram vislumbres dela quando ele passava pela vitrine da loja. Às vezes, ela estava atendendo uma cliente, noutras, sentada em uma cadeira costurando ou escrevendo alguma coisa. Mas ele sempre tinha um sobressalto diante da combinação de seu cabelo escuro e brilhante, sua pele clara e sua figura esbelta, mas muito bem talhada.

Ele passara pela igreja no dia do casamento dela, no exato instante em que saía de braço dado a Jimmy, e ela estava de tirar o fôlego. “Gloriosa” era a única palavra para descrevê-la, vestida em

seda creme com uma espuma de véu ao redor de seu rosto encantador. Ela estava olhando para Jimmy e rindo de alguma coisa, e James sentiu uma punhalada de pura inveja. Nenhuma mulher jamais olhara para ele daquele modo.

Era absoluto acaso que ele fosse o primeiro na cena do crime quando ela fora agredida. A direção de sua ronda mudara apenas um dia antes e, se estivesse fazendo a antiga, ele estaria descendo rumo a Lee Green em vez de subindo para Tranquil Vale. E o sapateiro Stokes, que saíra correndo da loja gritando por ajuda, teria encontrado outra pessoa. Ela estava caída no chão, com sangue respingado na parede atrás dela. Ele não sabia até então que ela estava carregando uma criança, mas a maneira como ela caíra tornara evidente a curva da barriga, e ela ainda tinha uma mão sobre ela como a protegê-la, o que ele julgara profundamente tocante. Assim que o médico chegara, James subira correndo para a charneca, à procura do agressor de Belle, e pensara que, caso o tivesse encontrado, poderia ter arrancado a cabeça dele.

Desde aquela noite, ele visitara Belle em mais três ocasiões. A primeira fora um dia após a agressão, quando ele a visitara para tomar seu depoimento. Ela então se mostrara tão pálida, exaurida e maltratada; mesmo assim, fizera o esforço de dar-lhe o máximo de detalhes possível.

Depois, ouvira que ela havia perdido o bebê, e por um tempo ficara incerto se ela sobreviveria. Mas felizmente sobrevivera, e em cada uma das ocasiões subsequentes em que ele tivera motivo para ir falar com ela, Belle parecera um pouco melhor. Mesmo depois de tudo por que tinha passado, ela não se lamentava; na verdade, parecera esperar impaciente pelo fim das perguntas dele sobre o ocorrido, de modo que ela pudesse perguntar-lhe sobre ele mesmo.

As pessoas sempre olhavam para os dedos que lhe faltavam, então rapidamente desviavam os olhos, como se repelidas pela visão. Mas Belle perguntara-lhe o que havia acontecido e quanto tempo passara antes que ele tivesse sido capaz de usar novamente a mão. Ela perguntara pelos ferimentos que tivera o garotinho que

ele resgatara e comentara quão agradecida deveria sentir-se a mãe por ele ter salvo o filho dela. Naquele dia, James deixara o Railway sentindo que os dedos que faltavam eram um distintivo de honra, em vez de algo que ele deveria manter escondido.

Ele quisera dizer quão satisfeito estava por vê-la tão melhor agora, mas ficara hipnotizado demais pelo azul vivo de seus olhos, pelo comprimento de seus cílios escuros e pela carne farta de seus lábios. Quisera ser melhor no traquejo social, então, quem sabe ela pudesse ter travado com ele uma conversa mais longa. Ele teria examinado de bom grado cada um de seus chapéus, varrido o chão e limpado as janelas, qualquer coisa para permanecer ali com ela. Mas a amiga dela estava lá, e ele não conseguira pensar em mais nada para dizer.

Estava entusiasmado pelo agressor dela ter sido apanhado e sentia-se orgulhoso pelos cumprimentos que recebera de oficiais veteranos por todo o trabalho de campo que ele efetuara no caso. Talvez fosse até promovido, o que seria um belo final para a história. No meio-tempo, porém, ele sabia que precisava tentar parar de fantasiar com Belle. Afinal, ela era uma mulher casada.

James Broadhead não era o único a pensar em Belle. Jimmy pensava também; era a única coisa que sempre conseguia fazê-lo sentir-se mais aquecido.

A marcha desde o campo de instrução militar em Etaples através da França foi tortuosa. As estradas francesas eram de paralelepípedos e doíam os pés, especialmente porque as pesadas Ammos<sup>[6]</sup> fornecidas pelo exército não haviam sido afrouxadas. Ele tivera sua cota de bolhas (a do calcanhar era agora do tamanho de uma meia-coroa<sup>[7]</sup>), mas a situação dos outros homens era bem pior; seus pés sangravam e eles seguiam mancando feito velhos.

Antuérpia sucumbira, e as estradas eram uma massa efervescente de pessoas que fugiam dos alemães. Algumas empurravam carrinhos de mão ou carrinhos de bebê carregados até

o alto com seus pertences. Ele vira uma carroça com móveis empilhados e uma velhinha empoleirada em uma cadeira no topo. Outras pessoas dobravam-se quase em duas com as cargas enormes que levavam nas costas. Mulheres com olhos assustados e bebês nos braços imploravam por leite e pão, e viam-se muitas crianças e idosos que pareciam perdidos e desolados. Ninguém parecia saber para onde estavam indo ou como sobreviveriam. Jimmy imaginou que fossem como centenas de ovelhas, seguindo cegamente a pessoa à frente delas.

Desde o início de novembro, a chuva forte não dera trégua, e agora eles tinham que enfrentar a neve também. Não teria sido tão ruim se todas as noites tivessem tido abrigo e refeição quentes, se pudessem ter secado adequadamente suas roupas e começar o dia seguinte sentindo-se renovados. Em vez disso, porém, o melhor que podiam esperar era uma noite em um celeiro; nem mesmo tinham barracas como alguns dos outros regimentos. Muitas noites haviam passado ao relento, tremendo, com apenas uma capa impermeável sobre eles e carne fria em salmoura para comer.

Essa noite, enquanto pensava em Belle, ele estava em um celeiro e, quando olhou à sua volta, vendo os homens com quem treinara em Etaples e que tentavam dormir amontoados na palha para se aquecer, ele se perguntou quantos deles conseguiriam ao menos lutar na frente de batalha. Muitos tinham tosses terríveis, alguns tinham que se levantar para ir lá fora quando tinham diarreia, e um homem naquele dia sofrera um colapso e disseram que ele estava com pneumonia.

Eles eram, em sua maioria, funcionários de banco, assistentes de loja e operários, e havia dois professores, homens desacostumados ao ar livre. O período de treinamento em Etaples podia tê-los fortalecido até certo grau, mas essa longa marcha enfraquecia-os gradualmente até o ponto em que dezenas mais poderiam ficar gravemente doentes.

Jimmy sentia que estava segurando as pontas; mas pudera, desde os 16 anos ele arrastava barris pesados por toda parte,

fizesse chuva ou sol, e seus dias de trabalho sempre foram longos também. Ademais, por baixo do uniforme, ele tinha várias camadas de roupa quente de lã. No entanto, quando se deitou trêmulo em sua mochila, não conseguiu deixar de imaginar quão piores as coisas ainda poderiam ficar.

Ele ouvira que o mau tempo trouxera uma espécie de trégua às hostilidades na linha de frente, mas o capitão Brunskill dissera que nem precisavam pensar que ficariam ociosos, já que as trincheiras e as covas que a Força Expedicionária Britânica havia cavado para proteger-se contra a artilharia alemã quando chegara lá pela primeira vez eram rudimentares. O trabalho deles seria aperfeiçoar e alargar as trincheiras para comandar um campo de tiro satisfatório.

Jimmy queria não ter sido tão precipitado em se alistar. Agora estava claro para ele que os alemães tinham um exército formidável, e dizia-se que uma parcela enorme da Força já tinha sido dizimada em Mons e no que chamaram de “a corrida para o mar”. Aqueles homens eram soldados experientes, talvez pequenos em número em comparação com o tamanho do exército francês, mas fortes e duros na queda, treinados até o limite. Agora, tudo o que a Inglaterra podia oferecer para inchar seus números era o Exército de Kitchener, um sortimento de rapazinhos que haviam deixado suas casas em busca de glória.

Jimmy não conseguia enxergar nada na escuridão do celeiro — a fogueira que haviam acendido lá fora mais cedo fora apagada pela chuva —, mas podia ouvir os homens fungarem, roncarem e tossirem, e perguntou-se também quantos deles choravam em silêncio, desejando que não tivessem sido arrebatados pelo patriotismo ou seguido os amigos que queriam se alistar. Mas agora eles estavam ali e, dentro de alguns dias, estariam na frente de batalha. Não havia como voltar atrás, exceto com um grave ferimento; mesmo os mortos eram enterrados ali.

## Capítulo 9

**O policial Broadhead** forçou passagem através da multidão de pessoas no vestíbulo da corte em Lewisham para encontrar Belle e Mog antes que se retirassem.

— Só queria lhe agradecer por ter deposto hoje — disse a Belle.  
— Não deve ter sido fácil para a senhora.

Belle sorriu de modo frouxo. Certamente não fora fácil para ela esperar ser chamada para a sala de audiências como testemunha, cercada por pessoas sujas e desarrumadas que cheiravam mal e olhavam para ela com ódio. Ela fora inquirida sobre o roubo e as lesões que sofrera e, pior ainda, tivera que dizer ao tribunal que ela também abortara. Mas o policial Broadhead tinha sido muito gentil com ela, e ela não queria fazê-lo sentir que acrescentara ainda mais sofrimento ao que ela já sofrera.

— Só estou aliviada que isso tenha acabado e que ele não vá roubar ou ferir mais ninguém por alguns anos — respondeu. — E o senhor fez muito bem em trazê-lo à justiça.

Archie Newbold fora declarado culpado em todas as sete acusações de roubo seguido de violência e condenado a dez anos de prisão. Ela era apenas uma de várias testemunhas, mas o juiz a havia chamado para cumprimentá-la pelo retrato que ela desenhara de Newbold, o que fizera o homem no banco dos réus cravar-lhe um olhar ameaçador, deixando-a assustada.

Eram meados de janeiro e nevava lá fora. Belle sentia-se gelada até a medula e completamente esgotada, mas não apenas pelo julgamento. No dia anterior, haviam lido no jornal que ocorreram atentados a bomba promovidos por zepelins em Yarmouth e King's Lynn, nos quais 28 pessoas foram mortas e outras 60, feridas. Constavam também as sempre extensas listas daqueles mortos em

combate. Pareceu a Belle que uma nuvem muito negra pairava sobre a Inglaterra, nuvem esta que não iria embora tão cedo.

— Posso levar as duas para se aquecerem com uma xícara de chá? — perguntou Broadhead, como se soubesse como ela se sentia.

— Isso é muito gentil — respondeu Belle. — Mas acho que, com esta neve, seria melhor que nos apressássemos para casa.

— Quem é aquele? — Mog perguntou ao policial, indicando um homem alto e magro usando um casaco escuro e chapéu mole de feltro. Ele estava encostado na parede junto à saída do tribunal e olhava na direção deles. — Parece estar muito interessado em nós. Reparei nele na sala de audiências.

Broadhead relanceou o homem.

— Suponho que seja um repórter. Provavelmente está esperando para falar com as senhoras. Se quiserem, eu saio e as acompanho até um táxi; isso deve intimidá-lo.

Belle não reparara no homem antes, mas, sem querer falar com mais ninguém naquele dia, tomou o braço de Mog e permitiu que Broadhead as conduzisse para apanhar um táxi.

Todavia, quando Broadhead começou a descer os degraus, o homem alto colocou-se no caminho das duas mulheres.

— Srta. Cooper, não é? — perguntou ele, estendendo a mão para apertar a de Belle.

Ser chamada pelo nome de solteira foi um choque. Fez Belle vacilar e olhar para Mog em busca de auxílio.

— Sei que é Sra. Reilly agora, mas a senhora era Belle Cooper, não? — disse ele, com o tom de voz bajulante e conhecedor, os olhos de um castanho-amarelado.

Em um lampejo de intuição, Belle percebeu que ele devia tê-la relacionado com o julgamento de John Kent, o homem que a tinha sequestrado e vendido para a prostituição, porque ela o

testemunhara assassinar uma das garotas de sua mãe. Kent fora enforcado antes de ela se casar com Jimmy, e ela acreditara que, quando se mudasse para Blackheath, seu passado estaria enterrado e esquecido. Mas negar o nome Cooper seria inútil e faria parecer que ela tinha algo a esconder.

— Sim, meu nome de solteira era Cooper — disse ela, esforçando-se muito para não mostrar nenhuma ansiedade. — Já nos conhecemos?

— O policial Broadhead conseguiu um táxi — disse Mog, apertando o punho no braço de Belle para indicar que deviam sair depressa dali. — Temos que ir, não podemos deixá-lo esperando com este frio.

— Blessard — disse o homem, ainda com a mão estendida. — Frank Blessard, do jornal *Chronicle*. Não, ainda não nos conhecemos, mas...

Belle interrompeu-o, apertando-lhe a mão oferecida.

— Prazer em conhecê-lo, Sr. Blessard, mas temos que correr agora.

Enquanto ela e Mog desciam apressadamente os degraus, ela se deu conta de que ele meio que a perseguira com a intenção de perguntar-lhe outra coisa, mas ela não virou a cabeça e perguntou a Broadhead se ele gostaria de voltar com elas para a vila.

— É muito gentil de sua parte. Pretendia pegar o bonde — disse ele, com o rosto iluminando-se ante a oferta. — Mas, se não for inconveniente, um táxi certamente me economizaria bastante tempo.

— Aquele homem que falou conosco, Blessard, disse que estava com o *Chronicle* — disse Belle a Broadhead assim que o táxi entrou em movimento. — Não conheço esse jornal. O senhor conhece?

O policial fez uma expressão de desagrado.

— Um tabloide detestável. É bom que tenha dado um corte nele, pois só esperava por mais detalhes sangrentos do que conseguiu no tribunal. Se ele a abordar novamente, mande-o chispar. Não tenho tempo para esses canalhas, eles examinam atentamente um caso e, se não conseguem encontrar nenhuma história sensacionalista, tratam de inventá-la.

A neve tornara-se chuva torrencial de granizo no momento em que chegaram de volta a Blackheath, e Belle pagou o taxista, disse adeus ao policial e, com Mog, entrou correndo em casa.

Garth estava na cozinha.

— Correu tudo bem? — gritou ele enquanto elas tiravam as roupas e botas de sair. — A chaleira está no fogo. Quanto tempo o rato pegou?

As duas mulheres se juntaram a Garth na cozinha, indo até o fogão para aquecer as mãos. Mog contou a Garth o veredicto.

— Mas Belle está um pouco abalada. Um jornalista lá a conhecia como Cooper.

— Não vá ficar pensando nisso — disse Garth, indo até Belle e colocando uma pata grande em seu ombro. — Seu nome de solteira não é nenhum segredo. Muitas pessoas aqui pelos arredores o conhecem, você viveu aqui por meses antes de se casar com nosso Jimmy.

— Isso tudo é bem verdade, mas por que ele usaria o nome Cooper quando eu só tinha sido chamada de Reilly no tribunal? E havia alguma coisa lodosa nele — disse Belle, encostando-se no peito grande de Garth em busca de conforto. — Acho que ele esteve no julgamento de Kent.

Garth abraçou-a contra si.

— Venha cá, não fique preocupada com isso. Nunca levantaram nada de ruim sobre você naquele julgamento. Vai ver ele ficou um tanto entusiasmado por você ser novamente vítima de um homem mau. Meio que história de interesse humano, não?

— Claro que é — disse Mog em tom resolutivo. — Você que é tão bonita e tudo, com marido na guerra e sendo tão esperta ao fazer o retrato daquele bandido. Noah diria a você que houve um tempo em que ele arrancaria a mão de qualquer um para conseguir uma história tão suculenta.

— Talvez eu devesse telefonar para Noah — disse Belle, olhando de Garth para Mog. — Sabem como é, ouvir os conselhos dele. De certo modo, não acho que foi a última vez que vi aquele homem, e preciso saber como lidar com ele caso apareça novamente.

— Como se já não tivesse preocupação suficiente com Jimmy — disse Mog.

Belle estava bem ciente de que Mog era suscetível a extrema ansiedade no tocante ao bem-estar de Belle, e por isso achou melhor tranquilizá-la.

— Não estou preocupada demais com ele. Sem dúvida, ele está bem, só reclamando nas cartas que sente saudades de todos nós e está farto de passar o tempo todo com frio e encharcado — disse ela com leveza. — Ele disse que seus pés nem de longe estão tão ruins quanto os da maioria dos outros homens. E, se ele não puder se queixar disso a nós, a quem mais ele pode?

Belle estava, na verdade, muito preocupada com Jimmy, uma vez que pudera sentir a tristeza entre as linhas de sua última carta. Ele havia dito que estivera para ver o oficial médico a respeito do pé de trincheira, [\[8\]](#) mas depois acrescentou que os dele não estavam ruins o bastante para que o encaminhassem ao hospital como alguns dos outros homens. Dissera que fora sorte que Mog tivesse lhe tricotado tantos pares de meias de lã quentes, já que isso lhe permitira trocá-las com frequência, mas secá-las é que era o problema.

Belle sabia que o pé de trincheira era causado por ficar na água durante longos períodos. Ela estremecia só de pensar nas condições em que os soldados viviam e lutavam lá.

Havia tanta injustiça na vida dos soldados. Se fossem feridos em batalha, receberiam uma pensão do exército, mas aqueles que de alguma outra forma se tornassem incapacitados, ou apenas adoecessem em decorrência das condições em que viviam, não tinham nada.

Na carta, passara por piada o comentário de Jimmy de que a única maneira de chegar em casa era um bilhete Blighty.<sup>[9]</sup> Com isso, ele se referia a um ferimento grave ou uma enfermidade que não pudesse ser tratada na frente de batalha. Ele dissera que um homem em seu regimento tinha atirado no próprio pé, alegando que fora um acidente enquanto limpava sua arma. Outro soldado fora visto acenando com o braço acima da trincheira, claramente à espera de que os *boches* (como os soldados chamavam os alemães) atirassem nele.

Belle não achou que ele mencionaria essas coisas a menos que também tivesse brincado com a ideia de fazer algo semelhante. Ele também lhe contara sobre fazer parte de uma patrulha enviada durante a noite à Terra de Ninguém<sup>[10]</sup> para reconhecimento, e sobre como uma noite os alemães haviam lançado sinalizadores ao céu e ele se descrevera como um coelho atordoado e sem movimento pela ação de uma luz brilhante, quando deveria era ter se jogado no chão. Ele chegara a fazer piada de que parecia que os *boches* não podiam se dar ao trabalho de atirar nele.

Mas Belle entendeu que não havia nada de engraçado nisso; ele claramente tinha congelado de terror. Por pior que fosse imaginá-lo dessa forma, de certo modo parecia pior pensar que ele não ousasse admitir isso por medo de ser visto como um covarde.

Belle estava horrorizada com a maneira como a maioria das pessoas estava glorificando a guerra. Ela se perguntava se ainda sentiriam o mesmo se perdessem um membro da família. Os jornais ora relatavam as atrocidades alemãs (desde matança de bebês e estupro de mulheres até tortura de prisioneiros de guerra), ora alegremente encorajavam todos a acreditar que os exércitos aliados

estavam vencendo, sem levar em consideração as já horríveis perdas. Como os soldados não eram autorizados a dizer exatamente onde estavam e não seriam capazes de dizer a verdade sobre o andamento da guerra, ainda que soubessem, ninguém poderia ter certeza do que realmente estava acontecendo lá.

— Você está bem, Belle?

A voz de Mog atravessou seu devaneio, e ela ergueu o olhar com um sorriso tênue.

— Sim, estou bem. Acho que vou subir para acender a lareira na sala de estar e escrever para Jimmy. Ele vai querer saber como foi hoje.

— Não volte a pensar naquele repórter — replicou Mog. — Quando ele tiver acabado de acompanhar o restante dos casos julgados hoje, já vai ter esquecido tudo sobre você.

Belle escreveu sua carta para Jimmy. Não contou nada sobre Blessard, apenas sobre as outras testemunhas e o resultado do julgamento. Disse que estivera nevando, que depois a neve virara granizo e que ela estaria reabrindo a loja daqui a uma semana. Encontrara um fornecedor de chapéus de pele elegantes e regalos[11] combinando, os quais deveriam vender bem e dar-lhe tempo para desenhar e fazer chapéus para a primavera.

Mas, como sempre, a maior parte de sua carta foi preenchida com pequenos detalhes da vida doméstica, quão preocupados ela, Mog e Garth estavam com ele e quanto ela sentia sua falta.

A imagem que ela desenhou ao pé da página era de um porco usando peruca de juiz, uma vez que naquela manhã ela notara que o juiz se assemelhava a esse animal, com olhos escuros muito pequenos e um nariz que estava mais para um focinho.

Em um pedaço separado de papel, ela esboçou Blessard conforme se lembrava dele. Um rosto ossudo, pele ruim, lábios finos e um bigodinho castanho-claro, mas ela descobriu que não

conseguia se lembrar da forma dos olhos dele, apenas da astúcia neles.

Estaria seu passado prestes a voltar para assombrá-la?

Seis semanas após o julgamento, perto das 16 horas, Belle agasalhou-se bem com seu chapéu de pele marrom, casaco de *tweed* marrom e um grosso cachecol azul que Mog lhe tricotara, para subir até a loja. Como nevava forte naquela manhã, Belle ficara em casa para trabalhar em algumas novas criações e deixara que Miranda abrisse a loja. A neve parecia muito bonita no escuro; [\[12\]](#) houvera tão pouco tráfego durante todo o dia que mesmo a rua tinha uns bons cinco centímetros de neve cobrindo-a. Mog dissera que era tolice ir até lá, uma vez que não haveria nenhum cliente com esse tempo, mas Belle precisava de um pouco de ar fresco e queria ver Miranda.

A vitrine curvada da loja sempre se mostrava convidativa no escuro, já que a luz de seu interior jorrava sobre a calçada. Belle estacou por um instante, olhando para o mostruário de chapéus de pele e regalos na vitrine.

Através do mostruário da vitrine, ela pôde ver Miranda de pé sobre um banquinho, reorganizando caixas de chapéu em uma prateleira. Como sempre, ela estava elegante, em um vestido de lã cor de ameixa combinado com um casaquinho enfeitado de veludo e o cabelo loiro trançado e enrolado na cabeça.

Ela pulou do banquinho quando o sino da loja tilintou e Belle entrou.

— Não esperava que aparecesse hoje — disse ela, parecendo surpresa e contente. — Mas fico muito feliz que tenha aparecido, pois hoje recebi umas pessoas medonhas aqui e queria compartilhar a experiência com você.

Belle sorriu. Miranda gostava de palavras dramáticas; “medonhas” era uma de suas favoritas.

— “Medonhas” em que sentido? Feias, grosseiras, malvestidas?

— Medonhamente chatas, principalmente. Uma mulher me deleitou com a história do precioso gato dela, que tinha acabado de falecer. Veja se pode! Como alguém pode esperar que eu escute as virtudes de um bichano ruivo por mais de uma hora sem bocejar? Depois teve aquela mulher que usa um tipo de turbante e funga o tempo inteiro.

Belle riu. Ela sabia exatamente a quem Miranda se referia. A mulher entrava o tempo todo, mas nem uma vez havia retirado o curioso turbante para experimentar um chapéu de verdade. Belle sempre suspeitava que ela pudesse ser careca.

— Presumo então que os negócios foram medonhos.

— Pelo contrário, vendi quatro chapéus de pele e três regalos — disse Miranda alegremente. — Além disso, aquela apavorante Srta. Orwell, que parece ter um mau cheiro permanente sob o nariz, entrou com a mãe para ver se você lhe faria um toucado para o casamento dela em abril. Ela também quer algo para as damas de honra. Eu disse que você telefonaria para ela e marcaria um encontro para tratar do que ela quer.

— Isso é maravilhoso — disse Belle. — Devemos nos empenhar para gostar da apavorante Srta. Orwell. Felizmente, ela é muito bonita, então uma das minhas estonteantes criações não ficará deslocada nela.

As duas riram. Um de seus prazeres era ridicularizar as clientes de quem não gostavam, ainda que sempre fossem o charme em pessoa diante delas. Belle passou para a sala de trabalho para verificar o fogãozinho que mantinha a loja aquecida e colocou mais carvão para passar a noite.

— Que tal se tomássemos uma xícara de chá antes de fecharmos? — gritou ela lá de dentro.

Não raro, Belle se perguntava o que seria dela sem Miranda como amiga. Elas tinham um senso de humor parecido, a conversa nunca se esgotava entre as duas e ela confiava inteiramente na outra. Por mais que amasse Mog e Garth, estes eram bastante limitados, visto

que tinham pouco interesse, ou conhecimento, em qualquer coisa além do pub e da família. Miranda, por outro lado, viajara; era interessada em todos os tipos de coisa e tinha uma natureza alegre que mesmo a mãe arrogante não fora capaz de subjugar.

— Ou poderíamos fechar a loja e tomar uma taça daquele xerez que sobrou do Natal — Miranda gritou de volta.

— Eu sabia que tinha contratado você por mais do que sua boa aparência — disse Belle, descendo a garrafa da prateleira. — Tranque a porta e baixe a veneziana.

Poucos minutos depois, estavam ambas na sala de trabalho, sentadas perto do fogão com uma taça de xerez nas mãos.

Belle admitira para Miranda alguns dias antes que ela não se sentia mais entusiasmada com a loja. Miranda não a levara a sério nessa ocasião, supondo que estivesse apenas tendo um dia ruim. Belle sabia que precisava fazê-la enxergar que era mais do que isso.

— Queria que não precisasse trazer isso à baila novamente, Miranda — começou ela. — Mas realmente não quero continuar com a loja. Sei que você a ama e acha que vou conseguir recuperar o entusiasmo, mas não vou. Prefiro fazer algo pelo esforço de guerra.

— Mas ela é um sucesso tão grande! — protestou Miranda. — Posso administrá-la para você. Você simplesmente fica em casa e faz os chapéus.

— Nem sinto mais o mesmo em relação aos chapéus — admitiu Belle. — E a renovação do arrendamento será em breve. Eles com certeza vão colocar o aluguel lá em cima e eu realmente não posso me comprometer por mais três anos. Especialmente se a guerra se arrastar.

Por um momento, Miranda olhou de modo analítico para ela.

— Mesmo quando reabrimos no Ano-Novo, notei uma queda em seu talento e entusiasmo. Não comentei porque esperava que eles voltassem eventualmente. — Ela fez uma pausa por um instante, como se pensasse no que ia dizer. — Mas, se sente que nunca vão

voltar, posso entender por que quer desistir. Mas trabalho de guerra! Sei que querem pessoas nas fábricas de munição, mas não a vejo fazendo isso. Precisam de enfermeiras também, mas você não é uma. Imagino que pudesse se oferecer como voluntária para servente de hospital, mas você realmente quer fazer o trabalho sujo?

— Não me importaria.

Miranda parecia chocada.

— Você está falando sério, não é?

— Sim, estou. Não queria causar sua saída de um emprego, mas realmente não tenho mais gosto por isso. Adorava criar e fazer os chapéus, mas agora é um verdadeiro fardo. Talvez, se me oferecesse como voluntária no hospital e adquirisse alguma experiência, em poucos meses pudesse me juntar à Cruz Vermelha.

— Quer dizer ir para a França?

Belle realmente não tinha pensado nisso, mas subitamente pareceu ser exatamente o que ela queria.

— Acho que sim.

Miranda fitou-a.

— E o que Jimmy teria a dizer sobre isso?

Belle fez uma careta.

— Ele ficaria horrorizado. E Mog e Garth também. Seria um deus nos acuda. Mas é minha vida e eles precisam de toda ajuda que conseguirem lá. Você não pode me dizer que não seria mais útil do que algumas daquelas mulheres tolas de sociedade que nunca sequer se vestiram sozinhas nem buscaram água para o próprio banho. Alguém como eu não desmaiaria à vista de piolhos ou de um homem nu.

— Como eu, você quer dizer? — Miranda sorriu com malícia. — Olhe, eu não desmaiaria diante de um homem nu.

Belle deu uma risadinha.

— Não quis dizer como você, e você sabe disso. Mas nós duas lemos no jornal sobre essas mulheres se tornando VADs e ajudando enfermeiras treinadas. Se elas conseguem, por que eu não?

— Bom, para começar, você precisa ter 23 anos, e eu duvido que a aceitariam, já que é casada.

— Eu poderia mentir sobre isso — disse Belle.

— Tsc, tsc, tsc — fez Miranda, balançando um dedo em desaprovação. — O que há em seu passado, hein? — perguntou ela. — Sempre que você diz algo assim, tenho a sensação de que já fez tanta coisa, viu tanta coisa. Somos amigas; você pode confiar em mim, então, por que não me conta sobre isso?

Belle esboçou um meio sorriso.

— Você pode não querer que sejamos amigas se eu lhe contar toda a história.

Miranda estendeu a mão e tomou a de Belle.

— Não há nada que possa dizer que faça com que eu pare de gostar de você. Além disso, não poderia brigar com você, já que sabe demais sobre mim. Então, me conte, e eu prometo que vou me juntar a você nessa ideia maluca de ir para a França.

— Com certeza você não quereria fazer isso! — exclamou Belle. — Limpar vômito e cortar uniformes ensanguentados de homens feridos?

— Não sou louca por nada disso. — Miranda fez uma expressão de nojo. — Mas Deus sabe que estou precisando de algo com que me entusiasme, e não consigo pensar em outra pessoa em quem eu prefira depositar minha sorte. Poderia dirigir uma ambulância, talvez? Meu pai tem todos os tipos de contato e, como você disse, poderíamos adquirir experiência em um hospital local, talvez fazer um curso de primeiros socorros.

Belle sentiu um ardor espalhando-se por ela. Ela não achava que fosse tão simples como Miranda fazia parecer, mas a possibilidade de fazer algo diferente e arrojado era eletrizante e expulsou a melancolia que parecia ter se instalado nela por tanto tempo.

— Você se juntaria mesmo a mim?

— Sim, claro. O que tenho a perder? Você me ajudou quando ninguém mais o faria. Para ser franca, agora sei que você é a única amiga verdadeira que tenho, ou que já tive; o restante são meros conhecidos. Você é inspiradora, engraçada e bondosa e tem uma força interior que faz com que me sinta mais corajosa e confiante por estar com você.

As lágrimas despontaram dos olhos de Belle ante um elogio tão sincero.

— Poderia ser a maior aventura — disse ela em voz baixa. — Talvez maior e muito mais compensadora que qualquer coisa que já me aconteceu antes.

— Agora, sobre esse “antes”. — Miranda pegou a garrafa de xerez e serviu-as de mais uma taça. — Conte-me sobre isso.

Belle recordou como, em uma tarde pouco antes do Natal, ela, estando desesperadamente deprimida, dissera a Mog que, se Miranda aparecesse, era para dizer que ela tinha saído. Miranda aparecera, mas ela não se deixara enganar e insistira em vê-la. Tudo o que ela fizera fora entrar na sala de estar, sentar-se no sofá junto a Belle e colocar os braços em volta dela.

Naquele abraço havia uma riqueza de compreensão. Ela não listara todas as coisas pelas quais Belle tinha que viver, não viera com banalidades ou conversinhas estimulantes, apenas se oferecera como amparo, toda ouvidos, do tipo que não pede nada em troca. Belle sentiu que talvez lhe devesse a verdade sobre si mesma.

— Certo. Se vamos entrar juntas nisso, então é melhor que você saiba. Em primeiro lugar, nasci e fui criada em um bordel.

Belle contou sua história tão simples e concisamente quanto poderia: o assassinato de Millie e como ela fora sequestrada pelo assassino e vendida para prostituição na França. Deu-se conta, ao contar sobre como Etienne a levava para o prostíbulo de Martha em Nova Orleans, de que os olhos de Miranda estavam arregalados de espanto, mas ela não vacilou.

— Decidi ali, já que não havia maneira de conseguir voltar para a Inglaterra, que poderia muito bem aceitar isso e ser a melhor das prostitutas — disse claramente. — Eu era a mais requisitada e às vezes até me divertia.

Foi só quando ela chegou à parte sobre Pascal, que a trancara no sótão de sua casa em Montmartre, que Miranda arfou.

— Se fosse outra pessoa me contando isso, acharia que estava inventando — comentou ela.

Belle continuou, dizendo como Etienne a resgatara, e terminou a história com seu testemunho no julgamento de Kent.

— Que história fabulosa! — exclamou Miranda. — Mas explica muitas coisas sobre você que me intrigavam. Estou tão feliz que tenha se sentido capaz de me contar.

— Estou também — admitiu Belle. — Sabe, realmente queria lhe confiar um segredo sobre algo que aconteceu no tribunal no dia do julgamento de Newbold. Eu não podia lhe contar sobre isso, não quando você não sabia sobre meu passado. Mas um repórter falou comigo. Ele sabia meu nome de solteira e acho que esteve no julgamento de Kent, o homem que me raptou, de modo que ele saberia muitíssimo de meu passado. Parte do motivo de eu querer desistir da loja é ele. Tenho um pressentimento de que pode me abordar novamente.

— Quer dizer que você acha que ele pode tentar chantageá-la?

Belle deu de ombros.

— Você é rápida. Essa é uma das coisas de que gosto em você. Mog achou que ele estivesse só atrás de uma reportagem sobre o

assalto, mas já conheci alguns vermes na vida e acho que ele é um. Digamos que seja instinto.

— Mas todos com quem você se importa já sabem de tudo isso — observou Miranda. — Não se pode chantagear uma pessoa a menos que ela esteja escondendo coisas de seus entes mais queridos.

— Isso é verdade, mas o que ele pode ter percebido, se andou bisbilhotando por aqui, é que sou agora muito respeitável. Imagine como as pessoas na vila, minhas clientes, reagiriam se soubessem a verdade sobre mim!

— Mas com certeza ele não conhece toda a história! Só sabe que você foi vendida para um bordel quando era muito menina, e as pessoas seriam muito solidárias quanto a isso.

Belle arqueou uma sobrancelha.

— Por estes lados? Ninguém jamais voltaria a comprar um chapéu de mim. Consegue imaginar o que diria sua mãe?

Miranda assentiu com a cabeça.

— Sim, consigo, mas nem todos são como ela.

— Bastante gente é — disse Belle com tristeza. — Mog e eu temos sido tão cuidadosas para nos encaixarmos, para sermos respeitáveis. Aquele homem poderia destruir tudo isso. Não me importo tanto por mim quanto pela pobre Mog. Ela e Garth estão tão felizes, ela adora ser bem respeitada na comunidade. Eu lhe trouxe tanta dor quando fui sequestrada, não quero que a desgraça recaia sobre ela agora que está tão estabelecida.

— Fugir para a França não vai impedir que isso aconteça se Blessard quiser expor você — disse Miranda.

— Verdade. Mas desconfio que dinheiro seja tudo o que aquele homem quer. Ele provavelmente olhou para esta loja e acha que tenho muito e que sou um alvo fácil porque meu marido está na

guerra. Se a loja deixar de existir e eu virar auxiliar voluntária de enfermagem, o que ele ganha com isso?

— Hummm. — Miranda pareceu pensativa. — Ele poderia tentar com Garth?

Belle deu um riso abafado.

— Alguém em seu perfeito juízo tentaria chantagear Garth? Ele torceria o pescoço do chantagista assim que batesse os olhos nele.

As duas ficaram em silêncio por um tempo, bebericando seu xerez e olhando para o fogo.

— Sobre esse tal de Etienne. — Miranda ergueu inquisitivamente uma sobrancelha perfeitamente modelada. — Sinto alguma coisa aí. Era um amante?

Belle balançou a cabeça.

— Não, mas eu o amava.

Miranda deu um sorriso afetado.

— Isso não poderia ser mais uma das atrações da França, poderia?

Os olhos de Belle se arregalaram.

— Não, é evidente que não. Ele nem me passou pela cabeça. Só quero fazer algo que valha a pena, me sentir viva novamente, não apenas contar o tempo até Jimmy chegar em casa.

— Bom, você já me fez querer acompanhá-la nessa ideia maluca — disse Miranda. — Então, é melhor fazermos alguns planos e elaborarmos como colocar isso em prática.

## Capítulo 10

**As luzes do Railway** estavam apagadas quando Belle chegou em casa, à meia-noite, após seu primeiro dia no The Royal Herbert Military Hospital. Ela entrou bem silenciosamente pela porta lateral e estava apenas tirando o casaco no hall escuro quando a porta da cozinha se abriu e, no jorro de luz, ela viu Mog.

— Você me assustou. Achei que já tivesse ido para a cama — disse Belle.

— Acha que iria para a cama com você perambulando pelas ruas? — respondeu Mog rispidamente. — Eu tinha feito seu chá, mas agora esfriou. Imagino que estava na vida boa com a Srta. Nariz em Pé.

Belle cambaleava de exaustão e não estava disposta a uma briga.

— Eu acabei de sair do hospital — disse ela. — A única vida boa que tive hoje foi o fedor de gangrena.

— Presumo, então, que não vai se dar ao trabalho de voltar amanhã.

Mog tinha os braços cruzados no peito e estava inflada de raiva e indignação. Durante todo o caminho para casa, Belle dissera a si mesma que talvez não pudesse continuar sendo auxiliar de enfermagem; ela nunca havia trabalhado tão duro na vida ou tido tantas visões angustiantes. Mas o desdém de Mog aniquilou esse pensamento.

— Você já me viu desistir de algo que quisesse fazer? — perguntou ela.

Era fim de abril e, durante o último mês, desde que ela dissera a Mog e Garth que não renovaria o arrendamento da loja e que tinha sido aceita no hospital como voluntária, Mog havia ridicularizado seus planos. Algumas vezes ela fora tão desagradável em relação a

isso que Belle ficara tentada a encontrar um quartinho em algum lugar e se mudar. Mas, sabendo que isso angustiaria Jimmy, resolvera ficar, na esperança de que Mog mudasse de atitude.

— Então você deve ter um parafuso faltando para trabalhar 16 horas num dia para nada — retrucou Mog.

— Você acha que não é nada ajudar a salvar a vida dos soldados? — Belle soltou um suspiro. — Para mim, é muito mais gratificante do que fazer chapéus para mulheres vazias com mais dinheiro do que bom senso.

— Que tal fazer algum dinheiro para quando Jimmy voltar? Você logo vai desperdiçar tudo o que fez na loja sem ter mais nenhum dinheiro entrando.

— Isso é problema meu — disse Belle.

— Talvez seja, mas aposto que você vai falar disso com a Srta. Nariz em Pé e ela vai inventar outro projeto desmiolado ainda mais ridículo do que esse aí.

Belle sentiu-se magoada e triste com o ciúme e o despeito naquele comentário.

— Já lhe disse dezenas de vezes que foi ideia minha e não de Miranda. E não a chame de Srta. Nariz em Pé, ela não é assim e tem sido uma amiga muito boa para mim. Estou indo dormir agora. Só espero que amanhã à noite você tenha encontrado um jeito de aceitar que isso é o que quero fazer.

Mog rosnou para ela em desaprovação.

— São todas mulheres do tipo dela que estão indo rapidinho virar um estorvo na França. Esse vai ser o próximo plano dela, eu suponho.

— Aquelas mulheres não estão virando um estorvo na França. Elas estão fazendo um trabalho maravilhoso.

Mog voltou irritada para a cozinha e bateu a porta atrás de si. Belle estava cansada demais para ir atrás dela e tentar argumentar,

por isso seguiu cansada escadas acima, para a cama.

Ela sabia que a verdadeira causa da desaprovação de Mog era o medo de que Belle se esquecesse de que era uma mulher casada. Mog via o casamento como uma finalidade; que, uma vez feitos os votos, a esposa não deveria querer nem necessitar de uma vida que estivesse além de servir o marido e fazê-lo feliz. Embora ela reconhecesse que não poderia ser exatamente assim para Belle, já que Jimmy estava ausente, ainda queria vê-la centrando sua vida ao redor dele, sentada em casa todas as noites tricotando-lhe meias, escrevendo-lhe cartas e fazendo planos para quando ele retornasse.

Belle certamente não se esquecerá de que era casada; ela desejava mais do que tudo que a guerra terminasse logo e Jimmy voltasse para casa, de modo que pudessem se estabelecer juntos novamente. Mas estava claro que a guerra não acabaria tão cedo, e ela não poderia nem ter certeza de que Jimmy sobreviveria. Não era de sua natureza apenas sentar-se indefinidamente sem fazer nada.

Jimmy a apoiava também. A carta que ele escrevera em resposta à dela sobre fazer trabalho voluntário havia deixado os pontos de vista dele bastante claros.

“Sentirei orgulho de pensar que você está fazendo sua parte pelos soldados feridos”, escreveu ele. “Só Deus sabe de quanta ajuda os homens feridos que vi aqui precisam para se recuperarem de seus ferimentos. Tio Garth e Mog provavelmente desaprovarão o fato de você fazer qualquer coisa que a tire do raio de visão deles, mas não dê atenção. Eles têm ideias fixas por causa do que a vida lhes reservou.”

“Acho que, quando eu voltar, devemos arranjar nossa própria casa. Nós dois passamos tempo demais tendo nossa vida organizada por outros. Muitas vezes, fantasio sobre nós dois vivendo à beira-mar, talvez dirigindo uma casa de hóspedes em vez de uma taberna; eu daria tudo para estar em um lugar limpo e silencioso. Mesmo quando nos mandam sair da linha de frente, o fogo de artilharia nunca cessa, mas a maneira como lido com todos os horrores daqui

é me imaginar deitado entre lençóis limpos e macios com você, janelas abertas, uma brisa suave flutuando quarto adentro e silêncio total, ou sentado junto a uma fogueira crepitante comendo qualquer coisa que não seja carne em salmoura.”

Jimmy sempre mencionava em suas cartas o constante barulho da artilharia e seu desejo de silêncio, e Belle estava bem ciente de que o homem com quem ela se casara poderia não ser o mesmo quando a guerra acabasse. Talvez não fosse possível ir para a França, mas ao menos trabalhar no hospital lhe daria melhor compreensão da experiência pela qual ele estava passando.

Uma vez deitada na cama, Belle ficou lá pensando sobre o longo dia que acabara de ter.

A enfermeira-chefe, uma mulher esbelta de aspecto invocado, olhara-a de cima a baixo quando ela chegara de manhã à ala do hospital. De acordo com o regulamento, Belle usava o vestido azul-marinho na altura do tornozelo e de gola alta, punhos, colarinho, avental e touca brancos, mas não pareceu ter a aprovação da mulher.

— Todo o seu cabelo deve estar para trás, preso sob a touca — disse a enfermeira-chefe em tom astucioso. — Você vai fazer exatamente o que lhe ordenarem e, se eu julgá-la incompetente, vou pedir que se retire imediatamente.

— Sim, enfermeira-chefe — disse Belle enquanto enfiava de volta um par de cachos rebeldes que lhe escaparam da touca. Ela ficou um pouco abalada pela recepção fria, pois, embora não esperasse que lhe fossem agradecer por tornar-se voluntária, certamente não tinha presumido que seria tratada como uma colegial.

Sua primeira impressão da ala de 40 leitos para a qual ela fora alocada fora de surpresa com tamanha arrumação e tranquilidade, ainda que a ala fosse um tanto sombria, já que a janela em seu extremo era estreita e se localizava em um ponto muito alto. A maioria dos pacientes estava deitada, e suas colchas estavam absolutamente lisas, com lençóis branquíssimos fazendo dobras

impecáveis, mas não havia ninguém gemendo ou debatendo-se de dor como ela havia esperado. Quase todos os olhos dos pacientes se voltaram para ela; alguns dos homens até conseguiram esboçar um sorriso atrevido. Havia de plantão duas Irmãs da Rainha Alexandra<sup>[13]</sup> e outras duas mulheres que ela supunha serem enfermeiras civis ou voluntárias como ela.

A primeira tarefa que lhe deram foi sair da ala para esfregar a cama em que um soldado morrera na noite anterior. O desinfetante era tão forte que lhe ardeu as mãos e o cheiro transportou-a de volta a Nova Orleans, fazendo-a recordar o material que usavam para lavar as peças íntimas dos clientes. Ela sorriu para si mesma ao imaginar como a enfermeira-chefe reagiria se ela lhe revelasse isso.

Quando ela terminou aquele trabalho, Irmã Adams, uma mulher simples e muito magra, já quase na casa dos 40, a qual Belle supunha ser a mais experiente da equipe de enfermagem, pediu-lhe que observasse enquanto Irmã May fazia os curativos.

Foi como um batismo de fogo.<sup>[14]</sup> O primeiro paciente tinha sido atingido por uma granada. Ele tivera o que restava do braço direito amputado logo abaixo do ombro em um hospital de campanha, mas o peito inteiro e o lado direito do corpo eram uma massa viva de carne rasgada e carbonizada.

Belle não sentiu náusea, apenas se estarreceu diante de uma ferida tão horrível e, tivesse ela sido deixada sozinha para limpá-la com a solução salina, não teria sabido nem por onde começar e teria ficado apavorada com a ideia de ferir o homem ainda mais. Mas o soldado Lomax não gritou enquanto Irmã May tocava gentilmente a ferida; ele manteve os olhos em Belle e ainda tentou manter uma conversa.

— Seu primeiro dia? — perguntou ele.

Belle respondeu que era.

— Observe Irmã May com atenção. Ela é a melhor e a mais gentil. Vejo que usa um anel de casamento. Seu marido está na

França?

Como Miranda havia dito, mulheres casadas não podiam ser aceitas no treinamento de enfermagem. Belle havia mentido sobre a idade e dito ter 23 anos, mas admitira que era casada. Em sua entrevista, eles tinham deixado bastante claro que só estavam dispostos a aceitá-la como voluntária porque seu marido estava em serviço ativo.

— Sim, acho que ele deve estar perto de Ypres. Naturalmente ele não pode dizer, mas houve algumas dicas.

— Tivemos muitíssimos homens aqui que foram feridos lá — comentou Irmã May. — Espero que seu marido se mantenha a salvo.

— Obrigada, irmã — agradeceu Belle, depois voltou a atenção novamente para Lomax. — O que vai fazer agora? — perguntou ela. Ele era tão jovem, não mais de 19 anos; embora o braço bom fosse musculoso, o corpo dele tinha a rigidez magra de um jovem rapaz.

— Voltar para Sussex e ajudar meu pai na fazenda — respondeu ele. — Tenho sorte por ser canhoto. Então, ainda sou capaz de fazer a maioria das coisas.

Sua coragem e ausência de autopiedade deram um nó na garganta de Belle.

Quando ela e Irmã May terminaram todo um lado da ala, Belle percebeu que devia ser uma espécie de código de honra entre os feridos não demonstrar angústia por suas lesões, uma vez que nenhum deles reclamou ou gritou enquanto suas feridas eram enfaixadas. Um homem perdera as duas pernas, um tinha que se deitar de barriga porque as costas eram uma enorme ferida aberta. Outro recebeu naquela manhã a notícia de que sua perna teria que ser amputada acima do joelho porque ele tinha gangrena.

O cheiro de sua ferida fora a única coisa que fizera Belle sentir ânsia de vômito durante o dia. Ela esvaziara incontáveis penicos e três vezes tivera que limpar um homem com disenteria. Tinha lidado com vômito e sangue e ajudado a preparar o corpo de um homem

que finalmente morrera por causa de uma ferida terrível no estômago. Contudo, fora somente o cheiro da gangrena que realmente lhe causara náuseas.

Irmã May tinha por volta de 28 anos e era alta e robusta, com as faces rosadas de uma menina do campo. Era firme e profissional, mas Belle sentia sua bondade inata enquanto trabalhava rápido e eficientemente, sem qualquer afobação. Era uma pessoa boa com quem aprender, já que deu a Belle um pouco de informação sobre cada paciente e explicou do que cada um deles precisava. Disse que ela e as demais enfermeiras se realizavam na ajuda voluntária e que achava que Belle tinha todos os elementos para ser muito útil.

Durante a tarde, um comboio de ambulâncias chegou ao hospital com mais de cem outros feridos sobre macas. Belle saiu com Irmã May e Irmã Adams para recebê-los e mostrar aos maqueiros a ala para a qual deveriam levá-los.

Pelo menos metade dos recém-chegados vinha em um estado muito ruim. Podiam ter sido despojados dos uniformes e suas feridas enfaixadas em um hospital na França, mas agora teriam que passar por cirurgias na tentativa de salvar-lhes a vida.

Belle nunca se sentira tão inadequada. Tudo o que podia fazer era observar e aprender com as enfermeiras enquanto estas falavam com os pacientes e tranquilizavam-nos. Irmã May conduzia-a aos homens a quem poderia dar uma bebida ou acender e segurar um cigarro contra os lábios daqueles que queriam um, e a certa altura ela chamou Belle de lado e perguntou se ela escreveria por um homem que ficara cego uma carta para casa.

— O nome dele é Albert Fellows, e ele provavelmente não vai passar desta noite — disse baixinho. — Ele tem uma ferida horrível no peito, além dos ferimentos faciais. Disse que tinha 18 anos para se alistar, mas diria que tem apenas 17, e ele quer que a mãe sabia que ele estava pensando nela no fim.

Albert Fellows tinha cabeça e olhos enfaixados, e o que se revelava do restante da face era uma confusão chocante de tecido

despedaçado. Belle tomou-lhe a mão ao sentar-se ao lado de sua cama, a postos com um bloco de notas e lápis.

— Olá, Albert, sou a Sra. Reilly — começou ela. — Não sou enfermeira, apenas voluntária, mas a Irmã disse que você queria mandar uma carta para sua mãe. Pode me contar o que você quer dizer?

Era impossível imaginar qual fora a aparência dele antes de ser desfigurado, mas a mão que ela segurava, embora calejada e áspera, era pequena, fazendo-a lembrar que se tratava apenas de um garoto.

— Nunca fui muito de escrever cartas — crocitou ele. — O sargento costumava fazer isso para mim, então escreva o que for melhor.

— “Querida mãe”, então — sugeriu Belle.

— Eu a chamo de mãezinha — disse ele.

— “Querida mãezinha, estou agora no Royal Herbert Hospital, em Woolwich” — continuou ela. — Soa bem?

— Sim, diga a ela que estou mal, mas em boas mãos. Diga que não fui poltrão quando saltei da trincheira e que lamento ter sido uma preocupação tão grande para ela. — Então ele parou, e ficou nítido, por sua respiração pesada, que falar lhe era muito difícil.

Belle ouvira a palavra “poltrão” já várias vezes naquele dia. Significava “medroso”. Ela estava certa de que todos os homens deviam ter ficado amedrontados, mas, assim como não reclamar de seus ferimentos, era considerado honroso esconder o medo. Ela se perguntava como era possível que pudessem ser corajosos o suficiente para se arrojarem das trincheiras, sabendo muito bem que provavelmente seriam alvejados.

— Você tem irmãos e irmãs que eu deva mencionar? — perguntou ela.

— Sou filho único, papai morreu alguns anos atrás — respondeu ele, arquejante. — Diga a ela para dar um tapinha no Whisky por mim, é meu cachorro. Não sei o que mais dizer.

— Poderia dizer que a ama — sugeriu Belle.

— Nunca dissemos coisas piegas — crocitou ele.

Belle apertou-lhe gentilmente a mão, feliz que ele não pudesse ver as lágrimas nos olhos dela.

— Agora é um bom momento para ser piegas. Sei que gostaria de ouvir uma coisa assim de meu filho corajoso.

— Tudo bem, então. E diga a ela para se cuidar e não trabalhar tanto.

Irmã May sugerira que Belle anotasse enquanto ele ditava e passasse a limpo mais tarde.

— E vou assiná-la com “de seu amoroso filho, Albert” — disse Belle.

— Vai postá-la para mim? — perguntou ele.

— Claro que vou, Albert — respondeu ela. — Agora, durma até o médico vir vê-lo.

— Você é jovem? — perguntou ele. — Você fala como se fosse, e suas mãos são delicadas e macias.

— Sim, sou jovem — respondeu ela, esforçando-se para controlar o tremor na voz. — Não estou ajudando aqui há tempo suficiente para ter mãos ásperas. Mas imagino que vou ter.

— Eu nunca nem sequer beijei uma garota — disse ele em tom irritado. — Alguns dos caras me contaram que faziam de tudo com garotas. Acha que mentiam para posar de maiores?

— Sim, estou certa de que mentiam — disse ela, desejando poder garantir-lhe que, um dia, ele conseguiria fazer tudo aquilo também. Mas ela não podia, ele já sabia que não conseguiria. — Tenho que ir agora, mas volto para revê-lo mais tarde.

Albert morreu exatamente uma hora depois, mas Irmã May estava com ele, segurando-lhe a mão. Belle esforçou-se para conter as lágrimas e a Irmã colocou-lhe uma mão no braço para ampará-la.

— Foi o melhor para ele, Reilly — disse ela brandamente. — A dor dele se foi, e que tipo de vida ele teria sem enxergar nada e com o rosto desfigurado? Foi melhor também que a mãe dele não chegasse aqui a tempo de vê-lo assim. Ela pode orgulhar-se da coragem dele e lembrar-se do filho como ele era.

— Vai ser sempre desse jeito? — perguntou Belle, não sabendo se seria capaz de manter os nervos no lugar se cenas como essa fossem uma ocorrência habitual.

— Temos que adquirir força com aqueles que se recuperam — disse a Irmã. — Não nos concentramos naqueles que nos deixam. Fazemos nosso melhor por todos eles e, ainda que tudo o que você pudesse fazer por Albert fosse escrever à mãe dele, isso o confortou mais do que a morfina.

Quando Belle começou a adormecer, perguntou-se como Miranda tinha se saído hoje. Elas tinham ido juntas para o hospital naquela manhã, mas Miranda fora mandada a uma ala diferente e Belle não vira sinal dela novamente, nem mesmo quando o comboio de feridos chegara.

Três dias se passaram antes de Belle reunir-se novamente com Miranda. A partir do segundo dia, Belle havia se apresentado ao serviço às 6 horas da manhã e saído às 16 horas, e, até onde ela sabia, poderiam ter dado horários diferentes para Miranda.

Mas, no segundo dia, ela subia a Shooters Hill quando o tilintar do sino de uma bicicleta fez com que olhasse em volta. Miranda pedalava laboriosamente na direção dela.

— Está aí uma boa ideia — disse Belle. — Muito mais rápido do que andar.

— Papai comprou para mim — disse Miranda, ofegante, enquanto desmontava e caminhava ao lado de Belle, empurrando a bicicleta.  
— Como você está?

— Ficando bem ciente de que enfermagem não é para pessoas impressionáveis — disse Belle. — O que está achando? Tinha começado a pensar que você havia desistido, já que não a vi mais.

— Estou na ala dos oficiais — disse Miranda. — Quase virei e dei no pé. É horrível demais! Só porque são todos cavalheiros não quer dizer que os ferimentos deles sejam mais agradáveis do que nos outros postos. Mas não vou desistir; se o fizer, minha mãe vai exultar de alegria.

Belle riu.

— Sinto o mesmo. Mog está esperando que eu desista. Ela tem sido bem desagradável também.

Elas conversavam sobre a atitude das duas mulheres mais velhas enquanto caminhavam.

— Acho que vamos ter experiência suficiente para nos candidatar a ir para a França em setembro — comentou Miranda. — Não contei para o pessoal de casa que esse é o plano. Você contou?

— Não, eu não me atrevo, só vou contar no último minuto — disse Belle.

— Poderia ser uma boa ideia você comprar uma bicicleta também — disse Miranda enquanto empurrava a sua para dentro do galpão.  
— Eu poderia ensiná-la a andar em uma.

— Você poderia? — perguntou Belle de modo ávido. — Estou de folga no domingo. Você vai estar de folga também?

Miranda disse que estaria e sugeriu que se encontrassem à tarde para uma aula.

— Pode ser no Greenwich Park.

Combinando que se encontrariam às 15 horas, as duas seguiram às pressas para suas respectivas alas.

O primeiro trabalho de Belle pela manhã foi esfregar um par de camas do lado de fora. Enquanto trabalhava, ela sorria para si mesma com o pensamento de Miranda ensinando-a a andar de bicicleta. Isso tornaria muito mais rápido o percurso de ida e volta do hospital.

No domingo à tarde, Miranda esperava com sua bicicleta junto à igreja quando Belle se encontrou com ela às 15 horas. Era um dia ensolarado e a charneca estava repleta de famílias soltando pipas, caminhando para o lago com botes para navegar, exercitando cachorros e jogando bola.

— Mamãe disse que eu não deveria ficar andando de bicicleta no domingo — disse Miranda. — Ela disse que era profano!

Belle deu uma risadinha. Ela tivera a infelicidade de encontrar-se novamente com a Sra. Forbes-Alton pouco antes de fechar a loja. A mulher a interrogara sobre o trabalho voluntário e deixara bem claro que considerava Belle responsável por dar à filha dela o que chamava de “ideias peculiares”. Belle ficara tentada a dizer que, se ela não passasse o tempo dela distribuindo penas brancas, talvez houvesse menos homens precisando de assistência para voltarem a ser saudáveis. Mas não chegara a se atrever. A mulher era impiedosa demais e isso só prejudicaria Miranda.

As garotas caminharam com a bicicleta até uma parte tranquila do parque.

— Agora, suba — disse Miranda assim que encontraram um caminho deserto. — Vou segurá-la até você conseguir se equilibrar.

Belle montou na bicicleta e, com Miranda segurando no selim, começou a pedalar. Miranda corria ao lado dela, equilibrando-a. Então, ela soltou e Belle se esborrachou no chão.

Isso aconteceu muitas vezes. Belle ficou com a saia presa na corrente, feriu o pulso ao cair sobre ele e machucou o joelho, mas

estava determinada a dominar a bicicleta.

— Quanto tempo levou para você aprender? — perguntou, ofegante, a Miranda.

— Séculos, e eu aprendi usando calças curtas, o que facilitou as coisas — respondeu ela.

— Eu não tenho “séculos” — disse Belle. — Tenho que aprender hoje para poder pedir a Garth que me compre uma amanhã e já ir de bicicleta para o hospital na terça-feira.

Ela cerrou os dentes e montou novamente. Dessa vez, conseguiu se manter na posição por uns dez metros antes de perder a concentração e se esborrachar.

— Agora você conseguiu! — Miranda gritou para ela. — Suba de novo e continue pedalando.

Belle conseguiu continuar. Ela vacilava, não guiava em linha reta, mas estava realmente andando de bicicleta.

— Muito bem! — gritou Miranda, bem distante atrás dela. — Continue em frente até encontrar um lugar largo o bastante para guinar sem pôr os pés no chão e depois voltar até mim.

Belle fez isso. Ela não apenas se manteve na posição, como também guinou e fez o trajeto de volta com confiança cada vez maior. Miranda bateu palminhas de alegria.

— Você aprendeu muito mais rápido do que eu — disse ela. — Agora, vamos nessa tomar uma xícara de chá. Depois, você pode fazer de bicicleta todo caminho de casa.

Ao longo do chá e de um bolo na sala de chá do parque, uma vez que Belle se refizera da emoção por aprender a andar de bicicleta, elas discutiram sobre a primeira semana delas no hospital.

— Eu realmente não estou preparada para isso — admitiu Miranda. — Esvaziar penicos me faz querer vomitar e não acho que poderia jamais enfaixar um ferimento, mas felizmente as enfermeiras de verdade fazem isso. Irmã MacDonald implica comigo

a todo instante. Não acho que ela goste de mim de modo algum. Mas fico lembrando a mim mesma que vou ser motorista de ambulância, que só preciso conhecer o básico de primeiros socorros, e isso me faz superar a dificuldade toda.

Pelo que Miranda dizia sobre sua atuação na ala, só estavam lhe dando mesmo os trabalhos de limpeza e arrumação. Belle fazia esses também, esfregando o chão, distribuindo e recolhendo penicos, alimentando pacientes que não conseguiam comer sozinhos e arrumando camas. Mas também lhe fora confiada a tarefa de banhar e barbear pacientes, e ela havia enfaixado ferimentos menos graves também.

Mas nenhuma delas se alongou muito sobre as dificuldades do trabalho. Havia histórias muito engraçadas das quais podiam rir.

— Uma nova voluntária começou na sexta-feira — comentou Miranda. — A Irmã disse a ela que levasse um penico a um paciente que tinha as cortinas puxadas ao redor da cama. A enfermeira lá dentro com ele dava-lhe um banho no leito, de modo que ele estava nu, com exceção dos curativos. Você devia tê-la visto quando saiu, com o rosto tão vermelho quanto uma caixa de correio e tremendo feito um pudim. Ela me contou depois que nunca tinha visto um homem nu antes, pois nem mesmo tinha irmãos!

Belle riu. As enfermeiras em sua ala haviam contado histórias semelhantes; na verdade, haviam dito que ela fora a primeira voluntária que não parecera constrangida. Considerou sorte que soubessem que ela era casada ou poderiam ter se perguntado sobre ela.

— É igualmente desagradável para os homens — disse ela. — Recebemos um rapaz muito jovem ontem e tive que dar banho nele. Ele ficou de olhos bem fechados. Acho que imaginou que, se ele não pudesse me ver, não poderia vê-lo também. Não creio que ninguém além da mãe dele o tenha visto nu. Ele ainda estava corando e tentando não cruzar com meus olhos mais tarde, quando tive que o alimentar.

— Como era quando você estava fazendo, hã, bom, sabe? Em Nova Orleans — perguntou Miranda.

— Depois da primeira meia dúzia de homens, o constrangimento desaparece — suspirou Belle. — Eu me familiarizei demais com os homens. Tentei apagar tudo isso da mente quando voltei de Paris, mas não tive sucesso.

— Muitas vezes me pergunto como vai ser para mim quando, e se, eu encontrar outro homem de quem goste de verdade — disse Miranda. — Digo para mim mesma que nunca mais vou fazer aquilo, não até estar casada, mas me pergunto se vou ser forte o bastante.

Belle olhou para sua amiga de modo avaliador. Supôs que o que ela realmente queria dizer era que pensava frequentemente em fazer amor e que sentia falta disso. Todas as outras mulheres que Belle conhecera com idade e formação semelhantes eram hipócritas e excessivamente conservadoras, mas ela achava que Miranda tivesse nascido com um traço de lascívia. Quanto mais se familiarizava com ela, mais sentia que era improvável que Miranda algum dia se conformasse com as regras rígidas que a sociedade estabelecia para as moças. Talvez tivesse sido exatamente essa semelhança entre elas que fizera com que se tornassem amigas tão íntimas.

— Então, só se certifique de se apaixonar por um homem que seja digno de você — disse Belle em tom de aviso. — Você não quer passar por toda aquela dor e mágoa novamente. A guerra pode ter tornado as coisas um pouco mais acessíveis para as mulheres, com mais opções e oportunidades, mas algumas coisas vão permanecer iguais.

— Eu sei — suspirou Miranda. — Minha mãe, por exemplo. Ela é esnobíssima. Suponho que ela ache que a merda dos oficiais não cheira tão mal quanto a dos praças.

Belle riu.

— Se você realmente odeia estar no hospital, desista. Aposto que conseguiria arranjar um trabalho como motorista de alguém. Deve

haver pessoas cujo chofer se alistou. Você poderia colocar um anúncio no jornal.

Miranda fez uma careta.

— Eu preciso fazer isso, Belle. Quero ser capaz de provar a mim mesma e à minha família que consigo persistir em algo, ser útil e independente. Irmã Crooke me disse ontem que achou que eu nem sequer terminaria o primeiro dia. Ela não é do tipo que faz elogios a ninguém, mas acho que estava tentando dizer que eu a havia surpreendido e estava fazendo tudo certo. Isso deve significar alguma coisa.

Belle ergueu sua xícara de chá e tiniu-a contra a de Miranda.

— À França — disse ela.

— À França — repetiu Miranda. — Acha mesmo que vamos chegar lá?

— Você pode fazer qualquer coisa se estiver determinada o bastante — replicou Belle. — E eu vou provar isso indo para casa montada em sua bicicleta.

Com confiança, Belle fez todo o caminho de volta à igreja na charneca e então esperou que Miranda a alcançasse.

— Muito bem — disse Miranda. — Estava pensando que, se aquela criatura do Blessard tentar contato outra vez, ao menos com uma bicicleta você pode se mandar às pressas.

— Espero que ele vá desistir agora que a loja está fechada — disse Belle. — Ele é tão assustador, e realmente não sei o que quer de mim. Não parece ser apenas uma história para o jornal.

— Penso que seja você que ele quer — disse Miranda. — Ele sabe o suficiente sobre você para se sentir estimulado por seu passado. Diria que isso o atija.

— Ah, não diga isso, me faz lembrar do jeito que aquele homem em Paris ficava atrás de mim — disse Belle, um pouco alarmada.

— Ele vai ficar muito menos estimulado por você se a vir de uniforme. — Miranda fez uma expressão de desagrado e depois riu. — Vá para casa e não se preocupe com ele, é só um idiota. Boa sorte em convencer Garth a comprar uma bicicleta para você.

Enquanto Belle descia Tranquil Vale a pé, não pôde deixar de pensar em Blessard.

Depois do julgamento de Newbold, ela nunca ficara sozinha na loja e, com a passagem do tempo, ela quase se esquecera dele. Mas um dia, quando Miranda acabara de dar uma saidinha até a papelaria, ele entrara na loja, provocando-lhe um verdadeiro choque. Pareceu a Belle que ele devia estar vigiando a loja e aproveitara a oportunidade quando ela ficara sozinha.

Mas ela não deixara transparecer seu alarme. Ele dissera que só tinha dado uma passada para perguntar se poderia entrevistá-la para um artigo que estava escrevendo sobre os diferentes modos de a polícia identificar criminosos. Seu interesse nela era por causa do retrato que ela desenhara de seu agressor.

Ela apenas dissera que lamentava, mas não queria ser entrevistada, nem naquela ocasião nem em qualquer momento no futuro. Felizmente, o telefone tocara no instante certo, de modo que ela o acompanhara até a porta.

Por ele ter saído tão facilmente, parecera-lhe então que ela podia ter se enganado quanto às intenções dele. Mas duas semanas depois ele tornou a aparecer, justo no dia em que ela abrira a loja para dar um descanso a Miranda. Ele foi muito mais agressivo dessa vez, sentando-se sem ser convidado e sendo demasiado íntimo, chamando-a de Belle como se fosse um velho amigo.

— É Sra. Reilly — corrigiu ela em tom de censura. — Em sua última visita, eu lhe disse que não queria ser entrevistada. Agora, se me der licença, tenho muito trabalho a fazer, e um cavalheiro sentado na loja é um incômodo para minhas clientes.

Ele se levantou e foi em direção à porta. Quando se virou, ela pensou que ele pediria desculpas. Mas estava enganada.

— Você não teria sido tão petulante quando estava acabada em Paris — disse. — Sei muita coisa sobre você, Belle. Seria bom que se lembrasse disso.

— Seria bom que se lembrasse de que não sou fácil de intimidar — disse ela. — Se aparecer aqui novamente, vou chamar a polícia e dizer a eles que está me molestando.

Mas, depois que ele se foi, ela teve de entrar na sala dos fundos e sentar-se, pois estava muito abalada.

Durante o julgamento de assassinato de Kent, fora levantada a informação de que ela tinha sido levada por ele para Paris e vendida para um bordel. No entanto, Belle estava certa de que Blessard não se referia àquela época, mas ao período dois anos depois, quando ela voltara a Paris e trabalhara como prostituta. Não podia imaginar como ele conseguiria descobrir isso, já que os amigos dela em Paris haviam tido sucesso em ocultar esse fato dos *gendarmes*.<sup>[15]</sup> Mas ela sabia por meio de Noah que repórteres ávidos por um grande furo conseguiam cavar e cavar sem descanso até encontrar o que estavam procurando.

Blessard não voltara desde aquele dia, mas ela se certificara de nunca mais ficar sozinha na loja. Garth dissera que torceria o pescoço do homem se ele aparecesse no Railway. Entretanto, o comentário de Miranda sobre ele sentir-se estimulado pelo passado dela perturbou levemente Belle. Ela sabia o que era ter homens tornando-se obcecados por ela. No entanto, como Miranda salientara, agora ela sabia andar de bicicleta e podia passar zunindo por ele, caso tentasse pegá-la de surpresa.

# Capítulo 11

1916

**Etienne recostou-se** no tronco de uma árvore, acendeu um cigarro, fechou os olhos e saboreou o sol quente de maio em seu rosto. Era tão bom ter alguns dias longe da linha de frente em Verdun, ser capaz de dormir, comer e remendar seu uniforme esfarrapado e seu estado de espírito corroído. O fedor dos cadáveres espalhados pela Terra de Ninguém tornara-se ainda mais nauseante desde que o clima esquentara. Homens adoeciam de disenteria, suprimentos de água potável atrasavam e muitas vezes eles não tinham tempo, durante as operações intermináveis, para comer suas rações.

Por ora, tudo o que ele queria era imaginar que estava em casa em sua fazendinha, perto de Marselha, mas o som constante do fogo de artilharia ao longe impedia isso.

Viera pela primeira vez a Verdun quando tinha 20 anos. Era então uma joia de lugar. A cidade medieval, com suas ruas estreitas e sinuosas, havia-o encantado e, quando ele se colocara sobre as antigas muralhas da cidade e olhara para baixo, lá estava o cintilante rio Meuse serpenteando por pastagens e bosques férteis e verdes. Quando ele vira o anel de fortes de pedra nas colinas circundantes, 20 pequenas e 4 grandes, as lições de história que tivera quando menino voltaram-lhe à mente. Fora o último lugar a sucumbir na Guerra Franco-Prussiana e resistira por dez longas semanas antes de se render.

Por causa de sua história e da coragem das pessoas que lutaram tão bravamente para mantê-la em mãos francesas, a cidade detinha um lugar especial no coração de cada francês. Era exatamente por isso que os alemães queriam tomá-la. Sabiam que os generais franceses mandariam todos os homens que pudessem para defendê-la; depois, com seu exército e poder de fogo formidáveis, poderiam

sangrar a França até sua rendição, tirando das mãos da Grã-Bretanha sua “Melhor Espada”.

Aquelas pastagens verdes das quais ele se lembrava eram agora terra inculta, salpicada de crateras de bombas, as árvores arrancadas desde a raiz pelo fogo inimigo ou derrubadas para fazer fogueiras e escoras de trincheira. Pássaro nenhum cantava ali, e, se era pela ausência de árvores para oferecer abrigo, pelo ruído das armas ou pelo solo que devia estar encharcado de sangue dos soldados, ele não sabia. Todavia, se fosse pássaro, também não queria ficar em um lugar tão desolado.

Pontilhando toda a sua volta, outros soldados franceses faziam exatamente o que ele fazia, saboreando alguns dias de descanso e alívio do front. Atrás dele, no que antes fora uma pequena vila, ainda mais homens arranjavam uma refeição e algumas bebidas em um *estaminet*, um café singelo com mesas e bancos de madeira rudimentar.

Ouviu também o som de mergulho e fragorosas gargalhadas vindos de algum lugar ali por perto. Se era em uma lagoa, riacho ou simplesmente uma cratera repleta de água da chuva, ele não sabia, mas achou que poderia ir até lá e se juntar a eles dentro em pouco. A oportunidade de tirar a roupa imunda e lavar todo o corpo não deveria ser desperdiçada.

Quando Etienne marchara ali como recruta inexperiente em outubro de 1914, acreditava-se que Verdun fosse invencível, visto que era praticamente cercada por colinas e cordilheiras em ambas as margens do Meuse e guardada por anéis de fortes, sendo o Forte Douaumont o mais poderoso e dominante. E assim pareceu até o Ano-Novo de 1916, quando mantiveram seu território, apesar do intenso bombardeio inimigo. O Forte Douaumont podia e deveria ter se mantido inabalável, mas o general Joffre, em sua sabedoria incompreensível, retirou a maior parte das armas para usá-las em outro local na frente de batalha.

Etienne ainda estremecia de horror ao lembrar o amanhecer de 21 de fevereiro, quando os alemães atacaram novamente, dessa vez com força inacreditável. Tornou-se sabido que havia algum tempo eles vinham reunindo secretamente homens e armas pesadas, mas seus aviões de reconhecimento haviam interceptado qualquer aeronave inglesa ou francesa que pudesse ter voltado para relatar essa intensa atividade.

Ao longo de todo o front de quase 13 quilômetros, o fogo choveu sobre os franceses, arrancando árvores pela raiz, atirando-as ao ar e matando e ferindo muitos milhares de homens. As armas alemãs destruíram as linhas de comunicação francesas e bloquearam de maneira efetiva os reforços que chegavam.

Etienne era um dos *chasseurs* ou caçadores [\[16\]](#) do tenente-coronel Driant e, sob seu comando, ofereceram resistência obstinada, mas sem êxito. O valente Driant foi morto no final daquela tarde enquanto tentava recuar para Beaumont com os remanescentes de seu batalhão. Uma parte substancial da linha de frente sucumbira e as baixas francesas foram assustadoras, mas Etienne sentiu que tinham conseguido mutilar o inimigo, uma vez que suas perdas também foram muito altas, especialmente entre suas valiosas tropas de assalto.

Em 24 de fevereiro, Samongneux caiu nas mãos dos alemães antes do amanhecer. A 51ª e a 72ª Divisões perderam dois terços de seus homens e estavam em ponto de ruptura. Beaumont era a próxima, e os *trailleurs* marroquinos e os zuavos argelinos, que só recentemente haviam chegado, foram empurrados pouco a pouco para a batalha sem quaisquer defesas preparadas contra o frio intenso ou o implacável bombardeio alemão, e logo o Forte Douaumont caiu também.

Todos os franceses poderiam avaliar que a queda do Forte Douaumont enviaria ondas de comoção por toda a França, não só porque ele era uma fonte de orgulho nacional, mas porque deixara livre o caminho para o inimigo tomar a cidade de Verdun.

Todavia, o abandono da cidade tão cara à França era impensável, e foi o general Pétain quem impediu que isso acontecesse. Talvez esse homem obstinado tivesse optado pela retirada controlada se tivesse tido escolha, mas, sabendo que não tinha, decidiu-se pela defesa. Pétain tinha duas qualidades inestimáveis: uma real compreensão da natureza do poder de fogo moderno e o comando do respeito e da confiança dos soldados da linha de frente.

Etienne lembrou-se de como seu aparecimento em Verdun tinha imediatamente restaurado a convicção e levantado o moral. Ele fizera o jogo dos alemães ao ordenar que sua artilharia infligisse a eles o máximo número de baixas. Como as ligações ferroviárias para Verdun já haviam sido cortadas, ele tivera o cuidado de assegurar que os suprimentos fossem trazidos em uma estrada de via única, que agora se tornara conhecida como *Voie Sacrée*, ou Via Sagrada. Diariamente, essa estrada era um fluxo constante de veículos trazendo reforços e suprimentos.

Entretanto, mesmo antes de Pétain ter provocado um real impacto no campo de batalha, parecia que os alemães estavam perdendo força. Etienne, assim como tantos outros, deliciara-se em assistir a seus esforços para avançar arrastando as armas sobre solo com crateras de bombardeio e gostara ainda mais de atirar neles sem piedade.

As batalhas se alastraram incessantemente, com os dois lados nunca tendo um momento de trégua no impressionante fogo de artilharia. Cada ataque inimigo era seguido por um contra-ataque francês e, no final de março, foi dito que as baixas alemãs eram quase tão altas quanto as deles. Mas 88 mil baixas francesas eram um número muitíssimo superior.

Agora, em maio, as coisas pareciam ainda piores, pois o general Pétain fora promovido e o general Nivelle assumira o comando, com o general Mangin como comandante divisional. Dizia-se que Mangin era um dos oficiais da velha escola, dado a atacar sem levar em conta o custo para seus homens. Ele já tinha sido apelidado de "O

Carniceiro” e “O Devorador de Homens”, e Etienne só conseguia ver mais miséria à frente.

Ele havia perdido todos os amigos que fizera ao se alistar pela primeira vez no exército. Conforme se adiantava na linha de frente, novos soldados tomavam o lugar dos antigos e se tornavam amigos, mas ele perdera a maioria deles também. Agora, relutava em se familiarizar com qualquer aspecto pessoal da vida dos homens com que combatia. Em tempos tranquilos, ele jogava cartas, bebia e contava piadas com eles, mas sabia que, se conhecesse suas esposas, filhos, história familiar, em que acreditavam e quais eram seus sonhos, a morte deles doeria muito mais.

Ele sabia que cada dia em que estivera na linha de frente poderia ser o último, e sua única oração era para que tivesse morte instantânea. Sabia que não conseguiria viver o restante da vida com os ferimentos terríveis que vira infligidos a outros homens.

Às vezes, perguntava a si mesmo por que sua sorte se estendera por todo esse tempo. Seria porque ele aprendera técnicas de sobrevivência em idade precoce? Ou porque era rápido, decidido e destemido, como o capitão Beaudin havia dito quando o promovera a cabo em janeiro? Ele também afirmara, na época, que era um bom soldado, um líder nato e um trunfo para o regimento. Etienne sorria para si mesmo, querendo saber se o capitão teria depositado tanta fé nele se soubesse como ele vivera anteriormente.

Etienne foi despertado do devaneio em que mergulhara pelo som de vozes exaltadas e levantou-se para olhar na direção do *estaminet* da vila. Pôde ver um caminhão e quatro homens de cáqui do Exército Inglês, no meio de um bando de soldados franceses. Mesmo à distância de uns 500 metros, ele pôde perceber dizerem, pelo comportamento dos ingleses, que se tratava de uma situação que poderia se transformar em briga.

Relativamente poucos soldados ingleses surgiam assim, visto que estavam ocupados defendendo a linha de frente ao norte, lá pelos lados de Ypres. Etienne pensou que deviam estar pedindo

informações para chegar aonde quer que estivessem indo, mas, como os soldados franceses provavelmente estavam bêbados, e poucos, se algum deles, sabiam falar inglês, era provável que tivessem decidido simplesmente os provocar.

Etienne não queria ver derramamento de sangue, então sentiu que devia intervir.

À medida que se aproximava e podia ouvir o que estava sendo dito, ele soube que estava certo sobre a situação. Os Tommies<sup>[17]</sup> tentavam obter informações para chegar ao quartel-general do Exército Francês e os franceses claramente haviam entendido isso, mas, porque estavam extremamente embriagados, deleitavam-se em deliberadamente obstruir o caminho e fazer comentários ofensivos.

Etienne estava a cerca de cem metros do *estaminet* quando um dos Tommies andou a passos largos até o mais falante dos soldados franceses e pegou-o pelos ombros. Estava claro que ele estava prestes a dar-lhe um soco.

— Não bata nele, é só um bêbado idiota — gritou Etienne. — Posso ajudar vocês.

Surpreendido, o inglês olhou em volta. Etienne dirigiu-se então aos soldados franceses, dizendo que deveriam sentir vergonha de si mesmos por não ajudarem seus Aliados, no que todos voltaram arrastando os pés para dentro do *estaminet*.

— Posso lhes pagar uma bebida? — perguntou Etienne aos soldados ingleses. — Gostaria de compensá-los pela grosseria de meus compatriotas. Posso lhes dar as informações e desenhar um mapa.

Os quatro homens se entreolharam, depois o cabo baixinho e de cabelos escuros agradeceu e disse que apreciariam o favor.

Já que os homens não estavam dispostos a ir lá dentro com aqueles que os haviam insultado, eles se sentaram no chão do lado

de fora e Etienne comprou uma garrafa de vinho, que dividiu com eles.

— Não vendem cerveja aqui — disse ele enquanto passava os copos. — E o vinho também não é lá muito bom.

Ele perguntou-lhes de onde eram e explicou mais ou menos onde ficava o quartel-general francês.

Os homens referiam-se ao cabo baixo e esguio como “Chefe”. Um rapaz de cabelos claros de não mais que 19 anos era chamado de Jumento, por motivos que Etienne podia apenas imaginar, e o homem grande que estivera prestes a socar o soldado francês tinha o apelido de Fui. O quarto homem, a quem chamavam de Ruivo por causa do cabelo vermelho, contou-lhe aos risos que Fui recebera esse nome porque, à menção de qualquer lugar do mundo, ele dizia: “Ah, já fui”.

Enquanto Etienne fazia um esboço da rota que precisavam tomar, eles lhe faziam algumas perguntas sobre Verdun e sobre quanto tempo ele estivera no front. Em resposta, contou-lhes algo sobre os horrores lá vividos. Eles também tinham suas próprias histórias de horror de Ypres, mas disseram que os últimos tempos tinham sido bastante tranquilos e que passaram a maior parte dos dias melhorando as condições nas trincheiras.

— Você fala um inglês muito bom — comentou Ruivo. — Já morou na Inglaterra?

— Morei uma vez, há quase dois anos — respondeu Etienne. — Fiquei em Londres, e você é de lá também, não é? Reconheço o sotaque.

— Pensei que nós, Tommies, parecêssemos todos iguais para vocês, franceses.

— Não se a gente ficar de ouvido apurado. Se morasse na França por um tempo, você aprenderia a diferença entre alguém de Paris e alguém do sul — disse ele, olhando atentamente para o londrino. Ele lhe parecia familiar, mas Etienne não conseguia imaginar por quê.

Não imaginava que já tivesse falado com um inglês de cabelo ruivo, nem aqui nem em qualquer outro lugar.

— E como vocês têm aguentado? — perguntou o cabo. — Ouvimos que foi um massacre, mais de 80 mil mortos.

— Foi o que disseram, talvez ainda mais — suspirou Etienne. — Por outro lado, os *boches* perderam quase o mesmo tanto. Por que vocês estão indo ao quartel-general francês?

Ele reparou no modo como todos eles mudaram de expressão.

— Não precisam me contar só porque lhes paguei uma bebida — disse ele. — Só estou curioso.

— Na verdade, estamos indo pegar dois de nossos homens — disse Ruivo. — Não está claro se são desertores ou apenas se perderam. Sua gente os apanhou.

— Vocês não são Quepes Vermelhos, [\[18\]](#) são? — Etienne desprezava a polícia militar e, se tivesse sabido que aqueles homens faziam parte dela, não teria se incomodado em ajudá-los.

— Céus, não. Esta não é uma excursão oficial. Nosso capitão é um bom homem, e esses dois que desapareceram são veteranos e bons soldados. Todos nós pensamos que eles morreram em combate quando não voltaram depois de saltarem das trincheiras; perdemos tantos naquela noite que alguns dos corpos foram simplesmente enterrados na lama. Mas daí o capitão recebeu a mensagem de que eles tinham sido apanhados e lembrou que tinha havido névoa espessa na noite em questão. É fácil perder o senso de direção em condições assim. Então ele achou que deveriam ser trazidos de volta para serem interrogados. Se ele tivesse enviado os Quepes Vermelhos atrás deles, não teriam a menor chance.

Etienne arqueou uma sobrancelha. Ele nunca ouvira falar de qualquer oficial, francês ou inglês, dando a alguém o benefício da dúvida quando o assunto era deserção. Haviam-lhe dito que soldados franceses eram alvejados quando fugiam em Ypres, mas estes não eram desertores, apenas tentavam escapar de gás tóxico.

— Então eles são muito sortudos — disse ele.

— Não acho que desertores, intencionais ou acidentais, devam ser mortos — disse em tom fervoroso o homem de cabelo ruivo. — É um desperdício de vida. Se são poltrões, deveriam receber o trabalho de ratos de quartel; precisa-se de homens lá tanto quanto nas trincheiras.

— Nosso Pequeno Ruivo Reilly defenderia os direitos de um rato se este estivesse prestes a mordê-lo nas bolas — disse o cabo com um sorrisinho irônico. — Ainda bem que sabemos que ele não é um poltrão filho da mãe.

O nome Reilly sobressaltou Etienne. Todos os quatro Tommies riram, mas ele, atônito, só conseguiu fixar os olhos em Ruivo.

Não poderia ser Jimmy, certo? Não só porque era londrino, chamava-se Reilly e era ruivo. Era uma coincidência estranha demais. Além disso, o Jimmy de Belle era taberneiro, não teria se alistado, não até que fosse obrigatório. E, ainda que tivesse se alistado, seria provável que o destino fizesse com que dois homens que amavam a mesma mulher se encontrassem em um *estaminet* de beira de estrada na França?

Ele só tinha visto Jimmy uma vez, naquele dia em que fora a Blackheath, rapidamente e de longe. Tudo o que ele realmente lembrava do homem era que era alto e ruivo; não dera uma boa olhada no rosto dele. Quanto a achar que parecia familiar, podia ser que sua mente estivesse pregando-lhe peças e todos esses meses de inferno estivessem finalmente o fazendo pirar. Reilly era um nome inglês suficientemente comum; devia haver centenas só em Londres.

— O que houve, colega? Parece que viu um fantasma!

Etienne sobressaltou-se novamente com a observação do cabo e forçou um sorriso.

— Só pensando em como eu reagiria se um rato mordesse minhas bolas — disse ele.

A conversa prosseguiu, agora sobre os ataques com gás tóxico.

— Sorte que tínhamos interrompido a ofensiva aquele dia — disse Fui. — A cara deles ficou preta, eles saíam das trincheiras apertando a garganta, foi horrível.

O cabo falou de como foram orientados a cobrir a boca e o nariz com um pano embebido em água ou na própria urina. Contou também que o capitão deles lhes dissera que os homens que tinham morrido disso na verdade haviam se afogado com a espuma em seus pulmões.

— Viveu algo parecido aqui? — perguntou ele.

Etienne estava prestes a dizer que ele mesmo não passara por essa experiência, mas que ouvira falar muito a respeito dos homens que haviam passado por ela, quando a atenção do cabo foi desviada pela visão de um homem logo à entrada do *estaminet* com um prato de comida.

— Eles têm ovo e batatas fritas! — exclamou ele. — Temos que comer um pouco disso!

O cabo levantou-se num pulo, rapidamente seguido por Fui e Jumento. Ruivo pediu que pegassem um pouco para ele também, permanecendo com Etienne.

Estar repentinamente sozinho com Ruivo pareceu o momento perfeito para Etienne tirar da cabeça sua ideia idiota.

— Você era chamado de Ruivo lá na sua terra ou ganhou o nome aqui? — perguntou.

O homem deu um sorriso largo.

— Em Etaples, o sargento de treinamento me chamava de cabeça de cenoura. Assim que ele viu que eu conseguia atirar em linha reta, virou Ruivo. O apelido pegou entre os caras, mas meu nome de verdade é James, conhecido sempre como Jimmy.

Etienne sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha, e a boca ficou seca.

— O que você fazia antes de se alistar? — conseguiu perguntar.

— Dirigia uma taberna com meu tio — respondeu Jimmy. — Na maior parte do tempo, acho que devo ter tido um parafuso solto para me alistar. Minha esposa estava esperando um bebê e eu ainda estava em Etaples quando recebi a notícia de que ela tinha perdido nosso filho. Fui mandado para casa porque ela estava muito doente, e posso dizer a você, fiquei tentado a não voltar.

— É por isso que você é solidário com os desertores?

— Talvez. Belle estava em péssimo estado, tinha sido agredida e roubada na loja que ela dirigia, e senti que não deveria tê-la deixado quando o fiz. Mas ela se recuperou, até voltou para a loja por um tempo. Mas desistiu dela e agora está fazendo trabalho voluntário no Hospital Militar.

Etienne desejou ter permanecido sentado contra o tronco da árvore e não ter intervindo na confusão desses homens. Assim, poderia ter continuado na crença de que Belle vivia o tipo de vida feliz que ela merecia.

— Como enfermeira?

— Bom, ela é o capacho da ala, mas leva jeito para enfermagem. Está com a ideia maluca de que, se adquirir alguma experiência no hospital, poderá se juntar à Cruz Vermelha depois de um tempo e acabar aqui, dirigindo uma ambulância.

— Isso não é trabalho para uma mulher — disse Etienne. Ele tinha visto apenas um par de motoristas de ambulância do sexo feminino, e haviam sido mulheres de feições duras e nervos de aço. — É perigoso, geralmente chegam bem perto da linha de frente. Não a deixe fazer isso.

Jimmy fez uma expressão de desagrado.

— Quando minha Belle mete uma ideia na cabeça, não há como a tirar — disse ele. — Mas o hospital está extremamente movimentado agora com feridos, eles dependem dela, por isso espero que ela desista da ideia. Ela não menciona isso nas cartas já faz um bom tempo.

Todo o ser de Etienne queria dizer que ele estava ciente de quão teimosa e impetuosa Belle era, mas sabia que não devia. Se confessasse isso, poderia revelar também, acidentalmente, seus sentimentos por ela. Ele não podia deixar o homem voltar ao campo de batalha com uma coisa dessas em mente.

— Tenho que ir agora, estão me esperando — disse ele, levantando-se. — Foi um prazer conhecê-lo. Seja discreto e mantenha essa sua esposa a salvo em casa para quando você voltar.

— Estou muito feliz que o tenhamos conhecido — disse Jimmy, levantando-se também e apertando a mão de Etienne. — Fique a salvo também. E obrigado pelo vinho e pelas informações.

Etienne retirou-se ligeiramente. Ouviu Jimmy gritar que ele não lhe tinha dito seu nome, mas fingiu que não o ouvira e continuou em frente.

— Para onde foi o francês? — o cabo perguntou a Ruivo ao sair com dois pratos de ovo e batatas fritas. — Peguei um pouco para ele também.

— Ele teve que voltar — respondeu Ruivo. — Uma pena, era um bom sujeito. Esqueci-me de pedir a ele algumas frases para nos auxiliar quando chegarmos ao QG francês.

— Tava mais prum filho da mãe insensível — comentou Fui ao sair, também trazendo dois pratos de comida. — Você viu o olhar frio dele? Não é de estranhar que os franceses se escafederam quando ele gritou com eles. Antes de a gente chegar aqui, achava que os franceses eram um bando de afrescalhados.

— Por quê? Você já “foi” com um? — perguntou Jumento em tom de provocação, e todos os homens caíram na gargalhada.

— Então vou ficar com as batatinhas do Sapo [\[19\]](#) — Fui reagiu. — E vocês aí podem esperar sentados que não vou dividir.

Etienne sentia-se trêmulo enquanto voltava para o acampamento. Após deixar a Inglaterra em 1914, ele conseguira colocar Belle lá no

fundo da mente, mas os acontecimentos daquele dia a devolveram direto à superfície.

Ele podia ter passado menos de meia hora com Jimmy, mas fora tempo suficiente para ver o que ele era. Poderia ter sido gratificante constatar que ele era um fracote estúpido. Mas era um homem forte, íntegro e direto, com aquela firmeza tranquila que constitui um soldado de primeira classe e o melhor tipo de amigo.

Será que Belle apareceria por lá? A maioria das mulheres, pensou ele, ficaria demasiado assustada só de pensar em ir a um país nas garras da guerra, mas Belle tinha mais coragem do que era bom para ela. Ela também era obstinada quando queria alguma coisa, quer isso fosse escapar do bordel de Martha em Nova Orleans, quer fosse adquirir sua própria chapelaria.

## Capítulo 12

1º DE JULHO DE 1916

— **É uma cotovia duma figa!** — comentou Jumento, olhando para o céu azul e límpido, tentando localizar o pássaro cantante enquanto bebia sua porção de rum. — Olha lá, Red, acho *quíé* um bom presságio, ou ele só tá feliz que as *arma* finalmente pararam?

Eram 7h30 da manhã, já fazia muito calor e, após cinco dias de bombardeio constante e ensurdecido das linhas inimigas, as armas tinham subitamente cessado. Agora tudo estava estranhamente quieto, afora o canto do pássaro. Mesmo as armas alemãs silenciaram.

Havia duas semanas, Jimmy e seu regimento tinham marchado desde Ypres até o Somme para ali se juntarem ao que parecera ser o Exército Britânico inteiro acampado por quilômetros a fio atrás das linhas. Como sempre, ninguém achara adequado dizer a eles por que essa parte da Frente Ocidental era importante para os generais. Apenas lhes disseram que não havia estradas principais ou centros ferroviários logo atrás das linhas alemãs e que, até agora, aquele fora um setor tranquilo. No entanto, quais fossem as razões para o local ser escolhido para uma grande ofensiva, a primeira reação dos homens fora sobretudo de alegria, pois o terreno ali não era pantanoso como em Ypres. Solos calcários significavam que as trincheiras não ficariam inundadas, e era uma terra de lavoura, bonita e verdejante, com o rio Somme serpenteando por ela.

Só ontem Jimmy finalmente soubera que essa batalha era para afastar os alemães de Verdun e aliviar a pressão sobre o Exército Francês que ainda lutava lá. Seu capitão dissera que o bombardeio de cinco dias havia destruído as defesas de arame farpado do inimigo e exterminado todos os homens e armas na primeira linha. Agora, enquanto aguardavam o apito para sinalizar a primeira onda de homens a saltar sobre o parapeito, todos acreditavam que seria

fácil atravessar a Terra de Ninguém e que a luta só começaria assim que alcançassem a segunda linha.

— A cotovia é um bom presságio — disse Jimmy, bebendo num só gole sua porção de rum. Ele não estava inteiramente convencido de que seria tão fácil quanto todos pensavam, mas era bom ter as armas pesadas silenciadas e aproveitar a luz quente do sol.

A paz teve vida curta. De repente, as armas britânicas ergueram-se novamente, dessa vez apontadas para a segunda linha de defesa do inimigo. Ao sinal, os soldados que jaziam posicionados sobre a Terra de Ninguém ascenderam e partiram com seus oficiais em ritmo constante e bem ensaiado na direção do inimigo.

Em seguida, foi a vez de a primeira onda de homens saltar das trincheiras. Jimmy e seus camaradas estavam na segunda onda, e eles se detiveram, observando os oficiais que corriam ao longo do parapeito gritando palavras de encorajamento e inclinando-se trincheira adentro para ajudar os homens sobrecarregados a reposicionar as mochilas cheias que traziam nas costas. De sua posição, Jimmy não podia ver o que estava acontecendo em outros trechos da linha, mas sabia que seria idêntico ao que se passava ali. Uma vez do outro lado, havia o próprio arame farpado para atravessar, mas cortes haviam sido feitos na noite anterior, ou os assoalhos engradados de trincheira fariam uma ponte sobre ele.

— Somos os próximos — disse Fui alegremente, apagando quase que em júbilo o cigarro com o pé. — Em nome de Deus, tô pronto para o que vier.

Foi então que ouviram o fogo da metralhadora inimiga. Não somente algumas armas, mas centenas delas, todas atirando ao mesmo tempo. O sorriso de Fui desapareceu e Jumento virou-se para Jimmy com um olhar que dizia: "Achei que nós os tínhamos neutralizado".

— Parece pior do que é — disse Jimmy, mas suas entranhas se reviravam enquanto ele se aproximava e exortava os outros a fazer o mesmo e tomar seus lugares, prontos para sua vez de saltar.

A espera, com a visão obscurecida pelas altas paredes da trincheira, foi a pior parte. O ruído do fogo de metralhadoras zunindo em seus ouvidos, o grande peso das mochilas sobre os ombros e a sensação nauseante de que poderiam nem mesmo chegar ao outro lado da Terra de Ninguém eram terríveis. Homens que havia pouco estavam rindo agora jaziam pálidos e irrequietos, e Jimmy viu um rapaz vomitando mais adiante ao longo da trincheira.

Mas mais que depressa a ordem chegou. Quando alcançaram o parapeito, Jimmy viu que a linha de frente inimiga estava totalmente guarnecida e os alemães concentravam algumas de suas armas nas lacunas do arame farpado britânico. Eram alvos fáceis. Homens jaziam mortos no arame, com seus companheiros sendo forçados a passar por cima deles.

Mais adiante, a situação era ainda pior. Jimmy achou que mais da metade da primeira onda já se encontrava morta ou ferida no chão e, no segundo antes de ele saltar também, viu a queda de ainda mais soldados.

Ele atravessou o arame, esperou um segundo para reagrupar-se com os outros como haviam sido instruídos e, com Jumento à sua direita e Fui à sua esquerda, partiu em marcha penosa e premeditada em meio a uma chuva de balas.

Jumento foi atingido no espaço de uns dez metros. O corpo dele deu um solavanco para a frente como se tivesse levado um choque elétrico, depois caiu para trás, imóvel. Apenas um olhar de relance fez com que Jimmy soubesse que ele estava morto; tinha sido atingido no peito e o sangue jorrava de um buraco escancarado.

— Vamos lá, Ruivo — exortou Fui ao vê-lo hesitar. — Você não pode fazer nada por ele. Vam'boro.

Seguiram adiante através do fogo inimigo. Jimmy fez uma oração silenciosa por sua própria segurança ao ver mais homens que ele conhecia bem cambalearem e caírem por toda a sua volta. A fumaça, o rápido *ra-tá-tá* do fogo de artilharia e os gritos dos feridos

eram aterrorizantes, mas ele não podia vacilar; eles tinham que chegar até as linhas inimigas a todo custo.

Uma súbita dor abrasante na parte superior do braço direito alertou Jimmy de que ele também fora atingido. Horrorizado, olhou para baixo e viu sangue jorrando aos borbotões. Ele seguiu em frente, mas sentia como se o braço estivesse pegando fogo, a dor tão intensa que ele balançava de um lado para outro. Mal conseguia segurar o fuzil; dispará-lo seria impossível.

— Eles me acertaram, Fui — gritou ele. — Vá em frente, aguarde as pontas e se junte aos outros.

Fui virou a cabeça, hesitando por um segundo, mas depois, fazendo um sinal com a mão, continuou. Jimmy deu mais alguns passos, depois, vendo uma cratera de granada, deixou-se cair dentro dela.

Ele deve ter desmaiado. Quando recobrou a consciência, havia dois outros homens de seu regimento ali também, ambos gemendo de dor. Jimmy ainda tinha a mochila nas costas e, contraindo-se de dor no braço, tirou-a cuidadosamente. Estava muito quente, embora ainda fosse início da manhã. Ele soube, pelos homens que passavam correndo acima dele, todos na intenção de chegar até as linhas alemãs, que não poderia esperar resgate até o pôr do sol. Olhou para as margens da cratera e percebeu que não seria capaz de sair dela sem ajuda para escalar.

A perda de sangue estava deixando-o zozno. Ou talvez fosse apenas o rumo que ele tomara fazia bem pouco tempo.

— Vocês dois aí estão muito feridos? — perguntou aos outros homens. — Posso ajudar em alguma coisa?

Foi o pior, mais longo e mais doloroso dia de sua vida, e desde que se alistara no exército tivera muitos dias ruins.

Ele tirou a túnica e colocou um curativo sobre a ferida, em uma tentativa de impedir a infecção, e fez o que podia pelos outros dois homens, mas ambos tiveram ferimentos graves no peito e

desmaiaram por volta das 11 horas da manhã. Ele tentou fazer durar a água que carregava, mas estava tão quente que sua sede levou a melhor sobre ele.

Tudo o que podia ver da cratera era o céu azul e sem nuvens acima dele e um fluxo interminável de soldados que passavam correndo. Tiros de metralhadora estalavam da mesma forma, sem fim e piedade, e por cima de tudo ele ouvia os gritos e gemidos de homens que morriam a apenas poucos metros de sua cratera. Quando o sol ficou diretamente sobre sua cabeça, queimando-o implacavelmente, já não lhe restava água, e a dor no braço fazia-o querer gritar também.

Ele tentou pensar em Belle e imaginar o frescor da cozinha em sua casa. Mas, embora conseguisse manter essas imagens por um segundo ou dois, o barulho e a carnificina por toda a sua volta logo o traziam de volta à realidade.

Um rato apareceu, passando por cima de um dos homens inconscientes, e Jimmy estremeceu e jogou uma pedra para expulsá-lo dali. O rato desapareceu, mas era óbvio que ele e outros voltariam em breve, atraídos pelo cheiro de sangue. Ele tentou então se levantar, com a intenção de tentar sair dali e retornar para a linha. Mas, quer pelo vasto número de corpos que ele pôde ver por toda a volta da cratera de granada, por seu ferimento ou apenas por causa do calor, o fato é que suas pernas não resistiram, e ele não teve escolha senão tombar de volta. Foi verificar os dois outros homens e descobriu que estavam mortos.

Foi raiva o que ele sentiu nessa hora. Como os generais podiam mandar tantos homens para a morte certa? Se o que ele tinha visto de sua cratera estivesse acontecendo ao longo de toda a extensão da linha, então certamente metade do Exército Britânico havia de ser exterminada.

O crepúsculo descia quando finalmente conseguiram tirá-lo de lá. Ele devia ter ficado inconsciente durante a maior parte da tarde. Quando lhe seguraram uma garrafa de água contra os lábios, ele

mal conseguiu engolir, já que sua língua e todo o rosto estavam inchados.

Belle recebeu de Jimmy, uma semana depois do acontecido, um bilhete dizendo-lhe que ele tinha sido ferido.

“Levei um tiro no braço, mas não se preocupe, não é um ferimento muito grave. Eles me remendaram e vão me mandar para casa em breve de licença. Sou um dos sortudos, meu amigo Jumento foi morto, e mais tantos homens de que eu gostava. Mas suponho que você já tenha ouvido quantas baixas ocorreram em 1º de julho.”

Belle sabia. Os primeiros começaram lentamente a dar entrada no Herbert por volta de 4 de julho e, já no dia seguinte, houvera uma enxurrada de feridos. Um oficial na ala de Miranda dissera achar que havia mais de 18 mil mortos e 30 mil feridos apenas no primeiro dia da Batalha do Somme. Belle não sabia então que Jimmy estivera na batalha, mas temia que pudesse estar, pois ele havia escrito pouco antes para dizer que estava em marcha para um novo local. Assim, todos os dias até receber sua carta, ela vinha se preparando para o temido telegrama.

Ficou feliz por ele estar apenas ferido, mas ao mesmo tempo receosa. Muitos dos homens feridos que ela vira estavam retraídos e tinham terríveis pesadelos. Das coisas que diziam, muitas vezes apenas de passagem, ela percebeu que, naquele dia, eles haviam visto o inferno na França.

Jimmy voltou para casa na última semana de julho. O braço dele estava em uma tipoia e a pele do rosto descamava, mas seu sorriso era tão radiante como sempre fora.

— Não exagere — disse ele enquanto ela ia para lá e para cá tentando deixá-lo confortável, oferecendo-se para picar sua comida e despi-lo. — Eu estou bem. Nunca estive tão contente de ver você e nossa casa. Mas estou pronto para outra.

Ele tivera sorte, comparado com tantos homens no Herbert. O ferimento fora mantido limpo e cicatrizava bem. Ele salientou que a tipoia era apenas para evitar que ele forçasse o ferimento; todos os dedos funcionavam, o que ele demonstrou tocando uma pequena melodia no piano do bar.

— Mas acho que vou manter a tipoia por causa das outras pessoas — disse ele com um sorrisinho irônico. — Gosto muito de ser tratado como herói.

Fazia 20 meses desde que ele se alistara, e ele fez amor com Belle aquela primeira noite em casa como se achasse que nunca teria essa chance novamente.

— Para isso é que valeu a pena ficar ferido — disse ele a certa altura. — Não consegui pensar em mais nada enquanto estive no hospital; as enfermeiras ficavam me perguntando por que eu estava sorrindo.

Ele admitiu, um ou dois dias mais tarde, que ficara muito aliviado por terem lhe dado um bilhete Blighty. Não esperara obter um; ferimentos como o seu geralmente eram remendados lá mesmo, e depois o soldado voltava para o front. Ele disse que achava que o Comando tinha intervindo a favor dele.

No entanto, por mais adorável que fosse estar em casa, saber que ele precisava voltar para a frente de batalha assustava Belle. Ela não conseguia enxergar pela perspectiva dele, de que esse ferimento era seu destino e que ele estaria seguro de agora em diante. Todas as vezes que ele lavava e enfaixava o ferimento no braço, ela não conseguia deixar de pensar em como devia ser para as esposas que receberam um telegrama dizendo que o marido delas estava morto.

Mesmo na doçura de sua vida amorosa, a mente dela transitava entre temer novamente a partida do marido e a culpa por ter conseguido se arranjar tão bem sem ele todo esse tempo.

Mog, gabando-se a Jimmy de como eles valorizavam Belle no hospital, e Garth, dizendo quanto ele e Mog dependiam dela,

fizeram-na parecer um modelo de virtude. Era difícil acreditar que Mog já tivesse sido tão contrária àquele trabalho e a Miranda, e que tivesse mudado de atitude com relação a ambos, até encorajando Belle a passar seus dias fora de serviço com a amiga. Apenas umas semanas antes, elas tinham saído de bicicleta para o campo, para além de Eltham, e em muitas noites foram juntas a concertos e ao teatro.

Agora que Jimmy voltara para casa depois de escapar por um triz, Belle sentia-se dividida entre ser a esposa perfeita que fica em casa e perseguir o seu próprio sonho. Ela ainda queria mesmo ir para a França com Miranda. Por duas vezes, tinham se candidatado para dirigir ambulâncias, mas foram recusadas. Miranda tinha certeza de que era só porque elas ainda não eram consideradas experientes o suficiente e insistiu que precisavam tentar novamente.

O tempo estava bom, e Belle conseguiu uns dias de folga para que ela e Jimmy pudessem passar algum tempo juntos. Levaram uma cesta de piquenique para Greenwich Park, sentaram-se debaixo de uma árvore e conversaram. Jimmy contou-lhe sobre seus amigos no exército, sobre as condições sob as quais lutara e queixou-se dos generais, os quais ele considerava sobretudo estúpidos e mal preparados para liderar homens.

— Aquele bombardeio de cinco dias no Somme foi um desperdício de tempo e esforço — disse ele, um pouco enraivecido.  
— No final, metade das granadas não detonou e aquelas que explodiram não chegaram a destruir o arame farpado, nem fizeram os boches correrem de volta para seu segundo lote de trincheiras. Um homem que vi no hospital ficou preso no arame por horas; ele foi atingido em quatro lugares diferentes durante o dia e rasgado em pedaços, e foi um de centenas. Nossos homens descobriram mais tarde que os boches haviam realmente se entrincheirado lá também. Eles tinham abrigos seguros de concreto e armas muito melhores e maiores que as nossas. Não tivemos a menor chance.

Conforme os dias passavam, Belle percebia que Jimmy estava um pouco envergonhado por ter entrado na cratera de granada e ficado lá durante todo o dia. Ele não tinha razão alguma para se sentir dessa forma; com a ferida, ela podia ver que ele nunca conseguiria ter disparado a arma e, em todo caso, provavelmente teria desmaiado devido à perda de sangue, o que significava que poderia ter sido atingido mais uma vez, fatalmente. Ela lhe disse isso e depois mudou de assunto ao relatar as muitas greves em todo o país, o aumento do custo de vida e a escassez de alimentos.

Ela estava um pouco envergonhada de si mesma também por não lhe dizer que ainda queria ir para a França e que Miranda estava lhe dando aulas de direção sempre que conseguia pegar emprestado o carro do tio dela. Mas Belle raciocinou consigo mesma que elas poderiam nunca ser aceitas, fizessem o que fizessem. Além disso, a guerra poderia acabar em breve, ainda que Jimmy achasse que não. Ela estava aliviada por ele não ter sido gravemente ferido e queria que ele voltasse para a França lembrando-se do parque no verão, do amor que faziam, das boas refeições e das risadas que davam. Não de uma esposa que parecia sempre ter uma surpresa debaixo da manga.

## Capítulo 13

1917

**Belle chegou ao galpão** e, antes de tirar a bicicleta, subiu alguns centímetros a saia do uniforme e apertou o cinto para segurá-la.

Era uma suave noite de abril e, após um longo dia em uma ala abafada e um tanto sombria, era bom sair ao ar fresco. O percurso através da charneca até sua casa sempre a revigorava, e ela estava ansiosa por isso.

Mas, quando Belle tirou a bicicleta, viu que mais uma vez os dois pneus estavam furados. Não havia nem por que tentar enchê-los; como todas as outras vezes que isso acontecera, ela sabia que tinha sido feito intencionalmente. Ao girar as rodas, como era de se esperar, havia uma tachinha nos dois pneus.

Agora, Belle era perita em remendar furos; na realidade, desde que aprendera a andar de bicicleta, ela se tornara especialista em todos os tipos de reparos. Mas não ali; teria que andar até sua casa com a bicicleta e consertá-la lá.

Quando começou a caminhar, empurrando a bicicleta, várias enfermeiras, outras voluntárias e serventes a caminho de casa ou apenas chegando para o turno da noite acenaram ou disseram boa-noite. Ela ficara bastante conhecida no Herbert e tinha feito muitas amigas. Sentiria saudade delas quando partisse para a França com Miranda, dentro de duas semanas.

Mas essa história dos pneus furados era uma coisa da qual ela não sentiria falta. Todas as outras pessoas achavam que era uma brincadeira estúpida e casual. Mas Belle não estava tão certa disso; era como se ela estivesse sendo maldosamente escolhida.

Não havia nenhuma regularidade no ato. Às vezes, era uma vez em uma quinzena, depois nada por semanas, e uma vez houvera um

intervalo de três meses, tempo suficiente para ela pensar que quem quer que estivesse fazendo aquilo havia se cansado.

Mas o criminoso sempre retornava. Ela tentara deixar a bicicleta em outro lugar, arriscando uma repreensão por fazer isso, mas ainda assim acontecia. Irmã Adams sugeriu que isso era feito por inveja, pois ela era bonita e popular entre funcionários e pacientes. Todos concordaram que devia ser alguém que trabalhava no hospital.

O último ano fora exigente para com todos na Inglaterra. No início da guerra, houvera animação e fervor patriótico movendo as pessoas. Todavia, não terminando tão depressa quanto todos acreditaram que terminaria, e com as listas de baixas crescendo cada vez mais, com o terror induzido por ataques aéreos, e a escassez de alimentos, o cansaço e a dúvida haviam se instaurado.

A guerra trouxera algumas mudanças que Belle recebera com prazer. As jovens haviam conquistado mais liberdade, assumindo cargos que apenas cinco anos atrás teriam sido impensáveis para uma mulher. Havia motoristas de ônibus e taxistas do sexo feminino, mulheres trabalhando como carteiras e em fábricas de munições e na agricultura. Damas de companhia haviam se tornado uma coisa do passado; com tantos rapazes fora da França, elas foram consideradas desnecessárias.

No entanto, Belle frequentemente sorria para as cartas raivosas escritas para os jornais por graves matronas sobre o colapso da moralidade. Elas alegavam que as jovens estavam se comportando de forma imprudente, saindo para dançar, encontrando-se depois de escurecer com homens de uniforme e bebendo em tabernas. Tudo isso era verdade, e Belle achava totalmente compreensível que os jovens aproveitassem o momento, uma vez que acreditavam que a morte podia bater à porta a qualquer hora.

O ano anterior, porém, tinha sido bom para ela, com exceção da saudade e da preocupação com Jimmy. A melancolia que se seguira à perda do bebê desaparecera, deixando apenas a tristeza que ela sabia que precisava aceitar. Tinha estreita amizade com Miranda, e

Mog e Garth agora não apenas aceitavam seu trabalho no hospital, como também tinham orgulho dela. Às vezes, Mog dizia que tinha esperança de que, quando a guerra acabasse, Belle voltasse para a chapelaria, mas concordava que ela agira certo ao tornar-se voluntária no hospital.

Era trabalho bem duro, sem nenhum refresco desde o momento em que ela chegava à ala pela manhã até sair às 18 horas. Havia um fluxo constante de feridos todos os dias, embora nunca mais tantos quanto houvera após a Batalha do Somme em julho passado.

No ano anterior, Belle vira ferimentos tão aterradores que ela não podia acreditar que o corpo humano conseguisse suportar tanto: perda de visão, braços e pernas arrancados, queimaduras horríveis e ferimentos abdominais. O que ela mais detestava eram os ferimentos no rosto e na cabeça. As pessoas tratavam homens de muletas ou em cadeira de rodas como heróis, enchendo-os de admiração e respeito. Mas aqueles que ficavam terrivelmente desfigurados descobriam que as pessoas desviavam os olhos deles, e mesmo alguns de seus próprios familiares achavam difícil lidar com isso.

Fora o número colossal de baixas em 1916 que finalmente tornara possível para Miranda e Belle serem aceitas como motoristas de ambulância. As batalhas infernais em Verdun resultaram em 87 mil baixas francesas, e a Batalha do Somme, que continuara até novembro, contabilizara mais de 400 mil entre os Aliados, finalmente mudando a perspectiva da Cruz Vermelha. Para completar, muitos motoristas de ambulância americanos haviam partido para se juntar ao exército, pois finalmente a América concordara em entrar na guerra ao lado dos Aliados. Com submarinos alemães atacando impiedosamente a marinha mercante desde fevereiro e com o início apenas recente da batalha em Arras, criando baixas ainda mais elevadas, as autoridades ficavam satisfeitas com qualquer ajuda que pudessem obter.

As duas mulheres tinham inflamadas referências das Irmãs e da enfermeira-chefe da ala, com o adicional de que sabiam dirigir. Mas

Belle achava que o que realmente tinha contado a favor delas fora o fato de que as duas falavam um pouco de francês e haviam insistido em se candidatar, mostrando determinação.

A enfermeira-chefe, que raramente elogiava mesmo as enfermeiras altamente experientes, muito menos modestas voluntárias, surpreendera Belle.

— No início, achei que você fosse uma mulher tola e frívola — disse ela, fixando em Belle os olhos perspicazes que nada deixavam escapar. — Mas você provou ser confiável, consciente e firme. Não fosse casada, teria lhe pedido que treinasse para ser enfermeira. Não gostaria de perder sua ajuda aqui, mas sei que, quanto mais depressa os homens feridos puderem chegar dos postos de socorro até os hospitais, mais provável é que sobrevivam. Vou declarar à Cruz Vermelha que acredito que você tenha a desenvoltura e a coragem necessárias e que adquiriu aqui experiência suficiente para ser adequada à tarefa.

Belle estava animada para ir, mas assustada também. Ela e Miranda tinham falado sobre isso por tanto tempo, mas, agora que realmente aconteceria, as duas tinham dúvidas sobre suas habilidades. Uma coisa era trocar curativos sob o olhar vigilante da Irmã, outra coisa bem diferente era ser responsável por levar homens gravemente feridos, padecendo de dor terrível, para a segurança de um hospital. Elas estavam preocupadas com que pudessem se perder, que a ambulância pudesse quebrar e que não fossem capazes de manter a calma em situações de emergência.

Mas Belle não pensava sobre o que poderia lhe acontecer na França enquanto caminhava para casa empurrando sua bicicleta; seus pensamentos estavam com Jimmy. Ele tivera sorte de escapar apenas com um ferimento leve, quando tantos de seu regimento haviam morrido naquele primeiro dia no Somme, e ela nunca esqueceria quão apaixonadamente ele falara do que chamara de “a carnificina” ocorrida lá. No entanto, por toda a sua insistência de que seu ferimento não era nada e que ele estava bem, durante o tempo

em que passara em casa, ela vira fugazmente nos olhos dele o mesmo olhar assombrado comum a tantos feridos no hospital.

Em seu último dia antes de retornar para a França, ele abruptamente começara a falar sobre como os alemães haviam usado líquido incendiário contra eles em Ypres. Ele descrevera, como ao longo das trincheiras à sua direita, houvera uma muralha de fogo que se erguia crepitante e invadia o céu estrelado, e como ouvira os homens gritando e sentira o cheiro de carne assando enquanto estes tentavam sair das trincheiras e fugir. O fogo não chegara até onde ele estava, mas naquela noite cerca de 50 homens que ele conhecia bem morreram, e muitos mais que sobreviveram viveriam o restante da vida com dores e cicatrizes horríveis.

Ele fora um dos homens enviados para remover os corpos para o enterro. Disse que alguns deles ainda estavam presos como caranguejos à parede da trincheira, capturados pelas chamas enquanto tentavam escapar. Outros tinham caído para trás sobre os corpos de outros homens, todos eles negros e carbonizados, com o uniforme queimado em cinzas. Ele vomitara à visão disso e não conseguira comer nada por vários dias depois.

Quase imediatamente ele pedira desculpas por sobrecarregar Belle com todas essas imagens. Ela lhe dissera que era melhor falar sobre isso do que guardar tudo dentro de si, mas a ela era óbvio que ele se sentia muito mal em divulgar essas lembranças. Talvez achasse que homens de verdade deveriam manter tais memórias para si.

Desde que regressara à França, as cartas dele eram breves, mas alegres, contando-lhe pequenas anedotas divertidas sobre outros soldados. Havia aqueles que eram bons em vasculhar, que desapareciam por um tempo e voltavam com uma garrafa de conhaque ou um coelho pego em uma armadilha. Alguns escreviam poesia ou sabiam cantar, outros faziam todos rirem, e havia aqueles que sabiam contar uma boa história. Qualquer outra pessoa que lesse suas cartas pensaria que ele estava no campo dos escoteiros, sentado o dia todo, contando piadas. Mas Belle tornara-se hábil em

ler nas entrelinhas. Ela sabia que ele tinha medo a maior parte do tempo em que era enviado para a linha de frente, mas que sentia que seu destino estava predeterminado, e não havia nada que pudesse fazer para alterar seu curso.

Belle sabia também que, assim que estivesse dirigindo uma ambulância, ela veria cenas tão desagradáveis quanto aquelas que Jimmy tinha visto. Os feridos trazidos ao Herbert haviam sido limpos e os ferimentos, enfaixados. Ela tinha esperança de ser capaz de lidar com horrores bem piores sem perder o autocontrole.

— Olá, Belle! O pneu furou?

Belle sobressaltou-se à voz do homem atrás dela e, mesmo sem se virar para olhar, ela sabia que era Blessard. Nesse instante, seu instinto disse-lhe que era ele o responsável pelos furos dos pneus e que ficara de emboscada até ela passar, permanecendo logo à entrada do portão de um jardim.

Ela adivinhou também que ele havia feito isso muitas vezes antes, mas, em muitas das ocasiões em que encontrara os pneus furados, ela pegara uma carona com um médico que estivesse saindo na mesma hora, ou com o Sr. Eldredge, o verdureiro que era fornecedor do hospital e sempre passava pelo Railway para tomar uma bebida.

— Para você, é Sra. Reilly — disse ela, continuando a andar sem olhar para trás.

Ele surgiu por trás dela, agarrando o selim para detê-la.

— Não seja assim. Só queria dizer um olá.

Então ela virou-se para encará-lo. Ele usava um casaco axadrezado feito sob medida e calças de flanela cinza. A distinção de suas roupas sugeria que ele esperava impressioná-la.

— Bom, agora você já disse seu olá. Então, solte minha bicicleta, por favor.

Ele assim o fez, mas, enquanto ela continuava a andar, ele se posicionou ao lado dela.

— Deve ser duro trabalhar no hospital. Eu realmente admiro senhoras como você que se voluntariam para trabalhar lá. Não deve ser fácil.

— Também não é fácil para os soldados feridos — disse ela com agressividade. — Estou surpresa por você não estar de uniforme, por que será?

O serviço militar obrigatório fora introduzido no ano anterior, e ele não tinha nenhuma deficiência óbvia.

— Eu tenho uma doença de coração — disse ele. — Se não fosse por isso, estaria lá fazendo minha parte.

Ela lançou-lhe um olhar fulminante. Ele podia, é claro, estar dizendo a verdade, mas era muito mais provável que tivesse subornado um médico para dispensá-lo.

— Olhe, Sr. Blessard, não quero ser rude, mas não tenho nada a dizer ao senhor e não desejo estar em sua companhia. Portanto, faça a gentileza de ir cuidar de seus negócios e deixe-me sozinha.

Nisso, ele agarrou-lhe o braço, apertando-o tão forte que doeu.

— Como é que uma prostituta como você conseguiu ficar tão arrogante? — disse ele. — Eu sei tudo sobre você. Tudo mesmo. Veja, meu negócio é justamente saber mais sobre as pessoas que me interessam. Você pode ter convencido a gente de Blackheath de que esteve em Paris aprendendo sobre o comércio de chapéus, mas sei o que você realmente fazia. Pode ter arranjado amigos influentes para ajudá-la a encobrir isso, mas um repórter sempre consegue chegar à verdade.

Belle largou a bicicleta e, enquanto esta retinha até o chão, ela girou bruscamente e, erguendo o joelho com rapidez, cravou-o nos órgãos genitais dele com toda a força que conseguiu reunir. Ele cambaleou para trás em agonia.

— Aprendi muitas coisas em Paris — rosnou para ele. — E uma delas foi como lidar com patifes como você. Se você se aproximar de mim outra vez, vai se arrepender pelo restante da vida.

Pegando a bicicleta do chão, ela partiu ligeira. Em uma rápida olhada por cima do ombro, viu que ele se dobrava de dor. Ele não tinha condição nenhuma de segui-la.

Quando ela chegou em casa, Garth e Mog estavam prestes a jantar. Eles comentaram sobre seu rosto avermelhado, e ela lhes contou o que tinha acontecido.

— Vou sair agora e pegar aquele canalha — exclamou Garth, levantando-se da mesa.

— Ele já deve ter ido embora — disse Belle. — Voltou engatinhando para o buraco de onde veio.

— Mas e se ele vier atrás de você outra vez? — perguntou Mog, com os olhos arregalados de medo.

— Vou para a França em duas semanas. Duvido que ele vá se refazer antes disso — disse Belle.

— Você não deveria ter feito isso com ele — disse Mog. — Só vai fazer com que ele queira criar problemas para você.

— Mog! Ele mereceu! — exclamou Garth, mostrando-se espantado por sua esposa não estar apoiando Belle. — O que ela deveria ter feito? Deixá-lo fazer o que quisesse com ela?

— Bom, não, mas violência só gera mais violência — disse Mog timidamente.

— À merda com isso. Fogo se combate com fogo, é o que eu digo — respondeu Garth. — Muito bom, garota, e enquanto isso, vou ter uma palavrinha com aquele policial Broadhead. Ele vai descobrir de onde o homem vem e vou dar um jeito nele.

Mog balançou a cabeça.

— Você não pode contar a Broadhead o que o homem disse para Belle!

— É, não pode — concordou Belle. Ela gostava do policial Broadhead, que era um bom homem, mas sabia que ele tinha uma quedinha por ela e tenderia a correr para prender Blessard. Um homem como ele, se encurralado, bradaria o passado dela aos quatro ventos. Ela não podia correr esse risco. — É melhor deixar como está. Ele não vai poder me perturbar outra vez se eu não estiver aqui.

No entanto, apesar do que tinha dito, naquela noite, enquanto escrevia a habitual carta para Jimmy, ela sentiu-se muito ansiosa. Como fazia tempo que Blessard não tentava entrar em contato com ela, acreditara que ele tinha perdido o interesse nela. O encontro daquele dia provara que não era o caso, e ela simplesmente tivera sorte por não ter sido surpreendida por ele nas outras vezes em que furara os pneus de sua bicicleta. Mas, ao reagir da maneira como reagira esta noite, ela mostrara quem realmente era, e isso tendia a torná-lo ainda mais determinado a expô-la.

Ela realmente não se preocupava consigo mesma. No mínimo, essa guerra e as cenas que ela presenciara haviam-na ensinado que coisas ruins aconteciam e que nada permanecia igual. Ela e Jimmy poderiam se mudar quando tudo estivesse acabado, mas, como sempre, era com Mog e Garth que ela se preocupava. Eles eram muito felizes ali, eram queridos e respeitados por todos. No ano anterior, Mog tornara-se um expoente nos eventos de angariação de fundos da vila para o esforço de guerra; ela cozinhava, costurava, trabalhava em barracas, fazia trajes para cortejos e desfiles. Pela primeira vez na vida, ela era respeitada e as pessoas contavam com ela.

Belle sabia que, se seu passado fosse revelado, Mog sofreria. Ainda que a atividade anterior de Mog nunca se tornasse conhecida, como tia de Belle ela seria evitada apenas por causa da associação.

Mas não havia nada que Belle pudesse fazer para evitar que Blessard a expusesse, se era essa sua intenção. Tudo por que ela podia esperar era que qualquer prejuízo ficasse limitado a ela.

Duas semanas mais tarde, Belle e Miranda finalmente estavam no trem com destino a Dover. Ele estava apinhado de soldados retornando para a França, mas elas tinham só para si a cabine exclusiva para senhoras.

— Graças a Deus que acabou — disse Miranda com júbilo ao parar de acenar da janela e cair pesadamente no assento. Seus pais tinham vindo à estação para vê-la partir, e sua mãe a havia constrangido ao chorar alto e agir como se nunca mais fosse ver a filha.

Belle desceu a janela e, antes de se sentar, enxugou discretamente as lágrimas dos olhos. Mog permanecera calma e tranquila na estação, mas Belle sabia que, voltando com Garth, ela desmoronaria e choraria na privacidade de sua casa, e suas lágrimas seriam genuínas. Para Belle, era um lembrete oportuno de quão afortunada ela era por ser amada. Miranda podia ter todas as vantagens advindas de pais ricos e bem relacionados, mas sua família a renegaria no momento em que ela desse um passo em falso. Ela não tinha dúvidas de que a Sra. Forbes-Alton se gabaria a suas amigas de que Miranda partira para fazer imprescindível trabalho de guerra, mas as lágrimas dessa manhã não eram reais nem sinceras, e a verdade é que ela estava contente por despachar a filha problemática para longe.

— Mamãe é uma baita fraude — exclamou Miranda. — Antes mesmo de partirmos esta manhã, eu a ouvi mandando a empregada empacotar e colocar minhas coisas no porão e preparar meu quarto para a irmã dela, que está vindo para ficar. Eu nunca vou voltar lá, sabe. O dia de hoje é o primeiro de minha nova vida independente.

— Minha mãe é igualmente ruim — admitiu Belle. — Escrevi e disse a ela duas semanas atrás que estava partindo e perguntei se ela viria no domingo para me ver antes de eu ir embora. Ela devolveu o mais breve dos bilhetes dizendo que não poderia reservar tempo para isso, mas que me desejava boa sorte. Não me sinto inclinada a perder mais tempo com ela também.

— Como ela pode ser assim? — perguntou Miranda.

Belle fizera-se a mesma pergunta inúmeras vezes. Annie nunca a consolara da perda de seu bebê, nem mostrara qualquer preocupação com a segurança de Jimmy ou interesse pelo trabalho de Belle no hospital. Ela só sabia falar sobre como ia bem sua casa de hóspedes e quantos oficiais encantadores chegavam para ficar. Ela nem mesmo aparentava estar muito preocupada diante da quantidade de nomes desses hóspedes que mais tarde aparecera nas listas de baixas.

— Ela nunca foi uma mãe de verdade para mim — suspirou Belle. — É uma mulher fria e egoísta. A melhor coisa que fez por mim foi me colocar aos cuidados de Mog.

— A minha é igualmente má. Quando éramos pequenos, ela só nos via por uns dez minutos antes de irmos para a cama. Ela é uma baita fraude, fingia para as outras pessoas que fazia tudo para nós. Mas a verdade é que fomos criados pelos empregados. Só que papai encheu minha mão de dinheiro esta manhã. — Miranda deu um sorriso largo. — Cem libras! Não sei se isso foi para garantir que eu não volte ou uma tentativa de mostrar que ele se importava.

Belle pensou nas roupas novas que Mog fizera para ela e no bolo de frutas que assara e colocara em sua bagagem. O tempo e o trabalho que ela tivera com tais coisas tornavam visível seu amor, e isso significava muito mais do que um maço de dinheiro. Quanto a Jimmy, ele demonstrava seu amor ao ficar feliz por ela ter ganhado a oportunidade de fazer algo que queria fazer. Ele dissera que se orgulharia dela fazendo algo tão importante e que talvez arranjasse uma licença para ir vê-la.

— Bom, somos só nós agora — disse Belle. — Vamos esperar que consigamos de fato dirigir aquelas ambulâncias. E lembrar um pouco de francês.

— Claro que vamos conseguir, vamos ser brilhantes. Agora, temos que ficar neste vagão só para mulheres? Tenho certeza de que seria muito mais divertido com todos os soldados.

— Srta. Forbes-Alton, você não está aqui para se divertir — replicou Belle em uma imitação da enfermeira-chefe no Herbert. — Além disso, o trem está abarrotado. Somos muitíssimo sortudas por termos um assento, imagine uma cabine só para nós.

— Poderíamos sentar nos joelhos de alguém — disse Miranda com ar travesso.

— Aproveite ao máximo o conforto deste lugar, pois o barco vai estar repleto de soldados. Imagino que, quando chegarmos a Calais, até você vai ter se cansado de flertar.

— Não consigo acreditar que seja contra as regras que as VADs sejam vistas socialmente com soldados — comentou Miranda, tirando um pó de arroz da mala e polvilhando o nariz. — Eu esperava encontrar um oficial galanteador para nos mostrar os arredores quando estivéssemos fora de serviço.

Belle riu.

— Suspeito que vamos estar exaustas demais para fazer qualquer coisa que não seja dormir durante nossa folga.

— Fico me perguntando se você vai conseguir ver Jimmy, ou até mesmo aquele francês — disse Miranda pensativamente.

— Certamente espero que não vejamos nenhum dos dois em uma ambulância — replicou Belle.

Ela desejou que Miranda não se referisse ao “francês” com tanta frequência. Não havia como Belle saber se Etienne ainda estava vivo, e preocupava-a um pouco que ele invadisse furtivamente seus pensamentos tantas vezes.

— Mas e quanto a seus irmãos? Onde eles estão? — Ela sabia que eles só se haviam alistado pouco antes de o recrutamento obrigatório forçá-los a isso, e eram ambos oficiais, mas Miranda não tinha dito onde eles estavam na França.

Miranda mostrou-se um pouco constrangida.

— Os dois conseguiram trabalhos de gabinete em Londres. Como, eu não sei. Provavelmente minha querida mamãe mexeu os pauzinhos.

Belle não conseguiu evitar um sorriso presunçoso. A Sra. Forbes-Alton era mesmo uma figura, perseguindo outros homens para se alistarem enquanto os próprios filhos se mantinham a salvo. Ela se perguntou como essa mulher conseguia andar de cabeça erguida.

Era tarde da noite quando as garotas finalmente chegaram a Camiers, o depósito de base do Exército Britânico. Belle sabia que estava logo ao norte de Etaples, onde Jimmy fizera seu treinamento, e perto do mar, mas ela não esperara um lugar tão vasto. Dos dois lados da estrada, havia filas e filas do que pareciam ser grandes galpões de metal, com apenas uma luz fraca sobre cada porta, e atrás deles se podiam vislumbrar filas de enormes barracas cônicas.

Dez VADs de enfermagem estavam na traseira do caminhão com ela e Miranda, além de duas mulheres mais velhas que estavam com a Cruz Vermelha, mas que foram evasivas sobre sua função. Fora uma viagem muito fria e sacolejante desde Calais, visto que o caminhão tinha laterais feitas de lona que enfunavam ao vento e a estrada parecia estar cheia de buracos.

— Espero que não achem que vamos dormir em uma barraca — comentou uma das VADs com uma voz muito afetada.

Belle olhou ansiosa para Miranda. Ela também não gostava dessa ideia.

— Aquelas construções que se parecem com galpões são principalmente alas de enfermaria — observou uma das mulheres mais velhas. — Elas são muito melhores por dentro do que se imaginaria olhando de fora. Possuem uma claraboia comprida na parte superior, por isso são bem iluminadas, especialmente em um dia ensolarado. Entre elas, há teatros, cozinhas e coisas assim. Tenho certeza de que todas vocês vão ser alojadas em uma choupana; as barracas são ocupadas principalmente por homens que trabalham aqui e usadas como alas extras quando há um

grande influxo de feridos. No ano passado, durante a Batalha do Somme, cada uma delas teve que ser usada para isso.

As VADs de enfermagem foram conduzidas para dentro de uma choupana muito menor do que as ditas alas. Belle e Miranda foram levadas para uma diferente, próxima de onde se alinhavam as filas de ambulâncias.

— Uma das mulheres lá dentro explicará tudo a vocês — disse o motorista do caminhão. — Boa sorte! Vocês vão precisar dela. Este lugar pode ser o inferno na Terra.

Uma mulher grande de uns 30 anos, com cabelo curtinho e vestindo pijamas de flanela azuis, levantou-se da cama quando as meninas entraram na pequena choupana.

— Vocês devem ser Reilly e Forbes — disse ela, estendendo a mão para cumprimentá-las. — Sally Parsons. Fiquei de lhes dar as boas-vindas; as outras queriam recebê-las, mas o sono foi mais forte.

— Isso foi gentil de sua parte — disse Miranda. — Mas não deixe de dormir por nossa causa. Lamentamos ter chegado tão atrasadas.

Enquanto Miranda falava pelas duas, Belle olhava ao redor. Havia seis camas, das quais três estavam ocupadas, e a de Sally era evidentemente a única com uma luzinha ao lado. Não havia conforto. Era apenas um galpão, com um piso de madeira desprotegido, um par de janelas de ambos os lados e um fogão no meio, com uma mesa lá no fundo e dois bancos para sentar. Ao lado de cada cama havia um pequeno armário.

— O banheiro é atrás daquela porta. — Sally apontou para uma porta no extremo oposto da choupana. — Há duas pias também, mas só água fria, infelizmente. E penduramos nossos macacões e deixamos nossas botas lá fora também. Amanhã vou lhes mostrar aonde ir para tomar banho. Agora, se não se importam, vou trancar a porta e dormir.

Assim que Miranda acendeu a luz entre a sua cama e a de Belle, Sally apagou a dela e deitou-se. As duas amigas se entreolharam, não sabendo se deveriam rir ou chorar. Elas não esperavam por luxo, mas isso era muito espartano e frio também.

Miranda cutucou a cama e fez uma expressão de desagrado.

— Como uma laje de concreto — sussurrou ela.

— Pelo menos temos uma à outra — Belle sussurrou de volta.

Dentro de dez minutos já estavam na cama e, embora Belle tivesse rido quando Mog enfiara na mala um acolchoado de lã que ela tricotara, agora, enquanto se enrolava e se aconchegava nele, ela sentiu-se muito agradecida, visto que os lençóis da cama eram ásperos e frios e os cobertores tinham um cheiro estranho.

Havia um pouco de luz chegando através das pequenas janelas, e ela podia ouvir homens conversando em voz baixa ali por perto. De quando em quando, alguém caminhava ao longo da trilha pela qual elas haviam chegado e ouvia-se a pancada ocasional de uma porta.

— Durma bem — ela sussurrou para Miranda. — Tudo vai parecer melhor pela manhã.

## Capítulo 14

**Acordaram com uma manhã** cinzenta e úmida, e Sally as apresentou às outras três garotas, Maud Smith, Honor Wilkins e Vera Reid.

— Maud e eu estudamos juntas em Cheltenham — comentou ela. — Honor é de Sussex e Vera, da Nova Zelândia. Somos as únicas motoristas mulheres aqui, e os homens ficam nos provocando, mas permanecemos unidas e passamos por cima disso.

Sally, Maud e Honor eram o mesmo tipo de mulher: provavelmente uns 30 anos, simples, rechonchudas e com vozes afetadas. Lembavam a Belle diretoras de escola, sensatas e de bom coração, mas quase certamente uma companhia maçante.

Vera, por outro lado, parecia divertida. Ela era mais jovem e tinha um rosto sardento e ingênuo, olhos de um azul-esverdeado bem claro e um sorriso largo e caloroso.

— A única desculpa para eu estar aqui é que não bato bem da cabeça — disse ela. — Bom, é o que parece na maioria dos dias.

Belle nunca conhecera ninguém da Nova Zelândia e o sotaque de Vera soava-lhe muito estranho. Mas não havia tempo para mais conversa. Sally entregou a Belle e Miranda macacões de cor cáqui para que elas colocassem sobre as roupas e sugeriu que encurtassem as saias alguns centímetros, ou elas arrastariam pela lama. Em seguida, com o cabelo amarrado firmemente para trás, sob uma boina cáqui com viseira, elas saíram à cantina para um café da manhã de fatias de pão com dois pedaços finos de bacon gordo e uma caneca de chá, depois foram ao encontro do capitão Taylor, do RAMC<sup>[20]</sup>, que era responsável pelos motoristas de ambulância.

— Esperamos lá dentro. — Sally indicou uma choupana mais adiante por cuja porta aberta podiam avistar cerca de 30 homens sentados sem fazer nada. — Eles tocam um sino quando um trem de

feridos está chegando, então descemos correndo até a estação. Todo mundo tenta chegar na frente, já que descarregam primeiro os pacientes sentados.

O capitão Taylor era idoso e olhou as garotas de cima a baixo com o tipo de expressão confusa que dizia que ele não estava convencido de que nenhuma mulher fosse forte o suficiente para manejar macas. Ele disse muito pouco, apenas que esperava que elas se mantivessem limpas, bem como suas ambulâncias, e que deviam obedecer às regras afixadas na parede da choupana dos motoristas. Ele então juntou a cada dupla um maqueiro que andaria na ambulância com elas.

Miranda ficou com Alf, que tinha uns 50 anos e era baixinho, com pernas notadamente arqueadas, mas ombros massudos.

— Eu não vou sonhar com ele esta noite — ela sussurrou para Belle por trás de sua mão.

Belle ficou com David Parks, de Sheffield. Ele tinha uns 25 anos, rosto jovial, cabelos claros e orelhas de abano. Ele contou a Belle que fora dispensado do exército por causa de um ferimento na perna que recebera em Ypres nos idos de 1915, mas pedira para permanecer ali para ajudar com os feridos. Quando ele se afastou para falar com alguém, ela o viu mancando muito, fazendo-a perguntar-se se ele era realmente capaz de carregar cargas pesadas.

Dentro de uma hora, Belle estava muito satisfeita por ter ficado com David. Ele não só sabia exatamente aonde ir e o que fazer quando chegassem à estação, como também entendia os pontos fracos da ambulância e não parecia horrorizado por ter sido colocado com uma motorista mulher. Ele tinha um sotaque do norte bastante acentuado, mas modos gentis e um tanto tímidos dos quais ela gostava. Ele disse que não poderia pessoalmente dirigir uma ambulância porque sua lesão não permitiria que colocasse pressão suficiente na embreagem.

— Por que você simplesmente não foi para casa depois que foi ferido? — ela perguntou enquanto seguiam em um comboio de

ambulâncias que faziam a primeira viagem do dia para a estação. Ela estava lutando com as marchas e a pesada direção, mas David orientou-a e deu-lhe confiança. — Certamente está farto da guerra, não?

— O que há em casa para um aleijado como eu? — Ele deu de ombros. — Ninguém vai me dar emprego, minha mãe não quer outra boca para alimentar, não com a casa cheia de crianças, e meus amigos estão todos aqui.

As palavras dele ecoavam as que ela antes ouvira de outros soldados no Herbert. Muitos deles vinham de famílias pobres de cidades como Leeds, Manchester e Birmingham. Eles haviam se alistado para escapar à pobreza, aos ambientes cruéis e à falta de oportunidades. Infelizmente, uma grande parte dos feridos retornaria amargurada para casa, para uma vida ainda pior do que antes.

No entanto, Belle também tinha falado com homens que achavam que o exército tinha melhorado sua sorte na vida. Refeições regulares e exercícios de musculação durante seu treinamento haviam transformado rapazes magricelas em homens. A grande amizade que eles fizeram com homens de diferentes origens e a orientação de seus oficiais tinham muitas vezes aberto a mente deles e lhes conferido novas habilidades. Ela tinha certeza de que David estava nesse grupo.

— Talvez você consiga arranjar emprego em um hospital quando a guerra acabar — sugeriu ela.

Ele sorriu com timidez.

— Ando lendo sobre fisioterapia. Gostaria de fazer isso. Acho que é uma área em que não me rejeitariam por ser coxo.

Quando eles avançaram na linha de ambulâncias, ficando perto o suficiente para ver a plataforma da estação, os pacientes sentados já haviam sido levados ao hospital, restando apenas os pacientes acamados. Embora a estação estivesse abarrotada de enfermeiras, homens em macas e outros membros do exército, Belle ficou

surpresa com a organização e a tranquilidade. Junto a cada porta de vagão, uma enfermeira do exército, de avental e touca branquíssimos, postava-se com as anotações dos homens sob seus cuidados e direcionava os maqueiros incumbidos de levá-los. Todos os pacientes tinham uma pequena bolsa de bens pessoais junto ao corpo, mas poucos usavam os *hospital blues*<sup>[21]</sup> que Belle estava acostumada a ver no Herbert. A maioria usava camisetas, algumas rasgadas e ensanguentadas. Ela viu cotos de braços enfaixados, cabeças envoltas em curativos, rostos esfolados e queimados e, em alguns casos, não havia pernas visíveis sob o cobertor. Ela podia ouvir gemidos e o grito ocasional de dor, mas em geral os feridos estavam silenciosos, alguns tão imóveis que pareciam sem vida.

— Siga adiante, é nossa vez agora — disse David quando a ambulância na frente deles se afastou depois de ser carregada com seis macas nos suportes feitos para esse fim. — Quando iniciarmos o carregamento, tente não deixar que os homens vejam que você nunca fez isso antes e não mostre horror diante dos ferimentos deles.

Belle podia achar que estava acostumada a ver ferimentos estarrecedores e ajudar a levantar pacientes na cama, mas ela nunca havia levantado uma maca antes; os serventes no Herbert sempre fizeram isso. Quando ela e David pegaram a primeira maca, carregando um homem com feridas abdominais, ela cambaleou momentaneamente por causa do peso extremo, e os olhos do ferido, repletos de dor, imploraram a ela que não o machucasse ainda mais.

— Em breve tudo vai melhorar — disse ela em tom confortador. — Você não vai ser transferido outra vez depois que chegar ao hospital.

Enquanto o erguiam e o faziam deslizar para dentro da ambulância, ela sentiu como se seus braços estivessem sendo arrancados da base, mas tranquilizou novamente o ferido e enxugou-lhe a testa com um pano úmido.

— Você está indo muito bem — disse David em voz baixa enquanto traziam o segundo homem. — Você foi feita para isso; um sorriso e uma palavra de conforto fazem quase tanto quanto a morfina.

Assim que ficaram totalmente carregados, anotações anexadas a cada maca, Belle partiu com a ambulância, tentando evitar os buracos na estrada. Ela estava úmida de suor, sentia os braços como se tivessem sido esticados em um aparelho de tortura medieval e sabia que o mesmo procedimento seria repetido no sentido inverso quando chegassem ao hospital. Passava pouco das 9 horas da manhã e ela faria isso repetidas vezes até as 18 horas. Perguntou-se se seria possível completar o dia.

Se não fosse por David, ela achou que poderia ter jogado a toalha lá pelo meio do dia. Mas ele disse que o primeiro dia era sempre o pior e insistiu que ela não desistisse.

— Sei que parece impossível levantar mais uma maca — disse ele enquanto lhe dava uma caneca de chá para acompanhar duas aspirinas. — Mas os músculos logo ficam mais fortes, e você não quer dar ao capitão Taylor o prazer de ver uma garota não dar conta do trabalho.

Às 18 horas da tarde, quando Miranda e Belle voltaram à choupana, as duas afundaram-se na cama com um gemido. Tinham feito o percurso de ida e volta da estação tantas vezes que perderam a conta. Todos os músculos do corpo haviam sido forçados ao limite; as terríveis visões, os maus cheiros e os gritos de dor que assaltaram seus sentidos vezes sem conta tinham-nas levado ao limiar da resistência.

— Não esperava que fosse assim — disse Miranda, com a voz fraca de exaustão.

— Nem eu — concordou Belle. — Duvido que eu sequer consiga levantar os braços para tirar a roupa e escovar o cabelo.

— Chega de lamentação — Vera trinou do outro lado do quarto. Ela tinha se despido até ficar em uma anágua rendada, retirara-se às pressas para tomar banho e estava agora colocando um vestido azul como se fosse sair para uma festa. — Vão tomar um banho quente, pois isso vai renovar vocês.

Belle conseguiu se sentar.

— Hoje foi um dia especialmente movimentado? — perguntou ela, esperançosa.

— É mais ou menos a média em tempos de combate — respondeu Vera. — Estava bem tranquilo até a Páscoa, mas daí a batalha em Arras começou e tivemos umas 2 mil baixas logo depois, com britânicos, franceses, australianos e canadenses. Dizem que vai ficar ainda pior em breve.

— Não acho que eu consiga encarar mais um dia como hoje — admitiu Miranda, dando voz ao que Belle vinha pensando.

— Você consegue — disse Vera com firmeza. — Eu pensei a mesma coisa em meu primeiro dia, mas você se acostuma. Vão tomar um banho, comer alguma coisa e depois se deitem. Vocês vão dormir como bebês e, quando acordarem amanhã, não vai parecer tão ruim. Passem-me suas saias para eu subir a bainha esta noite.

— Você faria isso para nós? — perguntou Belle. Sua saia longa a havia atrapalhado durante todo o dia, mas ela não tinha força para encurtá-la esta noite.

— Claro, todas estamos nisto juntas — disse Vera. — Ajudando umas às outras, nós sobrevivemos.

— Mas você não ia sair? — perguntou Miranda. Vera tinha retirado os grampos do cabelo e escovava-o vigorosamente.

— Só para jantar uma coisinha, mas nós sempre mudamos de roupa quando voltamos. Como Sally diria: “Nós, moças, devemos manter as aparências”.

Belle foi descobrir nos dias que se seguiram que a filosofia de Vera sobre ajudar umas às outras era o que tornava o trabalho mais fácil, e criou-se assim a camaradagem. Não foi um esforço tão grande ajudar outra motorista a carregar sua ambulância, e isso era invariavelmente retribuído, em especial quando um paciente era particularmente pesado. Chovera quase que constantemente desde que elas chegaram ali, e, certo dia, a ambulância de Miranda ficara atolada na lama. No mesmo instante, homens foram correndo ajudar, trazendo sacos para colocar debaixo das rodas. Outro dia, David tropeçara com uma maca, e de repente ali estava uma mão amiga para firmá-lo.

Nas épocas em que havia poucos trens, ela e Miranda familiarizavam-se com os outros motoristas e maqueiros. Vinham de todas as profissões. Alguns eram como David, dispensados do exército por invalidez, mas querendo ficar para ajudar os demais. Outros tinham sido rejeitados pelo exército por causa de um problema ínfimo de saúde. Mas ainda mais vieram por razões semelhantes às dela e de Miranda, para fazer sua parte ou por quererem uma mudança do que faziam na vida. Quaisquer que fossem suas origens, todos dividiam o fardo, havia muitas risadas e brincadeiras e, ainda que o trabalho fosse extremamente árduo, ela e Miranda sentiam-se livres por serem aceitas em um mundo predominantemente masculino.

Um dos motoristas mais velhos, quem ambas tinham considerado ser totalmente preconceituoso contra mulheres que dirigiam ambulâncias, urrou de rir um dia ao ouvir, por acaso, Belle e Miranda imitando duas irmãs enfermeiras que eram verdadeiras megeras. Um dia depois, quando a correia de ventoinha da ambulância de Belle quebrou, ele veio em seu socorro e mostrou-lhe como colocar uma nova. Quando ela agradeceu, ele disse que não era nada, que ela e Miranda eram raios de sol e que estava feliz por elas terem se juntado ao time. Belle ficou exultante por ter a aprovação dele e, naquele momento, sentiu que, por mais árduo que o trabalho fosse, e primitivas que fossem as condições de vida, elas tinham tomado a decisão certa em se inscreverem para estar ali.

Mesmo o capitão Taylor acenava com aprovação para elas de vez em quando. David disse que o ouvira sem querer dizendo a outro oficial do RAMC que “aquelas duas novas garotas levam jeito”.

Continuava chovendo implacavelmente. Ao final de cada dia, não raro estavam ensopadas e congeladas até os ossos. A choupana parecia mais uma lavanderia à noite, com roupas penduradas para secar e botas encharcadas cheias de jornal ao redor do fogão. Ainda assim, Belle parecia ter mais energia do que jamais tivera em casa. Em vez de voltar direto para a choupana depois do jantar para jogar baralho ou ler e escrever cartas, ela gostava de entrar nas alas por mais ou menos uma hora e verificar o progresso dos homens que ela havia trazido.

Ela geralmente oferecia uma ajudinha às enfermeiras, escrevendo cartas pelos homens que não conseguiam segurar uma caneta ou apenas dando de comer àqueles que não conseguiam se alimentar sozinhos. Miranda brincou com ela sobre isso; ela disse já ver sangue coagulado o bastante durante o dia para sair procurando mais.

Belle mantinha-se muito ocupada, por isso, não raro, suas cartas para Jimmy eram agora tão breves quanto as dele para ela. Ela também tentou escrever todas as semanas para Mog e Garth, mas provou-se difícil responder às fofocas de Mog sobre pessoas na vila, a escassez de alimentos e quem tinha estado no encontro semanal do círculo de tricô. Tudo isso parecia tão trivial em face do que ela via ali diariamente.

Entendia agora por que Jimmy sempre dizia tão pouco sobre seu dia a dia. Evidentemente, havia o censor olhando por cima de seu ombro, mas era mais provável que achasse que aquilo que ele via diariamente não poderia ser compreendido por pessoas que não houvessem tido essa experiência. Ela sentia o mesmo: não conseguia explicar o humor negro que todos eles usavam como forma de lidar com o horror que viam, ou por que ela se tornara tão apegada a todos com quem trabalhava. Sabia agora que a vida de

um soldado não era nada parecida com o modo como os jornais no país a retratavam.

Até chegar ali, Belle imaginara Jimmy encolhido em uma trincheira e sendo constantemente alvejado. Agora, graças a David, que tinha estado no front, ela sabia que os soldados só passavam quatro dias seguidos na linha de frente antes de serem mandados de volta para a retaguarda.

Jimmy voltara para a linha de frente após sua ferida cicatrizar, mas para um regimento diferente, e até sua última carta eles ainda estavam em reserva. No entanto, David lhe dissera que, mesmo que ele estivesse na linha de frente, isso não significava que estava em constante perigo de ser baleado. Aparentemente, os homens sofriam longos períodos de tédio absoluto, quando tudo o que faziam era vigiar a atividade inimiga. Além disso, alguns lugares na linha viam pouquíssima ação; David disse que, muitas vezes, havia uma atitude de "viva e deixe viver" de ambos os lados. Evidentemente, mesmo nesses locais tranquilos, homens podiam ser mortos por um franco-atirador ou uma granada lançada, e os períodos de perigo real vinham quando os generais ordenavam um assalto, ou quando os homens, em patrulhas, eram mandados para a Terra de Ninguém para ver o que o inimigo estava fazendo.

Belle também imaginava que estar "em reserva" significasse repouso, mas, de acordo com David, não era bem assim. Eles eram mantidos muito ocupados, treinando, deslocando suprimentos de um lado para outro, melhorando as trincheiras, enterrando os mortos, reparando o arame farpado e levando munição para onde ela era necessária, além de lavarem e consertarem seus uniformes.

Desde que concluía seu treinamento, em 1915, Jimmy mencionara superficialmente coisas como piolhos, lama, uniformes encharcados, ratos e o estado das latrinas, mas fora sempre de uma forma casual, como se essas coisas não o incomodassem muito. Mas todos os motoristas ali, que em algum momento passaram uma temporada buscando os feridos dos postos de socorro, eram mais ilustrativos sobre esses horrores. Um descreveu a Belle como os

homens quase ficavam loucos por causa dos piolhos, passando uma vela acesa pelas costuras do uniforme para queimá-los. Ele disse que o corpo deles ficava coberto de picadas, que muitas vezes infeccionavam. Ela ouviu como a lama grossa que os soldados tinham que atravessar estava frequentemente misturada ao excremento das latrinas e mesmo às partes dos corpos de homens que haviam morrido lá. Diziam que os ratos eram tão grandes quanto gatos e infestavam as trincheiras, e por isso mesmo um ferimento relativamente pequeno poderia facilmente se tornar gangrenoso e resultar em amputação.

Na segunda-feira de Páscoa, em 9 de abril, quando a batalha em Arras começara, houvera mais provações de granizo e neve contra as quais pelejar. Os feridos que chegavam diariamente falavam de tanques ficando atolados, de mulas de carga caindo e afogando-se na lama grossa, e muitos dos feridos frequentemente morriam lá também, por não conseguirem sair.

Jimmy estava alojado em um celeiro e escreveu mais sobre ter consumido uma bebida ou um prato de ovo e batatas fritas em um *estaminet* do que sobre as condições num terreno pantanoso de baixa altitude, mas estava claro que era apenas uma questão de tempo antes que seu regimento fosse enviado para a batalha. Sabendo agora o que isso implicaria, Belle achava difícil escrever cartas alegres e radiantes para o marido, uma vez que dia após dia ela via o que poderia muito bem acontecer a ele.

Vera estava animada com a iminente chegada de seus dois irmãos, que haviam ingressado nas Anzacs [\[22\]](#) e estavam vindo da Nova Zelândia. Chamavam-se Tony e "Batata", e ela apenas riu quando Belle lhe perguntou sobre o apelido. No entanto, com o entusiasmo por ter uma chance de vê-los, ainda que apenas brevemente, ela também estava com medo de que eles fossem enviados diretamente para o front, assim como canadenses e australianos.

Sally, Maud e Honor tinham irmãos ou primos ali, e Belle notara que, embora falassem pouco sobre eles, todos os dias elas

checavam discretamente as listas de baixas. Parecia um acordo tácito entre todos para que se controlasse a ansiedade em relação aos parentes na frente de batalha. Henry, um dos motoristas, vira publicarem o aviso do desaparecimento de seu sobrinho, dado como morto logo depois que ela e Miranda chegaram ali. Belle vira Henry parado atrás da choupana, de cabeça baixa e ombros arquejantes; no entanto, ele entrara num pulo na ambulância quando o sino tocara e continuara a trabalhar normalmente durante todo o dia. Sally disse, em sua maneira prática habitual, que se manter ocupado era a melhor maneira de lidar com o sofrimento.

Entretanto, ainda que todas as enfermeiras, motoristas, serventes, médicos e demais funcionários no hospital conseguissem manter-se controlados, os familiares que chegavam da Inglaterra para ver filhos ou maridos que não se esperava que vivessem não conseguiam controlar sua dor. Dia após dia, as garotas viam essas pessoas chegarem ao hospital. Elas se destacavam da força de trabalho não só pelas roupas civis, mas pela expressão tensa e desnorteada. A maioria delas nunca estivera fora da Inglaterra antes, não conseguia falar nada de francês e sabia que seu filho ou marido morreria. Muitas vezes, chegavam tarde demais e ele já estava morto. A equipe de enfermagem era sempre solidária e fazia seu melhor para oferecer algum conforto, mas parecia ainda mais trágico que aquelas pessoas pobres tivessem vindo de tão longe e não tivessem a oportunidade de se despedir de maneira adequada. Quase todos os dias havia enterros; Belle gelava toda vez que ouvia o som melancólico do clarim tocando o *Last Post*.<sup>[23]</sup>

David era muito filosófico em relação aos parentes de luto. Ele dizia que pelo menos eles sabiam onde jazia o corpo de seu ente querido e tinham ouvido as orações, ao contrário dos parentes de milhares de outros homens que haviam sido depositados em uma sepultura coletiva perto dos campos de batalha. E alguns corpos nunca foram encontrados; jaziam destroçados e espalhados na lama. Para as famílias desses homens, isso havia de ser um tormento, esperando em vão que eles tivessem sido feitos prisioneiros ou que

estivessem deitados em uma cama de hospital em algum lugar e um dia retornassem para casa.

No fim de maio, quando as garotas estavam na França havia mais de um mês, disseram que elas poderiam tirar o dia seguinte de folga. Até então, elas tinham tido apenas a casual meia jornada, geralmente em um domingo, quando chegavam menos trens. Mas, como a vila mais próxima não tinha grande coisa a oferecer, e era necessária uma longa caminhada também, elas sempre ficavam na choupana ou lavavam suas roupas.

Não ter que levantar cedo foi um verdadeiro prazer em si e, quando finalmente acordaram para dar com o sol brilhando, Miranda sugeriu que elas pegassem uma carona até Calais naquela tarde para dar uma olhada nos arredores.

Caminhões iam e vinham de Calais diariamente para pegar suprimentos das docas, e elas sabiam que seria fácil convencer um dos motoristas a deixá-las ir com ele. Tomaram banho, lavaram os cabelos e colocaram seus melhores vestidos. Haviam-lhes dito, antes de deixarem a Inglaterra, que trouxessem apenas roupa ajuizada, do dia a dia, pois o espaço seria limitado na acomodação. Mas nenhuma das duas fora capaz de resistir a colocar na mala algo um pouco mais sofisticado em caso de surgir uma ocasião especial. O vestido de Miranda era de crepe da China azul e o de Belle era de estampa florida cor de malva.

— Queria ter um chapéu mais bonito — disse Miranda enquanto colocava o de feltro azul-marinho que ela usara no dia em que chegara.

— Chamaria muita atenção se saíssemos parecendo que vamos a uma festa no jardim — disse Belle, espetando na cabeça seu próprio chapéu castanho-claro, o qual ela fizera para combinar com seu casaco de inverno. Não tinha certeza se entrar em Calais era sequer permitido. Uma das enfermeiras dissera a Belle que nem elas nem as VADs tinham permissão para confraternizar com os soldados e que poderiam ser mandadas para casa se fossem suspeitas de fazer isso.

A mesma enfermeira dissera que fora recusada permissão a uma de suas colegas para sair dos domínios do hospital com o pai dela, que era um oficial em serviço. Isso parecia absolutamente ridículo; por outro lado, a enfermeira-chefe no Herbert tinha sido igualmente dura com suas enfermeiras.

— Talvez possamos comprar outros chapéus em Calais — disse Belle. — Não podemos usar estes aqui durante todo o verão.

— Você não sente saudades de tomar um longo banho de imersão e em seguida vestir algo com babados para ir a algum lugar elegante? — perguntou Miranda, beliscando as faces para deixá-las rosadas.

— Sinto saudades de muitas coisas — admitiu Belle. — A comida de Mog, uma cama confortável e Jimmy afagando-me à noite. A única vez em que estive em lugares elegantes foi em Paris, e não gosto de pensar por que eu estava neles.

— Talvez pudéssemos ir a Paris um dia? — perguntou Miranda, toda esperançosa. — Você poderia procurar aquele amigo que tinha lá, dono de restaurantes. Aposto que ele nos entreteria.

— Essa parte de minha vida está morta e enterrada. Nunca penso sobre isso — disse Belle, um pouco rispidamente. Não era exatamente verdade; ela tinha pensado em Etienne e Philippe, o dono de restaurantes que Miranda mencionara, muito mais desde que ela estava ali. Toda vez que ouvia um sotaque francês, ela voltava subitamente ao passado. Mas admitir isso a Miranda abriria uma comporta de memórias que precisaria compartilhar com ela.

— Desculpe ter falado — disse Miranda, fazendo uma careta. — Tudo o que eu quero é um pouco de diversão.

O motorista do caminhão que elas escolheram para pedir uma carona era um francês em seus 50 anos. Ele não sabia muito inglês, mas conseguiu lhes dizer que retornaria às 18 horas e que, se elas não estivessem lá para encontrá-lo, teria que voltar sem elas.

— Calais não é um bom lugar para *jolies filles*<sup>[24]</sup> — acrescentou ele em tom reprovador. — Muitos soldados!

O motorista estava certo sobre haver muitos soldados. Eles estavam por toda parte, nos cafés, bares e caminhões e perambulando pelas ruas. Havia franceses, ingleses, australianos e até mesmo alguns guardas escoceses de *kilt*. Ficaram de boca aberta olhando para as garotas, assobiaram para elas, e um jovem soldado começou a cantar bem alto “If you were the only girl in the world”,<sup>[25]</sup> e todos os amigos que estavam com ele começaram a cantar também.

As duas garotas empinaram o nariz e continuaram a andar, ainda que quisessem rir, pois estavam conscientes de que alguém do hospital poderia vê-las ali e, se parecessem estar encorajando os homens, estariam encenecadas no dia seguinte.

Era inebriante sair ao sol, ver lojas, cafés e pessoas comuns cuidando de seus afazeres, e estar livre das visões, dos ruídos e dos cheiros do hospital. Elas encontraram uma pequena chapelaria poeirenta em uma ruela e cada uma comprou um chapéu de palha, vestindo-os imediatamente e relegando seus chapéus velhos à sacola de compras. Compraram algumas meias novas, tomaram uma xícara de chocolate em um café e depois seguiram para um passeio ao longo da praia.

O Canal da Mancha estava repleto de navios, um lembrete de que a guerra não estava sendo travada apenas na terra. Os alemães controlavam Zeebrugge e Ostend um pouco ao norte da costa, e seus submarinos miravam constantemente os navios britânicos.

Miranda ergueu os olhos para um avião que voava por cima de sua cabeça.

— É estranho como simplesmente nós os aceitamos agora — comentou ela, pensativa. — Papai me mostrou a foto de um deles alguns anos atrás. Ele estava tão animado com a aviação. Mas eu não conseguia entender como eles podiam permanecer no ar e achava que era só um modismo que desapareceria.

— Realmente ainda não entendo como eles voam — disse Belle. — E os automóveis! Eu tinha uns 13 anos quando vi o primeiro na Strand e corri para acompanhá-lo. As pessoas diziam que aquilo nunca pegaria. Mas pegou, e agora até pessoas como nós conseguem dirigir carros. Imagine quando tivermos filhos e dissermos a eles coisas como essas! Eles não vão ser capazes de imaginar a vida antes de essas coisas terem sido inventadas.

— Não consigo nem imaginar como vai ser a vida quando a guerra terminar — disse Miranda. — Quero dizer, como posso voltar a como era antes?

Belle ficou surpresa com a desolação nesse comentário.

— Não vai ser a mesma coisa — assegurou ela. — Como é possível, depois que a guerra mudou tudo?

— Tantos milhares de homens já morreram, muitos mais vão ficar aleijados — comentou Miranda. — Vai haver ainda menos chance de eu me apaixonar e arrumar um casamento do que havia antes de tudo começar. Você vai ter Jimmy e eu vou ser a solteirona que envelhece ainda morando com os pais.

— Que atitude mais derrotista! — declarou Belle, indignada. — Você vai conhecer alguém e se apaixonar, tenho certeza disso. Além disso, você disse que nunca voltaria para casa, que este era o início de sua vida independente. Você se saiu tão bem nesse trabalho que, quando a guerra estiver terminada, você vai ser capaz de fazer qualquer coisa que botar na cabeça.

— Então, por que não consigo nem imaginar? — perguntou Miranda, pegando uma pedrinha e atirando-a ao mar. — Aposto que você consegue.

— Bom, sim, consigo — admitiu Belle. — Mas imaginar é só pensar naquilo que você quer que aconteça. Gosto de me imaginar com Jimmy morando à beira-mar, talvez administrando uma casa de hóspedes ou algo assim. Duvido que isso realmente vá acontecer, mas, a menos que você tenha um sonho e trabalhe na direção dele, nada vai mudar.

Elas então voltaram andando para a cidade e entraram em um café para comer algo antes de pegar a carona de volta.

Era pequeno e imundo, com mesas de madeira simples que precisavam ser esfregadas, mas os cafés mais agradáveis estavam cheios de soldados. Dois velhos devoravam um prato do que parecia ser guisado de carne, e o cheiro era delicioso, de modo que, quando a garçonete veio para anotar o pedido, elas apontaram para ele e pediram vinho também.

Estavam comendo quando dois soldados americanos entraram. Eram jovens, talvez 23 ou 24 anos, altos, com rosto queimado de sol e, em comparação com seus homólogos ingleses, seu uniforme bege lhes caía muito bem.

Miranda sorriu para eles, e Belle lançou-lhe um olhar de advertência.

Os dois homens tiraram o chapéu e pararam à mesa das garotas, olhando não apenas para elas, mas para a comida também.

— Isso parece bom, madame — disse o de cabelo escuro. Ele tinha três divisas de sargento na manga. — A senhorita recomenda?

— Está muito gostoso — disse Miranda, corando um pouco.

— Então, acho que vamos ficar satisfeitos com isso também — disse ele. — Ainda não estamos familiarizados com este lugar, chegamos só há poucos dias. Podemos nos sentar com as senhoritas?

— Certamente — disse Miranda sem olhar para Belle, que ela sabia muito bem que não aprovaria. — Sou Miranda Forbes-Alton. Esta é Belle Reilly. Não estamos familiarizadas também. Esta é nossa primeira vez em Calais.

— Sou Will Fergus — disse o sargento de cabelo escuro, oferecendo a mão. — E este é Patrick Mehler — acrescentou ele, indicando com a cabeça o colega loiro. — Tem certeza de que não estamos atrapalhando?

— Logo temos que ir embora para pegar uma carona de volta — disse Belle, esperando que a dica bastasse para Miranda não se deixar levar demais por dois homens tão bem-apegoados.

— De volta para onde, madame? — perguntou o sargento enquanto ambos se sentavam.

— Camiers. O hospital — disse Miranda. — Somos motoristas de ambulância. E vocês não precisam nos chamar de madames. Somos Miranda e Belle. Na Inglaterra, apenas senhoras da realeza são chamadas assim.

Will riu, mostrando dentes brancos e bonitos.

— Bem, posso chamá-las de Belle e Miranda? Não consigo acreditar que duas garotas tão bonitas possam fazer tal trabalho. Valeria a pena ficar ferido para ser levado por uma de vocês.

Belle soube no mesmo instante que Miranda se apaixonaria por esse homem. Ele era bonito, charmoso e robusto. Além disso, não tinha aquele aspecto cansado da guerra que tinha a maioria do pessoal do hospital.

Os homens pediram sua refeição e os quatro ficaram de conversa fiada. Will viera da Filadélfia, Patrick, de Boston, e eles estavam ali como parte de um grupo de vanguarda para preparar as coisas para as tropas americanas que chegariam no fim do ano.

Belle informou rapidamente que era casada; Patrick também era, e ela percebeu que ele se sentia mais ou menos como ela, um pouco ansioso com a ideia de que Will pudesse arrastá-lo para alguma situação. Assim, ela falou com ele sobre Jimmy, e por que ela e Miranda estavam ali, e perguntou-lhe sobre sua mulher, tornando bem clara qual era sua posição.

Dentro de pouquíssimo tempo, estava bastante óbvio para Belle que Will estava tão encantado por Miranda quanto ela por ele. Eles riam como velhos amigos, falando sem parar e aproximando-se um do outro sobre a mesa. Se não fosse contra as regras confraternizar com os soldados, Belle teria ficado feliz por ela, mas ela conhecia

sua amiga bem o suficiente para ter certeza de que ela estaria disposta a arriscar qualquer coisa por um homem de quem gostasse.

Quando Belle começou a lembrar Miranda de que precisavam pegar a carona de volta, Will foi rápido em oferecer-se para levá-las.

— Eu tenho um carro do comando — disse ele. — Fiquem um pouco mais. Estamos só começando a nos conhecer.

Belle sabia que, se insistisse para irem embora naquele momento, Miranda ficaria zangada com ela. Mas, mais do que isso, ela podia ver os primeiros sinais de um romance florescendo ali, e não poderia relutar em conceder isso à sua amiga. Portanto, ela sorriu e aceitou mais uma bebida.

Will foi leal à sua palavra. Depois de uma caminhada ao redor da cidade e de várias bebidas mais, ele levou-as de volta. Pelo menos, Patrick dirigiu, e Will e Miranda sentaram-se no banco traseiro, beijando-se por todo o caminho.

— Você não aprova isso — dissera Patrick no último bar em que entraram. Miranda e Will estavam um pouco afastados, tão juntos, fitando os olhos um do outro, que pareciam uma só pessoa.

— Não é isso. Eles formam um casal adorável — suspirou Belle. — Só não quero que ela se machuque ou se complique no hospital.

— Nunca o vi assim com uma garota antes — comentou Patrick. — Ele está caidinho, eu diria. Caramba, por que não deveriam se divertir? Tenho certeza de que é a mesma coisa para vocês na Inglaterra, gente dizendo “faça isso”, “não faça isso”. Estamos aqui na França, há uma guerra acontecendo e qualquer um de nós poderia ser morto a qualquer dia. Você e eu somos casados, Belle, mas nós mesmos já vivemos esse mesmo sentimento insano. Não deveríamos ficar felizes porque eles vão viver isso também?

— Sim, você está certo — admitiu ela. — Mas é que aconteceu muito rápido. Miranda é teimosa.

— E Will é um bom rapaz. — Patrick colocou-lhe a mão no ombro. — Você não escolhe se apaixonar, você é escolhido. Além do

mais, você é jovem e bonita demais para esquentar a cabeça com o que poderia dar errado.

Will e Patrick deixaram as duas nos portões do hospital. Eram quase 23 horas e, quando começaram a andar para a choupana, Belle percebeu que Miranda estava ligeiramente embriagada.

— Will não é simplesmente maravilhoso? — disse Miranda, ofegante, de braços dados com Belle.

Belle olhou de lado para a amiga. Mesmo à luz fraca em cada porta da ala, ela pôde ver seus olhos brilhando.

— Sim, ele é — respondeu, tremendo com o frio. — Mas agora só temo que possamos estar em sérios apuros.

— Vou me reencontrar com ele amanhã — disse Miranda em um tom que indicava que ela não estava pronta para ser questionada. — Conheci o homem com quem quero passar o restante de minha vida e não me importo com mais nada.

Vera estava lendo na cama quando elas entraram e colocou o dedo contra os lábios para lembrá-las de que as outras três meninas dormiam.

— Vocês estão atrasadas — sussurrou ela. — Eu estava ficando preocupada. Vocês se divertiram?

— MUITÍSSIMO — sussurrou Miranda de volta, dando piruetas até o banheiro.

Belle sentou-se na cama de Vera.

— Alguém perguntou sobre nós? Estamos em apuros?

— Não, só comigo, por me deixarem preocupada. — Vera sorriu. — Então me diga: o que aconteceu?

— A história completa, só amanhã de manhã — disse Belle. — Mas digamos apenas que Miranda se apaixonou. Não conte nada às outras; não queremos que o capitão Taylor escute isso.

Belle examinou Miranda antes de apagar a luz. Ela não estava dormindo, apenas deitada ali com um sorriso no rosto. Ela nunca estivera tão radiante.

## Capítulo 15

**Belle achara notável** a mudança em Miranda desde que esta conhecera Will. Ainda que todas as noites ela saísse furtivamente para encontrar-se com ele e não voltasse antes da meia-noite, ela acordava como um passarinho pela manhã, cantando, rindo e sendo doce com todo mundo.

Sally desaprovava. Ela disse, com malícia, que Miranda estava sendo “rápida”, mas, embora fosse arrogante e invejosa, não era do tipo que difamava ninguém. A própria Belle achou difícil não ficar com ciúmes. Ver a amiga com olhos brilhantes e uma expressão sonhadora lembrou-a da maneira como ela costumava sentir-se em relação a Etienne, e culposamente ela se perguntava por que isso a fazia recordar-se de seus sentimentos por ele, e não por Jimmy.

— Como é então esse cara com quem Miranda está saindo? — David perguntou a Belle uma manhã enquanto faziam a primeira viagem até a estação para buscar novos pacientes.

— O que você quer dizer? — perguntou Belle com cautela. Ela não contara a nenhuma viva alma sobre o homem de Miranda e também não acreditava que as outras garotas tivessem falado disso com ninguém.

— Não se faça de tola, deu para ver que algo aconteceu no dia depois que você saíram escondidas para Calais — disse ele com um sorriso galhofeiro. — Você parecia perturbada e ela saltitava de um lado para outro feito um cordeirinho. Não demorou muito para somar dois mais dois.

Belle não viu por que mentir para David. Ele era uma boa pessoa e era sempre discreto.

— Bom, guarde o segredo. Americano, muito bem-apegoado, um bom homem. Ele é sargento.

— Um soldado americano, hein? — disse ele. — Bom, diga a ele por mim para reunir o restante dos ianques e nos ajudar a acabar com esta guerra sangrenta.

— Eles estão vindo, ou assim dizem — comentou Belle. — E quando isso acontecer, ele não vai ter muito tempo livre para ver Miranda.

— Se ele é decente, por que você está tão perturbada?

— Bom, ela passou um pouco dos limites — suspirou Belle; ela estava bastante contente por ter alguém a quem confiar esse segredo. — Estou com medo de que ela seja mandada para casa ou que isso não acabe bem para eles.

— Não é bom ser pessimista sobre isso. — Ele deu de ombros. — Se eu conhecesse uma garota que me fizesse brihar do jeito que Miranda está brilhando, andaria sobre brasas para estar com ela. Além disso, a razão de você vir até aqui não é estar mais perto de seu homem?

Belle concordou com a cabeça, mas sentiu uma pontada de vergonha por isso não ser verdade. Ela ainda não tinha sequer pensado em perguntar ao capitão Taylor se era possível ter uns dias de folga para encontrar-se com Jimmy em algum lugar. Por que seria?

Algumas noites depois, Miranda arrumava os cabelos em prontidão para sair e encontrar-se com Will quando Belle entrou na choupana, com o casaco impermeável pingando de chuva. Ela não disse nada, apenas tirou o casaco, pendurou-o em um gancho junto à porta e, então, curvou-se para tirar as botas.

As outras quatro garotas estavam agrupadas no outro extremo da choupana. Elas ergueram o olhar e acenaram para Belle, que acenou de volta, e depois ela buscou a toalha para secar o cabelo molhado. Pareceu a Miranda que Belle a estava ignorando de propósito.

— Você está zangada comigo? — perguntou ela quando Belle finalmente se sentou na cama.

— Claro que não estou — respondeu ela, parecendo surpresa com a pergunta. — Por que estaria?

— Pensei que talvez fosse porque estou sempre saindo com Will esses dias e deixando-a sozinha.

— Não me importo com isso. Vera é uma boa companhia também — disse Belle. — Ficamos bastante íntimas.

Miranda sentiu nisso certo desdém.

— Não quero perdê-la como amiga — asseverou ela.

Belle riu.

— Vai precisar de mais que um homem para livrar-se de mim — disse ela.

Miranda suspirou aliviada. Belle não faria uma piada se estivesse zangada.

— Entende, temos que aproveitar isso ao máximo agora. Ele pode ser mandado para outro lugar a qualquer momento.

Miranda sentia que precisava se explicar. Desde que tinha uns 16 anos, ela desejara o tipo de amor sobre o qual lera nos livros. Por três vezes ela fora dama de honra, e todos esses casamentos tinham sido mais arranjos entre a noiva e um parceiro que a família aprovava do que histórias de paixões arrebatadoras. Até conhecer Frank, havia começado a acreditar que o amor podia nem mesmo existir.

Mas depois de toda a dor que Frank lhe causara, ela passara a achar que talvez fosse melhor apenas se conformar com um homem bondoso e decente em quem pudesse confiar. Mas então Will apareceu, justo quando ela menos esperava encontrar romance, e de repente ela soube com certeza absoluta que ele era o homem por quem ela sempre esperara.

Tudo era tão certo com ele; eles podiam falar sobre qualquer coisa, riam das mesmas coisas. Ele fazia seu coração disparar, estava na cabeça dela desde o primeiro segundo da manhã até ela adormecer à noite. Mas o melhor de tudo é que ela sabia que ele sentia o mesmo por ela. A guerra tornava o futuro incerto, mas ela estava certa quanto a Will. Esse era o amor pelo qual ela sempre esperara.

No entanto, por mais que ele dominasse seus pensamentos e sonhos, ela não queria jamais perder a amizade de Belle. Ela era muito especial, e Miranda envergonhava-se de que a pudesse estar negligenciando.

Belle inclinou-se e colocou a mão fria e úmida no braço de Miranda.

— Eu entendo e fico feliz por você — disse ela. — Só tome cuidado. Resgarde-se um pouco.

Miranda passou os olhos ao redor do quarto para verificar se alguém estava escutando, mas Sally lia, Vera cerzia algumas meias e Honor e Maud jogavam xadrez.

— Ainda não fizemos aquilo — sussurrou ela. — É com isso que está preocupada?

Belle deu um risinho de lado.

— Não foi isso que eu quis dizer. Nem mesmo sou a pessoa certa para lhe passar lição de moral. Só tenho medo de que você esteja indo rápido demais, cedo demais.

— Pode ser um pouco tarde para me prevenir disso. O capitão Taylor disse que posso tirar este domingo de folga, e Will vai me levar a algum lugar para passar a noite. — Já que Belle não respondeu, Miranda segurou-lhe a mão. — Sei que acha que estou sendo imprudente, mas eu o amo, Belle. Amo-o de verdade. Ele me ama também.

Belle sorriu para ela.

— Eu entendo, e certamente não estou julgando você. Se eu estivesse em seu lugar, provavelmente faria a mesma coisa — disse ela. — Mas por que você está perdendo tempo aqui se ele está esperando por você neste momento? E é melhor você vestir meu casaco, senão ficará encharcada.

Miranda deixou a choupana poucos minutos depois, com o casaco impermeável sobre a cabeça. Ela tomou a estrada saindo dos domínios do hospital e, depois, como sempre, algumas centenas de metros antes dos portões principais, desceu furtivamente por um caminho entre duas alas até chegar à cerca e atravessá-la por um buraco.

Ela descobrira essa saída havia algum tempo, sabendo que, se usasse os portões principais, a sentinela provavelmente a denunciaria. Will esperava no carro ali perto, acobertado por alguns arbustos grossos. Como sempre quando o encontrava, ela fervia de excitação. Mesmo quando estava tendo o romance com Frank, ela não se sentira totalmente dessa forma; mas, na verdade, nunca sentira como se de fato o conhecesse.

Will era bem diferente. Ele era caloroso, franco e confiável, sempre ali na hora combinada, e não a pressionara para fazer sexo, ainda que dissesse que todas as vezes que se beijavam era como o 4 de Julho. Ela realmente gostava dessa descrição. Para ela, também eram como fogos de artifício explodindo dentro de si; ela tinha apenas que tocar a mão dele para desejá-lo. Na verdade, era apenas o medo de engravidar novamente que a contivera até agora.

Sua mãe não tendia a aprovar nenhum homem a menos que este tivesse sangue azul ou fosse muito rico. E a família de Will na Filadélfia era totalmente indistinta. Seu pai fora um dos milhares de pobres irlandeses que emigraram para os Estados Unidos nos fins do século XIX e casara com a filha de imigrantes italianos dois anos mais tarde, tendo cinco filhos, dos quais Will era o mais velho. O pai dele tinha uma pequena empresa de construção e quisera que Will trabalhasse com ele, mas, embora Will o tivesse feito por alguns anos, ele entrara no exército ativo quando o irmão mais novo

completara idade suficiente para assumir o comando. Will dissera almejar um horizonte maior do que apenas o assentamento de tijolos.

No entanto, apesar das origens humildes, Will era um cavalheiro. Ele tratava Miranda com grande ternura e respeito e parecia gostar de tudo relativo a ela. Ninguém nunca agira assim antes, nem mesmo sua própria família. Ela queria passar a vida com ele na América depois que a guerra acabasse, abraçar a vida dele e esquecer a antiga. Ela realmente não se importava se nunca mais visse a própria família novamente.

Will abriu a porta do carro quando Miranda veio correndo até ele.

— Oi, linda — disse ele, com os dentes muito brancos na escuridão.

Ela tirou e amassou o casaco molhado, jogou-o no banco de trás e entrou, virando-se para ele apaixonadamente.

— Hummm — disse ele depois do mais longo e profundo beijo. — Por isso é que valeu a pena esperar. Espero que você consiga escapar este fim de semana. Encontrei um lugar para ficarmos.

— Sim, já me encarreguei disso — disse ela, apoiando-se no ombro dele. — Mas você vai tomar cuidado. Sabe o que quero dizer?

— Claro, querida, vou tomar as precauções — ele riu discretamente. — Não quero que você tenha um bebê, não até estarmos casados há um tempo respeitável.

— Casados? — exclamou Miranda.

Ele riu.

— Acho que eu deveria ter feito o pedido apropriadamente. Tinha planejado fazê-lo no fim de semana, mas simplesmente escapou. Mas e aí, o que diz? Você vai casar comigo quando toda esta loucura de guerra estiver terminada?

Miranda jogou os braços em volta do pescoço de Will.

— Eu casaria com você amanhã, mesmo nesta loucura toda — disse ela, cobrindo-lhe o rosto com beijos.

Ele tomou-lhe as mãos e segurou-as, beijando-lhe os dedos.

— Não posso oferecer nenhuma garantia sobre onde vamos parar — disse ele. — Eu poderei ser designado para qualquer lugar, mas sei que quero que você esteja comigo onde quer que seja.

— Não me importaria se tivéssemos que viver em um deserto, no topo de uma montanha ou na Lua, desde que você esteja comigo — disse ela, e lágrimas de alegria escorreram-lhe pela face.

— Ei, não chore, querida — disse ele, enxugando-lhe as lágrimas com o polegar. — Já falei de você a meus parentes em uma carta e sei que eles vão amá-la tanto quanto eu. O que seus familiares vão dizer?

— Gostaria de poder dizer que eles ficariam radiantes de alegria — disse ela com ar triste. — Mas já lhe disse como minha mãe é. Só que não me importo, minha vida vai ser com você e eles vão ter que engolir isso.

— Eles vão achar que não sou bom o suficiente para você?

— Ninguém seria, não a menos que minha mãe conhecesse a família e eles estivessem próximos da realeza — suspirou ela com ar pesaroso. — Mas não se preocupe com isso. Você vai casar comigo, não com minha mãe.

Belle dormia quando Miranda entrou na choupana, bem depois da meia-noite. Ela estava tão animada que simplesmente teve que acordar a amiga.

— Tenho certeza de que ainda não amanheceu — murmurou Belle, sonolenta, quando Miranda a sacudiu.

— Não, não ainda, mas tenho algo para lhe contar que não pode esperar até de manhã.

Havia apenas luar suficiente para Miranda ver Belle esfregando os olhos.

— É melhor que isso seja bom — disse ela.

— E é. Will me pediu em casamento. Vou voltar com ele para os Estados Unidos quando a guerra acabar. Não é maravilhoso? Estou tão feliz!

Belle então se sentou ereta na cama e buscou a mão de Miranda para apertá-la.

— É uma notícia maravilhosa. Estou realmente feliz por você. Mas vocês vão se casar aqui? — sussurrou ela.

— Não decidimos isso ainda. Eu gostaria, mas ele quer que a família dele esteja no casamento. Vamos falar mais sobre isso no fim de semana.

—Você vai contar a seus pais?

— Não, mamãe reagiria horrorosamente a isso. Vou apresentá-los a um fato consumado.

— Espero que o casamento seja aqui para eu poder estar com você — disse Belle. — Mas agora posso voltar a dormir?

— É “poderia” voltar a dormir — disse Miranda com uma risadinha. Ela estava sempre corrigindo as falas de Belle; era uma brincadeira de longa data entre as duas, segundo a qual Miranda era sua instrutora de gramática.

— Poderia me deixar em paz, então? — disse Belle. — E não esqueça que vou ser a dama de honra.

No sábado, para variar, estava seco, embora ainda fizesse frio. Havia pouco, naquela tarde, um dos motoristas de ambulância franceses dissera que era o verão mais chuvoso do qual ele conseguia lembrar. Havia enormes poças por toda a área do hospital, o que dava a todos uma ideia clara de quão terríveis eram as condições para os homens no front.

Miranda encontrou-se com Will às 18 horas no lugar habitual, para passarem a noite juntos. Era a primeira vez desde a noite em que se conheceram que ela o via durante a luz do dia e pôde notar

que o carro tinha sido lavado e polido. Assim como ele; Miranda conseguiu sentir nele, enquanto o beijava, o aroma de sabonete de limão, e embora como sempre ele estivesse de uniforme, este fora havia pouco passado a ferro, e as botas reluziam de graxa.

— Pensei que esta noite nunca chegaria — disse ele, aninhando o rosto contra o pescoço dela. — Os outros caras riram muito de mim; disseram que fiquei olhando para o relógio o dia todo.

— Eu fiquei também — admitiu ela. — Estávamos muito ocupados, e as marchas ficavam emperrando em minha ambulância, então, agora, meu braço dói por causa da força que fiz para tentar engatá-las. Esperava ter tido tempo para um banho antes de encontrar você, mas não tive essa sorte. E você está tão arrumado e elegante.

Ele nunca se mostrara tão bonito. A pele era dourada, os olhos brilhavam e os cabelos escuros estavam arrumadíssimos e bem cortados. O coração dela batia com a expectativa da noite adiante, mas desejou ter tido tempo para embelezar-se para ele.

— Para mim, você está linda, simplesmente deslumbrante — disse ele. — É melhor levá-la daqui logo antes que você mude de ideia.

Apesar de a França ser uma zona de guerra e de toda a destruição causada por ela — com campos de batalha onde nenhuma árvore ou arbusto foram deixados de pé, valas comuns, hospitais construídos às pressas, depósitos de provisões e estradas apinhadas de caminhões, canhões sobre rodas, carroças conduzidas por cavalos e soldados marchando —, apenas a algumas milhas de distância dessa fealdade havia ainda um idílio rural. As pessoas muitas vezes comentavam sobre isso e, uma vez que Will levou Miranda para longe do hospital, na direção de Rouen, ela viu isso por si mesma. Ali, a paisagem rural ainda era bonita: campos com colheitas verdes, pastos com vacas de pastoreio e velhos cuidando esmeradamente de hortas.

— É encantador — disse ela enquanto desciam pelas estradinhas estreitas. — Posso sentir o cheiro de feno recém-ceifado e de terra úmida e de tantas flores silvestres. É como estar de volta a Sussex, tão diferente dos arredores de Camiers!

— Só não espere o Waldorf, querida. — Will sorriu para ela. — O oficial francês que me contou sobre este lugar falava um inglês tão ruim quanto meu francês; pelo que entendi, ele podia estar me dizendo que era uma porcaria. Mas ele disse que trouxe a amiga dele aqui e entrou em contato com eles por mim.

— Estou impressionada que tenha conseguido achar o caminho. Não vi nenhuma placa — disse ela.

— Não me enalteça ainda, pois podemos nunca o encontrar — riu ele.

— Aqui estamos — disse ele um pouco mais tarde, parando o carro junto a uma antiga casa de alvenaria, pitoresca, mas em ruínas e com venezianas descascando. O sol era uma grande bola flamejante mergulhando atrás da casa, conferindo-lhe um brilho rosado.

Lia-se, na placa desbotada, LE FAISAN DORÉ. Miranda sabia que *doré* significava “dourado”, mas não entendeu a outra palavra. O lugar podia parecer um pouco decadente, mas, em comparação com uma choupana fria de telhado de zinco e cercada por lama, era um palácio.

O interior era igualmente decadente, mas singular, assim como tantas casas de campo antigas na Inglaterra. A porta de entrada conduzia direto a uma sala grande de teto baixo. À direita do recinto da frente havia um bar e sala de estar; algumas das cadeiras e sofás tinham o estofamento escapando e os tapetes sobre o piso de pedra estavam surrados. À esquerda, via-se uma sala de jantar com mesas de madeira simples, lixada, que estavam sendo colocadas para o jantar por um rapazinho magro de cerca de 14 anos. Havia uma lareira em cada ponta da sala, e uma mulher idosa rechonchuda e sorridente aproximou-se para cumprimentá-los, oferecendo-lhes imediatamente uma taça de vinho tinto.

Ela disse em francês rápido que, se quisessem jantar, deveriam fazer o pedido naquele instante, já que sempre havia muito movimento nas noites de sábado. Parecia haver apenas um prato disponível, e Miranda reconheceu apenas a palavra *boeuf*, carne bovina, na descrição fornecida. Ela traduziu para Will, que concordou com a cabeça.

Eles sentaram-se perto do fogo para se aquecer enquanto bebiam vinho e, quando terminou de colocar as mesas, o rapazinho mostrou-lhes o quarto escadaria acima, nos fundos do bar.

Miranda arfou de prazer quando o jovem abriu a porta na parte de trás da casa. Era tão decadente quanto o andar de baixo, mas tinha o tipo de esplendor confortável e esmaecido do qual ela se recordava na casa de seus avós quando era pequena. Havia uma cama de imbuia velha e bonita, com um armário e penteadeira da mesma madeira, e junto à janela, com vista para os campos, havia uma mesinha redonda com um vaso de rosas cor-de-rosa sobre ela.

Will teve que baixar a cabeça para evitar as vigas no teto e, enquanto o garoto se retirava sorrindo para eles, Miranda cutucou a cama e, vendo que era muito macia, achou que devia ter um colchão de penas.

— O que acha, querida? — perguntou Will, parecendo ansioso.

— Acho encantador — respondeu ela com sinceridade. Podia até ter ficado em quartos muito mais bonitos no passado, mas este parecia romântico e acolhedor. — É simplesmente o lugar perfeito para passarmos nossa primeira noite juntos.

Ela afastou a colcha de chita desbotada e, para sua surpresa, a cama era de linho rendado. Por ser velha, não era branquíssima, mas estava engomada, e ela pôde sentir o cheiro de lavanda. Ao abrir uma segunda porta, chegou a um pequeno recinto com banheira e bidê. Ao girar a torneira, foi uma surpresa ainda maior encontrar água extremamente quente.

Lá no hospital, tinham sorte em conseguir mais que um nível de sete centímetros de água quente no banho antes que ela gelasse.

Sally dissera que tinham determinado desse jeito para que ninguém se demorasse ali, e ninguém o fazia, pois o banheiro era um lugar inóspito e frio. Encantada, ela virou-se para Will. Ele colocou os braços em volta dela e beijou-a.

— Dá para ver pela sua cara que você está morrendo de vontade de entrar na banheira, então vou descer até o bar para tomar uma bebida e espero você por lá. Desça quando estiver pronta.

Mais uma vez, Miranda foi tocada pela sensibilidade dele. Esperara que ele saltasse sobre ela tão logo a porta do quarto fosse fechada e, embora o quisesse ardentemente, ela também queria que tudo acontecesse do jeito certo.

Ela chegara usando blusa e saia, de forma a não chamar nenhuma atenção para si quando deixasse o hospital. Mas levava um vestido de veludo vermelho escuro que nem a Belle ela contara que tinha trazido da Inglaterra. Assim que ela vira como haviam de viver no hospital, o traje parecera ridiculamente inapropriado. Durante todas essas semanas, ele permanecera no papel de seda no qual ela o havia embrulhado em casa, e ela pensara que nunca teria oportunidade de vesti-lo.

Enquanto a banheira enchia, ela retirou o vestido do embrulho e, para sua alegria, descobriu que ele continuava desamarrotado.

Will estava em seu segundo conhaque, observando o lugar encher-se de oficiais franceses de uniforme cinza que haviam chegado para uma refeição, quando viu todos eles se virarem para olhar para as escadas.

Miranda estava descendo e parecia sensacional. Ela enrolara o cabelo loiro até o alto e prendera-o com um par de pentes de tartaruga, e seu vestido vermelho-escuro apegara-se a suas curvas e favorecera sua tez clara. O decote expunha-lhe os ombros lisos e a saia escorria-lhe por detrás enquanto ela descia ligeira e graciosamente até a sala de jantar. Com um colar de brilhantes combinando com brincos e sapatos delicados, ela bem poderia ter

saído de uma revista de moda. Will sentiu uma onda de orgulho por ela ser sua garota.

— Estou adequada? — sussurrou ela quando o alcançou.

Ele sentiu um aperto na garganta. Ela mostrava-se como era, uma garota de classe alta e origem privilegiada, e ele mal podia acreditar que ela o amasse.

— Está brincado! Você estaria adequada para o presidente em pessoa, imagine para um pobre soldado.

— Tenho que lhe confessar uma coisa — disse ele mais tarde, quando se sentaram a uma mesa perto da janela. O lugar agora estava lotado, e o rapazinho que lhes mostrara o quarto estava tocando acordeão. A refeição foi bife e fritas, um bife sangrento, mas muito macio, e o vinho frutado e inebriante.

Havia mais quatro ou cinco mulheres pelo recinto. Estavam bem-vestidas, mas insípidas comparadas com Miranda. Ela já tinha comentado que acreditava que elas fossem esposas, e não namoradas, já que pareciam muito tranquilas e não conversavam muito com seus homens.

— Espero que não vá dizer que você já tem uma esposa — disse Miranda. — Se for, posso jogar esta taça de vinho em você.

— Claro que não — riu ele. — É uma confissão constrangedora.

— Você tem uma perna artificial? — sugeriu ela com olhos brilhantes. — Tudo bem, posso lidar com isso.

— Acho que você teria adivinhado isso há algum tempo — disse ele. — Não, é meu nome.

— O que há de errado com Will? — perguntou ela.

— Acha que é abreviação de William?

Miranda fez que sim com a cabeça.

— Não é?

— Não, é Wilbur.

Ela explodiu em risos.

— Wilbur?

— Receio que sim. Consegue viver com isso?

— Bom, realmente não sei. É bem desagradável. Belle vai ter um ataque histérico se vier a nosso casamento.

— Então seria melhor casarmos em segredo. E também em breve, pois depois desta noite vou precisar oficializar nossa relação.

Ela apenas olhou para ele, com os olhos faiscantes dizendo tudo o que ele precisava saber. O pai dele dissera uma vez que, quando conhecera a mãe dele, sentira uma pontada no coração e soubera então que era amor verdadeiro. Will sentiu essa pontada agora. Tudo o que ele queria na vida estava bem ali, na frente dele.

— Casaria com você amanhã, se fosse possível — disse ela brandamente.

Quando a aurora rompeu e os primeiros raios de luz chegaram pelos cantos das cortinas, Miranda apoiou-se sobre um cotovelo para olhar para Will. Ele tinha adormecido, com um braço forte e bronzeado sobre ela, o rosto esmagado no travesseiro. Ela mal podia acreditar quão maravilhoso fora fazer amor com ele. Ele destruíra tudo o que se passara antes, a humilhação que Frank a fizera sentir, o conhecimento de que sua mãe não se importava muito com ela e a sensação de que ela não valia muito.

Ele beijara cada centímetro dela, até mesmo lugares que a faziam ruborizar só de pensar, carícias de tamanha ternura que ele a fizera chorar. Fazer amor com Frank fora ardente e apaixonado, mas ela agora sabia o que tinha faltado; ele nunca a fizera sentir-se como uma deusa do jeito que Will fazia. Nunca houvera tais alegria e doçura, nem tal prazer sem pressa em satisfazer um ao outro.

Ela passou a mão levemente nas costas dele, deleitando-se com sua pele macia e sedosa e suas nádegas retesadas e musculosas. Olhando para sua perfeição, sentiu uma pontada de medo de que

ele pudesse ser ferido quando tivesse que entrar na batalha com seu regimento. Dia a dia, ela se horrorizava diante de todos aqueles jovens mutilados e desfigurados, mas a ideia de que isso pudesse acontecer com Will era insuportável, e lágrimas brotaram-lhe nos olhos apenas ao pensar nisso.

Durante a noite, ela expressara a ansiedade que sentia em relação a ele.

— Vou ficar a salvo por você — dissera ele com alegria, como se sentisse que o amor por si só era uma espécie de armadura. — Não acredito que Deus me deixaria conhecer uma garota como você, me faria amá-la com todo o meu coração e depois me deixaria ser morto ou gravemente ferido.

Ele então a fizera acreditar nisso também. Certamente não era possível amar tanto e depois ter esse amor arrancado de si por uma bala ou granada.

Mas agora, observando-o dormir, ela estava com medo novamente.

Notou que Belle nunca expressara nenhum desses medos em relação a Jimmy. Seria porque ela se convencera de que seu homem era invencível? Ou na verdade ela estaria apavorada e sentindo que, se falasse sobre seus piores medos, eles pudessem se tornar realidade?

— Por que está me olhando? — perguntou Will, sonolento, envolvendo-a mais forte com o braço e puxando-a para si.

— Porque você é muito bonito — sussurrou ela.

Eram quase 11 horas quando eles finalmente desceram as escadas, saciados de amor. Desejavam passar o dia todo dormindo nos braços um do outro, mas tinham que desocupar o quarto.

Havia apenas um casal e três soldados franceses no bar. Eles tinham visto o casal na noite anterior, mas os soldados eram diferentes, praças que pareciam só ter entrado para um café.

Em francês, a proprietária do hotel perguntou a Will se eles gostariam de um café e sorriu em gesto de cumplicidade, como se soubesse como haviam passado a noite.

Em francês hesitante, Miranda respondeu pelos dois, dizendo que seria muito bom.

— Imagino que ela veja pessoas como nós o tempo todo — sussurrou a Will. — Na Inglaterra, não aprovariam tal comportamento.

— Americanos podem ser muito moralistas também — disse Will. — Você teria que fingir ser casada para conseguir um quarto de hotel.

A mulher trouxe-lhes um bule de café e alguns croissants quentes em uma cesta. Ao virar-se, disse algo para os soldados franceses que Miranda não conseguiu entender, mas, o que quer que tenha sido, ela estava certa de que era sobre eles, pois os homens os examinaram rapidamente e sorriram.

— Acha que só os franceses sabem deste lugar? — perguntou Miranda.

— Possivelmente. É na área do exército francês — respondeu ele. — De qualquer forma, ficaria muito longe para a maioria dos oficiais ingleses chegar aqui, e pelo que escuto não são muitos que têm esposas vindo aqui para vê-los.

Um dos dois cabos gritou, dirigindo-se a Will. Ele falava rápido demais mesmo para Miranda entender. Will olhou para ele, intrigado.

— Ele perguntou quando os americanos vão chegar aqui e nos ajudar — o sargento traduziu para eles em inglês perfeito.

— Eles estão a caminho — disse Will.

O homem então perguntou a Will onde ele estava baseado e quanto tempo achava que levaria antes de as tropas estarem prontas para lutar.

Will disse-lhe que estava baseado em Calais e que lhe haviam dito que as tropas estariam prontas no início de 1918. Depois, perguntou sobre Verdun e a Batalha do Somme e contou quão chocado ficara ao ouvir sobre o enorme número de baixas, tanto de ingleses quanto de franceses. O sargento traduzia o que ele estava dizendo de volta a seus companheiros.

Poucas noites antes, Will dissera a Miranda que era difícil saber a verdade sobre as condições na frente de batalha e, ainda mais importante, como as tropas francesas e aliadas viam a chegada dos soldados americanos. Se houvesse hostilidade, isso era algo que precisava ser superado. Miranda percebeu que Will via esse encontro casual com alguns soldados franceses como uma oportunidade de ouro para descobrir como se sentiam.

Miranda deixou-o entregue a isso, bebeu seu café e comeu um croissant, mas todo o tempo ela olhava para o sargento francês, não só porque este falava um inglês tão bom ou porque ele e Will pareciam estar se dando bem, discutindo armamentos, os prós e contras de tanques e o uso de cavalaria.

Tudo naquele homem era fascinante, os olhos azuis inflexíveis, a agudeza das maçãs do rosto, incluindo uma antiga cicatriz que parecia ter sido infligida com uma faca. Mesmo o cabelo dele era único, sendo de um castanho muito claro, entremeado com mechas de loiro puro. Ela não o despreveria como bonito, não do modo polido e com o aspecto saudável de Will; ele parecia durão demais para isso. Mas tinha aquele *élan*, aquele ímpeto pelo qual os soldados franceses eram famosos, bem como uma risada cordial e um excelente inglês, e ela sentiu que havia muito mais nele do que em um soldado comum.

— Que descuido não me apresentar — disse Will. — Sargento Will Fergus, e esta é a minha noiva, Miranda Forbes-Alton, da Inglaterra. Miranda é motorista de ambulância em Camiers.

— Você é bonita demais para esse trabalho — disse o sargento galantemente, tornando-se de imediato ainda mais atraente para

ela. — Estes são o cabo Pierre Armel e o cabo DeGuire, e eu sou Etienne Carrera. Estamos encantados em conhecê-la.

O nome “Etienne” sobressaltou Miranda. Pelo que sabia, esse podia ser um dos nomes mais comuns na França, mas de algum modo tudo o que Belle já lhe contara sobre Etienne parecia encaixar-se nesse homem. Ela nunca havia mencionado o sobrenome dele ou descrito como ele era; só dissera que ele tinha um passado obscuro e falava um inglês muito bom. Que estranho seria se fosse ele!

Will prosseguiu, perguntando sobre o recente motim no exército francês. Ele disse que ouvira que um grande número de homens havia abandonado seus postos e queria saber se era apenas um boato sem fundamento.

— Sim, foi verdade, embora nenhum de nós três estivesse envolvido — disse Etienne. — Mas, se devo opinar, não culpo aqueles que estiveram. Nossos homens sempre foram preparados para defender suas posições na linha de frente, mas era loucura continuar mandando-os a ataques que significavam morte certa. Os homens envolvidos não estavam desertando, independentemente do que você possa ter ouvido. Estavam exaustos, mal alimentados e insuficientemente equipados; sabiam que estavam em número bem menor e tinham muito menos armas grandes do que os *boches*. Eles protestaram da única maneira que podiam. E funcionou, porque finalmente a situação está melhor, e estamos recebendo comida melhor e mais descanso.

Essa conversa prolongou-se por algum tempo, com os dois cabos perguntando em francês e o sargento traduzindo para Will. Miranda apenas observava Etienne. Quanto mais olhava para ele, mais sentia que precisava descobrir se ele era o homem que Belle amara.

Ela esperou por uma pausa na conversa antes de falar.

— Sargento Carrera, o senhor por acaso é de Marselha? — perguntou ela.

— Sou, sim — disse ele, parecendo muito surpreso com a pergunta. — A senhorita conhece a cidade?

— Não, mas uma amiga minha conheceu um Etienne que era de lá — disse ela. — Só me pergunto se poderia ser o senhor.

Ele então se mostrou cauteloso, com os olhos comprimindo-se.

— Como se chama sua amiga? — perguntou.

— Belle Reilly.

Ele pareceu atordoadado.

— Sim, sou eu mesmo. Conheço Belle.

Surpreso, Will olhou para Miranda.

— Que mundo pequeno — disse ele.

— Ela está aqui na França — continuou Miranda. — Trabalha comigo no hospital.

Foi interessante ver quanto essa notícia o afetou. Ele não respondeu imediatamente, mas ela quase pôde ver os processos de seu pensamento, querendo fazer perguntas, mas também preocupado com quanto ela sabia sobre ele.

— Ela é motorista de ambulância também?

— Sim, viemos juntas para cá. Somos amigas há algum tempo, moramos na mesma parte de Londres.

Ele inclinava-se na direção dela agora, claramente ansioso por saber mais, e de repente ocorreu a Miranda que Belle poderia não gostar se ele aparecesse no hospital.

— Certamente o marido dela está em algum lugar na Bélgica, ela acha que em Ypres — comentou ela. — Ele foi ferido no Somme, felizmente não muito. O senhor já foi ferido?

Ele sorriu para ela, com os olhos abrandando-se de um modo devastadoramente atraente.

— Apenas ferimentos leves. Pode dizer a Belle que minha sorte ainda resiste.

Havia algo tão íntimo na resposta dele que ela se sentiu enervada e, então, sugeriu a Will que era hora de se retirarem. Realmente queria ter pensado melhor antes de ter lhe perguntado se conhecia Belle. Ela seria responsável se ele fosse ao hospital e colocasse sua amiga em uma posição desconfortável.

Mais tarde, Miranda e Will dirigiram até outra pequena vila e fizeram um passeio junto a um rio antes de encontrarem um lugar para almoçar.

— Diga-me como Belle conhece o sargento francês — perguntou Will. — Ele claramente pareceu surpreso ao ouvir que ela estava na França.

Miranda queria contar-lhe toda a história, mas não podia, não sem revelar muitos detalhes sobre o passado de Belle.

— Ela o conheceu quando estive em Paris antes da guerra — disse com cuidado. — Foi bem antes de nos conhecermos e nos tornarmos amigas.

— Eu diria que, se ela lhe contou sobre ele, é porque deve ter significado alguma coisa para ela — replicou Will. — E ela claramente significou alguma coisa para ele; o homem quase pulou da cadeira quando você disse o nome dela.

— Talvez houvesse alguma coisa. Mas ela foi para casa e casou-se com Jimmy. Ele tinha sido um namorado da infância dela.

— Jimmy deve ser um homem e tanto, então.

Miranda sabia exatamente o que ele queria dizer. Mesmo nesse breve encontro, ela dera-se conta de que os dois amigos de Etienne e também Will o admiravam. Não era por nada do que ele houvesse dito ou feito, ele só tinha aquela superioridade inata que algumas pessoas têm. Ser capaz de falar outra língua fluentemente era parte disso, mas sua aparência e maneiras faziam o restante.

— Jimmy é um homem muito bom — disse Miranda. — Amoroso, confiável e igualmente carismático, a seu modo. Eles são muito

felizes juntos, e são a pessoa certa um para o outro.

— Então, talvez você não devesse dizer a Belle que conheceu o velho amigo dela — disse Will.

Miranda achou-o muito perspicaz. Ela não acreditava que muitos homens avaliariam a situação tão depressa assim.

— Sim, acho que você pode estar certo. Mas vai ser difícil guardar isso comigo.

As outras três garotas já estavam dormindo quando Miranda voltou às 23 horas, mas Belle estava sentada na cama lendo e esperando por ela.

— Como foi? — sussurrou ela, pousando o livro e dando um tapinha na cama para Miranda ir sentar-se ali.

— Tão maravilhoso que acho que nem consigo explicar — disse Miranda.

— Bom, que tal me dizer primeiro como era o lugar onde vocês ficaram?

— Antigo e desbotado, mas acolhedor; uma bênção depois deste lugar. É para valer, Belle, sei disso com cada pedaço de meu ser, sem nem um tiquinho sequer de dúvida. Não achava que um dia seria tão feliz.

— Decidiram quando vai ser o casamento? — Ela nunca vira a amiga mostrar-se tão encantadora. A felicidade fizera-lhe bem, e todas as preocupações anteriores de Belle sobre o acerto desse caso de amor desapareceram diante disso.

— Pensamos em fazê-lo aqui, mas Will disse que vai ter que pedir a permissão do CO[26]. É claro que ele pode recusar, levando em conta todas as tropas americanas que são esperadas. E eu não faço a menor ideia de onde vamos viver, se deveria permanecer aqui, não sei realmente nada.

— Tudo vai dar certo, as coisas sempre dão — disse Belle em tom confortador. — Talvez você tenha que ser paciente por mais algum tempo. Mas isso não é uma coisa tão ruim.

— É fácil para você dizer. — Miranda sorriu com malícia. — Agora que me entreguei a ele, vou desejá-lo ainda mais, vai ser uma espera agonizante. Vou ter que arranjar um novo vestido para o casamento; acha que vou encontrar uma costureira em Calais?

— Tenho certeza de que vai, mas agora é melhor ir para a cama. Ouvimos hoje que há um grande número de feridos a caminho. Não há paz para os pecadores!

Miranda ficou acordada muito tempo depois que Belle adormecera, revivendo a noite com Will. Só o pensamento excitava-a e fazia seu coração bater mais rápido. Para tentar pegar no sono, ela imaginou o fim da guerra e o embarque com Will em um navio para a América. Ele dissera que a casa dos pais era pequena, uma “casa geminada”, como ele a definira, o que ela assumiu ser como uma casa com terraço na Inglaterra. Mas eles só ficariam lá por um tempo, até que Will obtivesse uma nova colocação; depois disso, viveriam em um alojamento de casais.

Quando Belle veio com o plano de voluntariar-se no Herbert, Miranda não quisera realmente fazer isso. Apenas fora levada pelo entusiasmo da amiga. Dezenas de vezes ela estivera a ponto de abandonar o trabalho, pois este era muito árduo e ela não suportava ficar recebendo ordens. Ela só ficara, verdade seja dita, porque sabia que sua mãe diria “eu avisei”. Viera com a ideia de dirigir ambulâncias como se parecesse um trabalho mais fácil e bem mais glamuroso. Agora ela podia rir dessa ideia boba, já que não havia absolutamente nenhum glamour nisso e era um trabalho ainda mais árduo.

Mas agora era como se tivesse sido seu destino chegar ali e conhecer Will. Adiante, havia um novo começo em um país que ela sempre quisera compreender. Ele contara a ela tanto sobre isso hoje, as lutas que seus pais tiveram quando chegaram como imigrantes, o

bairro superlotado e violento em que viviam quando ele era mais jovem e a beleza do campo, distante das grandes cidades.

Ele dissera que lhe arranjaria um livro sobre a América, para que ela pudesse formar uma ideia melhor de como era a vida lá. Amanhã ela começaria a perguntar coisas para Belle também. Nunca pensara em lhe perguntar antes.

Era estranho pensar que ela tinha que agradecer a Frank por tudo isso. Se não fosse o romance com ele e o aborto, ela nunca teria chegado a conhecer Belle, e sua vida teria sido completamente diferente. Seus pais provavelmente já lhe teriam arranjado marido a esta altura, e ela, sem dúvida, estaria passando seus dias tricotando meias e cachecóis para os soldados, cada dia tornando-se mais parecida com a mãe.

Belle era a única pessoa de quem ela sentiria saudades quando começasse sua nova vida. Sua amizade significara tanto, todos os segredos compartilhados, os risos e a alegria de estar com alguém que sabia tudo sobre ela, mas que a amava mesmo assim. E ela achava que conhecer Belle a tornara uma pessoa melhor.

Seria muito difícil dizer adeus a ela.

Ela espiou a cama de Belle. Estava muito escuro aquela noite para vê-la, mas ela fazia suaves ruídos pelo nariz enquanto dormia. Miranda queria poder contar-lhe sobre o encontro com Etienne, mas Will estava certo: poderia perturbar a serenidade dela saber que ele estava tão perto.

Miranda sorriu para si mesma. Ele era o tipo de homem que perturbaria qualquer mulher. Seus olhos azuis inflexíveis, as maçãs do rosto afiadas e o sotaque francês eram o suficiente, mas havia algo mais nele. Belle dissera uma vez que outra amiga o descrevera como um tigre, e Miranda considerou a comparação apropriada. Ele poderia ser um caçador, forte, talvez cruel e perigoso se lhe pisassem no calo.

No entanto, não lhe restavam dúvidas de que ele se importara e ainda se importava profundamente com Belle.

— Hora de levantar, meninas — gritou Sally às 6 horas da manhã seguinte.

Belle resmungou, esfregou os olhos e cansadamente afastou as cobertas.

— Não pode já ser de manhã. Parece que só passaram uns minutos desde que fomos para a cama — disse ela.

— Para algumas, provavelmente foi assim — disse Sally maliciosamente, olhando para Miranda, que ainda dormia.

— Não precisa ser sarcástica, Sally — Vera trinou. — Você só está com inveja.

— Para seu governo, ela chegou às 23 horas. Falei com ela — disse Belle, estendendo a mão para sacudir o braço da amiga e acordá-la.

A chuva estava de volta. Quando saíram da choupana para ir buscar o café da manhã, elas andaram mais uma vez pelas poças. Quinze minutos depois, Belle estava correndo até sua ambulância, com o casaco sobre a cabeça, e viu que David já estava sentado lá dentro com o motor ligado. Ao entrar, ela viu Miranda parada ao lado da dela, com Alf, e ela parecia estar irritada com alguma coisa.

— Qual será o problema? — Belle perguntou a David enquanto se preparava para arrancar.

— Acho que ela está brava por ter que dirigir aquela ambulância de novo — disse David. — Lembra que, no sábado, ela reclamou das marchas emperrando?

Belle lembrava-se. Miranda dissera que o braço doía de tentar mudar as marchas.

— Acho que no sábado ela estava com tanta pressa de saltar da ambulância que se esqueceu de relatar o problema — disse ela.

As duas garotas sempre tentavam dirigir uma atrás da outra, já que isso significava que, se houvesse um atraso na estação, elas poderiam travar uma conversa, de modo que Belle esperou um

momento para ver se Miranda era capaz de dirigir o veículo. Ao vê-lo mover-se, ela partiu, e Miranda colocou-se atrás.

— Parece estar tudo bem — disse David, olhando no espelho retrovisor. — Talvez tenham consertado. Ela teve um bom fim de semana?

— O melhor. — Belle sorriu. — Ela parecia estar nas nuvens quando voltou. Mas hoje ela deve voltar à terra com um baque, se for verdade que vai haver ainda mais feridos do que o habitual.

David começou a contar-lhe sobre uma discussão que havia ocorrido entre dois homens na noite passada em sua choupana sobre um bolo de frutas que um deles recebera de casa e que havia desaparecido. Dan, a quem pertencia o bolo, achou que o outro homem, Ernie, o tinha pegado e devorado todo.

— E ele tinha? — perguntou Belle.

— Não, acabou que Dan tinha escondido o bolo na própria mala e se esquecido disso. Ele foi buscar a mala para outra coisa, e lá estava ele. Daí, não havia nada que Dan pudesse fazer senão o dividir, e Ernie fez com que ele lhe desse um pedaço bem grande para se desculpar.

Belle riu. Havia sempre discussões sobre essas coisas na choupana dos homens. As garotas que moravam com ela eram muito mais civilizadas; quando qualquer uma delas recebia algo de casa, elas sempre o dividiam.

— E essa chuva maldita, acha que vai durar todo o verão? — perguntou ela, inclinando-se para espiar através do para-brisa, já que os limpadores não estavam clareando muito bem a visão. A passagem de nível estava à frente, mas, quando Belle alcançou a guarita onde o homem acenava uma bandeira de alerta se um trem se aproximasse, ela notou que ele não estava lá dentro.

— Onde será que ele se meteu? — perguntou a David. Ela frequentemente engatava uma conversa com o homem se tivessem que esperar um trem passar.

— Talvez não estejam esperando trem nenhum — disse David, esperançoso. — Ou ele já passou.

Belle passou pelos trilhos e olhou no espelho para ver se Miranda vinha logo a seguir, mas ela ficara cerca de 400 metros atrás, então evidentemente ainda estava tendo problemas com as marchas.

Belle diminuiu a velocidade para Miranda alcançá-la e, nesse momento, ela ouviu um apito estridente de trem.

— Que diabo, tem um trem vindo! — gritou ela, alarmada. Ela parou e saltou com David para avisar Miranda. Mas, quando chegaram à parte de trás da ambulância, puderam ver que ela estava bem no cruzamento e parecia ter parado.

— Meu Deus do céu! — exclamou David. — O que ela está fazendo?

Eles começaram a correr os 600 ou 700 metros na direção dela, agitando os braços em aviso, mas ela não se movia, e mesmo a distância podia-se perceber que ela não conseguia fazer o veículo recuar ou avançar.

Os trens hospitalares eram lentos, mas havia uma curva próxima ao cruzamento, e o maquinista não veria a ambulância a tempo de parar.

— Saia daí! — gritaram David e Belle o mais alto que podiam. — Saia daí agora!

O trem estava quase lá, encoberto da vista por árvores, mas eles podiam ver o vapor e ouvir a máquina aproximar-se pesadamente.

Aterrorizada, Belle gritava; ela agora estava perto o suficiente do cruzamento para ver o rosto de Miranda, pálido e em pânico, e o trem avançando sobre ela. Alf, no banco do passageiro, gesticulava, claramente gritando para Miranda sair dali, depois a porta dele se abriu e ele saltou e correu a toda a velocidade em direção a Belle.

Daí tudo pareceu desacelerar por completo. O maquinista evidentemente vira a ambulância, pois eles puderam ouvir o guincho

dos freios; Miranda virou a cabeça na direção do trem, com o braço movendo-se como se ainda tentasse pelejar com as marchas. Então, de repente, o trem estava bem ali, batendo na ambulância e empurrando-a lateralmente ao longo dos trilhos como um pedaço de papelão.

Eles viram Miranda erguer os braços e cobrir a cabeça no instante em que a ambulância foi varrida de lado, e o trem continuou direto contra ela antes de finalmente parar.

## Capítulo 16

**David tentou segurar Belle**, mas ela o empurrou e correu para a ambulância destruída. Mesmo enquanto corria, ela sabia que havia pouca chance de Miranda não estar seriamente ferida; o trem havia esmagado a cabine.

O maquinista e o bombeiro saltaram da locomotiva, e ao longo de todo o trem enfermeiras olharam pela janela, tentando ver o que tinha acontecido.

Alf caiu de joelhos na estrada, chorando e dizendo que tentara fazer Miranda sair. Belle gritou para que David cuidasse dele.

O bombeiro do trem tentou bloquear a passagem de Belle.

— Não há nada aqui que uma garota deva ver — disse ele, agarrando-lhe os braços.

— Ela é minha amiga e eu vejo homens feridos todo dia! — disse Belle aos prantos. — Só me deixe ver se consigo entrar na cabine e saber se há alguma esperança.

Ela livrou-se dele e correu os últimos metros. As rodas dianteiras da locomotiva do trem estavam entranhadas no que tinha sido o banco do motorista e, como Miranda não estava visível, ela parecia ter sido arremessada para o lado do passageiro. O para-brisa jazia estilhaçado, com cacos de vidro por todo o trilho, todos eles respingados de sangue.

Belle então quase se apavorou. Pessoas gritavam e vapor era expelido da locomotiva do trem, mas ela tinha que olhar e, ajoelhando-se, espiou dentro do que restara da cabine esmagada.

Logo na parte inferior, contra a porta do passageiro, o cabelo loiro de Miranda destacava-se na penumbra, mas o corpo estava pendurado de cabeça para baixo e torcido grotescamente, com ambas as pernas presas debaixo da roda da locomotiva.

Havia tanto sangue que Belle sentiu náuseas.

— Miranda, consegue me ouvir? — gritou ela. — É Belle, estou aqui, fale se puder, por favor!

Não houve nenhum som ou movimento. Belle conseguiu apenas distinguir a mão da amiga, ainda erguida à altura da cabeça do jeito que estivera quando da colisão. Ela estendeu a mão e agarrou-a para sentir-lhe o pulso.

Mas não havia nada. Ela já estava morta.

— Eu amei você, Miranda — sussurrou Belle, com a chuva misturando-se às lágrimas e escorrendo-lhe pelo rosto. — Nunca tive uma amiga de verdade antes de conhecê-la e não sei como vou viver sem você.

O maquinista chegou e levantou-a, e ela caiu contra o peito dele, soluçando.

— Agora, venha, querida, há pessoas vindo para remover a ambulância. Não há mais nada que você possa fazer. Também temos que desembarcar no hospital os feridos que estão no trem.

Foi o pior dos dias. Os ferroviários chegaram com máquinas pesadas para recuar a locomotiva e remover a ambulância dos trilhos. As rodas da locomotiva estavam tortas e tiveram que ser consertadas antes que ela pudesse continuar até a estação. Enquanto isso, todas as ambulâncias que estavam para lá da linha férrea, do lado da estação, tiveram que fazer uma rota indireta até o outro lado para poder tirar os feridos do trem.

Todos estavam transtornados também pela demora, e o trabalho de erguê-los do trem foi ainda mais árduo sem o nível de uma plataforma de estação. Os ânimos estavam exaltados e os solavancos adicionais foram dolorosos para os feridos. Com todos os motoristas e maqueiros chocados e profundamente tristes com o terrível acidente, eles não estavam em seu melhor momento.

Belle precisava continuar; com tantos homens gravemente feridos em séria necessidade de operações e tratamento, ela não poderia agir de outra forma. Mas era impossível pôr de lado o espectro do que vira e do que perdera. Alf estava em profundo choque; ele fora levado de volta ao hospital, mas continuara discursando a todo mundo que conhecia Miranda, claramente desesperado, querendo que todos lhe dissessem que ele não poderia ter feito mais nada para tirá-la da ambulância. Uma coisa estava clara do que ele dissera: ela não ficara paralisada de horror. Até o último minuto, ela tentara bravamente tirar a ambulância dos trilhos porque temia que esta descarrilhasse o trem.

Era fim da tarde quando os soldados tiraram o corpo de Miranda da ambulância. Como a chuva ainda caía aos cântaros, todos ficaram encharcados e isso acrescentou outra dimensão de tristeza a um dia terrível.

Quando Belle e David voltaram ao hospital quase às 20 horas com o último carregamento de feridos, uma mensagem os aguardava, pedindo que se apresentassem ao capitão Taylor.

— É tudo de que precisamos — resmungou David. Ele fora forte durante todo o dia para apoiar Belle. Fora buscar chá quente e doce para ela, confortara-a, enxugara-lhe as lágrimas e afastara todos aqueles que clamavam por fazer-lhe perguntas. Mas ele também gostava de Miranda e testemunhara o horrível acidente; o rosto dele ficara tão pálido que parecia capaz de desmaiar a qualquer minuto.

O capitão Taylor era um excelente organizador, mas podia ser brusco com aqueles sob seu comando, e era de conhecimento geral que ele não aprovara mulheres sendo admitidas como motoristas. Tanto Belle quanto David supunham que ele adotaria uma linha dura em relação à morte de Miranda se ela não tivesse relatado o problema com a caixa de câmbio.

Ele falava com alguém ao telefone quando eles entraram no escritório dele. Indicou que esperassem. Seus macacões estavam encharcados, com água pingando no chão, e estavam com muito

frio, possivelmente mais como resultado do choque que da temperatura.

O capitão Taylor era baixo e robusto, com cabelos grisalhos e um bigode espesso de pontas recurvadas. O uniforme dele estava sempre impecável, como se o passasse todo dia, e era de conhecimento comum que na vida civil ele fora gerente de banco. Enquanto falava, ele olhava Belle de cima a baixo, como se chocado com sua aparência de rato afogado.

— Vocês estão muito molhados — disse ele enquanto pousava o telefone. — Não vou segurá-los muito tempo, mas preciso ouvir a versão de vocês sobre o que ocorreu hoje.

— Não havia ninguém guarnecendo a passagem de nível, senhor — disse Belle. — Reparei nisso quando passamos. Nós dois presumimos que fosse porque nenhum trem era esperado.

Ela achou que devia trazer essa informação em primeiro lugar, já que era o motivo do acidente. A caixa de câmbio defeituosa era algo secundário.

— Parks! — disse o capitão, olhando para David. — Diga-me o que aconteceu. Por completo.

David começou confirmando que o cruzamento não estivera guarnecido, depois explicou como notaram só depois que passaram por ele que Miranda ficara bem para trás no comboio, de modo que pararam.

— Eu pretendia sugerir que ela deixasse a ambulância e fosse conosco até a estação, senhor — disse ele. Então, passou a descrever os eventos que ocorreram quando ouviram o trem chegando. — A ambulância estava parada bem sobre o cruzamento. Dava para vê-la tentando engatar marcha. Quando ouvimos o trem chegando, corremos e gritamos para ela e Alf Dodds saírem de lá. Há uma curva na linha pouco antes do cruzamento e sabíamos que, quando o maquinista visse a ambulância e freasse, não haveria tempo suficiente de parar o trem.

— Forbes-Alton contou a algum de vocês que havia um problema com a caixa de câmbio antes de sair com a ambulância?

— No sábado ela disse que estava difícil mudar de marcha, senhor — disse Belle.

— Mas ela não relatou isso?

— Não sei, senhor — disse Belle. — Não falei com ela na noite de sábado porque ela estava fora.

De repente, a raiva dela irrompeu. Sua amiga estava morta e agora esse homenzinho pomposo, que ficava sentado em seu escritório durante todo o dia e nunca levantara uma maca nem sequer fora até a estação para ver os feridos, insinuava que a culpa era toda de Miranda.

— Certamente a questão principal não deveria ser o que estava errado com a ambulância — disse ela rispidamente. — Deveria haver um homem na passagem de nível. Mesmo que Miranda tivesse conseguido atravessar com segurança, a ambulância seguinte poderia ter sido atingida. Ela está morta, não por culpa própria, uma morte horrível logo quando ela planejava se casar. E quanto aos pais dela? O senhor já entrou em contato com eles?

Ele teve a dignidade de mostrar-se ligeiramente constrangido.

— Não, não entrei em contato, Reilly, mas vou mandar um telegrama.

— Não pode telefonar para eles? — implorou ela, aproximando-se da mesa. — Imagine a reação deles ao receber um telegrama dizendo que ela foi atingida por um trem!

— O procedimento correto é um telegrama — disse ele rudemente.

— Desculpe-me se estou sendo impertinente, senhor — disse Belle com lágrimas nos olhos. — Mas com certeza o exército e a Cruz Vermelha devem aos pais dela uma ligação particular e uma explicação do porquê de a filha estar morta.

— Entendo que esteja triste, mas o protocolo do exército tem que ser seguido. Um telegrama é a maneira como informamos os parentes.

— Mas ela não era um soldado, era uma voluntária. E quem vai dar a notícia ao noivo? Ou o senhor vai simplesmente esperar até ele vir aqui à procura dela?

— Eu nem sabia que ela tinha um noivo — disse ele.

— Bom, ela tem, e ele é sargento do exército americano. O nome dele é Fergus; no momento, ele organiza os acantonamentos para as tropas esperadas.

Taylor escreveu o nome em seu bloco de anotações, depois voltou a olhar para Belle.

— Vou entrar em contato com o CO dele. Nesse caso, vou atribuir sua falta de respeito ao choque de perder uma amiga próxima. Podem ir agora. Vistam roupas secas.

David saudou o capitão e virou-se para ir embora, mas Belle permaneceu no lugar.

— Por favor, senhor. Miranda trabalhava duro aqui, e ela tem pais influentes — implorou. — O senhor realmente deveria telefonar para eles esta noite e dar a notícia da morte da filha. Tem que dar a eles a oportunidade de preparar o corpo para ser levado para casa. Ou planeja colocá-la em uma vala comum com os feridos que vão morrer esta noite?

Ele olhou duramente para ela por um instante, depois baixou os olhos.

— Tudo bem, Reilly, seu argumento está certo. Dê-me o número e vou telefonar para eles agora. Agora, vá e vista roupas secas. Os dois podem folgar amanhã. Reconheço que precisam de algum descanso para superar isso.

Belle aproximou-se, pegou um lápis da mesa e escreveu o telefone dos Forbes-Alton no bloco de anotações do capitão.

— Obrigada, senhor — disse ela, e afastou-se antes que ele pudesse ver que estava chorando.

Lá fora, David abraçou-a.

— Isso foi corajoso — disse ele, segurando-a fortemente contra o ombro. — Por um momento, pensei que você fosse bater no capitão se ele não cedesse.

— Foi só por eu ter dito que os pais dela eram influentes que ele se convenceu — chorou ela em seu ombro. — Depois de tudo o que vimos aqui diariamente, era de imaginar que ficaríamos insensíveis a isso, não é? Eu consegui lidar com aqueles dois homens com ferimentos no estômago que estavam mortos ao chegarem ao hospital hoje. A morte para eles foi melhor que a vida. Mas Miranda tinha tudo para viver. Ela queria tanto o amor e finalmente o tinha encontrado. É tão cruel que ela seja levada embora desse jeito.

Ele abraçou-a por algum tempo para confortá-la.

— Vamos lá, vou levá-la de volta para a choupana — disse ele finalmente.

— Estou preocupada com Will — disse ela, permitindo-se ser levada. — Miranda tinha combinado de encontrá-lo amanhã à noite. E se o capitão Taylor não entrar em contato com ele?

— Acho que ele vai; depois do que você disse, ele não se atreveria a agir de outra forma. Mas e quanto a você? Vai voltar para casa, para o funeral?

Belle apenas olhou para ele em silêncio; não conseguia enxergar além da dor dentro de si.

David pareceu compreender. Ele não a pressionou mais, apenas a conduziu até a choupana, abriu a porta e empurrou-a delicadamente para dentro.

— Peça para uma das garotas lhe fazer uma bolsa de água quente — disse ele. — E fique na cama amanhã.

No dia seguinte, havia parado de chover e o sol saiu. Belle permaneceu na choupana alternadamente chorando, pensando em tudo o que ela amara em Miranda e olhando fixamente para o teto. Quando as outras garotas voltaram no início da noite, as bondosas perguntas sobre o que ela tinha comido e como estava se sentindo fizeram com que quisesse chorar novamente. Usando a desculpa de que precisava de um pouco de ar fresco, ela saiu e sentou-se no degrau.

As grandes poças do dia anterior eram bem menores agora, estava quente e tudo parecia mais limpo e fresco. Ela sentiu-se curiosamente entorpecida e pensou que esse devia ser o modo de a natureza lidar com a dor. Sabia que deveria arrumar as coisas de Miranda e escrever uma carta aos pais dela, mas não conseguia fazer isso ainda. Não conseguia nem escrever para Jimmy ou Mog.

Tantas recordações de Miranda ainda passavam por sua mente, mas eram as mais felizes agora. Ela podia vê-la na loja experimentando chapéus e fazendo caretas no espelho, e recordou as risadas que compartilhavam quando ela ensinava Belle a dirigir o carro do pai, e o conforto que ela lhe oferecera quando perdera o bebê. Lembrou-se do dom de sua amiga de imitar pessoas e de seus apertes sarcásticos sobre elas, sempre tão argutos e engraçados. No entanto, Miranda nunca fora propositadamente cruel; ela também fora generosa, afetuosa e leal. Belle sempre imaginara que ainda continuariam sendo amigas quando fossem senhoras de idade. Elas sabiam tudo uma da outra, as coisas boas e ruins. Miranda era a única pessoa com quem Belle sentia poder ser sempre ela mesma. Ela não acreditava que fosse possível encontrar outra amiga assim.

— Diga-me para ir embora se preferir ficar sozinha.

Belle sobressaltou-se à voz de Vera. Ela não a ouvira abrir a porta da choupana.

Vera era uma pessoa feliz e animada, conhecida por sua jovialidade. Mesmo os motoristas e maqueiros mais sisudos diziam

que ela era um revigorante com seus sorrisos receptivos e a forma como estava sempre pronta para ajudar toda e qualquer pessoa.

Seu rosto belo, travesso e sardento, seu cabelo ruivo e encaracolado e sua forma esguia desmentiam quão forte ela era. Ela brincava que desenvolvera músculos quando criança, ajudando o pai a sovar massa na padaria dele.

— Não, fique — disse Belle, lembrando que tinha sido Vera quem ficara em sua companhia sempre que Miranda estava vendo Will. — Pensei que eu quisesse ficar sozinha, mas não acho que realmente queira.

— Vocês duas eram tão íntimas que não creio que você consiga imaginar a vida sem ela — disse Vera, sentando-se a seu lado.

— Isso simplesmente resume tudo — disse Belle com tristeza. — Na maioria das vezes, achava que era eu quem a sustentava; eu tinha as ideias, ela me seguia. Mas agora, sem ela, sinto que nunca vou ter outra ideia ou plano novamente. Eu estava pensando mais cedo como é estranho eu achar isso; afinal, se ela fugisse com Will, ou decidisse ir para casa, eu teria ficado bem sem ela.

— Mas você não previu essa tragédia, e agora acabou, por isso é que dói tanto — disse Vera. — Nenhuma de nós ficou realmente íntima dela, mas ainda assim todas estamos muito abaladas. Todos os motoristas e maqueiros sentem isso também.

— Não sei se agora consigo ficar aqui — disse Belle com ar triste. — Daria tudo para estar em casa com Mog e Garth, mas ao mesmo tempo sei que, se fosse para casa, eu me sentiria vazia do mesmo jeito lá.

— Será que você se sentiria melhor se fosse ver a mãe de Miranda?

Belle balançou a cabeça.

— Ela é a última pessoa que eu quero ver. Ela demonstraria muitíssima dor, mas eu ficaria pensando em quanto isso é falso, já que ela não era muito boa para Miranda.

— E Will? Ele vai precisar de alguém para conversar.

— Sim, é verdade. Coitado, eles tinham feito tantos planos. Miranda nem sequer teve tempo para me contar todos eles, mas não acho que possa falar com ele, não ainda.

— Pode falar comigo a qualquer hora — disse Vera, colocando a mão no braço de Belle.

Elas ficaram sentadas juntas ali por algum tempo, em silêncio. De vez em quando, um par de enfermeiras ou serventes passava, e havia uma série de civis também, talvez parentes dos pacientes. Mais abaixo no caminho, havia alguns homens que estavam bem o suficiente para deixar as alas, alguns de muletas, um braço na tipoia ou um curativo em volta da cabeça. Pássaros gorjeavam nas proximidades, mas por trás disso podia-se ouvir o ressoar abafado de armas a quilômetros de distância, no front.

Belle quebrou o silêncio.

— As armas devem ser muito barulhentas para conseguirmos ouvi-las a toda essa distância — comentou ela. — Deve ser um inferno lá. Três anos de guerra e ainda não estamos perto de terminá-la. Quantos homens mais têm que morrer até eles ficarem satisfeitos?

Vera pegou a mão de Belle e apertou-a, uma forma de dizer que partilhava de sua raiva.

— Sabe, às vezes me pergunto o que foi que me fez vir até aqui. Lembro-me de pensar que era meu dever ajudar, mas não tinha entendimento real da destruição, da brutalidade da guerra.

— Miranda e eu vimos isso como uma aventura — confessou Belle. — Isso parece tão estúpido agora; afinal de contas, já trabalhávamos em um hospital e sabíamos o horror que era. Mas achávamos que estávamos sendo nobres e corajosas. — Seu riso foi surdo.

Compreendendo, Vera concordou com a cabeça.

— Imagino que eu achava estar sendo nobre e abnegada também. Mas a verdade é que estava tão entediada trabalhando na padaria. Eu ouvia os clientes contando seus problemas para minha mãe, coisas banais como uma criança que tinha quebrado uma boa porcelana, ou o pano do vestido que encomendaram e que não havia chegado, e queria gritar diante do tédio que era minha vida. Eu costumava sonhar em viver em uma cidade grande, sair para dançar, ter dinheiro suficiente para comprar tudo o que quisesse. Mas eu não estava qualificada para fazer outra coisa senão atender em uma loja. Quando soube que precisavam de voluntários aqui, isso pareceu a resposta para tudo. Eu veria mais do mundo; aprenderia coisas que nunca poderia ter visto em casa.

— Bom, você certamente já fez isso — disse Belle. — Mas não adquiriu experiência em um hospital antes de vir?

— Apenas um mês em Auckland, mas, como sabia dirigir, colocaram-me para transportar pessoas de idade, então não aprendi muita coisa. É por isso que aqui me colocaram para dirigir ambulância. Mas meu primeiro dia buscando os feridos do trem me chocou até a alma.

— E com razão — concordou Belle. Ela achava chocante também e já estava acostumada com visões sangrentas.

— Eu quis ir para casa — continuou Vera. — A vida tranquila que eu tinha lá atrás pareceu o paraíso quando me vi cercada por sangue e tripas e por jovens soldados chamando por suas mães. Estou tão acostumada com isso agora que comecei a me preocupar se nunca mais vou me encaixar em casa.

— Às vezes também me sinto assim — disse Belle. — É difícil escrever para casa, pois sei que eles não conseguem imaginar o que fazemos, ou talvez porque eu não queira colocar essas imagens na cabeça deles. Mas me conte sobre a Nova Zelândia. Seria algo muito mais agradável para descrever a eles. É muito quente por lá?

— Pode ser na Ilha do Norte, de onde eu venho — respondeu Vera. — É subtropical, sabe? Mas lá na Ilha do Sul pode ser muito

frio e geralmente muito chuvoso. É um país bonito, com montanhas cobertas de neve no inverno, lagos e rios de rápidas corredeiras. Há um grande número de ovelhas, muito mais ovelhas do que pessoas, há muito espaço e você pode percorrer quilômetros sem avistar uma única casa. Mas eu moro em um lugarzinho chamado Russell. É na Baía das Ilhas. O mar é turquesa, pontilhado por ilhazinhas cobertas de árvores, e é muito bonito e tranquilo. Mas já foi um lugar muito corrompido, chamado de Buraco do Pacífico porque os baleeiros costumavam ir até lá para se embriagar e encontrar mulheres.

Belle esboçou um meio sorriso porque essa descrição a fez pensar em Nova Orleans, mas ela não contaria isso a Vera.

— Parece adorável. Você já viu uma baleia?

— Muitas vezes. Eu costumava sair para pescar com meu pai e meus irmãos e geralmente as via, e os golfinhos também. É empolgante observá-los, tão belos e brincalhões. Mas acho que ninguém nunca gosta do lugar onde cresceu, não até ir embora dele.

— Parece divino para mim — suspirou Belle. — Jimmy e eu costumávamos achar que, quando a guerra acabasse, gostaríamos de viver à beira-mar, mas, quanto mais tempo fico aqui, menos penso no futuro. Não consigo mais me imaginar fazendo coisas comuns como lavar roupa ou assar um bolo. Talvez você esteja certa e nós não vamos mais nos encaixar quando voltarmos para casa.

Então, elas viram o capitão Taylor caminhando em direção a elas.

— Ele está vindo falar com você — disse Vera. — Vou entrar para deixá-los a sós.

— Obrigada pela conversa, Vera — disse Belle enquanto a garota se levantava. — Você me animou, sou muito grata por isso.

— Boa noite, Reilly — disse o capitão enquanto se aproximava. — Só vim dizer que consegui entrar em contato com o Sr. e Sra. Forbes-Alton. Eles estão providenciando para que o corpo da filha seja levado para casa. Vai ser amanhã de manhã.

— E o senhor conseguiu contatar o sargento Fergus?

— Não pessoalmente — respondeu ele. — Esta manhã, falei com o CO dele e a esta altura ele já deve ter sabido. É um negócio ingrato; estamos todos miseravelmente acostumados a informar parentes de militares mortos em combate, e uma vez ou outra temos também que informar os homens daqui sobre as mortes ocorridas nas famílias deles, mas nunca esperava ter que transmitir a notícia da morte de uma de nossas voluntárias.

— Posso ir para casa com Miranda? — perguntou Belle. — Quero dizer, no mesmo trem e barco. Ela teria querido isso.

Ela viu, pelo modo como o rosto dele se retesou, que isso não era possível.

— Ou posso voltar para lá só a tempo de ver o funeral — disse ela. — Sei que já deve ser difícil, tendo perdido uma motorista, ter uma segunda pedindo para se ausentar.

— Sinto muito, Reilly. Mas a Sra. Forbes-Alton insistiu que você não estivesse presente ao funeral da filha — disse ele.

Belle ficou atordoada.

— Mas por quê? Como ela pôde dizer isso? Eu era a melhor amiga de Miranda. Ela me queria lá!

O capitão pareceu inquieto e fez um gesto de impotência com as mãos.

— Ela foi dura, extremamente enérgica. Estou certo de que era a dor, ela faz as pessoas dizerem coisas irracionais às vezes. Ela parece culpá-la pela morte da filha.

— Eu! — Belle estava incrédula. — Como poderia ser culpada por isso?

O capitão encolheu os ombros.

— Ela disse que você a convenceu a vir até aqui, que ela não era mais a mesma garota desde que a conheceu. Mas, como eu disse, as pessoas dizem coisas tolas em ocasiões assim.

— Aquela mulher é uma bruxa — arfou Belle. — Miranda era mais velha que eu, ela pensava com a própria cabeça, eu não a forcei a vir, ela o quis. Como a mãe dela se atreve a dizer uma coisa dessas?

— Tenho que admitir que fiquei um pouco chocado com a explosão dela — disse ele. — Eu salientei que a filha tinha sido feliz aqui, que ela era um valioso membro de nossa equipe e que eu julgava você uma influência que trazia estabilidade a ela. Mas foi em vão. Sinto muito, Reilly.

— O senhor contou que ela se casaria com o sargento Fergus?

— Não, não contei, não era algo apropriado para dizer sob tais circunstâncias.

— Sou uma voluntária. Se eu quiser ir para casa de licença amanhã, o senhor pode me impedir?

Ele olhou para ela por um momento, como se ponderasse a situação.

— Não, não posso impedi-la. Mas peço que pense melhor sobre isso. Precisamos de você aqui, e a Sra. Forbes-Alton tem amigos influentes e é provável que lance mão deles se você contrariar os desejos dela. Por favor, pense sobre isso com calma. Estou certo de que sua amiga não haveria de querer que você comprometesse seu futuro só para comparecer ao funeral dela.

Belle estava prestes a fazer uma réplica irritada quando passou um carro do comando americano. Ela viu um rosto conhecido olhar para ela e o capitão, depois o motorista parou o carro e deu ré até eles.

— É o sargento Fergus — arfou Belle. — Tenho fé em Deus que já contaram a ele, não quero ter que dar a notícia.

Quando Will saiu do carro, Belle pôde ver por seu rosto que já haviam lhe contado. Ele parecia ter encolhido um par de centímetros e a aparência lustrosa que tivera no dia em que se conheceram havia desaparecido.

Ele saudou o capitão, depois olhou para Belle com tamanha dor nos olhos que um nó se fez na garganta dela.

— Will, este é o capitão Taylor, que cuida da unidade de ambulância — disse ela. — Capitão Taylor, este é Will Fergus, o noivo de Miranda.

O capitão prestou suas condolências e explicou que o corpo de Miranda seria levado de volta para a Inglaterra pela manhã. Em seguida, talvez percebendo que era com Belle que o homem desejava falar, ele disse que, se Fergus tivesse quaisquer outras dúvidas, ele estaria em seu escritório.

— Ah, Will, eu sinto muito — disse Belle assim que o capitão se retirou. — Quanto eles contaram a você?

— O mínimo — respondeu ele. — Um trem atingiu a ambulância dela. Ela morreu na hora, Belle? Não consigo suportar a ideia de que ela sofreu.

Ele sentou-se ao lado dela nos degraus da choupana. Belle contou-lhe exatamente como tudo acontecera e garantiu-lhe que foi morte instantânea.

— Eu corri até ela e ela já estava morta, Will. Não teve a menor chance.

— Ela me contou no sábado à noite que o braço dela estava doendo por causa das marchas duras — disse ele. — Se ao menos ela tivesse se recusado a dirigir outra vez!

Ele contou-lhe então como haviam tratado do casamento e, embora ele tivesse gostado de estar de volta à Filadélfia com toda a família lá, haviam decidido que, casando-se na França, seria muito mais fácil levá-la com ele para casa quando a guerra terminasse.

— Outro motivo foi que ela queria você lá — disse ele. — Ela brincou dizendo que faria você vestir algo tão feio que não poderia ofuscá-la.

Isso trouxe lágrimas aos olhos de Belle, pois ela podia imaginar Miranda fazendo essa brincadeira.

— Quando deixei os Estados Unidos, nem por um momento pensei que eu encontraria o amor aqui na França — disse ele. — Eu e os outros caras tínhamos a ideia de que as francesas estariam fazendo fila por nós, quase não falávamos de outra coisa no caminho até aqui. Se alguém tivesse me dito que eu me apaixonaria por uma inglesa refinada, teria rido da pessoa. Eu estava tão orgulhoso dela que sentia que poderia estourar. Havia escrito para casa e contado a meus pais tudo sobre Miranda. Tinha todo o meu futuro planejado ao redor dela, e só o que me assustava era que eu pudesse morrer aqui. Nunca me passou pela cabeça que seria ela.

Belle contou-lhe então o que o capitão Taylor havia dito, que ela não era bem-vinda ao funeral de Miranda, e isso a fez chorar.

— Pelo menos, você foi poupado de ter como sogra esse monstro de mulher — disse ela aos soluços. — Não posso acreditar que ela me culpa.

— Ei, não leve isso tão a sério — disse ele, colocando o braço ao redor dela, com as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto também. — Miranda disse que não se importava se nunca mais visse a mãe dela novamente. Na hora, pensei que elas tinham acabado de ter uma pequena desavença, mas acho que ela estava sendo honesta sobre a mãe. Não tente ir até lá só para provar seu ponto de vista.

— Tudo o que queria era estar com Miranda nessa jornada final — Belle soluçou. — Significamos tanto uma para a outra que parece horrível que ela vá sozinha. Como uma pessoa pode ser tão cruel e detestável?

— Sei lá — disse ele com tristeza. — Não é de admirar Miranda ter dito que não contaria aos pais sobre nós até depois de estarmos casados. Mas, olhe, que tal eu vir amanhã à noite trazendo flores e descermos até a passagem de nível para nos despedirmos de Miranda lá?

Belle fungou, aspirando as lágrimas.

— Isso seria bom — disse ela.

— Ela amava você como uma irmã — disse Will, trazendo-a até seu ombro com um abraço. — Ela disse que encontrar você foi a melhor coisa que já aconteceu com ela... bom, até me encontrar. Nós dois agora temos o coração partido. Não consigo, imaginar o meu juntando os pedaços um dia, mas sei que ela gostaria que você voltasse a sorrir e que fosse feliz com seu marido. Então, você tem que fazer isso por ela.

— Vou tentar — disse Belle, profundamente tocada por ele a estar consolando, embora também estivesse sofrendo tanto. — Acho que devo ir agora. Sei que o capitão Taylor meio que nos deu permissão para conversar, mas isso ainda vai ser visto com desaprovação, eu aqui fora com você. Pode me encontrar amanhã? Vou esperar do lado de fora da cerca, no lugar onde eu costumava encontrar Miranda.

Belle assentiu com a cabeça.

— Fico feliz que tenha vindo. Estava muito preocupada com você. Fui eu quem disse ao capitão Taylor que ele precisava informá-lo. Se tivesse dependido dele, até os pais de Miranda teriam recebido apenas um telegrama.

— Obrigado por dizer que eu era o noivo dela — disse Will. — Isso me fez sentir como se tivesse um direito real quanto a ela, entende o que quero dizer? E, se você me der o endereço dos pais dela amanhã, vou escrever a eles e fazer com que vejam que Miranda era muito especial.

Belle esboçou-lhe um sorriso ténue. Achou-o um dos melhores homens que já conhecera, tudo o que Miranda afirmara.

— E vou dizer a eles a joia que você é — acrescentou ele. — Vamos manter contato, sim? Quem sabe, quando tudo estiver acabado aqui, eu vá até a Inglaterra para conhecer seus familiares e seu marido? Ele tem sorte de poder voltar para você.

Depois de Will ter partido, Belle entrou na choupana e, com a ajuda de Vera, arrumou as coisas de Miranda. Ela encontrou a cópia da fotografia que elas haviam tirado juntas antes de deixarem a Inglaterra. Usavam vestidos de estilo parecido, com babados soltos abaixo do corpete e uma faixa larga na cintura. O de Belle era de seda lavada na cor verde e o de Miranda, crepe com listras azuis e creme, e as duas usavam bonitos chapeuzinhos que Belle havia feito. A coloração sépia da imagem não fazia justiça aos vestidos e chapéus, mas o sorriso delas era verdadeiro, pois estavam animadas por ir para a França. Ela pensou que devia dá-la para Will, uma vez que ela ainda tinha sua própria cópia, da qual nunca quereria se desfazer.

Ao encontrar o vestido de veludo vermelho-escuro, ela supôs que era o que Miranda vestira em sua última noite com Will, e abraçou-se a ele, inspirando o perfume que perdurava. Era tentador guardá-lo consigo, mas ele parecia ter custado uma pequena fortuna e a Sra. Forbes-Alton poderia alegar que ela o havia roubado.

Porém, ela ficou com uma pulseira de prata como lembrança e o xale rosa felpudo que Miranda usava para enrolar nos ombros quando se sentava na cama. Ele ainda cheirava a sua água de colônia alfazema.

— Por que você também não dá o diário dela para Will? — sugeriu Vera quando ela encontrou o pequeno livro de couro azul no armário de Miranda. — Aposto que ela escreveu todos os tipos de coisa sobre ele nesse diário. E ela não quereria que a mãe o lesse.

Belle concordou. Depois, dobraram todas as roupas e colocaram-nas na mala. Um pouco mais tarde, Belle levou-a até o escritório do capitão Taylor.

Mais tarde, na cama, ela leu o diário, e pela primeira vez desde o acidente encontrou algo do que sorrir. A escrita era tão irracional e irreverente como Miranda havia sido. Um dia, ela escrevia uma página inteira impecavelmente; em outros, rabiscava apenas uma linha. Havia uma anotação que fez Belle desatar de rir. Era 19 de

janeiro. "Irmã Fogget pode ser uma excelente enfermeira e um bom exemplo para uma idiota ignorante como eu, mas gostaria de amarrá-la aos estrados que ela me faz esfregar e bater nela com uma toalha molhada."

No dia em que deixaram a Inglaterra, ela escrevera: "Pobre Belle, esforçando-se para não chorar ao deixar Mog. Mas eu vou ensiná-la a ser tão indiferente como eu".

Poucos dias depois, lia-se: "Belle nasceu para isso, ela tem um sorriso que faria um cego enxergar e um coxo caminhar. Ela até me transformou em uma pessoa quase decente".

Will estava ali também. No dia em que ela o conheceu, escrevera: "Conheci Will, um ianque, em Calais. Eu sou rápida. Bati o olho nele e soube que era o homem por quem eu estava esperando. Beijos que me enfraqueceram de desejo. Espero ter tido o mesmo efeito sobre ele".

Belle então fechou o diário. Ela havia passado os olhos rapidamente por ele e visto que todas as últimas anotações eram sobre Will, e sentiu que só ele deveria ler essas páginas. Esperava que isso o fizesse sorrir e ver como o fato de tê-lo conhecido havia mudado Miranda para melhor. E, acima de tudo, que o confortasse saber que ele estivera no coração dela até o momento de sua morte.

## Capítulo 17

**Sally passou por Belle** enquanto esta limpava a ambulância no fim do dia.

— O capitão Taylor me pediu para lhe avisar que há alguém esperando para vê-la no aposento dos motoristas — disse ela brevemente.

Belle presumiu que fosse Will. Fazia duas semanas desde a noite em que desceram até a passagem de nível para ali colocar flores em homenagem a Miranda. Essa noite fora particularmente dolorosa porque a ambulância esmagada ainda estava lá, deitada de lado junto aos trilhos. A cabine parecia ter sido aberta com um abridor de lata gigante para a retirada do corpo de Miranda, mas, apesar de a forte chuva ter lavado o sangue, o horror do momento em que Belle vira o trem colidir com o veículo voltara-lhe à mente mais uma vez. Para Will, devia ter sido simplesmente devastador ver como Miranda conhecera seu fim. Ele se decomposera, soluçando tanto que Belle desejara nunca ter concordado em mostrar-lhe onde acontecera o acidente.

— Eu tinha tantos planos para nós — disse ele em meio às lágrimas. — Eu a levaria ao Waldorf, em Nova York, e faríamos um piquenique no Central Park. Meus pais a teriam adorado e, ainda que eu nunca pudesse sustentá-la como os pais dela, nós teríamos tido uma boa vida juntos.

Tudo o que Belle pôde fazer foi abraçá-lo e contar-lhe todas as coisas lindas que Miranda dissera sobre ele. Que ela esperara a vida toda por um amor como o dele e como ela mal podia esperar para se casar com ele.

Eles se sentaram em um tronco velho e choraram juntos. Depois, Belle entregou-lhe o diário e a fotografia.

— Eu não li as anotações desde que ela o conheceu — disse a ele. — Elas só se destinam a você. Mas espero que lhe traga um pouco de conforto ler as coisas engraçadas que ela dizia e que isso o ajude a entendê-la mais. Tente lembrar-se de Miranda como na última noite que passaram juntos, e não como a vida dela terminou. Ela vai estar olhando para você lá de cima, querendo que um dia você seja feliz com outra pessoa.

A memória dessa dolorosa noite com Will ainda estava gravada na mente de Belle, e ela esperava que ele tivesse aparecido hoje para contar-lhe que obtivera uma resposta dos pais de Miranda, pois sentia não ser capaz de suportar mais nenhuma cena emocional.

— Você vai ficar em maus lençóis se receber a visita de mais homens — acrescentou Sally com irritação. — Por outro lado, imagino que já tenha feito a cabeça do capitão Taylor.

Não raro, Sally falava mal de Belle pelas costas. Isso lhe trazia a recordação incômoda das intriguinhas de algumas das garotas no prostíbulo de Marta, em Nova Orleans. Ela não sabia do que Sally havia de ter ciúmes. Não era como se estivessem em competição ali, e Sally era uma motorista muito melhor e uma mecânica muito boa também.

— Bom, ninguém poderia acusar você de fazer a cabeça de alguém — retorquiu Belle. — Você está mais para uma cobra, que cospe veneno para paralisar suas vítimas.

Sally retirou-se bruscamente, sem responder. Vera, que ouvira a troca de farpas, sorriu para Belle e mostrou um polegar em aprovação.

Vera fora um grande conforto para Belle. Ela mudara-se para a antiga cama de Miranda, talvez deduzindo que seria à noite que Belle sentiria mais saudade de sua amiga. As outras garotas não falavam de modo algum sobre Miranda, era como se ela nunca tivesse estado lá, mas Vera conseguia fazer com que Belle falasse sobre ela, e isso havia ajudado muito.

Como Belle não queria que Will visse evidências da natureza de seu trabalho, ela voltou correndo à choupana, tirou o macacão ensanguentado, lavou o rosto e as mãos e escovou o cabelo antes de ir ao encontro dele.

A porta da choupana dos motoristas estava aberta e ela entrou pronta para receber Will com um sorriso, mas, ao ver quem a esperava ali, ela paralisou de choque.

Era Etienne.

Sempre que o imaginava em sua mente, era como se ele estivesse em Paris, na Gare du Nord, com um chapéu de feltro, um paletó escuro com colete listrado, os olhos como vidro azul. Mas agora ele estava vistoso e arrojado, com o uniforme francês azul-acinzentado, as botas com um brilho espelhado de tão polidas e as divisas de sargento na manga. Os olhos azuis, porém, eram os mesmos e fizeram o coração dela balançar.

Ao chegar à França, ela examinara os soldados franceses como que na esperança de vê-lo. Também sempre checava o nome de qualquer francês ferido que dava entrada. Mas certamente não esperava que ele aparecesse ali para vê-la.

— Etienne! — exclamou ela. — Você? Como? — Ela fez uma pausa, tão chocada que não conseguia emitir nenhuma palavra sensata.

— Topei com Will Fergus na base americana quando fui recolher alguns suprimentos de lá — disse ele. — Ele me contou o que aconteceu com a garota dele. Senti que deveria vir para ver como você estava; sei que deve estar sofrendo tanto quanto ele.

Belle sentiu-se um pouco fraca com o choque e teve que sentar.

— Mas como sabe que eu a conhecia? — perguntou.

Etienne franziu o cenho e sentou-se também.

— Miranda não lhe contou que nos conhecemos durante a estada dela no Faisan Doré?

— Não, não contou — respondeu Belle. — Mas ela chegou tarde aquela noite e na manhã seguinte morreu. — Ela fez uma pausa, olhando perplexa para ele. — Mas como raios ela o associou a mim?

Etienne encolheu os ombros.

— Eu estava lá com dois homens de minha unidade. Will falava conosco e eu traduzia o que ele dizia para os outros dois. A certa altura, nós nos apresentamos. Só posso deduzir que ela me reconheceu por causa de algo que você lhe disse, pois perguntou se eu era de Marselha. Quando disse que era, ela perguntou se eu conhecia uma pessoa chamada Belle. Fiquei como você está agora, atordoado. Ela disse que vocês vieram juntas para cá.

— Mas ela nunca me contou isso — arfou Belle.

— Pode ter sido porque ela achou melhor não contar — disse ele. — Só depois percebi que você devia ter dito a ela muita coisa sobre mim para que se lembrasse de meu nome. Isso me tocou. E ouvir depois que ela tinha sido morta de uma forma tão terrível! Will mal conseguiu me contar o acontecido.

— Sim, foi terrível — disse Belle. — Ainda não consigo acreditar. Nós éramos boas amigas e eu pensava que sempre seríamos. Estou perdida sem ela.

— Achei que seria o caso, por isso tive que vir — disse ele. — Mas tenho que admitir que constatar que você havia contado a ela sobre mim me deixou contente por você não ter me esquecido completamente.

A porta da choupana estava aberta. Eles estavam sentados de frente um ao outro e, se alguém olhasse ali dentro, não veria nada que sugerisse que o sargento francês e ela fossem outra coisa que não meros conhecidos. No entanto, Belle sentiu-se subitamente muito nervosa.

— Ah, uma vez tivemos uma daquelas conversas do tipo “você me conta sua história que eu lhe conto a minha” — disse ela negligentemente, como se não tivesse importância. — Ela foi a única

pessoa para quem já contei sobre Nova Orleans e Paris e sua parte nisso. Mas Miranda era romântica e notável por atribuir às coisas mais significado do que realmente havia nelas.

— Ela deve ter significado bastante para você, para que se sentisse capaz de lhe contar sobre aquela época. — Ele olhou de frente para Belle, com uma sobrancelha interrogativamente arqueada. — Como foi que a conheceu?

— Em minha loja — respondeu ela. — Ela morava perto e, sim, ela significou bastante para mim. A morte dela me abalou demais. Foi tão horrível, pois isso não teria acontecido se o cruzamento tivesse sido guarnecido como deveria.

— É difícil perder bons amigos — disse ele. — Perdi tantos desde que a guerra começou que evito me tornar amigo de alguém agora.

— Nunca tive uma amiga de verdade antes, não alguém em quem pudesse confiar e falar sobre qualquer coisa. Não acho que ela tenha tido também. Podíamos ter vindo de origens muito diferentes, mas tínhamos muita coisa em comum.

— E o que aconteceu com a loja?

— Jimmy se alistou, perdi o bebê que eu estava esperando e fiquei desencantada com a criação e venda de chapéus. Isso parecia tão frívolo enquanto os homens morriam no front.

— Sinto muito pelo bebê — disse ele. — Posso entender que isso deve ter mudado tudo para você, especialmente com seu marido ausente. Mas o que fez você e Miranda virem para cá?

Belle sentiu que a linha de questionamento de Etienne visava descobrir se pensamentos sobre ele tinham induzido as escolhas dela. Ela sabia que devia deixar claro que não o tinham, mas os sentimentos que tivera por ele, os quais acreditava estarem mortos e enterrados, ergueram-se borbulhantes novamente dentro dela. Seu sotaque francês era tão atraente e trouxe de volta muitas lembranças boas do tempo que compartilharam juntos.

— Foi puro acaso — disse ela, não cruzando com os olhos dele por temer que ele lesse nos seus que ela não estava sendo totalmente verdadeira. — Decidimos fazer nossa parte na guerra como voluntárias no hospital militar e, no ano em que estivemos lá, Miranda me ensinou a dirigir. Depois, soubemos que precisavam desesperadamente de motoristas de ambulância aqui. Pensei que teria a chance de ver Jimmy mais vezes também.

— Você o viu muito desde que chegou aqui?

Como antes, quando questionada sobre encontrar-se com Jimmy, ela sentiu uma pontada de culpa por não ter sequer tentado fazê-lo.

— Não, infelizmente aqui é movimentado demais para dar uma escapada.

— Miranda deu um jeito — disse ele.

Belle corou. Ela deveria saber que ele observaria isso.

— Era mais fácil para ela. Will não estava amarrado a deveres regulares e, em todo caso, ele estava por perto.

— Eu não estou por perto, e também tenho deveres regulares, mas, quando soube que você estava aqui, quis vir vê-la imediatamente. A única coisa que me impediu não foram as dificuldades, mas o medo de que você não quisesse me ver.

Ela sentiu que ele a encurralava, tentando levá-la a admitir seus sentimentos por ele. A saída mais fácil seria dizer que não quisera vê-lo, mas ela não teve coragem de dizer isso.

— Eu não esperava ver Will novamente — continuou ele. — Mas o destino interveio e fui enviado ao depósito em que ele estava em Calais. Quando ele me contou como você estava triste com a morte de Miranda, senti que você precisava de um velho amigo. Mas, se estou perturbando você, então talvez devesse ir.

— Você me perturbou na última vez em que apareceu — disse ela. — Por que faz isso?

— Por que eu apareço? Ou por que perturbo você? — perguntou ele. Seus olhos azul-claros pareciam estar olhando direto na alma dela. — Eu apareço porque não consigo ficar longe. Só você pode dizer por que isso a perturba.

— Então, por que você não foi à Inglaterra me ver depois que deixei Paris? — perguntou ela bruscamente. — Você deveria saber que eu esperava que fizesse isso.

Ele suspirou profundamente.

— Pensei que você precisasse de tempo para superar tudo o que passou.

— Aquela carta que você me enviou poderia ter vindo de um tio perguntando sobre minha saúde — disse ela, indignada.

Ele levantou-se e foi até ela para tomar-lhe as mãos.

— Eu lhe disse que não era bom escrevendo em inglês — disse ele em tom de censura. — A carta que você enviou estava cheia de Jimmy isso e Jimmy aquilo, e você estava vivendo sob o mesmo teto que ele também. Noah escreveu para mim e disse que achava que você se casaria com Jimmy. Eu queria que você fosse feliz e pensei que era melhor me retirar de sua vida.

— Como poderia lhe dizer como me sentia quando você nunca me encorajou a acreditar que pensava em mim como mais do que uma amiga? — perguntou ela, com a proximidade dele e as mãos segurando as dela fazendo-a estremecer.

— Certamente ir tão rapidamente a seu auxílio e ficar perto de você enquanto se recuperava em Paris foram provas suficientes de meus sentimentos por você, não? — disse ele. — Depois do que você tinha passado, não me atrevi sequer a beijá-la.

Ele segurou-lhe o rosto nas mãos em concha e então a beijou. Foi o mais brando e delicado dos beijos, demorando-se apenas tempo suficiente para fazer o coração dela disparar.

— Sou uma mulher casada — disse ela, mas não se afastou e sabia que não havia sequer soado indignada.

— Tudo é justo no amor e na guerra, assim dizem. — O sorriso dele foi travesso e juvenil. — Nenhum de nós sabe se vamos sobreviver a esta guerra. Não gostaria de morrer sabendo que fracassei em lhe contar meus verdadeiros sentimentos por você.

— Isso é um golpe baixo — disse ela, e agora, sim, sentia-se indignada. — Imagino que você tenha vindo até aqui pensando que eu cairia em seus braços por estar solitária sem minha amiga e por Jimmy estar no front. Bom, pensou errado. Você teve a chance de expressar seus sentimentos lá em Paris.

— Se eu os tivesse expressado, você teria ficado comigo?

Belle recordou os últimos minutos com ele na Gare du Nord e a dor que sentira no coração por desejá-lo tanto.

— Na estação, pedi que me dissesse algo em francês. Eu não entendi o que você disse, mas sei que não era que me amava.

— Eu disse que atravessaria fogo e dilúvio e enfrentaria qualquer perigo por você — disse ele, olhando diretamente em seus olhos. — Se isso não era dizer que amava você, não sei o que era. Ainda faria tudo isso, até enfrentaria seu desprazer com minha vinda até aqui, agora que é casada.

Lágrimas começaram a brotar dos olhos de Belle. Ela sentia como se algo estivesse derretendo dentro de si e, embora soubesse que devia dizer-lhe que tais palavras eram agora muito tardias e afastar-se dele, ela não conseguiu.

Ele ergueu a mão e, silenciosamente, enxugou-lhe as lágrimas com o polegar, depois sua boca desceu sobre a dela e ele a estava beijando do modo como ela havia esperado lá em Paris.

Os braços dela envolveram-no involuntariamente. A língua dele brincou com a sua, o corpo pressionando-se contra ela, e a paixão inflamou-se entre os dois como fogo na floresta. Ela esqueceu que a porta estava aberta e que poderia ser vista por qualquer um que

passasse; esqueceu também que tinha um marido cujo coração se partiria se isso lhe chegasse aos ouvidos.

Ela estava perdida e sabia disso. Não havia como fugir agora e fingir que isso não significava nada para ela. Queria que ele a possuísse, o sentimento era forte demais para repelir.

— Venha comigo — disse ele quando seus lábios finalmente a soltaram, mas ele ainda a segurava firme nos braços. — Conheço um lugar onde podemos ficar juntos.

— É errado, Etienne — disse ela com voz fraca.

— Como pode ser errado quando encontrei a garota que amo, por puro acaso, em um país devastado pela guerra? Eu poderia ser morto na próxima batalha, Jimmy também. Devemos aproveitar o que temos agora. Não sabemos o que o amanhã trará.

Ela ouvira tantas vezes essas palavras desde que chegara à França e sempre concordara com o sentimento, mas uma pequena voz dentro dela tentava lembrar-lhe que isso não se aplicava à sua situação por ela ser casada. No entanto, uma voz muito mais estrondosa reduzia a outra ao silêncio, dizendo que era agora ou nunca com Etienne, e para o inferno com as consequências.

Ela ouviu a si mesma dizendo a ele que saísse dos domínios do hospital e esperasse por ela junto ao mesmo pedacinho de cerca quebrada que Miranda atravessava escalando para encontrar-se com Will.

Mais um beijo selou isso. Etienne foi embora e ela correu de volta à choupana para trocar de roupa e arrumar uma bolsa para pernoitar.

Por acaso, Vera estava sozinha lá dentro, lendo deitada na cama. Ela disse que as outras tinham saído para jogar uma partida de tênis.

— Você me dá cobertura? — perguntou-lhe Belle, depois de dizer apenas que sairia com um velho amigo. — Seja vaga, dê a entender

que você acha que foi meu marido que veio me visitar. Vou estar de volta a tempo para o trabalho de manhã.

— Mas não é Jimmy? — perguntou Vera. Ela pareceu surpresa, mas não horrorizada; ela nunca parecia sofrer daquela inflexibilidade típica do inglês. Ela também dissera muitas vezes pensar que qualquer chance de felicidade deveria ser agarrada com as duas mãos.

Belle balançou a cabeça.

— Eu explico amanhã. E reze por minha alma, pois sei que realmente não deveria estar fazendo isso.

Depois do banho mais rápido de sua vida e de colocar roupas íntimas novas e seu bom vestido, enchendo uma mala com suas roupas de trabalho para a manhã seguinte, Belle desceu em disparada, atravessando as filas de alas e saindo para a estrada onde Etienne aguardava.

Sua pulsação estava acelerada e seu coração, palpitante; mas, quando ela subiu no caminhão que ele dirigia, uma olhada no rosto dele, iluminado de alegria, comunicou-lhe que, não importando o que viesse depois, aquilo valeria o risco.

— O lugar aonde estou levando você é só um café com alguns quartos em cima — disse ele. — Mas conheço outros homens que levaram as esposas lá e eles disseram que os quartos eram limpos. Prometo que a levo de volta ao hospital bem antes das 6 horas, isso se você não tiver mudado de ideia.

Belle só conseguiu sacudir a cabeça, sorrir e chegar até ele para beijar-lhe a face. Esta noite ela fingiria ser livre como um pássaro. O acerto de contas poderia vir mais tarde.

O café ficava após uma descida de 25 quilômetros por pistas sinuosas. Era num lugar que não poderia sequer ser chamado de vila; era muito pequeno, apenas um punhado de casinhas, um empório e o café que alugava quartos em cima.

Eles comeram ovos e batatas fritas com uma taça de vinho tinto tão rústico que Belle teve trabalho para bebê-lo sem fazer careta. Havia alguns soldados franceses lá também, mas Etienne arranjou-lhes uma mesa nos fundos e, se conhecia qualquer um deles, ele não disse. Ele falara com o homem atrás do balcão sobre um quarto quando chegaram, uma troca de palavras rápida entremeada de movimentos de ombros e acenos de mãos. Quando Belle perguntou o que haviam dito, ele apenas riu e afirmou que o homem dissera que ela era uma beldade e que ele lhes daria a suíte nupcial.

— Então, esta é a suíte nupcial — disse Belle quando, mais tarde, subiram as escadas. Era um quarto muito pequeno nos fundos do prédio, quase sem espaço para contornar a cama de casal, e o papel de parede florido descascava em alguns lugares.

— Bom, tem uma cama de casal — disse Etienne enquanto a cutucava. — E há um banheiro ao lado; eu esperava uma latrina na parte de trás.

Belle sentiu-se estranha quando ele se moveu para olhar pela janela. Ela não era nem uma prostituta a quem se esperava que tomasse a iniciativa nem uma esposa que normalmente ia primeiro para a cama e aguardava para ver a disposição do marido. Ela estava com vergonha de tirar a roupa na frente dele, o que, considerando que aos 16 ela havia entrado em seu beliche no navio para Nova Orleans e se oferecido descaradamente para ele, parecia ridículo.

Ele virou-se e sorriu para ela. O sol de fim de tarde penetrava pela janela, transformando o cabelo dele em uma auréola dourada.

— Assustada?

Ela fez que sim com a cabeça, não confiando em si mesma para falar. Ele se espremeu ali pela beirada da cama e passou os braços em volta dela.

— Tenho o remédio para isso — disse ele baixinho e beijou-a.

Quando os lábios dele cobriram os dela e sua língua se lançou na boca dela, Belle ficou imediatamente excitada, e isso apagou todo o medo e a vergonha.

Ele a recuou até ela cair sobre a cama e continuou beijando e beijando-a até ela estar se contorcendo contra ele e puxando seu uniforme para tirá-lo.

— Você primeiro — sussurrou ele, afastando-lhe as mãos e virando-a para que pudesse desabotoar seu vestido. Ele beijava e lambia-lhe as costas enquanto cada botão era desfeito, depois deslizou a manga por um braço, beijando todo o caminho até o pulso, e fez o mesmo no outro braço. Então, puxou o vestido para baixo e virou-a para beijar-lhe os seios, os quais a camisola mal cobria.

— Estão maiores agora do que eram aos 16 — sussurrou ele. — Seios belos, de mulher feita, assim como imaginei que se tornariam.

Ele continuou a beijá-los enquanto desabotoava a cintura de sua anágua e jogava-a no chão, depois lhe despiu as meias, a calcinha e, finalmente, a camisola, deixando-a nua.

A sarja áspera do uniforme contra sua carne nua aumentava sua excitação, e ele parecia não ter pressa em tirá-lo. Ele pressionou a coxa contra ela e passou-a no meio de suas pernas, o tempo todo beijando e chupando-lhe os seios.

Impacientemente, ela desabotoou a túnica dele, puxando-a rudemente em seu desejo de sentir pele com pele. Ele tinha braçadeiras por baixo, em uma camisa de algodão azul, e ela arrancou-as avidamente dele.

— Para que a pressa, pequena? — sussurrou ele. — Temos a noite toda.

Ela vira seu peito desnudo dezenas de vezes no caminho para a América e ficara maravilhada com seus ombros largos e musculosos e a estrutura fina de sua cintura, mas, ao tirar-lhe a camisa, viu que ele tinha uma cicatriz vívida no ombro, descendo na lateral do corpo.

— Você foi ferido! — exclamou ela, tocando-a delicadamente. Era muito mais extensa do que a que Jimmy tinha, mas ela desejou não ter se lembrado dele naquele momento.

— Estou bem — disse ele. — Quando menino, sempre quis uma cicatriz apavorante. Pensei que me faria parecer durão.

— Você parece durão o bastante sem isso — disse ela, passando um dedo sobre a marca.

Ele puxou-a de volta para si, silenciando-a com um beijo e passando os dedos por seu cabelo.

Belle parou de ouvir o som de soldados rindo e falando no café lá embaixo, não reparou no dia virando noite e não se importou com o problema que poderia causar a si mesma por esta única noite de felicidade. A cicatriz de Etienne foi um lembrete pungente do que ele dissera mais cedo: não havia garantias de sobreviver à guerra.

Nunca havia passado pela cabeça de Belle que ela ou Miranda perderiam a vida, mas sua amiga agora se fora e, embora Jimmy e Etienne estivessem mais propensos a cair em combate do que ela a morrer em algum outro acidente esdrúxulo, ela não poderia ter certeza.

Tudo de que tinha certeza era que o destino havia intervindo e trazido Etienne de volta para ela. Tinha que haver uma boa razão para isso. Ela o amara aos 16 anos. Ele fora o único que lhe permitira ir além daquilo ao qual ela fora submetida depois de seu sequestro, e ele lhe dera a força e a determinação para lidar com tudo o que Nova Orleans reservara para ela.

Dois anos depois, fora ele a salvá-la de Pascal em Paris e a sentar-se junto à cabeceira da cama enquanto ela se recuperava. O restante do mundo podia pensar que ela era apenas mais uma mulher casada infiel que cedera à tentação de adotar um amante por estar sozinha e longe de casa, mas, para ela, Etienne fora quem primeiro reivindicara seu coração.

Cada beijo, afago e carícia sussurrada arrebataram-na mais e mais para o êxtase. Ele não tinha pressa em penetrá-la e parecia só pensar no prazer dela, lambendo-a até ela gritar ao atingir o clímax e implorar-lhe que viesse para dentro dela.

Seguiram-se a isso estocadas longas e vagarosas até ambos estarem pingando de suor, tamanha a ternura um minuto e, no seguinte, selvageria. Ela atingiu novamente o orgasmo e, no auge do êxtase, não estava sequer consciente de que ele havia saído dela. Ao sentir a viscosidade em sua barriga, percebeu que, mesmo no ápice da paixão, ele pensava nela e em não arriscar uma gravidez.

— Minha linda rosa inglesa — disse ele ao apoiar-se sobre um cotovelo, olhando para ela, e gentilmente lhe enxugando as lágrimas do rosto. — Isso foi tudo com que sempre sonhei e muito mais.

— Se ao menos pudéssemos — disse ela, com mais lágrimas brotando-lhe nos olhos.

Ele colocou-lhe um dedo, que tinha o cheiro dela, nos lábios.

— Não diga isso. Devemos apenas acreditar que, como o destino nos uniu novamente, ele tem mais planos para nós. Eu amo você, Belle, não apenas por esta noite, mas para sempre. O amor sempre encontra um caminho.

— Você vai voltar para o front? — perguntou ela.

— Sim, muito em breve. Mas vou escrever para você e vir vê-la quando puder. Você tem fé de que um dia esta guerra vai acabar e nós vamos poder ficar juntos?

— Sim, pois eu amo você. — Não era momento de falar dos obstáculos que impediriam isso. — E acho que é hora de eu retribuir todo esse prazer que você me deu, com algo para mantê-lo acordado nas trincheiras.

Ela então brincou com ele com a boca e a língua. Toda vez que ele tentava lhe dar prazer, ela afastava suas mãos com um tapinha e continuava ocupando-se dele, até que Etienne se entregou e aceitou que isso era só para ele.

Memórias do prostíbulo de Marta em Nova Orleans voltaram-lhe à mente quando ela ouviu os gemidos de prazer dele. Quando lhe disseram pela primeira vez que ela tinha que fazer sexo oral em um homem, ela achara isso a coisa mais nojenta da qual já ouvira falar. E isso continuara a ser algo que ela evitava. Mas não havia nada repugnante em fazê-lo para Etienne, parecia a coisa mais natural do mundo. Ela mesma sentiu prazer em proporcionar-lhe tanto prazer.

Era pouco antes das 6 horas e chovia novamente quando ele a deixou de volta no hospital. Ela vestira as roupas de trabalho e um macacão limpo, com seu vestido dentro da bolsa para que ela pudesse seguir direto para a ambulância. Sentia os lábios inchados de tanto beijar, estava dolorida lá embaixo, cansada pela falta de sono e angustiada por não ter ideia de quando o veria novamente.

— Pegue isto e guarde em um lugar seguro — disse ele, apertando um pedaço de papel nas mãos dela. — São endereços onde posso ser contatado se algo inesperado acontecer a você ou eu não conseguir pegá-la aqui.

Ela passou os olhos pelo papel: detalhes de seu regimento e um endereço em Marselha e outro em Paris.

— Vou tentar escrever melhor em inglês — disse ele com um sorriso triste, enrolando no dedo uma mecha do cabelo dela. — Mas, se não tiver sucesso nisso, lembre-se de que amo você e que atravessaria fogo, dilúvio e qualquer perigo para estar com você.

Belle pôde sentir lágrimas brotando.

— Fique a salvo por mim — disse ela, com a voz embargada de emoção. — Mas, se você for ferido, peça que o tragam aqui.

— Tenho todas as razões para ficar a salvo agora — disse ele, inclinando-se para beijá-la uma última vez. — Agora, vá. Não quero que tenha problemas.

Belle permaneceu por um momento ou dois observando-o ir embora em seu veículo.

De repente, a enormidade do que tinham feito desabou sobre ela. Como seria capaz de encarar Jimmy novamente? Por que tinha caído em tentação? Uma noite de paixão valeria a culpa com a qual ela agora seria forçada a viver?

Vera aproximou-se de Belle quando esta dava a partida na ambulância. David tinha ido até o almoxarifado para buscar mais alguns cobertores.

— Sally foi um pouco maldosa depois que você saiu ontem à noite — sussurrou Vera. — Ela achou que era com Will que você tinha saído e disse que era hora de você deixá-lo andar com os próprios pés. Não contei a ela que não era Will, então não deixe transparecer o contrário se ela lhe disser alguma coisa.

Belle olhou horrorizada para Vera.

— Ela acha que fiquei com ele a noite toda?

Vera esboçou um meio sorriso.

— Não, ela e todas as outras foram dormir por volta das 21 horas, então elas não sabem que você não voltou. Acordei antes delas esta manhã, desarrumei sua cama e destranquei a porta.

— Louvado seja Deus por isso — exclamou Belle. — Eu não conseguiria suportar que pensassem que eu tinha pegado o homem de Miranda. Já me sinto mal o suficiente.

Vera tomou-lhe a mão e apertou-a em gesto de compreensão.

— Você pode ter sido um pouco irresponsável — disse ela em tom confortador —, mas não perversa. Você foi atrás de um pouco de conforto, só isso.

Belle ficou tocada por sua compreensão.

— Obrigada por me dar cobertura. Vou tentar lhe explicar tudo isso mais tarde.

Por volta das 10 horas daquela manhã, Belle tinha completado três corridas para a estação. Como a dela tinha sido a segunda

ambulância a deixar o hospital, a primeira corrida fora toda de casos de pacientes sentados, os quais eram muito mais fáceis do que os casos de maca. Mas a segunda e a terceira foram sobretudo de canadenses, homens grandes e fortes, todos com ferimentos terríveis.

— Você está muito quieta e distante hoje — comentou David enquanto eles limpavam a ambulância, onde um dos feridos havia vomitado. — Algum motivo especial?

A verdade era que ela estivera revivendo a noite com Etienne, tanto que se sentiu excitada novamente e se perguntou quanto tempo levaria até que voltasse a vê-lo.

Ela confiava a David a maioria das coisas; eles haviam se tornado bons amigos mesmo antes da morte de Miranda, mas isso os aproximara ainda mais. No entanto, ela não podia lhe confiar sobre Etienne; ele ficaria horrorizado diante do fato de uma mulher casada com um marido no front encontrar-se com outro homem.

Foi só então que ela avaliou totalmente sua situação. Jimmy era um bom homem e ele a amava. Ela partiria seu coração se lhe dissesse que queria deixá-lo. E, se o fizesse, perderia Mog também, já que esta não poderia ficar ao lado dela por ser casada com Garth.

— Só a mesma coisa de sempre, pensando demais nas baixas de guerra — disse então, rapidamente. — A vida é muito precária, não?

— Já recebeu algo de seu marido depois que você lhe escreveu sobre Miranda? — perguntou ele.

— Não, nem de Mog e Garth — disse ela. — Fico me perguntando se Mog foi ao funeral de Miranda. A Sra. Forbes-Alton deve ter garantido que o mundo inteiro soubesse do evento, e Mog deve ter ficado muito chocada por eu não ter voltado para o funeral. Claro que expliquei o porquê em minha carta, mas duvido que ela tenha chegado a tempo.

— Vamos esperar que ela não tenha aborrecido Mog com aquele papo de você ser a responsável — disse David. — É uma coisa horrível de se dizer sobre qualquer pessoa.

— Talvez a Sra. Forbes-Alton esteja em um casamento infeliz — sugeriu Belle. — Imagino que isso possa deixar a pessoa amarga.

— Sim, acho que sim. Eu tinha uma tia que era um verdadeiro dragão com todo mundo, e no fim das contas descobri que não haviam deixado que ela se casasse com o homem que ela amava. O homem com quem ela foi forçada a se casar era um tipo decente, mas covarde. Foi isso que a tornou uma tirana daquelas. Muitas vezes me pergunto como algumas das esposas de homens extremamente feridos lidam quando seus maridos chegam em casa — continuou ele. — Por mais felizes que estivessem antes de ele ter sido ferido, viver apenas de uma pensãozinha com um homem que precise de cuidados constantes pode se tornar um pesadelo.

Essas palavras fizeram Belle refletir bastante. Etienne falara como se eles fossem capazes de encontrar uma maneira de ficar juntos. Será que ele esperava que Jimmy morresse na guerra?

## Capítulo 18

**Poucos dias depois** de sua noite com Etienne, Belle foi até a sala de correio antes de começar o trabalho para ver se havia cartas para ela. Ao lhe passarem uma, seu coração saltou, pensando que fosse de Etienne. Sua decepção ao ver a familiar escrita de Jimmy no envelope foi rapidamente seguida por uma profunda vergonha por ter reagido dessa maneira.

*Minha querida, leu ela.*

*Estou tão triste de saber sobre Miranda. Mal posso acreditar que ela tenha sido levada em um acidente tão trágico e evitável. É terrível também que você tenha testemunhado isso. Ver um amigo morto é cem vezes pior do que ouvir sobre sua morte tempos depois.*

*Queria ter estado aí para apoiá-la e confortá-la; você deve ter se sentido, e provavelmente ainda se sente, tão sozinha. Fiquei furioso com a mãe dela dizendo que você não era bem-vinda no funeral. Que tipo de mãe ela pode ser para negar à melhor amiga de sua filha a chance de lhe dizer seu último adeus? Mas não sofra com isso, querida; tenha em mente que Mog espalhará a história por toda Blackheath, mostrando que a Sra. Forbes-Alton é a bruxa sem coração que todo mundo sempre suspeitou que ela fosse.*

*Sinto muito por Will também. Sei que, se perdesse você, eu não teria nenhuma razão para continuar. Se o vir novamente, dê-lhe nosso endereço e, talvez quando a guerra tiver acabado, ele possa ir ficar conosco por um tempo. Você poderia lhe mostrar os lugares favoritos de Miranda. Pode ajudá-lo em sua perda ser capaz de imaginar de onde ela veio, como era sua vida antes da guerra. Mas seria prudente não o apresentar à mãe dela!*

*Quanto a mim, estou aguentando firme, embora a chuva constante em uma área já pantanosa dificilmente seja de bom agouro para a grande ofensiva que estamos esperando. Não nos informaram ainda o que está planejado. Há rumores de que Haig tem cometido asneiras demais e de que o general Plumer assumirá o comando. Se isso se provará melhor para nós, soldados, temos que esperar para ver.*

*Nosso grupo tem tido sorte faz algum tempo, nenhuma tarefa na linha de frente, mas acho que, pelo treinamento que estamos recebendo agora, isso acabará em breve. Estamos todos cansados deste lugar, quantas batalhas mais haverá por causa de algumas centenas de metros de terra? Estamos cansados da lama, da imundície e da destruição, para não mencionar a perda de vidas. Se ao menos houvesse alguma maneira de saber quando tudo acabará! Para mim, não parece que estamos chegando a lugar algum. Os boches não mostram nenhum sinal de abatimento, e eles têm casamatas de concreto, de modo que estão mais bem protegidos e mais confortáveis do que nós.*

*Mas estou aqui resmungando enquanto você tem que lidar com o resultado de toda essa loucura. Deus queira que não seja por muito mais tempo. Sonho o tempo todo em estar em casa novamente com você, com roupas limpas, banhos quentes, passeios em Greenwich Park, um copo de cerveja e sem mais disparos de armas de fogo. Perguntei se eu poderia ter uma licença para ir vê-la, mas ela foi recusada. Disseram que talvez no outono, mas isso parece tão distante.*

*Mog disse na última carta que as suas mensagens para ela e Garth estão agora muito breves. Imagino que seja por você ter que trabalhar tanto. Sei que ela queria que você desistisse disso e voltasse para casa; ela sente muitas saudades suas. Talvez agora, sem Miranda para lhe fazer companhia, você vá querer isso também. Sei que eu preferiria que você estivesse segura em casa.*

*Você disse na carta anterior àquela sobre Miranda que havia muitos canadenses no hospital. Conheci muito poucos aqui. Eles fizeram muito bem ao ganhar a Batalha de Vimy. São homens bons e corajosos. Se os americanos forem metade disso, talvez possamos exterminar os boches lá pelo Natal e voltarmos todos para casa. Por outro lado, faz três anos agora que temos estado à espera disso.*

*Um milhão de beijos,*

*Seu sempre apaixonado Jimmy*

Belle enxugou os olhos úmidos com o dorso da mão. A carta dizia tudo sobre o que Jimmy era, um homem gentil e amoroso que se preocupava mais com os outros do que consigo mesmo. Ele não dissera exatamente onde estava por causa do censor; na realidade,

era surpreendente que ele ousasse mencionar Haig e Plumer, mas sua descrição das condições revelava que ele estava perto de Ypres; ela sabia, por aqueles que haviam sido feridos lá, que o lugar era atroz.

Desde a noite com Etienne, ela estivera em uma espécie de bolha que a impedia de pensar muito profundamente sobre o futuro. De certo modo, só se permitiu acreditar que algum tipo de milagre aconteceria para que ela não tivesse que fazer uma escolha entre os dois homens.

Mas agora, com a carta de Jimmy em mãos, ela soube que estivera tapando o sol com a peneira. Que raios faria? Se ele a qualquer momento aparecesse ali, ela sabia que não seria capaz de encará-lo. Ele morreria se descobrisse que ela tinha sido infiel, e ele não fizera nada para merecer isso.

Ela se sentiria inocentada se ele tivesse sido negligente, se tivesse sido um bêbado ou um marido violento. Ela o amava também. Isso não mudara por causa de Etienne, mas certamente não era possível amar dois homens ao mesmo tempo, era?

— Más notícias? — perguntou David.

Belle ficou um pouco surpresa com a pergunta. Ela não vira nem ouvira David vindo em sua direção. Achou que ele a estivera observando enquanto lia a carta e enxugava os olhos.

— Não, não são más notícias. As cartas de Jimmy sempre me fazem ficar chorosa — disse ela apressadamente. — Faz tanto tempo desde a última vez que o vi, e eu começo a pensar que tudo vai ser tão diferente entre nós quando a guerra terminar. Não somos mais as mesmas pessoas.

David passou um braço ao redor de seus ombros e deu-lhe um meio abraço em solidariedade.

— Pelo menos você também esteve aqui; então, compreende como tem sido para ele. Isso deve dar a vocês uma chance melhor

do que a dos que têm esposas que estiveram em casa esse tempo todo.

— Talvez — suspirou ela. Dobrou a carta e enfiou-a no bolso do macacão. — É melhor irmos agora.

Haviam percorrido alguma distância em direção à estação quando David falou novamente.

— Tem algo incomodando você, posso sentir isso. Pode me contar. Não vou dizer nada a ninguém.

Belle tentou sorrir. David era outro bom homem, nunca mal-humorado, sempre confiável e leal. Ele era também muito intuitivo, de modo que ela sabia que precisava dizer algo que o fizesse parar de ficar sondando.

— Só ando desconcertada com a morte de Miranda. Estou bem em um minuto, depois, no seguinte, desanimo. Estou tentada a fazer as malas e ir para casa.

— Você não pode fazer isso! O que eu faria sem você? — exclamou ele. — Sou chamado de patife sortudo porque trabalho com a garota mais bonita de todo o hospital; isso é muito bom para meu ego.

Belle riu mesmo sem querer.

— Você poderia pedir para fazer dupla com Vera. Ela é uma garota adorável e independente também.

— Não é que é uma boa ideia? — disse ele com um sorriso galhofeiro. — Mas é mais provável que me metam com Sally, e ela é tão elegante que me assusta. Já lhe contei sobre o motorista com quem eu estava antes de você? Ele era um sabichão americano que reclamava o tempo todo e se chamava Buck. Eu não o suportava! Felizmente ele saiu logo quando minha paciência estava se esgotando. Mas, falando de Vera, estava conversando com ela noite passada e ela também não vai querer que você vá. Ela disse que conhecer você foi uma das melhores coisas ao ter vindo para cá.

Belle ficou tocada por isso; ela também gostava de Vera. Ela era radiante, afetuosa e não raro muito engraçada. Não se achava superior a ninguém; na realidade, Belle muitas vezes tinha que explicar os comentários esnobes de Sally, pois Vera tinha sido criada em uma sociedade sem classes e não tinha experiência daquele tipo de comportamento britânico. Vera havia entendido o dilema de Belle com Etienne e Jimmy, nem aprovando nem desaprovando. Ela dissera, com seu jeito calmo e racional de sempre, que acreditava que Belle só se voltara para Etienne para buscar conforto após a morte de Miranda, e que ela não devia fazer ou dizer nada com pressa, pois era provável que se arrependesse disso mais tarde.

Na manhã seguinte, chegou uma breve carta de Etienne. Ele apenas disse que tinha se deslocado mais para o norte. Não podia dizer para onde e não mencionou se seu regimento estava em reserva ou na linha de frente. "Só quero que saiba que você está em meus pensamentos constantemente", escreveu ele. Estava certo sobre seu inglês escrito ser ruim; ele usava as palavras certas, mas na maior parte das vezes não conseguia escrevê-las da maneira certa.

*Estou sofrendo porque sei que a coloquei em uma situação impossível. Às vezes penso que não deveria ter ido vê-la, pois agora que estou aqui, com tantos Tommies por perto, sinto vergonha de mim mesmo por desejar a esposa de outro homem.*

*Mas isso não me impede de fazer planos na cabeça. Um que parecia perfeito, mas que agora vejo como mero desespero da minha parte, era que você desaparecesse do hospital e fosse para minha casa em Marselha para esperar por mim. Como eu poderia sugerir uma coisa dessas? Você perderia todos aqueles que lhe são queridos e eles sofreriam por você novamente, assim como sofreram quando você desapareceu antes. Eu não poderia encontrar felicidade causando tanta dor aos outros, e você nunca seria capaz de perdoar a si mesma.*

*O único modo verdadeiro é o honesto, encararmos Jimmy juntos e contarmos a verdade a ele. Tenho para mim que, se ele a ama, vai querer sua felicidade. Mas sei muito bem que poucos homens são tão magnânimos. Não quando sabem que vão perder a pessoa mais preciosa para eles.*

Belle então começou a chorar. A primeira ideia de Etienne era uma que ela havia considerado e descartado pelas mesmíssimas razões. A segunda, embora honrosa, era uma com que ela sabia nunca poder concordar. Simplesmente não era corajosa o suficiente para ver Jimmy devastado.

Ela quase desejou que Etienne estivesse simplesmente jogando com ela e logo ficasse cansado do jogo. Mas o restante da carta era uma torrente de amor por ela, e estava claro que ele não tinha intenção de deixá-la escapar.

Durante a última semana de junho, o número de trens hospitalares chegando com feridos caiu consideravelmente. Toda a equipe que estava ali havia um ano ou mais disse que isso era apenas um período de calma antes da tempestade. Era como se Jimmy tivesse estado certo e outro grande assalto estivesse prestes a acontecer, pois, quando Belle foi até as alas, pôde ver os médicos e enfermeiras trabalhando para remover dali todos os que estivessem em condições boas o suficiente. Ficou claro que o hospital estava se preparando para outra grande entrada de feridos.

Com menos trens hospitalares chegando, Belle e alguns dos demais motoristas pararam de ir ao encontro dos trens e passaram a levar feridos em recuperação a Calais e até os navios hospitalares. Belle ficou contente com a mudança; os pacientes estavam satisfeítíssimos por finalmente terem seu bilhete de licença Blighty e estavam de bom humor, e era ótimo ver o que estava acontecendo no movimentado porto.

As ruas de Calais estavam repletas de soldados australianos, neozelandeses, canadenses e novos recrutas da Inglaterra rumando para campos de instrução ou para o front. Havia mais americanos agora também, apenas um destacamento avançado relativamente pequeno de profissionais que treinariam os recrutas ainda a chegar.

Dois desses homens estavam no cais para ajudar Belle e David com os feridos, mas, apesar de estar contente por terem ajuda com o trabalho pesado, Belle achou a postura dos soldados um pouco

irritante. Eram excessivamente joviais e deixavam claro que consideravam o exército americano vastamente superior ao britânico. Dado que os Estados Unidos tinham ficado de braços cruzados por três anos e só recentemente concordaram em ajudar, uma vez que seus navios haviam sido torpedeados, Belle achava que eles não tinham direito de agir como se fossem os salvadores.

O loiro grande de aspecto jovem e saudável, que parecia saído direto de uma fazenda, ficava fazendo gracejos depreciativos sobre os Tommies estarem sujos e esgotados.

— O que há com todos eles? — perguntava. — Agem como se já tivessem perdido a guerra. Muito cínicos também; perguntamos coisas a eles e tudo o que dizem é: “Você vai descobrir por si mesmo em breve, colega”. Os sapos são ainda piores. A maioria deles parece vagabunda, com uniformes imundos, e nem fazem a barba. Não parecem soldados de jeito nenhum.

— Eles estão exaustos, moídos de cansaço — retrucou Belle. — Não querem dizer a vocês como são as coisas porque quase todos viram amigos com que saíram daqui serem mortos. Eles têm tido comida ruim e pouco descanso, comem, dormem e vivem nas condições mais horríveis, e a maioria não teve nenhuma licença desde que chegou aqui. Mas nem por um momento duvide da coragem desses homens. Eles revivem quando ouvem aquele apito para que saltem das trincheiras, todos têm coração de leão. Quanto a alguns franceses não se barbarem, não pense que por possuírem uniformes mais vistosos e cortes de cabelo alinhados vocês vão ficar a salvo! O que conta no front é a coragem, o tiro rápido e certo e a capacidade de rastejar até uma cratera de granada quando se está ferido, do contrário, você morre.

— Bom, madame, isso nos ensina uma lição — replicou ele, claramente surpreso que uma jovem pudesse falar com tamanha paixão. — Acho então que vamos ficar chocados muito em breve.

— Certamente vão — disse ela. — Só espero que vocês dois voltem novamente para casa. Quase não resta uma mulher na

Inglaterra que não tenha derramado lágrimas sobre o marido, filho ou irmão. Hoje vocês veem os homens mais sortudos indo para casa. Estão mutilados e destruídos, mas pelo menos estão vivos. Todos chegaram aqui tão dispostos quanto vocês, comprando a valente causa em nome do rei e do país. Agora, a maioria reconhece que a guerra é a coisa mais horrenda e cruel que já viram na vida e vai ter pesadelos com isso pelos próximos anos.

— Caramba, Belle! — exclamou David assim que retornaram à ambulância. — Você realmente deu uma bronca neles.

Belle corou.

— Bom, eles precisavam saber. Quem eles pensam que são, como se fossem um presente de Deus?

— Não é do seu feitio ser tão raivosa — disse ele. — Talvez você precise mesmo ir para casa.

Ela só lhe dissera que estava considerando a ideia de ir para casa para demovê-lo de perguntar ainda mais sobre o porquê de ela parecer retraída. No entanto, nos dias que se seguiram, ela deu consigo pensando que talvez essa fosse a solução para seus problemas.

Não parecia certo continuar ali na França, tão perto dos dois homens entre os quais ela estava dividida. Por tudo quanto sabia, eles poderiam até mesmo estar próximos um do outro. Isso era improvável; afinal, ainda que ambos estivessem em Ypres, a linha de frente estendia-se por milhas, com dezenas de milhares de soldados ao longo de sua extensão. Mas isso não importava; eles estavam lá, ela estava ali. E sentiu que devia distanciar-se dos dois.

Era certo que Etienne apareceria ali novamente. Ele não era do tipo que se preocupava em obter permissão, passara a vida inteira contornando regras e vivendo de expedientes. Mas, se Belle não estivesse ali, ela não poderia ser tentada novamente. De volta a casa, na regular normalidade da vida com Mog e Garth, ela seria capaz de pensar direito novamente e pôr de lado essa loucura.

E que loucura. Como ela poderia sequer pensar em largar Jimmy? Ele era o tipo de marido com que todas as mulheres sonhavam. O que ela realmente sabia sobre Etienne? Ele podia ter salvo sua vida em Paris, mas, quando ela o conhecera, ele não passava de um bandido contratado.

À fria luz do dia, parecia-lhe que, quando a guerra acabasse e Jimmy voltasse para casa, ela poderia muito bem achar que ele era, apesar de tudo, o homem que ela queria. Talvez Vera estivesse certa e a aventura com Etienne fosse apenas um momento de loucura provocado pela morte de Miranda.

Mas, se ela ainda quisesse Etienne no final da guerra, então que ao menos fosse capaz de poupar Jimmy da dor de sua infidelidade. Ela diria apenas que descobrira que não o amava mais e iria embora. Ele não precisava ficar ainda mais magoado por saber a verdade.

Nos dias que se seguiram, ela fez seu trabalho com o mesmo cuidado de sempre. No início da noite, continuava a entrar nas alas e ler para os homens que haviam ficado cegos ou a escrever cartas para aqueles que não podiam fazê-lo sozinhos. Mais tarde, ela e Vera sentavam-se e conversavam bebendo uma caneca de chocolate. Belle não queria discutir seu dilema. Vera não era tão puritana como a maioria das inglesas e achava compreensível que Belle se voltasse para um velho amigo enquanto sofria, mas mesmo ela ficaria chocada se ouvisse toda a verdade.

Então, elas falavam sobre pacientes com que haviam se familiarizado, sobre o grupo diversificado que eram os demais motoristas e sobre suas vidas em casa. Belle amava ouvir sobre a Nova Zelândia e Vera tinha o dom de pintar imagens com palavras. Belle quase podia ver a casa dela, uma loja de dupla fachada com tábuas pintadas de branco próxima ao mar, onde os pais dela faziam pão e bolos na padaria localizada atrás. Ela podia imaginar o calor dos fornos, o cheiro do pão assando e o quatinho de Vera no beiral do telhado, com vista para o mar.

— Meus irmãos tinham o quarto dos fundos e às vezes saíam pela janela à noite e desciam pelo telhado da padaria para encontrar seus amigos sem minha mãe e meu pai saberem — disse ela a Belle. — Eles sempre eram pegos, pois no dia seguinte alguém contava para minha mãe que os havia visto. Nunca entendi por que eles faziam isso; nada nunca acontece em Russell, bom, a não ser homens ficando bêbados no pub. Mas eles eram muito jovens naquele tempo para irem até lá.

Seus irmãos, Batata e Tony, estavam em algum lugar na França. Vera recebera deles apenas o cartão-postal padrão, o qual narrara a ela ainda menos do que narravam as cartas de Jimmy para Belle. Vera estava muito contente por eles estarem na engenharia, colocando fios de telefone, escavando túneis e fazendo outros trabalhos que mantinham o exército funcionando. Entretanto, pelo que Belle sabia, tais tarefas podiam ser igualmente perigosas, uma vez que linhas telefônicas iam direto até a linha de frente e lá necessitavam de reparos o tempo todo.

Fazia três semanas desde sua noite com Etienne. Belle tomara a decisão de ir para casa e contou isso a Vera antes de fazer qualquer outra coisa.

— Eu tenho que ir — disse ela. — Sei que não é certo ficar enganando Jimmy, mas se eu ficar aqui, Etienne vai voltar e com ele não consigo confiar em mim mesma.

Vera franziu o rosto.

— Não quero que você vá — disse ela. — Vou sentir tanta saudade sua.

Belle ficou muito emocionada e lembrou-se de quanto se amparara em Vera nas últimas semanas.

— Por que não vem comigo? Eu poderia lhe mostrar Londres, poderíamos arranjar emprego juntas. Mog adoraria recebê-la e eu também.

Vera suspirou e fez uma cara triste.

— Gostaria de poder, mas sem Miranda, e agora sem você, quando o próximo grande assalto começar, eles vão precisar muito de motoristas. Além disso, eu me sentiria mal por não estar aqui para ajudar meus irmãos se eles precisarem de mim. Eles podem pensar que são valentões, mas para mim são apenas meus irmãozinhos.

— Não consigo ver outra saída senão ir para casa — disse Belle com ar triste. — Tudo o que faço é pensar em Etienne. Ele está em minha mente desde o momento em que acordo até eu cair no sono à noite. Tudo aqui me faz lembrar dele. Tenho que tentar salvar meu casamento e tenho uma chance melhor de fazer isso em casa.

Vera assentiu com a cabeça.

— Então você deve ir, Belle. Não sou especialista nessas coisas, nem mesmo já estive apaixonada, então minha opinião é realmente inútil. Mas, do que você contou sobre Jimmy, ele parece um bom homem e você estava feliz com ele antes de Etienne aparecer. Estou certa de que, tão logo esteja em casa, tudo vai se encaixar novamente. Só me prometa que manterá contato. Não quero perder você.

Na manhã seguinte, Belle planejara fazer suas tarefas habituais e depois ir ver o capitão Taylor por volta das 17 horas. Mas, como sempre antes de começar o trabalho pela manhã, foi ver se havia alguma carta para ela, e havia uma de Mog.

A mera visão da escrita familiar no envelope elevou um pouco seu estado de espírito. Ela não havia tido nenhuma resposta sobre a morte de Miranda e, além de querer saber se Mog tinha ido ao funeral, também precisava do conforto de suas palavras maternais.

A carta começou exatamente como ela esperava, dizendo quão chocada e triste Mog estava por saber da morte de Miranda e que todos na vila também estavam horrorizados. Mas então, no exato instante em que ela esperava que Mog sugerisse que ela voltasse para casa, a carta subitamente assumiu um tom muito diferente que fez Belle sentir-se prestes a desmaiar com o choque.

*Se eu não achasse que você pode estar com a intenção de voltar para casa porque perdeu sua amiga, eu não lhe contaria sobre o que aconteceu aqui. Assim, devo lhe contar o que aconteceu para que você fique longe.*

*Aquele tal Blessard vem botando a boca no trombone sobre você. Está por toda a vila. Ele deve ter descoberto que Miranda foi para a França com você, e depois, quando soube da morte, tratou de arranjar uma entrevista com a mãe dela.*

*A morte de Miranda foi noticiada no jornal antes de eu receber sua carta. Foi como qualquer outra notícia, contando como o acidente aconteceu e depois sobre o luto da família e a data e hora do funeral. Claro que fiquei horrorizada por ler isso desse jeito, mas sabia que você escreveria imediatamente e que sua carta contando mais sobre o acontecido chegaria em breve.*

*Então eu fui ao funeral. Havia muitíssimas pessoas lá e eu não tive a oportunidade de falar com a Sra. Forbes-Alton. Mas duas das amigas íntimas dela me lançaram olhares penetrantes que fizeram com que me sentisse muito desconfortável, como se não tivesse o direito de estar lá. Era minha intenção escrever para a família e prestar minhas condolências tão logo tivesse notícias suas.*

*Daí, uns dias depois, no mesmo dia em que recebi sua carta, alguém trouxe ao bar aquele jornaleco em que Blessard escreve e mostrou-o a Garth. Ele havia escrito um artigo sobre o acidente de Miranda e que ela tinha ido para a França com você. Ele citou a mãe dela, que dizia: "Nunca fiquei feliz com essa história de ela partir para tal lugar, mas ela foi convencida a fazê-lo pela Sra. Belle Reilly. Eu não conseguia conceber por que uma mulher casada estaria querendo ir para a França dirigir uma ambulância. Foi tudo muito suspeito".*

*Só isso já era ruim o suficiente, Belle, mas depois ele desenterrou toda a velha história sobre o julgamento de Kent, toda distorcida para fazer você parecer ruim. Daí, finalmente, ele dizia haver evidências de que você continuava trabalhando como "dama da noite" em Paris até voltar para a Inglaterra e casar-se com Jimmy. Ele insinuava, embora não o fizesse com tantas palavras, que foi por isso que você quis voltar para a França.*

*Garth obviamente rasgou o jornal e disse ao homem que o trouxe que isso tudo era pura fantasia. Telefonamos para Noah e ele disse que não podemos processar Blessard e seu jornal por calúnia porque ele*

*não inventou nada, é tudo verdade; tudo o que ele tem feito é contar a história de uma forma que não é favorável a você.*

*Noah disse que devemos manter um silêncio digno e então tudo passará, mas, embora os clientes do bar não pareçam acreditar em uma só palavra disso, tenho sido tratada com frieza pelas mulheres do círculo de costura e não me sinto mais capaz de ir até lá. Mal tenho colocado a cabeça para fora por causa disso. Não suporto pensar nas pessoas estarem cochichando sobre você. Acho que teremos que vender tudo e nos mudar. Mas não podemos fazer isso agora, não em plena guerra, porque em todo lugar as coisas estão escassas, e Garth diz que o fato de irmos fará com que pareçamos culpados. Mas nós dois concordamos que você deve manter-se afastada por ora. Suponho que você possa ir para a casa de Annie. Fui vê-la para lhe contar sobre tudo isso, mas ela foi insensível como sempre, mais preocupada com o próprio negócio do que com você.*

*Oh, Belle querida. É tão horrível ter que lhe dizer isso, e muito injusto também, uma vez que você está longe e não posso abraçá-la e prometer que tudo ficará bem logo. Esse Blessard precisa de um corretivo, mas Garth não pode tocar nele sem que mais problemas batam à nossa porta. Aquele bom policial, o Sr. Broadhead, está do nosso lado; ele já disse a uns dois mexeriqueiros que tudo não passa de lixo vingativo e que deveriam se envergonhar de si mesmos por acreditar nisso. Se ao menos houvesse mais pessoas como ele.*

*Escreva logo e cuide-se. Você e Jimmy estão em nossos corações e pensamentos o tempo todo. Lamento ser a portadora de más notícias quando você já deve estar tão triste. Não consigo arranjar coragem para contar isso a Jimmy, pois ele tem muito com que lidar neste instante.*

*Com amor, Mog.*

Belle sentiu como se um alçapão tivesse se aberto debaixo de seus pés e ela estivesse caindo em um poço escuro. Havia tirado Blessard da cabeça quando deixara a Inglaterra e nem por um momento pensara que ele a incomodaria novamente. Como podia ser tão estúpida? Ele só estava aguardando sua hora e esperando que uma oportunidade se apresentasse. E a Sra. Forbes-Alton havia lhe dado essa oportunidade.

Por pior que fosse que as pessoas estivessem falando dela, era com Mog que ela realmente se preocupava. Ela trabalhara tanto para ganhar respeito na vila e agora estava assustada e desmoralizada. Belle sentiu que isso era uma punição por sua própria má conduta.

De algum modo, ela conseguiu passar o dia sem desmoronar, mas, ao voltar para a choupana aquela noite, Vera a aguardava ansiosamente.

— O capitão Taylor ficou zangado com você? — perguntou.

— Não fui vê-lo. Não vou voltar para casa — disse Belle.

— Por quê? É Jimmy?

Sally e as outras garotas estavam se trocando, e todas se voltaram para olhar para ela.

Belle inclinou a cabeça em direção à porta. Ela mal podia conter as lágrimas e não queria que as outras garotas a vissem desmoronar.

Vera saiu com ela e as duas sentaram-se em um banco perto de uma das alas.

— Bom, vamos lá, me conte — disse Vera impacientemente. — É porque Etienne está vindo vê-la?

— Não, não tem nada a ver com ele — falou Belle. — Mog disse que devo me manter afastada por causa de uma fofoca desagradável sobre mim.

Vera pareceu intrigada e isso fez Belle ver que havia se atrapalhado. Ela devia ter inventado que Mog estava doente, qualquer coisa que não fosse a verdade, pois agora teria que se explicar.

— Eu me envolvi em algo terrível quando era muito jovem — começou ela. — Alguém desenterrou isso e espalhou aos quatro ventos.

Tinha sido bastante fácil contar a Miranda sobre sua vida anterior em decorrência do que elas haviam passado juntas, mas, embora

Vera tivesse viajado todo o caminho desde a Nova Zelândia para trabalhar ali, ela não era exatamente uma conhecedora do mundo. Belle contou-lhe apenas uma versão abreviada da história, mas não conseguiu segurar o choro.

— Não creio que você vá me querer mais como amiga — disse ela aos soluços. — Pensei que tudo isso tivesse ficado para trás e que eu tivesse compensado isso ao trabalhar no hospital lá em meu país e ao vir para cá. Mas estava errada, não? Mulheres desgraçadas não têm conserto; imagino que seja por isso que não pude resistir a Etienne.

Vera colocou os braços ao redor dela e abraçou-a com força.

— Estou chocada — admitiu ela. — Estaria mentindo se dissesse o contrário. Mas o que me surpreende é que você, mesmo passando por tudo isso, de algum modo conseguiu continuar sendo uma pessoa muito boa. E é claro que ainda vou querer você como amiga; tudo o que isso fez foi revelar o mais profundo de você. Uma pessoa fraca teria apenas ficado destruída por dentro e se deixado tornar uma vítima para todo o sempre. Você resistiu e admiro isso.

O sol se punha e estava ficando frio, mas Vera não sugeriu que entrassem, apenas continuou a segurar Belle e deixar que ela chorasse.

— Entendo sobre Etienne agora — disse Vera baixinho. — E outras coisas sobre você que eu sempre quis saber. Quando você chegou com Miranda, pensei que vocês duas fossem parecidas, garotas de boas famílias que queriam experimentar algo fora de seu mundinho de mimos. Sally fez alguns comentários sarcásticos que sugeriam que você não era da alta sociedade. Não sendo inglesa, não identificaria isso imediatamente. Mas o que vi, desde muito cedo, foi que era você quem tinha o coração, a coragem e a iniciativa. Eu gostava de Miranda, mas era você a pessoa que eu realmente queria conhecer. Você me faz lembrar algumas das mulheres que minha mãe conhece, as pioneiras que chegaram à Nova Zelândia e construíram uma boa vida para si apenas à custa de

trabalho árduo e determinação. Você vai ficar bem, Belle. É uma mulher de fibra. O que quer que a vida lhe reserve, você vai lidar com isso.

— É muita gentileza dizer isso. — Belle fungou, aspirando as lágrimas. — Mas graças a meu passado, estraguei a vida de Mog e Garth. E quanto a Jimmy? O que vou fazer com ele?

— Não pode ser responsável pela felicidade de todo mundo — disse Vera. — Minha mãe disse isso alguns anos atrás, quando a irmã dela estava passando por um momento difícil e esperava que minha mãe arrumasse as coisas para ela. Talvez você descubra que Jimmy é o único homem para você, talvez não. Mog e Garth podem achar que precisam se mudar para outro lugar ou tudo isso pode passar. Uma coisa que deveríamos ter aprendido com esta guerra é que não podemos prever nada. É só o destino.

— Você é muito sábia — comentou Belle.

— E também muito friorenta — disse Vera. — Então, vamos ver se tem alguma coisa para comermos na cantina e buscar um chocolate quente.

## Capítulo 19

— **A única coisa boa de estar** realmente ocupada é que não há nenhuma chance de ficar remoendo as coisas — Belle disse a Vera enquanto apressadamente tomavam chá e comiam um sanduíche entre as corridas para a estação.

Era o meio da noite. Os trens hospitalares agora funcionavam à noite por causa do medo de que fossem bombardeados. Os aviões de bombardeiro alemães visavam às estradas de ferro para romper as linhas de serviço e comunicação e não tinham escrúpulos em explodir os doentes e feridos. Desse modo, as ambulâncias agora saíam no escuro, sem luzes, o que tornava ainda mais difícil o trabalho sobre as estradas sinuosas e em más condições.

Mais uma vez, também estava chovendo. As pessoas diziam que era o verão mais frio e chuvoso já registrado, e Belle, que recordava as noites de verão sufocantes em Seven Dials quando criança, bem como o calor úmido de Nova Orleans, não discutiria com elas.

O rosto sardento de Vera irrompeu em riso.

— Trabalho duro pode lhe servir, mas gostaria de um tempo para lavar meu cabelo e escrever cartas para casa — disse ela. — Sei que pareço um espantalho, e minha mãe vai ficar histérica se não receber notícias minhas em breve.

Belle imaginou que estivesse parecida com um espantalho também; havia muito ela parara de preocupar-se com a aparência.

— Não sei mais o que dizer nas cartas — suspirou ela. — Não dou conta de escrever que está chovendo novamente e que atravessamos poças para chegar até nossa ambulância. Eu disse tudo isso muitas vezes antes. A comida aqui é ruim como sempre foi, nunca conseguimos uns dias de folga, e isso também é tão tedioso quanto água parada. A única diferença com os feridos agora

é que há mais lama neles. Poderiam gostar de saber lá em casa que o número de mortos em Ypres não é tão alto como no Somme, mas não tenho coragem sequer de pensar em homens afogando-se em crateras de granada, imagine escrever sobre eles.

A terceira batalha de Ypres começara em 31 de julho, precedida por um bombardeio de 15 dias em que 4 milhões de granadas foram atiradas. O ruído das armas fora tão estrondoso que se afirmava que pôde ser ouvido na Inglaterra, e do hospital parecia que elas estavam sendo atiradas a apenas umas milhas de distância.

Chegaram notícias de que, na manhã do dia 31, o tempo estava seco, embora o terreno estivesse revolvido e esburacado por dois anos de bombardeio. Ao que constava, a infantaria, com quase uma centena e meia de tanques, fizera bons progressos em direção ao planalto Gheluvelt, a sudeste de Ypres. Considerava-se importante conquistar esse terreno dos alemães porque sua ligeira elevação fornecia boa visão de toda a planície circundante.

Durante a tarde, porém, os alemães contra-atacaram com fogo tão cerrado que as tropas de frente da BEF<sup>[27]</sup> tiveram que debandar e, além disso, houve uma chuva torrencial repentina que deu ao solo já encharcado a consistência de um mingau. Mais divisões continuaram o assalto, mas choveu densamente pelos três dias seguintes. Linhas de comunicação foram rompidas, homens se afogaram em crateras de granadas, tanques afundaram na lama, cavalos e mulas chafurdavam e, nesse ponto, o general Haig deu um fim à ofensiva.

Estimou-se que o total de baixas, incluindo os soldados franceses, estivesse em torno de 35 mil e avaliou-se que os alemães haviam sofrido um número semelhante.

A primeira onda de feridos chegou em 1º de agosto, e a cada dia desde então os números haviam subido gradualmente. Belle não podia ter certeza se Jimmy e Etienne ainda estavam vivos, assim como Vera não sabia sobre seus irmãos. Elas tinham que se convencer de que nenhuma notícia era em si uma boa notícia.

Mas as histórias que os feridos contavam sobre as condições em Ypres eram tema de pesadelos. Esses feridos eram os afortunados que tinham conseguido ficar fora das crateras de granada alagadas até serem pegos pelos maqueiros. Alguns dos gravemente feridos contaram como haviam tentado tirar um amigo da lama só para vê-lo escorregar mais fundo nela e desaparecer.

Embora Belle, Vera e os demais motoristas não tivessem real compreensão do panorama geral e de qual era o plano de batalha de Haig, esse episódio parecia ser tão inútil quanto a batalha do Somme: enormes baixas para conquistar alguns metros de terreno, apenas para perdê-los mais tarde em um contra-ataque alemão.

Nos hospitais de campanha e nos trens hospitalares, as enfermeiras haviam feito grandes esforços para limpar a lama dos feridos e fazê-los vestir *hospital blues*, mas mesmo assim muitos homens ainda estavam enlameados na chegada à estação de trem. Era por isso que Belle e Vera não tinham tempo para lavar o próprio cabelo ou escrever cartas, pois, assim que levavam o último dos feridos ao hospital, elas iam até as alas para ajudar lá também. As alas regulares estavam lotadas e dezenas de grandes tendas haviam sido erguidas para o excedente. Muitos médicos e enfermeiras haviam ficado de plantão por 48 horas seguidas.

— O capitão Taylor quer que nós duas levemos os homens com bilhete Blighty para Calais amanhã — disse Vera enquanto engolia o sanduíche. — Acho que significa que há números ainda maiores chegando nos trens.

— Bom, suponho que sejamos as últimas a saber. Mas é melhor voltarmos para a estação agora. Não há paz para os pecadores.

— Você não tem mencionado ultimamente “você sabe quem” — comentou Vera enquanto voltavam para as ambulâncias.

— Tente não pensar nele — replicou Belle. — Mas não estou tendo muito sucesso.

Vera pôs a mão no braço de Belle e apertou-o. Era sua maneira de dizer que se condoía.

— Vamos comprar uma garrafa de alguma coisa em Calais amanhã e ficar totalmente bêbadas quando voltarmos. Isso pode tirar de nossa mente as pessoas que amamos, por uma ou duas horas.

Belle pensava na sugestão de Vera enquanto dirigia para a estação. David estava meio adormecido; como muitos deles, ele também estava ajudando nas alas durante o dia. Todos no hospital estavam esgotados, não só por causa das longas horas de trabalho, mas pelo horror incessante que viam diariamente e para o qual não havia fim à vista. Ela e Vera não eram as únicas a ter no front pessoas de quem gostavam; quase todos tinham lá alguém com quem se preocupavam. E ainda havia as famílias em casa, lutando contra a escassez de alimentos, sendo bombardeadas, lidando com a ansiedade por aqueles que estavam na França e perguntando-se se a vida algum dia voltaria a ser como antes da guerra.

As cartas de Mog tornaram-se muito diferentes desde os comentários de Blessard sobre Belle na imprensa. Não havia mais nenhum boato nelas; em vez disso, ela escrevia sobre fazer geleia e compota de fruta ou sair com Garth para o campo em um domingo. Ela tentava arduamente parecer alegre, mas era bastante evidente que havia se fechado em si mesma.

A culpa corroía Belle por causa de seu passado, que lançara tal nuvem sobre Mog, e por sua infidelidade a Jimmy. Ele escrevia tantas vezes quanto podia, mas havia cansaço em suas cartas também. Quanto às de Etienne, seu inabalável otimismo de que um dia poderiam ser felizes juntos era muitas vezes assustador, pois Belle sabia que qualquer felicidade com ele só causaria sofrimento aos outros. Ela dissera em todas as cartas que mandara a ele que isso nunca seria tão simples como ele acreditava que fosse. Tudo o que ele dizia em resposta era que estava disposto a esperar, por mais que demorasse.

Isso fez Belle sentir como se estivesse sempre esperando. Esperando em uma fila de ambulâncias para serem carregadas, esperando por cartas, por uma guerra que parecia interminável e

pelo raiar de uma manhã em que ela não acordasse desejando Etienne tanto que doía.

De manhã bem cedo, quando Etienne se sentou para limpar sua arma, protegendo-se da chuva em um bivaque improvisado, chegou até ele o som de vozes inglesas. Era a primeira batalha na qual seu regimento estaria lutando ao lado dos Tommies. Ele tinha o maior respeito pela capacidade de os ingleses suportarem tudo o que era lançado contra eles; lutavam obstinada e bravamente e mostravam muito menos sinais da apatia e do cansaço que afetavam tantos franceses.

Ele pensara ter avistado Jimmy Reilly na noite passada, carregando uma maca até um posto de socorro, mas dissera a si mesmo que sua mente estava lhe pregando peças, pois deveriam existir muitos homens altos e ruivos daquele tipo. A ideia, porém, persistiu, e ele deu consigo apurando os ouvidos na tentativa de ouvir o que os ingleses diziam.

As palavras ocasionais que entendeu não significaram nada para ele, apenas brincadeira entre soldados, e ele perguntou a si mesmo que benefício adviria de saber que Jimmy estava por perto. A resposta a isso foi que se trataria de uma distração de que ele não precisava. Belle já era distração suficiente; pensamentos sobre ela seguiam-no constantemente e, se ele fechasse os olhos apenas por um segundo, veria seus cachos negros emoldurando o adorável rosto, os olhos azul-claros sorrindo para ele e os lábios carnudos e macios esperando por um beijo.

Havia momentos em que ele lamentava tê-la procurado no hospital; se não o tivesse feito aquela única noite, ela não estaria consumida pela culpa agora. Odiava-se por colocá-la em uma posição tão impossível, mas desejava-a tanto que se sentia compelido a manter pressão sobre ela.

Ele levantou-se, colocou a capa impermeável ao redor dos ombros e examinou o ambiente ao redor. Lama grossa e viscosa cercava todas as barracas alagadas. O sofrimento refletia-se em

cada rosto enquanto os homens tragavam um cigarro, tentavam fazer a barba, bebiam café morno, escreviam uma carta ou limpavam uma arma. Haviam quase esquecido como era estar limpos e secos, comer uma refeição quente à mesa e dormir em uma cama quentinha. Etienne e todos esses homens estariam avançando mais tarde no mesmo dia, saindo para aquela infernal Terra de Ninguém, onde as armas pesadas mandariam aos ares os corpos de ambos os lados que tinham afundado na lama em assaltos anteriores. O fedor da morte, o bombardeio ensurdecido de tiros e o medo de que hoje pudesse ser seu último dia: essa era a sina do soldado.

Em seus 20 anos, Etienne sempre apreciava uma briga. Mas enfiar o punho no rosto ou barriga de um homem com quem se tinha uma rixa era uma coisa; aqui, era matar ou morrer. Ele agora vira de perto alemães suficientes para saber que eram apenas garotos, como os homens abaixo dele. Não havia satisfação alguma em ver um homem gritar de agonia quando uma bala o acertava em cheio. Nas ocasiões em que haviam alcançado uma casamata alemã e ficado diante de garotos apavorados gritando "nicht schiessen", [28] ele sentira o estômago embrulhar. Quantos dos soldados ali revisitariam mentalmente essas imagens grotescas repetidas vezes após a guerra acabar?

Às 14 horas soou o apito, e Etienne e seu pelotão saltaram da trincheira para a Terra de Ninguém, protegidos em certa medida pelas armas pesadas atrás deles, disparando sobre sua cabeça nas linhas inimigas adiante. Foi tortuoso desde o princípio. A mochila nas costas de cada um pesava cerca de 40 quilos, alguns homens tinham uma pá nas costas também e o peso extra fazia-os afundar na lama até os joelhos. Cada passo exigia grande esforço para que se tirasse o pé que estava sendo sugado pela lama, e a chuva violenta tornava impossível ver além do que poucos metros à frente. Etienne sabia que deveria haver dez homens para cada metro de front e, em teoria, após um bombardeio tão prolongado, se eles fossem capazes

de atravessar direto até as linhas inimigas, seus números seriam suficientes para tomar e manter essa posição.

Mas a teoria não levava em conta que a distância de uma milha se tornava quatro ou cinco quando os homens tinham que fazer o percurso contornando as crateras cheias de água. O bombardeio então começou antes que tivessem adentrado 30 metros. Não havia nenhum lugar para se abrigarem, nem uma árvore ou edifício foi deixado nesse lugar esquecido, apenas o casual tronco de árvore seca, despojado de casca e folhas, permanecendo como um monumento à devastação.

Quando as granadas atingiam a lama, salpicavam o ar com quase dez metros de água barrenta como gêiseres enormes, tornando ainda pior a visibilidade. Era praticamente impossível manter a orientação; ele pôde ver, entre seus homens, Tommies que haviam se desgarrado demais, certamente da mesma forma que muitos franceses se achavam entre os Tommies.

Etienne fez uma pausa para sinalizar aos que ficavam para trás que persistissem, e esperava, enquanto eles se debatiam na lama, que tivessem prestado atenção à sua última ordem, que fora para se certificarem de manter os fósforos secos. Alguns dos recrutas mais novos pareceram perplexos ante essa ordem, mas descobririam a razão dela mais tarde. A única coisa pior do que estar preso e ferido em uma cratera de granada era dar consigo ali incapaz de acender um cigarro.

Ao olhar para trás em busca de seus homens, o número de Tommies vindo em direção a Etienne fez com que este percebesse que, no momento em que todos chegassem às linhas alemãs, os dois exércitos estariam misturados. Outra granada explodiu e ele viu dois de seus homens sendo lançados ao ar e desmembrados antes que caíssem em um buraco ensopado no chão. Então, mais uma granada explodiu e um Tommy morreu da mesma forma.

Não mais inteiramente certo de que se mantinha em linha reta, mas capaz de ver através da chuva que dois alemães guarnecendo

um canhão *howitzer* alvejavam homens um a um como peixes em um tanque, ele parou momentaneamente para atirar neles. Teve alguns segundos de sinistra satisfação ao vê-los cair para a frente sobre a arma. Em seguida, olhando novamente ao redor, não mais pôde ver nenhum de seus homens atrás de si, apenas Tommies caminhando penosa e determinadamente rumo às linhas alemãs.

Etienne havia sobrevivido ao horror de Verdun e estado também nas fases posteriores do Somme, e fora por causa do que citaram na época como "bravura notável", em resgate a seu capitão ferido, que ele fora promovido a sargento. No entanto, por mais horríveis que aquelas batalhas houvessem sido, ele tinha para si que essa era muito pior. A combinação de terreno escorregadio e encharcado, chuvas torrenciais e buracos de granada infernais, cheios de água fedorenta, não raro com corpos dentro também, dificultava qualquer avanço real. Vendo-se sozinho com granadas explodindo por toda a sua volta, ele parou no abrigo de um tanque meio submerso, esperando que seu pelotão o alcançasse e eles pudessem continuar juntos. Ele disparava sua arma enquanto esperava, alvejando alemães que atiravam incessantemente nos homens que corriam na direção deles. Uma bala perdida o pegou no antebraço, mas ele continuou atirando até que ou os tivesse matado ou eles tivessem se abaixado para se esconder.

Um Tommy passou correndo, tão próximo dele que Etienne teve que parar de atirar para não o acertar. O soldado escorregava na lama, então, caiu, e quando o fez, o capacete lhe saiu da cabeça, revelando cabelos ruivos.

O instinto disse a Etienne que esse era o mesmo homem que ele tinha visto na noite passada e achado que era Jimmy. Enquanto o encarava, considerando ir em seu auxílio, uma granada explodiu no espaço de terra entre eles.

Por um momento, Etienne achou que fora cegado pela explosão, pois não conseguia ver nada. Mas, embora pudesse sentir a ferida no braço, não havia dor alguma em seu rosto. Ele tocou-o cuidadosamente e percebeu que estava apenas coberto de lama

grossa lançada em decorrência da granada. Ele tateou para achar o cantil de água na mochila e espirrou-a nos olhos. Para seu grande alívio, conseguiu enxergar novamente.

Mas o homem ruivo não havia se saído tão bem. Ele se contorcia à beira de uma cratera de granada, com a perna e o braço esquerdos uma polpa sangrenta. Ao tentar se mover, Etienne viu seu rosto. Era Jimmy Reilly.

Muitas noites esse homem penetrara sorrateiramente em seus sonhos. Era sempre o mesmo: Jimmy de um lado dele, Belle do outro. Ele passava de um rosto suplicante para o outro e não sabia o que fazer. Tentava correr deles apenas para descobrir que não conseguia se mover.

O sonho parecia profético agora. E, assim como no sonho, ele não sabia o que fazer.

Ele tinha gostado de Jimmy quando o conhecera em Verdun, e seu instinto era correr e ajudá-lo. Mas então Belle cruzava sua mente, e ele sabia que essa podia ser a solução ao dilema dela. Deixado ali, o homem morreria por perda de sangue; talvez outra granada o liquidasse antes disso. Nada nem ninguém se colocaria entre eles.

Mas, enquanto ele observava, Jimmy deslizou pela borda da cratera e caiu na água fétida. Sua mão estava erguida, com os dedos movendo-se enquanto ele tentava desesperadamente encontrar algo a que se agarrar.

Havia algo a respeito da mão que sensibilizou Etienne. Ele a havia apertado naquele dia perto de Verdun. Não podia deixar um homem se afogar na sua frente, especialmente um de quem ele gostava.

Mais uma granada explodiu nas proximidades, e Etienne saiu correndo de trás de seu abrigo e agarrou a mão do homem, puxando-o do buraco. O rosto de Jimmy estava coberto de lama, e ele estava tão envolto em sua dor que não pareceu perceber que havia mais alguém perto. Etienne olhou ao redor. Parecia que a

última das tropas havia avançado; não havia sinal de nenhum de seus homens. Havia muitos outros, tanto ingleses quanto franceses, jazendo mortos ou feridos, mas por ora o bombardeio ainda era pesado demais para os maqueiros virem e levarem os feridos embora.

Uma das regras do exército era que não se permitia a nenhum soldado desligar-se de um assalto para resgatar outro homem; deveriam seguir em frente até a linha germânica e fazer seu trabalho. Jimmy agora não se afogaria, mas poderia ser atingido por outra granada.

Etienne estava dividido. Como sargento, seu dever era encontrar seus homens e conduzi-los em frente, mas a imagem do sofrimento de Belle era forte demais para que ele abandonasse Jimmy. Podia imaginar seus olhos cheios de lágrimas, e ele sabia que, ainda que isso significasse que o caminho estaria livre para tê-la para si, simplesmente não poderia carregar na consciência o fato de que havia deixado o marido dela ali para morrer.

Freneticamente esquadrinhando todas as direções em busca de um maqueiro a quem pudesse sinalizar para que viesse, mas não avistando nenhum, ele ajoelhou-se ao lado de Jimmy e limpou o grosso da lama de seu rosto.

— Estou com você, Jimmy — disse ele. — Você está muito ferido, mas acho que consigo levá-lo de volta à linha de frente.

Jimmy ergueu o olhar para ele, com os olhos fulvos cheios de dor.

— Você não pode me ajudar — resmungou ele. — Vai se meter em encrenca e eu, de qualquer jeito, não vou conseguir sair dessa.

— Deixe que eu decida isso — disse Etienne. — Vai doer de ver estrelas quando eu o carregar, mas não posso deixá-lo aqui.

Etienne depositou a mochila no chão, depois içou Jimmy em posição vertical até ele ficar de pé sobre a perna boa. Ele estava prestes a desmaiar, então Etienne colocou o ombro contra a barriga

do homem e deixou-o tombar para a frente, caindo sobre seus ombros. Ele conseguiu pegar o fuzil enquanto se endireitava e, então, partiu de volta para a linha de frente.

Fora difícil o bastante conseguir adentrar tanto a Terra de Ninguém sozinho, mas curvado com um peso morto nas costas, caminhando pela lama grossa, com granadas explodindo por toda a sua volta, era quase impossível. Mas penosamente ele seguia, com cada músculo e tendão doendo do esforço. A certa altura, quando quase caiu de lado dentro de uma cratera cheia de água, ele se perguntou por que estava fazendo isso.

A algumas centenas de metros da linha, maqueiros franceses apareceram.

— Você vai ficar bem agora, Jimmy — disse ele enquanto se aproximavam. — Vou deixá-lo agora. Tenho que voltar e me juntar a meus homens.

Os maqueiros desceram Jimmy pelas costas e deitaram-no na maca.

— *Prenez soin de lui bien. Son nom est James Reilly*<sup>[29]</sup> — disse ele.

Quando os maqueiros alcançaram a linha e outros homens se aproximaram para ajudar, eles se viraram para olhar para o salvador do soldado inglês. Perceberam que estava ferido também, pois tinha um corte na manga de sua túnica e sangue fresco escorria-lhe pela mão. Mas ele corria a toda velocidade, pulando crateras de granada e contornando obstáculos rumo à linha alemã. Eles balançaram a cabeça, espantados.

— *Il doit être fou*<sup>[30]</sup> — disse um deles.

— Como se chamava o homem que me trouxe de volta? — perguntou Jimmy algum tempo depois, após terem-lhe dado morfina para amenizar a dor. Ele só conseguia se lembrar de fragmentos do

que acontecera mais cedo. Mas sentia conhecer o rosto do homem e que ele o havia chamado de Jimmy.

— *Je suis française* — respondeu a enfermeira, encolhendo os ombros como se desse o assunto por encerrado.

— Ele era francês — disse Jimmy. O homem podia ter falado com ele em inglês, mas Jimmy percebera que ele usava o uniforme azul francês. Seria difícil demais qualquer nova tentativa de fazer a enfermeira entendê-lo, pois a mente dele estava ficando nublada.

Transferiram-no novamente mais tarde. Ele ouviu alguém dizer “Hôpital de Campagne”, que soou como “hospital de campanha”.

A dor voltou em decorrência de sulcos na estrada enquanto ele era levado em uma ambulância com outros homens, e ele teve a intenção de perguntar sobre seus ferimentos, mas deram-lhe outra injeção antes que pudesse fazer isso. Então, sentiu-se sonolento demais para se preocupar.

Era dia quando Jimmy acordou novamente, e ele estava em um lugar que parecia um celeiro com paredes de pedra bruta. À luz que chegava através de duas janelinhas, ele viu que havia talvez outros 20 ou mais homens ali dentro com ele.

Estava com sede e tentou sentar-se reto, mas, para seu horror, o braço esquerdo não estava lá; havia apenas um coto fortemente enfaixado acima de onde estivera o cotovelo. Uma enfermeira viu-o tentando se mexer e foi até ele, colocando o dedo contra os lábios para dizer-lhe que ficasse quieto. Ela ajudou-o a sentar-se e beber um pouco de água, e foi só quando olhou para a cama que ele viu apenas um amontoado em vez de dois debaixo das cobertas.

— Amputaram minha perna e meu braço? — perguntou ele bruscamente, apontando para o próprio corpo.

Ela assentiu com a cabeça e deu-lhe um tapinha na mão que restara.

Ele deitou-se novamente depois da bebida, fechou os olhos e tentou dizer a si mesmo que isso era apenas um pesadelo. Sentia como se a perna e o braço ainda estivessem ali e podia até mesmo mexer os dedos do pé e da mão. Mas, quando deslizou a mão por baixo das cobertas, havia apenas uma perna, do lado direito. E não conseguiu mover o braço esquerdo também.

Segurando as lágrimas, ficou ali ouvindo os lamentos e gemidos fracos dos demais feridos. Não havia tiros; se era um cessar-fogo ou se o haviam recuado para muito atrás das linhas, ele não fazia ideia. Pôde ouvir a chuva pingando lá fora. Parecia estar chovendo havia semanas. Ele agora receberia um bilhete Blighty, mas como poderia ir para casa assim, aleijado?

Ele seria inútil para seu tio no bar. Sem um braço ou mesmo sem uma perna, ele poderia ter sido capaz de adaptar-se, mas, sem os dois, que chance havia para ele? E o que dizer de Belle? Ela ainda o queria assim?

## Capítulo 20

**Belle e David lavavam** a ambulância ao fim do dia quando o capitão Taylor veio na direção deles.

— Reilly! — gritou ele. — Venha até meu escritório quando tiver terminado com isso.

Belle olhou para David quando o oficial se retirou.

— O que eu fiz agora? — perguntou ela.

— Talvez ele vá lhe dar uma licença — sugeriu David.

— Não creio nisso, pois há muitas outras pessoas aqui há mais tempo do que eu — disse ela. — Além disso, precisam de todo mundo agora.

— Bom, então é melhor ir lá descobrir o que ele quer. Eu termino aqui.

Belle correu até o escritório, tirando o macacão e a boina no caminho. Pela porta aberta, pôde ver o capitão sentado à mesa, mas ela hesitou, sem saber se era certo simplesmente ir entrando.

Felizmente, ele voltou o olhar para ela.

— Entre e sente-se, por favor — disse ele. — É melhor fechar a porta.

Ele não soou zangado, mas parecia afobado enquanto endireitava seu bloco de mata-borrão, recolocava a tampa sobre o frasco de tinta e ajustava o colarinho.

— Não vou fazer rodeios — disse ele finalmente. — Sinto muito, mas são más notícias. Recebi uma ligação mais cedo dizendo que seu marido foi ferido dias atrás em Ypres.

Belle arfou e ficou pálida. Era a última coisa que ela esperava.

— Ele está muito ferido? — perguntou ela.

— Infelizmente ele perdeu um braço e uma perna. — Solidário, o capitão abrandou a voz e inclinou-se para mais perto dela.

Os olhos de Belle encheram-se de lágrimas. Ela devia ter visto uma centena ou mais de homens com ferimentos assim e sentia muito por todos eles. Mas esse era seu Jimmy, não apenas um estranho de passagem.

— Sinto muitíssimo, Reilly. Dar esse tipo de notícia nunca é fácil, mas a um membro de minha equipe é ainda pior — continuou ele. — Além do mais, devo avisá-la de que daqui a um ou dois dias você vai receber uma carta informando que seu marido se encontra desaparecido, dado como morto. Você deve ignorá-la, pois foi enviada antes que soubessem que ele estava no hospital.

Belle apenas olhou para ele, sem saber o que dizer.

— Veja, soube-se que ele foi resgatado por um soldado francês durante um assalto — explicou o capitão. — Ele levou seu marido nas costas de volta às linhas francesas, quase certamente salvando a vida dele. Mas o hospital de campanha francês ao qual ele foi levado não passou imediatamente a informação de que ele estava com eles. Daí a confusão toda. Mas hoje mais cedo, quando se soube o que havia acontecido, o CO me telefonou para explicar tudo e pedir que preparasse você.

— Um francês o resgatou? — Belle enxugou os olhos com um lenço.

— Sim. De fato, é estranho, pois os franceses são conhecidos pela bravura no campo de batalha, não por resgatar nossos homens tombados. O regimento de seu marido estava próximo da linha francesa, e disseram-me que na confusão da batalha isso é bastante comum, já que os homens se desgarram e acabam indo parar no trecho de outro regimento.

— Então, meu marido vai ser trazido para cá?

— Acho que sim, mas isso não é certo. Claro que pedi que fosse.

— Obrigada por isso. — Belle levantou-se. Ela queria escapar do capitão Taylor antes de desmoronar por completo.

— Quando ele chegar aqui, vou dizer a você em que ala foi colocado. Sinto muito mesmo, Sra. Reilly.

Taylor era frio e formal por natureza, mas só o jeito como se dirigiu a ela, como “Sra. Reilly”, em vez do mero e simples Reilly, era prova de que ele realmente lamentava por ela e desejava transmitir sua solidariedade.

— Obrigada, senhor — disse ela, deixando o escritório.

Uma vez lá fora, Belle sentiu-se completamente atordoada. Quando Jimmy se alistara, ela preocupara-se o tempo todo com ele, mas, depois que ele fora ferido no Somme, ela supunha haver adotado a visão dele de que nada mais lhe aconteceria. Além disso, até onde sabia, ele não tinha estado no front desde então. Simplesmente não parecia possível que tivesse perdido uma perna e um braço; era horrível demais para imaginar.

Atordoada e sentindo-se muito fraca com o choque, ela desceu a esmo uma passagem entre duas alas em direção à cerca do hospital.

A vida de Jimmy no exército agora estava acabada, mas não era assim que deveria terminar. Em muitas de suas cartas, os dois haviam escrito o que poderia vir a seguir. Havia o plano cor-de-rosa de uma casa de hóspedes à beira-mar, e Jimmy frequentemente mencionava outros lugares na Inglaterra que ele gostaria de ver — Lake District, Norfolk Broads e Devon —, geralmente porque havia conhecido alguém de um desses lugares.

Eles não poderiam fazer nenhuma dessas coisas agora. Assim que estivesse apto para viajar, seria enviado de volta à Inglaterra, e ela supunha que iria com ele. Ela não podia sequer começar a imaginar como seria voltar a viver no Railway; ele nunca seria capaz de dar conta das escadas, muito menos trabalhar no pub novamente. No Herbert, ela podia ter enfaixado feridos, banhado e alimentado pacientes e lhes passado o urinol, mas nunca fora a única responsável por uma pessoa sem dois membros.

Ela desejava tanto que algo acontecesse que viesse a resolver seu dilema sobre com quem deveria ficar depois da guerra, se com Jimmy ou Etienne. O dilema estava agora resolvido, claro, pois ela certamente não poderia sequer pensar em deixar Jimmy com ferimentos tão graves. Mas o destino fora tão cruel; por que tinha que ser assim? Jimmy não fizera nada para merecer destino tão catastrófico, ou era esse o castigo definitivo pela infidelidade dela?

Já era ruim o suficiente ela ter que voltar para casa e enfrentar as fofocas sobre ela; estava convencida de que a Sra. Forbes-Alton continuara a espalhar seu veneno. Agora, além disso, ela teria que cuidar de Jimmy e viver com todos os problemas que isso acarretaria, bem como com sua enorme carga de culpa.

Mas sabia que não era o momento de pensar em si mesma. Jimmy era seu marido, ela prometera diante de Deus que o amaria na doença e na saúde. Precisava lembrar também que ele nunca desistira de encontrá-la quando ela fora arrebatada das ruas de Seven Dials. Ela devia compensar o adultério permanecendo ao lado dele, amando-o e protegendo-o.

Começou a chover novamente, e ao longe ela pôde ouvir o estrondo de armas pesadas, outro lembrete do que Jimmy havia passado. Seus pensamentos voltaram-se para todos os feridos que ela vira cobertos de lama, com os olhos assombrados refletindo a natureza hedionda da guerra, e suas lágrimas por Jimmy verteram.

Quando finalmente voltou para dentro, ensopada até os ossos, todas as garotas na choupana mostraram-se cheias de compaixão por ela. Mesmo os olhos de Sally se encheram de lágrimas quando Belle lhes contou sua angustiante notícia. Mas foi Vera quem assumiu o controle, tirou as roupas úmidas de Belle e ajudou-a a vestir a camisola, depois a abraçou com força e deixou-a chorar.

— Com o tempo, ele vai ser capaz de se locomover — disse ela em tom confortador. — Ele pode arranjar uma perna artificial adaptada. Já vi pessoas se virando muito bem com elas. Você disse que ele é um homem paciente, e isso é tudo do que precisa.

Sally trouxe-lhe uma caneca de chá e uma fatia do bolo que recebera de casa.

— Meu avô perdeu uma perna na Guerra da Crimeia — disse ela. — Ele arranhou uma feita de madeira e conseguia se locomover tão rápido quanto eu. Mas fazem pernas realmente boas hoje em dia e, enquanto Jimmy estiver convalescendo, vão ensiná-lo a usar muletas e todos os tipos de coisas para ajudá-lo a cuidar de si mesmo.

Belle não observou que Jimmy não seria capaz de usar muletas com apenas um braço; não podia fazer isso quando todas estavam sendo tão gentis e bem-intencionadas.

Nas primeiras horas da manhã, sem conseguir dormir, Belle escreveu uma carta final a Etienne. Contou-lhe sobre Jimmy e disse saber que ele entenderia que isso havia mudado tudo e que o dever dela era ficar com o marido.

Havia tantas coisas mais que ela queria dizer a ele, que sentia como se seu coração tivesse sido partido ao meio, que ela guardaria na mente uma imagem dele até o dia de sua morte, mas sabia que não era direito dizer tais coisas. Assim, em vez disso, terminou dizendo esperar que ele ficasse a salvo e desejou-lhe felicidades e boa sorte quando a guerra acabasse.

Foi uma semana depois que Jimmy chegou no trem hospitalar. Sally foi a motorista que o pegou na estação e ela transmitiu a mensagem a Belle durante a tarde, quando se cruzaram na estrada.

— Ele parecia alegre e sem muita dor — gritou ela da janela. — Mal pode esperar para ver você, claro. Eu o levei para a Ala K.

Belle correu para a Ala K tão logo terminou o trabalho da noite, sem tomar banho nem se trocar primeiro. Ela precisava superar isso, pois estava com medo. Ela podia ter visto antes inúmeros homens com lesões monstruosas, mas essa era diferente; era seu Jimmy.

— Ele está ali no canto. — Irmã Swales acenou com a mão para o final da ala. — Mas já vou avisá-la: ele está muito deprimido.

Irmã Swales não era a enfermeira favorita de Belle. Nos seus 40 anos, ela era corpulenta, com pelos a brotar do queixo, e tratava todas as VADs e a equipe auxiliar com desdém. Belle só havia ajudado uma vez em sua ala, e ela fora tão desdenhosa que Belle jurara nunca mais voltar. Ela ainda temia trazer novos pacientes para a ala da Irmã Swales, visto que era invariavelmente rude. Mas outras enfermeiras e médicos veteranos diziam que ela era uma das melhores irmãs de todo o hospital.

— A senhora sabe se existe alguma razão para ele estar deprimido? — perguntou Belle.

A irmã olhou com arrogância para Belle.

— Se você tivesse perdido dois membros, estou certa de que não estaria feliz — disse ela.

— É claro que não. — Belle conteve a irritação, já que precisava da aprovação da mulher. — O que eu quis dizer foi que meu marido é geralmente um homem muito alegre e estoico, e imaginei se haveria uma razão médica para o estado dele.

— Absolutamente nenhuma — disse ela. — Talvez ele diga a você o que o está perturbando. Mas não se demore muito, pois ele precisa descansar.

Jimmy estava deitado na cama do canto, encarando o teto. Ele não virou a cabeça quando Belle se aproximou. Tinha o braço direito na manga do pijama hospitalar, que estava abotoado até em cima, com o coto enfaixado da esquerda dentro da camisa. Havia uma gaiola debaixo das cobertas para proteger o coto da perna, e via-se uma cicatriz ainda lívida em sua face esquerda.

— Meu querido — disse ela, com a voz embargada pela emoção. — Eu não sei o que dizer. Isso é tão horrível, e eu lamento muito.

Ele virou-se para olhar para ela e tentou um sorriso.

— Não há motivo para você lamentar, é a loteria da guerra. Mas sou inútil para você agora. Teria sido melhor se tivesse morrido por causa dos ferimentos.

— Não diga isso — disse ela em tom de censura, curvando-se para beijá-lo. — Eu o amo e preciso de você, e só posso estar feliz que esteja vivo. É um choque terrível para você e não é de admirar que se sintá assim, mas ainda é cedo.

— O que quer dizer com “cedo”? Acha que vou fazer brotar uma perna nova?

Seu sarcasmo foi doloroso, mas ela sabia que o que dissera devia ter soado banal. Mas não conseguia pensar em nada para dizer que expressasse o que ela pensava e pudesse acalmá-lo. O que alguém pode dizer a um ente querido que perdeu dois membros?

— É claro que não. Ah, Jimmy, não consigo encontrar as palavras certas — disse ela em desespero. — É horróroso, terrível, mas sei que vamos nos acostumar com isso em seu devido tempo. Lembre-se: vejo homens feridos o tempo todo. É surpreendente como alguns deles aprendem a se virar.

— Me poupe da conversa para me animar — disse ele secamente, virando a cabeça.

— Agora, olhe aqui, Jimmy Reilly — disse ela com firmeza. — Aconteceu, não podemos mudar isso, então nós dois temos que aprender a viver com isso. Não se volte contra mim. Eu não fiz você se alistar.

Ele não respondeu, apenas olhou fixamente para o teto.

— Se você não vai falar comigo e me contar tudo o que aconteceu, então só me resta ir embora — disse ela depois de um tempo. — Estou trabalhando desde as 7 horas da manhã e não como nada desde o meio-dia.

Ele suspirou.

— Sinto muito, querida — disse ele em voz baixa. — Sempre achei que fosse um dos sortudos que voltariam intactos para casa. Eu nem estava assustado aquele dia. Saí correndo e pensando: “É só acabar com isso e amanhã vou estar de volta atrás das linhas, são e

salvo". Daí, bum, uma granada explodiu. A força dela me tirou do chão.

Ela estendeu a mão e acariciou-lhe a face.

— O capitão Taylor disse que um francês resgatou você — disse ela.

— Foi, sim. Ele me pegou nas costas e me carregou. Estranho, pude jurar que ele me chamou pelo nome, mas talvez tenha imaginado isso por estar com uma dor lascada.

— Você não o conhecia, então? — perguntou ela.

— Não. Pelo menos, acho que não. Foi tudo muito confuso, não consigo imaginar por que ele me apanhou, pois temos que continuar em frente no ataque. E eu já tinha visto alguns sapos atingidos e deitados na lama. Eu estava me perguntando, hoje, por que ele me ajudou e não um dos dele.

— Bom, fico muito feliz por ele ter ajudado — disse ela, beijando-lhe a face. — Você tem que se fortalecer e então podemos ir para casa.

— Nada nunca mais vai ser como antes — disse ele, e sua voz falhou e lágrimas brotaram-lhe dos olhos. — Nem mesmo vou ser capaz de andar em uma cadeira de rodas, já que perdi um braço também. Estou perdido agora, Belle.

— Não está. Seu braço direito está bom e, dependendo de onde amputaram o esquerdo, depois de um tempo você pode ser capaz de circular por aí de muletas. Sua mente, olhos, ouvidos, voz, todos funcionam, e seus órgãos internos estão todos ótimos. Já vi homens em estado muito pior que o seu.

— Mas quanto tempo vai levar até que você fique cansada de cuidar de mim? — disse ele. — Não estou tentando ganhar sua compaixão, Belle, estou só sendo realista. Não sou mais um homem, não posso trabalhar nem sustentar você. Você é jovem e bonita, não deveria ficar presa a um aleijado.

— Casei com você para o melhor ou para o pior, na doença e na saúde — disse ela suavemente. — Se fosse eu nessa cama com esses ferimentos, sei que você cuidaria de mim. Então, por que acha que vou ficar cansada de cuidar de você?

Ele apenas olhou para ela, e os olhos que geralmente eram tão expressivos agora eram frios como vidro âmbar.

— Vá comer seu jantar — disse ele. — Estou contente por estar aqui perto de você agora, e talvez amanhã eu esteja mais animado com tudo.

Belle acariciou-lhe o cabelo, levando-o para trás da testa. Ela não sabia o que mais poderia dizer a ele para assegurar-lhe que ainda tinham um futuro juntos. Tudo parecia tão sombrio para ela também. Mas sabia que tinha a intenção de cuidar dele, não importava o que isso exigisse.

Nos dias que se seguiram, se não fosse por Vera e David, Belle sentiu que poderia ter simplesmente desmoronado. Fisicamente, Jimmy se recuperava bem, não havia sinal de infecção em nenhum dos cotos, mas ele oscilava de um estado de retraimento em que não queria falar com ninguém a um estado de tanta revolta que chegava a gritar com as enfermeiras. Disseram-lhe também que ele sofria de pesadelos.

— Nada que não fosse esperado. — David deu de ombros quando ela lhe contou sobre isso. — Se você não estivesse aqui, aposto que ele seria uma flor de pessoa para com todos e estaria ansioso por ir para casa e ficar com você. Ele tem passado um inferno. Não surpreende que esteja tendo pesadelos. Mas é provável que ele ainda não se dê conta dos grandes avanços que fizeram na medicina desde que a guerra começou. Aprenderam a fazer transfusões de sangue, enxertos de pele para fechar queimaduras, coisas com que não sonharíamos antes. Aposto que há um desses caras inteligentes trabalhando neste instante em membros artificiais de boa qualidade. Ele vai receber pensão, não vai ficar destituído, e ele tem você, que diabo de sorte.

David estava certo sobre o enorme progresso que havia sido feito na ciência médica desde o início da guerra. Na verdade, quase tudo havia progredido em grandes saltos, desde automóveis até aviões. Belle lembrava que, quando criancinha, só havia velas e lâmpadas a óleo, a maioria das pessoas tinha toaletes no quintal e, até uns anos atrás, ônibus e carros de aluguel eram todos puxados a cavalo. Agora, eletricidade era comum, mais e mais pessoas usavam automóveis e não só tinham lavatórios internos, como também banheiros adequados. Por isso, parecia razoável acreditar que todo esse progresso significasse que Jimmy poderia muito bem obter uma perna artificial que lhe permitisse andar novamente.

David era quem detinha o conhecimento prático, mas Vera era a única a quem Belle podia confiar seus medos mais íntimos.

— Vai ser tão difícil. Estamos indo para casa, onde as pessoas estão falando sobre mim e meu passado. Estou certa de que a mãe de Miranda vai fazer seu melhor para manter a fofoca circulando o máximo de tempo possível — disse à amiga. — Se Jimmy continuar com essa atitude de ira e revolta, não sei se vou conseguir ficar cuidando dele. E, por causa dos ferimentos dele, todo mundo vai esperar que eu arranje um amante, por isso vão ficar me observando feito falcões. Quero fazer a coisa certa, mas nunca afirmei que era santa.

— Agunte um dia de cada vez — disse Vera. — O falatório sobre você vai parar se não houver mais nada para alimentá-lo. Jimmy provavelmente vai ficar muito mais calmo quando não puder ouvir armas ao longe e estiver na própria casa. Ele vai encontrar formas de fazer as coisas por si mesmo, e você não vai ficar sozinha com ele, pois Mog e Garth estarão por perto também. Mas você vai manter contato comigo, não vai? Eu adoraria ir à Inglaterra antes de voltar para a Nova Zelândia. Vou ajudá-la a alegrar Jimmy também.

No entanto, havia uma coisa sobre a qual Belle não podia falar com ninguém. Jimmy havia dito que não era mais um homem. Ela sabia por isso, embora ele não o dissesse explicitamente, que Jimmy acreditava nunca poder fazer amor novamente. Até onde ela sabia,

não havia nenhuma razão física para que fosse assim. Na opinião dela, tão logo os ferimentos tivessem se curado por completo e ele não sentisse mais dor nenhuma, se ficassem juntos na cama, ele descobriria que tudo funcionava do mesmo jeito de sempre. Mas ela também sabia que, quando os homens desenvolviam uma fixação por uma coisa dessas, muitas vezes ela se tornava um fato.

Se Jimmy não conseguisse falar sobre o assunto com ela, ele nunca perguntaria ao médico sobre isso também. E ela dificilmente poderia perguntar ao médico em nome do marido.

Além disso, sua mente continuava se voltando para Etienne. De dia, quando esses pensamentos lhe vinham, ela os sufocava, forçava-se a pensar em outra coisa. Mas acordava no meio da noite devido a sonhos picantes em que ele fazia amor com ela, excitada e desejando-o, e isso fazia com que sentisse vergonha de si mesma.

Então, precisamente no final de agosto, chegou uma carta dele. Ela sentiu que devia rasgá-la sem ler, mas não conseguiu. E, ao começar a ler, não conseguiu segurar as lágrimas.

*Minha querida e amada Belle,*

*Estou muito triste por saber que Jimmy está tão gravemente ferido e compreendo por que você sente que deve ficar com ele. Ele é um homem de muita sorte em tê-la, e eu estaria disposto a trocar de lugar com ele só para ficar perto de você.*

*Mesmo enquanto escrevo isto, sei que você não recuará de sua decisão. Admiro sua convicção e sacrifício e, sabendo que existe sempre a possibilidade de eu ser morto antes de esta loucura terminar, fiz um testamento deixando para você minha pequena fazenda e todo o dinheiro que me resta. Fiz de Noah meu parente mais próximo, sendo a única pessoa que conheço na Inglaterra em quem posso confiar para passar isso a você.*

*Se isso acontecer, Jimmy não precisa achar estranho ou suspeito. Ele saberá que fui seu amigo e resgatei você em Paris, e que não tenho família para quem deixar a fazenda.*

*Evidentemente, não tenho a intenção de me matar. Quero estar de volta à minha fazenda depois da guerra e viver o restante de meus dias cultivando limões e criando galinhas. Nunca haverá outra mulher agora, pois ninguém poderia ocupar o lugar especial que você tem em meu coração. Rezo para que você e Jimmy possam ser felizes juntos, e eu queria também ter falado sobre o que estava em meu coração lá atrás, em Paris, e mantido você comigo.*

*Não escreverei novamente. Nem aparecerei para procurá-la. Sei que devo deixá-la para que repare sua vida e sinto muito se lhe causei tristeza; essa nunca foi minha intenção.*

*Meu amor sempre,*

*Etienne.*

Belle leu a carta repetidas vezes e chorou ante sua nobreza. Naquela mesma noite, ela dobrou-a em um pedaço pequeno e depois desfez alguns pontos do forro de uma bolsinha que usava para guardar itens de costura, colocou a carta dentro do forro e costurou-o novamente. Ela havia queimado todas as cartas antigas de Etienne. Mas não tinha coragem de se desfazer dessa.

## Capítulo 21

**Vera sentou-se** em sua cama e observou Belle arrumar a mala.

— Vou sentir tanto sua falta — disse bruscamente, com o lábio trêmulo.

— Não tanto quanto eu vou sentir a sua — disse Belle com tristeza. — Não tenho nenhuma amiga em casa, agora que Miranda se foi, e, se eu topar com a mãe dela, sou capaz de lhe dar uma bofetada.

— E quanto à sua mãe? Você vai vê-la? — perguntou Vera.

Belle fez uma careta.

— Duvido. Ela nem mesmo se deu ao trabalho de responder à carta que mandei contando sobre Jimmy. Graças a Deus que existe Mog; ela, pelo menos, vai ficar contente em me ver.

— Então, você vai levar Jimmy direto para casa? — gritou Sally do outro lado da choupana.

Sally ficara muito mais agradável desde que Jimmy fora ferido, geralmente fazendo chá para Belle quando ela voltava das visitas que fazia a ele, e ela sempre queria saber como ele estava passando.

— Não, ele está indo para uma casa de repouso em Sevenoaks. Vou até lá com ele para estabelecê-lo, depois vou para casa.

Era outubro agora, e os ferimentos de Jimmy estavam se curando bem. Nos dias em que não caía chuva, geralmente ela o levava para passear no fim da tarde em uma cadeira de rodas. Mas não podia dizer honestamente que o ânimo dele havia se elevado. Era alegre o suficiente com os demais pacientes e funcionários de sua ala, mas, sozinho com Belle, ficava irritadiço e soturno.

A batalha em Ypres ainda era imensa. Recentemente houvera um bombardeio de três semanas no qual a 1ª e a 2ª divisões australianas se juntaram à 23ª e à 41ª britânicas, atacando a estrada de Menin a leste de Ypres. Os alemães retrocederam sob o fogo devastador e o planalto Gheluvelt foi finalmente tomado pelos Aliados.

Mas informaram que poderia não haver vitória decisiva no campo de batalha definhado, destruído e parcialmente submerso que era Ypres. Os Aliados conquistariam algumas centenas de metros e passariam para o novo terreno, apenas para os alemães retaliarem e reivindicarem-no de volta. Muitos diziam que esse era um exercício completamente inútil e que o general Haig deveria pôr um fim nele.

Mas Haig parecia não se importar em nada com a perda de vidas humanas, ou mesmo com o bom senso. Com o exército britânico agora envolvido em batalha, ele planejava contar com as tropas Anzacs e canadenses para tomar o que restava da vila de Passchendaele. Todos no hospital temiam que as baixas fossem enormes e, para Vera, com seus dois irmãos nas Anzacs, isso era muito assustador.

— Fique com isto, pois vai mantê-la aquecida neste inverno. — Belle entregou a Vera o acolchoado de tricô que Mog lhe fizera. — Gostaria de imaginar você aconchegada nele; quando cheguei aqui, passando tanto frio à noite, fiquei muito contente por tê-lo comigo.

Belle achava que deveria estar feliz por estar indo para casa, mas estava temerosa. Podia ter trabalhado muito arduamente ali, mas experimentara a liberdade de todas as restrições e minúcias mesquinhas que constituíam uma parte tão considerável da vida em casa. Os motoristas homens tratavam-na como igual, as saias dela haviam encurtado em nome da praticidade, ela podia ser ela mesma sem ninguém fazendo julgamentos. Adorava ajudar nas alas também, onde se sentia valorizada e necessária.

Parecia fazer uma eternidade desde que ela e Mog se mudaram para Blackheath e passaram seus dias observando e ouvindo como

as classes médias falavam e se comportavam, de maneira que pudessem se encaixar nesse estilo de vida. Agora, isso parecia tão inútil quanto a guerra; tudo o que haviam feito fora elevar a si mesmas para serem derrubadas por pessoas esnobes e tacanhas que estavam enclausuradas em sua vida privilegiada.

No entanto, Belle tinha orgulho de ter realizado seu sonho de abrir sua própria loja de chapéus. Quando olhava para trás e recordava aqueles dias, o casamento com Jimmy e a felicidade que haviam compartilhado, ela via tudo como uma época de ouro em que pensara que todas as coisas ruins do passado estavam banidas para sempre.

Mas não era para ser. A guerra irrompera, Jimmy partira para a França e ela perdera seu bebê.

Todavia, trabalhar no Herbert e depois chegar até ali fizera com que ela se sentisse realizada novamente. Ela passara a acreditar que, quando a guerra terminasse, todas as experiências que ela e Jimmy haviam adquirido permitiriam que construíssem uma nova vida juntos, que seria ainda melhor que o primeiro ano de casamento.

Essa esperança parecia perdida agora. Seu Jimmy, antes forte e inabalável, era um homem inutilizado e dependeria dela para tudo. Graças a Blessard, seu passado vergonhoso era de conhecimento público. Em vez do respeito e admiração que uma vez tivera, as pessoas cochichariam sobre ela e a excluíam. Além disso, o dinheiro seria escasso também, de modo que estariam impossibilitados de se mudarem para outro lugar e começar de novo.

— O que é que há? — perguntou Vera. — Parece que você vai desatar a chorar.

— Só pensando em quanto vou sentir falta de tudo isto. — Belle conseguiu esboçar um sorriso fraco e afundou-se ao lado da amiga na cama. Ela não aborreceria Vera dizendo-lhe o que a estava realmente incomodando. — Vou sentir falta das conversas, das

risadas e da comida ruim. Sei que vou ter minha cama confortável, a culinária de Mog e tudo isso pelo qual aguardar avidamente, mas de fato estou um pouco assustada.

Vera colocou os braços ao redor dela e abraçou-a com força. Ela era muito intuitiva e provavelmente percebeu a verdadeira causa da relutância de Belle em ir para casa.

— Vai dar tudo certo, tenho certeza disso. Jimmy vai voltar a ser quem era e as pessoas onde você mora vão esquecer essas coisas que leram na imprensa. Talvez você tenha um bebê; pense em como isso vai ser bom! E os americanos vão estar prontos para lutar no Ano-Novo, e aí a guerra vai terminar logo.

Intimamente, Belle achou que a única certeza nessa lista era que os americanos lutariam em janeiro. Mas Vera tinha preocupações suficientes com a segurança de seus irmãos para precisar que lhe dessem motivo para se preocupar com sua amiga inglesa também.

— Vou ficar bem no minuto em que eu botar os olhos nos Penhascos Brancos de Dover — disse Belle. — Mas certifique-se de ir me ver antes de voltar para a Nova Zelândia.

— Olhe, Jimmy, como é adorável — disse Belle com entusiasmo, quando o carro que os recebera na estação de Sevenoaks dobrou para um longo percurso com uma bela mansão de campo georgiana ao final.

Uma avenida de árvores apenas começando a assumir a coloração outonal orlava o caminho. Para além das cercas à direita, ovelhas pastavam em um prado. À esquerda, via-se um jardim, um exuberante relvado amplo e verde com orlas ainda resplandecentes de crisântemos e ásteres. Depois da desolação da França, era bom ver o campo inglês inalterado.

— É uma das melhores casas de repouso por estes lados — informou o motorista deles, o Sr. Gayle. Estava na casa dos 50, um homem elegante com uma calva e um bigode fino. Ele já havia dito a Belle que era procurador, mas que se voluntariara para levar

soldados feridos de lá para cá porque seu filho mais velho havia sido morto no Somme. — Por toda a lateral da casa, há um laranjal delicioso; é quente lá dentro, mesmo no auge do inverno, e os homens adoram o lugar. Possuem fisioterapeutas que vêm duas vezes por semana e vão fazê-lo andar por aí num piscar de olhos, filho. As senhoras das aldeias vizinhas assam bolos e tortas para os homens, promovem festas com música à beira-mar e todo tipo de coisa. Os proprietários foram muito generosos, mudando-se para a Dower House [\[31\]](#) para abrir espaço. Acho maravilhoso que alguém abra mão de sua casa desse jeito.

— Que pessoas boas parecem ser, Jimmy. Imagine abrir mão da casa deles em prol dos feridos — disse Belle do banco de trás. Ela queria que ele simplesmente demonstrasse algum apreço e entusiasmo. Eles haviam deixado o hospital em uma ambulância mais cedo naquela manhã, com outros cinco homens com bilhetes Blighty. Todos os cinco estavam animados em ir para casa, mesmo aqueles com lesões piores que as de Jimmy. Mas ele havia ignorado as piadas deles e se recusado a conversar. A bordo do navio saindo de Calais, ele insistira para que Belle tirasse sua cadeira de rodas de perto deles e apenas ficara em silêncio taciturno.

— Se eles têm uma Dower House, estão longe de viver no desconforto — disse ele.

Belle ficou mortificada. Jimmy nunca costumava ter uma atitude hostil para com as classes altas e abastadas, mas parecia tê-la desenvolvido agora. Ele não parecia enxergar que tivera sorte ao ser mandado para um lugar como esse, que habitualmente era destinado a oficiais.

Duas horas mais tarde, Belle encontrou o Sr. Gayle aguardando dentro de seu carro, próximo à porta de entrada, para levá-la de volta à estação. Já estava escuro e fazia muito frio.

— Seu marido se acomodou bem? — perguntou ele enquanto ligava o carro.

— Não posso realmente dizer, pois ele quase não disse uma palavra — respondeu ela. — Devo pedir desculpas por ele; normalmente não é rude com ninguém, mas está no fundo do poço.

— Isso afeta os homens de diferentes maneiras, como estou certo de que a senhora sabe, já que esteve trabalhando na França — comentou ele. — Conheci homens tão gravemente feridos que realmente não lhes restava qualidade de vida nenhuma, porém eram otimistas e alegres, enquanto outros com lesões bem menores se enfureciam com tudo. Mas, uma vez longe do som das armas e de toda a pressão da guerra, mesmo o mais difícil dos homens costuma se reanimar. Ele é um homem de sorte por ter uma esposa tão bonita e dedicada. Ele tem muito por que agradecer. É dos que foram intoxicados com gás, perderam a visão e ficaram paráliticos que eu sinto mais pena. Eles não têm muito futuro.

Belle achara Haddon Hall simplesmente maravilhosa e era muito agradecida ao capitão Taylor, que havia mexido os pauzinhos para que Jimmy fosse recebido ali. Ajudaram-no a entrar em uma cadeira de rodas quando chegaram e levaram-no ao dormitório que ele dividiria com outros cinco homens no piso térreo. Era um quarto adorável, muito claro e iluminado, com uma parede inteira forrada de livros, pois ali havia sido a biblioteca. Mostraram-lhes o banheiro, recém-construído no piso térreo com um guincho para aqueles que precisassem de ajuda para entrar na banheira. Havia uma sala de bilhar, uma sala de estar completa com piano e cadeiras e sofás confortáveis, a sala de jantar e, finalmente, o laranjal que o Sr. Gayle havia mencionado. Havia jogos de tabuleiro, quebra-cabeças e aquarelas para aqueles que conseguissem pintar, e um homem que havia perdido as duas pernas estava construindo a maquete de um navio.

Lá, haviam tomado um chá da tarde também, comido bolinhos, sanduíches e bolos, todos deliciosos, mas Jimmy mal dissera uma palavra.

— Agora, quando a senhora voltar para visitá-lo, telefone e eu mesmo venho apanhá-la ou arranjo outra pessoa para fazer isso —

disse o Sr. Gayle, entregando-lhe seu cartão. — Todos avaliamos quão difícil pode ser para as esposas e mães dos garotos feridos, especialmente para aquelas com filhos pequenos e que moram muito longe.

— Estava pensando em arrumar uma acomodação aqui para facilitar as visitas — disse Belle. — Acha que é possível?

— Posso procurar saber mais sobre isso — disse ele. — Como a senhora já foi motorista de ambulância, estaria disposta a pegar no volante aqui?

— Sem dúvida! Trabalhei no Royal Herbert como auxiliar de enfermagem também antes de ir para a França — prontificou-se. — Ficaria igualmente feliz em fazer isso novamente.

— A senhora é uma jovem muito corajosa — disse ele, olhando de soslaio para ela. — Espero que seu marido reaja enquanto ele estiver aqui. Ele precisa tirar proveito de toda a ajuda e assistência disponíveis.

— Estou certa de que ele vai — disse Belle. — Vou deixá-lo por uns dias para que se acostume com tudo isso. Ele parece ficar mais deprimido quando estou por perto.

— Imagino que esteja com medo de perdê-la — disse o Sr. Gayle. — Homens podem ser bem estúpidos e muitas vezes atacam quem mais deveriam tratar com carinho.

Belle parou por um instante ao sair da estação de Blackheath. Parecia fazer anos desde que partira naquela manhã de abril com Miranda, mas fazia apenas seis meses. Lembrou-se de como haviam tentado se comportar como adultas sensatas e responsáveis porque os pais de Miranda, como Mog e Garth, estavam vendo-as partir, mas na realidade estavam zonzas de animação, embriagadas com a sensação de liberdade. Elas riram por todo o caminho até Dover, sem saber, naquele tempo, que haviam se inscrito para algo que as testaria de todas as formas possíveis, e sem glamour nenhum.

Dentro de três meses, desenvolveram nos braços músculos dos quais um lutador premiado se orgulharia, acharam piolhos nos cabelos e escorregaram tantas vezes na lama que fora difícil contar. Raramente tinham tempo para arrumar o cabelo, o máximo que conseguiam fazer era lavá-lo e escová-lo para trás, fazendo um coque. Alguns dias, ficavam ensopadas da chuva, noutros, encharcadas de suor. Viviam em uma choupana que Miranda dizia mal servir para o gado e alimentavam-se de uma comida a qual, em casa, teriam se recusado a comer. Sabiam ser apenas um pequeno elo da grande cadeia administrativa da guerra, mas se orgulhavam de levar os feridos para o hospital o mais rápido e gentilmente possível e oferecer o conforto que pudessem.

Miranda encontrara o amor com que tinha sonhado. Ela podia ter tido apenas poucas semanas com Will, mas ao menos não morreria sem nunca ter experimentado a alegria da verdadeira paixão.

Quando Belle olhou para o outro lado da rua, para as luzes de boas-vindas do Railway, soube que devia cuidar para que Mog jamais soubesse que ela também encontrara essa felicidade. Apesar de duvidar que Mog a condenasse por isso, confiar-lhe o segredo dificultaria apagar Etienne da mente. E ela devia fazer isso.

Olhou de um lado para o outro da rua; tudo parecia exatamente do jeito que sempre estivera sob as luzes a gás. A recepção de Mog e Garth seria calorosa, ela sabia que os dois a envolveriam nos braços e lhe prometeriam que ela e Jimmy teriam sempre um lar com eles. Mas em outras partes da vila Belle enfrentaria desprezo. E por ora ela teria que viver com isso.

Apanhando a mala, resolutamente colocou os ombros para trás, endireitando-se, e atravessou a rua.

— Belle! Pensei que nunca chegaria! — exclamou Mog quando abriu a porta lateral para ela. — Você deve estar exausta. A que horas deixou a França? Como está Jimmy?

O tiroteio de perguntas foi como Belle esperava, e ela deixou que a puxassem para o estreito saguão para ser abraçada.

— Jimmy está bem, Haddon Hall é adorável e, sim, estou exausta e é maravilhoso estar em casa — disse ela, enterrando o rosto no pescoço de Mog e inspirando o familiar aroma de colônia de lavanda e fornada.

— Venha, entre que lhe farei uma xícara de chá — disse Mog. — Sua cama está toda arrumada, com uma bolsa de água quente para deixá-la aconchegante. Garth vai tentar ver você quando tiver fechado o bar. Não há muito movimento hoje em dia.

Enquanto Mog preparava um bule de chá e colocava presunto, queijo e pão em um prato, Belle reparou que o rosto dela estava cansado, o cabelo ficara muito mais grisalho e ela envelhecera consideravelmente. Ela usava um vestido azul-marinho que, embora não fosse velho, era muito sem graça, como os que usara antes em Seven Dials. Era terrível que as revelações de Blessard e o despeito da Sra. Forbes-Alton a tivessem feito reverter ao ratinho que costumava ser.

— Evite me contar sobre Jimmy até Garth aparecer — disse ela, colocando o prato de comida na frente de Belle. — Apenas me diga como você está. Você disse em sua última carta que ele estava muito deprimido, e suponho que não esteja sendo fácil para você lidar com isso. Estou certa de que não vai querer me contar nada disso quando Garth estiver por perto.

Belle esboçou um meio sorriso ante a facilidade que Mog tinha de captar as coisas.

— Não, não é fácil, quase sempre ele está tão mal-humorado que me sinto realmente derrotada. Mas algumas boas noites de sono vão me reparar. Sinto-me mais tranquila agora que ele está em Haddon Hall e vou simplesmente lidar com as coisas conforme surjam.

— Não vai ser fácil para você na vila também — suspirou. — As pessoas ainda olham para o outro lado quando entro em uma loja, e temo que possam dizer coisas desagradáveis a você.

— Vou simplesmente as ignorar — disse Belle com mais coragem do que sentia ter. — A única coisa que me angustia é ver você tão

atormetada e triste.

Mog encolheu os ombros.

— Garth disse que vai vender tudo quando a guerra acabar e vamos nos mudar para Folkestone ou Hastings. Mas ele não entende realmente como é para mim; como pode imaginar, ninguém ousa dizer a ele nada sobre isso. Então ele fica zangado comigo porque acha que estou imaginando as desfeitas e cochichos. Você vai perceber que ele não tem nenhum entendimento real de como Jimmy está se sentindo também. Para Garth, ele é um herói ferido, e uma perna e braço perdidos são um distintivo de honra. O estúpido acha que Jimmy pode ficar sentado em uma cadeira o dia todo no bar e ser feliz como um menininho ao sol.

Belle estremeceu, pois era exatamente como Jimmy havia previsto que Garth reagiria. Mas ela podia ouvir a mágoa na voz de Mog por não ser levada a sério acerca de como os vizinhos a tratavam.

— Logo eu coloco Garth na linha — disse ela. — Pelo estado em que Jimmy se encontra agora, vamos ter sorte se conseguirmos convencê-lo a descer as escadas. Para ser honesta, Mog, ele está muito amargo e retraído.

— Ele não está sendo carinhoso com você?

— Não, não mesmo. Bom, ele se desculpa quando diz algo mordaz, e sei que ele não tem realmente intenção de ser assim. Mas está com um atitude bem hostil.

— Ah, querida. — Mog desabou sobre uma cadeira. — Não consigo imaginá-lo sendo assim. Sempre foi tão gentil e atencioso. Parece que você tem passado momentos difíceis com ele.

— Talvez não tenha sido solidária o bastante; afinal, fiquei muito acostumada a ferimentos graves. Na verdade, acho que ele teria ficado melhor em outro hospital; tendiam a lhe dar um tratamento especial por causa de mim. Acho que ele se ressentiu também por eu ficar trabalhando fora durante o dia — acrescentou. — Ah, não

sei, Mog, talvez todos os homens sejam assim com as esposas no início. Por favor, não diga a Garth nada sobre isso. Em Haddon Hall, Jimmy pode voltar a ser quem ele era.

Enquanto comia sua ceia, Belle perguntava a Mog sobre como estavam ela e Garth, como ia o pub e se ela recebera alguma notícia de Noah.

— Recebemos uma carta dele em que dizia sentir muito por Jimmy — disse Mog. — Você pode levá-la a Jimmy quando for visitá-lo. Como seria de esperar, ele está longe a maior parte do tempo como correspondente de guerra. Lisette anda muito ocupada com Rose, a nenê dela, e Jean-Philippe. Noah disse que vai visitar Jimmy assim que puder. E você tem que ir ver Lisette. Noah disse que ela queria saber tudo sobre seu trabalho na França.

Belle sorriu. Ela ficaria feliz de ir ver Lisette, que era a única pessoa de quem ela não precisava esconder seu passado, sendo o de Lisette tão parecido. Quanto a Noah, Belle teria sempre um carinho especial por ele. Ele fizera tanto quanto Etienne para resgatá-la em Paris e era a única pessoa que sabia que ela amara Etienne na época, mas nunca revelara isso.

— E o pub? — perguntou Belle. Sentia que Mog evitava o assunto.

— Não está muito bem, querida. Ora, não restaram muitos dos frequentadores mais jovens. Recebemos ainda os antigos, mas eles bebericam uma cerveja por horas. Dinheiro está em falta para todo mundo, e agora as pessoas também estão saturadas da guerra. Tudo somado significa uma grande queda nos lucros.

Garth entrou na cozinha mais tarde e sorriu de alegria ao ver Belle, dando-lhe um abraço de urso.

— É bom ter você de volta — disse ele. — Nós dois temos andado perdidos sem você.

Felizmente, ele ao menos parecia o mesmo de sempre, com seu cabelo e barba afogueados e ombros parecendo uma porta de

celeiro.

— Conte-me sobre o herói ferido — disse ele. — Será que podem dar uma perna de pau a ele?

Belle contou-lhes detalhes do que Jimmy se lembrava de como o haviam ferido, o tratamento que recebera e as possibilidades de um membro artificial. Ela também deixou clara a sorte que ele tivera por ter sido enviado a Haddon Hall.

— Ele vai ficar lá por pelo menos dois meses. Pensei em tentar arranjar alguma acomodação por perto, mas vou deixá-lo se adaptar primeiro.

— Ele deveria estar aqui conosco — disse Garth, indignado. — Você e Mog podem tratar dele.

Belle encrespou-se. Garth tinha boas intenções, e era bom que ele quisesse cuidar de Jimmy, mas ele não fazia ideia de como seria difícil tomar conta de um amputado, especialmente ali, onde havia escadas e entradas estreitas.

— Ele tem que aprender a fazer algumas coisas por si mesmo antes de voltar para casa — disse Belle. — Também tem que aceitar o que aconteceu com ele.

Garth emitiu um grunhido de desaprovação e Belle ficou irritada.

— Mog e eu não somos fortes o suficiente para carregá-lo até o banheiro lá em cima, e ele também não está no melhor dos humores. Você pode imaginar que ele vá ficar feliz sentado no bar o dia todo com você, enquanto as pessoas dizem que ele é um homem muito corajoso, mas ele não vai ficar feliz e, seja como for, essa é a pior coisa possível para ele. Em Haddon Hall, ele está com homens com deficiências parecidas e pessoas que podem ensiná-lo a lidar com elas. Ele está amargo no momento; precisa retomar o gosto pela vida.

— Dá para transformar a despensa em um quarto para ele — disse Garth, apontando para o recinto junto à cozinha como se não tivesse ouvido uma só palavra do que ela dissera. — Posso colocar

uma rampa no degrau dos fundos para a cadeira de rodas dele, assim ele pode usar o banheiro lá de fora. Daí vocês não vão precisar carregá-lo.

— Ele não consegue andar de cadeira de rodas com apenas um braço — Belle disse entre dentes. — Não consegue nem arriar as calças ainda. Pelo amor de Deus, Garth, contenha seus planos até o ver e falar com ele. Sei que tem boas intenções, mas Haddon Hall é o lugar certo para ele agora.

Garth fitou-a por um momento, então repentinamente se mostrou aflito.

— É tão grave assim, é?

Belle conseguiu apenas assentir, percebendo subitamente que ele ainda não tinha entendido quão incapacitado Jimmy estava.

— Eu não imaginava — admitiu ele. — Só o queria aqui comigo.

— Eu sei — disse ela, com a irritação apagada pela afeição dele ao sobrinho. — Mas todos precisamos ter um pouquinho mais de paciência até voltarmos a ser uma família perfeita.

Ele andou até ela e puxou-a para seu grande peito.

— Pelo menos temos você de volta — disse com a voz rouca. — Você parece esgotada e muito magrinha, mas Mog e eu logo vamos dar um jeito nisso.

Belle repousou a cabeça nele, certa de que, por pior que algumas coisas fossem, Garth mantinha a mesma natureza forte e confiável. Quaisquer que fossem as dificuldades à frente, sentia que os três poderiam enfrentá-las juntos.

Durante a primeira semana em casa, Belle sentiu-se completamente perdida. Ela não teve nenhuma função; Mog cozinhava e limpava, Garth tocava o pub e não restava nada para ela fazer. Ela desenterrou suas roupas velhas e tentou vesti-las, descobrindo que estavam todas muito largas por ela ter perdido peso. Mas mesmo as roupas antigas de que mais gostava pareciam agora coloridas e

extravagantes demais e faziam-na parecer a adúltera que as pessoas acreditavam que ela fosse.

Na primeira manhã em casa, evitaram-na na padaria. Duas mulheres conhecidas dela voltaram-lhe as costas um pouco incisivamente quando ela entrou, como se sofresse de uma doença infecciosa. Ela comprou o pão que Mog queria e, quando saiu, ouviu-as falar sobre ela.

— Que cara de pau ela é em voltar aqui — disse uma delas.

— É da pobre tia que sinto pena — acrescentou a outra.

Ela voltou imediatamente para o Railway, esforçando-se para andar com a cabeça erguida, mas por dentro chorava. Permaneceu dentro de casa pelo restante do dia, fingindo a Mog que estava muito cansada, em vez de admitir o que havia acontecido.

Mais tarde, Belle sentou-se à janela de seu quarto lembrando-se de quão felizes ela e Jimmy haviam sido quando o decoraram juntos, pouco antes do casamento. Nenhum deles havia aplicado papel de parede antes, e destruíram um rolo inteiro passando as mãos por ele, pendurando-o torto ou rasgando-o, antes que aprendessem a fazê-lo. Mas haviam rido tanto, deliciando-se com a ideia de criar seu próprio e pequeno refúgio. Ela podia ver as falhas — partes em que o padrão não coincidia, pequenos pontos em que o papel se desprendia da parede, a estranha bolha que nunca fora aplainada. Mas isso não tinha importância para eles, nem o fato de que a mobília era de segunda mão. Belle fizera a colcha e as cortinas rendadas e Jimmy lixara a penteadeira e o guarda-roupa, antes riscados e batidos, e os envernizara novamente.

A fotografia de casamento estava agora de volta a seu lugar na mesinha junto à cama, mais um lembrete de como ambos haviam acreditado naquele dia que seriam felizes para sempre. Belle tinha apenas 23 anos, e a perspectiva de viver durante anos em um lugar onde as pessoas a evitavam e se compadeciam de Jimmy era simplesmente terrível demais para contemplar.

Uma semana depois de levar Jimmy para Haddon Hall, Belle voltou para visitá-lo pela primeira vez. Ela fizera um verdadeiro esforço com a aparência, pois pensou que isso fosse agradá-lo. Lavara o cabelo no dia anterior e prendera-o para cima, do jeito que ele gostava, com alguns cachos soltos ao redor do rosto. Ela meticulosamente modificara o traje de lã vermelho que ele havia lhe comprado para o primeiro Natal juntos, de modo que serviu melhor, e encurtou a saia para ficar exatamente na altura do tornozelo, conforme ela vira em revistas de moda. Seu chapéu vermelho e azul-marinho era um de que ele sempre gostara também; assentava-se na lateral da cabeça fazendo um ângulo arrojado e precisava ser muito bem preso. Sobre a roupa ela usava uma capa azul-marinho com gola de pele, pois havia esfriado bastante.

— A senhora está muito bonita hoje — disse o Sr. Gayle enquanto abria a porta do carro para ela do lado de fora da estação. — Isso deve dar a seu marido um verdadeiro empurrão. É bom estar de volta com a família?

— É, sim — disse ela. — Apesar de ser estranho ter tão pouco para fazer. Acho que o tempo demora a passar. Mas isso vai mudar quando Jimmy for para casa.

O vento arrancava as folhas das árvores, deixando um tapete espesso sobre as estradinhas enquanto eles seguiam para Haddon Hall. Belle estava com frio e não conseguia deixar de pensar em Etienne na França e perguntar-se como ele estava lidando com o frio no topo de todos os demais tormentos que os soldados tinham que enfrentar.

— Falei brevemente com o seu marido ontem — disse o Sr. Gayle, trazendo-a de volta à sua visita a Jimmy. — Ele parecia muito mais relaxado e estava ansioso para vê-la. Lamento não poder levá-la de volta à estação hoje, mas há uma pessoa que vem apanhar a Sra. Cooling, a esposa de outro paciente, às 16h30, e ela levará a senhora também.

Belle agradeceu-lhe e perguntou como ele e a esposa haviam lidado com a perda do filho.

— Não muito bem, no início — disse ele, pensativo. — Ficamos com raiva, amargos, pensamos: “Por que nós?”. Mas, por outro lado, tantos perderam filhos, irmãos e maridos, então não estamos sozinhos em nossa dor. Em nossa vila, há uma viúva que perdeu todos os três filhos. Temos sorte de ter duas filhas e outro filho que é jovem demais para ser convocado. Fazer nossa parte pelos feridos nos ajuda. Ficamos muito afeiçoados a vários jovens que passaram por Haddon. Às vezes, quando vejo os ferimentos terríveis que alguns deles têm, e como a vida deles vai ser difícil por causa disso, sinto-me quase agradecido por nosso John ter morrido imediatamente.

— Sim, é cruel — concordou Belle. — Vi tantos nesse estado, tanto na França como no Herbert. Costumava me perguntar como as famílias conseguiriam cuidar deles.

— Mas seu marido vai melhorar. — O Sr. Gayle estendeu a mão e tocou-lhe o braço. — Confie nisso. A vida não vai ser a mesma como antes da guerra, mas a senhora vai ser feliz novamente. Os dois vão.

— Sim, certamente vamos ser. — A bondade dele despertava lágrimas, mas ela as conteve. — Temos muito por que agradecer, e ao menos tive alguma experiência com os problemas que Jimmy vai ter que enfrentar.

— Ele me contou que a senhora costumava fazer chapéus. Talvez possa voltar a fazer isso em casa, para se ocupar e fazer entrar um dinheirinho extra.

— Sim, é uma possibilidade. — Belle sorriu para ele. Gostava desse homem, por sua cordialidade, benevolência e praticidade. Ela, silenciosamente, disse a si mesma que não chafurdaria em autopiedade nem mais um minuto.

Jimmy estava num estado de espírito bem melhor. Ele sorriu para Belle quando esta adentrou o laranjal e apresentou-lhe seus três

companheiros com evidente orgulho.

Fred, de apenas 19 anos, havia perdido as duas pernas, Henry, apenas uma, e Ernest ficara cego e estava parcialmente paralisado devido a uma lesão na coluna. Belle falou com cada um deles, perguntando de onde eram e havia quanto tempo estavam em Haddon Hall. Eram todos do sul de Londres, mas só Ernest estava ali havia mais de três meses.

— Meus pais não podem comigo em casa — disse ele, notavelmente alegre. — Mas não quero ir para casa mesmo. Eu gosto daqui.

Um pouco mais tarde, Belle levou Jimmy na cadeira de rodas até a sala de estar para que pudessem ter alguma privacidade. Ela ajoelhou-se ao lado de sua cadeira e beijou-o, e pela primeira vez ele reagiu com entusiasmo.

— Assim é melhor — disse ela, sentando-se sobre os calcanhares. — Começava a achar que essa parte de Jimmy tinha ficado em Ypres.

Ele sorriu timidamente.

— Tenho sido um pouco idiota, ocupado demais sentindo pena de mim mesmo.

— Você tinha todo o direito de sentir pena de si mesmo — disse ela. — Agora, me conte sobre este lugar.

Enquanto Belle o ouvia descrever como tudo tinha sido, percebeu que foram a paz e a tranquilidade, o calor humano e o aconchego, e não qualquer tratamento, que haviam melhorado o estado de espírito dele. Os únicos sons lá de fora eram do vento, do canto dos pássaros e, ocasionalmente, de alguém cortando madeira, diferentemente do hospital na França, onde se podiam ouvir constantemente as armas pesadas ao longe e os aviões no alto.

Os demais pacientes ajudavam Jimmy também, já que alguns, como Ernest, estavam em situação muito pior que a dele e não recebiam visitas da família. Belle ficou contente ao ouvir Jimmy

expressar admiração por seu novo amigo. Ele pareceu mais otimista quanto a lidar com a própria deficiência, pois lhe haviam dito que, tão logo o coto do braço estivesse completamente cicatrizado, ele poderia receber um braço artificial, o qual usaria para apoiar-se em muletas ou manobrar uma cadeira de rodas por curtas distâncias.

Ele andava lendo, aprendera a jogar xadrez e, todo risonho, disse ter descoberto que conseguia saltitar com a perna boa da cadeira de rodas para a mesa de jantar, o banheiro ou a cama.

— O único problema é que preciso aprender a me equilibrar — disse ele com ar triste. — Descuidei ontem à noite, tomei e não conseguia me levantar. Um dos rapazes sugeriu que eu pendurasse pesos em meu lado esquerdo.

Belle sentiu o coração mais leve ao ouvi-lo brincar com isso. Ela tivera medo de que isso nunca acontecesse.

— Você gostaria se eu arrumasse uma acomodação por aqui? — perguntou ela um pouco mais tarde. — Eu então poderia vir vê-lo todos os dias, e o Sr. Gayle disse que eu poderia arranjar trabalho como motorista.

— Não acho que seja uma boa ideia — disse ele, surpreendendo-a com a repentina aspereza de seu tom de voz. — Você já ficou longe de casa por tempo o bastante e, seja como for, não quereriam que você viesse aqui todos os dias.

No trem para casa, Belle ficou pensando sobre o que ele havia dito. Duvidava que fosse verdade que ela não seria bem-vinda em Haddon Hall todos os dias; o Sr. Gayle lhe teria avisado se esse fosse o caso. “Você já ficou longe de casa por tempo o bastante” era ainda mais significativo. Ele queria que Mog e Garth ficassem de olho nela; ele não confiava mais na esposa!

Ela não conseguiu ficar com raiva, pois sabia não ser digna de confiança, mas ficou entristecida por ele achar que, por causa da condição dele, ela iria atrás de outro homem. Será que ele não

entendia que ela havia sugerido mudar-se para lá a fim de provar que queria estar perto dele?

Novembro chegou com forte e incessante chuva, impossibilitando até mesmo sair para um passeio para aliviar o tédio. Mog estava ocupada com seus afazeres domésticos e não queria dividi-los, por mais que Belle lhe implorasse para fazê-lo.

— Gosto das coisas feitas do meu jeito — disse ela de um modo feroz. — Vá ler um livro ou desenhar alguma coisa. Você só fica no meu caminho.

Belle sugeriu ajudar Garth na adega, mas ele não a autorizaria lá embaixo porque esse era um “trabalho de homem”. Ela pôde ver que as costas dele doíam de carregar pesadas caixas de cerveja e lembrou-o de que se acostumara a levantar macas com pesos ainda maiores do que esses, mas ele ainda assim recusou sua ajuda.

Ela tentou esboçar algo, mas as únicas imagens que lhe vieram à mente foram aquelas da estação na França e dos feridos sendo alçados para fora do trem hospitalar. Fez algumas dessas, mas depois colocou de lado o caderno de desenho. Desenhar tais imagens deprimiu-a e também a fez pensar muito nos bons amigos que fizera na França.

No segundo domingo depois do retorno de Jimmy, Garth e Mog foram com Belle vê-lo no hospital, e esse foi um ótimo dia. Mog tinha assado bolo e feito conservas para levar com eles, e tanto ela quanto Garth ficaram muito felizes de ver por si mesmos que Haddon Hall era tudo o que Belle havia dito. Mog chorou quando viu Jimmy, e até mesmo os olhos de Garth ficaram marejados. Como era um dia seco e ensolarado, eles saíram com Jimmy para um passeio em sua cadeira de rodas, e os quatro apreciaram ver a linda paisagem rural em todas as suas gloriosas cores outonais.

Jimmy estava de muito bom humor. Ao voltarem ao Hall, ele até fez uma demonstração de sua técnica de pulinhos para sair da cadeira de rodas e ir até a mesa no laranjal. No entanto, quando

Garth perguntou quando ele voltaria para casa, disse de pronto que não estava com pressa.

— Estou melhor aqui — disse ele, parecendo sentir-se acuado. — Gosto da calma e da companhia quando quero. Eu seria inútil para você no pub.

Felizmente, Garth não discutiu com ele. Talvez pudesse ver por si mesmo que o sobrinho ficava melhor onde estava. Mas depois, na viagem de trem para casa, Mog expressou a opinião dela.

— Ele tem medo de que as pessoas o fiquem encarando e fazendo perguntas sobre a guerra — disse. — Como será que podemos fazê-lo entender que Londres está cheia de feridos? A maioria perdeu um parente ou amigo próximo, não vão ficar perguntando nada para ele.

Embora Belle não tivesse saído muito desde que voltara da França, sabia que Mog estava certa. Quase todos os homens com menos de 50 que ela vira ou estavam fardados ou eram feridos de guerra. Em seu primeiro dia em casa, ela presenciara a cena lamentável de um homem que havia perdido as duas pernas mendigando do lado de fora da estação. Mog dissera que tais cenas eram ainda mais comuns em Lewisham.

— Bom, ele não pode ficar em Haddon Hall para sempre — disse Garth.

Conforme se aproximava o Natal, Belle tomava coragem e, sem antes consultar Jimmy, providenciou um horário para ver o médico em seu consultório em Sevenoaks antes de ir para Haddon Hall.

O consultório do Dr. Cook ficava na sala da frente da casa dele, uma quinta com fachada dupla bem próxima da estação. Belle vira-o duas vezes ao visitar Jimmy, mas nunca falara com ele. Ele seguia para Haddon Hall em um pônei e carroça, um homem de cerca de 60 anos, corpulento e de cabelos brancos.

Assim que se sentou de frente a ele do outro lado de sua mesa, Belle reparou em seus olhos azul-claros, bondosos, e em sua pele

clara e rosada, e sentiu que poderia confiar nele.

— Não é hora de meu marido voltar para casa? — perguntou. — Sei que ele não quer, mas o senhor adaptou um braço para ele agora e ele está se saindo muito bem com as muletas. Sinto que deve ficar em casa comigo. Estou vivendo em uma espécie de limbo.

— A senhora o quer em casa? — Ele pareceu surpreso.

— É claro que sim, e também o tio e a esposa dele, com os quais moramos. Ele lhe disse que não queríamos?

— Não em palavras, mas tive a nítida impressão de que considerou haver dificuldades demais em administrar uma taberna movimentada. Havia planejado pedir que a senhora viesse falar comigo sobre isso. Precisamos da cama dele em Haddon Hall, mas a senhora antecipou isso vindo hoje.

Belle franziu o cenho.

— O tio dele administra o pub e a esposa dele cuida de todos os afazeres domésticos. Não tenho nenhuma função lá. Estou livre para cuidar de Jimmy. A única dificuldade são as escadas, mas sei que ele consegue subir e descer as de Haddon Hall, ainda que o faça usando o traseiro.

O Dr. Cook sorriu.

— Sim, eu já o vi fazer isso, e muito rápido também. Diga-me, Sra. Reilly, por que acha que ele está relutante em ir para casa?

— O tio e a esposa dele acreditam que é porque ele acha que as pessoas vão ficar olhando para ele, mas não concordo. Acho que ele tem medo de... — Ela parou de repente, sem saber como colocar isso em palavras.

— Medo de não agir como marido? — sugeriu ele.

Belle corou.

— Sim. Ele disse algo uma vez lá na França. Na época, ainda estava tão ferido que fiquei surpresa que tivesse mesmo pensado

nisso! Tentei falar com ele sobre isso algumas vezes, mas ele sempre se fecha.

— Esse tipo de problema geralmente surge em amputados — disse ele. — Podem achar que são apenas metade homem, e é mais fácil afastar a mulher que amam do que se expor à possibilidade de ridículo ou desdém.

— Ele certamente sabe que eu não o ridicularizaria nem desdenharia! Venho cuidando de feridos durante a maior parte da guerra.

— A razão não prevalece para os homens que passaram pelo que ele passou. Está tudo confinado aqui em cima — explicou ele, dando um tapinha na própria cabeça. — Os horrores que viram, o terror durante os ataques, o som das armas e até mesmo a culpa por terem sobrevivido quando tantos de seus companheiros não puderam. Junte a isso um corpo gravemente lesado e tem-se um homem que sente não ter valor algum.

— Então, o que posso fazer para lhe restituir um pouco de autoestima? — perguntou ela.

— Vou dizer a ele que precisamos da cama e que ele está bem o suficiente para ir para casa. Isso pode muito bem assustá-lo, de modo que a senhora e sua família não devem dar muita importância a isso. Sem festa de boas-vindas, sem pessoas passando em casa para vê-lo. Apenas tente manter tudo normal e sossegado. Ele pode pedir para dormir em um quarto separado; já tive homens que insistiam em dormir no chão. A senhora deve cortar isso pela raiz, mas sem fazer muito caso. Se ele conseguir o que quer, tenderá a ficar distante da senhora. Ele quase certamente vai ter mais pesadelos, pode até mesmo ser agressivo às vezes. Mas, se continuar sendo afetuosa, sem esperar muita coisa em troca, ele gradualmente vai voltar a ser o homem que era antes de tudo isso.

— E se não voltar? — perguntou ela em um fio de voz.

O Dr. Cook sorriu para ela.

— Tenho toda a fé de que uma mulher bonita, valente e amorosa como a senhora consegue fazer o que botar na cabeça. Vá para casa hoje e faça planos para Jimmy estar lá com a senhora no Natal.

## Capítulo 22

**Belle ficou à janela** da sala do andar de cima esperando ansiosa pelo carro do Sr. Gayle. Era a tarde de 23 de dezembro e esperava-se que ele trouxesse Jimmy às 11 horas da manhã, mas havia densa neblina por toda a Londres e fazia muito frio.

Desagradável que era, a neblina ao menos evitaria mais bombardeios repentinos. Apenas três dias antes, noticiaram que aviões alemães haviam chegado sobre a costa de Kent e de Essex, e mais de 16 pessoas foram mortas por bombas lançadas.

Belle fora ver Jimmy na semana anterior para levar-lhe roupas civis, mas ele não demonstrara entusiasmo algum com a volta para casa. Ela não tinha certeza agora se esperava que Haddon Hall tivesse decidido mantê-lo lá ou que apenas estivessem atrasados por causa da neblina. Se ele tivesse ficado preso dentro de um carro por várias horas em condições de tanto frio, estaria muito mal-humorado quando chegasse ali. No entanto, depois de todo o esforço que ela e Mog fizeram para o Natal, elas ficariam bem desapontadas sem ele.

Haviam passado os últimos dias enfeitando uma árvore de Natal e decorando a sala de estar e a cozinha com azevinhos amarrados com fitas vermelhas. Parecia tudo muito festivo e acolhedor. Belle só esperava que Garth tivesse entendido o que ela lhe dissera sobre Jimmy e que ele não a minasse trazendo pessoas para conhecê-lo ou enchendo a cara dele de bebida.

A árvore de Natal no canto da sala estava linda com os presentes embrulhados embaixo. Belle desenterrara as belas quinquilharias de vidro que eles haviam comprado juntos para o primeiro Natal ali e fizera com limpadores de cachimbo dezenas de anjinhos com vestidos de tule brancos, finalizando cada um com asas de papel dourado e uma pequenina auréola. Ela sentia que, quando

acendesse as velas vermelhas na véspera de Natal, ficaria ainda mais bonito.

Estava tudo pronto: um grande peru na despensa esperando para ser cozido, pudim e bolo de Natal feitos com grande esmero por Mog e dezenas de outras guloseimas especiais que Belle enfrentara horas de fila para comprar.

Nos últimos três Natais, não fizeram grande esforço porque Jimmy não estava lá para compartilhar isso com eles, e Belle lembrou-se de como haviam discutido sobre o que ele estaria fazendo no dia de Natal e o que teria para comer.

Em sua carta depois do primeiro Natal, ele dissera que houvera muita comida e rações de rum extras, já que as pessoas na Inglaterra haviam mandado bastante para as tropas na França. Ele tinha até ganhado um pacote de meias, uma balaclava, chocolate e cigarros. Ficara bastante animado com as condições em que passaram o dia, mas na época ele estivera alojado em um celeiro a certa distância da linha de frente.

Nos dois anos seguintes, houvera ainda pacotes e rações extras, mas visivelmente menos alegria por parte de Jimmy. Belle esperava que no Natal desse ano ele tivesse uma sensação de paz, sabendo que nunca teria que passar por essas experiências novamente.

Nessa manhã, ela lera nos jornais que todos os hospitais faziam grandes esforços para dar aos soldados feridos um Natal muito especial. Muitos homens no front tinham conseguido licença esse ano também; Garth ficara extremamente ocupado no bar na noite anterior, e ele imaginava que seriam ainda mais movimentados aquela noite e o dia seguinte. Ela espiara à porta do bar na noite anterior e era um mar de cáqui; achou que a maioria dos homens devia ter acordado essa manhã com dor de cabeça. Garth disse que bebiam como se não houvesse amanhã.

A cabeça dela doía por causa da tensão e ela sentia-se um pouco nauseada de nervosismo ao olhar mais uma vez no espelho sobre a lareira para verificar sua aparência.

Garth dissera que ela estava bonita mais cedo hoje, mas ela não concordara. Os acontecimentos dos últimos meses tinham apagado o brilho que ela antigamente tinha, ela emagrecera bastante, os olhos escuros pareciam grandes demais para seu rosto e ela estava muito pálida por já não sair tanto de casa.

O vestido de lã azul-escura, com gola alta e mangas longas, era um traje antigo que ela modificara, encurtando a saia e ajustando-o para servir melhor nela. Ela acrescentara uma gola e punhos de renda para dar vida a ele, mas não parecia realmente ter funcionado. Parecia o que era: um vestido velho fingindo ser novo.

Não haveria roupas novas para o futuro próximo. Agora ela teria que prestar atenção a cada centavo, pois a pensão do exército não daria para muita coisa. Restavam-lhe ainda algumas libras de quando fechara sua loja, mas ela precisava continuar guardando-as para o futuro.

A rua lá fora estava movimentada, apesar da densa neblina. Ela podia ouvir pessoas conversando, bebês chorando, crianças tagarelando e botas soando sobre as calçadas, mas só uma vez ou outra vislumbrava alguém atravessando a torvelinhante névoa. Mais cedo, quando saíra para comprar legumes, havia filas em todas as lojas, e ela sabia que ainda estavam lá, ocultas na escuridão. A do verdureiro parecia muito festiva, com uma exposição de maçãs vermelhas, laranjas e castanhas polidas, mas tudo o que ela podia ver disso agora era um brilho alaranjado das luzes. Na do açougueiro, poucas portas para baixo do Railway, ela parara para admirar os perus, gansos e galinhas pendurados acima da laje de mármore branco, onde grandes postas de carnes bovina, suína e de cordeiro estavam dispostas. Ela ouviu por acaso mulheres reclamando de como todos os preços haviam subido, ainda mais que fora dito no jornal dessa manhã que o governo pretendia multar aqueles que especulassem com a escassez de alimentos. Talvez o fizessem nas partes mais pobres de Londres, mas ela duvidava que isso se aplicasse a áreas mais abastadas como Blackheath.

Enquanto estava ali à janela, ela viu um automóvel subir a colina a passo de lesma, desaparecendo na neblina. Os automóveis eram tão comuns agora que raramente eram comentados e, embora o padeiro, o leiteiro e o comerciante de carvão ainda fizessem suas entregas com cavalo e carroça, ela supunha que, dentro de mais dez anos, o transporte tracionado a cavalo teria desaparecido. Só esperava que, quando chegasse esse tempo, ela e Jimmy estivessem vivendo em outro lugar.

Garth estava esgotando-a com o preconceito dele contra as mulheres. Sabia que ele não tinha realmente piorado, era ela que tinha uma perspectiva diferente por ter ido para a França, mas seus comentários depreciativos e sua recusa em fazer qualquer coisa que considerasse função de mulher eram irritantes. Mog podia ser feliz sendo subserviente a ele, mas Belle não tinha a intenção de seguir o exemplo dela, nem mesmo por uma vida tranquila.

Finalmente ela viu o automóvel do Sr. Gayle e saiu da sala correndo e desceu as escadas.

— Coloque a chaleira no fogo, Mog, ele chegou! — gritou ela ao passar pela porta da cozinha, onde Mog e Garth estavam sentados junto ao fogão.

Belle abriu a porta do carro para Jimmy. Fazia bastante tempo desde que ela o vira em outra coisa que não seu uniforme ou em *hospital blue*, e ele parecia tão diferente vestido com o velho paletó de *tweed*, uma camisa branca e o pulôver marrom que Mog tricotara.

— Bem-vindo ao lar, Jimmy — disse ela, estendendo a mão para tomar seu braço, mas, lembrando-se subitamente de que era o artificial, retirou a mão e preferiu abrir a porta traseira para tirar suas muletas.

Ele aprendera técnicas para manobrar a si mesmo e ela já estava a par de que ele não gostava de ninguém interferindo. Quando ela pegou as muletas, ele havia se virado no banco e pousado no chão a perna que lhe restara.

— Passe-me uma — disse ele, e, tomando a muleta e colocando-a debaixo do braço direito, conseguiu sem nenhuma ajuda colocar-se de pé, equilibrando-se sobre a única perna. Como sempre, Belle sentiu uma pontada de pena ao ver a perna vazia da calça dobrada até em cima, e ela sabia que todos eles tinham que se acostumar com a visão.

— Agora, se não se importa, enfie essa aí sob meu braço — disse ele, indicando a segunda muleta. Então, enganchando os dedos artificiais em torno da barra da muleta, ele saltitou agilmente até a porta lateral do pub.

Era muito tentador elogiá-lo por sua habilidade nas muletas, mas Belle sabia que ele odiava que alguém comentasse isso, de forma que simplesmente o seguiu, resistindo ao desejo de estender a mão em caso de ele tombar.

— Venha, entre, Sr. Gayle — chamou ela ao ver que Jimmy tinha conseguido chegar até o saguão. — O senhor deve estar morrendo por uma xícara de chá.

Garth assumiu na entrada e, apesar de tudo o que lhe haviam dito, ele agarrou o braço de Jimmy.

— Pode deixar — disse Jimmy laconicamente. — Você só está no caminho.

— Como ele esteve durante a viagem? — Belle sussurrou ao Sr. Gayle.

— Calado, não falou muito — ele sussurrou de volta. — Foi difícil para ele deixar os amigos, mas isso era de se esperar. Ter que ir tão lentamente assim que atingimos a neblina não ajudou, dava para vê-lo ficando cada vez mais tenso a cada quilômetro.

Na cozinha, Jimmy pegou a cadeira Windsor de braços perto do fogão, apoiando as muletas ao lado dele. Ele parecia agitado, olhando em volta como se nunca tivesse estado lá antes.

— É tão bom ter você em casa — disse Belle, curvando-se para beijá-lo e abraçá-lo, desapontada por ele não ter dito como era bom

estar em casa com ela. — Estamos todos animados por ver você, mas avise se estivermos amolando que nós paramos.

— Como é que poderiam me amolar? — disse ele, mas não houve risada ou mesmo sorriso para mostrar que isso significava um elogio.

— Sabe o que quero dizer, se estivermos sendo muito mandões, falando demais ou você quiser ficar sozinho — disse ela.

Todos tomaram chá, comeram uma fatia de bolo de frutas e conversaram sobre Haddon Hall e a viagem até em casa. Foi forçado, com silêncios constrangedores que Mog tentava preencher com tagarelice.

O Sr. Gayle fez seu melhor para conduzir a conversa para algo mais geral.

— Ouvi de manhã que os lagos em Keston e Chislehurst têm gelo espesso o suficiente para a patinação. Não me recordo de vê-los congelando desse jeito antes de janeiro — disse ele. — Mas dizem no jornal que está nevando no norte. Isso vai ser a festa de muitas crianças, ainda que nós, os mais velhos, vejamos isso com horror.

— Com o preço do carvão nas alturas, muita gente não vai conseguir manter o fogo aceso — disse Garth, indignado. — O governo afirma que vai baixar o preço, mas só acredito vendo. É um escândalo que pessoas estejam fazendo grana com isso.

— Não consegui acreditar no preço das castanhas neste Natal — comentou Mog. — As castanhas-do-pará estão dois xelins a libra. E as frutas secas estão em falta. Fico feliz de ter comprado as minhas no verão, ou não teríamos bolo nem pudim de Natal.

— Preciso ir agora — disse o Sr. Gayle tão logo terminou o chá. — A Sra. Gayle convidou algumas pessoas esta noite e vai ficar furiosa se eu me atrasar.

Belle acompanhou-o até o carro após ele ter se despedido.

— Ele vai ficar bem — disse ele, dando-lhe um tapinha na face.  
— Posso ver como está ansiosa; é assustador quando você pensa que ele pode cair. Mas ele dominou aquelas muletas e o equilíbrio. Só não o deixe tentar fazer coisas demais muito cedo.

— Feliz Natal para o senhor e sua família — disse ela. — E obrigada pelas caronas, conselhos e por sua bondade.

— Feliz Natal para a senhora também — disse ele. — Jimmy é um homem de sorte por ter uma esposa adorável como a senhora. Lembre-o disso de tempos em tempos e não o trate com luvas de pelica. Ele é um homem adulto, não uma criança doente.

Ao voltar para dentro, Belle viu Garth saindo do bar com um copo de uísque na mão.

— Se isso for para Jimmy, leve-o de volta — disse ela calmamente. — Não vai ajudá-lo em nada.

— Um copo só para fortalecê-lo não pode machucar — disse ele com aquele olhar teimoso que tantas vezes tinha.

— Se ele começar a depender de uísque para passar o dia, vai ser terrível para todos nós, não só para ele — disse ela ferozmente. — Já é bem ruim para ele manejar aquelas muletas sóbrio. Bêbado, ele vai acabar caindo e se machucando. Ele pode tomar umas bebidas à noite quando estiver lá em cima, mas não de outro jeito.

— Você, minha menina, está se tornando uma megera — disse ele, que depois se virou e voltou para o bar.

Eles cearam na cozinha às 18 horas, como de costume, antes de Garth abrir o pub à noite. Tiveram bife e torta de rim, especialidade de Mog que fora sempre a favorita de Jimmy, mas ele ficou empurrando a comida no prato e só deu umas poucas garfadas. Belle desejou com muita força que Mog não comentasse isso. Mas ele fez justiça ao pudim de arroz e às ameixas em conserva.

— Você fez pudim de arroz na primeira vez que cozinhou para nós em Seven Dials. Esperei então que você ficasse — disse ele.

Mog corou.

— Imagine! Só você para lembrar isso — disse ela, claramente deleitada. — Mas era um prazer alimentar você e Garth. Meu Deus, não tinha comida que bastasse!

Depois de ter ajudado a lavar a louça, Belle disse a Jimmy que eles subiriam para a sala de estar.

— O fogo está aceso lá e é mais aconchegante e silencioso — disse ela. Não confiava que Garth não tentasse atraí-lo para o bar se ele ficasse ali embaixo.

Um tremor passou pelo rosto de Jimmy e ela não teve certeza se era de pânico ou irritação. Mas ele puxou-se para fora da cadeira mesmo assim.

No saguão, ele sentou-se na escada e, segurando-se ao corrimão, subiu um degrau de cada vez com o traseiro, do jeito que ela o vira fazer em Haddon Hall. Ela o seguiu com as muletas.

Ao entrar na sala de estar e ver a árvore, as decorações de Natal e o fogo, ele demonstrou alguma emoção pela primeira vez desde que chegara em casa.

— É tão acolhedor e lindo — disse ele, virando-se para ela e sorrindo. — Como o primeiro Natal depois que casamos.

Belle fechou as cortinas enquanto ele se sentava na cadeira junto ao fogo.

— Podemos jogar cartas. Ou ler. Peguei alguns livros da biblioteca que achei que você pudesse gostar.

— Ou podemos apenas ficar sentados aqui e olhar para o fogo — disse ele. — Você não costumava ser tão inquieta. É por minha causa?

— Acho que é só porque estivemos separados por muito tempo — disse ela com sinceridade. — Deve ser igual para você. Não podemos retroceder o relógio para o ponto em que estávamos antes de você ir para a França. — Ela sentou-se no tapete ao lado da

cadeira dele. — Quase nunca chegávamos a fazer isso antes — disse. — Você estava sempre trabalhando no bar, e eu aqui em cima desenhando chapéus.

Ele estendeu a mão e tocou-lhe o ombro.

— Mas sempre tínhamos tanto a dizer um ao outro naquele tempo. Era de se esperar que, depois de todo esse tempo longe, tivéssemos ainda mais.

— Imagino que em poucos dias vamos voltar a ser assim. — Ela sorriu para ele. — Eu me senti muito estranha voltando aqui, e deve ser ainda mais estranho para você.

— Tudo era fácil em Haddon Hall — disse ele, pensativo. — Ninguém esperava nada de mim, os outros homens tinham passado pelas mesmas coisas que eu, não tínhamos que conversar.

— Ninguém espera nada de você aqui também — observou ela. — Especialmente eu. Mas você precisa dizer o que quer; ler pensamentos não é um de meus talentos.

Ele sorriu a isso.

— Você me acharia ingrato e desprezível se eu dissesse que na maior parte do tempo tudo o que quero é o completo silêncio?

Ela balançou a cabeça.

— É compreensível. Muitas vezes, sinto isso também quando Mog fica matraqueando. David, o maqueiro com quem trabalhei, uma vez me disse que não suportava a ideia de ir para casa por saber que a mãe dele ficaria fazendo perguntas. Sei exatamente o que ele quis dizer.

— Talvez a gente se saia bem, então — disse ele.

Jimmy mostrou-se muito perturbado quando quis ir dormir e notou que o quatinho do despejo ainda era apenas isso, repleto de caixas.

— Você não teve tempo de limpá-lo? — perguntou a Belle.

— Nem tentei — disse ela. Ele mencionara esse quarto em sua última visita, mas, atenta ao que o Dr. Cook havia dito, ela não dera atenção. — Você vai dormir onde é seu lugar, comigo, em nosso quarto.

Ele então pareceu em pânico.

— Mas vou incomodar você se eu tiver um sonho ruim. Posso dormir no sofá.

— Não, Jimmy — disse ela com firmeza. — Seu lugar é comigo. E, se tiver um sonho ruim, você pode me contar sobre ele. Coloquei seu pijama sobre a cama. Só vou descer para lhe trazer um pouco de leite quente. Quando eu voltar, espero encontrá-lo na cama. Sem mais discussão.

Estava quase na hora do fechamento. Garth ainda estava no bar e felizmente Mog parecia estar lá com ele, caso contrário Belle sabia que seria metralhada por perguntas. Enquanto esquentava o leite na cozinha, ela se esforçava para não chorar. Durante toda a noite, Jimmy não havia mostrado nenhum sinal de querer beijá-la. Fora o estranho tapinha no ombro, ele não havia tocado nela também.

Ela não sabia como dizer: “Você não tem que fazer amor comigo, só me abrace”. Mas como era possível? Fora-se o tempo em que podia dizer qualquer coisa para Jimmy. Antes, na maioria das vezes, eles nem sequer tinham que falar para se fazerem entender.

Como ela poderia romper esse muro que ele havia construído em torno de si? Em que ele estaria pensando?

Quando voltou lá em cima com o leite, ela mais ou menos esperava que ele estivesse no sofá da sala de estar. Estava muito cansada para confrontá-lo aquela noite, por isso, se ele estivesse lá, poderia ficar.

Para sua surpresa, ele estava na cama, encolhido para a direita, com as cobertas até os ouvidos, como se achasse que poderia se tornar invisível. Ela pousou o leite ao lado dele, disse que não demoraria e depois foi ao banheiro.

Ele tinha bebido o leite e estava de volta na mesma posição quando ela retornou em sua camisola. Ela deitou-se na cama ao lado dele, apagou a luz e disse boa-noite.

Belle esperou. Ele nunca, jamais havia deixado de dar-lhe um beijo de boa-noite desde que se casaram. Mas, sem sequer tocá-lo, ela sentia quão rígido ele estava.

Finalmente, incapaz de ficar em silêncio por mais tempo, ela falou.

— Se eu tivesse sido ferida no seu lugar, ainda gostaria que você me abraçasse — disse de repente. — Não me lembro de uma noite nesta cama em que você não tenha dormido com o braço em volta de mim.

Ele não respondeu.

— Não finja que está dormindo — disse, nervosa. — Ignorar-me não vai fazer com que o problema desapareça.

— Prostitutas não sabem tudo sobre os homens?

Sua resposta, embora quase sussurrada, pareceu reverberar em todo o quarto escuro. Ela não conseguia realmente acreditar que ele pudesse dizer uma coisa tão cruel. Estava atordoada demais para revidar rapidamente e apenas ficou ali, na escuridão.

— Não consigo acreditar que você possa dizer algo tão cruel — disse ela finalmente, com a voz trêmula. — Eu sei o que era, mas você costumava ser o homem mais gentil e generoso que já conheci. Como seu coração parece ter sido levado com sua perna e braço, eu poderia muito bem voltar para a França e deixá-lo aqui sozinho para apodrecer em sua autopiedade.

Ela saiu da cama e foi até a sala de estar. Sentia como se ele tivesse batido nela.

Era impossível dormir. Ela estava com frio, já que não havia cobertas, e não poderia pegar nenhuma sem alertar Mog de que algo estava errado. Estava com raiva e profundamente magoada,

pois nunca imaginara que Jimmy lhe jogaria o passado na cara, especialmente para evitar qualquer contato físico com ela.

Odiava estar de mãos atadas agora. Ele poderia ser tão desagradável quanto quisesse, mas ela não podia abandoná-lo. Não seria certo esperar que Mog juntasse os pedaços.

Talvez ele só a estivesse atacando por fazê-lo dormir com ela. Mas em quase todas as suas cartas nos últimos anos ele dissera como sonhava em estar abraçado a ela na cama. Ele devia lembrar-se disso e, por mais que temesse ter perdido a capacidade de fazer amor, certamente ainda a queria perto de si, não?

Ouviu-o levantar-se no meio da noite e o ruído das muletas enquanto ele ia ao banheiro. Ela prendeu a respiração, certa de que ele viria procurá-la e pedir desculpas, mas ele voltou direto para o quarto e fechou a porta atrás de si.

Muito antes que houvesse luz, quando não havia um único som na rua lá fora, Belle levantou-se, vestiu as roupas no banheiro, escovou os cabelos, prendeu-os mais uma vez para cima, impecavelmente, e então desceu as escadas. Era véspera de Natal, o dia mais agitado do ano para o pub, e Garth e Mog logo estariam lá embaixo para preparar tudo. Ela temia vê-los, pois qualquer que fosse a mentira que lhes dissesse, Mog saberia não ser verdade.

Assim, ela vestiu um avental e colocou a mesa para o café da manhã, com a intenção de suportar bravamente a situação e fingir que só acordara mais cedo para ajudá-los. Colocou uma bandeja para Jimmy também, pois, se ela lhe desse café na cama, quando ele descesse mais tarde, Mog e Garth estariam ocupados demais para notar que alguma coisa estava errada.

Ela fritava bacon e ovos quando Mog desceu.

— Aah, meu bem! Que surpresa agradável, mas você deveria ter ficado na cama e deixado isso comigo — disse ela, com o rostinho tomado por um sorriso. — Como está Jimmy?

— Ainda estava dormindo quando desci — disse Belle. — Vou levar o café dele lá para cima.

Ela levou a bandeja de Jimmy quando Garth e Mog se sentaram para tomar seu desjejum. Ele estava deitado do jeito que estivera na noite anterior, encolhido de lado, como se não tivesse se mexido a noite toda.

— Seu café da manhã, Jimmy — disse ela secamente. — Seria uma boa ideia se você ficasse aqui em cima por enquanto. Não quero que Mog perceba que algo está errado e fique chateada.

Ele virou de costas e ela viu que seus olhos estavam vermelhos e inchados.

— Sinto muito, Belle. Foi imperdoável de minha parte.

Metade dela queria aceitar o pedido de desculpas e dizer que sabia que ele não queria ter dito aquilo. No entanto, a outra metade ainda estava magoada demais para perdoar-lhe prontamente.

— Nada é imperdoável com o tempo e há indícios de que você não quis dizer o que disse — respondeu ela com cautela. — Mas agora me sinto magoada, então se endireite na cama e coma isso para que eu possa descer e continuar com as tarefas.

— Por favor, fique e fale comigo — implorou ele.

— Não posso. Há muito a fazer lá embaixo. Compreendo que você se sinta apenas metade de um homem e que tem que se conformar com o que lhe aconteceu. Mas me excluir e ser maldoso em relação a meu passado não é a maneira de lidar com isso. Falo com você mais tarde.

Ela disse a Mog e Garth que Jimmy estava cansado e ficaria na cama. Como tinham muito a fazer, nenhum dos dois questionou. Belle entrou no bar com Mog para limpá-lo e Garth desceu para trabalhar na adega.

Mais tarde, Belle saiu para polir o bronze na porta do bar. Fazia muitíssimo frio e a neblina era tão densa que ela não conseguia ver

o outro lado da rua. Sentiu-se desolada, temerosa e oprimida pela perspectiva de que essa seria sua vida a partir de agora, com tarefas domésticas sendo a única forma de descarregar suas frustrações.

Lá pelo meio da manhã, ela levou chá e bolo para Jimmy no andar de cima. Ele estava sentado na cama lendo um livro e, quando ela pousou o chá a seu lado, ele tentou pegar a mão dela, mas ela se desvencilhou dele e saiu do quarto.

Mog subiu com uns sanduíches e um pouco de sopa na hora do almoço. Ela relatou que ele parecia “pálido” e ele disse que ficaria lá em cima para não atrapalhar ninguém.

— Ele é um rapaz valente — disse ela com carinho. — Vai ser bom amanhã, quando todos pudermos ficar juntos sem preocupação com o bar. Tem tanta gente lá agora! Quatro filas no bar quando levei alguns copos limpos, e vai ser ainda mais movimentado à noite. Queria ir à Missa do Galo, mas Deus vai ter que me desculpar este ano, pois acho que não vou ter forças para subir até lá depois que fecharmos.

Belle ficou contente por haver muitos copos para lavar e sanduíches para fazer. Depois que o bar fechou para a tarde, ela varreu toda a sujeira e lavou o chão novamente, então limpou o banheiro externo usado pelos clientes para evitar sentar-se com Jimmy. Sua raiva já passara. Ela só se sentia ferida e muito cansada.

Passava bem das 23 horas quando Garth finalmente empurrou porta afora o último dos bêbados e trancou tudo. Ele estivera bebendo de forma constante durante toda a noite e estava trançando as pernas. Mog empurrou-o escadas acima, e então ela e Belle recolheram os copos e limparam as mesas e o balcão.

— O restante pode esperar até o Boxing Day — disse Mog, avaliando o chão tomado por cerveja derramada e tocos de cigarro. — Só vou guardar os ganhos do dia e então vou para a cama.

Foi Belle quem saiu verificando se as portas e janelas estavam trancadas e apagou as luzes. Ela estava morta de cansaço e sabia

que não poderia encarar mais uma noite no sofá, mas não queria ter que encarar Jimmy também. Sabia que ele não devia ter achado agradável passar a noite no quarto com todos os gritos e risadas no bar de baixo. Vira-o pela última vez às 18h30, quando ela lhe levara uma ceia de frios, com presunto, queijo e pickles. Por outro lado, ele sabia como era o Natal em uma taberna, de modo que não teria esperado que nenhum deles entrasse lá para vê-lo.

Ele estava lendo na cama quando ela entrou no quarto em sua camisola.

— Garth parecia bêbado — disse ele. — Ele estava resmungando para si mesmo lá no patamar da escada. Vocês todos tiveram uma noite agitada, e você parece muito cansada.

— Sim, eu estou — disse ela. — Poderia dormir por uma semana.

— Estou muito feliz que tenha vindo ficar comigo — disse ele. — Sinto muito, Belle. Fui horrível com você e gostaria de poder voltar atrás.

— É tudo passado — disse ela, estendendo a mão para acariciar-lhe o rosto. — Vai ser dia de Natal em poucos minutos. Mog costumava me dizer, quando eu era pequena, que há magia no ar nesse dia, então, talvez acordemos amanhã e tudo esteja bem com o mundo.

Ela deitou-se na cama e apagou a luz. Quando já caía no sono, ela o sentiu beijar-lhe a nuca, e ele sussurrou que a amava.

## Capítulo 23

**Na manhã de Natal,** Belle levantou-se às 7 horas, enquanto Jimmy, Mog e Garth ainda dormiam, e acendeu o fogo na sala de estar.

Ela acordara para dar com Jimmy enroscado nas costas dela, e era muito bom que ela tivesse decidido deixar de lado a mágoa e garantir que todos tivessem um dia realmente agradável.

Depois de acender o fogo, ela desceu as escadas, terminou as tarefas da noite anterior e colocou o peru no fogão para cozinhar. Mais tarde, ao ouvir Mog de um lado para o outro no andar de cima, subiu com uma bandeja de chá e sugeriu que todos fossem para a sala de estar.

Mog fizera grande esforço com sua aparência. Usava um vestido de chá cor-de-rosa, com bordado rosa mais escuro no corpete, que Belle nunca vira antes, e ele deixou sua tez um tanto pálida mais luminosa. Ela pareceu encantada que pela primeira vez alguém estivesse organizando as coisas e, toda feliz, sentou-se na sala de estar.

— Pensei em fazer para todos sanduíches de bacon para comermos aqui em cima, então podemos abrir os presentes e passar um tempinho à toa — disse Belle, pousando a bandeja perto de Mog para que ela se servisse.

Garth entrou em seguida. Claramente sofria um pouco dos excessos da noite anterior, mas vestira uma camisa branca ofuscante com colarinho em asa e paletó verde-escuro.

— Isso aí é chá? E alguém mencionou sanduíches de bacon? — Jimmy disse junto à porta. — Nossa, estão todos muito elegantes. Devo parecer o parente pobre.

— De maneira nenhuma — disse Belle. Ele vestia o cardigã marrom que Mog lhe tricotara, e ela pôde avaliar que isso tornava muito mais fácil para ele se virar com uma mão só do que se estivesse usando paletó. — E, sim, você ouviu mencionarem sanduíches de bacon. Vou descer para fazê-los. Faça Mog ficar aqui e colocar os pés para cima.

Jimmy sentou-se em uma poltrona, com as muletas a seu lado. Belle curvou-se para beijar-lhe o rosto antes de sair do quarto.

— Você parece mais descansado hoje — disse ela.

Ele colocou-lhe a mão na face e olhou-a dentro dos olhos.

— Dormi melhor com você a meu lado — sussurrou.

Aquele acabou sendo um dia adorável. Lá fora fazia muito frio e a névoa ainda era igualmente densa, mas isso só fez com que parecesse ainda mais aconchegante junto ao fogo. Os presentes de Mog para eles eram todas coisas que ela mesma fizera. Devia ter planejado isso um ano atrás, pois havia um belo cardigã verde-escuro para Garth, uma camisa de flanela macia para Jimmy e um xale de lã vermelho rendado para Belle.

— Não pude comprar nada para nenhum de vocês — disse Jimmy com tristeza.

— Você nos deu o melhor presente de Natal de todos apenas por estar aqui em casa conosco — disse Belle, colocando o novo xale sobre os ombros.

Garth pareceu surpreso quando Jimmy e Belle abriram os presentes ganhados dele. Todos riram, sabendo bem que fora Mog quem comprara os pijamas para Jimmy e as meias compridas para Belle. Mas Garth tinha comprado sozinho o presente de Mog e feito com que a loja o embrulhasse. Era uma pele de raposa prateada para usar sobre o casaco, algo que ela sempre quisera. Ela gritou de alegria quando abriu o presente e depois pulou para abraçar Garth.

— Não achei que você estivesse ouvindo quando ficava martelando isso — disse ela. — Nunca tive nada tão adorável antes. É melhor eu começar a ir novamente à igreja para poder exibi-la.

Como Garth dividira o segredo com Belle, ela o escondera em seu quarto para fazer um chapéu que o acompanhasse. Era um modelo de chapéu que ficava bem em Mog, uma base de cetim cinza-prateado com enfeite cinza levemente mais escuro e duas rosetas de cetim no mesmo tom de um lado. Ela comprara para Garth uma gravata de seda verde e branca, e para Jimmy um jogo de xadrez. Sabia que ele jogara muito xadrez em Haddon Hall e esperava que a ensinasse para que pudessem jogar juntos.

Mog fez todos rirem colocando o chapéu e a pele de raposa e andando com arrogância pela sala feito uma duquesa. Belle deu-se conta de que era a primeira vez que ela realmente ria desde que chegara da França, e era bom ver Jimmy descontraído e feliz por estar de volta com todos eles.

Annie enviara a Belle uma caixa de chocolates muito finos. Embora fossem adoráveis, Belle teria ficado mais satisfeita com uma carta demonstrando alguma preocupação por Jimmy e perguntando como todos estavam. Não havia sequer um breve bilhete no embrulho.

— Às vezes, realmente me pergunto sobre ela — disse Mog, indignada. — Escrevi-lhe também, você sabe, quando soubemos de Jimmy. Ela não se incomodou em responder. Mas aposto que, se estivesse num aperto, ela viria à velocidade de um raio.

— Bom, ela não me encontraria nem um pouco feliz — disse Belle. — Não vou nem agradecer a ela pelos chocolates. Graças a Deus temos você, Mog! Vale por cem dessa outra aí.

Mais tarde, Belle e Mog desceram para cuidar do jantar, deixando Garth e Jimmy jogando xadrez.

— Jimmy está muito melhor hoje. Ou talvez seja só porque você está sendo mais gentil com ele — disse Mog incisivamente enquanto preparavam os legumes.

— Fiquei longe dele ontem porque ele me disse uma coisa horrível — Belle deixou escapar. — Eu não mereci e não vou mais aturar nada disso. Mas já passou, eu disse o que devia e está esquecido.

— Espero que vocês possam voltar a ser como antes — disse Mog com ar melancólico. — Mas imagino que seja desejar o inatingível; essa guerra mudou todos nós.

— Talvez um dia descubramos que ela nos mudou para melhor — disse Belle, que foi até Mog e abraçou-a.

Mog desligou-se depois de alguns instantes e pegou o rosto de Belle entre as duas mãos.

— Conheço você melhor do que ninguém — disse ela, olhando diretamente nos olhos de Belle. — Então, sei que algo aconteceu com você na França. Não apenas a morte de Miranda ou as cenas que você presenciou. Outra coisa. Seja o que for, pode me dizer.

Mog sempre fora capaz de sentir se havia algo a incomodando, e Belle lembrava-se de que, no passado, sempre se sentia melhor desabafando, mas ela era adulta agora e era melhor manter algumas coisas em segredo.

— Eu só cresci — disse ela, sorrindo afetuosamente para a mulher mais velha. — Quando eu e Jimmy nos casamos, tive tudo pelo qual sempre esperei. Acreditava que todos os maus momentos tinham acabado e nós viveríamos felizes para sempre. Sei que você também pensou o mesmo quando nos mudamos para cá e você se casou com Garth. Mas não aconteceu assim. Talvez precisemos de maus momentos para apreciarmos plenamente os bons.

— Hoje parece um bom momento — disse Mog.

— Sim, parece. Então, apenas sejamos gratas por isso — disse Belle. — Vou colocar a mesa e vamos nos fartar até explodir. Vamos esquecer a guerra e o que o futuro pode trazer e apenas ser felizes juntos.

— Foi um dia adorável — disse Jimmy enquanto se deitavam na cama aquela noite. — Você e Mog se esforçaram muito para garantir isso, o melhor jantar de todos os tempos; se os rapazes lá na França soubessem o que comemos aqui, ficariam babando.

Ele tinha mencionado vários amigos no decorrer do dia, e estava claro para Belle que ele sentia falta da camaradagem do exército e percebia que, ainda que conseguisse voltar ao trabalho atrás do balcão, nunca encontraria amizades dessa profundidade na vida civil. Era o mesmo também para ela, mas a deficiência de Jimmy lhe dificultaria fazer novos amigos.

— Você deveria escrever para alguns deles — disse ela. — Tenho certeza de que vão querer saber como você está passando, e talvez você possa até mesmo reunir todo mundo outra vez depois que tudo estiver acabado.

— Acho que devo mesmo — disse, pensativo. — Seria bom saber em primeira mão o que está acontecendo por lá também. Os jornais não contam como realmente é. Você escreve para aquela sua amiga lá no hospital?

— Escrevi para Vera diversas vezes — respondeu Belle. — Há mais feridos australianos, neozelandeses e canadenses sendo trazidos agora. Ela se preocupa com os dois irmãos dela, meio que os esperando no próximo trem de feridos. Sinto falta dela.

— Sinto falta dos caras com quem eu estava — admitiu Jimmy. — Estávamos sempre discutindo, provocando uns aos outros, e eu costumava achar que alguns deles eram idiotas. Mas agora, quando olho para trás, o que vejo são os irmãos que sempre quis ter. Amigos que nunca tive na vida civil.

— Você nunca teve a chance de fazer amigos antes, estava sempre muito ocupado trabalhando — disse Belle. — Eu nunca tive uma amiga de verdade também, não até descobrir Miranda. Temos um ao outro, Jimmy, somos bons amigos também, mas não é bem a mesma coisa que amigos de seu próprio sexo, não é?

— Não, querida, não é. Mas prefiro ter você como minha única amiga a um batalhão inteiro de amigos barbados.

— É bom saber — disse ela, e aconchegou-se mais perto dele.

— Boa noite — disse ele, virando as costas para ela.

Belle ficou lá por algum tempo, sentindo-se triste e desapontada. Fora um dia tão adorável e certamente não era demais esperar um afago ao final de tudo, era?

Na véspera do Ano-Novo, diante da insistência de Garth, Jimmy relutantemente se juntou a ele no bar. Ele saiu em menos de uma hora, trêmulo, e sentou-se com Mog e Belle na cozinha.

— Não dava para ficar lá — disse. — Metade queria saber todos os detalhes sangrentos de minhas lesões. A outra metade conhecia alguém em estado pior e ficava falando sobre isso. Não quero falar de ferimentos. Ou de quem está morto. Havia também um coitado no canto, tossindo de arrancar os pulmões. Ele tinha sido envenenado por gás. Não consigo suportar isso.

Belle achou que devesse ficar feliz por ele não ter gostado de ficar no bar. Um de seus maiores medos era que ele gostasse de estar lá todas as noites, e ela tivesse que o ajudar a subir as escadas na hora do fechamento e escutar divagações de bêbado. Mas ela não podia ficar feliz. Apesar de tudo ter corrido muito bem no dia de Natal, ele se retraiu novamente desde então, sem falar, sem se interessar por nada nem ninguém.

Ela tentara trazê-lo para fora de si mesmo, falando sobre pessoas e coisas de que ele costumava gostar, fazendo com que Mog preparasse suas refeições favoritas e perguntando sobre seus amigos no exército. Mas o muro que ele construía em torno de si parecia estar ficando mais alto a cada dia.

A névoa subira no Boxing Day, e então nevou. Belle saía para um passeio na charneca e viu dezenas de crianças arrastando trenós, brincando de guerrinha com bolas de neve e fazendo bonecos de gelo. Ela havia chegado em casa revigorada e sugerido

que comprassem uma cadeira de rodas para Jimmy, de modo que ele pudesse sair. Mas ele desdenhara disso, perguntando como ela esperava ser capaz de empurrá-lo colina acima.

Era verdade que, independentemente do caminho que tomassem a partir do Railway, havia uma colina, mas ela era forte e poderia empurrá-lo, ou ao menos tentar. Será que ele realmente pretendia ficar eternamente dentro de casa?

Dentro de mais umas horas seria 1918. Um tempo para ser otimista e esperar que o ano seguinte fosse um ano melhor. Por que ele não podia enxergar dessa forma?

— Vou para a cama — disse Jimmy.

— Mas cedo assim? — questionou Mog. — Fique para ver a virada do Ano-Novo.

— O que tem para ver? — Ele deu de ombros. — Centenas de copos para serem lavados, o banheiro externo inundado de mijo e vômito e bêbados falando bobagem. Prefiro ficar na cama.

Belle sentiu um peso no coração. Embora entendesse que ele devia estar se sentindo inútil por não poder trabalhar, sua negatividade em relação a absolutamente tudo estava afetando todos.

— Vá mesmo, então, se vai ser um estraga prazeres — disse ela.

Mog voltou-se contra ela quando ele deixou a sala.

— Custa ser mais gentil? Você não costumava ser cruel.

— Sou cruel por querer que ele fale conosco? Que ele aceite o que aconteceu e pense no que ainda pode fazer em vez de todas as coisas que ele não pode? — perguntou ela. — Para começar, ele poderia assumir o controle das contas do pub. Garth quebra a cabeça com isso.

— Você sugeriu isso?

— Sim, claro que sugeri, mas ele quase me arrancou a cabeça. Disse que ninguém poderia seguir o sistema de Garth.

— Garth não tem um sistema — disse Mog. — É o motivo de ele quebrar a cabeça. Nunca conheci ninguém tão desorganizado.

— Jimmy poderia fazer um, ele é brilhante, bom em cálculos. Além disso, ele costumava fazer as contas antes de se alistar.

— Você é sempre tão impaciente — disse Mog. — Ele só está há uma semana em casa. Pode apenas o deixar em paz um pouco? Deixá-lo encontrar o próprio caminho?

Belle queria dizer a Mog que provavelmente ela estivesse certa, e que era a frieza de Jimmy para com ela que a estava deixando cruel e impaciente, mas não conseguiu ter coragem de admitir algo tão pessoal.

Nas duas semanas seguintes, ela não fez sugestão alguma para Jimmy sobre coisas que ele poderia fazer. Ignorou seus longos silêncios e comentários irascíveis e deixou-o ir para a cama cedo sem fazer comentários, ainda que ela soubesse que era um estratagema para evitar qualquer ato sexual ou mesmo conversa.

O tempo não estava do lado dela também. Primeiro a neve, que rapidamente se transformou em lama suja e mais névoa, e mesmo quando esta subia por um tempo, o céu parecia chumbo. Estava tão frio que apenas um curto passeio fazia-a sentir como se a pele estivesse sendo arrancada do rosto e, embora encontrasse tarefas para fazer em casa, os dias pareciam intermináveis.

Estava bem tranquilo no pub desde a véspera do Ano-Novo, de modo que Mog e Garth tinham também bastante tempo livre. Ela sentiu que os humores de Jimmy também os estressavam bastante, pois ficavam discutindo sobre coisas pequenas. Mog vivia reclamando de dor de cabeça, e Belle podia sentir a pressão acumulando-se dentro de todos eles, a qual, se explodisse, só poderia resultar em mais sofrimento e infelicidade para todos.

Para o bem geral, Belle sentiu que precisava se aconselhar sobre Jimmy, de modo que, em uma tarde de terça-feira, ela subiu até o Herbert Hospital na esperança de que uma das irmãs que ela conhecia pudesse recomendar alguém que o ajudasse.

Ela foi até sua antiga ala, apenas para dar com as enfermeiras, a maioria desconhecida dela, acomodando um grupo de recém-chegados. Belle esquecera completamente a atividade frenética em momentos como esse, e, quando pairou à porta à procura de um rosto familiar, ficou chocada ao ver que os novos pacientes, em sua maioria, estavam queimados, com rosto, ombros e braços em carne viva, e havia um cheiro tão ruim que fez com que sentisse vontade de vomitar.

— Veio para ver um dos pacientes? — perguntou uma enfermeira ao entrar carregando uma pilha de roupa de cama limpa.

Belle explicou que havia trabalhado lá e que esperava ver a Irmã May.

— Ela está em outra ala — disse a enfermeira. — Esta agora é só para queimaduras. Talvez um dos porteiros possa lhe dizer aonde ir.

— Por que há tantos casos de queimadura? — perguntou Belle.

— Líquido incendiário — respondeu a enfermeira. — Esta gente sofreu isso em Cambrai, pobres coitados. De todas as armas que usam na guerra, considero essa a pior. Aqueles que sobrevivem ficam com cicatrizes pelo restante da vida.

Belle agradeceu à enfermeira e virou-se. Ela percebeu que todas as alas estariam igualmente agitadas e que ninguém teria tempo ou inclinação para falar sobre um homem que não estava mais em estado crítico. Ela pensou que talvez fosse melhor ir ver o Dr. Towle e aconselhar-se com ele.

Quando começou a caminhar para casa, com as imagens daqueles homens gravemente queimados em sua mente, a raiva que ela andava se esforçando para suprimir durante as últimas duas semanas começou a borbulhar dentro de si. Queria que Jimmy pudesse ver aqueles homens, pois talvez então ele avaliasse que perder um braço e uma perna nunca poderia ser tão ruim quanto aquelas terríveis queimaduras.

No entanto, à medida que caminhava, ela percebia que sua raiva não era só por causa de Jimmy. Havia toda uma série de coisas causando isso, e ela estava projetando tudo sobre Jimmy porque era quem estava mais perto e ela ficava com ele diariamente.

Como alguém não poderia ficar furioso com uma guerra que estava matando tantas dezenas de milhares de jovens e mutilando ainda mais? Havia viúvas com filhos que ficaram sem pais, algumas das quais deixadas em situações desesperadoras, incapazes de pagar o aluguel e lutando para comprar comida. Tornava-se cada vez mais comum ver homens feridos mendigando nas ruas, e apenas um ou dois dias antes ela havia lido que em algumas áreas mais pobres das grandes cidades a desnutrição infantil era tão grave quanto nos tempos vitorianos.

E havia suas próprias queixas pessoais. Não apenas as dificuldades com Jimmy, mas a falta de interesse ou compaixão por parte de sua mãe e a injustiça de Mog ser condenada ao ostracismo na vila em razão do que Blessard havia escrito em seu tabloide sensacionalista. Misturados a isso estavam sua dor pela morte desnecessária de Miranda e o pesar e a culpa que sentia por Etienne ter voltado à vida dela.

Sabia que era sua impotência o que estava alimentando sua raiva. Ela não podia fazer nada sobre nenhuma dessas coisas. Não podia parar a guerra, ajudar os necessitados ou fazer Jimmy voltar a ser um homem inteiro. Tudo o que podia fazer era aguentar, esperando contra toda a esperança que o tempo sozinho trouxesse soluções para todos os problemas.

Todavia, pareceu-lhe ter passado tempo demais em sua vida aguentando coisas. Só dessa vez ela queria revidar, recusar-se a ser como uma folha soprada ao vento, para cá e para lá. Tomar uma atitude.

Uma recordação de Miranda veio-lhe à mente. Ela estava sentada na cama à noite na choupana, escrevendo uma carta para casa.

Usava uma camisola rosa e os cabelos loiros caíam-lhe sobre os ombros. Mas, de repente, ela jogou a carta no chão.

— Estou cansada de tentar fazê-la gostar de mim — explodiu ela, começando a chorar.

Belle saiu da cama e foi até a amiga, colocando os braços ao redor dela.

— Sua mãe? — perguntou.

— Quem mais? — respondeu Miranda aos soluços. — Ela não poderia ligar menos para o que eu faço aqui. Só está feliz porque eu sumi da frente dela, e isso significa que nem pensa em mim também. Escrevo toda semana, tento tornar tudo interessante e causar a impressão de que sou boa em meu trabalho, uma pequena Florence Nightingale de ambulância. Tudo o que recebo de volta são poucas linhas a cada algumas semanas, nada sobre mim, dizendo que Amy vai se casar com um visconde, que meus irmãos estão bem e descrevendo os bailes e festas da sociedade aos quais ela vai. A única coisa no mundo que a deixaria satisfeita comigo é se eu morresse aqui, daí então ela poderia se gabar a seus conhecidos esnobes de que eu dei minha vida em nome do rei e do país.

No dia seguinte, Miranda desculpara-se pelo desabafo, mas não dissera que não era verdade. E depois que ela morrera e Belle arrumara as coisas da amiga, ela lera as poucas cartas da mãe dela que estavam em seu armário. Era como se tivessem sido escritas por alguém que mal conhecia Miranda, ainda mais frias do que ela havia dito.

Recordar isso avivou ainda mais a raiva de Belle. A odiosa Sra. Forbes-Alton não havia sequer respondido à carta dela, que lhe dava mais detalhes da morte de Miranda e dizendo quão devastados todos no hospital estavam por isso. Em vez disso, ela acintosamente culpava e caluniara Belle na imprensa, destruindo a felicidade e o bom nome de Mog, a ponto de ela sentir que não poderia ir sequer à igreja por medo de ser desprezada.

Como um raio caído do céu cor de chumbo, Belle viu que isso era algo que ela não precisava aguentar. Ela deveria ter ido ao Paragon assim que voltara da França e resolvido as diferenças com a Sra. Forbes-Alton. Isso era o que Miranda teria esperado que ela fizesse.

Uma vez que a ideia começou a se formar em sua mente, Belle quase que pôde ouvir Miranda instando-a a fazer isso. Mog não aprovaria e Jimmy ficaria estupefocado, mas ela não se importava com o que eles pensavam. Estava cansada de permitir que as pessoas a hostilizassem, e às vezes fogo se combatia com fogo. Ela não podia resolver os problemas do mundo, mas podia dar àquela mulher vil sua merecida punição.

Naquela noite, Belle foi capaz de ignorar o silêncio taciturno de Jimmy porque sua mente estava a toda, repassando os mais finos detalhes de seu plano. Isso ergueu seu ânimo da mesma forma que os desenhos costumavam fazer.

E ela pretendia colocar o plano em ação no dia seguinte.

Miranda uma vez dissera que sua mãe promovia um jogo de bridge à tarde em sua casa, toda quarta-feira. Ela havia brincado dizendo que sempre sabia quando eram 14 horas, pois a campainha da porta da frente tocava em ponto, e as amigas íntimas de sua mãe deixavam a casa pontualmente às 16 horas. Miranda acrescentara que o jantar em uma quarta-feira sempre era uma provação, pois ela era forçada a ouvir uma nova versão das fofocas vespertinas e queria ter sido capaz de fazer como o pai sempre fazia, retirando-se.

Exatamente às 16 horas, Belle observava de um ponto mais abaixo do Paragon enquanto as jogadoras de bridge deixavam a casa dos Forbes-Alton. Já estava escuro, mas a luz do salão número 12 era luminosa o suficiente para mostrar a silhueta da Sra. Forbes-Alton na entrada, e Belle pôde ouvir sua voz estridente despedindo-se de todas.

Duas das mulheres entraram em um automóvel que as aguardava, ao passo que as outras correram rapidamente para casas

vizinhas. A porta da frente fechou, e Belle caminhou resolutamente até ela e tocou a campanha.

Ela fizera um verdadeiro esforço para mostrar-se elegante e atraente ao olhar. Era importante que transmitisse a mensagem de que era obstinada e implacável. Um invejável chapéu pillbox escarlate realçava seus cachos escuros e ela vestia um casaco que Jimmy lhe comprara logo depois que casaram, azul-marinho, ajustado à cintura e com duas fileiras de botões ao moderno estilo cossaco, com adorno de peles na bainha, gola e punhos.

Como ela havia esperado, a própria Sra. Forbes-Alton abriu a porta, imaginando que fosse uma de suas amigas retornando por causa de algo que havia esquecido.

Quando viu Belle parada ali, seu sorriso desapareceu.

Belle colocou na porta um pé de bota impecável para impedir que ela a fechasse.

— Sim, sou eu. Acho que é hora de termos uma conversa — disse ela.

— Não tenho nada para falar com você — rugiu a mulher mais velha. — Fique longe de minha casa.

Ela era mais alta do que Belle recordava e muito volumosa. Os cabelos grisalhos estavam elaboradamente arranjados em cachos semelhantes a salsichas no topo da cabeça, o que apenas servia para chamar atenção a seus muitos queixos. Ela usava um vestido púrpura com um plissado de renda cruzando o grande peito, e a cor fazia com que ela parecesse irritável.

— Não preciso que fale, apenas ouça — disse Belle com uma sugestão de ameaça. — Se não ouvir, vou direto ao seu amigo, o Sr. Blessard, e vou falar com ele. A senhora não vai gostar disso.

— Como se atreve a vir aqui me ameaçar? — disse ela, com seus olhinhos azul-claros arregalados de choque diante da audácia de Belle.

— Eu não a ameacei de maneira nenhuma — disse Belle lentamente. — Só disse que seria melhor para a senhora se me ouvisse. Não há nenhuma ameaça nisso. Agora, vai me convidar a entrar ou eu devo gritar à soleira de sua porta?

Belle havia esperado ficar nervosa; seu maior medo era que não fosse corajosa ou articulada o bastante para dar a ela seu ultimato. Mas agora que estava ali, de pé diante dessa mulher que trouxera tanta infelicidade a Miranda, Belle podia ver que ela não passava de uma valentona, e, como a maioria dos valentões, tudo o que ela temia era alguém mais forte do que ela mesma.

O rosto da mulher exibia o que ela estava pensando. Ela não queria na porta de casa uma cena que alguém pudesse ouvir e esperava que Belle ficasse intimidada, uma vez que estava na mansão dos Forbes-Alton.

— Não tenho o hábito de falar com ninguém, exceto comerciantes, na entrada de minha casa — disse ela, escancarando a porta. Depois, virou-se e caminhou até o outro extremo do corredor.

Belle sorriu para si mesma. A mulher achou que isso a faria hesitar, mas Belle fechou a porta atrás de si e seguiu a Sra. Forbes-Alton sala adentro. Duas mesas e cadeiras de carteadado estavam dispostas lá, com as cartas ainda sobre elas. Belle supôs que a empregada já tinha sido dispensada ou estaria tirando tudo aquilo. Ela contornou as duas mesas em direção ao fogo e, sem ser convidada, sentou-se em uma poltrona mais próxima dele.

— Uma sala adorável — disse ela, olhando em volta com interesse. Era de fato bem vitoriana no estilo, com móveis muito carregados, quadros sombrios e incontáveis ornamentos horrorosos. — É evidente que Miranda a descreveu em detalhes para mim, por isso sinto que já estive aqui antes.

— Você é uma jovem muito impertinente. Por favor, lembre-se de seu lugar — ladrou a Sra. Forbes-Alton, indignada. Ela postou-se atrás de uma cadeira, olhando com raiva para Belle.

— Meu lugar? — disse Belle, abafando o riso. — Que noção deliciosamente antiquada. Não é uma a que eu me prenda, absolutamente.

— O que é que você quer? — perguntou a Sra. Forbes-Alton, agora se mostrando nervosa. Belle supôs que fosse por estar sozinha em casa.

— Quero que a senhora diga a seus amigos e conhecidos na vila que Blessard a induziu a acreditar que eu era uma mulher de vida fácil. A senhora vai reparar a dor que tem causado à minha querida tia, a Sra. Franklin, garantindo que no futuro ela seja convidada para todas as ocasiões sociais às quais ela sempre costumava se dedicar.

— Mas você foi uma dama da noite, isso é fato — retrucou a Sra. Forbes-Alton.

— A verdade é que fui vítima de um homem mau que acabou enforcado por seus crimes — disse Belle. — Eu tinha apenas 15 anos quando fui raptada e levada para a França. Mas não vim aqui hoje para discutir sua incapacidade de separar fato de pura ficção sobre meu passado, nem para repreendê-la por não ter nenhuma compaixão por alguém que foi tão maltratada. — Ela fez uma pausa para deixar isso calar na mente dela. — Minha tia, a Sra. Franklin, é uma das melhores e mais amáveis mulheres que já viveram — continuou. — E a senhora a tem injustiçado cruelmente com suas fofocas e mexericos maliciosos. Como certamente sabe, meu marido foi ferido em combate, e por causa disso não podemos nos mudar para um lugar onde as pessoas sejam mais gentis. Então a senhora, minha querida Sra. Forbes-Alton, vai tornar as coisas melhores para todos nós.

— Por que eu deveria fazer qualquer coisa para você, uma mera rameira? — a mulher bufou com desdém.

— Porque, se não o fizer, eu vou desonrar o nome de sua família como a senhora fez com a minha — disse Belle. — Acredite em mim, sei coisas sobre todos vocês que não apenas fariam as pessoas em

Blackheath abrirem os olhos, mas também chegariam à imprensa nacional.

— Que bobagem! Não há nada sobre nossa família que seja vergonhoso.

— Não? — Belle arqueou uma sobrancelha e sorriu afetadamente. — Uma mulher que distribuiu penas brancas garante que os filhos tenham trabalhos de gabinete durante a guerra? Quão hipócrita isso é? Quando a filha dela é morta na França, ela desfruta da refletida glória de morrer fazendo sua parte pela guerra, mas a verdade é que Miranda queria ir para a França para ficar longe da senhora.

— Meus filhos estão fazendo um trabalho de guerra vital e quem acreditaria que Miranda queria ficar longe de mim?

— As pessoas acreditariam se eu deixasse os jornais publicarem suas cartas para ela — disse Belle. — E eu estou com elas. Eu as trouxe comigo da França. É difícil acreditar que alguma mãe pudesse escrever cartas tão frias e insensíveis.

— Pessoas de minha categoria não escancaram suas emoções como as classes trabalhadoras — retrucou a Sra. Forbes-Alton. — Se elas fossem publicadas, não ganharia nada senão solidariedade por minha perda. Você é quem seria aviltada.

— Concordo que sua classe não seja emocional em relação aos filhos, possivelmente porque vocês os colocam nas mãos de amassecas ao nascerem — disse Belle. — Mas é claro que há também a questão do aborto que Miranda fez no verão de 1914. Como o aborto é tratado entre as pessoas de sua categoria?

A mulher empalideceu e agarrou-se ao encosto da cadeira para se firmar.

— O que você quer dizer? Não posso acreditar que seja capaz de alegar algo tão vil.

— Sente-se antes de cair — disse Belle docemente. Ela estava começando a se divertir agora e quase podia ouvir sua velha amiga

aplaudindo-a.

— Ela não fez isso, ela não poderia — vociferou a mulher, mas afundou-se na cadeira.

— Ah, sim, ela fez. Foi como conheci Miranda. Cuidei dela quando ela caiu na rua de minha loja depois de ter feito o aborto.

— É uma mentira desprezível!

— De modo algum. Pense lá atrás. Tenho certeza de que deve se lembrar da tarde em agosto de 1914, quando ela telefonou e deixou uma mensagem com sua criada para dizer que passaria a noite com a amiga em Belgravia? Ela telefonou da minha loja. Eu a acompanhei até aqui na manhã seguinte, uma vez que o bebê havia saído. Ela tinha um machucado na testa e disse à senhora que tinha caído na rua.

Belle observou o rosto da mulher e pôde ver que ela se lembrava daquele dia.

— Como você pode inventar uma coisa assim quando Miranda já não está entre nós? — perguntou a Sra. Forbes-Alton, mas a força abandonara sua voz.

— A senhora sabe que não estou inventando. Tenho até a prova em uma carta que ela me mandou para me agradecer pela ajuda — disse Belle. — Mesmo a senhora deve ter se perguntado como e por que nos tornamos amigas tão próximas.

Novamente, ela viu algo cruzar rapidamente o rosto da mulher. Certamente ela estava lembrando as vezes em que repreendera a filha por escolher a companhia de uma “simples lojista” em vez de alguém de sua própria classe.

— Ela teve um caso com um homem que conheceu em Greenwich Park. Ele era um canalha, além de ser casado. A pobre Miranda achou que ele a amava, mas assim que ela contou sobre o bebê que esperava, ele desapareceu. Ela arriscou a vida fazendo um aborto porque sabia que a senhora a renegaria. Claro que não desejo arrastar pela lama o nome de minha amiga mais querida —

continuou Belle. — Mas, se ela tivesse vivido para saber o que a senhora fez a mim e à minha tia, teria ficado completamente enojada e teria me encorajado a usar até a última coisa que sei sobre ela para envergonhar a senhora.

Belle pausou novamente por um instante para deixar as palavras falarem por si mesmas.

— Aprendi a amar Miranda — disse ela finalmente. — E ela me amava também. A verdade é que eu era a única pessoa que se preocupava com ela até encontrar Will Fergus, o sargento americano que conheceu na França e com quem pretendia se casar. Aposto que a senhora nem mesmo respondeu à carta dele depois da morte de Miranda, não é?

A mulher abriu a boca e em seguida a fechou.

— Achei que não — falou Belle. — E ele era um bom homem. Miranda estava mais feliz do que nunca estivera em toda a vida quando o conheceu. Mas a senhora não conseguiria entender por que ele e eu ficamos tão angustiados com a morte dela, pois nunca se importou com ela. Que tipo de mulher é a senhora que não conseguiu amar a própria filha?

— Eu me importava com ela — disse a Sra. Forbes-Alton com voz débil.

— Não, não se importava. Ela estava certa em pensar que a senhora a jogaria na rua se soubesse sobre o bebê. A senhora destruiu a felicidade de minha tia também, e, sim, antes que pergunte, ela sabe tudo sobre Miranda, mas nunca falou uma palavra disso a ninguém, nem mesmo depois do que a senhora fez para ela. Mas eu não sou tão bondosa. Quero justiça.

— Quanto você quer?

Belle jogou a cabeça para trás e gargalhou.

— Acha que quero seu dinheiro? Não aceitaria nem um casaco velho seu se estivesse congelando. Já lhe disse parte do que quero, que é ver a Sra. Franklin reintegrada a todos os eventos da vila.

Quero que a senhora a cumprimente calorosamente na igreja, na frente de todos os acólitos de espírito tacanho que a adulam.

Belle pôde ver que a mulher concordaria com isso.

— Você disse “parte” do que quer — disse ela com cautela.

— Sim. Quero ver a Sra. Franklin feliz novamente, mas a outra parte é que a senhora fale com os superiores do Sr. Blessard naquele jornaleco para o qual ele trabalha. Diga que ele distorceu suas palavras quando a senhora estava de luto por sua filha e que o que ele publicou sobre mim foram mentiras. E garanta que eles demitam Blessard.

— Como posso fazer isso?

Belle deleitava-se em ver quão assustada ela estava.

— Se a senhora e seu marido conseguem, em tempos de guerra, arrumar para os filhos trabalhos seguros de gabinete em Whitehall, essa coisinha não deve ser problema. A senhora deve enfatizar que eu poderia ter processado os jornais por calúnia, uma vez que tudo o que fiz em Paris foi aprender sobre o ramo de chapelaria. E pode salientar que meu marido é um herói de guerra e que eu passei a guerra cuidando de feridos no Herbert e dirigindo ambulâncias. Tão logo publiquem uma retratação e a história difamatória esteja anulada para sempre, e minha doce e bondosa tia possa andar de cabeça erguida novamente na vila, vou ficar satisfeita.

— Não sei se consigo fazer isso.

Belle deu de ombros.

— Bom, se não conseguir, a senhora sabe o que vai acontecer. Vou botar a boca no mundo, em alto e bom som. Aposto que não vai querer que as chances de casamento de sua outra filha sejam destruídas por isso; ouvi dizer que ela ficou noiva de um visconde.

Puro terror cruzou rapidamente o rosto da mulher mais velha.

— Por favor, não faça isso, Sra. Reilly — implorou ela. — Lamento ter magoado a senhora e sua tia. Eu estava muito triste com a morte

de Miranda e aquele homem colocou palavras em minha boca, mas vou tentar corrigir isso.

— A senhora deve fazer mais do que tentar. Dou-lhe apenas duas semanas. Tenha em mente que não me resta mais nada a perder. A guerra tornou meu marido aleijado, perdi minha melhor amiga e meu bom nome. A senhora, por outro lado, tem tudo a perder. Se esse assunto não estiver resolvido dentro de duas semanas, então vou iniciar minha própria campanha contra a senhora e sua família.

Com isso, Belle se levantou, alisando o casaco, e caminhou orgulhosamente até a porta.

— Não precisa me acompanhar até a porta — disse. — Consigo achar a saída de qualquer lugar e qualquer coisa.

## Capítulo 24

**Mog entrou correndo** na cozinha uma tarde em abril, com o rostinho corado de alegria.

— Perguntaram se eu poderia cuidar da barraca de bolo no festival de verão — disse ela, empolgada. — Não acredito! A Sra. Parsons disse que eu era a melhor boleira na vila e uma inspiração para as mais jovens.

Belle estava passando roupas e, embora o triunfo de Mog estivesse longe de ser importante quando, apenas uns dias antes, tinham ouvido as preocupantes notícias de que os alemães haviam avançado contra as linhas Aliadas na França, era uma vitória para Mog. Belle colocou o ferro de pé e foi abraçar Mog.

— Bastante justo também — disse ela. — Se alguém merece que algo bom aconteça, é você.

Jimmy estava sentado junto ao fogão lendo um jornal e ergueu o olhar com um sorriso forçado.

— Há anos venho dizendo às pessoas que você é a melhor boleira em Londres.

Mog brilhou ainda mais com isso.

— Mas como vou comprar os ingredientes com todo esse racionamento? — perguntou ela com ansiedade.

— Esperam que você faça Garth mexer alguns pauzinhos para comprá-los — disse Jimmy.

Garth mantinha boas relações com o mercado negro, e a ocasional libra de presunto, manteiga ou queijo chegava até ele, mas Belle sentiu que o modo como Jimmy havia formulado seu comentário insinuava que Mog só levava vantagem hoje por causa da capacidade de o marido conseguir qualquer coisa.

Jimmy nunca fora cínico antes de ir para guerra, mas agora era. Seu antigo entusiasmo e senso de humor emergiam novamente uma vez ou outra, mas na maioria das vezes, infelizmente, ele era muito sisudo.

— As senhoras do comitê do festival não sabem sobre essas coisas — disse Mog. — Mas talvez tenham algo em seus aparadores para me ajudar.

Belle ficou tentada a repreender Jimmy pelo que ele havia dito, mas decidiu que era melhor deixar passar, já que Mog não pareceu ter visto isso como desfeita. Nos últimos dois meses, ele tinha melhorado em algumas áreas. Ele conversava mais e tinha assumido o controle das contas do bar. Também tinha menos pesadelos.

Todavia, ainda que Belle ficasse triste por não poder trazer o antigo Jimmy de volta, ao menos ela fora bem-sucedida em fazer com que Mog fosse aceita novamente na comunidade, pois a Sra. Forbes-Alton fizera exatamente o que ela havia exigido. Uma retratação aparecera no *Chronicle*, a qual dizia que o repórter Sr. Blessard tinha deliberadamente se aproveitado da dor da Sra. Forbes-Alton após a trágica morte de sua filha e fizera alegações sobre a amiga dela, a Sra. Belle Reilly, que eram infundadas.

A matéria prosseguia relatando que Jimmy fora gravemente ferido em combate e que o jornal lamentava muito ter causado angústia à família em um momento tão difícil. A declaração final era que o Sr. Blessard havia sido demitido.

O artigo estava dentro do jornal, tão bem escondido que nem todo mundo o teria localizado. Mas, independentemente de quantas pessoas o viram, a Sra. Forbes-Alton devia ter ficado assustada o bastante com Belle para garantir que a história rodasse a vila, e ela imediatamente incluíra Mog em vários chás de angariação de fundos que ela tinha organizado. Um desses chás fora em sua própria casa, e Mog voltara de lá radiante de alegria por não mais ser desprezada.

Belle sentia ter triunfado sobre a mulher, mas nunca dissera nada a Mog a não ser que havia falado com a Sra. Forbes-Alton sobre

Miranda. Então, algumas semanas após o artigo no *Chronicle*, o policial Broadhead apareceu no Railway para dizer que Blessard tinha sido preso por jogar um tijolo na janela da redação do jornal enquanto estava bêbado. Blessard alegou estar impossibilitado de encontrar outro emprego e ter perdido sua casa, já que não podia pagar o aluguel. O policial não mostrara compaixão, preferindo dizer que ele devia se alistar imediatamente, o que resolveria os problemas dele.

Não havia dúvidas de que o exército precisava de mais homens, mesmo de patifes como Blessard. Haviam aumentado para 51 o limite de idade para recrutamento, e Garth, que só recentemente passara esse marco, brincou dizendo que nunca tinha ficado tão feliz em admitir sua verdadeira idade. Os americanos haviam finalmente chegado em grande número à França e entrado na batalha e, embora fossem inexperientes, deram à Grã-Bretanha uma onda de real esperança de que a vitória era possível.

Belle havia recebido uma carta de Vera dizendo que Etaples tinha sido bombardeada, mas felizmente as granadas erraram o hospital. Mas ela dissera que outros hospitais mais próximos do front haviam sido atingidos, linhas de energia deixaram de funcionar e as operações tiveram que ser feitas sob lâmpadas a óleo. Havia tantos feridos chegando que, em um período de quatro dias, 273 operações foram realizadas, com os médicos e enfermeiras começando a trabalhar às 8 horas da manhã e continuando até a 1 hora da manhã seguinte. Com tantos médicos e enfermeiras americanos deslocando-se para os novos hospitais americanos, os funcionários que permaneceram estavam todos sobrecarregados, às vezes com apenas uma enfermeira de plantão sozinha, à noite, em uma grande ala.

No fim de março, o canhão Grande Bertha da Alemanha bombardeou Paris a uma distância de mais de 110 quilômetros. Vera disse que isso fez com que todos temessem que a arma se dirigisse para eles na sequência, como se já não fosse ruim o bastante ter aviões inimigos sobrevoando todas as noites.

Nenhuma dessas notícias alarmantes estava sendo publicada nos jornais, mas falaram muito do Barão Vermelho, famoso piloto de caça alemão que finalmente havia sido abatido. Talvez a imprensa sentisse que era importante levantar o moral com algumas boas notícias, uma vez que todos estavam muito cansados e desanimados.

O governo afixara cartazes encorajando todos a “Cerrar os Dentes e Aguentar Firme”, e era tudo o que qualquer um poderia fazer. As pessoas temiam os zepelins e os aviões de bombardeio e lutavam com os preços que continuavam subindo, com a escassez de alimentos, racionamento e longas filas apenas por um naco de pão ou meio quilo de açúcar. Em todas as vilas e cidades havia muitos homens nas ruas com membros faltando, cegos ou com outras lesões graves. Hospitais, sanatórios e casas de repouso estavam com capacidade cheia, mas ainda mais feridos eram trazidos diariamente e o número de mortos subia impiedosamente.

Neurose de guerra era algo de que as pessoas nunca tinham ouvido falar até a Batalha do Somme, e então geralmente achavam tratar-se de uma desculpa para a covardia. Naquela época, graças à glorificação da guerra pela imprensa, poucas pessoas avaliaram por completo os horrores que os homens no front tinham que suportar. Mas essa visão começara a mudar, já que os feridos revelavam a verdadeira natureza da guerra. Muitas mulheres haviam observado um marido, irmão ou filho de licença em casa que gritava involuntariamente diante de barulhos repentinos, tinha pesadelos ou ficava retraído, e agora o povo se tornava muito mais compreensivo.

No entanto, só a compreensão não podia ajudar os mais afetados. Muitos nunca seriam capazes de manter um emprego novamente, alguns se tornavam violentos, outros se voltavam para a bebida ou mesmo para o suicídio. Outros mais ainda definhariam em manicômios e nunca se recuperariam.

Da mesma forma, no início da guerra a maioria pensava que todos os desertores fossem covardes e devessem ser alvejados. Mas a maré tinha virado nesse assunto também, pois, mesmo que a

coragem ainda fosse aplaudida e a covardia desprezada, a maioria das pessoas achava errado executar alguém que fugira em um momento de puro terror.

Belle podia ver que a guerra tinha mudado muitas coisas. Em 6 de fevereiro, mulheres com mais de 30 anos conquistaram finalmente o direito a voto. Fora algo com que Mog vibrara, mas que Garth vira com inquietação. Algumas das sutilezas sociais que Belle e Mog tiveram que aprender quando chegaram a Blackheath foram praticamente extintas. Distinções de classe eram menos marcadas agora, pois as pessoas se juntavam no luto pela perda de entes queridos. Mulheres de sociedade misturavam-se a garotas da classe trabalhadora pelo esforço de guerra; oficiais geralmente se tornavam devedores de homens por eles comandados.

Acompanhantes eram coisa do passado; jovens casais aproveitavam o momento, nunca sabendo se este seria o último. As mulheres haviam se mostrado à altura dos desafios dos tempos de guerra e não apenas assumiram empregos tradicionalmente masculinos, como também se destacavam neles. Ninguém mais ficava surpreso ao ver mulheres dirigindo bondes elétricos e ônibus, e havia muitas mulheres guiando ambulâncias em Londres. Fábricas, fazendas, lojas e escritórios por toda a Inglaterra tinham tantas mulheres quanto homens em seu quadro de funcionários, e as mulheres podiam até mesmo entrar em uma taberna sem causar espanto.

Garth tinha finalmente posto de lado seu consolidado preconceito sobre isso, embora isso tivesse mais a ver com aspectos econômicos do que com uma verdadeira mudança de opinião. Se ele não deixasse entrar um soldado de licença trazendo sua esposa ou namorada, eles iriam para outro lugar. Mog ajudava-o a servir na maioria das noites, e Belle também nos fins de semana, mas só porque a ajuda delas era gratuita.

No entanto, a mudança pela qual Belle realmente esperava não se materializara em Jimmy. Ele podia falar um pouco mais e ajudar Garth fazendo as contas do bar, mas não fazia nenhuma tentativa

para ajudar a si mesmo. Adaptaram-lhe uma perna artificial, mas ele não perseverava nem praticava caminhando com ela. O Dr. Towle tentara persuadi-lo a ver um psiquiatra amigo dele para tirá-lo de seu estado de espírito deprimido, mas ele se recusara. Quanto ao sexo, Belle tentara todos os truques sensuais que havia aprendido para fazê-lo se interessar novamente, mas ele estava decidido contra isso, e muitas vezes a chamou de prostituta por tentar agradá-lo. Ainda que apenas aconchegada a ele, Jimmy endurecia, e ela não conseguia lembrar-se de quando fora a última vez que ele a beijara. Agora ela raramente chegava a tentar, pois era simplesmente doloroso demais ser rejeitada.

Houve muitas noites em que ela ficou acordada lembrando com tristeza o homem que mal podia esperar para levá-la para o quarto. Às vezes, faziam amor a noite toda, só adormecendo ao nascer do sol, e naquela época ele cultuava cada centímetro dela.

Ela agora nunca se despia na frente dele. Em ocasiões anteriores, quando o fazia, ele alegava que ela não tinha vergonha. Ela ficava brava com ele, mas tudo o que isso fazia era criar uma atmosfera que permeava a casa toda. Ele não falava sobre isso, recusava-se a obter ajuda, e Belle tinha finalmente aceitado que era assim que seria para sempre.

Manter-se ocupada era sua maneira de chegar ao final de cada dia. Ela reformava roupas para os vizinhos, fazia alguns chapéus para uma loja de roupas em Lewisham e assumira a faxina da casa e do bar para que Mog ficasse mais livre. Mas havia momentos em que se desesperava. Ver casais andando de mãos dadas, mães rindo enquanto perseguiam suas crianças charneca acima e famílias fazendo piqueniques em Greenwich Park eram lembretes do que poderia ter sido se Jimmy não tivesse sido ferido.

Ela dizia a si mesma que milhares de outras mulheres aceitavam os destinos que lhes foram dados e que ela tinha sorte por ela e Jimmy terem um lar com Garth e Mog. Todavia, ainda que pudesse aceitar todas as limitações que vinham com um homem incapacitado, ela ressentia-se de Jimmy estar afundado em

autopiedade. E temia que um dia ela viesse a desabar sob o peso da responsabilidade por ele.

— Você vai me ajudar a organizar a barraca de bolo?

A pergunta de Mog trouxe Belle de volta ao presente.

— Claro que vou — respondeu ela. O que quer que estivesse errado em sua vida, era bom ver Mog animada e feliz novamente.

— Achei que você talvez pudesse fazer uma faixa bonita para colocar em cima da barraca — disse Mog. — Com bolos e coisinhas, bem alegre e chamativa.

Garth entrou na cozinha com uma carta na mão.

— Aquele cara da loja de ferramenta acabou de chegar com isto — disse ele, entregando-a para Jimmy. — Entregaram no lugar errado. Parece que é da França.

— Sim, poderia fazer uma faixa — disse Belle, mas sua atenção estava em Jimmy, não em Mog. Apesar de ter dito que escreveria para alguns de seus amigos do exército, ele não tinha feito isso. Ela só esperava que essa carta não trouxesse más notícias que o deixasse ainda mais amuado.

— De quem é, Jimmy? — perguntou Mog.

— De Fui — disse Jimmy enquanto tirava a carta do envelope. — Bom, o nome verdadeiro dele era Jack Cash, mas nós o chamávamos de “Fui” porque, qualquer lugar que mencionássemos, ele sempre dizia “já fui”. Ele é o único dos amigos que fiz quando treinava em Etaples que sobreviveu.

Jimmy continuou lendo, enquanto Belle e Mog discutiam sobre a barraca de bolo.

— Diabos!!

A exclamação de Jimmy fez tanto Belle quanto Mog olharem para ele.

— O que foi? — perguntou Belle.

— Ele simplesmente descobriu quem foi o sapo que me salvou — disse Jimmy. — Parece que ele é um verdadeiro herói, foi premiado com a principal condecoração, a Croix de Guerre, que é como a nossa CV. [\[32\]](#)

— Sempre achei que ele fosse um herói por salvar você — riu Belle. — Mas não sabia que os franceses distribuíaam medalhas por isso!

Jimmy sorriu ironicamente.

— Ele não me fez nenhum favor, né? Devia ter atirado em mim e acabado com meu sofrimento.

— Não diga isso! — Mog pareceu horrorizada.

— Ele não teria sido acusado de ter abandonado seus homens e voltado para suas linhas. Mas, de acordo com Fui, ele me entregou aos maqueiros e foi direto para o confronto. Sozinho, ele destruiu uma plataforma de metralhadora *boche*, depois, atirando feito um louco, encontrou seus homens e os guiou até o objetivo daquele dia. Fui acha que as ações dele salvaram dezenas de sapos, e eles fizeram mais de 50 prisioneiros.

— Que coragem admirável — disse Belle. — Parece que ele realmente mereceu uma medalha.

— Mas o mais estranho é que Fui diz que foi um homem que tínhamos conhecido antes — disse Jimmy. — Fomos mandados para Verdun em 1916, para pegar uns de nossos homens suspeitos de deserção que haviam sido apanhados pelos sapos. Paramos num *estaminet* para obter instruções para chegar ao QG e esse cara nos ajudou e nos comprou uma bebida. Ele falava um inglês perfeito, não disse o próprio nome, mas conversamos por algum tempo. Fui acha que é por isso que ele me salvou. Ele me reconheceu pelo cabelo ruivo.

— Imagine só! — exclamou Mog. — Então, há alguma vantagem em ter cabelo ruivo.

Belle achou essa história incrível, mas o mais importante para ela era ver, para variar, Jimmy animado com alguma coisa.

— Fui disse isso também. — Jimmy conseguiu dar uma risadinha. — Ele disse: “E todos nós achávamos que cabelo ruivo fosse uma maldição, agora todos queremos ser ruivos”. Ele diz que a história se tornou uma das lendas de Ypres. Disse que tinha a intenção de encontrar esse sargento Carrera para agradecer-lhe pessoalmente. Mas agora ele se foi também.

Belle quase arfou alto ao ouvir o nome, mas se conteve a tempo.

— Ele morreu também? — perguntou ela.

— É o que ele diz. Não era coisa da minha cabeça que ele tenha me chamado pelo nome. Ele me conhecia mesmo.

Jimmy dissera a Belle no hospital na França que achava que o homem que o salvara o havia chamado pelo nome. Mas, por causa da dor que sentia na hora, ele não sabia se tinha imaginado isso.

Belle teve que se afastar de Jimmy para que ele não visse o horror e a culpa que certamente deviam estar estampados em seu rosto.

Não podia ser Etienne. Era muito mais provável que fosse outro francês com o mesmo sobrenome. Porém, de alguma forma, ela sabia que era ele. E agora estava morto.

Ela pegou novamente o ferro, colocando-o de volta no fogão para aquecer, e ocupou-se em dobrar uma fronha primorosamente. Mas Mog estava envolvida pela história e queria saber mais.

— Então, você já conhecia esse homem? Como ele era?

— Não me lembro muito agora. Era mais velho que eu, de aspecto duro, e disse que tinha aprendido inglês em Londres anos antes da guerra. Naquele dia, falamos principalmente sobre o combate e coisas assim. Gostei dele, bom, todos nós gostamos. Mas outro pequeno mistério foi resolvido agora. Vejam, disseram que ele informou meu nome quando me deixou com os maqueiros. Achei

que fosse porque ele tinha acabado de olhar minha identificação. Mas talvez não fosse, porque, naquele dia em Verdun, Fui e os outros rapazes ficaram me chamando de Pequeno Ruivo Reilly, e ele me perguntou se eu tinha ganhado o apelido na França e qual era meu verdadeiro nome.

As pernas de Belle estavam virando geleia e ela sentiu-se enjoada. Quando tentou pegar o ferro novamente, tremia tanto que quase o deixou cair.

— Não é uma história maravilhosa? — falou Mog. — O que houve, Belle? Ficou tão pálida.

— Só preciso de um pouco de ar fresco — disse ela apressadamente. — Está muito abafado aqui.

— Eu continuo com as roupas — disse Mog. — Suba e descanse um pouco. Atualmente você parece não ficar sentada nem cinco minutos.

Belle retirou-se para o quarto e caiu soluçando sobre a cama. No primeiro plano de sua mente estava uma imagem de Etienne do lado de fora do hospital dando-lhe o último beijo de adeus e dizendo a ela que tudo daria certo e que um dia eles estariam juntos.

Ela havia perdido toda a esperança disso quando soubera que Jimmy estava ferido e, embora desde então não tivesse passado um só dia em que não pensasse em Etienne, ela se orgulhava de estar fazendo a coisa certa.

Mas não era certo ele estar morto. Não naquele campo de batalha, enterrado em uma vala comum. Seu forte e corajoso Etienne, que significava mais para ela do que jamais ela poderia explicar adequadamente até para si mesma.

Mas por que ele não lhe contara sobre ter conhecido Jimmy em 1916?

Seria porque, se tivesse admitido naquela noite em que ele fora ao hospital, isso poderia tê-la impedido de passar a noite com ele?

Era quase certo que teria, pois teria feito com que uma imagem de Jimmy surgisse em sua mente.

No entanto, qualquer que fosse o motivo para ele optar por manter o silêncio sobre esse encontro, era tão honroso da parte dele resgatar seu rival. Teria ficado, por um momento, tentado a deixá-lo morrer? Se ficara, isso tornava suas ações ainda mais admiráveis.

Suas entranhas começaram a revolver de forma alarmante. Ela não lembrava se alguma vez dissera a Jimmy que o sobrenome do homem que a resgatara em Paris era Carrera. Mas Noah definitivamente sabia e, se ele aparecesse ali e Jimmy lhe contasse sobre isso, ele o reconheceria imediatamente e se perguntaria por que ela não havia se manifestado; afinal de contas, essa era a reação natural de qualquer pessoa, a não ser que esta estivesse escondendo alguma coisa.

Ela virou o rosto no travesseiro enquanto imagens de Etienne continuavam saltitando em sua mente. Fora bastante difícil, por todos esses longos meses, tentar apagar os pensamentos que ela tinha dele, e agora sabia que Jimmy, Mog e Garth ficariam falando sobre isso por semanas a fio. Como ela deveria reagir? Deveria descer agora e dizer que acabara de lembrar que o sobrenome de Etienne era Carrera?

Mas ela sabia que não poderia fazer isso. Ainda não. Apenas dizer seu nome em voz alta certamente lhe traria lágrimas aos olhos. Ela tinha que guardar isso dentro de si.

Naquela noite, Jimmy parecia muito mais bem-disposto depois de receber a carta de seu velho amigo. Ele até sugeriu acender o fogo na sala de estar, quando normalmente ficava na cozinha até umas 20 horas e depois ia dormir.

— Poderíamos jogar xadrez ou montar um quebra-cabeça juntos — sugeriu ele.

Belle achou irônico que tivesse tentado levá-lo a fazer exatamente isso em tantas noites, sem sucesso, mas, na noite em

que ela realmente queria ficar sozinha, ele tivesse mudado de ideia. Mesmo assim, ela subiu e acendeu o fogo; era, afinal, um avanço.

— Foi bom saber de Fui e ter notícias de todos — disse ele assim que os dois estavam lá em cima. O bar abaixo estava tranquilo e, com as cortinas fechadas e o fogo ardendo, a sala de estar era um refúgio quente e aconchegante. — Vou escrever uma resposta. Embora não tenha muito a dizer aos rapazes.

— Eles vão ficar felizes só de saber que você está bem — disse Belle. — Você pode lhes contar as coisas que tem lido nos jornais. Ou lembrá-los de coisas engraçadas que viveram juntos.

Ele recostou-se na cadeira junto ao fogo, parecendo pensativo.

— Eu odiava aquele lugar — disse por fim. — Em cinco minutos de sossego, eu costumava fechar os olhos e imaginar estar aqui, exatamente desse jeito.

— Mas, agora que está aqui, você queria estar lá? — perguntou ela.

Ele conseguiu dar um sorriso.

— Não é bem assim. Eu só queria ser inteiro novamente. Trabalhar atrás do balcão, passear com você, não me sentir tão desesperançado. Mas sinto falta de meus amigos de lá.

No passado ela teria ido até ele e lhe dado um abraço se estivesse triste. Mas descobrira à própria custa que qualquer demonstração de afeto deixava-o irritadiço.

— Fale-me sobre alguns deles — sugeriu ela.

— Havia um que costumávamos chamar de “Esganado” porque ele terminava com toda comida que largavam. Ele era uma piada, sempre procurando comida por toda parte; de algum modo, ele sempre conseguia arranjar bebida, alguns ovos, uma galinha ou um coelho. Antes da guerra, ele trabalhava em uma barraca de mercado com o pai na Zona Leste. Suponho que tenha aprendido a arte lá. Apenas 18 anos, mas um cara legal.

Belle sorriu. Era bom ouvi-lo falar do jeito que costumava fazer antes de ser ferido.

— Daí tinha o “Padre”; nós o chamávamos assim não porque ele fosse velho, mas porque você se pegava confessando coisas para ele. Eu disse uma vez que ele deveria virar padre, mas ele disse que gostava demais de mulheres.

— Que tipo de coisas você tinha para confessar?

Jimmy encolheu os ombros.

— Que ficava com medo antes de saltar das trincheiras; que frequentemente me perguntava sobre o meu pai.

— Seu pai? — exclamou Belle, surpresa. — Você nunca, jamais disse para mim que pensava nele.

— Eu não costumava pensar, não até ir para lá. Acho que tinha a ver com encontrar tipos tão diferentes de homens que muitas vezes falavam sobre os pais. Sempre acreditei que ele fosse podre até a alma por largar minha mãe, mas talvez haja outro lado nessa história.

— Perguntou a Garth sobre ele?

— Não. Ele tomou o lado de minha mãe, e não há mais ninguém a quem perguntar.

— Muitas vezes me pergunto sobre meu pai também. Mas, como Annie nem mesmo mantém contato comigo, é muito pouco provável que ela queira falar sobre ele. Gostaria que Mog soubesse.

Jimmy sorriu para ela.

— Ele deve ter sido um homem bom e gentil, e criativo também. Você não puxou nada disso de sua mãe.

Belle sentiu os olhos pinicarem com o elogio, mas não achava merecer tal lisonja. De repente, ela sentiu que tinha que desabafar parcialmente sobre o homem que o resgatara.

— O homem que salvou você, você disse que o nome dele era Carrera. Bom, esse era o nome de Etienne — disse ela.

— Quê! O homem que levou você para a América?

— Prefiro me lembrar dele como o homem que ajudou Noah a me encontrar em Paris — disse ela.

Jimmy ficou em silêncio por um momento, mas olhava para ela atentamente.

— Aquele dia em Verdun, ele perguntou se eu era chamado de Ruivo só no exército, e isso foi depois que ouviu me chamarem de Pequeno Ruivo Reilly. Olhando para trás, é uma coisa estranha para perguntar; ninguém geralmente liga para qual é seu verdadeiro nome. Ele até perguntou no que eu trabalhava antes da guerra. Conte que em casa meu nome era Jimmy e falei do pub; eu disse que você perdeu o bebê e mencionei seu nome. Então, se era o mesmo homem, por que ele não me disse quem era?

— Talvez até então ele não tivesse juntado os pontos — sugeriu Belle. — Mas, se juntou, talvez tenha achado melhor não mencionar o passado por você estar acompanhado de outros homens. Falei muito de você no caminho para a América, e é claro que dois anos mais tarde ele soube, por meio de Noah, que você tinha me procurado por toda parte.

— Então ele me salvou por sua causa?

— Duvido que ele tenha visto desse jeito. É mais provável que tenha se lembrado de você apenas do dia em Verdun e não suportado deixá-lo lá indefeso.

Agitado, Jimmy soltou uma espécie de assobio. Belle não sabia o que dizer agora; quando olhou para ele, quase pôde ouvir seu cérebro girando em marcha lenta, assimilando todas as vertentes da situação.

— Ele sentiu que devia me salvar? Por quê? Eu não tinha feito nada por ele. Ele arriscou ser colocado sob acusação por parar em meu auxílio. Duvido que o CO dele considerasse resgatar um Tommy

como qualquer tipo de prioridade, quando havia dezenas de franceses feridos por toda parte. Então, tem que ser você a razão para isso. Ele a amava!

Belle sentiu o estômago revirar. Ela queria agora não ter dito nada. Jimmy era um pensador; ele se demoraria nisso, analisaria todos os ângulos e queria respostas para qualquer coisa que não conseguisse concluir.

— Você sabe muito bem que ele sempre se sentiu muito mal por me levar para Nova Orleans — disse ela. — É exatamente por isso que ele foi a Paris para ajudar a me encontrar. Eu diria que foi prova de que ele gostava muito de mim, mas não havia mais nada entre nós. Nunca fiquei tão feliz em ver alguém como quando ele arrombou a porta de onde eu estava presa. Mas depois eu não via a hora de voltar para a Inglaterra para ver você e Mog.

— Engraçado que você tenha falado tão pouco dele em seu retorno — comentou ele, com a voz com um quê de desconfiança. — Quero dizer, um homem salva sua vida e mesmo assim você não quer manter contato com ele?

— Claro que eu teria gostado disso, mas pensei que seria perturbador para você. Ah, Jimmy, não transforme isso em algo que não é. Eu tinha passado por todo tipo de inferno naquela época, estava em casa, novamente em segurança, queria esquecer tudo e recomeçar.

Ele estendeu a mão para a muleta e ergueu-se da cadeira.

— Acho que vou dormir agora — disse.

“Isso mesmo, provoque algo e então se retire para remoer”, pensou ela, mas não teve coragem de dizê-lo em voz alta. Isso era o que ele sempre fazia, e ela sentia não poder suportar muito mais disso, pois era como caminhar sobre ovos.

— Queria poder ter meu velho Jimmy de volta — disse ela com tristeza. — Não faz ideia de quanta falta sinto dele.

Ele descansou sobre a muleta olhando para ela, com a boca franzida em um sorriso de escárnio.

— Como pode esperar que eu seja o mesmo quando metade de meu corpo está faltando? Você também não é a mesma Belle com quem me casei. Que desculpa você tem para isso?

Daí ele se virou e saltitou cruzando a sala. Belle conseguiu apenas o observar ir, com o coração ainda mais pesado.

## Capítulo 25

**Belle hesitou à porta aberta** do consultório de Dr. Towle. Ele estava sentado à mesa fazendo algumas anotações e, por um segundo, ela sentiu que não poderia prosseguir.

Mas ele ergueu o olhar e sorriu.

— Entre, Sra. Reilly, eu não mordo — disse.

O médico tinha na vila certa reputação de conquistador. Como Belle o conhecia por sua bondade quando ela havia perdido o bebê e a solidariedade que ele mostrara a Jimmy quando este voltara para casa pela primeira vez, ela achava essa reputação injustificada. Mas ele era inegavelmente atraente aos olhos. Alto, bem-proporcionado, com um sorriso receptivo, bons dentes e um brilho nos olhos escuros. O cabelo escuro era permeado de grisalho, a única indicação clara de que ele tinha mais de 40 anos, e ela achou bastante triste que pessoas estúpidas interpretassem mal sua compreensão dos problemas femininos.

Ela sentou-se à sua mesa, bastante ciente de que, uma vez que tivesse expressado seu problema com Jimmy, ela nunca poderia retirar suas palavras.

— A senhora parece cansada e pálida — disse ele, com a voz grave, tranquilizante e solidária. — Está doente? Ou esta visita é sobre seu marido?

— Sim, é sobre o Sr. Reilly — disse ela, pendendo a cabeça. — Estou no limite, doutor. Ele está tão sombrio, tão... — Ela parou, superada por lágrimas que não conseguiu conter. — Sinto muito — conseguiu dizer ao alcançar um lenço no bolso.

Era perto do fim de julho e o tempo estivera tão quente nas duas últimas semanas que tinha sido impossível dormir bem à noite e era difícil buscar energia para fazer até mesmo a mais simples das

tarefas durante o dia. Mas ela poderia encarar o calor, a comida apodrecendo antes mesmo de cozida e o pó que parecia recobrir tudo, se apenas Jimmy emergisse de seu humor soturno.

Muitas vezes ele havia lhe feito perguntas sobre Etienne, geralmente para culpar o homem por resgatá-lo, mas às vezes com a suspeita de que tivesse havido algo entre eles em Paris. Ao menos ela não era culpada nessa questão, mas ele também disparava perguntas sobre sua época no hospital, como eram os motoristas e maqueiros do sexo masculino. Ele era como um cão que não larga o osso, voltando ao assunto repetidas vezes, até o ponto em que ela sentia vontade de gritar. Houvera momentos em que ela ficara tremendamente tentada a sair pela porta e nunca mais voltar. Apenas o pensamento do que isso faria a Mog a detivera.

O médico inclinou-se para frente, colocando os braços sobre a mesa.

— Tenho observado que esse parece ser um dos muitos efeitos colaterais preocupantes que acometem feridos de guerra assim que voltam para casa. Ainda que odiassem cada instante lá, havia um propósito todos os dias, e agora eles não têm nenhum. A senhora e muitas outras mulheres aprenderam a se virar sozinhas enquanto seus maridos estavam fora. Por mais que tenham sentido a falta deles e os quisessem de volta, deve ser muito difícil se ajustar ao retorno deles quando não são mais os homens fortes e aptos para quem vocês disseram adeus.

Belle concordou com a cabeça e enxugou os olhos.

— Recebi aqui muitas esposas devotadas confidenciando quanta atenção os maridos exigem, como as criticam, e algumas dizem que eles não mostram mais nenhum apreço por elas. É isso que a senhora está achando?

Belle respirou fundo. Se outras mulheres podiam confiar nele, ela também podia.

— Sim. Ele é um homem diferente agora. Todo mundo gostava de Jimmy antes disso, ele se preocupava com as pessoas, era

generoso com seu tempo e afeição. Simplesmente um homem adorável. Mas nada mais disso existe agora. Ele é tão amargo, tão difícil.

— Vai melhorar, Sra. Reilly — disse ele.

— Será? — perguntou friamente. — Ele mal saiu desde que chegou em casa. Ele não pratica com a perna artificial. Não fala comigo. Olha para mim às vezes como se me odiasse. Está me esgotando a ponto de eu querer fugir dele.

— E como ele é com o Sr. e a Sra. Franklin?

— Não tão desagradável quanto é comigo, mas há momentos em que eles se desesperam também. Não vou fugir, claro, não poderia ser tão injusta com o Sr. e a Sra. Franklin. Mas isso está afetando todos nós, e não sei a quem mais recorrer.

— De que maneira ele é desagradável com a senhora? Ele já lhe bateu?

— Ah, não, ele não faria isso — disse Belle rapidamente, ainda que ele tivesse ido para cima dela em várias ocasiões e ela tivesse saltado agilmente para longe. — Mas ele fica trazendo coisas de meu passado e suspeita de mim. Não tem mais alegria por nada.

O Dr. Towle arqueou uma sobrancelha interrogativamente.

— Aquilo não acontece — disse ela, imaginando que era o que ele queria saber, mas não teria arriscado estrangê-la perguntando. — Ele rejeita qualquer tipo de carinho vindo de mim.

— Pode ser por ele ter medo de a senhora engravidar? Depois de seu aborto espontâneo, disse a ele que isso não seria aconselhável.

— Disse? — exclamou Belle. — Ele nunca me contou. — Ela ficou chocada com a notícia e começou a chorar novamente. — Quer dizer que não posso nunca mais ter um bebê?

— Sinto muito, Sra. Reilly, achei que seu marido houvesse lhe contado isso assim que a senhora se recuperou. Eu não disse que

não poderia ter outro filho, apenas que sentia haver o risco de um novo aborto.

Belle fungou, aspirando as lágrimas.

— Bom, não é mesmo provável que isso aconteça do jeito que as coisas estão — disse.

Uma de suas maiores esperanças para o futuro havia sido um bebê. Ela achava que seria a única coisa que poderia alegrar Jimmy. Achava também que isso apagaria toda lembrança de Etienne, e um bebê traria alegria para a vida de Mog e Garth. Agora, isso também fora negado a ela.

— Pode ser que ele não esteja apenas preocupado com a senhora, mas também com medo de não poder sustentar uma criança — disse o médico gentilmente. — Os homens são muito sensíveis em relação a essas coisas.

— Se ele praticasse com a perna, poderia tocar o bar — disse Belle. — Mas ele parece gostar de se afundar na dor. Quero gritar com ele e mostrar que outros soldados feridos são obrigados a mendigar nas ruas para colocar comida na mesa. Mas ele não parece ter consciência da sorte que tem por ter um teto sobre a cabeça e pessoas que o amam.

Compreensivo, o médico fez que sim com a cabeça.

— Só muito recentemente é que os médicos e psiquiatras começaram a reconhecer os efeitos dessa guerra sobre a saúde mental dos soldados — disse ele. — Não havia o bombardeio constante de armas pesadas em guerras passadas, nem uma luta tão prolongada. A maioria dos homens morreu de ferimentos parecidos com os do Sr. Reilly. Todos nós, da área médica, estamos cientes agora de que nessa guerra não são apenas as lesões físicas que precisam ser tratadas, mas as mentais também. Infelizmente, no momento, não existe remédio para ajudar; tudo o que podemos recomendar é descanso, paz, tranquilidade e esperança de que conversar com nossos pacientes vá com o tempo dissipar as imagens horríveis da cabeça deles.

— Mas e se eles não conversam? Nem tentam nada? — perguntou Belle, com lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto. — Jimmy nem pensa em permitir que eu ou o tio saíamos com ele na cadeira de rodas que compramos. Um passeio na charneca ou em Greenwich Park poderia ajudá-lo, mas ele se recusa. Não pode estar fazendo nenhum bem a ele ficar sentado em uma cozinha escura dia após dia, sem nunca ver um pássaro, flor ou árvore.

— Concordo plenamente — disse o médico. — Ele precisa de sol, natureza e conversas com outras pessoas para poder sair dessa. Vou vê-lo e tentar fazê-lo enxergar isso.

— Ele provavelmente vai se recusar a vê-lo — disse Belle com tristeza. — Quando sugeri que ele falasse com o senhor, ele disse que tudo o que queria de um médico era que o sacrificasse.

O Dr. Towle assentiu com a cabeça.

— É o que muitos feridos têm dito, mas não creio que realmente pensem assim. Vou passar lá amanhã de manhã durante minhas rondas. Não diga a ele que estou indo, pois poderá procurar uma desculpa para não me ver. A senhora disse que vinha me ver hoje?

— Não, não disse. Isso só teria iniciado outra briga.

— Então também não vou mencionar que a senhora passou aqui. O único conselho que posso lhe dar, Sra. Reilly, é resistir corajosamente a seu marido. Se ele estiver de mau humor, deixe para lá e saia andando. Não tente satisfazê-lo o tempo todo, pois isso não funciona e só vai deixá-la mais irritada com ele. E tente descansar um pouco. A senhora parece exausta.

Depois que Belle se foi, o Dr. Towle ficou sentado por um momento olhando para as breves anotações que fizera enquanto conversava com ela. Ela sempre o intrigara, desde a época em que ela e sua tia moravam a poucas portas para baixo de seu consultório, quando chegaram a Blackheath. Seu aspecto era suficiente para torná-la notável, mas era mais do que isso; ela não tinha nada a ver com as mulheres de sorriso afetado com as quais ele estava acostumado.

Olhava as pessoas nos olhos e tinha uma postura ousada que ele achava muito atraente.

Durante todo o tempo em que tivera sua chapelaria em Tranquil Vale, ela fora assunto corrente de conversas com ambos os sexos. Era admirada pelo talento, elegância e aparência, mas havia algo mais que ninguém conseguia definir realmente. Alguns diziam que ela era experiente e usavam termos como "confiante", "segura de si" e mesmo "atrevida" para descrevê-la, mas, mesmo a própria esposa do Dr. Towle, famosa por sua incisiva conclusão sobre as pessoas, podia apenas sugerir que Belle tinha "um passado".

Belle fora muito admirada por seu trabalho voluntário em Royal Herbert. Espalhara-se a notícia de que ela era conscienciosa e capaz, mas, ao partir para a França, muitas pessoas acharam que dirigir ambulância fosse um trabalho inadequado para uma jovem casada. A venenosa Sra. Forbes-Alton atizara as chamas alegando que ela estava desencaminhando a filha Miranda, e o boato crescera. Depois, logo após a morte trágica de Miranda, lera-se aquele artigo difamatório sobre Belle no jornal, o qual as pessoas alegremente fizeram circular.

Ele lembrava-se do julgamento e posterior enforcamento do tal Kent. Na época, sentira grande simpatia por todas as suas vítimas inocentes e ficara chocado ao descobrir que Belle Reilly fora uma delas. No entanto, como ele salientara para sua esposa, infelizmente quase tão implacável quanto a Sra. Forbes-Alton em condenar Belle, fora preciso muita coragem para sobreviver e garantir que o homem fosse levado a julgamento.

Então, o que poderia dizer ao marido dela para fazê-lo se animar? Seria razoável insinuar que ele poderia perder sua adorável esposa caso não o fizesse?

Belle perdeu o médico visitando Jimmy, já que saíra à tarde para tentar comprar um pouco de carne e ficara mais de uma hora na fila, apenas para descobrir, no instante em que chegou ao balcão, que o açougueiro não tinha mais nada para vender. Mas conseguiu

comprar alguns ovos e queijo e estava planejando fazer uma saborosa torta para o jantar.

Ela estava cansada e com muito calor, e, quando entrou na cozinha para dar com Jimmy ainda sentado lá do mesmo jeito que estivera quando ela saíra, tinha na ponta da língua algo bem afiado para dizer. Mas, para sua surpresa, ele ergueu o olhar e sorriu para ela.

— Que carinha cansada — disse ele. — Teve que ficar muito tempo na fila?

Era a primeira vez que ele ao menos reconhecia que existia algo como uma fila para comprar comida, o que dizer de demonstrar alguma pena.

— Mais de uma hora, para não comprar nada no açougueiro — suspirou ela. — Espero que Garth consiga tirar um coelho ou alguma coisa de alguém hoje à noite. — Ela foi até a pia e encheu um copo com água, bebendo-a de uma golada. — Onde está Mog? — perguntou.

— Saiu para o círculo de costura e Garth está tirando um cochilo. O Dr. Towle passou aqui mais cedo.

— É mesmo? — disse Belle. — Então, quem o recebeu?

— Eu o recebi. Consigo abrir a porta — replicou Jimmy, mas não havia o habitual sarcasmo na resposta. — Ele me deu um sermão sobre apatia.

Belle sentou-se à mesa, dispondo no rosto uma compatível expressão de surpresa.

— Ele disse que eu deveria sair mais e praticar todo dia com a perna de pau, ficando com ela aos poucos por mais tempo.

— E o que você respondeu?

— Que vou fazer isso.

Belle realmente estava surpresa agora.

— Isso agradaria a todos nós — disse ela. Queria acrescentar que tinha cansado de dizer a mesma coisa para ele por semanas, mas ele a ignorara.

— Acho que tenho sido apático mesmo — admitiu. — O médico ressaltou que os músculos de minha perna e braço restantes vão enfraquecer se eu não os usar. E sair ao sol vai fazer com que me sinta melhor.

— Então, que tal praticar um pouquinho agora? — sugeriu Belle. — Você poderia fazer isso no bar enquanto ele está fechado. Não há tantos obstáculos lá dentro para contornar.

— Agora, não. Vou começar amanhã, quando Garth estiver por perto para me ajudar.

Belle achou que fosse uma manobra para protelar.

— Vou fazer isso, Belle. Eu prometo — disse ele. — Você não é forte o suficiente para aguentar meu peso. Vou estar melhor com Garth.

Para surpresa de Belle, Jimmy não quebrou a promessa. Toda manhã, tão logo Garth tivesse terminado o trabalho na adega, Jimmy entrava no bar com ele e praticava. O balcão era bem da altura certa para ele segurar com o braço restante e, quando chegava ao fim sem ajuda, Garth ajudava-o a se virar, depois o apoiava no trajeto de volta.

A cada dia eles praticavam um pouco mais, aumentando gradualmente o tempo, até que ele estava andando por uma hora. No começo, ficava com feridas no coto da perna faltando no ponto onde ela raspava no soquete da artificial, mas Belle ou Garth massageavam o coto todas as noites com álcool cirúrgico para fortalecê-lo.

Belle estava tão encantada de ver o esforço que Jimmy estava fazendo que deixava passar seus momentos de irritação e, nas tardes, ela o ajudava a ir até o quintal para sentar-se ao sol por um tempo. Finalmente ele estava mais animado consigo mesmo e, em

uma tarde de domingo, até concordou que sairia na cadeira de rodas contanto que Garth se sentisse capaz de empurrá-lo.

Belle e Mog estavam entusiasmadas por poderem todos sair juntos. As duas se enfeitaram e usaram os chapéus mais bonitos e Garth vestiu um blazer listrado e um chapéu de palha. Até Jimmy entrou no espírito da ocasião, permitindo que Belle o ajudasse a entrar no paletó de linho verde que ele costumava usar atrás do balcão.

Foi um trabalho árduo empurrar a cadeira colina acima na charneca, mas, uma vez lá, andar foi fácil. Como sempre em uma tarde de domingo, havia multidões de pessoas a desfrutar do sol. Mas havia poucos homens entre 18 e 50 anos; aqueles que viram estavam todos fardados e de licença em casa, caminhando com suas esposas ou namoradas. Os grupos de crianças fazendo piqueniques ou jogando bola eram vigiados por mães e avós.

Jimmy pareceu mais à vontade ao ver outros homens com braços em tipoias ou de muletas. Havia até uma meia dúzia de homens em cadeiras de rodas também, mas ele ficou visivelmente triste com o número de mulheres vestindo preto ou uma faixa de luto no braço.

Ele pegou na mão de Belle a certa altura, um gesto silencioso que dizia que finalmente estava pensando no drama dos outros em vez de apenas na própria deficiência.

Quando chegaram à lagoa para passeios de barco, Garth e Jimmy deixaram Mog e Belle enquanto saíam para comprar sorvete para todos. Belle sentou-se em um banco ao lado de Jimmy, observando as crianças manobrem seus barcos.

— Lembra aquele dia em que chegamos de Seven Dials? Você disse que sua mãe o tinha trazido aqui quando você tinha 7 anos.

Ele voltou os olhos para Belle e sorriu.

— Sim, eu me lembro. Aquele foi um dos melhores dias de minha vida. Mas nunca pensei que, seis anos depois, estaria sentado aqui em uma cadeira de rodas.

— Pelo menos você *está* sentado aqui — disse ela em tom de censura. — Poderia estar em uma daquelas valas comuns na França. E eu seria apenas mais uma dessas centenas de viúvas de guerra a quem nada resta senão lembranças. Não podemos mudar o que já aconteceu, mas ainda podemos escolher nosso futuro.

Ele reteve os olhos dela com os seus por alguns longos segundos.

— Talvez, se eu conseguir dominar a perna de pau, ainda possamos ter nossa casa de hóspedes à beira-mar — disse ele.

— Esse é o espírito — volveu ela, estendendo a mão para acariciar-lhe a face. — Já passamos pelo pior agora, só pode ficar melhor.

A carta perturbadora de Vera sobre homens morrendo de gripe espanhola na França chegou um dia depois que Mog lera no jornal uma notícia de que havia casos dessa doença em Londres e em várias outras cidades ao redor do mundo.

Belle estivera inclinada a pensar que os jornais exageravam essa suposta “epidemia” porque as notícias sobre a guerra já haviam perdido força. Mas sabia que Vera não era alarmista.

*Eles estão morrendo durante a noite, escreveu Vera.*

*É absolutamente terrível. Um dia, recebi seis casos de pacientes sentados, todos com ferimentos que poderiam ser remendados num piscar de olhos. Dois dias depois, três deles tiveram febre alta, um morreu na primeira noite, os outros dois, no dia seguinte. Estão colocando os casos suspeitos em uma ala de isolamento, mas acontece tão rápido! Num minuto eles parecem bem, no seguinte estão suando baldes e perdendo o controle de tudo. O mais estranho é que está acometendo os jovens e saudáveis. Os velhos e crianças não parecem pegar.*

A carta de Vera chegara no início de agosto e, dentro de uma semana, Mog relatou duas mortes por gripe espanhola na vila, ambas mulheres em seus 20 e poucos anos. Garth percebeu que o bar estava ficando menos movimentado; pensou que fosse porque

as pessoas achavam melhor evitar lugares com muita gente. Nas filas dos estabelecimentos, todo mundo parecia conhecer alguém que tinha essa gripe terrível ou já tinha morrido dela.

Logo ficou óbvio que a imprensa não estava fazendo alarde ou usando a epidemia como distração do relato sobre a guerra. A gripe estava ali, matando pessoas que haviam sido fortes e saudáveis. Uma manhã, Belle viu duas carretas fúnebres passarem à porta do Railway apenas no tempo que levou para limpar o bronze das portas. O medo estava no ar; ela o via no rosto das mulheres enquanto corriam até as lojas e o círculo de costura de Mog parou de se reunir, encontros de uíste foram cancelados e as pessoas caminhavam em vez de pegar o ônibus.

Então, Garth adoeceu. Mog nunca soubera dele sequer pegar um resfriado antes, mas ele se queixou de uma dor de garganta no meio do dia e, às 16 horas, já tremia tão violentamente que teve de ficar na cama.

O Dr. Towle passou naquela noite e disse que Mog deveria usar uma máscara de gaze sobre a boca e o nariz enquanto cuidava dele. Tudo o que pôde prescrever foram muitos fluidos, e que se lavasse Garth com uma esponja se ele ficasse febril.

— Fiquem longe — disse ele com firmeza para Belle e Jimmy, que pairavam à porta do quarto. — Deixem a Sra. Franklin cuidar do marido. E mantenham o bar fechado até segunda ordem.

Belle ouviu Mog sair do quarto durante a noite e deslizou da cama para conseguir falar com ela enquanto descia as escadas, com os braços cheios de roupas de cama.

— Como ele está? — perguntou Belle. — Posso fazer alguma coisa?

— Ele está muito mal — respondeu Mog, com o lábio inferior tremendo. — Não consegue segurar... — Ela se deteve de vergonha, e Belle percebeu que os lençóis estavam sujos. — Ele está delirando. Só vou levar isto lá para baixo, para colocar de molho.

— Eu faço isso — disse Belle, tomando a trouxa. — Vou lhe fazer um pouco de chá também. Gostaria de um sanduíche ou outra coisa?

Mog abanou a cabeça.

— Não consigo comer, estou assustada demais. Sei que ele é um homem forte, mas isso é muito sério.

— As coisas sempre parecem piores à noite — disse Belle para tranquilizá-la. — Volte lá dentro com ele que eu cuido disto. Em um minuto bato na porta com seu chá.

— Poderia me arranjar alguns lençóis e outra toalha? — perguntou Mog. — Já troquei a cama, mas é bem provável que aconteça de novo. Preciso de um pouco mais de água quente também.

Na manhã seguinte, quando Mog saiu novamente do quarto, seu rosto estava cinza de exaustão.

— Ele está ainda pior — disse ela. — Enxuguei-o todo, tentei fazê-lo beber, mas não consigo baixar a febre. Ele nem me reconhece.

Belle lavou os lençóis e toalhas sujos e estendeu-os para secar. Ela fez um pouco de caldo de carne e tentou convencer Mog a deixá-la ficar com Garth para que ela pudesse dormir um pouco.

— Ele é meu marido e tenho que cuidar dele — disse Mog. — Já fico preocupada que você pegue isso só por estar na mesma casa. Então, não fique perto de mim. E não ouse entrar naquele quarto.

Belle e Jimmy sentiram que precisavam obedecer à vontade dela. Jimmy sentou-se no pátio lá fora enquanto Belle se ocupava com os afazeres. Mais tarde, ela conseguiu fazer Mog comer um pouco de ovo mexido e torrada, mas ela subiu correndo imediatamente depois e, ao abrir a porta do quarto do andar de baixo Belle ouviu Garth gritar algo ininteligível.

— Vou buscar o médico outra vez — disse a Jimmy. — Volto o mais rápido que puder.

Uma mulher de meia-idade, volumosa, atendeu à porta do consultório. Ela usava um vestido azul-marinho e parecia uma governanta.

— O doutor está fazendo suas rondas — disse ela secamente, quando Belle pediu que chamasse o marido. — Como pode imaginar, ele tem estado na maior correria com essa epidemia. Aqueles que não consegue visitar ele vem dizendo que arrefeçam os pacientes e os façam beber líquido; não há mais nada que ele possa fazer.

— Mas receio que o Sr. Franklin vá morrer — implorou Belle.

— Vou dizer a ele que a senhora veio — disse a mulher. — É tudo o que posso fazer.

O médico não apareceu. Lá pela meia-noite, Belle sabia que ele não viria e estava ficando cada vez mais assustada. Mog estava exausta. Ela havia banhado e trocado Garth dezenas de vezes, tentado fazê-lo beber, e não permitia que Belle assumisse seu lugar para que pudesse dormir por algumas horas.

— Não vou deixar você ficar doente também — disse ela através da porta fechada. — Posso cochilar na cadeira aqui. Você e Jimmy vão já para cama.

Eles fizeram isso, mas, embora Jimmy adormecesse, Belle não conseguiu, pois estava de orelhas em pé aguardando o chamado de Mog.

Ela deve ter enfim cochilado, já que acordou sobressaltada com um som vindo do patamar da escada. Já estava claro, então, imaginou que fosse por volta das 5 horas da manhã. Saltou da cama e saiu correndo do quarto. Mog estava de pé junto à porta do quarto, com lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto.

— Ele...? — perguntou Belle.

Mog estendeu a mão como sinal para que não se aproximasse.

— Não, mas ele vai. O rosto dele ficou negro. Mal está respirando agora.

Pela porta aberta, Belle conseguiu ver Garth. Parecia ter encolhido, e o rosto normalmente corado estava tingido de negro, o cabelo ruivo escorrido de suor, e sentia-se vindo dele um cheiro repugnante.

— Ele reconhece você agora? — perguntou Belle em um sussurro.

— Não, não mais. Agora há pouco ele reconheceu e achei que tivesse passado pelo momento mais crítico — disse Mog aos soluços. — Ele me perguntou o que havia para o jantar e eu disse que fazia as melhores tortas de carne de Londres. Eu disse que faria a maior torta que ele já comeu na vida se ao menos se curasse. Daí ele piorou de novo.

— Ah, Mog. — Belle queria poder abraçá-la e confortá-la, mas toda vez que se aproximava Mog estendia a mão para impedi-la. — Devo correr para chamar o médico?

Mog meneou a cabeça.

— Só Deus pode salvá-lo agora, e não acho que Ele esteja inclinado a isso. O único homem que amei na vida e Ele o está tirando de mim.

Ela virou-se então e voltou para dentro do quarto, fechando a porta e deixando Belle com o coração apertado diante de suas palavras.

Garth morreu logo depois das 7 horas daquela manhã. Belle ficara sentada na escada para o caso de Mog chamá-la, e ela ouviu um resfolegar prolongado que depois parou abruptamente. Segundos depois, ouviu Mog gritar. O som da consternação.

Jimmy estava no quarto e gritou por Belle.

— Acho que acabou de morrer — disse Belle, indo até onde ele estava sentado na cama.

Os olhos de Jimmy encheram-se de lágrimas e Belle colocou os braços em volta dele e embalou-o contra o peito.

— Sinto muito — disse.

Enquanto ele soluçava em seus braços, ela se perguntou o que mais poderia ser tirado deles: Jimmy estava aleijado e agora Garth morrera. Ela não se importava se não pudessem tocar o pub, não se importava se os alemães vencessem a guerra ou se ninguém na vila jamais falasse com ela novamente. Mas a perspectiva de Mog ter que seguir em frente sem Garth era a coisa mais triste e cruel de todas.

## Capítulo 26

— **Você não parece muito bem, filho** — Mog disse a Jimmy depois que haviam finalmente fechado as portas do pub ao último dos convidados ao velório de Garth. Eram 20h30 da noite e, embora Mog estivesse comovida por tantas pessoas terem comparecido ao funeral, ela temera que nunca fossem embora.

— Sempre pensando nos outros — disse ele em sua cadeira de rodas, pegando-lhe na mão. — Perdeu o marido, cuidou de todo mundo aqui esta tarde e agora está preocupada comigo.

— Acho que nasci para me preocupar. — Ela sorriu de um jeito fraco e curvou-se para beijar-lhe a cabeça enquanto ele a abraçava desajeitadamente de sua cadeira. — Realmente não sei como vamos nos arranjar sem Garth.

— Vamos dar um jeito — disse Belle, voltando os olhos para eles, enquanto empilhava os pratos e copos em uma bandeja. Mas, ao olhar para Jimmy, ela viu que Mog estava certa em dizer que ele não parecia muito bem. Ela se aproximou dele, virando a cadeira de rodas para poder ver seu rosto mais claramente. — Você está suando, ficou muito pálido. Está se sentindo bem?

— Não é nada, só o funeral me fazendo perceber quanto sempre fui dependente de Garth e quanto ele significava para mim — disse. — Você duas não estão lá essas coisas também. Vocês têm estado na correria o dia todo, e eu só estou suando porque está quente aqui dentro.

Belle e Mog se entreolharam. Não estava quente no bar; na verdade, estava decididamente frio, pois haviam aberto as janelas para deixar sair a fumaça de cigarro.

— Acho que você precisa ir para a cama, Jimmy — disse Belle delicadamente. — Você teve um dia muito longo e doloroso. Vou lhe fazer um grogue quente.

— Vou para a cama desde que Mog vá também — disse ele. — Ela mal dormiu desde que Garth adoeceu.

— Não posso ir para a cama, há muito a fazer — respondeu Mog em tom indignado.

— Eu posso fazer isso — disse Belle com firmeza. — Jimmy está certo. Você não dormiu devidamente. Então, já para cima, vocês dois. — Vou fazer grogue quente para os dois e subir com ele em um minuto.

Ela conduziu Jimmy na cadeira de rodas do bar até a escadaria, depois o ajudou a sair para que pudesse subir as escadas usando o traseiro. Mog pegou as muletas e seguiu atrás com elas. Enquanto os observava, Belle notou quão lentamente Jimmy se movia. Ele normalmente subia as escadas quase tão rápido quanto ela podia andar.

Percorreu-lhe uma pontada de medo. Haviam tomado todas as precauções que o médico aconselhara: Jimmy não ficara perto do tio em nenhum momento, ela e Mog haviam fervido todas as roupas de cama de Garth, quaisquer xícaras, copos e o que mais ele pudesse ter tocado haviam sido lavados em água fervente. Mas as pessoas ficaram falando sobre a epidemia durante toda a tarde, e algumas conheciam famílias em que apenas uma pessoa havia pegado a gripe, enquanto em outras todos haviam adoecido dela. Ninguém parecia saber como ela se espalhava e ninguém sabia como a curar. Em algumas partes de Londres, dezenas de pessoas haviam morrido disso; em outras, ficavam muito doentes, mas se recuperavam.

Mas a epidemia não era só ali na Inglaterra e na Europa; era em todo o mundo, de acordo com os jornais. A única coisa com a qual todos pareciam concordar era que crianças e idosos não morriam dela. Na maioria das vezes, matava apenas aqueles entre 18 e 55 anos.

Pouco depois, Belle levou os grogues quentes para cima. Mog já estava na cama, parecendo muito pequena e vulnerável com os cabelos soltos.

— Achei que teria Garth a meu lado até ser bem velhinha — disse ela, e os olhos encheram-se de lágrimas. — Não consigo mesmo imaginar como vou seguir sem ele.

— Não sei o que dizer — admitiu Belle. — Ele era tão forte, tão cheio de vida, nunca ficou doente um só dia até isso. Mas você sempre vai ter a mim, Mog. Você não vai ficar sozinha.

— Você é um consolo — Mog disse e tentou sorrir. — Mas vá cuidar de Jimmy. Ele está realmente arrasado com a perda do tio, como se já não tivesse problemas suficientes.

Belle encontrou Jimmy sentado na beirada da cama, com o colarinho engomado meio desfeito e espetado perto da orelha. A única coisa que ele havia tirado fora o paletó. Ela pousou o grogue quente na mesa de cabeceira, acendeu a luz e puxou as cortinas.

— Eu não me sinto bem — disse ele, estendendo a mão para ela.

Belle tomou-a e esfregou-a entre as duas mãos. Os olhos dele pareciam pesados e ele tinha gotas de suor na testa.

— Você só está cansado — disse ela, tentando acreditar nisso. — Deixe-me ajudar você a tirar a roupa e deitar na cama.

Ele normalmente nunca a deixava ajudá-lo. Desde que voltara da casa de repouso, ele sempre insistira em vestir-se e tirar a roupa em privado, pois não queria que ela olhasse para o que restara de seu braço e perna. Ele aceitara deixá-la colocar álcool cirúrgico no coto da perna, mas ela nunca o vira nu. Ao chegar em casa, ele fizera Garth ajudá-lo a entrar e sair da banheira até poder conseguir isso sozinho.

Mas agora ele a deixava desabotoar a camisa, baixar os suspensórios e desafivelar as calças. Ele ergueu-se o suficiente para ela tirar as calças e depois as ceroulas.

Se ele tivesse lhe permitido ajudá-lo assim desde o início, ela teria observado quão bem cuidados estavam os cotos da perna e do braço. Certamente não eram pavorosos, não algo que ela teria medo de tocar, nem as cicatrizes na barriga e nádegas. Mas não era o

momento de dizer nada; ela sentia que ele mal estava consciente de que estava nu da cintura para baixo, e que isso em si era prova de que ele estava doente.

Vestiu-lhe os pijamas, fez com que tomasse o grogue quente e depois o botou na cama.

— Vá dormir agora — disse ela, acariciando-lhe a testa como se ele fosse uma criancinha. — Vou lá para baixo arrumar tudo. Mas se precisar de mim, é só gritar.

Deixando a porta aberta e a luz do patamar acesa, ela desceu as escadas.

Por toda parte estava quieto demais. Normalmente, a esta hora da noite, o bar estaria agitado e barulhento. O som de vozes elevadas, urros de risada, banquetas raspando no piso de madeira e copos tinindo vinha flutuando para todos os recintos do andar superior e do de baixo. Até Garth adoecer, sua presença fora grande; o vozeirão, o andar pesado e só o tamanho dele pareciam preencher todo o lugar. Mog sempre dizia saber, no momento em que entrava pela porta da rua, se ele estava em casa ou não.

Belle entrou no bar para fechar as janelas e ficou olhando em volta por alguns instantes. Quando Garth estava atrás do balcão, ele dominava o bar. Os espelhos atrás do balcão duplicavam o efeito, a largura de seus ombros, o cabelo grosso e ruivo. Jimmy descrevia muitas vezes como havia visto o tio debruçar-se sobre o balcão e agarrar um desordeiro pela garganta com apenas uma mão. Não havia muitos homens corajosos o suficiente para enfrentá-lo; quase sempre recuavam de medo.

No entanto, essa reputação feroz era apenas fachada. Garth era gentil e afável com aqueles com quem se importava, e Belle ouvira alguns homens no velório hoje dizendo como ele era conhecido por enfiar uma nota de dez xelins no bolso de alguém que houvesse perdido o emprego ou que tivesse um filho doente ou algum outro problema. Ele muitas vezes dava tortas ou sanduíches para alguém que suspeitava estar com fome.

Belle lembrou que, quando ela era criança, as pessoas em Seven Dials julgavam-no um bruto, mas ele acolhera Jimmy quando a mãe deste morrera e não hesitara em oferecer a Mog e à mãe de Belle uma casa quando a delas pegou fogo.

Fora o amor de Mog que o fizera amadurecer e revelar todas as suas qualidades, e seu amor por ela fizera com que Mog se tornasse mais assertiva em vez do ratinho que costumava ser. Ela sempre quisera uma casa só dela, adorava cozinhar, limpar e cuidar de pessoas e tinha um dom para os trabalhos domésticos que se mostrava por toda parte em cores suaves, zelo e conforto.

Sua influência era ainda presente ali no bar, embora Garth tivesse sido feroz em mantê-lo como seu domínio. O bronze polido, o chão esfregado, a bancada reluzente e os copos brilhantes eram obra dela. Havia sempre um fogo crepitante no inverno e o banco ao lado dele reluzia com almofadas que ela havia feito. Embora agora não houvesse nada sob a cúpula de vidro nos fundos do bar, em qualquer outro dia ela estaria repleta de tortas caseiras.

Era cedo demais até mesmo para pensar em quando poderiam reabrir o bar, mas o instinto de Belle dizia-lhe que, embora ela e Mog provavelmente dessem conta de tocá-lo adequadamente entre si, sem a enorme presença de Garth atrás do balcão, mantendo os clientes sob controle, as dificuldades logo apareceriam.

Ela terminou de arrumar tudo, varreu o chão e colocou todos os copos limpos de volta atrás do balcão, depois fechou e trancou as janelas e voltou para a cozinha. Uma carta de condolências chegara de Lisette, a esposa de Noah, naquela manhã, e, como Belle não tivera tempo de lê-la devidamente, tirou-a do armário e leu-a mais uma vez.

Lisette dizia que Noah estava na França e por isso não pudera ir ao funeral, mas que esperava pela volta dele muito em breve. Dizia saber que ele desejaria vir vê-los para oferecer apoio, pois entendia que administrar uma taberna sem Garth seria difícil para eles.

Era uma carta amável e muito sincera. Noah e Jimmy tornaram-se amigos bem próximos quando estavam à procura dela, e Belle tinha muita afeição por Lisette pela bondade que ela lhe demonstrara à época de sua terrível provação em Paris.

Subiram na vida desde então. Noah era um jornalista bastante respeitado e Lisette, a esposa e mãe perfeita para Jean-Philippe, o menino que ela já tinha quando se casara com Noah, e agora para Rose, de apenas 3 anos. Lisette administrava sua bela casa no Bosque de St. John como se tivesse nascido para a riqueza e o privilégio. No entanto, dinheiro e posição não haviam mudado nenhum deles; escreveram tão logo souberam que Jimmy fora ferido, e Belle sabia que viriam assim que Noah estivesse de volta à Inglaterra, e que ele queria ajudar da forma que pudesse.

Belle não escrevera para Noah sobre a morte de Etienne. Acostumado à morte e à destruição como deveria estar, ele ficaria, sabia ela, muito triste em saber que havia perdido seu amigo. Mas fora mais para poupar os sentimentos de Jimmy; ela sabia que, se Noah respondesse à carta ou aparecesse e quisesse falar sobre Etienne, só faria com que Jimmy começasse com esse assunto novamente. Ocasionalmente ele perguntava sobre o tempo que ela vivera em Paris e, embora naquela época não tivesse feito com Etienne nada de que se envergonhasse, ao defender-se ela poderia revelar seus verdadeiros sentimentos pelo homem.

No geral, Jimmy tornara-se bem mais fácil de aturar desde que o Dr. Towle conversara com ele. Ele continuava praticando caminhada e algumas vezes fora andando até lojas da vizinhança. Muitas vezes ele ria do jeito que costumava fazer.

Mas ainda havia dias em que ele era muito sombrio e desagradável a Belle. Bastava ela fazer um esforço em melhorar a aparência antes de sair para ele perguntar aonde ela estava indo. Ainda não arriscava nenhum ato sexual e, quando ela tentava falar com ele sobre isso, apenas se fechava.

A morte de Garth fora um choque terrível para Jimmy. Ele havia desmoronado por completo e ficado inconsolável. Queria muito ter dito a Garth quanto o valorizava, que ele tinha sido mais que um pai. Também se arrependia de não ter feito companhia a ele no bar todos esses últimos meses, pois isso teria significado muito para ele.

Tudo o que Belle podia dizer era a verdade: que Garth tinha muito orgulho de Jimmy e amava-o como seu próprio filho. Ela sabia que a morte de Garth criaria maiores problemas para Jimmy também. Ele não poderia assumir seu lugar, e isso faria com que se sentisse ainda mais inútil.

Ouvindo um forte baque no andar de cima, Belle levantou-se num pulo e subiu correndo as escadas. Ela deu com Jimmy no chão ao lado da cama.

— O que houve? — perguntou, mas, quando se curvou para ajudá-lo e o encontrou encharcado de suor, ela soube imediatamente que ele devia ter tentado ir ao banheiro e não se lembrara de que tinha apenas uma perna.

Ele estava confuso demais até para ficar de pé, de modo que ela correu ao banheiro para buscar um penico velho deixado lá. Então, içando-o até a beirada da cama, direcionou-o para que urinasse dentro dele.

Ao terminar, fez com que ele bebesse um pouco de água e depois o botou de volta na cama.

— Não tente se levantar de novo, só me chame — disse ela. — Vou estar bem aqui.

Belle passou a noite na poltrona envolta em um cobertor, mas a cada hora mais ou menos, sempre que ouvia Jimmy fazer um barulho, ela se levantava, usava uma esponja para esfregá-lo por ele estar ardendo em febre e tentava fazê-lo beber um pouco. Embora estivesse assustada e se sentisse muito sozinha, estava contente por Mog não ter acordado.

Foi um alívio ver os primeiros sinais da aurora no céu e ouvir um pássaro chilreando em algum lugar por perto. Mas, quando a luz da manhã começou a entrar no quarto, ela ficou horrorizada ao ver que o rosto de Jimmy se mostrava cinzento e cavado.

— Bebe um pouco mais de água por mim? — sussurrou ela quando viu suas pálpebras tremulando como se ele tentasse abri-las.

— Deixe-me ir — grasnou ele.

— Não, Jimmy, você precisa tentar lutar contra isso — disse ela, colocando-lhe o braço sob os ombros e erguendo-o para que pudesse beber.

Ele abriu os olhos então e, quando a luz os atingiu, pareceram ouro derretido, assim como quando ela o conhecera, aos 15 anos, em Seven Dials. — Não dá. Estou cansado de lutar. Você vai ter uma vida melhor sem mim.

— Não vou, Jimmy. Eu preciso de você — implorou ela. — Podemos ter uma boa vida. Fomos feitos um para o outro.

— Já tivemos tudo de bom que pode haver — disse ele, e a voz era mais clara agora, os olhos fixos nos dela como se a desafiassem a interrompê-lo. — O homem que você amava morreu lá em Ypres, muito antes de a granada me aleijar. Ainda que eu tivesse voltado inteiro, eu não teria sido o Jimmy que você conheceu: a imundície, a brutalidade, o fedor dos cadáveres, a lama e o estrondo das armas o aniquilaram. Não acredito em mais nada, nem no rei e no país, nem em Deus. Não resta nada dentro de mim.

— Você pode pensar isso agora, pois está doente e seu tio acabou de morrer — disse Belle aos prantos, horrorizada com o toque da verdade nas palavras dele, mas desesperada por fazê-lo acreditar no contrário. — Todo aquele horror que você passou ficou para trás. Pense no que eu passei em Paris! Eu pensava igual a você, que eu nunca conseguiria esquecer isso e ser feliz de novo. Mas eu consegui, porque você não desistiu de me procurar, e quando eu voltei, você me fez sentir completa novamente. Eu posso fazer isso por você também.

— Não, não pode. Viver comigo só vai puxar você para baixo — disse ele, com a voz voltando a ficar mais fraca. — Deixe-me ir, Belle. Lembre-se de mim como eu costumava ser.

Ela colocou os braços em volta dele, segurou-o com força contra o ombro e chorou. Ela podia sentir o imenso calor vindo dele e isso fez com que se separasse dele e o deitasse novamente. Os olhos dele haviam fechado e a respiração estava pesada. Ela desabotoou o paletó do pijama e começou a esfregá-lo com água fria.

— Não vou deixar você ir — disse ela ferozmente. — Eu amo você, Mog também ama, nós precisamos de você. Podemos fazer você esquecer a guerra, vamos nos mudar para beira-mar e procurar o melhor fabricante de membros artificiais do país para ajudá-lo. Você ainda é o Jimmy com quem me casei, eu sei que é.

— Como posso ajudar? — A voz de Mog à porta interrompeu Belle.

Belle virou a cabeça.

— Não entre, mas pode buscar o Dr. Towle?

Mog disse que o faria. Belle ouviu-a descer as escadas e o som da porta lateral abrindo e fechando atrás dela.

Alguns minutos depois, Jimmy teve náuseas e, antes que Belle pudesse pegar uma vasilha ou mesmo o ajudar a se endireitar, ele vomitou. O vômito veio jorrando de sua boca, verde-amarelado, bilioso e malcheiroso, sobre todos os travesseiros e sobre si mesmo. Belle retirou os travesseiros e estava prestes a tirar o paletó de seu pijama quando notou outro cheiro e percebeu que ele havia defecado também.

Ela sabia que isso acontecera com Garth várias vezes, mas até agora Belle não havia pensado em como Mog, uma mulher tão pequena, dera conta sozinha de despi-lo, banhá-lo e refazer a cama com lençóis limpos. Belle lidara com tais coisas antes no Royal Herbert, mas não sozinha.

Cerrando os dentes, ela afastou as cobertas e tirou o pijama dele, usando-o para limpar o pior. Ela rapidamente pegou lençóis novos do armário no corredor e um pouco de água quente do banheiro e banhou-o sobre o lençol dobrado. Ele gemia baixinho, começando a delirar, e, uma vez limpo, ela colocou um novo lençol de um lado da cama, depois o rolou até esse lençol e conseguiu puxar o resto de debaixo dele e enfiá-lo em toda a volta da cama.

Ela finalmente recolocara as cobertas sobre ele, não tentando vesti-lo com um pijama limpo, quando Mog retornou.

— O médico disse que estaria aqui o mais rápido possível — disse ela da soleira. — Ele tem que ver outro paciente primeiro. Vou descer com as coisas sujas e fazer uma xícara de chá para você.

Eram quase 9 horas naquela manhã quando o médico chegou, e durante esse tempo Belle tivera que trocar os lençóis mais duas vezes. Começara a chover e, com as janelas fechadas, ela sabia que o quarto devia cheirar como um curral.

O Dr. Towle estava despenteado, com a barba por fazer e os olhos avermelhados. Claramente ele também ficara acordado a maior parte da noite. Mas conseguiu sorrir para Belle e oferecer suas comiserações antes de examinar Jimmy.

— A Sra. Franklin disse que ele adoeceu depois do funeral do tio ontem à noite — disse ele, que então passou a perguntar quão depressa a febre alta e a doença haviam progredido.

— Ele poderia ir para o hospital? — perguntou Belle.

— Receio que não haja um leito vago em lugar nenhum — disse o médico. — E, ainda que houvesse, submetê-lo à viagem agora só faria piorar a condição dele. Infelizmente, Sra. Reilly, a senhora já está fazendo tudo o que pode ser feito para ajudá-lo.

— Ele vai morrer? — sussurrou ela. Jimmy parecia estar inconsciente, mas ela não podia ter certeza disso.

O Dr. Towle fez um gesto com as mãos que sugeria que Jimmy agora estava nas mãos de Deus.

— Cerca de um terço dos pacientes que vi até agora se recuperou, mas nenhum deles teve febres tão altas como seu marido. Com qualquer outra doença, juventude e força são uma grande vantagem, mas não parece ser assim neste caso particular.

— Não podemos perdê-lo também! — Belle olhou horrorizada para o médico. — Não há nada que o senhor possa dar a ele?

— Queria que houvesse — disse ele com tristeza. — Tente fazê-lo beber água morna com um pouco de conhaque. Lave-o com esponja e mantenha o quarto quente, mas bem ventilado. Isso é tudo o que posso sugerir. Volto à noite para ver como ele está.

Durante todo esse dia, Belle lutou para fazer Jimmy beber e, já que o líquido simplesmente lhe escorria da boca por ele não querer ou não conseguir engolir, ela recorreu ao uso de um conta-gotas de vidro de um frasco de remédio e pingou algumas gotas de água misturada com um pouco de conhaque entre os lábios dele. Ele recobrava e perdia a consciência e às vezes delirava, dizendo coisas sem sentido. Mas de vez em quando dizia algumas palavras que ela conseguia entender.

— Eu olhei tantas vezes para seu retrato que no final ele rachou — foi uma delas. Belle sabia que ele se referia a um retrato que tiraram dela no dia de seu casamento. Ela notou que ele não estava entre as outras fotografias depois que Jimmy fora para a França.

— Os outros homens costumavam me dizer que mulher nenhuma jamais poderia amar um homem de cabelo ruivo — foi outra coisa que ele disse. Mas na maior parte das vezes ele dizia os nomes de amigos que fizera no exército e, embora ela não soubesse quem eram, ficou feliz por ele estar pensando em bons momentos.

Como prometido, o Dr. Towle voltou à noite, elogiou Belle por usar o conta-gotas e pareceu satisfeito em ouvir que não houvera mais vômito.

— Não existe um verdadeiro padrão para esta doença — disse ele. — Alguns de meus pacientes têm parecido estar às portas da morte, mas depois se recuperam. Outros não parecem tão gravemente doentes e simplesmente morrem. Acho isso desconcertante e gostaria muito que houvesse mais que eu pudesse fazer.

— Já é um conforto o senhor ter aparecido — disse Belle. — Enquanto ele estiver tranquilo como está, tenho esperança.

— A senhora aguenta mais uma noite com ele? Parece esgotada, Sra. Reilly. Posso encontrar uma enfermeira para ajudá-la.

— Acho que ele está melhor só com meus cuidados — disse Belle, lembrando o dragão de enfermeira que ele havia mandado quando ela perdera o bebê.

— Bom, tente tirar um cochilo enquanto ele está tranquilo — disse o médico. — Preciso ir agora. Tenho mais dezenas de pacientes para visitar. Mas volto pela manhã, esperando que amanhã haja uma melhora.

Mais tarde, Belle desceu silenciosamente as escadas e comeu um pouco de sopa, pão e queijo que Mog havia preparado, mas, tão logo havia comido, já estava de volta com Jimmy. Ela conseguiu dormir na cadeira por mais de uma hora, mas acordara para encontrá-lo delirando novamente.

Novamente, usou a esponja para esfregá-lo, pingou-lhe água com conhaque na boca, trocou os lençóis que estavam encharcados de suor e urina e tentou consolá-lo enquanto ele divagava de forma incoerente.

— Não consegui encontrar nosso grupo — disse ele a certa altura, agarrando-lhe a mão tão fortemente que doeu. — Eu não conseguia enxergar, fiquei escorregando na lama e caí em cima de cadáveres.

Belle imaginou que ele estivesse se lembrando daquele último ataque. Ele dizia sem parar palavras que não tinham significado

algun para ela: barragem rolante, pistolas sinalizadoras, Tia Sally e Forby. Mas não importava que não lhe fizessem sentido; ela tinha a sensação de que ele pensava estar falando com outro soldado.

— Um homem foi cortado ao meio por estilhaços de bomba — disse ele em um ponto. — A metade de baixo continuou correndo por um tempo.

— Shhh — disse ela, banhando-lhe a testa. — Você está a salvo agora. Nunca mais vai ver essas coisas.

Por volta de 2 horas da manhã, ele ficou lúcido por pouco tempo. Virou o rosto para ela e tentou sorrir.

— É você, Belle! Achei que estivesse sonhando. Eu disse aos rapazes que precisava ficar a salvo para voltar para você. E eu voltei.

— Sim, você voltou, e agora você tem que beber um pouco mais disto para melhorar — disse ela, oferecendo-lhe um copo de água. Ele até ergueu a cabeça por conta própria e bebeu um ou dois goles antes de desmoronar de volta no travesseiro.

Ele fechou os olhos então e Belle sentiu que ele tinha passado pelo momento mais crítico e estava dormindo, por isso ela voltou para a cadeira. Cerca de uma hora depois, levantou-se novamente ao ouvi-lo fazendo um estranho ruído crepitante na garganta. Ela aproximou a lâmpada um pouco mais perto dele e viu que seu rosto tinha ficado mais escuro, exatamente do jeito que o de Garth ficara.

— Ah, por favor, não! — exclamou ela. Sentiu-lhe o pulso e achou-o mais fraco, e, quando lhe pôs a mão na testa, esta estava muito quente. Ela o lavou freneticamente, mais uma vez, com a esponja, falando com ele e implorando-lhe que resistisse. Mas não houve reação. Seus olhos se abriam trêmulos de vez em quando, mas ele não tentava sequer falar.

— Jimmy, você deve parar com isso — disse ela com a voz firme que usava para falar aos soldados na ambulância. — Você pode melhorar, você deve melhorar. Faça isso por mim. Não me deixe sozinha.

De repente, Mog estava ao lado dela. Podia ser baixa na estatura, mas pareceu encher o quarto de determinação.

— Vamos lá, Jimmy — disse ela. — Não contrarie Belle desse jeito. Nós duas precisamos de você. Nós o amamos.

Os olhos dele se abriram.

— Amo você duas — disse em um sussurro rouco. — Cuidem uma da outra. Não posso ficar mais.

Belle olhou horrorizada para Mog e pôde ver pela expressão em seu rosto que ela sabia que ele estava morrendo.

— Nunca lhe disse antes, mas penso em você como meu filho — disse Mog. — Tenho tanto orgulho de você!

Ele tentou sorrir, mas foi apenas o mais tênue movimento dos lábios.

— Você foi como uma mãe para mim — sussurrou. — Não deixe Belle sofrer por mim. Fique perto dela.

— Eu estou aqui, Jimmy — disse Belle. — E estou dizendo que você deve lutar contra isso.

Os olhos dele se voltaram para Belle e a mão tremeu como se quisesse erguê-la para tocar-lhe o rosto.

— Minha Belle, minha linda Belle — disse ele. — Eu lamento por tudo, mas é melhor assim.

Belle pegou-lhe a mão e beijou-lhe os dedos.

— Você não tem que se desculpar por nada, e não é melhor assim! — disse ela de maneira entrecortada enquanto as lágrimas lhe rolavam pelo rosto. Sentiu a mão dele ficar frouxa nas dela e buscou sentir-lhe o pulso com os dedos. Não conseguiu sentir nada. — Ah, Mog! — gritou.

Foi Mog quem pegou a mão de Jimmy e descansou-a. Ela fechou os olhos e beijou-lhe a face.

— Adeus, filho — sussurrou. — Garth e sua mãe estão esperando por você.

— Não, Jimmy — disse Belle, soluçando. Ela ajoelhou-se no chão, com a cabeça encostada no peito dele. — Havia tanto que eu queria dizer a você!

As duas mulheres ficaram lá por um tempo, ambas aos prantos, depois Mog se levantou e ergueu Belle, embalando-a contra o ombro do jeito que costumava fazer quando ela era uma criancinha.

— Tudo é pior à noite — disse Mog suavemente. — Mas ele estava certo, foi melhor assim. Ele odiava ser tão impotente. Ele sabia que as coisas nunca melhorariam para ele. Venha deitar-se comigo agora. Não podemos fazer nada até o dia clarear.

## Capítulo 27

**Belle ouviu uma batida** na porta lateral do pub enquanto ela e Mog estavam sentadas na cozinha, mas a ignorou. Fazia uma semana desde o funeral de Jimmy e as pessoas ficavam batendo desde então. Ocasionalmente era alguém aparecendo para oferecer apoio e solidariedade, mas na maior parte das vezes só queriam perguntar quando o bar seria reaberto. Havia um aviso pregado na porta dizendo que estava fechado devido a luto, mas isso não os havia dissuadido.

Tanto Belle quando Mog penavam para chegar ao final de cada dia. O tempo demorava a passar sem ninguém de quem pudessem tomar conta. Sentiam-se vazias e chorosas e não faziam ideia de qual caminho seguir. As batidas constantes pioravam a situação, já que eram um lembrete de que havia decisões a serem tomadas.

Bateram com mais força.

— Pode ser o Dr. Towle — disse Mog.

Belle levantou-se, cansada. Mog podia estar certa; no funeral, o médico dissera que passaria em uma semana para ver como elas estavam.

— Está bem, estou indo — murmurou ela enquanto caminhava para a porta.

Mas não era o médico, era Noah. Ele tirou o chapéu quando a viu e sorriu hesitante.

— Ah, meu Deus — exclamou ela. — Noah! Que surpresa!

Fazia pelo menos três anos desde a última vez que ela o vira, mas, apesar de seu casaco de cauda cinza-claro e de corte impecável, colete, calças listradas e sapatos feitos à mão contarem sobre seu sucesso, sua cara rosada, ainda de garoto, conservava uma expressão de tamanha empatia e compreensão que Belle foi

transportada imediatamente de volta a Paris, à época em que ele fizera tanto para ajudá-la. Só o ver fez com que ela se sentisse melhor instantaneamente.

— Espero não ter aparecido em má hora. Eu estava na França e não recebi sua carta até voltar ontem — disse ele. — Não dá para dizer quanto lamento por não ter estado aqui para amparar você e Mog quando mais precisavam. Tanto Lisette quanto eu choramos por vocês duas quando lemos a carta, e ficamos muito tristes por termos perdido a chance de prestar nossas últimas homenagens a Garth e Jimmy.

Sua sinceridade foi muito tocante e isso a recompôs.

— Eu não queria que viesse e corresse o risco de contrair uma infecção — disse ela. — Mas estou muito contente por vê-lo agora. Não andamos abrindo a porta para ninguém, mas estou muito feliz por tê-la aberto desta vez. Venha, entre.

Quando a porta se fechou atrás dele, ele colocou os braços ao redor de Belle e abraçou-a com força.

— Sei que um cavalheiro não deve tomar tais liberdades — disse ele bruscamente. — Mas você sabe que sempre pensei em você como da família.

Belle abraçou-o de volta e beijou-lhe a face lisa, que cheirava a sabão de barbear de sândalo.

— Se eu pudesse ter escolhido um irmão, teria escolhido você — disse ela, com lágrimas emotivas brotando-lhe dos olhos. — Que tal irmos para a cozinha? Mog acabou de fazer pão.

Mog então apareceu à porta da cozinha, com o avental e as faces ainda sujos de farinha.

— Ah, Noah! — ela gritou e correu para abraçá-lo. — Como é bom ver você! Estávamos dizendo esta manhã que você saberia o que devemos fazer.

— Mog querida — dizia ele enquanto a abraçava. — Lamento que tenha perdido Garth. Eu achava que ainda o veria quando ele fosse bem velhinho. Foi um golpe muito cruel para você e Belle perderem seus maridos. Como conseguiram atravessar dois funerais?

Por causa do medo de infecção das pessoas e da própria dor, Belle e Mog concordaram que o funeral de Jimmy deveria ser bem tranquilo. Depois, haviam servido chá e bolo para as poucas pessoas que fizeram questão de comparecer, mas o número de pessoas que foram à igreja e aquelas que deixaram cartas de condolências e flores no pub mostraram quão estimado Jimmy havia sido.

— Aguentamos muito bem até um dia depois do funeral de Jimmy — disse Mog, enxugando os olhos no avental. — Mas tem sido terrível desde então.

Noah olhou para Belle e ela balançou a cabeça para confirmar isso. Não havia nada para preencher o vazio que os homens tinham deixado. O lugar estava quieto demais, arrumado demais. Mesmo o bar fechado parecia uma reprimenda. Mas, mesmo que tivessem se sentido prontas para reabri-lo, precisavam pensar nas regras convenientes ao luto. Não seria apropriado que duas mulheres recentemente viúvas estivessem trabalhando em uma taberna.

Mog salientara que, mesmo se quisessem reabrir o bar, nenhuma delas tinha força para subir com os barris da adega ou qualquer conhecimento real sobre os diferentes tipos de cerveja ou como elas deveriam ser tratadas, pois Garth sempre cuidara desse lado do negócio.

Só hoje que Mog havia se animado o suficiente para fazer pão. Até agora, tinham beliscado a comida que sobrara do chá após o funeral de Jimmy, pois nenhuma delas tinha apetite.

A presença de Noah na cozinha era como uma luz sendo ativada. Mog fez chá, pousou seu pão fresco, ainda quente do forno, em cima da mesa, tirou a manteiga e o queijo e, enquanto se ocupava, contava a Noah como tudo tinha sido. Ele sempre fora um bom

ouvinte. Enquanto Mog falava e servia o chá, ele acenava com a cabeça, assimilando tudo.

— Conte-me como foi depois que Jimmy voltou da França — ele pediu a Belle depois de pouco tempo. — Deve ter sido muito difícil para os dois.

Belle fez o mais breve relato possível. Ela e Mog tinham falado sobre isso a semana toda, e agora estavam no ponto em que não queriam recapitular o assunto.

— Conte-nos sobre Lisette, Rose e Jean-Philippe — disse ela depois de lhe narrar o mínimo absoluto. — Precisamos ouvir algo alegre.

— Alugamos um chalé em Devon para tirá-los de Londres — disse ele. — Achei que as crianças precisavam de um pouco de ar marítimo, campos verdes e menos tristeza em torno delas. Infelizmente não pude ficar com elas todo o tempo, pois tive que ir para a França. Mas Jean-Philippe aprendeu a nadar enquanto estive ausente e foi bom ver as bochechas rosadinhas deles e Lisette mais relaxada quando voltei. Ela queria vir hoje, mas achei melhor vir sozinho.

— Eu não gostaria que ela viesse assim, logo depois — disse Belle. — Uma mãe precisa se manter saudável para os filhos.

— Lisette não está nem aí para o risco de infecção. — Ele sorriu ironicamente. — Ela queria que eu salientasse que esse não é o motivo e perguntasse a vocês duas se gostariam de voltar comigo hoje e deixá-la cuidar de vocês por um tempo.

— Isso é tão amável — disse Mog, com o lábio inferior trêmulo. — Você se casou com uma ótima pessoa, Noah.

— Como todos nós casamos — suspirou ele. — Sem a influência de Garth e Jimmy no passado, não estaria onde estou agora, nem teria Lisette. Nem preciso dizer quanto nos preocupamos com vocês.

— Você sempre teve jeito com as palavras — disse Belle afetuosamente. Noah nunca sofrera da habitual reticência masculina

para dizer o que havia em seu coração. Mas ele era um homem que respaldava suas palavras também com ações, e ela sabia que qualquer conselho que ele lhes desse hoje seria sólido.

— Vocês dizem não saber que caminho seguir — disse Noah, olhando de Belle para Mog. — Vindo para cá, pensei que esse poderia ser o caso e tenho sugestões que podem ajudar.

— É o pub, na verdade — disse Mog com ar cansado. — Não sabemos quanto tempo devemos ser vistas de luto, não apenas vestindo preto, mas se seria aceitável reabrir o bar. Somos perfeitamente capazes de servir no bar e sabemos um pouco sobre cerveja e bebidas destiladas. Mas há muito mais que não sabemos, Noah, e o pub precisa de um homem forte no comando.

— Sim, claro que precisa — disse Noah. — A maioria de suas inquietações pode ser resolvida contratando um gerente. Daí nenhuma de vocês precisa ser vista no bar. Mas deixem-me dizer uma coisa: a etiqueta do luto está praticamente morta. Quase todos no país estão de luto por alguém. Viúvas têm que sair e trabalhar para sustentar os filhos e as pessoas não podem dar-se ao luxo de gastar o pouco dinheiro que têm em roupas pretas. Compreendo que as duas achem correto e adequado vestir preto por um tempo e não aparecer em locais públicos. Mas, bem honestamente, só pessoas muito velhas e com uma visão limitada esperariam que vocês se ativessem a isso agora.

Essa fora a visão de Belle também, mas Mog se sentira ofendida quando ela levantara a ideia e insistira que ambas usassem vestidos pretos. Noah, porém, poderia dizer essas coisas para ela; Mog via-o como a fonte de todo o conhecimento.

— Um gerente? — perguntou Mog. — Eu não tinha pensado nisso. Não seria muito dispendioso?

— Vocês não vão ter dinheiro algum entrando se mantiverem o pub fechado — disse ele. — Eu poderia ajudá-las colocando um anúncio no jornal e entrevistando os candidatos.

— Sim, mas seria tão fácil para um gerente nos passar a perna — comentou Belle. — Você sabe como é, Noah, homens neste comércio não são sempre os mais honestos. O próprio Garth sabia a cartilha de cor.

Noah assentiu com a cabeça.

— Acho que a verdadeira questão é se vocês querem mesmo ficar aqui.

Belle e Mog se entreolharam.

— Eu, particularmente, não — falou Belle. — Mas tudo pertence a Mog agora. Ela tem que decidir como se sente.

Mog pareceu perturbada.

— Na verdade, também não quero mais ficar aqui, não depois de tanta tristeza. Mas sentiria estar desapontando Garth ao partir. Ele amava este lugar.

— Ele amava mais você — observou Noah. — Sei que ele não daria a menor bola se você decidisse vender tudo. Lembre-se do que ele pensava sobre mulheres em bares!

Belle e Mog conseguiram esboçar um sorriso tênue.

— Se dependesse só dele, nunca teria permitido que alguém de saia atravessasse as portas — comentou Belle.

— Bom, ele amadureceu em relação a isso — interrompeu Mog. — Eu estava servindo com ele durante a maior parte da guerra. Só porque ele não podia realmente arcar com as despesas de um barman, e no fim das contas ele permitiu que os soldados entrassem com suas esposas ou namoradas também.

— Então concordamos que ele não esperaria que vocês continuassem tocando o bar — disse Noah. — Acho que também sabemos que ele se reviraria no túmulo se o negócio fracassasse. Então, por que não o vender, Mog? Você poderia abrir outro pequeno negócio de que as duas gostassem e no qual fossem boas.

Talvez Belle pudesse voltar a fazer chapéus. Uma casa de chá? Um pequeno hotel?

— Eu adoraria uma casa de chá — disse Mog. — Um daqueles lugares bonitos com um jardim onde poderíamos servir chá do lado de fora durante o verão.

Belle sorriu. Mog mencionara isso no passado, e ela certamente dispunha de todos os talentos para torná-la um sucesso. Foi bom também a ouvir voltar a falar com alguma animação.

— Você não sentiria saudades das amigas que fez aqui? — perguntou ela.

— Que amigas? — Mog disse com um toque de amargura. — As mulheres que me esnobaram quando leram tudo aquilo sobre você? Elas só mudaram de opinião mais tarde porque eu era útil às diferentes causas delas.

— Esse foi um episódio vergonhoso — concordou Noah. — E mais um bom motivo para desarmar a barraca e mudar-se daqui. A menos, claro, que as duas sintam necessidade de ficar próximas de onde Jimmy e Garth estão enterrados.

— Garth dizia que essas coisas eram tolice sentimental — disse Mog com tristeza. — E, se Jimmy tivesse sido enterrado na França, Belle não teria nem sido capaz de visitar o túmulo dele.

— Então, não há nada que impeça vocês. Acho que é necessário ter nascido para o comércio de bebidas alcoólicas para ser realmente bom nisso, sem mencionar ser tão cabeça-dura quanto Garth era. Eu diria que você duas seriam muito mais felizes com um negócio mais feminino.

— Eu certamente não gostaria de ter que limpar aquele banheiro dos fundos todo santo dia pelo restante de minha vida — disse Mog com expressão de desagrado. Por um segundo, ela soou muito mais como a velha Mog.

Noah deu um sorriso largo.

— Bom, gostariam que eu entrasse em contato com agentes para vendê-lo? Vocês mesmas poderiam fazer isso, claro, mas eles podem tentar intimidar mulheres para que se contentem com um preço mais baixo.

Belle olhou interrogativamente para Mog. Ela hesitou por um momento.

— Sim, Noah, gostaria que você fizesse isso. Quanto mais rápido for vendido, melhor.

Belle levantou-se da cadeira e abraçou Mog.

— Isso é muito corajoso e muito sensato — disse ela. — Podemos arranjar um quartinho para morar enquanto decidirmos para onde queremos ir e o que queremos fazer.

— Quanto mais depressa, melhor — disse Noah. — Quanto mais tempo o pub ficar fechado, menos atraente vai se tornar para um potencial comprador. Blackheath é uma boa área, com um serviço de trem confiável. Arriscaria minha reputação na aposta de que o lugar vai se tornar muito popular depois que a guerra acabar.

— E isso vai acontecer logo? — perguntou Belle. Noah sabia a verdade sobre isso, e ela acreditava que ele não lhe daria uma daquelas versões idealizadas publicadas nos jornais.

— Diria que antes do Natal — disse ele. — A guerra atinge agora sua conclusão natural. Há muitos milhões mortos e os alemães estão tão desmoralizados quanto nós. Agora estão chamando a Terceira Batalha de Ypres, aquela em que Jimmy foi ferido, de Passchendaele, o nome de alguma vila demolida e sacrificada que ainda precisam conquistar. Gostaria de ouvir todo o triste episódio conhecido como a Atrocidade de Passchendaele. Se dependesse de mim, mandaria o general Haig ser açoitado pelas ruas por enviar a nata dos jovens da Grã-Bretanha e da Comunidade Britânica para serem explodidos ou afogados na lama. Foi, e ainda é, um sacrifício inútil e injustificado.

— Você esteve lá? — perguntou Belle. A absoluta paixão das palavras dele parecia confirmar isso.

— Sim, estive na estrada de Menin, entre tanques queimados, cadáveres, cavalos e mulas, e observei o bombardeio assombroso e aterrorizante. Quando as granadas atingiam a lama, explodiam como gêiseres, subindo uns 30 metros no ar e trazendo com eles partes dos mortos. Vi milhares de homens parecendo formigas, curvados sob o peso das mochilas, tentando percorrer aquele pântano sob fogo cerrado, mas bravamente livrando os fuzis da água mesmo quando eram derrubados. Às vezes, era preciso que quatro maqueiros carregassem um homem por apenas 30 metros, pois a lama era muito grossa. Houve feridos que ficaram deitados quase totalmente submersos e entre os mortos durante quatro dias antes de serem resgatados. E tudo enquanto os generais tomavam chá em xícaras de porcelana branca, em segurança atrás das linhas, e planejavam enviar ainda mais homens para a morte.

Belle cobriu o rosto, horrorizada.

— Escrevi um artigo contando a verdade, mas o jornal não quis publicá-lo. — Ele franziu os lábios de desgosto. — Mas, depois que a guerra acabar, vou escrever essa verdade em um livro. Vai ser um testemunho do horror, da barbaridade e da falta de sentido de tudo isso. E talvez também vá fazer com que as viúvas, mães, pais, irmãos e irmãs das dezenas de milhares de homens como Jimmy se deem conta de quão corajosos seus homens foram.

Pouco depois, Mog pediu licença, dizendo que tinha alguns trabalhos para fazer lá em cima. Belle sentiu que era sua maneira educada de permitir que ela falasse com Noah sozinha.

— Como está se sentindo realmente agora? — perguntou ele assim que Mog saiu do alcance da voz. — Lisette me contou como Jimmy estava difícil depois que voltou para casa.

— Para ser honesta, estou confusa sobre como me sinto — admitiu ela. — Estou terrivelmente triste, é claro. Simplesmente não parece justo que Jimmy tivesse que passar por todo aquele

sofrimento e, logo quando começava a lidar com isso, pegasse essa gripe terrível. Mas não vou mentir para você, Noah, estava muito difícil viver com ele, especialmente quando chegou. Um mau humor frequente, dizia coisas desagradáveis e não me deixava chegar perto dele. Na maior parte do tempo o futuro parecia muito desolador. Por isso, às vezes me sinto aliviada que tenha acabado. Mas só de pensar nisso me sinto tão culpada.

— Dá para imaginar como deve se sentir confusa — disse Noah em tom confortador. — No dia em que se casou com Jimmy, realmente acreditei que, a partir de então, sua vida seria muito feliz. Você tinha tido mais do que sua cota justa de sofrimento, e com Jimmy, Mog e Garth a seu lado, achei que não precisaria mais me preocupar com você. Mas essa maldita guerra! Ninguém passou intacto por ela. Não acho que haja muitos que tenham passado pelas batalhas que Jimmy passou que não estejam modificados pelo que viram. E ainda voltar sem um braço e perna! Eu fiquei apavorado lá, Belle. Não tinha nada a fazer senão me abrigar e observar. O cheiro, a sujeira, o barulho; era uma cena do inferno com um tempero adicional de puro terror, já que você não sabia se e quando seria explodido.

Ele fez uma pausa, olhando para ela.

— Mas você fez tudo que alguém poderia fazer por ele — disse. — Você o amava e se importava com ele. Agora é hora de pensar em si mesma.

Ela não conseguiu responder. Estava emocionada demais com sua compreensão.

— Você está magra e pálida, Belle. Precisa ser gentil consigo mesma agora — continuou ele. — Sugeri que viessem comigo para casa, mas, vendo vocês duas, acho que pode ser mais benéfico se viajarem para o litoral para descansar. Recuperar as energias. Pensar sobre o futuro.

Belle começou a chorar novamente. Noah moveu a cadeira para mais perto dela e puxou-a em seus braços.

— Você já passou por mais do que qualquer um que já conheci — disse ele, compreensivo. — Etienne disse uma vez que você tinha sido manipulada por outras pessoas desde criança. E ele estava certo. Mas agora é hora de fugir disso, decidir o que você quer. Você ainda é uma jovem com toda a vida pela frente.

A menção a Etienne trouxe uma enxurrada de novas lágrimas. Era ele que ela queria, mas isso lhe fora negado também.

— Você lembra que escrevi e disse que foi um soldado francês que resgatou Jimmy? Bom, foi Etienne — soltou ela.

— Etienne! — exclamou Noah. — Como é possível? Eu não compreendo.

— Jimmy recebeu uma carta, já faz um tempo agora, de um amigo do mesmo regimento. Ele referiu-se ao homem que o resgatou como sargento Carrera. Ele foi condecorado com a Croix de Guerre porque destruiu sozinho um grande canhão e morreu como herói.

— Ele está morto? — Noah arfou. — Ah, não. Ele também não.

— Receio que sim. Foi por causa da medalha que conseguiram todos os detalhes.

Noah franziu a testa.

— Tem certeza de que era Etienne? Não apenas outro homem com o mesmo sobrenome?

— O amigo de Jimmy disse que era um homem que eles haviam conhecido, perto de Verdun, em 1916. Jimmy o descreveu para mim, assim como as coisas que haviam sido ditas, e eu simplesmente soube que era ele. Além disso, tudo parecia tão típico de Etienne, desobedecendo a ordens para deixar Jimmy em segurança atrás das linhas francesas. Jimmy sempre dizia que o homem o havia chamado pelo nome também.

Ela não se surpreendeu ao ver os olhos de Noah se encherem de lágrimas. Sabia quanto ele gostava e admirava Etienne. E sentiu

uma onda de alívio por poder falar sobre o homem com alguém que se importava tanto quanto ela.

— Jimmy não lhe contou que o havia conhecido em Verdun?

— Não, mas ele nunca soube o nome do sargento francês. Mas era evidente que Etienne sabia o dele; Jimmy disse que ele perguntou onde ele morava em Londres e coisas assim.

— Etienne sempre jogou com as cartas coladas ao peito. Recebi um par de cartas dele logo no início da guerra — disse Noah. — Fiquei impressionado por ele ter sobrevivido a Verdun, pois poucos franceses saíram vivos dessa. Falamos o tempo todo das baixas britânicas, mas os franceses perderam ainda mais. Vinte e cinco por cento do exército deles foi morto. Mas eu achava que ele fosse indestrutível. Estúpido de minha parte, pois nenhum homem pode ser.

— Eu achava isso também, Noah — disse ela, colocando-lhe a mão no braço. — Olha, nunca confessei isso a Jimmy ou Mog, mas eu o vi na França. Ele foi até o hospital. — Ela contou brevemente a Noah como isso se dera. — Ele me disse que registraria você como o parente mais próximo. Claro, isso pode ter lhe escapado à memória, mas os soldados não são lembrados de fazer esse registro antes de uma grande batalha?

— Sim, eles são. Mesmo que não tenham nada mais que um relógio ou um par de meias de reserva, o CO faz com que ponham tudo no papel. Se Etienne fez isso, eu deveria ter sido informado da morte dele.

Belle não havia pensado nisso.

— Bom, não acho que os franceses estejam tão organizados quanto nós. Com tantas baixas, deve ser difícil. E talvez o CO dele não tenha transmitido a informação para alguém que soubesse escrever em inglês.

Noah fez que sim com a cabeça.

— Sim, isso poderia atrasar as coisas. Ele disse na última carta — essa foi lá de abril, penso eu — que esperava que, quando a guerra terminasse, eu fosse com Lisette e as crianças até Marselha. Queria que víssemos a fazenda dele. Nunca consegui imaginá-lo entre galinhas e porcos. Por outro lado, ele sempre foi cheio de surpresas. Mas por que ele me registraria como parente mais próximo? Certamente ele não deixaria a fazenda para mim. Ele sabe que não sei nada sobre cultivo de terra.

Belle percebeu que, tão logo Noah fosse notificado sobre Etienne, ele ficaria ainda mais confuso com o porquê de ele ter deixado a fazenda para ela.

— Acho que ele planejava deixá-la para mim — disse ela.

Noah fitou-a por um momento e depois franziu a testa.

— Por que ele faria isso, Belle? Jimmy não teria achado isso estranho? Para não dizer suspeito?

— Sim, imagino que ele teria achado. — Belle pôde sentir-se corando por causa da maneira como Noah olhava para ela. — Mas Etienne disse que você era a única pessoa em quem ele podia confiar para tratar disso e disse que seria capaz de explicar a Jimmy que isso não era estranho nem preocupante, já que ele era meu amigo e me salvou em Paris.

— Etienne podia pensar desse jeito, mas duvido que Jimmy teria concordado — Noah disse pensativo. — Não estou certo de que eu concordasse também. Afinal de contas, lembro-me do que você sentia por ele quando deixamos Paris. Sempre suspeitei que fosse recíproco também. Como se sentiu em relação a ele quando o viu novamente?

Belle havia esquecido quão intuitivo Noah podia ser, e anos de jornalismo haviam-lhe aguçado as habilidades.

— Você se apaixonou por ele mais uma vez?

Não era uma pergunta, mas uma afirmação, e Belle não poderia negá-la.

— Sim — disse ela em um fio de voz. — Que Deus me ajude, eu me apaixonei.

O silêncio foi quebrado apenas pelo tique-taque do relógio no corredor.

— Você considerou deixar Jimmy?

— Não! Bom, talvez por pouco tempo, enquanto eu me perguntava se conseguiria fazer isso. Foi um momento de loucura, minha amiga tinha sido morta, eu estava muito triste. E acho que me envolvi com Etienne dizendo que, de um jeito ou de outro, ficaríamos juntos finalmente. Mas ele voltou para o front, e daí Jimmy foi ferido e eu voltei para a Inglaterra com ele.

— Você deve ter ficado transtornada — disse ele com uma voz abafada, tão compreensiva que ela sentiu que precisou admitir quão ruim tinha sido para ela.

— Sim, não dá nem para começar a descrever — suspirou. — Escrevi para Etienne na mesma noite em que soube que Jimmy fora ferido. Disse que ele não devia me contatar novamente. Ele apenas escreveu de volta para dizer que compreendia e desejava tudo de bom tanto para mim quanto para Jimmy. É claro que agora sei que ele se manteve fiel a isso porque morreu. Mas naquela época estava cheia de culpa. Até sentia que o que acontecera a Jimmy era uma espécie de castigo para mim. Eu me esforçava muitíssimo para nunca pensar em Etienne, mas era muito difícil com Jimmy sendo tão frio e difícil.

Noah ficou apenas sentado ali por um tempo, imerso em pensamentos. Ele acendeu um cigarro e Belle olhou para ele com agitação, querendo saber o que se passava em sua mente.

— O mais impressionante nisso é que ele resgatou Jimmy! — Noah soltou de repente. — O caminho até você teria ficado livre se ele o tivesse ignorado. Mas ele tinha seu próprio tipo de honra; sei que, se estivesse alguma vez em apuros, gostaria de tê-lo a meu lado. E você não contou nada disso a Mog?

— Não, como poderia? Fiquei tentada a ir me abrir com Lisette quando voltei para casa. Estava me sentindo tão miserável, envergonhada do que tinha feito, e sentia que ela era a única pessoa que poderia entender. Mas não consegui. Achei melhor apagá-lo de minha mente e me concentrar em reconstruir minha vida com Jimmy.

— Então, como você confinou seus sentimentos por ele quando soube que ele tinha morrido? Deve ter sido muito difícil, especialmente com Jimmy sendo tão problemático.

— Sim — admitiu ela. — Foi o mais difícil, e Jimmy ficava falando sobre isso. Mas acabou agora, os dois se foram. E eu preciso ajeitar minha vida e começar de novo.

Puderam ouvir Mog descendo as escadas. Noah mudou de assunto e voltou para a sugestão anterior de que elas viajassem para umas pequenas férias.

— Isso seria bom. — O rosto de Mog iluminou-se. — Poderíamos ir para Brighton. Sempre quis ir lá.

Noah ficou por volta de mais uma hora e, antes de sair, perguntou a Mog se ela queria seguir em frente com a ideia de que ele encontrasse um comprador para o pub. Mog devia ter pensado a sério no assunto enquanto estivera lá em cima, pois disse que sim.

— Você tem o testamento de Garth? — perguntou ele.

Mog disse que tinha e perguntou se ele queria vê-lo.

— Ele deixou tudo para mim, com exceção de algum dinheiro para Jimmy e Belle.

— Você deve levá-lo para seu procurador, então — explicou Noah. — Tem que passar pelo inventário antes de você ter o direito de vender o imóvel. Mas o procurador vai explicar tudo isso a você. Agora, precisa de algum dinheiro para suprir as despesas até lá?

— Não, estamos bem — disse Mog. — Garth sempre tinha algum dinheiro escondido. Ele não confiava muito em bancos.

— Bom, se precisar de um pouco mais, é só pedir — disse Noah.

Quando estava prestes a sair, ele perguntou a Belle se ela tinha visto sua mãe recentemente.

— Não, ela nem se deu ao trabalho de responder quando escrevi para dizer que Jimmy foi ferido. Chegou uma caixa de chocolates no Natal, mas nem mesmo acompanhada de um bilhete. Daí, em fevereiro, recebi a mais breve das cartas perguntando por que não tinha ido vê-la. Escrevi dizendo que não tive tempo de cruzar Londres com um marido aleijado para cuidar. Não ouvi uma palavra desde então. Nem lhe contamos sobre as mortes de Garth e Jimmy.

— Meu conselho seria não dizer nada a ela — disse ele com um sorrisinho. — Parentes têm o hábito de sair da toca quando as pessoas morrem. E, se bem me lembro, Annie não é do tipo que vem visitar a menos que queira alguma coisa.

— Nossos parentes são empurrados sobre nós. Graças a Deus, podemos escolher nossos amigos. — Riu Belle. — E você foi o melhor dos amigos, Noah.

Ele se despediu das duas com um beijo, lembrando-lhes que, se quisessem falar sobre qualquer coisa, ele e Lisette estavam com telefone em casa e que eram bem-vindas para visitá-los sempre que quisessem.

— Vou procurar um agente perto daqui e voltar quando quiserem avaliar a propriedade — disse ele ao se retirar. — Até lá, viagem e descansem de verdade.

Três semanas depois que Noah as visitara, Belle e Mog retornaram ao Railway depois de dez dias em Brighton. O agente a quem Noah pedira que encontrasse um comprador para a propriedade havia aparecido com alguém extremamente disposto a comprá-la. Agora, só precisavam que o procurador de Garth dissesse que Mog estava legalmente autorizada a seguir com a venda.

— É agradável não fazer nada por um tempo, mas não acho que esteja pronta para ser uma mulher à toa — disse Mog enquanto

colocava a chaleira no fogo. Ela olhou ao redor da cozinha e franziu a testa. — Nossa, como está escuro aqui dentro! Na verdade, nunca reparei antes, mas acho que, depois de nosso adorável quarto de frente para o mar, tão cheio de luz, qualquer lugar pareceria escuro.

Belle sorriu. Mog tinha realmente recuperado a energia enquanto estiveram fora; ela falara muito sobre Garth e Jimmy, mas de uma maneira positiva, como se estivesse se conformando com a morte deles. Mas falara igualmente sobre o futuro, querendo entrar em casas de chá, sendo crítica quanto às fornadas e discutindo melhorias que ela faria se o negócio fosse seu. Elas haviam estudado anúncios de propriedades também e, sem preocupação, discutido sobre onde gostariam de morar. Mog era a favor de algum lugar no campo, mas Belle sentia que uma cidadezinha comercial seria melhor para as duas.

No entanto, durante todo o caminho de trem para casa, Mog ficara falando sobre fazer no pub e na residência uma limpeza geral, e Belle achou que ela tivesse mudado de ideia e quisesse ficar. Ela havia gostado de caminhar no passeio público de Brighton, achara o cais maravilhoso e adorara ir ao teatro e ao *music hall*. Mas ficara bastante claro que ela sentia falta de suas tarefas domésticas. Nos últimos dias, Belle reparara que ela ficara checando se havia poeira nos corrimões do hotel. Ela demonstrara desaprovação à aldrava de bronze da porta da frente, a qual não havia sido polida, e começara a criticar a refeição servida à noite. Mas seu comentário sobre a cozinha estar sombria sugeria que ela seria ainda mais feliz fazendo suas tarefas domésticas em algum outro lugar.

— Então, vamos garantir que o lugar para onde nos mudemos seja claro e iluminado — disse Belle.

Mog olhou para ela, com a cabeça inclinada de um lado como um passarinho.

— Você mal pode esperar para ir embora daqui, não é?

Belle achou que havia chegado a hora de ser completamente franca.

— Sim, mal posso esperar — admitiu ela. — Tudo o que sinto aqui é tristeza, estou entorpecida para qualquer outra coisa. Acho que não vou conseguir sair dessa até trancarmos a porta pela última vez.

— Você passou tempos difíceis com Jimmy, eu sei disso — suspirou Mog. — Tentei falar com ele sobre isso várias vezes, mas ele não quis ouvir. Você está certa, é melhor seguirmos em frente e tentar apenas nos lembrar dos bons momentos que tivemos aqui, não dos tristes.

Belle colocou os braços em volta de Mog e abraçou-a. Palavras eram desnecessárias. Como sempre, Mog foi resiliente, amorosa e compreensiva. E ambas sabiam que, para onde quer que fossem ou o que fizessem, elas poderiam ser felizes novamente contanto que estivessem juntas.

— Você checa aquele monte de correspondências? — perguntou Mog um pouco mais tarde, indicando a pilha de cartas que ela tinha apanhado ao entrar e colocado sobre a mesa. — Vou fazer o chá e uma lista de mantimentos de que precisamos.

Belle passou uma a uma. Havia mais cartas de condolências para ela e Mog de pessoas que não haviam tomado conhecimento da morte dos homens até recentemente. Algumas contas e um grande número de anúncios vendendo de tudo, desde cadeiras e mesas para bar até copos e novas cervejas. Entre eles, havia uma carta de Vera, da França.

Belle escrevera à amiga enquanto estivera em Brighton e contara-lhe sobre as mortes de Garth e Jimmy. Mas, pelo visto, as cartas das duas haviam se cruzado no correio, pois Vera planejava voltar para a Nova Zelândia.

*Para mim basta, leu Belle.*

*Estou exausta e tenho furúnculos no pescoço. Pareço uma velha, e realmente não dá para suportar o sofrimento ao redor de mim por mais tempo. Homens estão morrendo como moscas dessa gripe*

*espanhola. O hospital foi bombardeado várias vezes, dirigir à noite sem faróis é um pesadelo. Eu fiz minha parte, agora quero ver minha mãe e meu pai, sentar e olhar para o mar azul-claro e não ter nenhuma responsabilidade. Isso soa tão egoísta. E imagino que seja mesmo. De qualquer forma, quando você receber esta carta, estarei a caminho da Inglaterra. Só terei três ou quatro dias aí antes de pegar o navio para casa em Southampton. Meu plano é ir direto para Londres, e realmente espero poder me hospedar na sua casa, mas, se não puder me receber, encontrarei um hotel barato em algum lugar próximo. Nem pense em se incomodar comigo. Só de vê-la eu me sentirei mais revigorada do que nunca. Espero que você se anime ao me ver também.*

*Sua amiga amorosa, Vera*

Belle gritou de alegria. A carta de Vera estava datada de uma semana antes, de modo que ela poderia muito bem chegar no dia seguinte.

— Boas notícias? — perguntou Mog.

— Sim. Vera está vindo para cá no caminho de volta para a Nova Zelândia. Mal posso esperar para vê-la.

Mog sorriu afetuosamente.

— Fico feliz. Uma velha amiga faz a gente sorrir e lembrar que ainda é jovem. É exatamente disso que você precisa agora.

## Capítulo 28

**Vera fez cara** de boba quando Belle abriu a porta para ela.

— Espero que tenha recebido minha carta avisando — disse ela.  
— Se não recebeu, você tem dois segundos para fechar a porta.

Belle riu.

— Eu a recebi e fiquei toda empolgada por saber que você estava vindo — disse ela, estendendo a mão para pegar a mala de sua amiga. — Mas acho que você não recebeu a minha, que deve ter cruzado com a sua no correio.

— Será que era aquela em que você dizia “nunca apareça na minha porta”? — disse Vera ao entrar no saguão.

— Sim, era aquela — respondeu Belle, mas, sabendo que devia contar a Vera sobre Jimmy e Garth antes de apresentá-la a Mog, ela depositou a mala no chão, reabriu a porta da frente e puxou-a novamente para fora.

— Pois bem. Foi bom ver você ainda que apenas por um segundo — disse Vera, mas seu largo sorriso desvaneceu quando viu a expressão ansiosa de Belle. — Cheguei em má hora?

— Não, é uma boa hora, mas preciso lhe contar o que aconteceu antes de voltarmos lá para dentro. Estava na carta que você não recebeu. Garth e Jimmy morreram da gripe, um menos de uma semana depois do outro.

Vera ficou de queixo caído.

— Foi há quatro semanas. O pior já passou agora, bom, pelo menos nós nos conformamos com isso.

— Posso ir embora — disse Vera, alarmada. — Sinto muito. Não quero incomodar em um momento como esse.

— Não precisa fazer isso. Mog ficou tão contente de saber que você estava vindo quanto eu. — Belle segurou o braço de Vera para enfatizar que isso era verdade. — Precisamos do alívio que uma pode trazer à outra.

Vera apenas olhou para ela por um momento.

— Mal posso acreditar nisso. Sinto tanto, Belle — disse ela. — Ah, meu Deus! Será que poderia ter chegado em pior hora?

Belle sorriu.

— Chegou em boa hora. Só queria ter escrito imediatamente para que você tivesse sido avisada com antecedência. Não quero que você se sinta embaraçada. Agora, entre e venha conhecer Mog.

Vera estava hesitante quando Mog veio cumprimentá-la.

— Sinto muito por sua perda, Sra. Franklin — disse ela. — Belle acabou de me contar.

— E Belle me contou a boa amiga que você era na França — respondeu Mog e, abrindo os braços, ela avançou para abraçar Vera. — Você é muito bem-vinda aqui, minha querida, e me chame de Mog.

Belle sentiu-se mais confortável então. Mog gostava de ter alguém com quem se preocupar, e ela sabia que Vera gostaria de receber um pouco de cuidado materno também.

Na França, Belle muitas vezes observara que Vera sabia encantar as pessoas. Era em parte seu rosto atrevido e sardento, seu largo sorriso e senso de humor irreverente, e em parte seu grande interesse por tudo e qualquer coisa. Quando contava uma história, ela pintava um quadro com palavras, e era uma boa ouvinte também, uma daquelas raras pessoas que faziam quem quer que ela ouvisse se sentir a pessoa mais fascinante do mundo.

Após terem jantado, Belle acendeu o fogo na sala de estar do andar de cima. Setembro tinha sido quente, e agora, em outubro, ainda estava ameno durante o dia, mas frio à noite.

Foi bom sentar ao redor da lareira e jogar conversa fora, fazendo Belle lembrar os domingos antes de Jimmy partir para a guerra. Naquela época, domingos eram especiais porque o pub estava fechado. Jantavam um enorme assado e depois subiam até a sala de estar para relaxar e conversar. Garth e Mog invariavelmente caíam no sono, porém mais tarde jogavam cartas e Garth deliciava a todos com algumas das fofocas que ele ouvira por acaso no bar durante a semana.

Mog costumava escutar atentamente cada palavra de Garth, rindo de todas as suas piadas, mas agora era ao feitiço de Vera que ela sucumbia. Belle sentiu vontade de abraçar a amiga por ajudar Mog a esquecer os problemas, contando histórias engraçadas sobre o hospital ou sobre a família dela na Nova Zelândia. Mog adorou o fato de que eles tinham uma padaria, e ela e Vera trocaram histórias sobre assar bolos ou fazer folhados com quase idêntica paixão. Mais tarde, Mog falou sobre a morte de Garth, algo que ela talvez não tivesse se sentido capaz de fazer com Belle e, como Vera havia visto tantos homens com a gripe espanhola, ela foi capaz de convencer Mog de que esta fizera tudo que alguém poderia fazer por Garth.

Por volta das 20 horas, Mog foi para a cama, mas antes sugeriu que no dia seguinte levassem Vera para ver Trafalgar Square, o Palácio de Buckingham e a Troca da Guarda.

— Podemos entrar naquele lugar novo sobre o qual lemos no jornal. Lyons Corner House — disse ela. Então, olhou para Belle e sorriu. — E não vamos vestir preto. Estou certa de que Garth e Jimmy não gostariam que parecêssemos dois corvos velhos.

— Você realmente a ajudou — disse Belle tão logo Mog se retirou e a porta foi fechada. — Tínhamos apenas acabado de voltar do litoral e ela ficou muito mais animada enquanto estávamos lá, mas hoje ela se mostrou do jeito que era antes de eu ir para a França. Obrigada por isso.

— Ela é um tesouro — disse Vera. — Ela e minha mãe se dariam muitíssimo bem. São muito parecidas em vários aspectos. Mas me conte sobre você, Belle. A coisa toda. Sei tudo sobre Garth, mas nada sobre você e Jimmy.

Belle contara a Vera algumas coisas nas cartas, mas ela minimizara as dificuldades que tivera com Jimmy. No entanto, quando começou a se abrir, Vera questionou-a sobre vários pontos até ela finalmente ser capaz de desabafar tudo: a raiva, a dor, a solidão e a decepção que sentia, além de sua culpa por causa de Etienne. Vera ficou chocada ao ouvir que ele também estava morto.

— Que terrível para você ouvir isso desse jeito! — exclamou ela. — Ninguém para se abrir, mantendo os sentimentos escondidos. Como você não enlouqueceu?

— Eu mereci tudo isso — disse Belle com tristeza. — Quando penso em todas as noites em que fiquei acordada pensando em Etienne e desejando-o tanto, como poderia ficar magoada por Jimmy nunca querer fazer amor comigo?

— Ele não chegou a fazer?

Belle balançou a cabeça.

— Nem uma vez. Realmente achei que, se pudesse reavivar isso, nós ficaríamos bem. Mas ele não quis. Ficava bravo comigo por tentar convencê-lo. No final, eu simplesmente desisti. Mas eu o amava, Vera; o que sentia por ele era bem diferente de meus sentimentos por Etienne. Quando morreu, ele disse estar arrependido, e sei que era por ter me rejeitado.

— Que estranho Etienne resgatá-lo! — disse Vera, pensativa. — Ele sabia que era Jimmy, mas ainda assim o salvou. Eu diria que foi porque ele sabia que, se não o salvasse, nunca seria capaz de encará-la novamente.

— Talvez. A ironia disso era que Jimmy preferia não ter sido salvo. Muitas vezes me pergunto como teria me sentido se ele

tivesse morrido naquele momento e eu tivesse ficado livre para estar com Etienne. Talvez, no final, tivesse dado no mesmo.

Vera estendeu a mão e enxugou uma lágrima do rosto de Belle.

— Não vou mais deixar que você se afunde na culpa. Você fez a coisa certa por Jimmy. Ninguém poderia ter feito mais. E agora? A guerra vai acabar muito em breve. Você pode começar um novo capítulo em sua vida e precisa garantir que, não importa o que faça, seja para você, não para qualquer outra pessoa.

— Uma velha amiga disse mais ou menos a mesma coisa — falou Belle. — Mog vai vender este lugar, já que não podemos nem queremos tocá-lo. Ela quer uma casa de chá.

— Aqui em Blackheath? — perguntou Vera.

— Não, vamos nos mudar logo, mas não sabemos para onde ainda.

— Por que vocês não vêm para a Nova Zelândia?

Belle riu.

— Não seja boba. Não poderíamos fazer isso.

— Por que não? Um recomeço de verdade, num lugar lindo, com muito espaço e oportunidade. Falamos inglês; na realidade, a maioria de nós é de descendência britânica. Você adoraria. Eu arrumaria maridos para as duas num piscar de olhos.

— Sendo que ainda nem arrumou um para si mesma? — Belle arqueou uma sobrancelha.

— Eu queria coisas diferentes naquele tempo; isto é, aventura. Mas depois do que vi na França, eu me contentaria com tudo o que minha mãe tem: um homem amável, filhos, paz de espírito e bons amigos a meu redor.

— A Nova Zelândia parece maravilhosa — admitiu Belle. — Quando voltei para cá, muitas vezes costumava sonhar com as coisas que você me disse: sair de barco para pescar, a luz do sol, o mar azul-turquesa. O mar era acinzentado em Brighton e muito frio.

— Meus pais ficariam felizes de hospedar vocês duas até se estabelecerem — disse Vera. — Mog poderia ter uma casa de chá em Russell e você poderia voltar a fazer chapéus ou aceitar hóspedes em casa. Minha mãe está sempre dizendo que precisamos de uma loja de armarinho. Se as mulheres querem tecido, algodão ou botões para vestido, elas precisam encomendá-los de Auckland e esperar que venham de navio a vapor.

— Mog não gostaria de ir para o outro lado do mundo.

— Aposto que gostaria. Ela tem um espírito aventureiro.

Belle deu uma risadinha.

— O mais perto que Mog chega de ser aventureira é tentar uma nova receita.

— Acho que ela surpreenderia você. Pelo que vi hoje, digo que ela toparia quase tudo, desde que você estivesse com ela. O que você tem na Inglaterra para mantê-la aqui?

Belle pensou por um momento, mas nada lhe veio à mente. Ela tinha uma mãe, mas não perderia o sono por não a ver novamente. Os únicos amigos verdadeiros que ela tinha eram Noah e Lisette, mas eles tinham sua família e sua própria vida. A ideia de estar em um lugar onde seu passado nunca viesse à tona novamente era muito sedutora.

— Você quer vir, não é? — cantarolou Vera.

— Quem sabe? — respondeu Belle com cautela.

Elas passaram então a falar sobre o hospital na França. Belle queria ouvir sobre todas as pessoas com quem ela tinha feito amizade lá.

— O capitão Taylor morreu da gripe — disse Vera. — E David tem uma namorada, uma enfermeira chamada Charlotte West.

— É aquela da Ala M, com uma marca de nascença no rosto?

— Sim, é ela. Nada muito atraente, mas muito divertida. David está completamente apaixonado por ela. Sally foi maldosa sobre

isso, pois disse que eles seriam perfeitos um para o outro porque os dois eram desajustados.

— Se havia algum desajustado lá, era ela. — Belle deu uma risadinha. — Fico feliz por ele. É um bom homem e vai ser ainda melhor depois de um pouquinho de paixão.

— Espero arranjar um pouco disso em breve — disse Vera com malícia. — Quero ser impetuosa e arrojada como você e Miranda eram.

— Talvez você tenha essa chance na viagem para casa. — Riu-Belle.

Pegaram o trem para Charing Cross no dia seguinte.

Era um dia frio, mas claro. Belle e Mog haviam abandonado as roupas de luto, mas escolhido trajes sóbrios e dignos. Belle usava um conjunto cinza-claro com cintura *peplum*, o qual ela não vestia desde que fora para a França, e um chapéu cinza com rosas de veludo cor-de-rosa. Mog escolheu um casaco de lã lilás intenso sobre um vestido malva de tom mais claro, sua amada pele de raposa e um chapéu enfeitado com penas roxas.

Belle dera a Vera seu casaco de brocado verde-esmeralda, o qual ela achava demasiado frívolo para uma viúva, mas perfeito para sua amiga ruiva. Ela combinou-o com um chapéu que não fora vendido de sua loja, uma confecção vistosa de tule e veludo em verde mais claro.

Vera ficou entusiasmada com sua aparência. Todas as suas roupas, e ela tinha bem poucas, eram monótonas e utilitárias, e ela disse que estava cansada de vê-las. Quando estava na França, dissera a Belle que as mulheres em Russell não eram nem um pouco atentas às tendências da moda, principalmente por estarem afastadas de vilas e cidades maiores. Mas estando na França, e sob a influência de Belle e Miranda, seu interesse por roupas havia sido despertado. Ela disse que planejava comprar um vestido novo e uns sapatos mais elegantes para que pudesse chamar a atenção de um oficial na longa viagem para casa.

Fazia muito tempo desde que Belle e Mog estiveram na Zona Oeste de Londres e, embora os prédios não tivessem mudado, parecia que tudo à volta delas tinha. A Strand e a área ao redor de Trafalgar Square estavam repletas de automóveis, em vez das centenas de charretes, carruagens e carroças puxadas a cavalo. Quatro anos de guerra fizeram tudo parecer desgastado; isso se refletia no rosto das pessoas e nas vitrines de loja. Havia muitos homens fardados, ou em casa de licença ou voltando para a França, e em cada esquina parecia haver um homem cego ou de muletas, vendendo qualquer coisa desde relógios até cadarços de sapatos e jornais.

Do lado de fora da Estação Charing Cross havia uma fila de ambulâncias recebendo feridos de um trem hospitalar. Belle e Vera pararam para observar duas mulheres erguendo macas e introduzindo-as nos veículos, uma lembrança pungente da França. Elas já tinham visto na estação uma barraca de chá comandada por um par de senhoras bem-vestidas, o que havia feito Belle pensar em Miranda e lhe trazido um nó na garganta.

— Temos que sair daqui — disse Mog firmemente, talvez ciente do que Belle estava pensando. — Queremos que Vera vá para casa com boas lembranças de Londres.

Vera mal se aguentava de empolgação quando desceram o Mall e ela viu o Palácio de Buckingham à sua frente.

— Nem acredito que finalmente o estou vendo — disse ela. — Tínhamos uma fotografia dele na escola e eu costumava imaginar como era por dentro.

Belle não pôde deixar de lembrar o dia em que Jimmy a trouxera ali para vê-lo. Ela tinha apenas 15 anos na época, apenas 8 anos atrás, mas pareciam 20, pois tanta coisa havia acontecido nos anos seguintes. A lembrança daquele dia lindo com ele na neve lhe dera forças depois que fora sequestrada.

Enquanto ela e Mog apontavam para St. James Park, Clarence House e outros pontos de interesse, acompanhados de uma história

resumida, Belle teve a sensação de que Jimmy estava por perto, exortando-a a deixar de lado o passado e planejar um futuro novo.

Ela pegou na mão de Mog e sorriu para ela.

— Que tal se fôssemos a Seven Dials mais tarde para um último adeus? — perguntou ela.

Mog apertou-lhe a mão e assentiu com a cabeça.

Foi quando estavam na nova e muito imponente Lyons Corner House que Belle levantou a questão da Nova Zelândia. Todas as três estavam cansadas agora, tinham andado o que pareciam quilômetros e visto muita coisa. No entanto, a última parada fora em Seven Dials, para ver o Ram's Head, antiga taberna de Garth, seguindo pela rua do bordel de Annie onde Belle havia nascido, que afetara todas elas mais profundamente.

Vera conhecia muito da história de como o bordel fora destruído pelo fogo e como Garth levava Mog e Annie para viver com ele e Jimmy. Mas ver as ruelas sujas, a pobreza e a privação em Seven Dials, após o esplendor e a majestade de palácios, parques reais e da Abadia de Westminster, foi um choque para ela.

Para Belle e Mog, mil e uma memórias ressurgiram, tanto boas quanto más, enquanto se achavam do outro lado da rua do Ram's Head e comentavam quão decadente e pequeno ele parecia. Também foi um golpe perceber quão longe tinham ido e quanto haviam mudado desde aqueles dias.

Viram prostitutas à espreita nas portas e indícios de que havia tantos bordéis, se não mais, quanto na época delas. As crianças maltrapilhas que gritavam por trocados eram as mesmas também, assim como os cães sarnentos, as idosas encarquilhadas tragando cachimbo e os bêbados cambaleando pela rua.

Elas não se demoraram, apenas fizeram uma breve pausa na frente do Ram's Head. Mog derramou algumas lágrimas e contou a Vera sobre a primeira vez que Garth a havia beijado e dito que a amava. Conforme desciam por Covent Garden, Belle lembrou-se de

um Jimmy então com 17 anos a segurar-lhe a mão enquanto corriam e escorregavam pelas ruas geladas, e de como fora bom ter encontrado um amigo de verdade.

Ele tinha sido o melhor dos amigos. Sem sua obstinada persistência na busca por ela, Belle provavelmente teria morrido em Paris. Ele e seu tio tinham amado e tomado conta de Mog também.

Pelo menos, ela podia dizer com sinceridade que eles foram amigos até o fim e que ele sempre teria um lugar especial no coração dela. Mas, agora, ela devia parar de sofrer pelo que poderia ter sido e pelo que fizera de errado e começar uma nova vida.

Todas as três estavam muito animadas para entrar na Lyons Corner House, na Strand.

De propriedade dos Lipton, o povo do chá, [\[33\]](#) que obtivera o merecido reconhecimento abrindo esses lugares amplos com vários andares, ela era muito moderna e elegante. O piso térreo vendia chocolates, bolos, biscoitos e flores, mas cada um dos restaurantes nos andares superiores tinha um tema diferente, com músicos tocando.

Elas entraram na loja do primeiro andar, que estava mais para uma casa de chá e também servia sorvetes especiais. A garçonete serviu-as de chá e trouxe um suporte de porcelana de dois níveis, arranjado com sanduíches, bolinhos e uma seleção de bolos saborosos.

— Vera sugeriu que fôssemos morar na Nova Zelândia — disse Belle sem meias palavras. — O que você diria sobre isso, Mog?

Mog estava servindo o chá naquele mesmo momento e ficou tão surpresa com a pergunta que encheu demais a primeira xícara.

— Eu não sei — disse ela. — Está falando sério?

— Nunca falei mais sério — replicou Belle. Ela pegou a xícara exageradamente cheia, bebeu um pouco do chá e entornou o que caíra no pires de volta à xícara. A Corner House estava muito

movimentada e tinha uma encantadora atmosfera romântica, já que um homem de casaco de cauda tocava piano e havia dezenas de homens fardados com suas esposas e namoradas. — Você gostou de tudo o que Vera lhe contou ontem. Você poderia abrir sua casa de chá, ou uma loja de armarinho, ou o que achamos mais necessário quando chegarmos lá. Vera disse que poderíamos ficar com os pais dela até nos estabelecermos.

— Vocês provavelmente poderiam obter passagens subsidiadas também — disse Vera. — O que você tem a perder, Mog? Você poderia voltar se não gostasse de lá.

— Se todos os neozelandeses forem tão agradáveis quanto você, não quereria voltar mesmo — disse Mog. — Mas o que dizer de meus móveis? Tenho algumas coisas das quais não gostaria de me separar.

Belle soube por essa pergunta que Mog havia gostado da ideia. Ela sorriu para Vera, que então começou a contar muito mais para Mog.

Ficaram na Lyons por mais de duas horas, conversando sobre tudo, desde o clima na Nova Zelândia até quais roupas vestir, se tinham a mesma moeda usada na Inglaterra, tudo e qualquer coisa. Foi só quando a garçonete sutilmente lhes perguntou se gostariam de jantar em um dos restaurantes que elas perceberam como o tempo havia voado.

— Teremos que conversar com Noah sobre isso — disse Mog enquanto pagava a conta. — Ele vai saber mais sobre como devemos cuidar desse assunto.

— Então você quer ir? — perguntou Belle, tomando o braço de Mog ao se retirarem.

— Bom, parece muito mais emocionante do que Tunbridge Wells — comentou ela. — Sempre quis fazer uma longa viagem por mar.

— Não creio que vocês consigam uma passagem antes de a guerra acabar — disse Vera. — Há ainda o perigo de os navios

serem bombardeados ou torpedeados. Vou voltar em um navio de tropa e ficar ajudando com os feridos que seguem para casa. Mas todo mundo está dizendo que vai haver um armistício a qualquer momento.

Enquanto estavam em Brighton, Belle e Mog ouviram a mesma coisa. Todavia, como as pessoas vinham dizendo nos últimos quatro anos que a guerra acabaria lá pelo Natal, elas não queriam manter esperanças até que houvesse um anúncio oficial.

— De qualquer maneira, não poderíamos ir ainda, não até que todos os nossos assuntos estejam em ordem — refletiu Mog. — Mas que coisa maravilhosa para esperar!

Naquela noite, depois de Mog ter ido para a cama, Vera e Bela discutiram ainda mais sobre o tema.

— Mal posso acreditar que Mog tenha ficado tão animada com isso — disse Belle.

— Acho que voltar a Seven Dials causou isso — disse Vera, pensativa. — Reparei que ela parecia horrorizada parte do tempo, como se pensasse que poderia acabar lá novamente.

— Talvez — disse Belle. — Quando este lugar for vendido, vai ser a primeira vez na vida que ela vai ter mais que alguns xelins nas mãos. Ela também sabe que tem a responsabilidade de fazer esse dinheiro render. Acho que pensa que ele vai render mais na Nova Zelândia. Será?

— Eu diria que muito mais — disse Vera. — Meu pai acha que vai haver uma espécie de salto econômico na Nova Zelândia quando acabar a guerra. Não de imediato, obviamente, mas nos próximos dois ou três anos. Russell é pequena, Belle, e tem um passado chocante, mas essa história a torna atraente aos visitantes. E, é claro, há a navegação a vela, a pesca e o cenário encantador. Papai é previdente. Ele começou a padaria com quase nada e a fez crescer; se ele acha que visitantes vão aparecer para passar as férias, então estou inclinada a apostar todas as minhas fichas nisso.

Mas mesmo que achem Russell pacata demais, sempre poderão ir para Auckland, Wellington ou Christchurch.

Belle sorriu para a amiga. Ela operara um pequeno milagre sobre ela e Mog, encorajara as duas e dera-lhes uma nova esperança.

— Vamos sentir tanto a sua falta depois que tiver partido — suspirou ela. — Você nos botou para cima, deu-nos muita coisa em que pensar. Nem sei como agradecer.

— Não vai ser um adeus, apenas um *au revoir*. — Vera sorriu. — Seja como for, ainda temos amanhã.

Do outro lado de Londres, no Bosque de St. John, Noah estava em seu gabinete de trabalho, escrevendo um artigo para uma revista, quando Lisette entrou.

Ela tinha engordado um pouco após o parto de Rose, mas ainda era uma mulher muito bonita, com o cabelo escuro e lustroso, pele lisa e feições delicadas. Noah sempre a considerara a personificação da elegância francesa, e hoje ele a achou simplesmente deslumbrante em seu vestido listrado de marrom e creme.

— Vem para me distrair? — perguntou ele.

— Gostaria de uma distração? — disse ela com seu inglês deliciosamente carregado.

— Sempre, vinda de você — respondeu ele, estendendo-lhe os braços para que ela viesse sentar-se em seu colo.

Ela bagunçou seus cabelos ondulados com os dedos.

— Isso precisa de um corte — disse ela. — Parece um arbusto.

Noah riu.

— Isso é tudo que você veio dizer?

— Não, eu estava pensando em Etienne — disse ela. — Que prova existe de que ele está morto?

— Jimmy recebeu uma carta de um colega soldado dizendo que ele ganhou a Croix de Guerre.

— Sim, isso eu entendi, mas os ingleses sempre parecem achar que a honra só vai para os franceses que morrem em combate. Não é bem assim.

— Não? Mas certamente o homem que enviou a carta devia saber se Etienne sobreviveu.

— Como ele saberia? Você, mais do que ninguém, deveria saber que as pessoas distorcem e acrescentam coisas às histórias conforme são recontadas — disse ela. — Se Etienne tivesse recebido tal honra em sua morte, creio que o exército francês teria escrito imediatamente para você. Aquela medalha é muito especial e significa grande honra.

— Não temos como saber se Etienne conseguiu informar alguém de que eu devia ser contatado. O exército francês estava atrasado em alcançar as linhas em Ypres. O ataque já havia sido adiado por causa disso. Você, minha doce esposinha, não faz ideia da confusão nessas horas. Até mesmo os melhores planos dão errado.

— De um jeito ou de outro, acho que você deve tentar obter a confirmação — disse ela. — Se estiver morto, então os assuntos dele precisam ser postos em ordem. Mas, se estiver vivo, ele não vai entrar em contato com Belle porque pensa que ela está cuidando de Jimmy. Ele não tem como saber que Jimmy está morto agora.

— Eu já lhe disse que você é uma mulher muito atenciosa e inteligente, além de muito bonita? — disse Noah.

— Não o suficiente. — Riu, beijando-lhe o nariz. — Belle e Mog estão fazendo planos para o futuro e, pelo que você me disse, Belle tem sofrido por Etienne. Se estiver morto, então a fazenda dele em Marselha deveria ir para ela; se estiver vivo, então talvez ela devesse ir até ele.

— E se ele estiver vivo e gravemente ferido como estava Jimmy? Não seria ainda pior para ela?

— E somos nós que devemos decidir isso? — Ela arqueou interrogativamente uma sobrancelha preta. — E você, Noah, é amigo dele. Não quer saber se ele precisa de ajuda?

— Bom, sim. Até você levantar isso, não questionei se ele estava realmente morto. Amanhã vou fazer algumas consultas. Mas não devemos dar falsas esperanças a Belle. Isso é só entre nós até termos certeza, em ambos os casos.

Lisette segurou-lhe o rosto entre as mãos e beijou-o nos lábios.

— *Je vais garder l'espoir d'un regroupement romantique, mon chéri.* [\[34\]](#)

## Capítulo 29

**Os sinos ressoavam** por toda a Londres para celebrar o fim da guerra. As pessoas saíam às ruas gritando, rindo e abraçando-se umas às outras em alegria coletiva.

Embora Mog e Belle tivessem ficado felizes e sentido enorme alívio por tudo finalmente estar acabado, e tivessem saído à rua mais cedo para acrescentar suas vozes à alegre multidão que se reunia, como tantas outras que perderam maridos, filhos e irmãos, elas não estavam no clima de frenéticas celebrações.

Haviam passado o dia separando tudo e fazendo as malas e, ao terminarem, sentaram-se juntas perto do fogo e conversaram sobre os bons tempos antes da guerra. No dia seguinte, 12 de novembro, deixariam o Railway para sempre.

Um cavalheiro de nome Charles Wyatt quisera comprá-lo e, como estava ansioso por começar o negócio quanto antes, Mog estava alugando o bar para ele como medida temporária até que o inventário estivesse formalizado. Concluído o trâmite, seu procurador atuaria no interesse dela para trocar contratos com Wyatt e depois repassaria o rendimento da venda para Mog.

Graças a Noah e seu conhecimento de negócios, tudo tinha corrido bem, pois Mog receberia o aluguel de Wyatt até a conclusão da venda. Ele estava contente por poder entrar na casa nova, e Mog e Belle poderiam sair sabendo que o edifício estava em boas mãos. Wyatt já tinha comprado todo o estoque do bar e da adega e a maior parte da mobília de Mog.

Elas haviam decidido que era para a Nova Zelândia que desejavam ir. Depois que Vera fora embora, discutiram isso infinitamente. Curiosamente, era Mog quem mais queria ir; ela alegara nunca ter tido uma aventura em sua vida e nunca ter estado em um navio, com exceção do barco no rio Tâmis.

Belle levantara muitos contra-argumentos: que Mog poderia ficar mareada durante todo o caminho, que poderia achar maçante viver em um lugarzinho isolado sem teatros, grandes lojas, bondes e mercados. Não porque ela mesma não quisesse ir, mas queria ter absoluta certeza de que Mog sabia no que estava embarcando.

Mas Mog apenas rira.

— Só estive em dois ou três teatros em toda a minha vida; na verdade, passei a maior parte dela dentro de casa, cozinhando e limpando. Quero conhecer novos lugares, experimentar comidas que nunca provei antes. Realmente amo a ideia de começar tudo de novo.

Noah ficara muito chocado quando lhe disseram o que pretendiam fazer. Ele dissera que parecia muito drástico e perguntara se não poderiam esperar mais alguns anos. Mas, ao ver que falavam sério sobre isso, admitira estar sendo egoísta, pois ele sabia que sentiria falta delas. Ele concordara que a Nova Zelândia seria um país muito agradável para viver, sem invernos rigorosos, e que seria bom para elas deixar o passado para trás. Mas ele fizera Mog prometer que, quando seus assuntos financeiros estivessem resolvidos, ela separaria algum dinheiro no caso de elas um dia quererem voltar para casa.

Todas as coisas favoritas de Mog, itens que ela e Garth haviam comprado ou ganhado de presente de casamento, incluindo uma poltrona de veludo com encosto com botões, sua máquina de costura, uma penteadeira de mogno ornamentada, sua cômoda e a cama deles, estavam sendo levadas para um depósito até que pudessem ser enviadas de navio para a Nova Zelândia. Belle mantivera apenas a menor das lembranças, além de suas fôrmas de madeira e a prensa a vapor para confeccionar chapéus.

Por ora, elas estavam se mudando para um belo apartamento no Bosque de St. John. Pertencia a um amigo de Noah, que tinha ido para a América e estava ansioso por ter alguém de confiança lá para

cuidar do imóvel. Se tudo corresse conforme planejado, elas partiriam para a Nova Zelândia em fevereiro.

— Tinha esquecido como pode ser frio neste lugar — resmungou Mog, puxando um xale ao redor dos ombros e encolhendo-se para mais perto do fogo da sala de estar. — Mas a partir de amanhã, vamos ficar muito bem aquecidas. Imagine-nos morando em um lugar com calor em todos os recintos. Nunca vi algo assim antes.

Belle sorriu. O prédio para onde elas estavam se mudando tinha uma caldeira no subsolo que enviava água quente para radiadores de calor em todos os apartamentos. Mog achava isso miraculoso; ela realmente não podia acreditar que não seria chamada para alimentar a caldeira.

— Uma cozinha cheia de luz e uma enorme banheira com água quente contínua também — lembrou Belle. — Não vamos nem nos reconhecer. E podemos ver mais Lisette e as crianças.

— Tem certeza de que você não quer ir ver o que está acontecendo lá fora? — Mog apontou para a janela. O barulho fora ficando gradativamente mais alto durante todo o dia, conforme as pessoas na rua se juntavam à festa. Havia batido na porta do pub também, apesar do aviso pregado explicando por que ele estava fechado. Parecia muito estranho ouvir tal comoção; Blackheath era um lugar geralmente muito tranquilo e silencioso.

— Não, não quero. — Belle retraiu-se. — Está frio e prefiro ficar aqui dentro com você relembrando todos os bons tempos.

— Tivemos muitos — disse Mog, sorrindo. — Meu casamento, depois você abrindo a loja. Lembra-se de quando esta sala inteira ficou repleta de chapéus, penas e flores artificiais? Daí foi o seu casamento. E Garth ficou tão bêbado que tive que o deixar dormindo no chão do bar a noite toda.

Belle riu. Eles haviam tentado levá-lo lá para cima, mas fracassaram porque ele era um peso morto.

Ela lembrava-se de ter feito amor com Jimmy naquela noite também. Ele estava tão nervoso que ela precisara tirar-lhe a roupa. Ele correria para debaixo dos lençóis para esconder a nudez, mas a observara despir-se com olhos cheios de admiração.

— Seu corpo é tão bonito — dissera ele em um tom tão respeitoso que fizera os olhos dela se encherem de lágrimas. — Como tive a sorte de ter um tesouro assim?

— Porque — dissera ela, enchendo duas taças de champanhe que salvara do bar lá embaixo e segurando uma delas contra os lábios dele para que bebesse — alguém lá em cima sabia o bom homem que você é e a menina má que eu posso ser, e decidiu que você tinha que me salvar.

Enquanto bebia a champanhe, ele estendera a mão para acariciar-lhe os seios. Ela estivera receosa de que ele a tocasse e a fizesse se lembrar de momentos no passado que ela queria esquecer. Mas seu toque era sensível e erótico, e ela ficara imediatamente excitada. Quando ela deslizara ao lado dele na cama e sua pele encontrara-se com a dele, ele gemera de prazer e a envolvera nos braços.

— Venho imaginando este momento há meses — dissera ele antes de beijá-la.

A primeira vez fora rápida e furiosa, mas houvera tanta ternura no toque dele, amor em cada beijo ardente. E, apesar de ter acabado muito cedo para ela, ela sentira que aquele fora apenas o aperitivo e que o banquete ainda estava por vir.

Como estivera certa. Na vez seguinte, ele viera apenas com a intenção de dar prazer a ela. O ritmo era lento e sensual e ele colocara-lhe a mão sobre a boca porque ela fizera muito barulho.

Mais tarde, tiveram um ataque de risos sobre isso e puxaram o edredom sobre a cabeça para que Garth e Mog não ouvissem. Ela duvidava que experimentaria tamanha alegria novamente em sua vida. Ou sentiria tamanha tristeza por a guerra ter mudado os dois para sempre.

Mog ainda chorava muito pela perda de Garth. Mas a emoção de começar uma vida nova na Nova Zelândia e toda a arrumação de malas e outros trabalhos a serem feitos tinham ajudado a distraí-la. Ela corajosamente dissera que, quando fechassem a porta do Railway pela última vez, não choraria mais, apenas sorriria para as lindas recordações que Garth tinha deixado para ela.

Ainda tomavam conhecimento de vizinhos morrendo da gripe, e era assustador ler nos jornais que ela tinha se espalhado pelo mundo inteiro. Mas, por hoje, o fim da guerra era o único assunto na boca de todos; racionamento, bombardeio e outras dificuldades foram postos de lado porque, em breve, todos os homens que haviam sobrevivido voltariam para casa.

Em 12 de janeiro de 1919, Noah chegou tarde em casa. Lisette estava sentada junto à lareira da sala de estar fazendo algum remendo.

— Você está muito atrasado — disse ela. — Guardei seu jantar para não esfriar. Teve sorte dessa vez?

— Nenhuma — respondeu, cabisbaixo. — Mais uma busca infrutífera. Odeio dizer isso a você, Lisette, mas sua gente não parece capaz de manter registro de ninguém. Nem mesmo de um de seus heróis.

Eles tiveram a confirmação, uma semana antes do Natal, de que Etienne havia recebido a medalha quando ainda estava vivo. Incluíram a citação que dizia exatamente por que ele a havia recebido e que isso fora no mesmo dia em que resgatara Jimmy. Noah pretendia contar a Belle no devido tempo, para que ela pudesse falar com Mog e explicar o que Etienne significava para ela e eles, e, então, pudessem celebrar juntos no Natal.

Mas, apenas dois dias depois, ele recebera uma carta oficial do comandante da guarda de Etienne informando-lhe, como parente mais próximo, que o sargento Carrera estava desaparecido, dado como morto. Isso havia acontecido no final de outubro, mas não

houvera nenhuma explicação para Noah não ter sido informado antes.

Ter suas esperanças alimentadas e então esmagadas em tão pouco tempo fora terrível. Se não fosse por Lisette observar que Etienne era apenas “dado como” morto, Noah teria desistido ali mesmo.

Lisette não vira os campos de batalha. Como a maioria das pessoas que não haviam testemunhado a carnificina, ela imaginava que os mortos fossem todos alinhados de modo ordenado, com provas de identidade indicadas, depois enterrados com orações.

Noah sabia que não era assim de forma alguma. Centenas de homens foram explodidos em tantos pedaços que as partes do corpo estavam espalhadas aos quatro ventos. Outros haviam afundado tanto na lama que ali mesmo se enterraram. Muitos dos mortos encontrados estavam sem identificação. E, como um oficial sênior dissera a Noah: “Eles estão mortos. Não podemos ajudá-los e devemos nos concentrar em salvar os feridos que ainda podem sobreviver”.

Mas Lisette continuava insistindo que Etienne poderia estar gravemente ferido em um hospital ou ter sido feito prisioneiro. Ela instara Noah a não dizer nada para Belle até o momento, mas no Ano-Novo ele deveria tentar descobrir mais.

Noah e Lisette estavam ansiosos por conhecer a verdade antes que Belle e Mog reservassem suas passagens. Mas os dias se passaram e todos os renovados esforços de Noah não deram em nada. Ele fizera telefonemas e escrevera dezenas de cartas, mas as cartas não eram respondidas e ao telefone ele sempre era transferido para outra pessoa.

Então, Belle reservou as passagens para a Nova Zelândia, e agora, conforme o dia da partida cada vez mais se aproximava, ela e Mog não conseguiam falar de nada senão de comprar um baú e de quais roupas deveriam levar e quais deixar para trás. Mog comprara, para levarem consigo, pano para vestido, linha de algodão e botões

suficientes para fazer vestidos para metade da população feminina de Russell.

Hoje, Noah tivera uma entrevista com uma pessoa da Cruz Vermelha que cuidava de prisioneiros de guerra. Tudo o que ela pôde dizer era que muito provavelmente Etienne estivesse morto, mas que ela investigaria.

— A França está um caos, Noah — disse Lisette com ar tranquilo. — Há muitos homens desaparecidos sem explicação, você sabe disso. Alguns soldados foram para casa, outros ainda têm deveres. Mas suas cartas, elas vão ser transmitidas e logo vão chegar às mãos de alguém que saiba o que aconteceu.

— Mas Belle vai deixar a Inglaterra em um mês. Elas têm passagens reservadas. E se eu descobrir que ele está vivo e ela já tiver ido?

Ele não acreditava que Etienne estivesse vivo, não agora. Um homem poderia escolher desaparecer se tivesse algo a esconder, mas Etienne era um herói de guerra e, se ele tivesse sobrevivido àquele último assalto, alguém saberia.

Lisette foi até Noah e colocou os braços ao redor dele.

— Não importa se ela tiver ido. Se ele estiver vivo e for metade do homem que acredito que seja, ele vai atrás dela — disse. — Agora, venha comigo que vou fazer seu jantar.

— Não chore, meu bem — Mog disse a Belle quando o HMS Stalwart içou âncora e começou a afastar-se lentamente da doca em Southampton. — Poderemos voltar se não gostarmos de lá. Mas você e eu somos fortes. Vamos construir uma boa vida lá, você vai ver.

Belle enxugou os olhos e sorriu para Mog.

— Não estou triste por partir. Vou sentir saudades de Noah, Lisette e das crianças, mas de ninguém mais. Só me lembrei de quando parti para a França com Miranda.

Não era exatamente verdade. Ela tinha pensado em Miranda mais cedo, lembrando-se de quão empolgadas elas estavam quando o navio deixara Dover. Mas o que realmente a fizera chorar foi pensar na viagem de Nova York para Nova Orleans com Etienne. Ela tomara com ele sua primeira taça de champanhe em seu décimo sexto aniversário, achara estar apaixonada por ele e tentara seduzi-lo. Havia um quê de ironia que, depois de todos esses anos, ela estivesse em outro navio, dessa vez indo direto para o outro lado do mundo, mas, ainda que estivesse morto, ele ainda dominava seus pensamentos.

— Vamos desfazer nossas malas e deixar nossa cabine com aspecto de lar — sugeriu Mog. — Está um frio de congelar os mamilos aqui fora.

Belle riu então. Ela não ouvia Mog dizer nada assim desde que deixaram Seven Dials e decidira ser refinada.

— Só mais dois dias e vamos estar lá — suspirou Belle. — Mal posso esperar para descer uma rua, visitar uma loja, ver grama e árvores. E não vai ser ótimo não ter que ouvir mais ninguém reclamando?

Era abril agora, e elas haviam passado por todos os tipos de clima. A primeira tempestade da viagem no Golfo da Biscaia fora um batismo de fogo para Mog, já que houvera ondas tão grandes quanto campanários de igreja batendo no navio. Mas, embora tivesse ficado enjoada, ela não tinha realmente adoecido.

Houvera ventos tão fortes que fora impossível andar sem segurar-se com firmeza à balastrada do navio. Tiveram pedras de granizo tão grandes quanto bolinhas de gude, as quais crepitavam como tiros no convés, chuva e densa neblina, e às vezes o sol era tão intenso que, em poucos minutos, queimava toda a pele exposta.

Conforme se aproximavam da Linha do Equador, o calor abafado tornava impossível dormir à noite, e houve também tempestades tropicais. Mas estava mais frio agora, ainda abafado na cabine, mas agradável para andar no convés quando o vento baixava.

O tédio fora a maior provação. Os dias pareciam intermináveis, sem nada para fazer. As duas tinham trazido consigo bordado e tricô, e liam livros, jogavam cartas e esperavam pelas refeições, mas sentiam-se engaioladas, e havia a falta de exercício, que as impedia de desfrutar do que deveriam ter sido férias relaxantes.

Havia, claro, muitos outros passageiros com quem conversar: um grupo de oficiais, todos feridos, mas não tão gravemente que precisassem estar em um navio hospitalar, cerca de 40 imigrantes como elas e alguns neozelandeses que haviam partido para a Inglaterra antes da guerra e tiveram que permanecer lá por causa do perigo de embarcar em um navio. Todavia, embora a maioria dessas pessoas fosse bastante agradável para se distrair por uma ou duas horas, nenhuma delas era extremamente interessante e algumas eram absolutamente maçantes. Como Belle e Mog ficassem grudadas em um espaço tão confinado, elas muitas vezes se estranhavam. As duas tiveram que fazer um esforço coordenado para dar uma à outra um pouco de privacidade e tempo a sós.

Mas agora a viagem estava quase no fim, e as irritações passadas haviam desaparecido. Mog estava agindo positivamente como uma garotinha, flertando com a tripulação do navio e sorrindo para todo mundo.

Elas desembarcaram em Auckland sob sol quente. Para elas, parecia um dia de primavera lá na Inglaterra, e era estranho pensar que era outono ali. A pequena hospedaria que elas encontraram a cerca de meio quilômetro das docas era uma linda casa revestida de tábuas, com vista para o mar a partir do quarto delas.

Elas tinham cinco dias lá antes de embarcarem no navio Clansman para ir até a Baía das Ilhas, e o prazer que sentiram por enfim serem capazes de caminhar em terra seca foi quase inebriante. Todos os que elas encontravam queriam falar sobre a Inglaterra. Mesmo quem tinha nascido na Nova Zelândia parecia ter pais ou avós ingleses ou escoceses. As pessoas eram simpáticas e prestativas, aconselhando-as sobre lugares a visitar, costumes locais, itens que talvez precisassem comprar em Auckland porque não

conseguiriam comprá-los em Russell. Regalaram-nas com histórias sobre os maoris e sua cultura, assunto que elas acharam fascinante e sobre o qual nada sabiam antes. Em seguida, foram as histórias das dificuldades que os primeiros colonizadores haviam suportado ao surgirem em navios de imigrantes, no século passado. Mostraram-lhes também muita comiseração pela perda de seus maridos.

Em muitos aspectos, a Nova Zelândia não diferia tanto da Inglaterra. Não havia os prédios antiquíssimos, não era tão abarrotado de gente e elas não tinham visto nenhum lugar que realmente chamariam de favela, ainda que os moradores os considerassem assim. O clima era semelhante ao de casa, as pessoas tinham o mesmo tipo de prioridades e crenças. No entanto, a gripe espanhola também havia matado pessoas ali, do outro lado do mundo. A dona da hospedaria disse-lhes que cerca de 6.700 pessoas haviam morrido, mas que ela tivera sorte porque todo mundo que ela conhecia e que havia pegado a gripe sobrevivera. Ela descreveu como os bondes pararam de funcionar por medo de espalhar a infecção e como carroças, trens e caminhões tiveram que servir como carros funerários.

Os efeitos da guerra também eram muito semelhantes àqueles na Inglaterra. Milhares de neozelandeses haviam se alistado pelas mesmas razões que os britânicos, e uma proporção igualmente alta havia morrido. E, assim como em casa, elas viram homens com membros faltando, e cegos e desfigurados, pelas ruas de Auckland. Disseram-lhes que a maioria eram vítimas de Gallipoli e que havia mais de 4.500 deles. Outros 2.700 haviam sido mortos. Mas não eram todos; a mesma quantidade que fora ferida na França ainda não tinha sido trazida de volta. No entanto, apesar de quase todos ali terem perdido um membro da família, os neozelandeses pareciam bastante estoicos em relação a isso e tinham grande orgulho da coragem de seus homens. Tanto Mog quanto Belle ficaram comovidas, também, com a compaixão deles por todos na Grã-Bretanha, porque lá fora necessário enfrentar não só um número enorme de mortes e baixas, mas também bombardeio, escassez de alimentos e racionamento.

— Sinto como se tivesse vindo ao lugar onde eu deveria viver — disse Mog uma noite, enquanto se preparavam para dormir. — Você simplesmente não adora o fato de eles não terem aquele ar de quem come sardinha e arrota caviar?

Belle urrou de rir ao ouvir isso. Mog referia-se à aparente falta de distinções de classe. Belle não estava inteiramente certa de que era uma atitude geral; afinal, estavam hospedadas entre pessoas comuns. Mas estava esperançosa de que seria a mesma coisa em Russell, pois lembrou que Vera sempre ficava um pouco perplexa e surpresa com a atitude esnobe das outras motoristas na França.

— É melhor não ficar “arrotando” sua opinião por aí até conhecermos bem as pessoas — ela alertou Mog.

Quando o Clansman seguiu para a Baía das Ilhas, Mog e Belle arfaram diante de sua beleza. Podiam ter ouvido as descrições de Vera da baía e visto fotos dela em Auckland, mas a realidade era muito mais impressionante. O mar era realmente turquesa e tão límpido que elas podiam olhar para baixo e ver peixes claramente. As árvores em todas as ilhazinhas eram de um verde vívido e cresciam até a beira da água.

Elas viram golfinhos enquanto navegavam ali; eles tinham vindo brincar ao redor da proa do navio, levantando a cabeça brilhante para fora da água e abrindo a boca como se sorrissem em boas-vindas, e isso quase levara Belle e Mog às lágrimas. Viram uma enorme baleia ao longe também, e tudo isso fora tão emocionante, espetáculos que elas nunca tinham imaginado ver. No entanto, ver essa magnífica baía estender-se diante delas, ultrapassando em brilho todas as maravilhas dos portos de escala do HMS Stalwart, foi verdadeiramente avassalador.

— Se não pudermos ser felizes aqui, então não vamos ser em lugar algum — disse Mog, enxugando do olho uma lágrima de emoção.

Quando o navio se aproximou do cais em Russell, puderam ver um grande número de pessoas reunidas ali à espera. Já lhe haviam

dito que o norte não tinha estradas adequadas e que o navio era a única maneira de chegar lá. O Clansman era a tábua de salvação semanal da cidade. Ele trazia não só passageiros, mas correspondência, suprimentos de comida e outros bens. Os primeiros colonos europeus haviam chegado ali, e pretendia-se outrora que essa cidade fosse a capital da Nova Zelândia, por causa de seu porto natural, esplêndido e seguro. Mas, no final, Auckland fora escolhida em virtude do isolamento de Russell.

— Lá está Vera! — exclamou Belle, apontando-a para Mog. — Como ela sabia que chegaríamos hoje?

— Bom, parece que a cidade inteira sai para a rua toda vez que o navio chega — Mog disse. — Mas olhe aquelas lindas casinhas! Que pintura!

Era certamente como uma pintura, um punhado de lindas casinhas brancas ou creme, revestidas de tábuas, parecendo casas de bonecas. Acima, por detrás da cidade, as colinas forradas de árvores erguiam-se como a protegê-la, e na frente das casas, via-se uma estreita faixa de praia de areia. Dezenas de barquinhos balançavam em seus ancoradouros e gaivotas revoloteavam no alto, na esperança de arrebatam uma refeição fácil de um dos pescadores.

Vera pulava de emoção mesmo antes de o navio estar atracado e um passadiço ser fixado ao cais. Ela usava um vestido estampado verde, com os cabelos cacheados e ruivos soltos sobre os ombros e reluzentes ao sol. Uma mulher mais velha, baixa e robusta, estava com Vera, e acharam que talvez fosse a mãe dela.

Finalmente, as pessoas começaram a sair do navio e elas se juntaram à fila. Já lhes haviam dito que o baú delas e outras bagagens seriam colocados no cais depois que todos tivessem desembarcado.

— Belle, Mog! — gritou Vera enquanto abria caminho a cotoveladas entre as pessoas no cais. — Bem-vindas a Russell!

Eram umas 16 horas quando chegaram a Russell e o restante do dia passou como se elas tivessem entrado em uma festa em que não conheciam ninguém, mas descobriam ser as convidadas de honra. Vera e sua mãe, a Sra. Reid, que imediatamente pediu para ser chamada de Peggy, levaram-nas para a casa e padaria da família, onde o Sr. Reid — Don, como ele quis ser chamado — amassava uma montanha de massa para o pão da manhã seguinte. Ele parou com sua atividade para dar um beijo no rosto de Mog e Belle, desculpou-se pelas mãos cobertas de farinha e disse que elas deviam se sentir em casa.

Peggy era o tipo de mulher que podia fazer dez coisas de uma vez e falar ao mesmo tempo. Enquanto colocava a mesa da cozinha para servir o chá, ela gritava pela porta dos fundos para um homem ir buscar os pertences delas em uma carroça. Ela retirou da despensa uma torta de aspecto fantástico, com topo de treliças, serviu à mesa cinco porções grandes e acrescentou uma generosa porção de creme a cada uma. Ela perguntou sobre a viagem desde Auckland enquanto preparava um bule de chá, e quase por ilusionismo as xícaras e pires apareceram na mesa.

— Certo, sentem-se agora — disse ela. — Não vou ficar de cerimônia com vocês, pois Vera me contou tanto das duas que já penso em vocês como da família. Isso é apenas uma coisinha para enganar o estômago, pois há pessoas morrendo de vontade de conhecê-las que estão vindo daqui a pouco para o jantar.

Vera revirou os olhos, o que Belle sentiu ser uma mensagem silenciosa de que ela sabia que a mãe era um pouco cansativa no primeiro encontro, mas que se aquietaria em breve.

Don entrou em seguida, tendo lavado as mãos e tirado o avental, e seu sorriso foi tão caloroso quanto na padaria.

— Vera nos contou que vocês a receberam muito bem em Londres — disse ele. — Ela ficou feliz da vida por vocês virem para morar, mas, depois de Londres, vocês vão achar tudo muito devagar aqui.

— Gostamos assim — disse Mog, que comeu uma colherada da torta. — Minha nossa, é uma delícia — exclamou ela.

— Ficamos felizes por deixar Londres — disse Belle. — Não resta mais nada lá para nós. É lindo aqui, e pretendemos prosperar.

— Amanhã vou levá-las para conhecer todo o lugar — disse Peggy. — Isso não vai cansá-las, pois leva apenas meia hora. E isso fazendo o trajeto mais longo — riu ela, e seu grande busto sacudiu com isso.

Belle riu também. Teve uma sensação de que o riso era oferta abundante nessa casa.

Elas mal tinham bebido o chá e comido a deliciosa torta quando as pessoas começaram a chegar: primeiro, o casal que administrava a agência de correio, Frieda e Mike Lamb, que disseram ter nascido na Inglaterra, mas ido para a Nova Zelândia quando pequenos com seus pais. Eles tinham seus 40 e poucos e haviam se conhecido na escola, em Christchurch.

— É bom ter gente nova vindo para morar — disse Frieda enquanto depositava pesadamente um prato de salsichas cozidas na mesa. — Nossos parentes em Christchurch achavam que éramos loucos de vir para cá. Disseram que era um bom lugar para passar as férias, mas que ficaríamos entediados e aborrecidos muito rápido. Mas estamos aqui faz dez anos e não tivemos tempo para ficar entediados.

Mulheres entraram aos montes depois disso, todas trazendo um prato de comida. Vera disse que era o costume quando havia uma festa ou reunião. Ela também explicou que os homens chegariam depois do “porre das 6”. Diante da perplexidade de Mog e Belle, ela explicou que os pubs fechavam às 18 horas em toda a Nova Zelândia, uma lei que pretendia fazer com que os homens ficassem em casa com suas mulheres e famílias durante a noite. Mas, como ela explicou aos risos, tudo o que essa lei fazia era com que os homens bebessem tanto quanto pudessem na última hora e depois fossem para casa dormir.

No entanto, apesar de muitos dos homens estarem bêbados, eles ainda assim vieram, e Belle se perguntou como lembraria qual homem era marido de qual esposa, ou o nome de qualquer um deles, já que havia muitos. Todos queriam saber o que ela e Mog pretendiam fazer ali, e cada um deles tinha uma ideia diferente sobre que tipo de negócio era necessário. O vestido de Belle foi admirado por todas as mulheres, embora, para ela, ele fosse monótono, apenas de algodão cinza com uma listra branca e fina, um vestido prático feito por Mog para o dia a dia, ideal também para viagens. Mas, comparado com as roupas usadas pelas mulheres dali, parecia elegante porque se ajustava adequadamente ao corpo. Os vestidos delas eram sem forma, e ela suspeitava que ou fossem comprados prontos ou feitos apressadamente por alguém com um conhecimento rudimentar de corte e costura. Imaginou que a maioria dessas mulheres não tivesse noção de moda e passou-lhe pela mente que, talvez, essa pudesse ser uma brecha para ela e Mog.

A festa esparramou-se pelo quintal, mas foi só quando escureceu e Peggy e Don começaram a acender lâmpadas a óleo que Belle e Mog tomaram consciência de que não havia eletricidade em Russell. Elas não comentaram isso, em parte porque já deveriam saber que um lugar tão remoto não teria eletricidade, mas principalmente porque isso realmente não importava para elas. As duas haviam crescido com lâmpadas a óleo, e mesmo em casa não haviam chegado a comprar um ferro ou um fogão elétrico, assim como tantas pessoas. O mais preocupante foi descobrir que havia toaletes apenas do lado de fora, um eco do passado que elas não apreciavam muito.

Mais tarde, velas foram acesas e colocadas em potes de geleia no quintal, deram corda em um gramofone, uma jiga irlandesa foi tocada e um velho entreteu a todos com dança irlandesa.

— E então, que acham de Russell até agora? — perguntou Vera quando finalmente conseguiu um momento a sós com Belle no quintal. — Muita coisa em pouco tempo, imagino. Sugeri que

adiássemos a festa até que vocês estivessem aqui um ou dois dias. Mas, como devem ter notado, minha mãe faz tudo bem rápido.

— Estamos comovidas com uma recepção tão calorosa — disse Belle. — Gosto também que seja tão informal. Todos são muito gentis.

— Pode ser que em breve você mude de ideia e decida que eles são apenas simples abelhudos — disse Vera. — Não diga a ninguém, além de mim, qualquer coisa que você não queira que se espalhe por Russell. Minha mãe é uma das piores, então fique avisada.

— Você não contou a ela sobre meu passado?

— É claro que não — cortou Vera. — Tudo o que você me contou na França ficou só comigo. Eu disse a ela que Mog era a governanta da casa de hóspedes de sua mãe e que ela criou você. Disse também que você aprendeu sobre chapelaria em Paris. Confie em mim, Belle. Eu valorizo suas confidências. Nunca vou contar a ninguém sobre elas.

Belle agradeceu e garantiu-lhe que confiava nela. Depois, perguntou se tivera mais alguma notícia dos irmãos.

— A última vez que soubemos deles, estavam esperando para seguir em um navio de tropas. Já que não soubemos mais nada, achamos que eles devem estar no navio agora. Somos tão gratos por eles terem sobrevivido. Batata foi ferido em Ypres, mas nada sério, só uns estilhaços de bomba no braço. Tony disse que não recebeu nada pior do que picadas de pulga. Então, vocês vão conhecê-los em breve. Por ora, ficarão com o quarto deles, que minha mãe passou as últimas semanas deixando um brinco para vocês.

Passava da meia-noite quando elas finalmente foram dormir. O quarto delas era grande, com duas camas de solteiro, cada uma coberta com uma colcha de retalhos colorida. Como no restante da casa da família, a mobília era antiga e maltratada, mas havia nisso uma sensação muito confortável. As paredes haviam sido recentemente pintadas de verde-claro, havia um pano bordado

sobre a mesinha junto à janela e, sobre ela, um vaso de flores brancas, parecidas com margaridas.

O baú e demais pertences haviam sido colocados no quarto e, quando Mog tirou da mala as camisolas delas, ela olhou para Belle, despindo-se na outra ponta, e sorriu.

— Fizemos a coisa certa. Já sinto como se fosse nossa casa. Mas vamos encontrar nosso próprio canto bem depressa, não é?

Belle sabia exatamente o que ela queria dizer. Mog queria estar à volta de suas próprias coisas, cozinhar suas próprias refeições e ter sua própria porta, a qual ela poderia fechar para ficar sozinha quando tivesse vontade. Peggy e Don eram as pessoas mais gentis, mas era fácil ver que eles se tornariam cansativos.

— Sempre querendo construir um ninho — disse Belle afetuosamente. — Não se preocupe. Amanhã vamos deixar claro que essa é nossa prioridade.

No dia seguinte, Peggy levou-as com orgulho para conhecer os arredores. Primeiro a Christ Church, a igreja mais antiga da Nova Zelândia, e o posto policial, o qual antigamente era a casa do imposto alfandegário, mas que parecia um edifício bonito demais para ser usado para qualquer uma das duas finalidades. Elas viram a fábrica de conservas junto à praia e observaram por um tempo enquanto barcos de pesca chegavam com suas capturas. A taberna Duke of Marlborough, bem à margem da praia, era de um tamanho impressionante para uma cidade tão pequena, e elas entraram para ver o Sr. e a Sra. Clow em sua pensão ao lado do bar. O trecho de terreno baldio que jazia entre a Rua York, onde os Reid tinham sua padaria, e a Rua Church era conhecido como o pântano, ainda que houvesse casas construídas ali e vacas pastando. Peggy contou-lhes que, nos velhos tempos, quando Russell era conhecida como a espelunca do Pacífico por causa da selvageria dos baleeiros que vinham beber ali, havia apenas algumas lojas e barracas de bebidas junto à orla e, atrás delas, nada senão manguezal por todo o caminho até as colinas arborizadas que rodeavam a cidade.

Não havia realmente muita coisa para ver além da agência de correio, que vendia uma variedade de produtos, a padaria dos Reid, um empório, um açougue, um hotelzinho e várias oficinas. Peggy tinha acenado na direção de algumas cabanas na parte de trás da cidade e dito: "Nativos moram lá". Enquanto passeavam, Belle viu um bom número de pessoas de pele parda, algumas das quais haviam cumprimentado Peggy, mas esta não os apresentara. Belle estava morrendo de vontade de saber qual era a situação entre os maoris e os colonos, mas achou melhor não perguntar a Peggy, pensando que Vera lhe daria uma visão mais ponderada.

Estavam voltando para a padaria quando Mog reparou em uma casinha na Rua Robertson que parecia abandonada e perguntou a Peggy sobre ela.

— Um sapateiro chamado Jack Phillips morou lá — disse ela. — Morreu há dois anos.

— Então ela está à venda ou para alugar? — perguntou Mog.

— Henderson, o procurador, saberia responder — falou Peggy.

Como Peggy tinha que voltar para a padaria e revezar com Vera, que estivera trabalhando com o pai desde o início da manhã, Belle disse que veria o Sr. Henderson imediatamente se ela lhe indicasse onde o encontrar.

— Não há tempo a perder — disse Mog alegremente quando Peggy apontou para a casa dele.

— Ela não ficou muito entusiasmada — disse Belle quando Peggy as deixou para voltar para casa. — Por que será?

— Mais tarde você pode perguntar a Vera — disse Mog. — Mas meu palpite é que ela é do tipo que ama ter muitas pessoas ao redor e está só um pouco decepcionada de já estarmos falando sobre uma casa só nossa no segundo dia aqui.

Dentro de 20 minutos, Mog e Belle já tinham a chave da casa vazia e entraram nela. Como todas as construções ali, ela era de madeira,

o exterior muito simples e precisando desesperadamente de algumas tábuas novas e pintura. Os degraus até a porta da frente estavam apodrecendo e, ao abrirem a porta, um cheiro de mofo fez as duas enrugarem o nariz. Um pequeno saguão quadrangular tinha quatro portas saindo dali e uma escadaria estreita. A sala à esquerda tinha sido a oficina do sapateiro e ainda estava cheia de retalhos de couro, moldes de sapateiro e uma bancada comprida. Mas havia duas janelas, assim como em todas as salas no térreo, uma na frente e outra ao lado, o que tornaria o ambiente muito claro tão logo as janelas tivessem sido limpas. O recinto à direita do saguão era uma saleta apinhada de mobília muito velha e desgastada. Nos fundos, à esquerda, havia um quarto, novamente tão repleto de mobília que elas mal podiam entrar nele. À direita, via-se uma cozinha antiquada e imunda. Mas havia uma porta levando a um jardim. Parecia ter sido bem cuidado até a morte do Sr. Phillips, pois havia arbustos floridos, roseiras e o que parecia uma horta, tudo coberto de capim e ervas daninhas.

No andar de cima, havia apenas um quarto grande, com as janelas fixadas ao telhado em cada extremidade. Com exceção de uma antiga cama de ferro com um colchão manchado, não havia mais nada lá em cima e elas presumiram que o proprietário tivesse vivido lá embaixo por muitos anos.

— Posso tolerar o banheiro externo — disse Mog, embora enrugasse o nariz. — Mas não posso me contentar em puxar água por uma bomba do lado de fora. E toda a mobília precisa ser queimada. Mas é claro e iluminado. E as tábuas do assoalho parecem sólidas. — Ela deu pulinhos para ilustrar isso.

— Acho que poderíamos construir um banheiro na parte de trás ou do lado e um encanador seria capaz de canalizar água para a cozinha também — disse Belle, pensativa. — Podíamos construir uma varanda tomando toda a frente da casa. Levantar uma daquelas cercas de estaca branca. Poderia ficar adorável. E daria para usarmos a oficina: você faz corte e costura, eu faço chapéus e podemos vender miudezas também.

Elas estavam se entreolhando especulativamente quando ouviram Vera gritar.

— Aqui em cima — gritou Belle.

Vera subiu correndo as escadas.

— Eu costumava vir bastante aqui quando era criança. O Sr. Phillips fazia sapatos para nós todos — disse ela, ofegante. — A esposa dele era simpática, ela costumava nos paparicar bastante, pois eles mesmos não tinham filhos. Ela morreu antes da guerra. Mas isto está uma verdadeira bagunça agora.

— Mas há possibilidades — disse Mog, com o rostinho iluminado de entusiasmo. — O Sr. Henderson disse ter acabado de receber um aviso do sobrinho que herdou a casa de que ele receberia o que quer que conseguisse por ela, pois precisa de dinheiro imediatamente. Tenho que fazer uma oferta.

— Bom, ninguém mais vai querer esta casa. Todo mundo está deprimido com a guerra e a gripe e ninguém tem dinheiro.

Era a primeira vez na vida de Mog que ela tinha dinheiro, muito mais do que jamais sonhara. Mas, mesmo assim, ela não tinha a intenção de ser imprudente com ele.

— Será difícil conseguir alguém para consertá-la? — perguntou ela. — Precisamos de um banheiro e encanamento na cozinha para termos água quente. Daí todo o lado de fora e o telhado precisam ser refeitos à prova de intempéries.

— Os homens vão formar filas na porta para fazer o trabalho — disse Vera. — Mas o que você precisa pensar é se tem certeza de que quer ficar aqui em Russell. Ainda não ficou aqui tempo suficiente para realmente saber isso.

— Soube que queria ficar aqui no minuto em que saí do barco — disse Mog. — Parece a coisa certa para mim. Mas não sei quanto a Belle. Vocês, jovens, precisam estar em algum lugar com um pouco mais de agito.

Vera olhou interrogativamente para Belle.

— Você sente isso?

— Não ficamos aqui tempo suficiente nem para eu pensar sobre isso. Mas gosto da paz e sossego. De qualquer modo, é Mog quem tem o dinheiro para comprar uma casa, não eu. — Ela encolheu os ombros. — A decisão é dela.

— Sim, cabe a mim decidir comprar esta casa ou não — disse Mog. — Mas o que estou tentando dizer é que isso não significa que você tenha que ficar presa aqui também, Belle. Vai ser seu lar também, mas você deve planejar o que quer fazer com sua vida. Eu odiaria pensar que ficou comigo porque sentiu que tinha que ficar.

Belle franziu a testa para ela.

— Mas planejamos construir um negócio juntas.

— Eu sei, e eu gostaria disso, é claro que eu gostaria. Mas não há homens jovens aqui, Belle. Não quero que você acabe sendo uma solteirona. Gostaria de vê-la se casar de novo.

— Vai esperar até o inferno congelar, então — riu Belle. — Nunca vou amar outro homem.

— Acho isso também, agora — disse Mog. — Mas isso é só porque ficamos viúvas apenas há poucos meses. Mas estou envelhecendo; você, por outro lado, é jovem e bonita. Jimmy não gostaria que você passasse o restante da vida sozinha.

— Mog não está inteiramente certa sobre não haver jovens aqui — disse Vera. — Meus irmãos vão voltar em breve, e há outros rapazes que devem chegar em casa também. Mas não consigo imaginar você escolhendo nenhum deles, Belle. Olhe para mim, pois sou um bom exemplo do que acontece com as flores de Russell! Já sou vista como uma solteirona!

— Então, talvez vocês duas devessem partir para Auckland — disse Mog.

Vera riu.

— Fico muito tentada a fazer isso. Minha mãe me deixa louca. Já era bastante ruim antes de eu ir para a França, mas piorou muito desde que voltei para casa. Não quero trabalhar na padaria para sempre. — Ela começou a cantarolar uma canção: — *How Ya Gonna Keep Them Down on the Farm, after They've Seen Paree?*<sup>[35]</sup>

Belle explodiu em risos.

— Você acabou de inventar isso?

— Não, eu não. Alguns norte-americanos no hospital costumavam cantar essa música. Eles a tinham escutado em um *music-hall* de Nova York antes de partirem para a França. Eu a ouvi em um gramofone também, e ao que tudo indica é muito popular nos Estados Unidos. Mas esta é outra coisa que você vai descobrir aqui: estamos muito isolados do restante do mundo. Música, moda, arte, livros novos, não ouvimos falar de nada disso.

— Não me importo com isso — disse Mog.

Vera suspirou e pareceu envergonhada.

— Sinto-me mal por não as ter avisado sobre nada disso, mas, vejam, eu mesma não prestava atenção nisso até voltar, e então vocês já estavam a caminho.

Mog colocou um braço em volta de cada uma das garotas e puxou-as para si.

— Bom, estamos aqui agora, e eu gosto daqui. Mas, se for muito chato para vocês duas depois de terem visto “Paree”, então devem encontrar um lugar de que gostem mais.

— Eu não vou fugir sem dar uma boa chance ao lugar — Belle disse com firmeza. — Gosto daqui também e, antes de começarmos a considerar alternativas, vamos olhar objetivamente para o que poderíamos fazer aqui.

Elas passaram cerca de uma hora examinando a casa, e Mog fez uma lista de coisas que precisavam ser feitas nela.

— Vou meditar sobre isso por alguns dias — disse ela ao trancar a porta antes de ir embora. — Vou precisar descobrir quanto esta casa vale e quanto todos os reparos vão custar, antes de decidir.

Abril virou maio com elas mal notando quão depressa o tempo passava. Mog gostava de ajudar Don na padaria, e ela dividira com ele algumas de suas receitas de bolo e ficara encantada ao ver os produtos acabados não apenas vendidos rapidamente, mas as pessoas voltando para comprar mais. Com a ajuda de Vera, ela conseguira orçamentos para todo o trabalho que precisava ser feito na velha casa de Phillips e, uma vez que tinha tudo resolvido na cabeça, ofereceu ao Sr. Henderson cem libras pela propriedade. Ela imaginou que ele fosse ficar ofendido com um preço tão baixo, mas ele aceitou-o alegremente e incluiu como bônus todos os custos legais para a compra também.

Belle começara a pintar aquarelas e, embora muitas vezes fosse um pouco frio ficar sentada por longos períodos na praia, ela gostava tanto de pintar o mar e os barcos que mal se dava conta disso. Não raro, quando estava pintando lá embaixo, na orla, ela percebia que nunca houvera um momento em sua vida em que tivesse se sentido tão relaxada e tranquila. Mesmo antes de Garth e Mog se casarem, quando ela e Mog viviam em um quarto em Blackheath enquanto Garth providenciava a compra do Railway, sempre houvera tensão. Naquela época era porque as duas se esforçavam para se tornarem damas, para serem aceitas na vila. Então, Belle comprara a loja e viera a ansiedade por ela. Ela tinha sido muito feliz casando-se com Jimmy, fazendo chapéus e vendo seu negócio crescer, mas nunca houvera longos e preguiçosos períodos sem fazer nada como havia ali.

A guerra havia tirado muita coisa de todo mundo, independentemente da profissão ou circunstâncias pessoais, o medo de perder entes queridos, a dor quando os perdiam, o racionamento, os bombardeios e todas as outras dificuldades, incluindo o horror da gripe que surgira no final. Mas tudo isso estava acabado agora; Belle lera em um jornal que aquela era “a guerra para acabar com todas

as guerras". Ela esperava que sim. Ela também sentia que ela e Mog tinham finalmente encontrado um lugar onde pudessem ser elas mesmas, onde não precisavam fingir ser damas ou ter receio de expressar suas opiniões. Ali, elas poderiam colocar de lado a tristeza e as mágoas do passado para sempre.

Batata, Tony e dois outros jovens de Russell finalmente chegaram em casa no fim de maio e toda a cidade se juntou nas celebrações.

Os irmãos mais jovens de Vera tinham muito da natureza dela, ambos expansivos, calorosos e amigáveis, com um grande senso de humor. Ambos eram muito mais altos que Vera, com cabelos castanhos, mas tinham os mesmos olhos azuis muito claros. Todo mundo afirmou que eles tinham deixado Russell como simples garotos e retornado como homens.

Peggy ficou horrorizada ao descobrir que o que Batata havia chamado de meros arranhões no braço e perna direitos eram, na realidade, cicatrizes muito feias, mas Batata fez pouco delas e salientou que tivera sorte por não ter havido gangrena, pois ele caíra em lama profunda e ficara lá por horas antes de ser levado para um posto médico.

Mog e Belle tinham a intenção de esperar para se mudarem para a casa delas até que o novo fogão que haviam encomendado de Auckland tivesse chegado e sido instalado, mas o retorno dos garotos fez com que mudassem de ideia. A casa de Peggy e Don tinha ficado muito cheia, e parecia errado esperar que Batata e Tony tivessem que dormir no chão da sala de estar, por mais que alegassem que não se importavam.

Mas, como as tábuas danificadas da casa já haviam sido substituídas e o telhado, consertado, ela estava ao menos resistente ao tempo. Limpar a casa havia sido um trabalho árduo e sujo; elas queimaram o lixo e colocaram a mobília e outros objetos que não queriam do lado de fora para qualquer um pegar. Para sua alegria, a maior parte desaparecera dentro de um dia. Mas elas mantiveram a mesa da cozinha em *kauri* <sup>[36]</sup> resistente, já que, uma vez limpa de

anos de sujeira, parecia em bom estado, com a cama de ferro, que Belle e Vera poliram e pintaram de branco. Mantiveram um par de cadeiras de cozinha também, uma cômoda e a bancada de trabalho. Mog enviou um telegrama a Noah pedindo-lhe que providenciasse para que sua mobília guardada em depósito fosse enviada de navio o mais cedo possível.

As paredes internas da casa eram de lambris cobertos de *scrim*. [37] Haviam-lhes dito que reboco não era prático em casas de madeira, e, de qualquer modo, o *scrim* favorecia muito mais o papel de parede. No andar de baixo havia buracos nos lambris, mas, como o quarto grande no andar superior tinha permanecido intacto, elas chamaram um homem para pendurar o único papel de parede disponível no empório. Era de um azul-claro sem graça, com um desenho sinuoso em creme, mas, uma vez colocado, mostrou-se surpreendentemente bonito. Com linóleo no chão, que encomendaram de uma loja em Auckland com um colchão novo, os quais chegariam no Clansman, elas planejavam viver nesse quarto enquanto o restante do trabalho continuava na casa.

Batata e Tony pretendiam começar a trabalhar nos barcos de pesca ou na fábrica de conservas, mas por enquanto estavam muito satisfeitos em conseguir trabalho remunerado ajudando o carpinteiro na casa de Mog, construindo a varanda, fazendo armários e prateleiras na cozinha e renovando os lambris e o *scrim* danificados.

— Bom, aqui estamos em nossa própria casa, finalmente — disse Mog na noite de 2 de junho, enquanto se preparavam para deitar-se na cama de ferro que precisavam compartilhar.

À luz da lâmpada a óleo, o quarto parecia muito atraente, com delicadas venezianas cor de creme feitas por Mog nas janelas de cada extremidade, um par de tapetes de pano dados de presente por mulheres da cidade no chão de linóleo e a cama arrumada com lençóis, cobertores e um edredom que elas trouxeram da Inglaterra no baú.

— Adoro Peggy, mas vai ser maravilhoso não ser acordada por ela gritando para Don de manhã — comentou Belle enquanto vestia a camisola. — E o fogão vai chegar esta semana também. Não vamos mais precisar jantar lá.

— Que vergonha — reprovou Mog. — Peggy e Don são pessoas gentis e adoráveis. Às vezes, você pode ser muito desagradável.

Belle deu um sorriso largo. Ela sabia que Mog sentia exatamente a mesma coisa que ela; na verdade, para ela fora ainda mais difícil, pois sentia falta de poder cozinhar as refeições, e fora a única a escutar Peggy matraqueando sobre nada, dia após dia.

— Bom, vou fazer um lindo chapéu de domingo para ela, para compensá-la por minha grosseria — disse ela.

— Mudando de assunto — Mog franziu os lábios do jeito que sempre fazia quando desaprovava algo —, que tal pegarmos logo o Clansman para Auckland para escolhermos alguns móveis? Peggy disse que não é aconselhável escolher sofá ou poltronas de um catálogo, já que podem acabar sendo tão duros como rocha.

— Hum. — Belle pensou por um momento. — Acho que deveríamos ficar até a casa estar quase concluída e ver do que mais precisamos. Vai haver o tecido das cortinas e eu preciso de algumas coisas para fazer chapéus também. Vamos ficar lá por uma semana, então é melhor comprar de uma vez só tudo de que vamos precisar.

Deitaram-se na cama e Belle apagou a lâmpada a óleo.

— É bom não ouvir Don roncando — disse ela na escuridão. — Ele roncava tão alto que toda a casa reverberava com isso.

Mog colocou a mão no braço de Belle.

— Você, minha cara, está se tornando ranzinza. Precisa de um namorado.

Belle deu uma risadinha.

— Você vai me encomendar um de algum catálogo?

— Anote suas exigências que vou verificar se eles possuem um adequado em estoque — respondeu Mog com riso na voz. — Então, vá dormir agora e sonhe com ele.

Belle ficou acordada por muito tempo após Mog ter adormecido, mentalmente compilando uma lista, como sugerido. Ela pensou em escrevê-la de manhã para fazer Mog rir.

Alto, com compleição esguia, cabelos loiros, olhos azuis, mas, quando ela recitou as características físicas para si mesma, percebeu que estava descrevendo Etienne. Só de pensar naquela noite que passaram juntos ela sentiu um desejo tão intenso que as lágrimas lhe vieram aos olhos. Sabia que não era o tipo de mulher que vivia uma vida casta. Ela queria ser abraçada, beijada e desfrutar o êxtase do sexo. Mog estava certa. Ela estava ficando ranzinza, e esse era o motivo.

Vera dissera-lhe que, no verão, muitos homens vinham ali para pescar, mas as chances eram de que fossem casados. Batata era gentil com Belle, ela vira a maneira como ele a olhava, mas ele era inocente demais para ela, ainda que pudesse superar a ideia de um homem ser chamado de algo tão tolo quanto “Batata”. Ela ouvira por acaso seu irmão Tony conversando com ele sobre uma prostituta francesa com quem ele estivera. Ele fora claramente cativado pela experiência, mas a forma depreciativa como havia falado sobre a garota fizera Belle estremecer.

Ela não tinha dificuldades para manter a postura correta para uma viúva em um ambiente social, mas, se algum dia encontrasse um homem que ela pudesse amar, sabia que não seria capaz de esconder seu passado dele. Jimmy fora uma raridade por ter aceitado isso, mas até ele valera-se do escárnio depois que fora ferido.

Belle achava que a possibilidade de encontrar um homem que fosse experiente e tolerante como Etienne, e que, como ele, fosse também amável, divertido e um amante maravilhoso, era tão improvável quanto acordar no dia seguinte e dar com um elefante

do lado de fora de casa. Então, talvez ela devesse aceitar que já tinha tido sua cota justa de paixão e resignar-se em se tornar uma solteirona?

## Capítulo 30

**O trabalho na casa** progrediu muito mais rápido uma vez que Belle e Mog estavam morando lá e não deixavam os homens fazerem corpo mole. O fogão chegou e foi devidamente instalado por um especialista que morava do outro lado da baía, em Paihia. Ele não só instalou um tanque para armazenar água aquecida a partir dele, como também fez correr um cano do abastecimento de água do lado de fora até uma nova pia na cozinha e outro para a água já usada até a fossa exterior. Ele disse que ficaria feliz em voltar quando tivessem ampliado a casa e adaptado um banheiro.

A varanda foi construída a partir de madeira *kauri*, com os corrimões e a balaustrada pintados de branco. Armários e um guarda-louça foram construídos na cozinha e a chaminé tinha sido varrida para que elas pudessem acender fogo quando estivesse frio. Mas ainda estavam à espera dos papéis de parede que haviam encomendado de Auckland para os recintos do térreo e dos móveis de Mog da Inglaterra.

Foi a prometida chegada do papel de parede que fez Belle descer a pé até o cais quando o Clansman estava para chegar. A maioria das pessoas recebia o navio todas as semanas, não necessariamente porque esperava produtos encomendados ou para encontrar alguém que chegava nele, mas só porque o navio era um elo com o mundo exterior.

Mas chovia muito naquela tarde, e até mesmo Peggy, que raramente faltava uma semana, não havia aparecido. Belle vestia um casaco longo preto e impermeável, o qual ela comprara no empório, um chapéu à prova-d'água e um par de galochas, pois as estradas sem pavimentação haviam se transformado em um atoleiro.

Ela gostava da baía em qualquer tempo e, ao se postar no cais e observar a água agitada, que estava tão plúmbea quanto o céu

acima, achou que ela tinha uma beleza dramática tão fascinante, à sua própria maneira, quanto o era à luz do sol. A chuva atuava como uma cortina semidiáfana, dando apenas uma vista muito nebulosa além de umas centenas de metros, e ela pôde ouvir os motores do Clansman aproximando-se, embora não conseguisse vê-lo ainda.

Era provável que outras pessoas que tinham produtos a bordo no navio estivessem ouvindo esse som. Provavelmente esperavam o momento propício até o navio atracar, antes de descerem para buscar suas encomendas. Talvez nem se preocupassem por causa da chuva; afinal de contas, os produtos ficariam armazenados no escritório de navegação e poderiam ser pegos mais tarde, quando parasse de chover, ou mesmo no dia seguinte. Mog havia pedido que deixassem lá os dela, acrescentando que o papel de parede seria pesado e certamente não era necessário de imediato.

Mas, por alguma razão, Belle sentiu-se compelida a descer.

Os motores do Clansman ficavam mais barulhentos. Belle espreitou na direção do som e achou que podia distinguir uma forma escura por detrás da cortina de chuva. Então, de repente, lá estava ele, a chaminé expelindo fumaça, e podia-se até mesmo ver os tripulantes no convés preparando para ancorar.

Ela sorriu para si mesma, lembrando que, quando ela e Mog vieram a bordo do navio, permaneceram na balaustrada durante a maior parte da viagem desde Auckland. Viram o mar ondeando para trás, as cristas brancas à medida que a proa singrava pela água azul-esverdeada. Elas haviam rido de si mesmas por ficarem hipnotizadas por isso, já que haviam completado uma longa viagem marítima apenas alguns dias antes, mas não puderam evitar. Queriam ver cada centímetro da costa dessa nova terra a que haviam chegado.

Os motores pararam e o navio deslizou em direção ao cais, sob as mãos hábeis do capitão Farquahar. Um dos tripulantes saltou sobre a costa, tão gracioso e seguro quanto um cervo, para ajudar

os homens em terra firme a trazê-lo suavemente pelos últimos metros e amarrá-lo.

Mesmo assim, os passageiros não faziam nenhum movimento para enfrentar a chuva. Amontoavam-se sob o escasso abrigo do castelo de proa, salvo um homem de capa de chuva longa e chapéu de feltro. Ele permanecia sozinho na balaustrada, com uma maleta na mão.

Ele olhava diretamente para Belle e ela queria poder vê-lo melhor, pois achava que devia ser alguém que ela conhecia da cidade. Mas a chuva caía violentamente no rosto dela e o dele era apenas um borrão.

O passadiço foi descido e fixado, e de repente as pessoas se lançaram para deixar o navio. Ocorreu-lhe então que levaria um bom tempo, talvez mais de uma hora, antes que sua caixa de papel de parede fosse descarregada. Ela podia sentir as roupas ficando úmidas por baixo do casaco, talvez da água escorrendo do chapéu ou entrando lentamente por meio das costuras dos ombros, e sentiu frio. Mas alguma coisa a impedia de dar as costas e ir para casa.

O Sr. e a Sra. Brewster, que ela havia conhecido em sua primeira noite em Russell, saíram do navio e subiram correndo o cais, o Sr. Brewster tentando segurar um guarda-chuva sobre a cabeça dos dois.

— Esperando alguém, Sra. Reilly? — gritou ele.

— Não, só buscando uma encomenda — disse ela. Então, lembrando que Peggy lhe dissera que eles tinham ido para Auckland havia duas semanas para o nascimento iminente do primeiro neto, ela perguntou: — O que ela teve, menino ou menina?

— Um menino perfeito e saudável — gritou a Sra. Brewster. — A mãe e o bebê estão muito bem, mas estamos felizes por estarmos de volta.

Eles passaram apressados, e outras pessoas passaram correndo por ela também. Algumas ela conhecia de vista e sorriu para elas,

mas havia outras que nunca vira antes. Ainda mais para baixo do cais, a tripulação e outros homens do escritório de navegação já descarregavam alguns engradados de frangos a partir de outro portaló, e o que tinha sido um lugar silencioso e deserto agora era como um formigueiro em atividade.

O homem do chapéu de feltro chegava do cais e seu porte aprumado e galope gracioso eram tão parecidos com os de Etienne que ela sentiu um súbito aperto no peito.

Ela afastou um pouco o chapéu do rosto e enxugou a água da chuva. Ele parou, olhando para ela, depois ergueu o chapéu e sorriu. Era um cumprimento comum e educado, mas apenas um homem que ela já vira tinha um sorriso como aquele.

— Etienne? — balbuciou ela.

— Belle — disse ele, e, vindo em sua direção mais rápido agora, tirou o chapéu, e ela viu aquele cabelo claro que conhecia tão bem, as maçãs do rosto pronunciadas e os olhos azuis.

Ela achou que sua mente estava lhe pregando peças. Ele estava morto! Como podia ser ele? Mas era tão real quanto ela, vindo em sua direção.

Nesse segundo, ela compreendeu por que mulheres em livros românticos desmaiavam de choque, ainda que no passado ela tivesse rido de tal ideia. Seu coração batia tão rápido que ela achou que pudesse explodir. Era mesmo ele.

— Imaginei você me encontrando ao sol, vestida em sua melhor roupa — disse ele com aquele sotaque francês que ficara impresso na mente dela. — Não com um casaco impermeável debaixo de uma chuva torrencial e a cara tão pálida que parece que vai desmaiar.

— Eu realmente me sinto prestes a desmaiar, de choque — disse com voz trêmula. — Disseram-me que você foi morto na França.

— Então, Noah não lhe disse que ele me localizou?

Ela só pôde balançar a cabeça.

— Você não estava esperando por mim aqui?

— Não, só vim buscar uma encomenda.

Havia pessoas passando por eles de ambos os lados. A chuva continuava a despençar e Belle ergueu a mão, estendendo-a para tocar a face de Etienne. Estava fria, com uma ligeira barba despontando, mas, ao tocá-lo, ela soube com certeza que não estava sonhando.

Ele tomou-lhe a mão e beijou-lhe a ponta dos dedos.

— Uma vez eu lhe disse que atravessaria fogo, dilúvio e qualquer perigo para estar com você — disse ele, com a voz trêmula. — Por favor, diga-me agora se você tem outra pessoa ou se não sente o mesmo por mim e eu volto para o navio e vou embora.

Nada em sua vida jamais fora tão comovente quanto as palavras dele. Havia tanta coisa que ela queria perguntar, mas, ao mesmo tempo, a única coisa realmente importante era que ele estava vivo e tinha vindo do outro lado do mundo para encontrá-la.

Ela puxou-lhe a mão até os lábios e beijou-a.

— Não há mais ninguém. Você tomou meu coração lá na França e ainda está com ele. Mas não podemos ficar aqui na chuva. Venha para casa comigo. Conversamos no caminho.

— Noah me localizou em fevereiro. Ele me contou que você tinha acabado de deixar a Inglaterra — disse ele quando começaram a andar pelo caminho junto à orla. — Achei que ele tivesse lhe escrito sobre isso, mas, como não escreveu, é melhor eu explicar. Eu não morri quando Jimmy foi ferido; parece que o amigo que informou isso a ele imaginava que os franceses só condecoram seus mortos. Eu estava vivíssimo nesse tempo. Disseram isso a Noah — acho que ele disse que foi pouco antes do Natal —, mas daí ele recebeu uma carta uns dias depois dizendo que eu estava desaparecido, dado como morto.

— Por que ele não me contou isso? — Belle balançou perplexa a cabeça. — Mog e eu estávamos com ele no Natal.

— Sim, ele me disse isso. Parece que ele e Lisette sentiram que não havia por que lhe contar sobre isso, se fosse constatado que eu estava mesmo morto. Então, decidiram ter a confirmação, de uma forma ou de outra, antes de dizerem alguma coisa. Lisette achou que eu pudesse ter sido levado como prisioneiro de guerra.

— E você foi?

— Não. Eu só estava ferido em Passchendaele. Podem-se cometer erros se um homem não for levado a um posto de socorro pelos próprios maqueiros de seu regimento. Parece que eu fui pego pelos canadenses e despojado de meu uniforme por causa da lama, meus pertences pessoais foram extraviados e meu regimento não foi informado porque alguém pensou que eu fosse franco-canadense.

— Mas isso é horrível! Você não podia lhes dizer quem era?

— Estava uma loucura lá. — Etienne deu de ombros. — Muitos gravemente feridos, poucos médicos e enfermeiras, mas nesse tempo não me dei conta do que eles achavam. Tudo o que me interessava era que eu estava quente e seco novamente, e em uma cama. Tudo teria sido esclarecido bem rápido se eu não tivesse pegado a gripe. Assim, fui colocado em uma ala de quarentena no hospital e, pelo que todos disseram, fiquei delirando por dias.

— Mas você sobreviveu — disse ela, ofegante. — Isso é formidável!

Ele riu.

— Sim, eu pensei o mesmo! A doença me deixou muito fraco e fui para Marselha para me recuperar. Solicitei ao médico do hospital que informasse meu regimento, mas parece que mais erros foram cometidos aí. A guerra terminou, a França estava um caos, centenas de homens haviam desaparecido e eu estava com amigos, não em minha fazenda. Tudo isso foi motivo para Noah não conseguir saber se eu estava vivo ou morto.

— Mas ele nunca me disse que verificaria se você estava realmente morto. O que o fez pensar que você poderia não estar?

— Você contou a ele que eu tinha dito que o registraria como parente mais próximo. Ele sabia que o exército de qualquer país costuma ser muito bom em notificar essa pessoa quando alguém está morto ou desaparecido. Isso o fez suspeitar. Mas ele não divulgou essas suspeitas porque não queria lhe dar falsas esperanças.

— Não entendo por que ele não enviou um telegrama ou escreveu quando descobriu que você estava vivo. Não recebemos uma carta dele desde que chegamos aqui.

Etienne virou-se para ela e acariciou-lhe a face.

— Imaginei que ele fosse lhe contar. Talvez Lisette achasse que seria mais romântico desse jeito. Talvez Noah pensasse que isso poderia causar problemas com Mog. Ele disse que ela gostava muito de Jimmy.

— Ela gostava, e vai ser difícil explicar por que você veio.

— Você poderia dizer a ela que a encomenda que esperava não estava lá, então você me trouxe no lugar.

Belle riu.

— A encomenda era papel de parede. Ela vai dizer que você não é muito bom para afixar nas paredes!

Etienne abriu um sorriso largo.

— Então, devo fazer meu melhor para encantá-la. — Ele pausou por um instante, parecendo preocupado. — Eu realmente não pensei em muita coisa além de encontrar você, Belle. Mas agora estou aqui e vejo que você não teve chance de preparar Mog, então temos que ser muito cuidadosos com os sentimentos dela.

No choque de sua chegada, Belle não havia realmente considerado isso. De repente, teve medo da reação de Mog por ela trazer alguém que lhe era estranho. Não tinham nenhum quarto de hóspedes tampouco.

— Acho que seria melhor se eu ficasse em um hotel — disse ele.  
— Existe um aqui?

— O Duke de Marlborough é logo ali. — Belle apontou para a taberna poucos metros adiante. — Se tiverem um quarto livre, esse poderá ser o melhor plano. Entre lá e pergunte; não posso entrar com você, pois não permitem mulheres nos bares aqui. Mas vou esperá-lo logo adiante.

Etienne entrou no pub, Belle andou um pouco e depois esperou. O coração dela batia forte e ela se sentia ligeiramente enjoada com o choque, mas seu coração cantarolava. Etienne estava vivo, seu amor tinha cruzado o mundo para encontrá-la. Ela queria gritar de alegria!

Mas não poderia dar-lhe as boas-vindas de herói como gostaria. Mog não era boba. O que quer que dissessem, ela saberia que nenhum homem jamais viria de tão longe para ver uma mulher a menos que a amasse. Ela não pararia de fazer perguntas até Belle admitir toda a verdade e, apesar de Etienne ter salvado a vida de Jimmy, era possível que ela ficasse contra Etienne por lealdade à família.

Etienne saiu do pub poucos minutos depois para dizer que havia um quarto lá.

— Se for melhor contar a Mog sobre mim hoje à noite, sozinha, posso ficar aqui agora e vê-la amanhã — disse.

Belle pensou sobre isso por alguns segundos.

— Não, isso seria ainda mais suspeito — disse ela finalmente. — Ninguém nesta cidade deixaria um velho amigo sozinho em sua primeira noite aqui. E isso é o que você é, Etienne, um velho e querido amigo.

Ele suspirou e pareceu perturbado.

— Acho que ela vai ver pela nossa cara que somos mais do que isso.

— Talvez, mas ela tem muito por que agradecer a você, que me salvou em Paris e resgatou Jimmy. Apenas me prometa que, por mais que ela sonde, você não vai admitir que passamos a noite juntos na França. Vamos admitir que você foi ao hospital uma vez, mas só isso.

Naquela noite, quando Belle subiu mais tarde com Mog para irem dormir, Etienne, tendo acabado de sair para voltar ao hotel, ela acreditava que o encontro tivesse corrido às mil maravilhas.

Mog ficara surpresa ao ver o homem, sobre o qual tanto ouvira falar no passado e que ela pensava estar morto, ser trazido à sua casa. Por alguns momentos, conseguiu apenas o encarar, mas recuperou-se bem rapidamente para enchê-lo de perguntas. Por que ele não havia escrito primeiro? Não era um pouco estranho viajar por todo esse caminho por capricho? Ele tinha a intenção de ficar na Nova Zelândia? E por que, afinal, ele fora dado como morto?

Etienne lidou com essas perguntas com delicado charme. Primeiro, explicou sobre ter sido ferido, depois a gripe, e deu as razões por que Noah não havia se convencido de que ele estava morto.

— Noah e eu tínhamos mantido contato desde que Belle retornou de Paris para vocês — disse ele, dando-lhe o histórico completo. — Por ele, soube que vocês todos tinham se mudado para Blackheath e que Belle tinha se casado com Jimmy. Foi uma coisa extraordinária ter me deparado com Jimmy na França. Ele disse coisas que me fizeram perceber quem ele era e, se tivéssemos ficado sozinhos juntos, poderia ter dito a ele quem eu era também, mas uma conversa assim foi impossível, já que ele estava com outros homens.

— Extraordinário também é que tenha acontecido de você estar lá quando ele foi ferido — disse Mog acidamente.

— Nada é tão estranho. Os franceses muitas vezes lutavam lado a lado com os britânicos — explicou ele, sem se importar com o sarcasmo dela. — Estou certo de que ele lhe contou algo assim.

Pensei ter visto Jimmy na noite anterior, a distância. Talvez significasse que eu inconscientemente me preocupava com ele. Não posso comentar isso, mas creio que lhe disseram como foi naquele dia, com chuva torrencial e neblina tão densa que só dava para ver poucos metros à frente. Tanto britânicos quanto franceses se misturaram no ataque porque tinham que contornar enormes crateras de granadas. Devo ter visto uma centena ou mais de homens mortos ou feridos naquele dia, ingleses e franceses. Mas quando esse homem foi atingido próximo a mim e o capacete dele caiu enquanto ele tombava na lama, vi que era Jimmy e fui ajudá-lo.

— Por que você fez isso? — perguntou ela. — Jimmy disse que os soldados não deviam ajudar os feridos.

— Por causa de Belle, é claro. — Ele deu de ombros. — Tivesse havido quaisquer maqueiros por perto, eu os teria chamado. Mas eles não podiam sair sob fogo tão cerrado e não poderia deixá-lo se afogar naquela cratera cheia de água.

Mog começou a gostar dele depois disso. Ela serviu o ensopado de carneiro que fizera para o jantar e foi ela quem lhe contou como haviam lidado com os ferimentos de Jimmy e finalmente com a morte dele e de Garth em decorrência da gripe.

Pelo jeito como Mog o estava tratando agora, Belle pensou que ela não havia visto nada suspeito na aparição de um velho amigo. Mog confiava implicitamente no julgamento de Noah e, como fora ele quem promovera isso, então Etienne deveria ser recebido com prazer.

Conversaram então sobre a casa e os planos que ela e Belle tinham para um negócio de corte e costura, chapelaria e venda de miudezas. A única pergunta que Mog disparou nele pela segunda vez foi sobre por que ele escolhera vir para a Nova Zelândia.

— Pela mesmíssima razão que vocês — disse Etienne com seu dar de ombros tipicamente francês. — Minha fazenda sofreu muito enquanto estive afastado, e há tanta tristeza e raiva também na França. Perdemos números ainda maiores do que os britânicos. Eu

já estava considerando um recomeço em algum lugar. Então, quando Noah entrou em contato e me contou tudo o que aconteceu com vocês e que tinham emigrado para cá, a Nova Zelândia pareceu um bom lugar para eu começar de novo. O clima na Ilha do Norte não é tão diferente do da França; poderia lavrar aqui, ou pescar, que é outra coisa de que gosto. Então, onde mais eu começaria senão indo para um lugar onde há uma velha amiga?

Etienne saiu logo depois disso e, quando Belle o acompanhou até a porta, ele puxou-a para fora e beijou-a. Foi exatamente como o primeiro beijo lá no hospital, como uma chama ardendo dentro dela. Ela soube então que a parte mais difícil disso tudo seria esconder o que sentia por ele. Eles não seriam capazes de conduzir o cortejo casto e vagaroso que era esperado de uma mulher recentemente viúva. Ela o queria agora, estar nua em seus braços, afogar-se em êxtase com ele.

— Amanhã vamos encontrar um jeito de ficarmos sozinhos — murmurou ele em seu pescoço enquanto o beijava. — Eu a amo, Belle, e juntos vamos encontrar uma maneira de contornar todos os obstáculos.

Belle então foi para dentro e recostou-se contra a porta fechada para se recompor, antes de enfrentar as inevitáveis perguntas de Mog.

Não havia obstáculos reais. Os dois eram livres, embora houvesse essas ideias pudicas sobre viuvez que outros acreditavam ser tão importantes. Belle realmente não se importava se as pessoas escolhessem vê-la como uma prostituta volúvel que estaria dançando sobre a sepultura do marido ao ter um romance com um francês, mas lhe preocupava que qualquer comportamento impróprio se refletisse de maneira negativa em Mog.

— Ele não é como eu o imaginava — disse Mog quando elas foram para cama.

— Como você o imaginava então?

— Classe baixa — replicou Mog. — Aspecto desprezível!

Belle riu.

— Mas ele parece durão, sim. Fiquei morrendo de medo dele quando nos conhecemos em Brest.

— Não gostaria de ver ninguém o afrontando — disse Mog. — Mas ele também tem um lado gentil e charmoso.

Belle ficou contente por essa ser a opinião de Mog e deitou-se ao lado dela na cama. A lâmpada foi apagada e Mog ficou em silêncio. No entanto, Belle sentiu que ela estava imersa em pensamentos, não adormecendo.

— Você teve um caso com ele em Paris?

A pergunta pareceu tomar conta do quarto escuro. Belle sabia que Mog se referia a depois que Etienne a salvara de Pascal, não na França um ano atrás.

— Não, claro que não — disse ela com sinceridade.

— Mas você se apaixonou por ele?

Foi tentador negar isso, especialmente no escuro, quando seu rosto não a poderia entregar. Mas Mog não merecia que lhe mentisse.

— Sim — admitiu. — Mas ele nunca disse que sentia o mesmo por mim, e fim de papo.

— Eu sabia que havia algo quando você voltou para casa. Você não disse muita coisa sobre ele, mas tinha um pressentimento. Por que você se casou com Jimmy?

— Porque eu o amava e porque éramos as pessoas certas um para o outro.

— Mas você viu Etienne de novo. Foi quando você estava no hospital?

— Sim, ele veio me ver. Foi depois que Miranda morreu. Ele conhecia o namorado americano dela.

— E você se apaixonou por ele de novo?

— Não, foi apenas uma visita de amigo, nada mais.

Houve um longo silêncio e Belle esperava que Mog tivesse esgotados as perguntas.

— Não espere me enganar. — A voz que a admoestara tantas vezes quando criança despontou na escuridão. — Basta lembrar que trabalhei em um bordel durante a maior parte de minha vida. Vi centenas de homens em seu pior e, de vez em quando, em seu melhor. Aprendi a ler o que as expressões no rosto deles significavam. Só o jeito como um homem anda me diz coisas que a maioria das mulheres nunca saberia. E eu sei que Etienne ama você. Também sei que ele fez amor com você. Vi isso nos olhos dele.

Belle ficou lá, rígida de tensão. Mog nunca fora prostituta, ela só tinha sido a empregada no bordel de Annie. Nunca antes ocorrera a Belle que essa mulher, que cuidara dela desde bebê, como se fosse sua própria filha, tinha conquistado tal profundidade de conhecimento apenas observando os outros.

— Agora você vai me dizer quando isso aconteceu. Meu palpite é que foi logo depois que Miranda foi morta.

Mog muitas vezes usara no passado a expressão: "Sabei que o vosso pecado vos há de achar", e Belle soube que esse era o momento do acerto de contas.

— Sim — sussurrou ela —, foi. Apenas uma noite e depois ele voltou para o front. Eu sei que não devia. Deus sabe que senti culpa suficiente depois.

— Daí Jimmy foi ferido e você veio para casa?

— Sim.

Belle aguardou, esperando um discurso de "como você pôde?", seguido por uma lista das virtudes de Jimmy.

Mas isso não veio. Mog virou-se de lado, na direção de Belle, e colocou o braço em torno dela.

— Sabia que algo estava errado quando você voltou. Vi tamanho sofrimento em seus olhos que não poderia ter sido inteiramente por causa dos ferimentos de Jimmy. Mais tarde, quando ele veio para casa, vi quão derrotada você se mostrava quando ele se dirigia tão friamente a você. Meu palpite é que você viu isso como algo que mereceu.

Belle começou a chorar.

— Escrevi para Etienne antes de deixar a França e disse a ele que nunca mais poderia vê-lo e que ele não devia tentar me contatar. Tentei fazer Jimmy feliz, mas não consegui.

— Ninguém pode fazer outra pessoa feliz. Ela precisa fazer isso por si mesma — disse Mog. — Eu odiava o jeito como ele agia com você, e eu disse isso a ele muitas vezes. Mas ele estava preso em seu próprio inferno particular, e acho que perdeu a capacidade de sentir por qualquer outra pessoa.

— Mas isso não justifica minha infidelidade. Fiz aquilo quando ele ainda estava bem e saudável.

— Você o teria deixado se ele não tivesse sido ferido?

— Eu não sei. Pensei em esperar até a guerra acabar, depois dizer a ele que não o amava mais. Mas ainda acreditava no “até que a morte nos separe” e duvido que tivesse coragem de magoá-lo tanto. Veja, nunca deixei de amá-lo, não importava o que sentisse por Etienne.

— E no dia em que Jimmy recebeu a carta dizendo que Etienne o salvou e que tinha morrido. Como você se sentiu?

— Como se meu coração tivesse sido arrancado — sussurrou Belle.

O braço de Mog cingiu-a com mais força.

— Minha pobrezinha. Queria que você tivesse me dito tudo isso.

— Você não está com raiva de mim? Não acha que é bem feito para mim?

— Que direito tenho de julgar? — disse Mog. — Acho que, se você tivesse me contado a verdade logo que voltou da França, teria dito coisas duras. Eu amava Jimmy, ele tinha se tornado como um filho para mim. Mas sei no fundo do coração que Garth e eu incitamos você a se casar com ele. Queria tanto que você tivesse um homem bondoso, decente, que adorasse você, e então ignorei a vizinha que dizia que vocês não eram totalmente perfeitos um para o outro. Eu me convenci de que estava apenas guiando vocês na direção certa. E foram felizes juntos antes de você perder o bebê, de modo que eu realmente acreditava ter feito a coisa certa. Mas esta noite, quando vi como você e Etienne olhavam um para o outro, a maneira como os olhos de vocês brilhavam, pude sentir a paixão em ambos. Você e Jimmy podem ter tido um bom casamento, mas ele nunca foi realmente desse jeito. Acho que Etienne é seu destino.

— Você tem um coração tão grande — suspirou Belle. — Fiquei com medo de que você tivesse vergonha de mim.

— Como eu poderia ter vergonha de alguém que pôs de lado as próprias necessidades para fazer a coisa certa pelo marido? Eu ouvia algumas das coisas desagradáveis que ele dizia para você, Belle. Mas você ficou com ele e cuidou dele com ternura até o fim. Isso é o que conta.

— E agora, o que faço?

Mog riu.

— Sei o que eu faria. Pegaria a balsa com ele amanhã, partiria para Paihia e encontraria algum lugar remoto para ficar até vocês terem esgotado um ao outro de tanto fazer amor.

— Mog! — exclamou Belle.

— Foi assim comigo e Garth. Mal saímos do quarto do hotel durante nossa lua de mel inteira. É evidente que você vai colocar o carro na frente dos bois. Mas não queremos alarmar as boas pessoas de Russell antes de podermos arranjar um casamento e tornar isso digno.

— Você vai dizer às pessoas que estou onde? E como vai explicar Etienne?

— Vou pensar em alguma coisa — disse Mog. — Agora, seque essas lágrimas e vá dormir. Você vai precisar se levantar cedo para lavar o cabelo, tomar um banho e se embelezar para ele.

## Capítulo 31

**Mog observava enquanto Belle** penteava os cabelos recém-lavados e sorriu. Vestindo nada senão uma camisola de renda branca que chegava a poucos centímetros acima dos joelhos, com os cachos escuros em cascata sobre os ombros e uma expressão sonhadora no rosto, ela mostrava-se muito bonita.

— O que você vai vestir hoje? — perguntou ela. — Não aquele vestido cinza triste de novo, espero.

— Céus, não! Pensei em talvez o vestido malva que Lisette me deu — disse Belle. — Ele é elegante sem ser muito ousado e não traz nenhuma recordação para mim.

— Boa escolha — disse Mog afetuosamente. — E você tem aquele chapéu de palha com flores que vai bem com ele.

— Não lhe agradei por ser tão compreensiva ontem à noite — disse Belle, virando-se para a mulher mais velha para abraçá-la. — Não sei o que faria sem você. Você sempre faz com que eu me sinta melhor sobre tudo.

Mog abraçou-a também e conteve as lágrimas que ameaçavam cair. Ela muitas vezes disse que esperava que Belle encontrasse um homem especial novamente, mas não previra que isso acontecesse tão cedo. Seu medo era que Etienne quisesse levá-la embora rápido, já que ela não conseguia imaginá-lo querendo se estabelecer em Russell.

Ele era um homem difícil de compreender. Um solitário, sentia ela, corajoso e decidido, mas com um passado obscuro. Sabia que ele fora o mais educado possível na noite anterior, cuidando de dizer as coisas certas, e ela tinha que admitir que seu sotaque francês era delicioso. Mas ela não fora capaz de enxergar além de suas boas maneiras e aparência.

Mog não diria que era bonito. O rosto era ossudo demais e os olhos, de um azul muito gélido, mas ainda assim ele faria muitos corações femininos palpitem. Lembrou-se de Noah uma vez dizendo que ele era um homem que você temeria se estivesse contra você. A cicatriz desvanecida em sua face falava sobre brigas de faca e perigo em becos escuros.

Todavia, aqueles olhos gélidos derretiam-se quando ele olhava para Belle, e ele tinha mesmo salvado Jimmy pelo bem dela, então ela sabia que as duas não tinham por que o temer.

— Como estou? — perguntou Belle mais tarde ao entrar na cozinha, onde Mog lavava algumas roupas.

Mog virou-se da pia para dar com Belle parecendo uma pintura em seu vestido malva e chapéu de palha. A excitação havia lhe trazido um toque rosa às faces e feito seus olhos brilharem.

— Você está linda. Agora, fora daqui!

Etienne acabava de descer os degraus do Duke de Marlborough quando Belle virou para o caminho junto à orla. Ele fez uma pausa para olhar para o mar; não a tinha visto.

Ela puxou a saia do vestido com força e escondeu-se atrás de uma árvore para observá-lo. Fazia sol e o pior das poças do dia anterior já havia secado. Ela se perguntou se ele pensava em alugar um barco para sumir com ela para algum lugar, pois o mar estava tão calmo quanto uma represa.

Ele trocara o terno escuro com colete combinando, usado ontem, por um blazer azul-marinho e calças cinza-claro, com um plastrão em vez de uma gravata. Estava bem-vestido demais para um lugar onde a maioria dos homens só se mostrava elegante em um domingo, para ir à igreja. Ela gritou, chamando-o, e depois voltou para trás da árvore.

Ela deu uma risadinha espremida ao ouvi-lo correndo em sua direção. Esperou até ele estar prestes a passar seu esconderijo, então saltou com um “buu!”.

Ele riu.

— Não devia fazer isso com um velho soldado — disse ele, apoderando-se de suas mãos, com o sorriso quase tão largo quanto a baía. — Com minhas reações-relâmpago, poderia ter atirado em você.

— Você dormiu bem? — perguntou ela.

— Não muito — disse ele com tristeza. — Fui assombrado por sonhos com você. Como foi com Mog depois que saí?

— Ela achou você um tipo mau e que eu deveria encontrá-lo hoje e mandar que pegasse o Clansman de volta para Auckland.

Ainda lhe segurando as mãos, ele recostou-se contra a árvore.

— E você vai obedecer? — perguntou, com uma sobrancelha ironicamente arqueada.

— Você me disse uma vez que me mataria se eu tentasse escapar — disse ela, esforçando-se para não rir.

— Não acho que você tenha colocado esse vestido lindo para ser morta — disse ele, soltando uma de suas mãos para tocar-lhe a face de leve. — Então, para onde vamos? Disseram-me que um homem chamado Velho Tom pode ser persuadido a nos levar a Paihia.

— Engraçado você dizer isso, pois simplesmente aconteceu de eu ter comigo umas coisinhas para passar a noite — disse ela em tom travesso, mostrando-lhe uma cestinha de palha. — Mog disse que explicaria a qualquer um que perguntasse que tínhamos ido ver alguns de seus parentes franceses.

Ele irradiou alegria.

— Então, tenho a aprovação dela?

— Isso vai depender de seu comportamento futuro — disse Belle, com os cílios tremulando para ele. — Talvez você precise voltar para o Duke e pegar sua navalha e uma camisa limpa. Diga-lhes que não tem certeza de quanto tempo vai ficar fora.

— *Gardez au chaud pour moi pendant cinq minutes*<sup>[38]</sup> — disse ele e, virando-se, voltou correndo para o hotel.

Belle caminhou lentamente para além do hotel, na direção do cais. Ela queria dançar e cantar que estava tão feliz. Ficou muito contente por não haver ninguém por perto que pudesse pará-la e perguntar-lhe aonde ia.

Alguém teria dito a mais outro que um francês havia chegado a bordo do navio e que ele estava hospedado no Duke. Era assim em Russell. Discutiriam por que ele poderia ter vindo, quem ele poderia conhecer, qualquer coisa fora do comum sobre a qual valesse a pena falar. Mas, se Belle tivesse sido vista com ele, as fofocas agora seriam muitas.

Mog havia sido muito astuta ao lembrar que existia uma pequena comunidade de franceses vivendo em Paihia. Sem dúvida, ela diria alegremente para Peggy que Etienne era um velho amigo de Jimmy, que ele tinha vindo apresentar seus cumprimentos no caminho da visita aos parentes. Então, ela diria que ele havia levado Belle consigo hoje para lhe dar a chance de ver a comunidade lá.

Vera ficaria curiosa quando escutasse o nome dele. Belle queria poder ir vê-la e explicar, mas Mog dissera que a puxaria de lado para lhe contar toda a história.

Velho Tom não era de muitas palavras. Ele estava sentado em seu barco remendando uma rede de pesca e, quando Etienne perguntou se ele poderia levá-los a Paihia, ele concordou sem nenhuma pergunta.

Velho Tom tinha seus 50 e poucos, mas era chamado assim para distingui-lo de outro Tom que era mais jovem. Ele entrouxou sua rede de pesca, esfregou um assento, limpando-o, e estendeu a mão para ajudar Belle a entrar.

Na baía, fazia frio e ventava muito. Belle tirou o chapéu e envolveu-se em seu xale. Os dedos de Etienne infiltraram-se por baixo e encontraram os dela e apenas seu toque fê-la arrepiar-se.

Ela estava cheia de ansiedades triviais: onde eles ficariam, como voltariam e mesmo se era sábio atirar-se nisso, já que ela não podia ter certeza de quais eram as intenções dele.

Mas havia muito vento e ruído do motor para falar, então ela apenas relaxou, com os dedos entrelaçados com os dele, e olhou para o cenário, como sempre, pensando que a Baía das Ilhas devia ser um dos lugares mais bonitos na terra.

Paihia não era tão bela e singular quanto Russell. Esparramava-se pela orla, talvez porque houvesse espaço suficiente para construir casas mais espaçadas. No entanto, saber que ninguém os conhecia ali era uma atração em si.

Etienne entrou na agência de correio para perguntar se sabiam de um chalé que pudessem alugar por alguns dias. Pediu para Belle esperar fora, pois disse que, quando contava mentiras, ele não queria plateia.

Ele saiu sorrindo com um pedaço de papel na mão.

— Parece que estamos com sorte. Essa Sra. Arkwright cuida de duas ou três casas que são usadas para veraneio. Posso ir vê-la agora, pois ela está pertinho daqui.

Novamente, ele não quis que Belle o acompanhasse e sugeriu que ela olhasse as lojas até ele estar de volta.

Ele demorou bem mais de uma hora e Belle ficou bastante preocupada. Então, de repente, ele veio correndo pela estrada junto à orla.

— O que tomou tanto tempo? — perguntou ela. — Estava ficando ansiosa.

— A Sra. Arkwright me levou para ver o chalé, e uma vez lá, ela ficou de um lado para o outro arrumando a cama, tirando toalhas, e não pude apressá-la. Mas tenho a chave e podemos ir lá agora. Tudo o que precisamos fazer é comprar algumas provisões.

— Como é o lugar? — perguntou Belle enquanto voltavam em direção à mercearia.

— Você vai ver quando chegarmos lá.

— Custou caro?

Ele colocou o dedo contra o nariz para indicar que isso não era da conta dela.

Depois de comprar uma sacola de mantimentos, Etienne conduziu-a até o final da estrada ao longo da orla, onde se erguia uma colina coberta pela mata. Subiram por um caminho estreito entre as árvores.

— *Voilà!* — disse ele ao chegarem a uma clareira. Ele indicou uma casinha de madeira pintada de branco, construída com a parte de trás dentro da colina, alguns degraus levando a uma varanda com vista para o mar.

— Que lugar lindo! — exclamou Belle. Era completamente isolado, já que era cercado por árvores. Quando subiram até a varanda para abrir a porta da frente, Belle nem conseguiu ver o telhado de outra casa.

Etienne depositou a sacola de mantimentos no chão para destrancar a porta, mas, antes que ela sequer pensasse em se mover, ele ergueu-a em concha nos braços e carregou-a porta adentro. Depois, colocou-a no chão e beijou-a.

Toda razão, recato e mesmo preocupação de que a porta ainda estivesse aberta abandonaram-na. O beijo da noite passada tinha despertado sentimentos que ela tinha quase esquecido que já experimentara, e agora estava ávida por ele. Enquanto ele a beijava, ela tateava sob seu casaco, frustrada por não poder penetrar por baixo de suas calças e tocar-lhe a pele, pois um colete e suspensórios estavam no caminho. Pressionou-se contra ele sem nenhuma vergonha, enquanto a língua dele se lançava à sua boca e a incendiava ainda mais.

Ele livrou-se do chapéu e do xale dela, com os dedos atrapalhando-se com os botões nas costas do vestido. Desceu-o o suficiente sobre os ombros para liberar os seios e curvar-se para tomar-lhe um mamilo entre os lábios.

Ela gemia de prazer e tentou retirar o casaco dele, mas estava tão dominada pelas ondas de prazer ardente percorrendo-lhe o corpo que não conseguiu fazê-lo. Ele levantou-lhe a saia do vestido e encontrou seu caminho por baixo da anágua, afastando as calcinhas e, quando os dedos encontraram o caminho por dentro dela, já quente e molhada, ela segurou-lhe a cabeça com força contra o peito e gritou que o queria agora.

Ela sequer tinha visto a cama ou reparado em alguma coisa do lugar em que estavam e, quando ele a pressionou e a ergueu contra a parede, parando de acariciá-la apenas o tempo suficiente para desabotoar as calças, ela não teria se importado se estivessem em um chiqueiro.

As mãos dele estavam em suas nádegas e ele ergueu-a sobre o pênis ereto, e segurou-a ali, junto à parede, penetrando-a enquanto a beijava. Foi frenético para ambos, sexo bruto e violento, do tipo que Belle vira nos becos escondidos de Nova Orleans, quando então sentira pena das garotas submetidas a ele.

Mas ela não precisava de pena, queria ardentemente cada pedaço dele, e o corpo inteiro dela parecia estar se derretendo nele.

Ela atingiu o orgasmo no que pareceram segundos, antes dele, e ouviu-se gritar o nome dele.

Ele veio logo a seguir, com os dedos cravando-se em suas nádegas, a respiração como fogo em seu ombro nu, e com um urro ele gozou também, e os punhos se afrouxaram para que ela deslizasse até os pés estarem no chão.

— Não era para ser assim — murmurou ele, com a cabeça afundando-se no ombro dela. — Pretendia que fosse lento e bonito.

Belle podia sentir o suor escorrendo-lhe pelo rosto e por entre os seios. Suas pernas tinham virado geleia e, se não tivesse sido apoiada contra a parede, ela poderia ter caído.

— Podemos fazer lento e bonito mais tarde — disse ela, arfante. — Por ora, quente e rápido estava bom demais.

Ele levantou a cabeça e olhou para ela, beijando-lhe os lábios, nariz e testa.

— Suas faces agora estão todas rosadas, você nunca esteve mais bonita.

— Posso me sentar antes de cair? — disse ela, acariciando-lhe o rosto com as duas mãos. Ele nunca estivera mais bonito para ela também. Ela podia sentir-lhe a cicatriz na face, amava seus lábios carnudos, seu nariz orgulhoso e suas sobrancelhas claras. Mas, acima de tudo, amava seus olhos; eram como o mar, muito frios às vezes, mais escuros quando ele se enraivecia, mas, nesse momento, ainda que o recinto estivesse sombrio por as cortinas ainda estarem fechadas, havia luz suficiente a partir da porta aberta para ver que estavam tão azuis quanto um céu de verão, e suaves de amor.

Ajustaram as roupas, e Belle foi guardar os mantimentos. Etienne abriu as cortinas, e foi só então que Belle compreendeu que o chalé era um esconderijo perfeito. Era mobiliado de forma simples, com apenas uma pia, uma mesa e cadeiras, um fogãozinho com um tapete na frente dele, um par de poltronas e a porcelana e panelas nas prateleiras. Mas estava impecavelmente limpo e brilhante, e o outro espaço era o quarto, com apenas a cama e uma cômoda.

— A água é de chuva, a partir de um tanque — disse Etienne, abrindo a torneira para demonstrar. — O banheiro está lá fora. Vi uma tina de estanho pendurada ao lado dele também. E há um abrigo com lenha para o fogão.

— Tenho tudo de que preciso bem aqui — disse ela, envolvendo-o com os braços.

Etienne acendeu o fogão enquanto Belle foi até a varanda para olhar a vista do mar sobre a copa das árvores. Dava para ver Russell ao longe, mas podia estar a 1 milhão de quilômetros de distância. Nunca na vida ela estivera tão feliz. Não havia culpa agora, não havia remorso ou mesmo ansiedade sobre o futuro. Como Mog havia dito, ficar com Etienne era seu destino, e talvez ela tivesse precisado passar por todas aquelas coisas ruins no ano anterior para saber quão certo isso era agora.

Mais tarde, depois de uma xícara de chá e um sanduíche, eles foram para a cama. Dessa vez, tiraram as roupas primeiro — Etienne até pendurou o vestido dela para que não amarrotasse — e o sexo foi lento e bonito.

Belle passou a mão suavemente sobre as cicatrizes dele; a do ombro, que ela vira na França, desvanecia agora, mas a mais recente, na coxa direita, era ainda muito lívida.

— Tive sorte porque o joelho escapou e eu não tive gangrena — disse ele. — Feridas no joelho geralmente deixam você mancando feio.

— Doeu?

— Não quando aconteceu. Fui cambaleando em direção à linha, usando meu fuzil como bengala. Mas devo ter desmaiado pela perda de sangue. Só consigo me lembrar do maqueiro me apanhando. Foi só quando eles arrancaram meu uniforme no posto de socorro que começou a doer, e foi um inferno depois.

— Você sabia que tinha pegado a gripe?

— Na verdade, não. Só que me sentia muito mal, muito quente e com calafrios ao mesmo tempo. Não me lembro de muita coisa mais, exceto que pensava que você estava lá.

— Eu? — Belle deu uma risadinha.

— Sim, mas como você era quando fiquei mareado a bordo do navio indo para América. Quando comecei a ficar um pouco melhor,

uma das enfermeiras me perguntou quem era Belle. Parece que fiquei chamando seu nome.

— Fico muito feliz em saber que era em mim que você estava pensando — disse ela, beijando-lhe as cicatrizes.

— Disseram que todos os outros homens que estavam na ala quando fui levado lá morreram da gripe. Não sei por que sobrevivi; não parece haver nenhuma razão para isso.

— Porque você tinha que vir me encontrar — disse ela.

Choveu mais tarde, mas o barulho no telhado e o vento nas árvores só fizeram com que se sentissem mais aconchegados ali dentro. O fogão esquentou maravilhosamente o lugar, Belle acendeu uma lâmpada a óleo, e juntos eles fizeram uma ceia improvisada de pão e queijo e uma lata de sopa.

Etienne vestia só as calças, Belle apenas a camisola e, ao abrir uma garrafa de vinho que havia comprado, ele fez um brinde.

— A nosso futuro longo e feliz, juntos — disse, tinindo sua taça com a dela. Ele tomou um gole do vinho e fez uma expressão de desagrado. — Se este for o melhor vinho que se pode comprar aqui, talvez eu mesmo tenha que começar um vinhedo.

— Você poderia? — perguntou ela.

— Talvez, com a terra certa. O clima é propício.

— E quanto à sua fazenda na França? O que você fez com ela?

— Noah a comprou — respondeu ele. — Não cheguei a contar a você, mas ele foi até Marselha para me encontrar.

— Ele fez isso? Que homem maravilhoso ele é — disse Belle. — E nem uma palavra para mim!

Etienne sorriu.

— Sim, um verdadeiro amigo. Veja você, àquela altura, ele já tinha descoberto que eu havia sido enviado para casa pouco antes de a guerra terminar. Mas, já que não recebeu resposta à carta que

ele escreveu para a fazenda, resolveu me procurar. Ele localizou os amigos com quem eu estava hospedado, e daí fomos juntos para a fazenda.

— E ele disse que a compraria?

— Ele se apaixonou imediatamente por ela. Tentei fazê-lo desistir dessa ideia, mas ele disse que Lisette queria que os filhos passassem férias na França e que Rose falasse francês fluente, assim como Jean-Philippe. Ele argumentou que, se eu estava partindo para encontrar você, a fazenda só ficaria ainda mais abandonada. Disse ter condições de construir uma casa melhor sobre as terras, mas que eu sempre seria bem-vindo lá, com ou sem você.

— E agora? — perguntou Belle. — O que você vai fazer aqui?

— Por ora, vou fazer amor com você até que me implore misericórdia — disse com um sorriso malicioso. — Depois, devemos nos casar para salvar sua reputação.

— Não é habitual propor casamento primeiro? — riu ela.

— Quer se casar comigo, minha linda Belle? — perguntou ele, pegando-lhe a mão.

— Tão logo isso possa ser arranjado — disse ela. — Eu o amo, Etienne, não há nada que eu queira mais.

Ele levantou-se da mesa e contornou-a para puxá-la para seus braços.

— Percorremos um longo caminho desde aquele dia em Brest, quando tive que a levar a bordo do navio para a América. Sabia que comecei a amá-la quando você cuidou de mim enquanto estive mareado?

— Não, não mesmo!

— Não de uma forma física! Você era jovem e vulnerável demais, mas tinha tanto espírito. Deixá-la em Nova Orleans me deixou tão envergonhado; você esteve sempre em minha mente depois disso.

— Você teve que me levar lá, eu sabia disso, e costumava pensar em você o tempo todo também. Mas seu casamento foi feliz?

— Sim, eu amava Elena, mas acho que nosso casamento foi bem parecido com o seu. Crescemos juntos, e achava que o que nós tínhamos era tudo que se poderia esperar. Mas nunca foi do jeito que é com você.

— Diga-me com sinceridade, você teve sentimentos por mim depois que me resgatou em Paris? Sei que conversamos um pouco sobre isso no hospital, mas preciso saber mais.

Ele colocou as mãos nos dois lados do rosto dela e olhou-a dentro dos olhos.

— Sim, sabia que amava você e percebi que você sentia o mesmo, mas era o momento errado para falar abertamente. Os homens tinham ferido muito você, achei que precisava de tempo para sarar. Mas era mais do que isso. Tinha feito tantas coisas ruins, achei que fosse ruim para você.

— Como pode pensar nisso? Você salvou minha vida! — Lágrimas brotaram dos olhos dela por causa da opinião negativa que ele tinha sobre si mesmo. — Se ao menos você tivesse me dito como se sentia! Uma simples pista poderia ter feito toda a diferença.

— Eu disse lá na estação; mas, como um covarde, falei em francês e esperei que você entendesse o suficiente. Mas o que havia de fazer? Você voltaria para Jimmy, eu soube por Noah o que ele sentia por você. Ainda que tivesse sido bom em escrever meus verdadeiros pensamentos em uma carta, teria receio de que Jimmy pudesse lê-la. Então, escrevi como um amigo escreveria e esperei que você soubesse ler meus verdadeiros sentimentos nas entrelinhas.

Belle suspirou, lembrando-se de como seu coração se alegrara quando ela vira uma carta dele no correio, apenas para ficar desapontada por esta ser empolada e fria.

— Então, você escreveu para dizer que se casaria com Jimmy e eu soube que havia perdido minha chance. Disse a mim mesmo que você seria mais feliz com ele — explicou com ar triste. — Nem mesmo isso me fez parar de pensar em você. Foi por isso que fui até sua loja, pois precisava ver por mim mesmo que você estava feliz. Nunca imaginei ter notícias suas ou vê-la novamente, mas daí veio o encontro com Jimmy na França.

— Isso foi muito estranho — comentou ela.

— Acho agora que era o destino colidindo. Vi que ele era um homem bom, íntegro e forte. Realmente gostei dele e da maneira como ele falou de você.

— O que ele disse? — Jimmy havia lhe contado a versão dele, e ela queria saber se coincidia com a de Etienne.

— Ele me contou que você fora agredida em sua loja e que tinha perdido o bebê. Disse também que se arrependia de ter se alistado, já que devia ter ficado em casa com você. Fiquei com ciúmes dele e ao mesmo tempo satisfeito por você estar com um homem decente e atencioso.

— Mas ainda assim você foi até o hospital para me ver.

— Sim. Não pude evitar quando soube da morte de sua amiga. Eu só queria ver você, não tinha esperanças de mais nada. Mas, assim que a vi e a beijei, foi como ser pego em um turbilhão.

— Sim, foi assim para mim também — concordou ela. — Uma espécie de loucura que expulsou toda a razão ou mesmo senso de dever e moralidade.

Etienne sentou-se e puxou-a para seu colo, enxugando-lhe uma lágrima na face.

— Você o teria deixado por mim se ele não tivesse sido ferido? — perguntou ele.

— Realmente não sei. Com o tempo, talvez a culpa e o fato de desejá-lo tanto me compelissem a isso, embora naquela época

sentisse que não poderia. Mas o que o fez salvá-lo, Etienne? Diga-me a verdade.

Ele suspirou profundamente.

— Tenho que admitir que, por um segundo, fiquei tentado a deixá-lo. Mas, embora deixá-lo morrer significasse caminho livre para ter você, lá no fundo sabia que nunca seria capaz de viver com isso. Claro que não tive tempo para realmente pensar no porquê de estar fazendo aquilo. Mas depois fiquei contente, pois pelo menos uma vez tinha feito a coisa certa. Mas não acabou aí, Belle. Quando você escreveu e me contou sobre o estado dele, e que era o fim para nós, realmente desejei tê-lo deixado lá. Não só porque poderia ter tido você, mas por causa de como sua vida seria cuidando dele. Vi tantas esposas e mães lidando com seus homens feridos, a pobreza e as dificuldades, e muitas vezes eles lançavam sobre elas a culpa por suas frustrações. Isso aconteceu com você?

Por lealdade a Jimmy, ela quis negar isso, mas percebeu que Noah já poderia ter contado a ele.

— Às vezes. Digamos apenas que ele não era mais o homem com quem me casei.

Os dois ficaram calados por um tempo.

Etienne quebrou o silêncio.

— Acho que é hora de conversarmos sobre nós e nosso futuro — disse ele, deslizando sedutoramente a mão por sua perna nua.

— Isso não é conversar — censurou ela. — O que você vai fazer para ganhar a vida aqui? A escolha é bastante limitada.

— Só é limitada para um homem sem imaginação. — Ele deu um sorriso largo. — Pesca, lavoura, construção, sei fazer quase tudo e tenho um pouco de dinheiro também. O que quis dizer era sobre nos casarmos e onde vamos viver. Mas vamos para a cama falar sobre isso no conforto.

Belle acordou ao romper da aurora. Etienne estava dormindo, enroscado contra as costas dela, com o braço envolvendo-a. Tinham feito amor durante horas, e recordar algumas das coisas eróticas que ele fizera com ela fazia-a ruborizar. Ela sempre pensara saber mais sobre homens e sexo do que outras mulheres, mas descobrira estar enganada. O amor elevava-se acima dos truques mecânicos que ela aprendera no passado e transformava o sexo em algo belo e fantástico. Serge, o amante completo que fora contratado em Nova Orleans para iniciá-la nas artes do amor, a havia despertado sexualmente com sua habilidade. No entanto, ainda que fosse uma experiência satisfatória e emocionante, sem amor era vazio. Jimmy tinha todo o amor para dar a ela, fora um amante entusiasta antes da guerra, mas ele era um tanto inibido, apesar de ela encorajá-lo a ser de outro modo.

Etienne não tinha essas inibições. Ele era viril e entendia as mulheres, sendo bruto na hora certa e delicado nas demais. Levava-a para um passeio de tapete mágico por emoções, luxúria e paixão, mas eram os momentos doces e carinhosos em que ele buscava apenas a satisfazer que tocavam algo no fundo dela e faziam-na chorar. Apesar de toda a sua experiência, ela nunca se sentira assim antes.

Ela agora estava dolorida do ato sexual, assim como estivera depois da noite com ele na França, mas era uma sensação boa. Deslizando debaixo do braço dele sem acordá-lo, apanhou a camisola caída no chão, vestiu-a e depois saiu furtivamente do quarto.

Havia ainda brasas ardentes no fogão, então ela colocou nele mais um pouco de lenha e depois saiu para a varanda. O sol nascia no horizonte, lançando feixes dourados através de nuvens ainda cinzentas. Veio-lhe um nó na garganta ante a beleza da baía com sua água azul-prateada, listrada do dourado do sol, e o verde-escuro das árvores ao redor.

O enorme vazio da cena diante dela parecia-lhe estar dizendo que esse era o lugar a que ela e Etienne pertenciam. Ela sentira, tão

logo chegara à Nova Zelândia, que esse era um país que acolhia aqueles com força, determinação, coragem e imaginação. Agora, com Etienne ao lado dela, sentia que nada era impossível, nem mesmo dar à luz um filho dele.

Virou-se para vê-lo atrás dela, com apenas uma toalha ao redor da cintura. Seu cabelo estava desgrenhado e uma tênue sombra de barba despontava-lhe no rosto. A cicatriz no ombro e aquela na coxa seriam um lembrete permanente dos horrores da guerra, assim como a cicatriz desvanecida na face também a faria recordar-se de seu passado menos honroso.

Belle também tinha suas cicatrizes, embora invisíveis. Duas pessoas imperfeitas que, juntas, poderiam realizar qualquer coisa que decidissem fazer.

Ele subiu até o balaústre da varanda, colocando o braço em volta dela e olhando para a paisagem. O sol subira mais e um filete de nuvem branca, longo e baixo, agora se colocava ao longo de toda a baía.

— Adoro comecinho de manhã — disse ele. — Mesmo em Verdun havia algumas belezas; elas nos davam a esperança de que o dia seguinte seria melhor que o anterior. Mas, olhando para essa beleza gloriosa com você, sei que Deus está do nosso lado.

Belle sorriu. Suas palavras pareciam ecoar o que ela estava pensando.

— Então, o que vamos fazer hoje?

— Caminhar, explorar, pensar em como vamos fazer nossa fortuna aqui. Olhar e ver se há terras próprias para vinhas. Comprar peixe para o jantar.

— Você me disse que ficaríamos juntos um dia, e você estava certo. Então, talvez com você todas as coisas sejam possíveis.

— Comer peixe no jantar é uma certeza absoluta — disse ele, apontando para um barco de pesca na baía. — Mas a vinha e a fortuna podem demorar um pouco mais.

# *Agradecimentos*

**Primeiro e acima de tudo** a Glen Fisher, pois, sem seu conhecimento sobre a Primeira Guerra Mundial, as obras que ele me indicou e seu entusiasmo por meu livro, talvez eu nunca tivesse começado.

Li uma quantidade enorme de livros em minha pesquisa, numerosos demais para mencionar individualmente, mas destacaram-se *The First Day on the Somme*, de Martin Middlebrook, *The First World War*, de John Keegan, e *Voices of the War*, de Peter H. Liddle.

Os livros de Lyn Macdonald, *Somme*, *They Called it Passchendaele* e *The Roses of No Man's Land*, ajudaram-me a compreender muito melhor o panorama geral. Recomendo qualquer um desses livros a quem quiser saber mais sobre a Primeira Guerra Mundial.

## *Sobre Lesley*

**Lesley Pearce** é uma das romancistas mais amadas do Reino Unido, com fãs por todo o globo e venda de quase 4 milhões de livros até hoje.

Uma verdadeira contadora de histórias e mestra de enredos emocionantes que mantêm o leitor preso do início ao fim, Lesley apresenta aos leitores personagens inesquecíveis com os quais é impossível não se importar. Não há gênero ou fórmula facilmente definidos para seus livros: alguns, como *Rosie* e *Secrets*, são sagas familiares; *Till We Meet Again*, *A Lesser Evil* e *Faith* são romances policiais, e outros, como *Never Look Back*, *Gypsy* e *Hope*, são aventuras históricas.

*Remember Me* é baseado em uma surpreendente história real, a de Mary Broad, condenada por assalto em rodovias e extraditada a bordo da primeira frota para a Austrália, onde uma colônia penal deveria ser fundada. A história das terríveis dificuldades que se apresentavam aos prisioneiros lá e de quão corajosa e decidida Mary foi para conquistar uma vida melhor para seus filhos é uma da qual você dificilmente se esquecerá.

Apasionadamente emotivo, *Trust Me* também se passa na Austrália e trata do escândalo verídico de milhares de crianças britânicas que foram enviadas para lá no período pós-guerra para serem sistematicamente negligenciadas e, em muitos casos, vítimas de abusos.

*Roubada* é um suspense — o primeiro de seus livros com fundo contemporâneo — e foi um best-seller em 2010.

A pesquisa cuidadosa é uma das marcas de Lesley; primeiro, ela lê amplamente sobre o assunto e, depois, vai até o lugar que escolheu como cenário. Uma vez lá, desenterrando a história local, a ficção começa, seja sobre os condenados na Austrália, a condição

dos soldados na Guerra da Crimeia, as dificuldades enfrentadas por garimpeiros em Klondike ou a coragem pura e assombrosa dos pioneiros que forjaram seu caminho através da América em carroças cobertas.

História é uma das paixões de Lesley e, misturada com sua imaginação e aguçada percepção de como as pessoas podem se comportar em situações perigosas, trágicas e incomuns, ela logo é capaz de tecer uma trama com muitas reviravoltas dramáticas.

“Não foi até estar trabalhando em meu sexto ou sétimo livro que tomei consciência de que todas as minhas heroínas tinham que superar danos emocionais infligidos a elas quando crianças”, ressalta Lesley. “Eu mesma tive que fazer isso; minha infância certamente não foi um mar de rosas, mas, quanto mais pessoas conheço, mais acho que a maioria tem algum tipo de trauma no passado. Talvez seja por isso que muitos de nós gostem de ler a respeito do triunfo sobre as adversidades.”

O passado expressivo de Lesley tem sido um ponto de referência muito útil em sua escrita. Quer ela esteja escrevendo sobre um sombrio orfanato no pós-guerra, sobre uma criança que não se encaixa bem na escola, sobre adoção, sobre uma garota que sai de casa muito jovem e muito mal-preparada para lidar adequadamente com isso, quer sobre a pobreza ou sobre a dor do primeiro amor, ela sabe como é em primeira mão. Pois, como Lesley, aos risos, acrescenta, “minha vida teve mais altos e baixos que um balde de poço”.

Mas a tristeza e as dificuldades na vida de Lesley estão no passado agora. Com três filhas adultas e dois netos muito amados, o mais recente, Harley, nascido em março de 2010, Lesley sente que sua vida é maravilhosa.

“Moro em um lindo chalé em Somerset, com meus dois cães, Maisie e Lotte, e meu jardim lá é uma paixão que me consome”, diz ela. “Sinto-me verdadeiramente abençoada por acordar todas as manhãs com escolhas tão agradáveis: escrever ou jardinar.

Encaixam-se tão bem; se eu estou empacada na ideia para o último livro, saio e arranco as flores mortas, corto o gramado ou as ervas daninhas. Muitas vezes, estou escrevendo até as duas ou três da manhã, pois então há completo silêncio e não há distrações como o telefone para perturbar minha concentração. Mas tenho que confessar que desperdiço muito tempo no Twitter. É como ter um monte de amigos invisíveis, muitos dos quais são escritores também; comentamos coisas, contamos uns aos outros o que estamos tramando e às vezes nos envolvemos em conversas tão engraçadas que fico sentada lá, morrendo de rir.”

Amigos são muito importantes para Lesley; alguns remontam a seus tempos de escola e adolescência. Eles são sua seiva e não há nada de que ela goste mais do que sair para fazer compras e almoçar com um grupo deles.

“Adoro também quando sou convidada a dar uma palestra; às vezes, estas são em bibliotecas, onde consigo encontrar meus leitores; às vezes, ocorrem quando sou oradora convidada em almoços ou jantares para uma cerimônia de caridade. Escritores precisam ter contato direto com as pessoas — sem isso, estariam trabalhando no vácuo. O feedback que se recebe é muito valioso, de qual livro os leitores gostaram mais, ou menos, e por quê. Também é uma ótima oportunidade para sair de minhas galochas e roupas velhas de jardinagem, vestir algo deslumbrante e visitar uma parte do país onde nunca estive antes.”

As habilidades narrativas de Lesley são ainda mais evidentes quando ela está falando para um grupo de pessoas, pois consegue vasculhar seu passado e tirar anedotas hilariantes que fazem seu público ter ataques de riso. Suspeita-se que ela teria sido uma boa atriz se não tivesse pulado de emprego em emprego quando jovem. Nas condições que havia, ela foi babá, garçonete de casa noturna e costureira, e passou muitos anos no trabalho de promoção, com o mais mundano trabalho de escritório. “As empresas para as quais eu era mandada como temporária geralmente ficavam felizes por se verem livres de mim”, brinca. “Eu era uma distração porque falava

com todo mundo e era uma terrível datilógrafa. É engraçado que agora eu digite rápido e com precisão. Mas naquela época sempre ficava tentada a colocar minhas próprias palavras nas cartas que me pediam para escrever, só para dar vida à monotonia delas.”

Lesley é também a presidente da Bath and West Wiltshire, ramo da National Society for the Prevention of Cruelty to Children (NSPCC) — uma instituição de caridade que lhe é muito importante por causa do abuso físico e mental infligido a ela quando criança.

“Em meu mundo ideal, todos os filhos seriam desejados, valorizados, amados e cuidados”, diz Lesley. “Sei a partir de pesquisas que o abuso infantil é um mal tão antigo quanto o tempo, e a única maneira de extirpar isso é pela educação. Gostaria que todas as escolas colocassem no currículo os cuidados que os pais devem ter na criação dos filhos e martelassem para os adolescentes a importância desses cuidados, para assegurar que eles estejam em relacionamentos amorosos estáveis antes de embarcar na ideia de ter um bebê.”

## *Sobre Entre o Amor e a Paixão*

**Parabéns, Lesley, *Entre o Amor e a Paixão* é seu vigésimo romance — como você se sente alcançando essa importante etapa de sua carreira como autora?**

Chocada! Isso dá um número enorme de palavras. Às vezes, tenho um pouco de medo de não ter ideia para o próximo livro, mas até agora as ideias têm aparecido. Não poderia continuar sem meus leitores leais; estão sempre morrendo de curiosidade pelo próximo livro a ser publicado e não quero jamais os decepcionar.

**O que inspirou você a escrever uma sequência para *Belle*?**

Amei tanto Belle que realmente não consegui esquecê-la e passar para outro personagem. Essa foi a primeira vez para mim, pois normalmente me sinto triste por me desfazer de minhas heroínas, mas sei que contei a história delas e acabei. Mas Belle foi diferente, ela era tão cheia de energia e fogo, não podia deixá-la ir. Senti também que meus leitores gostariam de saber se ela adquiriu sua chapelaria, que papel ela desempenhou na Primeira Guerra Mundial e se conseguiu ficar longe de problemas! E há os homens em sua vida. Ela sossegaria com Jimmy, encontraria Etienne novamente? E, claro, como eles se saíam na guerra?

**Suas descrições da vida nos campos de batalha da França são incrivelmente realistas e comoventes. Diria que precisou fazer muita pesquisa acerca da Primeira Guerra Mundial antes de escrever este romance?**

Há muito tempo, eu pensava em ambientar um livro na Primeira Guerra Mundial. Havia lido muito sobre ela, porque história e guerras são duas de minhas paixões. A Primeira Guerra Mundial foi terrível e cruel, ela alterou quase todos os aspectos da vida de todos. Queria escrever uma história de ficção que ilustrasse a coragem, as

dificuldades e o puro horror que pessoas comuns atravessaram — não apenas sobre os bravos jovens que foram lutar sob condições tão desumanas, mas sobre suas mulheres em casa. Para me informar da verdade dos fatos, tive que ler pelo menos mais 40 livros enquanto escrevia *Entre o Amor e a Paixão*. Também fui até os túmulos de guerra em Flandres e passei longas horas no Imperial War Museum.

**Belle é uma mulher forte e corajosa, que está determinada a manter sua independência — primeiro como chapeleira e, depois, como motorista de ambulância na França. Como era ser uma mulher casada, ainda mais trabalhando, naquela época? Como a sociedade via as mulheres que trabalhavam?**

Antes da Primeira Guerra Mundial, em geral a sociedade tendia a olhar com desprezo mulheres que trabalhavam. Não apenas trabalhadoras de fábrica, empregadas domésticas e afins, mas pessoas do comércio também. Mulheres das classes média e alta raramente trabalhavam e estavam confinadas às suas casas e famílias, mas a guerra mudou isso para muitas. No entanto, Belle não teria se sentido atada pelas restrições normais desse período, nem mesmo ao se casar, por causa do passado dela e da forma como foi criada. Uma ocupação tal como chapeleira teria sido considerada aceitável porque era um trabalho feminino, mas estar no “comércio” também a teria diferenciado. No entanto, uma vez que, ao eclodir a guerra, muitas mulheres da alta sociedade correram para se tornarem voluntárias, a maioria das pessoas — qualquer que fosse sua classe — teria admirado as que ajudaram no esforço de guerra. Após a guerra, muitas outras mulheres começaram carreiras. Foram muito necessárias, já que muitos homens não conseguiram voltar vivos para casa.

**Por que decidiu que Belle e Mog emigrassem para a Nova Zelândia? O que a atraiu para a Nova Zelândia, em particular?**

Senti que, depois dos horrores da guerra, Belle e Mog gostariam de recomeçar em outro lugar. Elas realmente não tinham motivo para ficar na Inglaterra. Escolhi a Nova Zelândia porque amo o país. Acho que, se fosse mais jovem, eu mesma gostaria de ir viver lá. Também senti que Mog e Belle tinham o tipo certo de pioneirismo para prosperar nesse lugar.

# Notas

[1] Terreno inculto e árido onde há apenas plantas rasteiras e silvestres. (N.T.)

[2] Castanha-da-índia. (N.T.)

[3] Marca alemã detentora do primeiro absorvente descartável. (N.T.)

[4] Cerveja escura de origem irlandesa com propriedades benéficas ao coração. Entre os irlandeses, tem a fama de "refeição em um copo", embora seja uma bebida pouco calórica. (N.T.)

[5] Voluntary Aid Detachment (Enfermeira da Cruz Vermelha Britânica). (N.T.)

[6] No Exército Britânico, nome dado às botas de munição. (N.T.)

[7] Antiga moeda inglesa equivalente a dois xelins e seis pence. (N.T.)

[8] Lesão provocada pela exposição prolongada dos pés à umidade ou ao frio intenso. (N.T.)

[9] Licença de serviço geralmente de um ferido solicitando repatriação para a Grã-Bretanha. (N.T.)

[10] Termo que indicava o espaço entre as trincheiras das duas forças beligerantes; portanto território neutro no campo de batalha. (N.T.)

[11] Agasalhos para as mãos de forma mais ou menos cilíndrica. (N.T.)

[12] No inverno, os dias na Inglaterra são mais curtos, escurecendo por volta das 16 horas. (N.T.)

[13] Corpo de Enfermagem da Armada Real da Rainha Alexandra. (N.T.)

[14] Primeiro ferimento de soldado em campanha. (N.T.)

[15] Soldado incumbido de zelar pela ordem e segurança públicas na França. (N.T.)

[16] No Exército Francês, tipo de soldado de cavalaria, infantaria ligeira ou infantaria de montanha. (N.T.)

[17] Termo alemão para soldados ingleses. (N.T.)

[18] Membros da polícia militar do Império Britânico. (N.T.)

[19] Apelido depreciativo dado aos franceses. (N.T.)

[20] Royal Army Medical Corps (Corpo Médico da Armada Real). (N.T.)

[21] Gíria britânica para o traje usado por pacientes convalescentes durante a Primeira Guerra Mundial, formado por paletó e calças em azul royal, camisa branca e gravata vermelha. (N.T.)

[22] Australia and New Zealand Army Corps (Forças Armadas da Austrália e da Nova Zelândia). (N.T.)

[23] Melodia curta entoada em funerais militares. (N.T.)

[24] Do francês "moças bonitas". (N.T.)

[25] "Se você fosse a única garota no mundo", canção de Nat. D. Ayer e Clifford Grey gravada por George Robey e Violet Loraine em 1916. (N.T.)

[26] Commanding Officer (Oficial de comando). (N.E.)

[27] British Expeditionary Force (Força Expedicionária Britânica). (N.T.)

[28] Do alemão "não atirem". (N.T.)

[29] Do francês "Cuidem bem dele. Seu nome é James Reilly". (N.T.)

[30] "Ele deve estar louco." (N.T.)

[31] Casa menor destinada à viúva do proprietário. (N.T.)

[32] Cruz Vitoriana. (N.T.)

[33] Sir Thomas Lipton abriu as primeiras casas de chá em solo inglês e popularizou o consumo dessa bebida por meio de saquinhos. (N.T.)

[34] "Ficarei à espera de um reencontro romântico, meu querido." (N.T.)

[35] "Como você vai segurá-los na fazenda, depois de terem visto Paris?" (N.T.)

[36] Árvore conífera encontrada na Nova Zelândia. (N.T.)

[37] Variedade de tecido de algodão ou linho bastante durável e resistente. (N.T.)

[38] "Mantenha-se fogosa para mim por cinco minutos." (N.T.)